SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME I

O REI DEMÔNIO



CINDA WILLIAMS CHIMA

SUMA
de letras



SÉRIE
OS SETE REINOS
VOLUME I

O REI DEMÔNIO

Tradução
Ana Resende



Copyright © 2009 by Cinda Williams Chima

Todos os direitos reservados. Publicado por Disney • Hyperion Books, um selo de Disney Book Group. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou retransmitida em qualquer formato ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou sistemas de informação e armazenamento, sem autorização escrita da editora. Para mais informações: Disney • Hyperion Books, 114, Fifth Avenue, New York, 10011-5690.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Demon King

Capa
Marianne Lépine

Imagem de capa
De "The Demon King" por Cinda Williams Chima. Ilustração de capa © 2009 by Larry Rostant. Reimpresso com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Ilustração do mapa
Da série "Os Sete Reinos" de Cinda Williams Chima. Ilustração final © 2009 by Disney Enterprises, Inc. Reimpresso com permissão da Disney • Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

Revisão
Rita Godoy
Raquel Correa
Bruno Fiuza
Ana Kronemberger

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C465lm
Chima, Cinda Williams
O rei demônio [recurso eletrônico] / Cinda Williams Chima ; tradução Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Tradução de: *The Demon King*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
360p. ISBN 978-85-8105-227-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Resende, Ana. II. Título.

14-11019 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Mapa

Capítulo Um – A Caçada

Capítulo Dois – Consequências Imprevistas

Capítulo Três – Emboscada

Capítulo Quatro – Um Baile de Pretendentes

Capítulo Cinco – Histórias Antigas

Capítulo Seis – Fellsmarch

Capítulo Sete – No Jardim de Cristal

Capítulo Oito – Lições A Serem Aprendidas

Capítulo Nove – Olhos e Ouvidos

Capítulo Dez – De Volta ao Labirinto

Capítulo Onze – Santuário

Capítulo Doze – Pão e Rosas

Capítulo Treze – Os Trapilhos

Capítulo Catorze – Do Lado Errado da Lei

Capítulo Quinze – Estranhos Companheiros

Capítulo Dezesseis – Demônios na Rua

Capítulo Dezessete – Guerra de Festas

Capítulo Dezoito – Na Fronteira

Capítulo Dezenove – O Rebatizado

Capítulo Vinte – Willo e Sabiá

Capítulo Vinte e Um – Sangue e Rosas

Capítulo Vinte e Dois – Medidas Desesperadas

Capítulo Vinte e Três – Rebatizado 2

Capítulo Vinte e Quatro – Cerimônia Profana

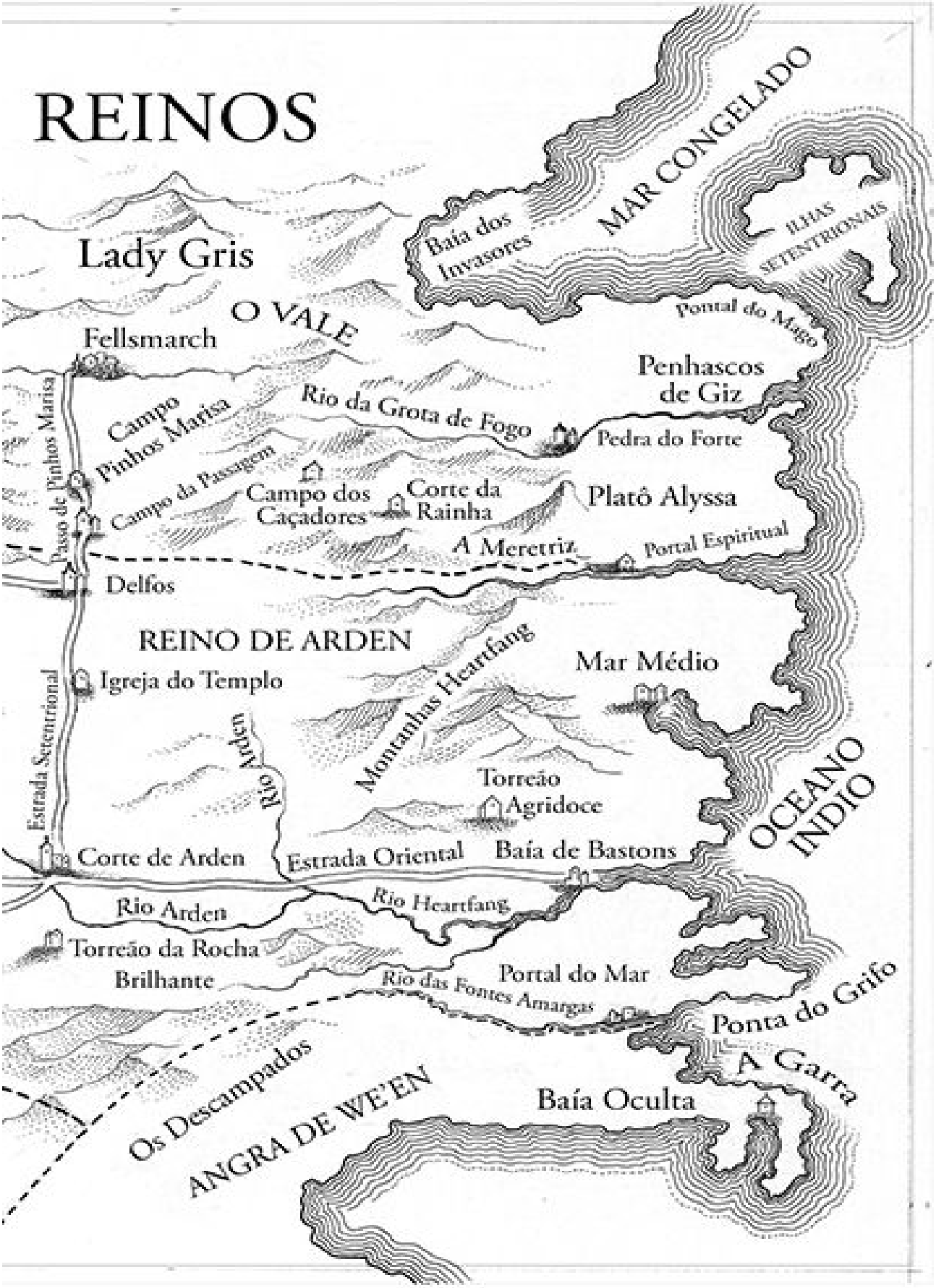
Capítulo Vinte e Cinco – O Fim dos Dias

Capítulo Vinte e Seis – Segredos Revelados

Capítulo Vinte e Sete – O Dom

Para meu pai,
Franklin Earl Williams


OS SETE
REINO DE FELLS
Pântanos Gélidos
Lago Sagrado
Vila do Rio
Portal Oriental
Rio Dyrnne
Portal Ocidental
Campo
Demonai
Hanalea
RIO SOTAVENTO
Estrada de Delfos
Mar de Swan
REINO DE
TAMRON
Vau de Grilhões
FLORESTA DE TAMRON
Rio Tamron
Santuário de
Malthus
Corte de
Tamron
Estrada
de Tamron
Rio Tamron (Afluente Ocidental)
Estrada Ocidental
Vau
de Oden
Estrada do Porto
Estrada Austral
Porto de Areia
Portal Austral
ILHAS MERIDIONAIS
Porto de Bruin
BRUINSWALLOW


REINOS
Lady Gris
O VALE
Fellsmarch
Baía dos Invasores
MAR CONGELADO
ILHAS SETENTRIONAIS
Portal do Mago
Penhascos de Giz
Pedra do Forte
Rio da Grota de Fogo
Campo Pinhos Marisa
Campo da Passagem
Passo de Pinhos Marisa
Campo dos Caçadores
Corte da Rainha
Platô Alyssa
A Meretriz
Portal Espiritual
Delfos
REINO DE ARDEN
Igreja do Templo
Mar Médio
Montanhas Heartfang
Estrada Setentrional
Rio Arden
Torreão Agridoce
OCEANO INDIO
Corte de Arden
Estrada Oriental
Baía de Bastons
Rio Arden
Rio Heartfang
Torreão da Rocha Brilhante
Portal do Mar
Rio das Fontes Amargas
Ponta do Grifo
A Garra
Os Descampados
ANGRA DE WE'EN
Baía Oculta

CAPÍTULO UM

A CAÇADA

Han Alister se agachou junto à nascente fumegante de lama, rezando para que a crosta termal sustentasse seu peso. O garoto amarrou um lenço sobre a boca e o nariz, mas, mesmo assim, seus olhos ainda ardiam e lacrimejavam com os vapores sulfúricos que emergiam das borbulhas da gosma. Ele estendeu a vareta que usava para cavar até uma planta com flores verdes biliosas, à beira da nascente. Han cravou a ponta da vareta sob o arbusto, arrancou-o da lama e jogou dentro da bolsa de couro de cervo que trazia pendurada no ombro. Finalmente, pisando com muito cuidado, levantou-se e voltou à terra firme.

O rapaz estava quase lá quando um dos pés rompeu a frágil superfície, e ele afundou a panturrilha até a metade na lama cinzenta, grudenta e superaquecida.

— Pelos malditos ossos de Hanalea! — ganiu Han e se atirou para trás, torcendo para não aterrissar de costas em outra fossa de lama. Ou, pior, numa das fontes de água azul que, em questão de minutos, ferveriam a carne até que soltasse dos ossos.

Felizmente, ele caiu em terra sólida, entre os pinheiros, deixando o ar escapar dos pulmões. Ele ouviu Dançarino de Fogo descer correndo a encosta, atrás de si, abafando o riso. Dançarino agarrou os pulsos de Han e o puxou de volta ao terreno seguro.

— Vamos mudar seu nome, Caçador Solitário — comentou Dançarino, se acocorando ao lado de Han. O rosto bronzeado de Dançarino tinha uma expressão solene, os espantosos olhos azuis inocentemente arregalados, mas os cantos de sua boca estavam curvados. — Que tal "Chafurdador de Lodaçais"? "Lamacento", para simplificar?

Han não achou a menor graça. Praguejando, catou um punhado de folhas para limpar a bota. Deveria ter vindo com os velhos e surrados mocassins. As botas de cano alto, até o joelho, o salvaram de uma queimadura feia, mas o pé direito do par estava encrostado de lama fétida, e ele sabia que levaria uma bela bronca quando chegasse em casa.

— Essas botas são *feitas nos clãs* — ralharia a mãe dele. — Você faz ideia de quanto elas *custam*?

Não fazia diferença o fato de ela não ter pago pelos calçados, para começar. A mãe de Dançarino, Willo, tinha feito um escambo com Han e dera as botas em troca do raro cogumelo mãe-da-morte que o rapaz havia encontrado na primavera passada. A mãe de Han não ficou nada feliz quando ele as levou para casa.

— *Botas*? — Ela tinha encarado o filho sem conseguir acreditar. — *Botas* chiques? Quanto tempo vai levar pra elas ficarem pequenas em você? Você não poderia ter pedido dinheiro? Trigo pra encher nossas barrigas? Ou lenha pra lareira e cobertores pras nossas camas? — Ela avançou para ele com o colherão de pau que sempre parecia estar por perto. Han recuou, sabendo por experiência própria que uma vida de trabalho duro tinha dado àquela mulher um braço muito forte.

A mãe o deixou com vários machucados nas costas e nos ombros. Mas ele ficou com as botas.

Elas valiam muito mais do que o cogumelo que dera em troca, e ele sabia disso. Willo sempre fora generosa com o rapaz, com a mãe e com Mari, sua irmã, porque não havia um homem da casa. A não ser que você considerasse Han, e quase ninguém considerava. Mesmo que ele já tivesse 16 anos e fosse praticamente um adulto.

Dançarino trouxe água da Fonte do Grota de Fogo e jogou sobre a bota gosmenta de Han.

— Por que será que só as plantas nojentas que crescem em lugares nojentos são valiosas? — indagou Dançarino.

— Se elas crescessem num jardim, quem pagaria bem por elas? — grunhiu Han e limpou as mãos nas calças. Os braceletes de prata nos pulsos dele também estavam enlameados, com sujeira encrostada bem fundo nos delicados entalhes. Seria melhor escová-los antes de voltar para casa, ou levaria bronca por isso também.

Era um fim apropriado para um dia frustrante. Eles estavam fora desde o amanhecer, e tudo que conseguiram foram três lírios sulfúricos, uma bolsa cheia de casca de canela, um pouco de capim-navalha e um punhado de agarradeira, que ele poderia empurrar como se fosse erva-de-donzela na feira das terras baixas. A falta de moedas na bolsa da mãe fizera Han ir às montanhas buscar ervas cedo demais na estação.

— Isto é uma perda de tempo — comentou, mesmo que tivesse sido ideia dele. O rapaz catou uma pedra no chão e a atirou no poço de lama, onde ela desapareceu com um "plop" viscoso. — Vamos fazer outra coisa.

Dançarino inclinou a cabeça, balançando as tranças entremeadas de contas.

— O que você...?

— Vamos caçar — decidiu Han, tocando o arco pendurado às costas.

Dançarino franziu o cenho, pensativo.

— Poderíamos tentar o Prado da Árvore Queimada. Os cervos estão subindo das terras baixas. Sabiá disse que viu eles lá anteontem.

— Então vamos. — Han não precisou pensar muito no assunto. Era a estação da fome. Os jarros de feijão, repolho e peixe seco que a mãe tinha reservado para o longo inverno tinham se evaporado. Mesmo que ele gostasse da ideia de se sentar para comer outra tigela de feijão com repolho, ultimamente só havia mingau e mais mingau, com um pedaço ocasional de carne salgada, para variar. Uma peça de carne fresca na mesa mais do que compensaria a coleta fraca daquele dia.

Os dois partiram para leste, deixando as fontes fumegantes para trás. Dançarino estabeleceu um passo incansável, devorando a distância enquanto desciam a várzea do rio Dyrnne. O mau humor de Han começou a diminuir com o cansaço pelo esforço físico.

Era difícil ficar com raiva num dia como aquele. Sinais da primavera brotavam a toda volta. Repolhos-de-gambá, beijos-de-moça e maçãs-de-maio cobriam o solo, e Han inspirou o perfume da terra morna, liberta da cobertura do inverno. O rio Dyrnne espumava sobre pedras e rugia sobre quedas, alimentado pela neve que derretia nas encostas mais elevadas. O dia esquentou conforme os dois garotos desciam, e logo Han tirou a jaqueta de couro de cervo e enrolou as mangas da camisa até acima dos cotovelos.

O Prado da Árvore Queimada fora o local de um incêndio recente. Em alguns poucos anos, seria recuperado pela floresta, mas, por enquanto, era um mar de capim alto e flores silvestres, rebitado com os tocos calcinados de pinheiros. Outros troncos estavam caídos por ali como se gigantes tivessem treinado arremesso de lança. Pinheiros que chegavam à altura do joelho recobriam o solo, e moitas de frutas silvestres se regalavam ao sol onde antes havia apenas a sombra profunda de um pinheiral.

Lá estava uma dúzia de cervos, de cabeça baixa, pastando o capim tenro da primavera. As grandes orelhas se agitavam para espantar insetos, e os pelames vermelhos cintilavam como manchas de tinta contra os tons de marrom e verde do prado.

O coração de Han se acelerou. Dançarino era melhor arqueiro, mais paciente na hora de escolher o tiro, mas Han não via motivo para que não abatessem dois cervos, um para cada. O estômago sempre vazio do rapaz grunhiu com a ideia de carne fresca.

Han e Dançarino contornaram o prado até o lado que ficava contra o vento e mais abaixo em relação à manada. Agachado detrás de uma grande pedra, Han sacou o arco e retesou a corda frouxa, testando-a com o polegar calejado. O arco era novo, feito para acompanhar seu crescimento recente. Fora feito nos clãs, como tudo mais em sua vida que era belo e útil.

O garoto se levantou lentamente e puxou a corda até a orelha. Então parou e farejou o ar. A brisa trazia o odor distinto de madeira queimando. O olhar de Han subiu a montanha até encontrar uma fina linha de fumaça que cortava a encosta. Virou-se para Dançarino e ergueu as sobrancelhas, confuso. Dançarino apenas encolheu os ombros. O solo estava encharcado, e a folhagem primaveril, verde e luxuriante. Nada deveria queimar naquela estação.

Os cervos no prado também perceberam o cheiro. Ergueram as cabeças, fungaram e bateram os cascos, inquietos, exibindo o branco de seus olhos castanhos e brilhantes. Han olhou o alto da montanha novamente. Agora conseguia ver chamas alaranjadas, purpúreas e esverdeadas na base da linha de fogo, e o vento que soprava encosta abaixo vinha quente e carregado de fumaça.

Púrpura e verde? Han pensou. Será que havia plantas que queimavam desse jeito?

A manada aguardou por um momento, ansiosa, como se não soubesse para onde ir, e então todos se viraram ao mesmo tempo e dispararam bem na direção dos rapazes.

Han ergueu o arco, apressado, e conseguiu disparar uma flecha enquanto os cervos passavam aos pulos. Nem passou perto de acertar. Dançarino não se saiu melhor.

Han arremeteu atrás da manada, saltando obstáculos, na esperança de tentar novamente, mas foi em vão. Viu um relance tentador dos penachos brancos dos rabos dos animais antes que eles desaparecessem em meio aos pinheiros.

Resmungando consigo mesmo, voltou até Dançarino, que fitava o alto da montanha. A linha de chamas extravagantes vinha na direção deles, acelerando, e deixava uma paisagem calcinada e desolada em seu rastro.

— O que está acontecendo? — Dançarino balançou a cabeça. — Não acontecem queimadas nesta época do ano.

Enquanto os dois observavam, o fogo ganhou impulso, saltando pequenos barrancos. Brasas cintilantes se espalhavam por todos os lados, carregadas pelos ventos descendentes. O calor fez arder a pele exposta do rosto e das mãos de Han. O rapaz espanou cinzas dos cabelos e afastou fagulhas da jaqueta, começando a perceber o perigo que corriam.

— Vamos lá. Melhor sair do caminho!

Os dois correram pela crista, escorregando e deslizando no cascalho e nas folhas úmidas, cientes de que uma queda poderia ser desastrosa. Refugiaram-se detrás de um rochedo proeminente que despontava da fina pele de vegatação da montanha. Coelhos, raposas e outros animaizinhos passaram pelos dois a galope, pouco à frente das chamas. A linha de fogo ultrapassou os garotos, chiando, estalando e consumindo vorazmente tudo que encontrava pela frente.

E atrás dela vieram três jovens a cavalo, como pastores conduzindo a chama que seguiam.

Han os fitou, hipnotizado. Eram garotos da mesma idade dele e de Dançarino, mas vestiam belos mantos de seda e lã de verão que tocavam os estribos, e longas estolas que cintilavam com emblemas exóticos. Os cavalos que cavalgavam não eram os pôneis montanheses, compactos e peludos, mas ginetes das terras baixas, com longas e delicadas pernas, e pescoços orgulhosamente arqueados; suas selas e arreios eram ajaezados com engastes de prata. Han entendia de cavalos, e aqueles animais custariam um ano de salário de uma pessoa comum.

O ganho de uma vida inteira, para ele.

Os garotos cavalgavam com uma arrogância natural e relaxada, como se não percebessem a paisagem chocante que os cercava.

Dançarino ficou paralisado, com o rosto bronzeado se endurecendo e os olhos azuis se tornando mortiços e opacos.

— Feiticeiros — murmurou, repetindo o termo usado pelos clãs para se referir aos magos. — Eu já deveria saber.

Feiticeiros, Han pensou, arrepiado de empolgação e medo, pois jamais vira um deles de perto. Magos não se misturavam a gentinha como ele. Viviam em palácios sofisticados ao redor do Castelo de Fellsmarch e frequentavam a corte da rainha. Muitos serviam como embaixadores em terras estrangeiras, com um propósito específico: os rumores de seus poderes mágicos mantinham invasores longe do reino.

O mais poderoso de todos era chamado de Grão Mago, conselheiro e protetor místico da rainha de Fells.

"Fique longe dos magos", era o que a mãe sempre dizia. "Você não quer ser notado por gente desse tipo. Chegue perto demais, e você pode acabar queimado vivo ou transformado em algo imundo e profano. Gente comum é como poeira nas botas deles."

Como tudo que era proibido, os magos fascinavam Han, mas ele jamais tivera a chance de quebrar aquela regra. Feiticeiros não tinham permissão de entrar nas Montanhas Espirituais, exceto para visitar a casa do conselho que tinham em Lady Gris, com vista para o Vale. Nem jamais se aventurariam na Feira dos Trapilhos, o bairro pobre de Fellsmarch que Han chamava de lar. Quando eles precisavam de alguma coisa das feiras, mandavam os servos comprar.

Fora assim que os três povos do Reino de Fells alcançaram uma paz tênue: os magos das Ilhas Setentrionais, os camponeses do Vale e os clãs das montanhas.

Conforme os cavaleiros se aproximavam do esconderijo da dupla, Han os estudava avidamente. O feiticeiro que seguia à frente tinha cabelos negros e lisos penteados para trás, caindo até os ombros. Exibia vários anéis nos longos dedos e um pingente muito intrincado pendurado no pescoço por uma pesada corrente. Sem dúvida, era algum tipo de amuleto poderoso.

As estolas do rapaz eram ornadas com falcões prateados, com as garras estendidas num ataque. Falcões prateados, pensou Han. Deve ser o emblema da Casa dele.

Os outros dois eram ruivos, com narizes achatados idênticos e estolas decoradas com silhuetas de gatos rosnando. Han presumiu que fossem irmãos ou primos. Cavalgavam um pouco atrás do mago de cabelos negros e pareciam ser submissos a ele. A dupla de ruivos não estava usando nenhum amuleto.

Han teria se contentado em permanecer escondido e observar o trio passando, mas Dançarino tinha outras ideias. Ele irrompeu das sombras, praticamente embaixo dos cascos dos cavalos, e assustou os animais de modo que os três cavaleiros foram forçados a lutar para se manterem nas selas.

— Sou Dançarino de Fogo — proclamou em voz alta, na língua comum, — do Campo Pinhos Marisa. — Dançarino ignorou as tradicionais boas-vindas e foi direto ao ponto. — Esse clã exige saber quem são vocês, e o que magos estão fazendo em Hanalea, pois isso é proibido pela Naéming. — Dançarino estava aprumado, com as mãos cerradas ao lado do corpo, mas parecia pequeno perante os três invasores em seus cavalos.

O que tinha dado em Dançarino?, indagou-se Han, emergindo com relutância do esconderijo para se colocar ao lado do amigo. Ele também não gostava do fato de os feiticeiros terem invadido as terras de caça deles, mas era esperto o bastante para não enfrentar feitiçarias.

O garoto de cabelos negros encarou Dançarino, e então hesitou, com os olhos negros se arregalando de surpresa antes que ele pudesse recuperar a expressão fria de desdém.

Será que ele conhece Dançarino? O olhar de Han foi de um ao outro. Dançarino não parecia conhecê-lo.

Mesmo que Han fosse mais alto que o amigo, os olhares dos magos passaram por ele sem quase notá-lo, e então voltaram a Dançarino. Han olhou para suas perneiras de couro de cervo e a camisa da Feira dos Trapilhos, invejando o luxo e o refinamento dos forasteiros. O rapaz se sentiu invisível. Insignificante.

Dançarino não se intimidou com os feiticeiros.

— Eu perguntei seus nomes — intimou. Então indicou as chamas que se afastavam. — Aquilo parece fogo de mago para mim.

Como é que Dançarino sabia qual era a aparência de fogo de mago?, Han se perguntou. Ou ele estava apenas blefando?

O rapaz com o signo do falcão olhou os outros dois de esguelha, como se ponderasse uma resposta. Ao perceber que não teria ajuda dos amigos, ele se voltou para Dançarino.

— Sou Micah Bayar, da Casa Aerie — anunciou, como se o mero nome fosse colocar os dois caçadores de joelhos. — Estamos aqui por ordens da rainha. Sua Majestade, rainha Marianna, e as princesas Raisa e Mellony estão caçando no vale abaixo. Estamos conduzindo os cervos até elas.

— A rainha *mandou* você incendiar a montanha para que ela pudesse ter um bom dia de caça? — Dançarino balançou a cabeça, descrente.

— Foi o que eu disse, não foi? — Algo na expressão do mago fez Han perceber que aquela não era bem a verdade.

— Os cervos não pertencem à rainha — afirmou Han. — Temos tanto direito de caçá-los quanto ela.

— De qualquer maneira, vocês são menores de idade — continuou Dançarino. — Vocês não têm *permissão* para usar magia. Nem de carregar um amuleto. — Ele apontou a joia no pescoço de Bayar.

Como é que Dançarino sabia disso?, pensou Han. Ele mesmo não sabia nada das regras dos magos. Mas Dançarino parecia ter acertado na mosca, porque Bayar olhou feio para ele.

— Isso é assunto de *mago* — disse o feiticeiro. — Não é problema seu.

— Bem, *bruxo Micah* — retrucou Dançarino, agora usando o insulto dos clãs para os magos —, se a rainha Marianna quiser caçar cervos no verão, ela pode vir às terras altas atrás deles. Como sempre fez.

Bayar ergueu as sobrancelhas negras.

— Vir às terras altas? Onde ela poderá dormir num chão de terra, ombro a ombro com *uma dúzia de parentes imundos*, ficar uma semana sem um banho quente e voltar para casa fedendo a fumaça e suor, com um caso sério de sarna noturna? — Bayar fungou de rir, e os amigos o imitaram. — Não a condeno por preferir as acomodações do Vale.

Ele não sabe *de nada*, pensou Han, lembrando-se das cabanas aconchegantes com seus catres, as canções e histórias entoadas ao redor da fogueira, os banquetes compartilhados de um panelão comum. Tantas noites Han tinha adormecido sob pelegos e cobertores feitos pelos clãs, com o fio da meada das velhas canções se entremeando em seus sonhos. Han não era de um clã, mas frequentemente desejava ser. Era o único lugar onde ele se sentia em casa. O único lugar onde ele não se sentia como se estivesse pendurado por um fio.

— A princesa Raisa passou três anos sendo criada no Campo Demonai — afirmou Dançarino, com o queixo projetado teimosamente.

— O pai da princesa é do clã e tem ideias um tanto arcaicas — argumentou Bayar, e seus companheiros riram outra vez. — Eu, pessoalmente, não me casaria com uma garota que tivesse passado tanto tempo nos campos. Acharia que ela foi corrompida.

Num instante, Dançarino estava com a faca na mão.

— O que foi que você disse, bruxo? — indagou Dançarino, com a voz gélida como as águas do Dyrnne.

Bayar deu um puxão nas rédeas, fazendo o cavalo recuar e se distanciando de Dançarino.

— Eu diria que as mulheres devem ter mais medo dos bruxos do que do povo dos Campos — continuou Dançarino.

Com o coração acelerado, Han avançou até o lado do amigo e pôs a mão no cabo da própria faca, tomando cuidado para não entrar na frente do braço que Dançarino usaria para lançar a adaga. Dançarino era ágil com os pés e bom com uma lâmina. Mas lâmina contra magia? Mesmo duas facas...

— Relaxe, cabeça de fogo. — Bayar lambeu os lábios, com olhos fixos na faca de Dançarino. — É o seguinte: meu pai diz que as garotas que vão aos campos voltam orgulhosas, cheias de opiniões e difíceis de controlar. Só isso. — Ele deu um sorrisinho, como se fosse uma piada que todos poderiam compartilhar.

Dançarino não sorriu.

— Então você está dizendo que a herdeira legítima do trono de Fells precisa ser... *controlada*?

— *Dançarino* — disse Han, mas o amigo dispensou o aviso com um aceno da cabeça.

Han avaliou os três magos como faria com seus oponentes em qualquer briga de rua. Os três tinham espadas elaboradas, que não tinham sido muito utilizadas. Tirá-los dos cavalos, esse é o truque, pensou o rapaz. Um corte rápido na correia da cilha resolveria o problema. Chegar bem perto, de modo que as espadas não fossem muito úteis. Nocauteie Bayar, e os outros sairão correndo.

Um dos magos ruivos pigarreou nervosamente, como se estivesse constrangido com o rumo da conversa. Era o mais velho dos dois, atarracado, com mãos gorduchas, pálidas e sardentas, que agarravam as rédeas com força.

— Micah — chamou ele, no dialeto do Vale, indicando o terreno abaixo. — Vamos lá. Assim a gente perde a caçada.

— Espere um pouco, Miphis. — Bayar fitou Dançarino de cima, com os olhos negros cintilando no rosto pálido. — Você não se chama Hayden? — inquiriu ele em língua comum, citando o nome que Dançarino usava no Vale. — É só... Hayden, não é? Um nome mestiço, já que você não tem pai.

Dançarino enrijeceu.

— Esse é o meu nome no Vale — retrucou, erguendo o queixo desafiadoramente. — Meu verdadeiro nome é Dançarino de Fogo.

— Hayden é um nome para magos — continuou Bayar, mexendo no amuleto. — Como você ousa presumir...

— Eu não *presumo* nada — Dançarino interrompeu. — Eu não escolhi esse nome. Sou dos clãs. Por que escolheria um nome de bruxo?

Boa pergunta, pensou Han, olhando de um ao outro. Alguns membros dos clãs usavam nomes típicos das terras baixas quando iam ao Vale. Mas como um bruxo como Micah Bayar poderia saber o nome que Dançarino usava no Vale?

Bayar ficou vermelho e levou algum tempo para preparar uma resposta.

— Isso é o que você alega, Hayden — disse Bayar, arrastando as palavras. — Talvez você tenha gerado a si próprio. O que significa que você e a sua mãe...

O braço de Dançarino se ergueu num relance, mas Han conseguiu desviá-lo com um empurrão exatamente quando a faca deixou a mão do amigo, acabando cravada, trêmula, no tronco de uma árvore.

Calma, Dançarino, pensou Han, encolhendo os ombros perante o olhar furioso do companheiro. Matar um mago amigo da rainha criaria problemas gravíssimos para os dois.

O feiticeiro Bayar ficou paralisado por um instante, como se não pudesse acreditar no que acabara de acontecer. Então, o rosto dele ficou branco de raiva. Estendeu uma das mãos, imperiosa, na direção de Dançarino, segurou o amuleto com a outra e começou a murmurar um feitiço na linguagem da magia, tropeçando um pouco nas palavras.

— *Micah* — exclamou o mais esguio dos magos, aproximando o cavalo. — Não. Não vale a pena. O fogo foi uma coisa, mas, se descobrirem que nós...

— Cala a boca, Arkeda — Bayar interrompeu. — Vou ensinar o que é respeito a esse bastardo cabeça de fogo. — Parecendo estar irritado por ter de reiniciar, ele começou o feitiço outra vez.

Tente acalmar os ânimos e olha o que acontece, pensou Han. Ele pegou o arco e encaixou uma flecha, apontando para o peito de Bayar.

— Ei, *Micah* — chamou. — Tá vendo isso aqui? Cale a boca ou eu atiro.

Bayar estreitou os olhos para Han, como se estivesse novamente surpreso em vê-lo. Talvez percebendo que, de fato, estaria morto antes que pudesse terminar o feitiço, o mago soltou o amuleto e ergueu as mãos.

Ao ver o arco de Han, Miphis e Arkeda tocaram os cabos das espadas. Mas Dançarino encaixou uma flecha no próprio arco, e os dois magos ergueram as mãos também.

— Decisão inteligente — comentou Han, concordando com a cabeça. — Acho que as bruxarias são mais lentas que as flechas.

— Você tentou me matar — disse Bayar a Dançarino, como se estivesse espantado que tal coisa pudesse acontecer. — Você faz ideia de quem eu *sou*? Meu pai é o Grão Mago, conselheiro da rainha. Quando ele descobrir o que vocês fizeram...

— Por que você não corre de volta a Lady Gris e conta tudo a ele? — retrucou Dançarino, indicando a trilha que descia. — Vá em frente. Vocês não podem ficar aqui. Saiam da montanha. Agora.

Bayar não queria ceder com os dois amigos presentes.

— Não se esqueçam — comentou o mago baixinho, mexendo no amuleto. — O caminho montanha abaixo é bem longo. Qualquer coisa pode acontecer nessa trilha.

Malditos ossos, pensou Han. Ele já fora emboscado por vezes demais nas ruas e becos de Fellsmarch. Conhecia valentões bem o bastante para reconhecer Bayar como um deles. Esse garoto iria feri-los se pudesse, e não o faria jogando limpo.

Mantendo a corda do arco esticada, Han apontou o mago com o queixo.

— Você, tire o seu faz-feitiço — ordenou. — Jogue no chão.

— Isso? — Bayar tocou a joia de aparência malévola que lhe adornava o pescoço. Quando Han indicou que sim, o rapaz balançou a cabeça. — Você não pode estar falando sério — rosnou, cerrando a mão em torno do amuleto. — Você sabe o que é isto?

— Acho que sim — respondeu Han, gesticulando com o arco. — Tire e jogue no chão.

Bayar ficou paralisado, cada vez mais pálido.

— Vocês não vão conseguir *usá-lo*, sabiam? — argumentou, olhando Han e Dançarino alternadamente. — Se vocês o tocarem, serão incinerados.

— Vamos nos arriscar — afirmou Dançarino, lançando um olhar de relance ao companheiro.

O feiticeiro estreitou os olhos.

— Vocês não passam de ladrões, então — zombou. — Eu devia saber.

— Use a cabeça — argumentou Han. — O que eu ia conseguir ganhar com isso aí? Eu só não quero ter que voltar para casa olhando para trás o tempo todo.

Arkeda se inclinou para Bayar e murmurou na língua do Vale:

— Melhor entregar. Você *sabe* o que eles dizem dos cabeças de fogo. Que eles cortam nossas gargantas, bebem o sangue e nos dão de comer aos lobos, para que ninguém encontre os ossos.

Miphis concordou com um aceno vigoroso de cabeça.

— Ou então eles nos usam nos *rituais* deles. Vão nos queimar vivos. Sacrificar a gente para a deusa deles.

Han trincou os dentes, lutando para manter a surpresa e a diversão ocultas. Parecia que os bruxos tinham motivos próprios para temer os clãs.

— Eu não *posso* entregar o amuleto a eles, seus idiotas — sibilou Bayar. — Vocês *sabem* por quê. Se meu pai descobrir que eu o peguei, todos nós seremos punidos.

— Eu falei para você não pegar — murmurou Arkeda. — Eu falei que era uma má ideia. Só porque você queria impressionar a princesa Raisa...

— Você sabe muito bem que eu não teria pegado o amuleto se nós tivéssemos permissão de ter os nossos próprios — afirmou Bayar. — Este foi o único que eu... O que *vocês* estão olhando? — interpelou o mago, percebendo o interesse de Han e Dançarino na conversa e talvez compreendendo pela primeira vez que eles entendiam a linguagem das terras baixas.

— Estou olhando alguém que já está encrencado que só piora tudo a cada minuto — zombou Han. — Agora jogue o amuleto.

Bayar fitou Han com raiva, como se estivesse vendo o rapaz pela primeira vez.

— Você não é nem dos clãs. Quem é você?

Han era esperto o bastante para não dizer o nome a um inimigo.

— Me chamam de Navalha — respondeu, pescando um nome na memória. — O dono da rua de Ponte Austral.

— Navalha, você diz. — O mago tentou fuzilar Han com o olhar, mas não conseguia fixar os olhos nele. — É estranho. Há algo de... Você parece... — Bayar parou de falar como se tivesse perdido o fio da meada.

Han mirou ao longo da flecha, sentindo o suor escorrer por entre as omoplatas. Se Bayar não cedesse, ele teria que decidir o que fazer em seguida. Naquele momento, não tinha a menor ideia.

— Vou contar até cinco — anunciou, mantendo a expressão de bandido de rua. — Então vou meter uma flecha no seu pescoço. Um.

Com um movimento rápido e agressivo, Bayar arrancou a corrente por sobre a cabeça e atirou o amuleto no chão. O objeto retiniu de leve ao atingir o solo.

— Quero ver você pegar — desafiou o feiticeiro, inclinando-se para frente na sela. — Eu te desafio.

Han transferiu a atenção do mago ao faz-feitiço, sem saber se deveria acreditar ou não.

— Fora! Fora daqui! — exclamou Dançarino. — Acho melhor vocês pensarem bem em como vão apagar esse incêndio. Se não, eu garanto que a rainha *não* vai ficar nada feliz, mesmo que ela tenha pedido para vocês colocarem fogo aqui.

Bayar encarou Dançarino por um momento, com os lábios tremendo para conter uma resposta. Então virou bruscamente a cabeça do cavalo e cravou os calcanhares nos flancos da montaria. Animal e cavaleiro dispararam encosta abaixo como se estivessem mesmo tentando alcançar o fogo.

Arkeda seguiu o líder com o olhar, mas então virou-se para Dançarino, balançando a cabeça.

— Seus idiotas! Como ele vai apagar o incêndio sem o amuleto? — O rapaz virou o cavalo, e os dois magos seguiram Bayar num passo um pouco menos imprudente.

— Tomara que ele quebre o pescoço — murmurou Dançarino, observando os três feiticeiros.

Han finalmente respirou e liberou a tensão da corda do arco, transpassando-o pelo ombro.

— Que história foi aquela com o seu nome do Vale? Você já conhecia o Bayar?

Dançarino meteu a flecha de volta na aljava.

— E de onde eu conheceria um bruxo?

— Por que ele disse aquelas coisas sobre o seu pai? — insistiu Han. — Como é que ele sabe que...

— Como é que eu vou saber? — retrucou Dançarino, com uma expressão dura e furiosa no rosto. — Esquece isso. Vamos embora.

Obviamente, Dançarino não queria falar daquilo. Certo, pensou Han. Ele não tinha direito de reclamar, já que guardava tantos segredos também.

— E esse negócio? — Han se agachou e estudou o faz-feitiço cuidadosamente, com medo de tocá-lo. — Será que ele estava blefando? — O rapaz olhou para Dançarino, que observava de uma distância segura. — Quer dizer, você acha que ele precisava mesmo dessa coisa para apagar o fogo?

— Deixe isso aí — desconversou Dançarino, estremecendo. — Vamos sair daqui.

— Aquele bruxo não queria largar esse troço — refletiu Han. — Deve ser valioso. — Han conhecia negociantes de artefatos mágicos em Feira dos Trapilhos. Tinha feito negócios com eles uma ou duas vezes, quando ainda vivia nas ruas. Um ganho como esse poderia pagar o aluguel por um ano.

Você não é um ladrão. Não mais. Se ele repetisse isso vezes suficientes, talvez acreditasse.

Mas ele não conseguiria deixar o objeto ali. Havia algo de malévolo, mas fascinante, naquele amuleto. Ele emanava poder como o calor de um fogão num dia frio. Aquecia o rosto do rapaz, fazendo com que o resto do corpo parecesse gelado.

Usando um graveto, Han levantou o amuleto pela corrente. O objeto ficou pendurado, girando hipnoticamente ao sol, uma pedra verde translúcida habilmente entalhada num emaranhado de serpentes com olhos de rubi. A haste era encimada por um diamante de corte redondo, brilhante, maior do que Han jamais vira, e os olhos de rubi eram de um vermelho sangrento.

Han tinha negociado joias, ocasionalmente, e percebeu que a habilidade na execução da peça era altíssima, e as pedras, de primeiríssima qualidade. Mas a atração exercida por ela ia além da soma das partes.

— O que você vai fazer com isso? — Dançarino perguntou, atrás do amigo, com a voz carregada de reprovação.

Han encolheu os ombros, ainda observando a joia girar.

— Sei lá.

Dançarino balançou a cabeça.

— Seria melhor jogar isso pelo barranco. Se Bayar pegou o faz-feitiço sem permissão, deixe que ele se vire para explicar o que aconteceu.

Han não conseguiu conceber a ideia de jogar o amuleto fora. Não parecia uma boa ideia deixá-lo onde pudesse ser encontrado por alguém, talvez até uma das crianças do Campo.

Ele pegou um pedaço de couro na bolsa e o abriu no chão. Largou o amuleto no meio, embrulhou-o cuidadosamente e o meteu na bolsa. O tempo todo, o rapaz se perguntava como tinham se metido naquela situação. Como foi que ele e Dançarino acabaram num impasse violento com magos? Qual seria a conexão entre eles e Dançarino? Talvez fosse só mais um evento numa longa sequência de má sorte. Han sempre parecia se meter em problemas, por mais que tentasse evitá-los.

CAPÍTULO DOIS

CONSEQUÊNCIAS IMPREVISTAS

Raisa se ajeitou impaciente na sela e espiou em volta, estreitando os olhos contra o sol que salpicava a trilha.

— Não estreite os olhos, Raisa — ralhou a mãe, automaticamente. Era uma da coleção de frases que se passavam por conversas entre a rainha e a filha, além de "sente-se direito", e "aonde você pensa que vai?". Junto da versátil "Raisa *ana*'Marianna!".

Portanto, Raisa passou a proteger os olhos com a mão, esquadrinhando as matas em volta.

— Vamos *embora* — reclamou. — Eles deveriam ter se encontrado conosco aqui há meia hora. Se não são capazes de chegar na hora, eu acho que deveríamos deixá-los. Estamos desperdiçando o dia.

Lorde Gavan Bayar aproximou o cavalo e pousou a mão na rédea de Switcher.

— Por favor, Alteza, eu imploro, conceda-lhes mais alguns minutos. Micah ficará deveras desapontado se perder a caçada. Ele aguardou ansioso por ela a semana inteira. — O belo Grão Mago sorriu para Raisa com o charme exagerado que os adultos usam nas crianças quando há outros adultos por perto.

Micah esteve ansioso pela caçada?, pensou Raisa. Pois *eu* estive muito mais. Ele pode ir e vir aonde quiser, quando quiser.

Provavelmente ele ainda estava bravo por causa da noite anterior, ela refletiu. É por isso que ele nos deixou esperando. Não está acostumado a ouvir um não.

Raisa atiçou Switcher com os joelhos, e a égua ergueu a cabeça e se soltou do mago. Switcher fungou, espantada por uma folha que deslizava no chão. Ela estava tão ansiosa em partir quanto Raisa.

— *Eu* vivo atrasada — intrometeu-se Mellony, a irmã mais nova de Raisa, fazendo o pônei avançar. — Talvez nós devêssemos ter paciência.

Raisa lançou um olhar fulminante à irmã, e Mellony mordeu o lábio inferior, virando-se para outro lado.

— Micah provavelmente perdeu a noção do tempo — continuou lorde Bayar, tentando acalmar o próprio cavalo, um garanhão alto e forte. A brisa agitava a juba grisalha do homem, ainda marcada pelo ruivo dos magos. — Você sabe como são os garotos.

— Então talvez você devesse presenteá-lo com um relógio de bolso no próximo rebatizado — comentou Raisa asperamente, provocando a exclamação "Raisa *ana*'Marianna!" por parte da mãe.

Eu não me importo!, pensou a princesa. Já era chato demais ter ficado engaiolada no Castelo de Fellsmarch desde o solstício, rodeada de tutores e sobrecarregada com três anos de lições atrasadas de temas inúteis.

Por exemplo: *Uma dama é capaz de conversar com qualquer um, de qualquer idade ou classe social. À mesa, a anfitriã é responsável por assegurar a participação de todos na conversação. Ela deve direcionar os tópicos do diálogo para longe da política e outros temas polêmicos, e estar sempre preparada com um assunto alternativo, caso seja necessário.*

Se uma *dama* deveria fazer tais coisas, indagava-se Raisa, deveria então um homem fazer o mesmo? Isso seria exigido dele?

Tanto Raisa quanto a mãe tinham mudado durante os três anos que a princesa passara no Campo Demonai, e agora pareciam brigar o tempo todo. O pai de Raisa, Averill, que pertencia aos clãs, sempre agira como um intermediário entre as duas. Agora ele estava sempre viajando, e Marianna insistia em tratar a filha como uma criança.

Ultimamente, Raisa não podia deixar de ouvir as fofocas que seguiam o rastro da rainha. Alguns diziam que ela prestava atenção de menos às finanças, à política e aos assuntos do Reino. Outros afirmavam que prestava atenção demais ao Grão Mago e ao Conselho dos Magos em Lady Gris. Será que sempre foi assim, ou Raisa apenas notava mais agora por estar mais velha?

Talvez fosse influência da avó, Elena. A matriarca do Campo Demonai tinha muitas opiniões sobre a situação política do Vale e a influência crescente dos magos, e jamais hesitou em expressá-las durante os três anos que Raisa passou com a família do pai.

Depois da relativa liberdade do Campo Demonai, Raisa sofria miseravelmente quando tinha que forçar os pés nos sapatos apertados e meias enfeitadas que eram moda na corte, e também aturar o suor e a coceira debaixo dos vestidos cheios de fru-

frus e babados que a mãe escolhia para ela. Raisa tinha quase 16 anos, praticamente uma adulta, mas quase todos os dias ela parecia um bolo de casamento ambulante com vários andares.

Mas hoje, não. Hoje ela tinha vestido sua túnica, calças e botas feitas nos clãs, finalizando com casaco de montaria que ia até os quadris. Raisa pendurou o arco atravessado nas costas, sobre o ombro, e prendeu uma aljava de flechas no bagageiro atado à sela. Quando ela saiu dos estábulos, conduzindo Switcher, lorde Bayar a tinha esquadrinhado de cima a baixo, para em seguida lançar um olhar à rainha e medir sua reação.

A mãe de Raisa apertou os lábios e soltou um grande suspiro, mas aparentemente decidiu que era tarde demais para obrigar a filha a entrar e trocar de roupa. Mellony, obviamente, espelhava o traje da mãe com seu fino casaco de montaria feito sob medida e uma longa e dividida saia de cavalgar, com uma camada de anáguas cascateando sobre as botas.

Mellony era a imagem da mãe. Tinha herdado os cabelos louros de Marianna, a tez pálida e suave, e parecia que ia crescer tanto ou talvez até mais que a mãe. Raisa tinha puxado a família do pai, com cabelos escuros, olhos verdes e baixa estatura.

Então lá estavam elas, vestidas e empolgadas com a caçada naquele belo dia de sol, e estava tudo sendo desperdiçado, esperando pelo atrasado Micah Bayar e seus primos.

Micah era um cavaleiro ousado e um caçador competitivo e agressivo. Mesmo que tivesse apenas 16 anos, sua beleza sombria e perigosa deixava metade das garotas da corte encantadas por ele.

Desde o retorno de Raisa a Fellsmarch, Micah a cortejara com uma intensidade lisonjeira à qual a princesa tinha dificuldades em resistir. O fato de o romance deles ser proibido tornava tudo ainda mais sedutor. O Castelo de Fellsmarch estava sempre cheio de olhos e ouvidos curiosos, mas os dois ainda assim conseguiam descobrir lugares para se encontrar sem supervisão. Os beijos de Micah eram intoxicantes, e seus abraços a deixavam tonta.

Era mais que isso, porém. O rapaz tinha um humor seco, selvagem e cínico que zombava da sociedade em que tinham nascido. Micah fazia Raisa rir, e poucas coisas tinham tal efeito naqueles dias.

Raisa sabia que o flerte com Micah Bayar era arriscado, mas era também uma forma de rebelião contra a mãe e a vida confinada da corte. Mas até a rebeldia tinha

limite. A princesa não era cabeça oca como Missy Hakkam, que estava sempre disposta a trocar sua virtude por um poema ruim e um beijo na orelha.

E a paciência não era uma das qualidades de Micah. Assim começara a briga da noite anterior.

Ela estivera empolgada em sair para caçar com ele, mas não estava disposta a esperar ali parada para sempre. O tempo e a oportunidade se esvaíam. Como tudo na vida dela.

O capitão Edon Byrne e uma trinca de soldados também estavam montados e prontos, conversando discretamente entre si. Byrne era o capitão da Guarda da Rainha, o mais recente numa longa linhagem de Byrnes a ocupar o cargo. Ele tinha insistido em escoltar o grupo na caçada, apesar das objeções de lorde Bayar.

— Devo mandar um dos meus homens atrás dos meninos, Majestade? — indagou Byrne em voz alta.

— Vocês podem ir todos, capitão Byrne, no que depende de mim — respondeu lorde Bayar, com a voz pastosa de condescendência. — A rainha Marianna e as princesas ficarão perfeitamente seguras. É desnecessário que você e seus homens se arrastem na nossa cola como uma rabiola de pipa. Os clãs podem ser selvagens e imprevisíveis, mas é improvável que tentem alguma coisa comigo por perto. — Lorde Bayar mexeu no amuleto pendurado no pescoço, para o caso de Byrne não ter entendido a mensagem. O Grão Mago sempre enunciava as palavras lenta e claramente quando falava com o capitão Byrne, como se o oficial fosse devagar de raciocínio.

Byrne devolveu o olhar do mago sem hesitação, com uma expressão impassível no rosto queimado de vento.

— Pode até ser verdade, mas não são os clãs o que eu temo.

— Bem, obviamente. — Bayar abriu um meio-sorriso. — Considerando que você e o consorte real entregaram a jovem princesa Raisa a eles repetidamente. — Houve um relance de repulsa no rosto do mago.

Essa era outra coisa que incomodava Raisa: lorde Bayar nunca dizia o nome do pai dela. Ele chamava Averill Pés Ligeiros Demonai de consorte real, como se isso fosse um cargo que qualquer um pudesse ocupar. Muitos aristocratas do Vale desprezavam o pai de Raisa porque ele era um mercador dos clãs, que conquistara um casamento que muitos desejavam para si mesmos.

Mas, na realidade, a rainha de Fells não se casara levianamente. Averill tinha trazido consigo o apoio dos clãs, como contraponto à influência do Conselho dos Magos. E isso, naturalmente, incomodava o Grão Mago.

— Lorde Bayar! — exclamou a rainha rispidamente. — Você sabe muito bem que a princesa Raisa recebeu educação nos clãs conforme ditado pela Naéming.

A Naéming era o acordo entre os clãs e o Conselho dos Magos que tinha encerrado a Cisão — a calamidade mágica que quase destruíra o mundo.

— Mas certamente é desnecessário que a princesa Raisa passe tanto tempo longe da corte — comentou Bayar, sorrindo para a rainha. — Pobrezinha. Pense só em todos os bailes, desfiles e festas que ela já perdeu.

E aulas de bordado e oratória, Raisa comentou consigo mesma. Uma grandessíssima pena.

Byrne examinou Raisa como faria com um cavalo que considerasse comprar, e em seguida disse, em seu tom brusco habitual:

— Ela não parece ter sofrido nem um pouco, na minha opinião. E cavalga tal e qual um guerreiro Demonai.

Isso era um enorme elogio, vindo de Byrne. Raisa se empertigou na sela.

A rainha Marianna pôs a mão no braço do capitão.

— Você acha mesmo que é tão perigoso, Edon? — A rainha estava sempre disposta a encerrar qualquer discussão o mais rápido possível, mesmo que isso significasse abafar divergências ainda muito vivas.

Byrne olhou a mão em seu braço, e em seguida o rosto da soberana. As feições ásperas se suavizaram um pouco.

— Eu sei o quanto gosta de caçar, Majestade. Se for necessário seguir as manadas montanha acima, lorde Bayar não poderá acompanhá-la. As terras fronteiriças estão cheias de refugiados. Quando a família de um homem passa fome, ele faz o que for necessário para alimentá-la. Há exércitos de mercenários de passagem, indo e vindo das guerras Ardeninas. A rainha de Fells seria uma presa valiosa.

— E isso é *tudo* que o preocupa, capitão Byrne? — retrucou Bayar, estreitando os olhos.

Byrne nem hesitou.

— E há alguma outra coisa com a qual eu *deveria* me preocupar, milorde? Alguma coisa que o senhor gostaria de me dizer?

— Talvez fosse melhor partirmos logo — afirmou a rainha Marianna, estalando as rédeas decididamente. — Micah e os outros não terão problemas em nos alcançar.

Lorde Bayar assentiu rigidamente. Micah levaria uma bela bronca, pensou Raisa. O Grão Mago parecia prestes a arrancar a cabeça de alguém com as próprias mãos. A princesa atiçou Switcher, assumindo a liderança do grupo. Byrne manobrou o grande cavalo baio e emparelhou com ela, e a dupla cavalgou à frente.

A trilha subia por entre belos prados das terras altas que cintilavam com flores silvestres brancas e amarelas. Melros de asas vermelhas se empoleiravam de forma impossível nos frágeis talos de plantas que tinham sobrevivido desde o ano anterior. Raisa absorveu os detalhes como um pintor privado das cores.

Byrne também olhava em volta atentamente, mas com fins diferentes. Ele esquadrinhava a mata dos dois lados da trilha, com as costas retas, rédeas frouxas nas mãos. Os guardas tinham se espalhado ao redor e cavalgavam três milhas para cada uma que o grupo principal avançasse, fazendo o reconhecimento do caminho à frente e monitorando a trilha que deixavam para trás.

— Quando Amon voltará para casa? — indagou Raisa, tentando aplicar no severo capitão suas habilidades de conversação adquiridas a tanto custo.

Byrne estudou o rosto da princesa por um longo tempo antes de responder.

— O retorno dele é esperado a qualquer momento, Alteza. Por conta das batalhas em Arden, ele teve de fazer o caminho mais longo, desde Vau de Oden.

Já fazia três anos desde que Raisa vira Amon, o filho mais velho de Byrne. Após a longa estada no Campo Demonai, a princesa voltara à corte no solstício, apenas para descobrir que Amon tinha partido para a Academia Wien, a escola militar em Vau de Oden. O rapaz pretendia seguir os passos do pai, e os soldados iniciavam o treinamento bem cedo.

Ela e Amon tinham sido amigos próximos desde a infância, quando, apesar da diferença de status, a ausência de outras crianças na corte os tinha unido. O Castelo de Fellsmarch ficara vazio sem ele (não que Raisa tivesse tido tempo para se sentir só). Quando eu for rainha, pensou a princesa, vou manter meus amigos por perto. Era mais um item numa longa lista de boas intenções.

Agora Amon estava a caminho de Fells, viajando sozinho pelas centenas de milhas desde o Vau de Oden. Raisa invejava o amigo. Mesmo quando estava nos clãs, ela sempre tinha alguma forma de guarda por perto. Como seria viver escolhendo o

próprio caminho, dormindo onde e quando quisesse, e cada dia reluzisse com possibilidades e riscos?

O grupo de caça virou para oeste, seguindo a trilha que costurava um caminho pela lateral do vale. Mesmo que estivessem dezenas de metros acima do rio Dyrnne, o rugido de suas cascatas flutuava até eles.

Eles atravessaram um cânion estreito, e as paredes de pedra que os cercavam deixaram o ar perceptivelmente mais frio. Raisa teve um calafrio, sentindo uma pontada de preocupação, uma vibração nos ossos, como se a rica teia de vida que a cercava tivesse sido partida por dedos invisíveis.

Switcher fungou e chacoalhou a cabeça, quase arrancando as rédeas das mãos da princesa. A penumbra dos dois lados da trilha parecia se coagular em sombras cinzentas que trotavam ao lado dela, com corpos que se encolhiam e esticavam.

Lobos cinzentos, como o lobo gris de sua Casa. Raisa viu relances de estreitas cabeças lupinas e olhos ambarinos, línguas esticadas sobre dentes afiadíssimos, e então todos sumiram.

Diziam que os lobos apareciam para as rainhas da linhagem de Hanalea em momentos decisivos: momentos de perigo e oportunidade. Eles nunca tinham aparecido para Raisa antes, o que não era surpreendente, pois ela ainda não era rainha.

Raisa olhou para a mãe, que ria de algo que lorde Bayar dissera. A rainha não percebera nada de incomum.

Se Raisa estivesse cavalgando no território Demonai com seus amigos dos clãs, eles teriam considerado a visão como um sinal profético e se debruçariam sobre ela, intrometendo-se e esmiuçando-a como se fosse uma serpente na areia, tentando decifrar seu possível significado. Como era ela a herdeira da linhagem Lobo Gris, o povo dos clãs esperava que Raisa tivesse o dom da vidência, e tal talento era respeitado.

Uma voz interrompeu os pensamentos da princesa.

— Está tudo bem, Alteza?

Agitada, Raisa fitou os olhos preocupados de Byrne, cinzentos como o oceano sob o céu invernal. Ele havia se aproximado e segurado as rédeas de Switcher, inclinando a cabeça para escutar a resposta dela.

— Bem, hum... eu... — gaguejou ela, num raro momento em que não sabia o que dizer. Raisa pensou em falar algo como *Tenho uma sensação peculiar de que*

estamos correndo perigo, capitão Byrne, ou *Por acaso o senhor viu lobos pelo caminho?*

Porém, mesmo que o rústico capitão a levasse a sério, o que ele poderia fazer?

— Estou bem, capitão — disse Raisa. — Já faz muito tempo desde o café da manhã, é só.

— A senhorita gostaria de um biscoito? — indagou o capitão, mexendo no alforje da sela. — Tenho alguns na minha...

— Estou bem — afirmou a princesa, apressadamente. — Nós vamos almoçar logo, não vamos?

O cânion se abriu num belo prado das terras altas. A manada de cervos fora vista pastando ali havia uma semana, mas tinha ido embora. Naquela estação, os animais provavelmente rumavam para terreno mais alto. Porém, a presença do mago lorde Bayar impedia que o grupo seguisse a manada, pois já estavam perto demais das fronteiras dos clãs.

O grupo parou para o almoço no prado, logo em frente à saída do cânion. A refeição era um elaborado piquenique, servida em toalhas luxuosas e composta de queijo, frios, frutas, garrafas de vinho e sidra. Enquanto o restante do grupo comia, dois dos soldados de Byrne faziam o reconhecimento do terreno adiante, procurando rastros da manada perdida.

Raisa estava sem fome. Ficou sentada, com os braços em volta dos joelhos, ainda incapaz de afastar a sensação inquietante que parecia um fardo prendendo-a ao chão. Era meio-dia, mas o céu parecia escurecer, e o jogo de luz e sombras que salpicava o solo se dissolveu. Vultos cinzentos espreitavam a penumbra, voltando sempre que ela piscava os olhos para fazê-lo sumir.

A princesa espiou por entre a copa das árvores acima. Apesar de o céu ao sul ainda estar de um azul límpido, logo acima do prado estava nublado e leitoso, o sol um círculo brilhante imerso numa névoa crescente. Raisa farejou o ar, captando o cheiro acre de folhas queimando.

— Tem alguma coisa queimando? — perguntou ela a ninguém em particular. Falou tão baixinho que achou que ninguém tinha ouvido, mas Byrne se levantou de onde estava, no limite da floresta, e caminhou até o centro do prado, esquadrinhando as encostas em todas as direções. Franzindo o cenho, ele fitou o céu por um longo momento e depois olhou os cavalos. Os animais estavam inquietos, batendo os cascos e forçando as amarras.

Raisa sentia uma convicção crescente de que havia alguma coisa terrivelmente errada. O ar pareceu ficar preso na garganta dela, e a princesa tossiu.

— Carreguem os cavalos — ordenou o capitão Byrne, colocando os homens para arrumar o acampamento e recolher os apetrechos do piquenique.

— Ah, vamos ficar mais um pouco, Edon. — A rainha Marianna ergueu um cálice de vinho. — Aqui é tão bonito. Não tem problema se nós não pegarmos um cervo.

Lorde Bayar se esticou ao lado dela.

— Se eu subir mais essa montanha, estarei violando a Naéming e coisa e tal. Mas você pode ir em frente, capitão Byrne, e procurar um cervo para nossa princesa. Ficarei aqui e cuidarei da rainha.

Raisa contemplou a cena diante de si: a toalha estendida sob as árvores, o mago soturnamente belo com suas botas cruzadas nos tornozelos, mão cheia de anéis pousada na toalha. Sua linda e loura mãe sofisticada mesmo vestindo os trajes de montaria, faces coradas como as de uma garotinha.

Aquilo fazia Raisa pensar nas pinturas das galerias do castelo: um momento capturado que atiçava a imaginação quanto ao que tinha acontecido antes e o que aconteceria depois.

— Eu ficarei com vocês, mamãe — anunciou Raisa, se aboletando na beira da toalha e encarando o Grão Mago, sabendo instintivamente que ele e ela eram inimigos. Desejando que o pai não passasse tanto tempo fora.

Os soldados de Byrne continuaram carregando os cavalos cada vez mais agitados, por mais difícil que fosse. Então o alto capitão se aproximou e parou diante do trio.

— Majestade, creio que seria melhor se nós fôssemos embora. Há um incêndio por perto, e está vindo nesta direção.

— Um *incêndio* — repetiu lorde Bayar. Ele catou um punhado de folhas úmidas, esmagou-as na palma enluvada e deixou a massa encharcada cair. — Como isso seria possível?

— Não sei, lorde Bayar — admitiu Byrne obstinadamente. — Não faz sentido. Mas ele existe, e está encosta acima em relação à nossa posição. Já vi incêndios como esse alcançarem as pessoas antes que elas pudessem fugir.

— Mas isso só acontece no fim do verão — comentou a rainha Marianna. — Não no começo da primavera.

— Exatamente. — Lorde Bayar revirou os olhos. — Você é um alarmista, Byrne.

A rainha Marianna tocou o braço do mago, olhando ansiosamente para Bayar e depois para Byrne.

— Eu sinto cheiro de fumaça, Gavan. Talvez fosse melhor ouvir o capitão.

Enquanto eles conversavam, um crepúsculo súbito recobriu o prado. Um vento estranho surgiu de repente, soprando encosta acima e levando a fumaça para longe, como se alguma fera oculta inspirasse fundo. Raisa se levantou apressada e foi até o centro da clareira, olhando para trás, em direção a Hanalea. A princesa viu uma nuvem densa e arroxeada se erguendo da montanha, iluminada pelo fogo alaranjado e esverdeado que ardia abaixo. Uma espiral de chamas irrompeu do solo, um tornado flamejante de 20 metros de altura. Agora era possível ouvir também os pinheiros estalando com o calor, o rugido gutural do inferno.

Era como um daqueles sonhos nos quais você quer gritar e precisa tentar várias vezes até o som escapar da garganta.

— Capitão Byrne! — A voz de Raisa pareceu sumir contra o uivo do fogo. Ela apontou. — É mesmo um incêndio. Veja!

Foi então que uma dúzia de cervos irrompeu da floresta, saltou pelo prado e mergulhou no cânion, ignorando os supostos caçadores no caminho.

Em seguida, Raisa ouviu o tropel de cascos, e três cavaleiros surgiram no prado no rastro dos cervos. Suas montarias estavam espumando e com olhos arregalados, e eles mesmos não estavam muito melhor.

— Está vindo! Logo atrás de nós! Um incêndio descontrolado! Fujam! — berrou o líder do trio, e Raisa levou um momento para reconhecer o cínico e sardônico Micah Bayar naquele rosto sujo de fuligem. Eram os atrasados, Micah e seus primos Arkeda e Miphis Mander.

A essa altura, todos já estavam de pé, o piquenique completamente esquecido.

— Micah? — Lorde Bayar piscou ao ver o filho. — Como você... O que você...? — Raisa jamais vira o Grão Mago tão inarticulado.

— A gente estava vindo atrás de vocês quando vimos o fogo. — Micah ofegava, com o rosto pálido sob a sujeira, o cabelo escorrendo em mechas úmidas. O jovem tinha cortes profundos nas mãos e o que parecia ser uma queimadura feia no braço direito. — Nós... nós tentamos combatê-lo, mas...

Byrne trouxe a égua da rainha até ela.

— Majestade, vamos agora. — Segurando firme a rédea com uma das mãos, o capitão ergueu a rainha até a sela com o outro braço. — Cuidado. Segure firme, ela

está assustada.

Raisa montou Switcher, murmurando frases reconfortantes para a égua. A apenas 100 metros de distância, a copa da floresta ardia. O fogo descia na direção deles, as chamas saltavam de árvore em árvore numa louca corrida descendente, avançando muito mais rapidamente do que seria possível naquela época do ano. O ar quente ardia nos pulmões de Raisa, e a princesa cobriu a boca e o nariz com a manga da camisa.

Lorde Bayar ficou paralisado um instante, com olhos estreitados, contemplando alternadamente Micah, Arkeda, Miphis e, por fim, as chamas que se aproximavam. Em seguida, pegou o próprio cavalo e montou. Aproximando-se de Micah, o mago segurou com força a manga do filho, o puxou para bem perto de si e os dois se falaram a meros centímetros de distância. Micah assentiu uma vez, parecendo aterrorizado. Lorde Bayar o soltou de súbito e fez o cavalo virar, cravando os calcanhares nos flancos do garanhão e abandonando o filho para segui-lo ou ser queimado.

Raisa olhou os dois, espantada. O Grão Mago realmente esperava que o filho pudesse apagar o incêndio sozinho? Micah era poderoso, mas ainda não tinha um amuleto nem fora mandado à academia.

— Alteza! Rápido! — gritou Byrne.

Todos cavalgaram para a boca do cânion.

Se Raisa tinha esperanças de encontrar abrigo no cânion, descobriu que ele era uma faca de dois gumes. Não havia mais brasas chovendo nas cabeças deles, mas um vento de um calor calcinante rugia por entre as paredes, tão carregado de fumaça que a princesa não conseguia ver o cavalo em frente. A corrente de ar parecia abafar todos os sons, mesmo que ainda fosse possível ouvir pessoas tossindo adiante e atrás. O caminho era tão estreito que ninguém poderia se perder, mas Raisa temia que todos morressem asfixiados antes que conseguissem emergir do outro lado.

— Desmonte e puxe seu cavalo, Alteza — instruiu Byrne, emparelhando com ela. — O ar está mais fresco perto do chão. Lembre-se de segurar as rédeas bem forte. — O capitão seguiu adiante, repetindo as instruções para a próxima pessoa.

Raisa desmontou de Switcher, enrolou as rédeas de couro na mão e seguiu cambaleando pelo leito de riacho cheio de pedras. Byrne tinha razão: era mais fácil respirar ali embaixo. Era como se a pele do seu rosto estivesse quebradiça e quente, como a pele de uma galinha assada. Ela se sentiu tentada a se abaixar e molhar o

rosto na água, mas Byrne os apressava incansavelmente. O ar se tornou ainda mais carregado quando eles se aproximaram da saída do cânion, e os olhos de Raisa ardiam, deixando-lhe a vista borrada com lágrimas.

Depois de piscar para poder enxergar melhor, a princesa se viu novamente cercada de lobos do tamanho de pequenos pôneis, com os dorsos à altura do ombro dela. As visões se amontoavam ao seu redor, rosnando e mordendo, com um odor selvagem que competia com o cheiro da fumaça. A pelagem dura das feras tocava a pele de Raisa, e os lobos empurravam-lhe as pernas, como se quisessem forçá-la a sair da trilha.

— Hanalea, tenha misericórdia — sussurrou Raisa. Ninguém mais parecia notá-los. Estaria a princesa tendo uma alucinação, ou poderiam os animais ser reais, obrigados a compartilhar a trilha por conta do avanço das chamas?

Raisa estava tão concentrada na matilha que quase esbarrou em Micah, que tinha parado sem aviso à frente dela. Os lobos se desfizeram em fumaça. Em algum lugar adiante, Byrne praguejou alto. Jogando as rédeas na mão de Micah, a princesa abriu caminho por entre o resto do grupo até o começo da fila.

— Para trás, Alteza — disse Byrne, empurrando-a para trás de si. Raisa viu que a trilha além da saída do cânion estava tomada pelas chamas. O incêndio tinha se dividido e contornado o rochedo, e descia a encosta pelos dois lados do cânion. Eles estavam cercados.

— Muito bem! — exclamou Byrne, a voz ecoando pelo cânion. — Quero todo mundo no riacho. Deitem-se e tentem ficar imersos.

Gavan Bayar abriu caminho até a frente.

— O que está acontecendo? — quis saber. — Por que paramos?

Byrne deu um passo para o lado, permitindo que Bayar visse tudo. O mago contemplou o inferno por um longo momento.

— Micah! Arkeda e Miphis! Venham cá! — gritou ele em seguida.

Os três rapazes avançaram até alcançar o Grão Mago. Eles estavam tremendo, batendo os dentes e pareciam mortalmente aterrorizados. Bayar arrancou as luvas de couro fino e as meteu no bolso. Puxou uma pesada corrente de prata do bolso e atou uma ponta ao próprio pulso e a outra ao de Micah.

— Arkeda e Miphis, segurem a corrente aqui e aqui — comandou Bayar, apontando. Os dois pegaram na corrente entre Bayar e Micah como se fosse uma cobra venenosa. — Não soltem, ou vão se arrepender — continuou o mago. — Mas

não por muito tempo. — Gavan se virou para o fogo, segurou o amuleto com a mão livre e começou a entoar um feitiço.

Enquanto o Grão Mago dizia o encantamento, os três rapazes cambalearam, ofegaram e gritaram como se tivessem sido atingidos por um pesado golpe. Os dois no meio se seguravam desesperadamente à corrente, enquanto todos os três ficavam cada vez mais pálidos, como se estivessem sendo completamente esvaziados. Gotas de suor se formaram no rosto de lorde Bayar, e então evaporaram no calor calcinante. A voz sedutora do Grão Mago se entremeou ao rugido do fogo, ao estalar e chiar das árvores que explodiam, à respiração difícil dos rapazes.

Finalmente, reticente, o incêndio respondeu. As chamas tremeluziram, murcharam e se afastaram da boca do cânion como uma maré vazante, deixando no rastro uma paisagem desolada e fumegante. Bayar continuou trabalhando, afastando o fogo com palavras feiticeiras até que as chamas desapareceram completamente, mesmo que ainda estivesse escuro como se fosse o fim do mundo. O mago soltou a corrente do pulso e fez um gesto final. Os céus se abriram e caiu a chuva, chiando ao tocar a terra quente.

Em seguida, houve um suspiro coletivo de alívio e um salpicar de aplausos maravilhados. Como marionetes cujas cordas foram cortadas, Micah e os primos desabaram ao chão, permanecendo imóveis.

Raisa se ajoelhou ao lado de Micah e pousou a palma na testa fria e úmida. O rapaz abriu os olhos e fitou a princesa como se não a reconhecesse.

— O que há de errado com eles? Vão ficar bem? — perguntou Raisa, se virando para o Grão Mago. Bayar contemplou os rapazes com uma expressão peculiar e fria.

— Vão se recuperar; porém, ouso dizer que foi uma lição que eles jamais esquecerão.

Raisa tentou imaginar o próprio pai forçando-a a participar de um ritual mágico sem preparação nem explicação. E não conseguiu.

Mas também, ele não era um mago.

Byrne seguiu pela trilha, saindo do cânion e parando na chuva enquanto chutava os destroços ainda fumegantes.

— Estranho — comentou. — Nunca vi um incêndio assim antes, queimando no molhado.

— Lorde Bayar — exclamou a rainha Marianna, segurando as mãos do mago. — Isso foi verdadeiramente notável. Você salvou nossas vidas. Obrigada.

— Fico feliz em ser útil, Majestade — respondeu Bayar, forçando um sorriso e dando a impressão de que isso poderia lhe rachar o rosto.

Raisa virou-se para olhar Byrne. O capitão fitava a rainha e seu Grão Mago e esfregava o queixo áspero com a mão, o cenho franzido em confusão.

CAPÍTULO TRÊS

EMBOSCADA

Por todo o caminho de volta até o Campo Pinhos Marisa, a atitude e a postura de Dançarino desencorajaram qualquer bate-papo. Ele caminhava com os esguios ombros encolhidos, e seu rosto, geralmente luminoso, estava obscuro. Depois de duas tentativas, Han desistiu e ficou sozinho com as próprias perguntas.

Ele não sabia nada sobre feitiçaria além dos avisos assustadores da mãe. Os poderes apareceriam na infância, ou só bem mais tarde? Seria necessário ter amuletos, como aquele que pesava em sua bolsa, para fazer feitiços? Os magos precisavam ir à escola, ou já tinham um conhecimento nato da coisa toda?

Acima de tudo, como poderia ser justo que algumas pessoas tivessem poderes capazes de obrigar os outros a cumprir sua vontade; criar incêndios que não podiam ser apagados; ou transformar gatos em falcões, caso as histórias fossem verdadeiras?

Capazes de destruir o mundo até quase um ponto sem volta.

Os clãs tinham mágica também, mas de um tipo diferente. A mãe de Dançarino, Willo, era a matriarca do Campo Pinhos Marisa e uma curandeira talentosa. Ela era capaz de pegar um graveto seco e fazê-lo brotar, de cultivar qualquer coisa nas suas plantações das colinas, de curar pelo toque e pela voz. Os remédios dela eram desejados em terras tão distantes quanto Arden. Os clãs eram conhecidos pelos trabalhos com couro e metal e pela tradição na criação de amuletos e outros objetos mágicos.

Bayar tinha feito grande estardalhaço com o fato de Dançarino não ter pai conhecido. Como ele sabia disso, e por que se importaria? Na opinião de Han, Dançarino não precisava de um pai. Ele estava completamente imerso no clã, cercado por tios e tias que o amavam, primos com quem caçar, um povo em que todos eram conectados por sangue e tradição. Mesmo quando Willo viajava, sempre havia uma lareira para aquecê-lo, comida para alimentá-lo e uma cama para acolhê-lo.

Comparado a Dançarino, Han era muito mais órfão, pois tinha apenas a mãe, a irmã e o pai morto nas guerras Ardeninas. Os três dividiam um único aposento acima de um estábulo na vizinhança da Feira dos Trapilhos, em Fellsmarch. Quanto mais Han pensava no assunto, mais pena sentia de si mesmo: sem pai e sem magia. Sem perspectivas. A mãe já lhe dissera inúmeras vezes que ele nunca seria nada na vida.

Os dois estavam a pouco menos de uma milha do campo quando Han percebeu que estavam sendo seguidos. Não foi nada de específico que o alertou: ao se virar para inspecionar algumas plantas queimadas pelo frio, junto à trilha, ele ouviu passos vindos de trás que pararam subitamente. Um esquilo continuou protestando de seu galho na árvore muito tempo depois de a dupla ter passado. Noutro momento, Han deu meia-volta e pensou ter visto um relance de movimento.

O medo deixou o rapaz arrepiado. Os magos deviam ter voltado atrás deles. Han escutara histórias sobre como eles podiam ficar invisíveis ou virar pássaros e atacar dos ares. Abaixando a cabeça, por via das dúvidas, o rapaz olhou para Dançarino, que parecia absorto nos próprios pensamentos sombrios.

Han sabia muito bem que jamais deveria deixar que um inimigo escolhesse o lugar e o momento de um ataque. Assim que ele e Dançarino contornaram uma colina, segurou o braço do amigo, puxando-o para fora da trilha, escondendo-se atrás de um imenso tronco de um carvalho.

— O que você...? — exclamou Dançarino, soltando o braço com um puxão.

— Shhh — sibilou Han, levando o dedo aos lábios e gesticulando para que Dançarino ficasse parado. Han virou-se na direção de onde os dois tinham vindo, dando uma ampla volta para aparecer atrás de qualquer perseguidor. Sim. Ele percebeu um vulto pequeno, vestindo as cores da floresta, passando da sombra à luz do sol logo adiante. Han acelerou, alargando o passo, grato pelo chão úmido que absorvia o som das passadas. Estava quase lá quando o alvo provavelmente o ouviu e virou subitamente para a direita. Não querendo permitir que o feiticeiro lançasse uma bruxaria, Han se jogou, chocando-se contra o intruso e segurando-o firme enquanto rolavam encosta abaixo até o Riacho da Velha.

— Ai! — Han bateu o cotovelo num pedregulho do leito do riacho e deixou o feiticeiro se soltar; ele se debateu e contorceu, parecendo incrivelmente esguio e delicado em lugares inesperados. Han afundou, sugando muita água para os pulmões.

Tossindo e quase em pânico, o rapaz ficou de pé e jogou os cabelos molhados para longe dos olhos, temendo ser enfeitiçado antes que pudesse agir.

Atrás dele, alguém ria, ofegando de tanto se divertir, quase sem conseguir falar.

— C-c-caçador Solitário! Ainda está frio demais para n-nadar!

Han se virou. A prima de Dançarino, Sabiá Cavadora, estava sentada no riacho, com os rebeldes cachos negros colados ao redor do rosto e a blusa de linho molhada colada no corpo, de modo que o tecido leve estava quase transparente. Ela sorria para Han sem vergonha alguma, com os olhos percorrendo o corpo dele também.

Han resistiu à tentação de mergulhar de volta sob a água fria. Seu rosto ardia de vergonha, e ele sabia que deveria estar completamente vermelho. Levou um minuto até conseguir falar de novo.

— Sabiá? — sussurrou, mortificado, sabendo que nunca mais o deixariam em paz depois dessa.

— Talvez a gente devesse mudar seu nome para Caça-Sabiá. — Ela provocou.

— N-não — gaguejou Han, erguendo as mãos como se tentasse se proteger de uma maldição.

— Pula-no-Riacho? Cara Vermelha? — insistiu a menina.

Era só o que faltava. Os nomes dos clãs mudavam constantemente para se encaixar nos jovens até que eles crescessem e fossem considerados estáveis. Um bebê poderia ser Chora-à-Noite, depois Esquilo, quando criança, e finalmente Taca-Pedras ao se tornar adulto. Era sempre confuso para o povo do Vale.

— Não — implorou Han. — Por favor, Sabiá...

— Eu chamarei você do que eu bem quiser — afirmou Sabiá Cavadora, ficando de pé e indo até a margem. — Caça-Sabiá — decidiu ela. — Pode ser nosso nome secreto.

Han ficou ali parado, impotente, com água até a cintura, pensando que era ela quem precisava de um novo nome.

Ele, Sabiá e Dançarino eram amigos desde sempre. Todo verão, desde pequeno, a mãe tinha mandado Han da cidade para ficar em Pinhos Marisa. Eles acampavam juntos, caçavam juntos e lutavam batalhas sem fim contra inimigos imaginários ao longo das Montanhas Espirituais.

Os três foram alunos do mestre arqueiro ancião no Campo dos Caçadores, sofrendo com a exigência de se construir o próprio arco antes de poder usá-lo. Han estava com Sabiá quando ela matou o primeiro cervo, e então morreu de inveja até

conseguir matar um também. Nesse dia, Sabiá o ensinou a defumar a carne lentamente, para que durasse o inverno inteiro. Os dois tinham 12 anos então.

Brincavam de lobo e lebre por dias e dias. Um deles, a lebre, teria de sair pelas matas fazendo o melhor possível para despistar os outros dois, fosse andando sobre rochas sólidas, vadeando riachos por várias milhas, ou passando por algum dos Campos das terras mais altas. Se um dos lobos encontrasse a lebre, então eles andariam juntos até que o terceiro jogador os achasse.

Sabiá era uma ótima companheira de viagem. Ela conseguia encontrar os melhores locais de acampamento, protegidos do mau tempo e fáceis de defender. Era capaz de fazer fogo em meio a uma tempestade furiosa e encontrar caça em qualquer altitude. Muitas noites, eles compartilharam um cobertor para espantar o frio.

Os três tinham provado sidra forte pela primeira vez na Feira das Folhas Caídas, e Han lavou o vômito do rosto de Sabiá depois que ela bebeu demais.

Mas, ultimamente, ele sempre se sentia constrangido perto de Sabiá, e era ela quem estava diferente. Agora, quando Han chegava ao Campo Pinhos Marisa, era provável encontrá-la sentada com um grupo de outras meninas da mesma idade. Elas o encaravam sem timidez e então se juntavam e sussurravam. Se Han tentasse se aproximar, as outras garotas davam risadinhas e trocavam cutucadas.

Han já tinha sido o dono da rua em Feira dos Trapilhos, e as pessoas se esforçavam para não ficar no caminho dele. Tivera algumas meninas, pois um dono da rua podia escolher qualquer garota. Mas, por algum motivo estranho, Sabiá sempre o deixava sem jeito. Talvez fosse porque ela era tão boa em tudo que fazia.

Quando eles eram crianças, rolar no riacho não seria prelúdio para nada de mais. Agora, cada palavra trocada vinha cheia de significados, e cada ação tinha consequências acidentais.

— Sabiá! Caçador Solitário! O que aconteceu? Vocês caíram no riacho? — Dançarino chamou, do alto da encosta.

Sabiá espremeu a água das calças.

— Caçador Solitário me jogou — contou ela ao primo, um tanto arrogante.

— Eu achei que fosse outra pessoa — murmurou Han.

Sabiá se virou bruscamente para confrontar Han, a expressão endurecendo.

— Quem? — inquiriu a menina. — *Quem* você achou que fosse?

Han encolheu os ombros e foi até a margem. Esse era outro problema. Se antes eles terminavam as frases um do outro, e se entendiam quase por telepatia, agora

Sabiá tinha se tornado imprevisível, dada a bizarras explosões de mau gênio.

— Quem? — repetiu Sabiá, seguindo o rapaz bem de perto, determinada a arrancar a resposta dele. — Você achou que fosse alguma outra garota?

— Não, não outra garota. — Han arrancou as botas e derramou a água de dentro delas. Pelo menos o banho tinha limpado um pouco da lama. — A gente encontrou uns feiticeiros no Prado da Árvore Queimada. Eles espantaram os cervos, e a gente discutiu. Quando eu escutei você atrás de nós, achei que fosse um deles.

Sabiá piscou, espantada.

— *Feiticeiros* — disse ela. — O que os feiticeiros estavam fazendo aqui? E como você me confundiu com um?

— Bem, não sei — admitiu Han. — Erro meu. — Ele ergueu a cabeça e seus olhares se encontraram. Han engoliu seco. Sabiá ficou com as bochechas vermelhas e se virou para Dançarino.

— E o que foi que você disse aos bruxos, primo? — indagou ela.

— Nada — respondeu Dançarino, lançando um olhar de alerta a Han.

— A gente teria faturado um cervo cada um se não fosse por eles — disse Han, sem conseguir se conter, e se arrependeu imediatamente quando Sabiá olhou para ele e ergueu as sobrancelhas. Sabiá sempre dizia que um cervo no defumador valia uma manada inteira na mata.

— Então, o que aconteceu? — perguntou a menina, se inclinando para frente. — Tinha alguma coisa queimando? Senti cheiro de fumaça.

Han e Dançarino se entreolharam, cada um esperando que o outro falasse primeiro.

— Eles colocaram fogo em Hanalea — Han finalmente falou. — Os feiticeiros.

— E então vocês confrontaram eles? — perguntou Sabiá, olhando de um para o outro. — E depois?

— Depois nada. Eles foram embora — afirmou Dançarino.

— Tá bom — exclamou Sabiá, brava de novo. — Não precisa me contar nada. Não ligo, mesmo. Mas é melhor vocês falarem disso com Willo, pelo menos. Eles nem deveriam estar nas Espirituais, muito menos botando fogo nas coisas.

Han sentiu um calafrio. O sol tinha baixado e ele estava todo arrepiado. Nos velhos tempos, ele teria tirado todas as roupas e as estendido para secar. Deu uma olhada em Sabiá. Não dava mais para fazer isso.

— Vamos logo para Pinhos Marisa — resolveu Dançarino, como se pudesse ler a mente do amigo. — Eles já devem ter acendido as fogueiras.

O céu estava nublado, e um vento frio corria entre as montanhas, mas a rápida caminhada de 6 milhas manteve Han aquecido. Os lábios de Sabiá ficaram azulados, e Han pensou em passar o braço sobre os ombros dela para aquecê-la, mas teria sido complicado na estreita trilha rochosa. E talvez fosse motivo para que ela brigasse com ele de novo.

Os cães receberam o trio quando ainda faltava quase meia milha até o Campo. Era uma matilha bem variada: rústicos cães pastores de pelo longo, mestiços de lobo e sabujos malhados das terras baixas que tinham sido comprados nas feiras. Em seguida, vieram as crianças, desde pomposos guris, que mal tinham aprendido a andar, até as crianças maiores, de uns 10 anos, alertados pelos cachorros.

A maioria das crianças tinha cabelos longos e escuros, olhos castanhos e pele bronzeada, porém, alguns tinham olhos azuis ou verdes, como Dançarino, ou cabelos cacheados, como Sabiá. Ao longo dos anos, havia acontecido uma considerável miscigenação entre os povos do Vale e dos clãs. E também entre o povo do Vale e os magos invasores das Ilhas Setentrionais, com seus olhos azuis e cabelos claros.

Mas praticamente nenhuma mistura direta entre os magos e os clãs. Os magos não tinham permissão de entrar nas Montanhas Espirituais há mil anos.

As perguntas choveram de todos os lados, num misto de língua comum e língua dos clãs.

"Onde vocês estavam?", "Como vocês ficaram molhados?", "Quanto tempo você vai ficar?", "Caçador Solitário, você vai dormir na nossa cabana hoje?".

Mesmo que Han visitasse Pinhos Marisa frequentemente, as meninas um ou dois anos mais novas ainda se desafiavam a correr até ele e tocar-lhe o cabelo claro, tão diferente do delas.

Sabiá fez o possível para espantá-las. Uma menina especialmente agressiva arrancou uma mecha de cabelo, e Han fingiu que a perseguia, batendo os pés e fazendo caretas. Isso fez com que ela e as amigas saíssem correndo pelas matas, com as risadas filtradas pelas árvores como a luz do sol.

— O que tem na bolsa? Você trouxe bala? — perguntou uma menininha com uma longa trança, enquanto tentava enfiar a mão na mochila.

— Não tem bala hoje — grunhiu Han. — E tira a mão. Tô com a bolsa cheia de folhardida. — Terrivelmente consciente do amuleto que levava na bolsa, Han a protegeu sob a curva do braço. Era como se ele levasse uma enorme cobra venenosa ali dentro, ou um cálice frágil demais para se tocar.

Quando finalmente viram o campo, já tinham reunido um enorme séquito.

O Campo Pinhos Marisa se localizava no passo que levava pelas Espirituais, do sul até as terras baixas além. Era grande, para um campo de clãs. Tinha talvez umas cem cabanas de tamanhos variados, construídas espaçadas o suficiente para que pudesse crescer conforme as famílias aumentassem.

O Campo tinha em seu centro a Cabana Comum, uma grande construção usada para as feiras, cerimônias e banquetes pelos quais os clãs eram conhecidos. Perto da Cabana Comum, ficava a Cabana da Matriarca. Dançarino e Sabiá viviam lá com Willo, a matriarca de Pinhos Marisa, e uma mistura natural de amigos, parentes e crianças de outros campos.

Pinhos Marisa prosperava como um centro de comércio, graças à localização estratégica. Trabalhos artesanais de vários campos de todos os lugares das montanhas fluíam até ali, onde negociantes se abasteciam em suas famosas feiras e levavam os produtos dos clãs a Arden, no sul, à Corte de Tamron e a Fellsmarch, no Vale.

As relações entre os clãs e a rainha não andavam muito boas naqueles dias, mas isso não diminuía a sede do povo das terras baixas pelos produtos das terras altas: peças de prata e ouro, produtos de couro, gemas engastadas em joias e peças decorativas, tapeçarias feitas à mão, bordados, obras de arte e objetos mágicos. Produtos dos clãs nunca se desgastavam, além de trazer sorte ao dono, e diziam que os encantos dos clãs conquistariam até os amores mais resistentes.

O clã de Pinhos Marisa era famoso pelos remédios, pigmentos, curas e tecidos feitos à mão. Os Demonai eram conhecidos pelos amuletos mágicos e o poder de seus guerreiros. O clã dos Caçadores produzia carnes defumadas, pelegos, peles e armas convencionais. Outros clãs se especializavam em joalheria não mágica, pinturas e outras artes decorativas.

Pena que não era dia de feira, pensou Han. Em um dia de feira ninguém teria prestado a menor atenção no trio. O que, na opinião de Han, seria uma coisa muito boa. O rapaz estava cansado de explicar as roupas ensopadas, e foi um alívio alcançar a Cabana da Matriarca e escapar daquela tagarelice sem fim.

Um fogo ardia no centro da cabana, quente e sem fumaça. O interior era perfumado com azevinho, pinho e canela, e o cheirinho de guisado flutuava da cabana-cozinha ao lado. Han ficou com água na boca. A casa de Willo sempre tinha um cheiro bom de comida.

A Cabana da Matriarca poderia ser uma pequena feira, só com o que já tinha lá dentro. Havia grandes feixes de ervas pendurados no teto, e as paredes ficavam escondidas atrás de barris e cestos. De um lado, tintas, pigmentos e jarros de argila cheios de miçangas e penas. Do outro, os remédios: unguentos, tônicos e poções pungentes de todos os tipos, muitos destilados das plantas que Han recolhia.

Couros esticados em molduras, alguns já meticulosamente desenhados com padrões decorativos. Três garotas da idade de Han estavam reunidas diante de um deles, as cabeças quase encostadas, pintando no couro com pincéis.

Tapeçarias dividiam o cômodo em várias câmaras. Detrás de uma cortina vinha o murmúrio de vozes. Pacientes e suas famílias, às vezes, ficavam hospedados ali, para que a matriarca pudesse cuidar deles sem ter de deixar a cabana.

Willo estava sentada ao tear no canto. O batedor de cima estalava ao se chocar com a trama do tapete que ela tecia. A urdidura se estendia larga e escura, à moda invernal, pois os tecelões sempre trabalhavam uma estação adiante. Os tapetes de Willo eram resistentes e belos e, de acordo com o que as pessoas diziam, capazes de impedir que inimigos entrassem em sua casa.

Ainda tremendo, Sabiá desapareceu em uma das câmaras adjacentes para trocar as roupas molhadas.

Willo pousou a lançadeira, se levantou do banquinho e veio até os dois meninos, com as saias se arrastando sobre os tapetes. De repente, a frustração e o ressentimento de Han sumiram, e o dia ficou bom.

Todos concordavam que a matriarca de Pinhos Marisa era bonita, apesar de sua beleza ir além da aparência. Alguns mencionavam o jeito de ela mexer as mãos enquanto falava, como se fossem passarinhos. Outros louvavam sua voz, que comparavam ao rio Dyrnne, cantarolando das matas até o mar. Os cabelos negros caíam, trançados e decorados com miçangas, até quase a cintura. Quando Willo dançava, diziam que os bichos da floresta se esgueiravam para poder ver. Ela tinha o dom de se comunicar com os animais. Seu toque curava os enfermos, acalantava os enlutados, empolgava os desesperançosos e encorajava os covardes.

Quando pressionado, Han tinha dificuldade em descrever a aparência da matriarca. O rapaz concluiu que ela se encaixava numa categoria só dela, como uma ninfa das matas. Willo era o que você precisasse que ela fosse para encontrar o melhor em você mesmo.

Han não conseguia deixar de compará-la à mãe, que sempre parecia ver o pior nele.

— Bem-vindo, Caçador Solitário — disse Willo. — Você compartilhará do nosso fogo? — Era a saudação ritual aos convidados. Então o olhar da matriarca se fixou mais atentamente em Han, e ela ergueu uma sobrancelha. — O que aconteceu com você? Caiu no Dyrnne?

O garoto balançou a cabeça.

— Riacho da Velha.

Willo olhou-o de alto a baixo.

— Você andou nos poços de lama também, se não me engano.

— Bem. É. — Han fitou os pés, envergonhado por ter sido tão descuidado com as belas botas que ganhara de Willo.

— Ele pode ficar com as minhas calças das terras baixas — ofereceu Dançarino, em seguida, estudando as longas pernas de Han. — Mesmo que vá ficar curta nele.

Como a maioria das pessoas dos clãs, Dançarino tinha pelo menos um ou dois pares de calças justas e um par de culotes para serem vestidos na cidade. Ele ficaria feliz em se desfazer dos culotes. Dançarino só usava as desconfortáveis roupas das terras baixas sob muito protesto, mesmo.

— Acho que tenho alguma coisa que servirá. — Willo foi até o amontoado de cestos, caixas e baús junto à parede. Ajoelhou-se ao lado de uma das caixas e revirou as roupas ali guardadas. Perto do fundo, encontrou o que queria e puxou um par de culotes surrados de algodão pesado. A matriarca ergueu as calças e olhou para Han e de volta à peça de roupa.

— Estas vão caber — proclamou Willo, entregando as calças a Han, além de uma camisa de linho desbotada, macia depois de tantas lavagens. — Me dê as botas — comandou a matriarca, estendendo a mão, e por um momento Han temeu que ela quisesse tomá-las de volta permanentemente. Willo deve ter visto o pânico no rosto dele, pois logo acrescentou: — Não se preocupe. Eu só quero ver o que posso fazer para limpá-las.

Han puxou as botas enlameadas e as entregou, e então entrou em um dos quartos para trocar de roupa. Tirou as calças e a camisa molhadas, e vestiu os culotes, pensando em como gostaria de lavar a lama da pele. Como se seus desejos silenciosos tivessem alcançado os ouvidos do Criador, Sabiá abriu as cortinas e entrou, trazendo uma bacia de água fumegante e um pedaço de pano.

— Ei! — exclamou Han, aliviado por não estar totalmente despido. — Você podia ter batido. — O que foi algo meio ridículo de se dizer, já que não havia porta nenhuma.

Sabiá tinha trocado as roupas de trilha encharcadas por uma saia e uma blusa bordada, e seus cabelos molhados estavam assumindo o fascinante emaranhado de costume ao secar. Han ainda estava sem camisa, e ela olhava fixamente o peitoral e os ombros do rapaz, como se os achasse interessantíssimos. Han olhou para baixo, para ver se tinha se enlameado por baixo da camisa também. Mas ele estava limpo, pelo menos ali.

Sabiá se aboletou no catre ao lado do rapaz, colocando a bacia no chão entre os dois.

— Aqui — disse ela, entregando um pedaço perfumado de sabão das terras altas e o pano.

Han enrolou as pernas dos culotes acima dos joelhos, ensaboou o trapo e lavou a lama dos pés descalços e das pernas, enxaguando na bacia. Em seguida, esfregou os braços e as mãos. Os braceletes de prata nos pulsos giravam quando ele tentava limpá-los.

— Deixa eu ajudar — Sabiá pegou uma escova de pelo de javali, segurou o bracelete esquerdo e começou a esfregar. Ela se inclinou para a frente, com a testa franzida daquele jeito familiar, que significava concentração. Sabiá estava usando algum tipo de perfume, e tinha cheiro de ar fresco, baunilha e flores.

— Você tinha que tirar essas coisas quando fosse entrar na lama — resmungou.

— Que conselho mais útil — retrucou Han, revirando os olhos. — Tenta tirar, tenta! — Ele puxou um dos braceletes, como demonstração. Era uma faixa de prata sólida com quase 8 centímetros, estreita demais para deslizar por sobre a mão. O rapaz os usava desde que se entendia por gente.

— Você sabe que tem magia neles, né? Caso contrário, já teriam ficado apertados no seu braço. — Sabiá usou a unha para escavar a lama seca. — Sua mãe comprou com um mascate?

Han fez que sim com a cabeça. Devia ter sido em algum momento próspero do passado, quando eles tinham dinheiro para gastar em braceletes de prata para um bebê. Quando eles ainda não viviam com uma mão na frente e outra atrás, como a mãe dele costumava dizer.

— Ela tem que lembrar de alguma coisa — insistiu Sabiá. A menina parecia nunca saber quando abandonar um assunto. — Talvez você pudesse encontrar o mascate que vendeu o bracelete.

Han encolheu os ombros. Eles já tinham conversado sobre isso antes, conversas em que a participação do rapaz tinha se resumido a isso: encolher os ombros. Sabiá não conhecia a mãe dele, que nunca tinha vindo aos campos nas montanhas, nunca tinha partilhado de canções e histórias ao redor do fogo. A mãe não gostava de falar no passado, e Han havia muito aprendera a não perguntar demais, a não ser que quisesse levar uma colherada nos dedos, ou dormir sem jantar.

Nos clãs, eles adoravam contar histórias. Histórias sobre coisas que tinham acontecido mil anos antes. Han nunca se cansava de escutá-las. Ouvir uma história dos clãs que você já conhecia era como entrar debaixo dos cobertores numa noite fria, com a barriga cheia, sabendo que iria acordar em segurança, no mesmo lugar.

Sabiá soltou a mão de Han e pegou a outra. Os dedos dela estavam quentes, ensaboados e escorregadios.

— Esses símbolos têm que significar alguma coisa — afirmou, apontando o bracelete com o indicador. — Talvez, se você soubesse usar eles, poderia, sei lá, fazer fogo com as mãos.

Han estava pensando que seria mais fácil ele botar fogo do próprio traseiro.

— Eles parecem ser trabalho dos clãs pra mim, mas Willo não sabe o que os símbolos significam — explicou Han. — E, se ela não sabe, então ninguém sabe.

Sabiá finalmente desistiu do assunto. Ela enxaguou as mãos e os pulsos dele e usou a barra da saia para secá-los. Em seguida, tirou um pote do bolso, destampou e passou uma pasta na prata.

Han tentou puxar o braço, mas Sabiá segurava com força.

— O que é isso? — o rapaz indagou, desconfiado.

— Polimento — explicou Sabiá, esfregando a prata com um pano seco até o bracelete ficar reluzente. Ela repetiu o processo com o outro braço. Han se rendeu, mesmo não querendo que os braceletes chamassem muita atenção.

— Você vem na minha festa de rebatizado? — Sabiá indagou de repente, com os olhos ainda concentrados na tarefa.

Han ficou surpreso com a pergunta.

— Bom, eu queria vir, sim. Se me chamarem. — Ele nunca tinha considerado a hipótese de não ser convidado. A família de Sabiá era uma das mais importantes dos clãs, já que ela era sobrinha da matriarca de Pinhos Marisa. A maioridade de Sabiá seria celebrada com uma grande festa, pela qual Han aguardava ansioso.

A menina fez que sim com a cabeça uma vez.

— Ótimo.

— Ainda falta um mês, né? — Para Han, um mês era uma eternidade. Qualquer coisa poderia acontecer nesse meio-tempo. Ele nunca planejava nada além de um ou dois dias à frente.

Sabiá concordou de novo.

— Um mês para o meu 16º rebatizado.

Ela finalmente soltou os braços de Han e deixou as próprias mãos pousarem no colo. Sabiá esticou os dedos dos pés descalços para fora da saia e ficou olhando para eles. Usava um anel de prata no dedinho do pé esquerdo.

— Você já decidiu sua vocação? — perguntou Han.

Nos clãs, os rapazes e as moças até 16 anos eram treinados em todos os ofícios, desde a caça, o rastreio, o pastoreio e o uso de armas até a tecelagem, serralheria, as artes curativas e o canto.

Aos 16, os jovens renasciam para suas vocações e se tornavam aprendizes. Todos eram obrigados a ter um ofício; porém, o conceito de ofício nos clãs era mais flexível que na cidade.

Por exemplo, contar histórias era um ofício.

Quando Han percebeu que Sabiá não tinha respondido, ele repetiu a pergunta:

— Você já escolheu um ofício?

— Eu vou ser uma guerreira — respondeu ela, erguendo o olhar decidido ao rapaz, como se o desafiasse a discordar.

— Uma guerreira! — Han piscou, e em seguida deixou escapar: — O que Willo acha disso?

— Ela ainda não sabe — Sabiá revelou, cravando os dedos dos pés no tapete. — Não conte a ela.

Willo poderia ficar desapontada, pensou Han. Como ela não tinha uma filha, provavelmente esperava que Sabiá a sucedesse como matriarca e curandeira. Mesmo que a garota não fosse lá muito maternal.

— Quantos guerreiros são necessários em Pinhos Marisa? — indagou Han.

— Quero ir a Demonai — explicou Sabiá, encolhendo os ombros.

— Sério? — Sabiá estava sendo ambiciosa. Os guerreiros Demonai eram combatentes e caçadores lendários. Diziam que eram capazes de sobreviver por semanas na mata e se sustentavam só de vento, chuva e luz do sol. Diziam também que um guerreiro Demonai valia por cem soldados.

Pessoalmente, Han achava que eles eram um bando arrogante que nunca se misturava, nunca sorria e tentava fazer todo mundo pensar que eles tinham segredos que os outros jamais saberiam.

— Contra quem você lutaria? — perguntou Han. — Quer dizer, faz anos desde que tivemos uma guerra nas terras altas.

Sabiá parecia irritada com a falta de entusiasmo do amigo.

— Tem muito sangue correndo no sul. Os refugiados estão vindo para as montanhas. Sempre há uma chance de que o conflito se espalhe até aqui — ela soava quase como se quisesse que isso acontecesse.

No caos que se seguiu à Cisão, as terras de Arden, Tamron e Bruinswallow tinham se separado de Fells. Agora as planícies ao sul estavam envolvidas em uma guerra civil incessante. O pai de Han tinha se alistado como mercenário, ido ao sul e morrido lá. Mas a paz reinava no norte há mil anos.

— Willo está preocupada — Sabiá continuou quando Han permaneceu calado. — Alguns magos estão dizendo que eles desistiram do poder com muita facilidade, e que está na hora de os magos reis voltarem. Eles acham que magos reis seriam capazes de nos proteger dos exércitos do sul — Sabiá balançou a cabeça, com uma expressão de repulsa. — As pessoas têm memórias curtas demais.

— Já faz mil anos — comentou Han, e foi premiado com um olhar furioso. — De qualquer maneira, a rainha Marianna não permitiria isso — acrescentou ele. — Nem o Grão Mago.

— Dizem por aí que ela não é uma rainha forte — retrucou Sabiá. — Não como as rainhas do passado. E dizem por aí que os magos estão ficando muito poderosos.

Han se perguntou quem estaria "dizendo por aí" todas essas coisas.

— De qualquer maneira, você não tem medo de ser morta? Sendo uma guerreira, digo. — Han não pôde deixar de pensar no pai e em como sua vida seria diferente se ele ainda estivesse vivo.

Sabiá bufou de indignação.

— Não venha me dizer que não vai ter guerra, e depois me avisar que eu poderia ser morta.

Na verdade, Han não tinha dúvida de que Sabiá seria uma grande guerreira. Mesmo que não fosse fisicamente tão forte quanto ele, Sabiá era muito melhor com um arco. Melhor na carpintaria. Melhor no rastreio. Ela era capaz de olhar uma paisagem inóspita e saber onde os cervos estavam escondidos. Sabiá era melhor na tarefa de antecipar as manobras de um possível inimigo. Ela sempre tinha sido mais esperta que Han.

E não havia nada que ela gostasse mais do que espreitar alguma coisa.

Han ergueu o olhar e percebeu que Sabiá o observava, como se esperasse ansiosa por uma resposta.

— Você será uma grande guerreira, Sabiá Cavadora — Han declarou e sorriu. — É perfeito, uma ótima escolha — ele segurou a mão de Sabiá e apertou.

Sabiá abriu um sorriso, enquanto piscava para conter as lágrimas, e Han se espantou que a aprovação dele fosse tão importante para ela. E se espantou mais ainda quando ela se inclinou e o beijou na boca.

A menina se levantou, pegou a bacia e saiu.

— Sabiá! — Han chamou, pensando que, se ela queria beijar, ele ficaria feliz em atendê-la. Porém, quando ele conseguiu dizer qualquer coisa, Sabiá já estava longe.

Quando voltou ao salão comum, Sabiá não estava mais lá, e Willo e Dançarino estavam sentados no chão, de frente um para o outro, conversando. Se não era exatamente uma discussão, era quase isso. Han recuou para a porta, constrangido, sem querer interromper. Mas podia ouvir tudo que os dois diziam.

— Você queria que eu ficasse só olhando enquanto eles queimavam a montanha? — dizia Dançarino, com a voz trêmula de raiva. — Não sou covarde.

Han estava chocado. Ninguém nunca falava assim com Willo.

— Eu quero que você lembre que tem só 16 anos — respondeu Willo calmamente. — Quero que você use o bom senso. Não havia razão para confrontá-los. O que você conseguiu com isso? Sua bravura apagou as chamas?

Dançarino não disse nada, apenas manteve a expressão de fúria. Willo estendeu a mão e acariciou o rosto do filho.

— Deixe pra lá, Dançarino, como eu fiz — ela continuou suavemente. — Isso não é coisa sua. Guardar rancor dos magos só lhe criará problemas.

— Eles não eram muito mais velhos que eu ou Han — retrucou Dançarino, com teimosia. — Você não disse que os magos precisam ter 16 anos para entrar na academia em Vau de Oden? E que eles não podem usar magia antes de começar o treinamento?

— As coisas *permitidas* aos magos e as coisas que eles *fazem* são muito diferentes — explicou Willo. Em seguida, ela se levantou, foi até o tear e começou a mexer na urdidura. — Quem eram eles?

— O líder se chamava Micah. Micah Bayar.

Willo estava de costas para Dançarino e virada para Han, então ele pôde ver que o rosto da matriarca ficou completamente branco ao escutar o nome.

— Você tem certeza? — indagou ela, sem se virar.

— Bem, quase certeza — Dançarino soava confuso, como se tivesse percebido algo na voz da mãe. — Por quê?

— Ele é da Casa Aerie. É uma família de magos poderosos — contou Willo — e não devem ser desafiados. Eles perguntaram seu nome?

Dançarino ergueu o queixo.

— Eu *disse* meu nome. Disse que era Dançarino de Fogo do Campo Pinhos Marisa — Dançarino hesitou. — Mas ele parecia me conhecer como Hayden.

Willo fechou os olhos e balançou a cabeça de leve. Suas palavras seguintes chocaram Han:

— E quanto a Caçador Solitário? Ele falou? Eles sabem o nome *dele*?

Dançarino inclinou a cabeça, pensativo.

— Acho que não — respondeu. — Não me lembro de ele ter se apresentado. — O rapaz riu com amargura. — Provavelmente não vão lembrar de nada além da flecha dele, apontada para os corações podres dos magos.

Willo se virou de repente e encarou Dançarino, de modo que Han não pôde mais ver seu rosto.

— Ele apontou um arco para eles? — exclamou ela, com a voz falhando na palavra *arco*. Dançarino deu de ombros.

— O tal de Micah tinha um amuleto. Estava me enfeitiçando. Caçador Solitário o deteve.

Han prendeu a respiração e esperou que Dançarino contasse a Willo que Han tinha tomado o amuleto, mas Dançarino não falou mais nada.

Willo suspirou, parecendo preocupada.

— Vou falar com a rainha. Isso tem de parar. Ela precisa proteger a Noéming e manter os magos longe das montanhas. Se não fizer isso, os guerreiros Demonai o farão.

Isso era espantoso. Willo dizendo o que a rainha precisava fazer. Ela fez soar como se falar com a rainha fosse uma coisa habitual. Willo *era* a matriarca, mas mesmo assim... Han tentou imaginar como seria se encontrar com a rainha.

Vossa Exaltada Majestade, sou Han Taca-plantas. Cava-lama. Antigo dono da rua dos Trapilhos.

Willo e Dançarino mudaram de assunto. A matriarca se inclinou para a frente e colocou a mão sobre a mão do filho.

— Como você se sente?

Dançarino puxou a mão e se afastou.

— Estou bem — respondeu com dureza. Willo fitou o filho por um longo momento.

— Você tem tomado a sorveira-alta? — insistiu Willo. — Eu tenho mais, se você...

— Eu estou tomando — Dançarino a interrompeu. — E tenho bastante.

— E está funcionando? — indagou Willo, estendendo a mão novamente. Como curandeira, ela usava o toque tanto para o diagnóstico quanto para a cura propriamente dita.

Dançarino se levantou, escapando da mão dela.

— Estou bem — repetiu ele, encerrando secamente o assunto. — Vou procurar Caçador Solitário.

O rapaz se virou para a porta onde Han se escondia.

— Chame-o para comer conosco — pediu Willo.

Han foi forçado a bater em retirada apressadamente, voltando à câmara de dormir, então isso foi tudo que ouviu. Porém, pelo resto do dia, durante todo o jantar e o tempo que passaram ao redor da fogueira, aquela conversa pesou em sua mente.

O rapaz estudou Dançarino discretamente. Será que ele estava doente? Han não tinha notado nada antes, e continuava sem notar nada agora, exceto que Dançarino parecia menos animado e mais sério que o normal. Mas isso poderia ser consequência do confronto daquela tarde e da discussão com a mãe.

Han conhecia essa árvore, sorveira, também chamada de freixo-da-montanha. Ele catava a madeira e os frutos, pois ambos eram usados em remédios nos clãs. Dizia-se que a madeira era boa para se fazer amuletos e talismãs que afastavam o mal. Sorveira-alta era especialmente valiosa nas feiras dos clãs. Crescia no alto das árvores, e Han já tinha aprendido do jeito mais difícil a não tentar empurrar sorveira comum como sendo sorveira-alta. Pelo menos, para os clãs.

Willo tinha perguntado: "E está funcionando?" Será que alguém tinha enfeitiçado Dançarino? Será que ele e Willo estariam preocupados com a possibilidade de isso acontecer? Seria esse o motivo do rancor que Dançarino sentia dos magos?

Han queria perguntar, mas então eles saberiam que o rapaz tinha escutado a conversa. Por isso ele guardou as perguntas para si mesmo.

CAPÍTULO QUATRO

UM BAILE DE PRETENDENTES

A tarde estava terminando quando Raisa finalmente subiu a escadaria curva de mármore que levava à torre da rainha. Tudo nela doía; estava imunda e fedia a fumaça. Mellony já estava no banho. Raisa ouviu a irmã cantando e espirrando água ao passar diante dos aposentos dela no alto da escadaria. Mellony estava sempre tão terrivelmente animada.

Raisa tinha se mudado para novos aposentos depois de voltar do Campo Demonai; maiores, mais elaborados, dignos de uma princesa-herdeira de quase 16 anos, ou seja, quase pronta para casar. Originalmente, ela tinha sido designada a um conjunto de aposentos próximo à ala da rainha, forrado em veludo e damasco, equipado com uma imensa cama com dossel e um armário, todos de cerejeira. Parecia lotado mesmo quando Raisa estava sozinha.

Raisa tinha implorado à mãe a reabertura do apartamento no extremo oposto do corredor, que tinha permanecido interditado e ignorado desde sempre. Havia muitos apartamentos fechados no Castelo de Fellsmarch, já que a corte era menor atualmente, mas poucos com uma localização tão privilegiada, com acesso direto à rainha.

Alguns servos veteranos diziam que o apartamento tinha sido abandonado porque sua parede de janelas o fazia frio no inverno e quente no verão. Outros contavam que era amaldiçoado, que tinha sido daquele exato quarto que Hanalea fora raptada pelo Rei Demônio há mil anos, o incidente que levou à Cisão. Nessa versão, a própria Hanalea tinha ordenado que o apartamento fosse lacrado, jurando que jamais pisaria nele novamente.

A lenda afirmava que o fantasma de Hanalea às vezes aparecia na janela em noites tempestuosas, com mãos estendidas, os cabelos soltos serpenteando ao redor da cabeça, chamando por Alger Waterlow.

Isso era simplesmente ridículo, pensou Raisa. Quem esperaria numa janela por um demônio, ainda por cima chamando seu nome?

Quando a mãe de Raisa finalmente cedeu, e os carpinteiros removeram as barreiras, foi descoberto um conjunto de aposentos congelados no tempo, como se o ocupante anterior pretendesse voltar. Os móveis estavam reunidos sob lençóis para protegê-los do sol brilhante que penetrava pelas janelas empoeiradas. Quando as cortinas foram removidas, os tecidos brilhavam, surpreendentemente vibrantes após mil anos.

Os objetos da última ocupante estavam arrumados exatamente como ela os deixou. Uma boneca com um vestido antiquado espiava de uma prateleira no canto. Tinha uma cabeça de porcelana com olhos azuis vazios e longos cachos loiros. Havia pentes e escovas espalhados na penteadeira, com cerdas roídas por camundongos, e, arrumados sob um espelho prateado, frascos cristalinos de perfume há muito evaporado.

Vestidos de uma era perdida estavam pendurados no armário, feitos para uma menina alta e esbelta com uma cintura muito fina. Alguns dos tecidos se desfizeram ao toque empolgado dos dedos de Raisa.

A lareira era decorada com lobos de pedra. As salas de estar tinham as paredes cobertas com estantes de livros. Havia mais livros empilhados na mesinha junto à cama. Os volumes do quarto eram quase todos romances, histórias de cavaleiros, guerreiros e rainhas, escritos numa versão da língua do Vale carregada de construções frasais arcaicas. Nas salas de estar ficavam as biografias e os tratados de política, incluindo *Uma história do clã das terras altas* e uma primeira edição da obra de Adra *ana*'Doria, *O governo e os governantes na Era Moderna*. A própria Raisa estava desbravando tais tomos, sob o olhar severo de um dos tutores.

Tivesse sido de Hanalea ou não, a suíte fora ocupada por uma jovem garota, provavelmente uma princesa. Talvez ela tivesse morrido, pensou Raisa, e seus pais tivessem preservado o quarto como um relicário. Essa ideia lhe causou deliciosos arrepios.

Já que o apartamento ficava em um dos torreões, era menor que os aposentos anteriormente designados à princesa. Porém, eles pareciam espaçosos e ofereciam a vista da cidade e das montanhas em três lados.

Raisa arrastou a cama até o espaço entre as janelas e, quando nevava, ela se sentia como a princesa-fada no globo de neve que seu pai tinha lhe trazido de Tamron, anos antes. Em noites límpidas, Raisa pressionava o rosto contra o vidro, fingindo que estava voando numa nau alada por entre as estrelas.

O melhor de tudo era que a princesa tinha descoberto um painel deslizante em um dos closets, que revelou uma passagem secreta que serpenteava dentro das muralhas pelo que pareciam ser milhas. A passagem levava a uma escadaria, e esta, ao solário no telhado, um jardim protegido por vidro que era o lugar favorito de Raisa em todo o Castelo de Fellsmarch, mesmo que estivesse abandonado.

Quando Raisa finalmente empurrou as portas do quarto, se deparou com Magret Gray, sua babá, esperando por ela. Magret era uma mulher formidável, alta e larga, com um colo capaz de acomodar várias criancinhas.

Magret não era mais a babá de Raisa, obviamente, mas ainda possuía uma autoridade não oficial remanescente das tarefas de trocar fraldas de princesa, lavar orelhas de princesa e até mesmo dar palmadas em traseiro de princesa. O banho de Raisa já fumegava sobre o pequeno fogareiro, e roupas íntimas novas estavam estendidas na cama.

— Alteza! — exclamou Magret, parecendo horrorizada. — A alteza é uma visão aterrorizante, com certeza. A princesa Mellony disse que a alteza estava pior que ela, e eu não acreditei. Devo um pedido de desculpa à jovem dama.

Certo, pensou Raisa. Se um dia eu não conseguir me meter em mais confusão que Mellony, cortarei minha própria garganta.

O olhar de Raisa recaiu sobre a bandeja de prata junto à entrada, onde Magret deixava mensagens, correio e cartões de visita. Os pretendentes começaram a zumbir como moscas ao redor de uma carcaça conforme Raisa se aproximava do 16º rebatizado. Todos os dias, sem exceção, havia cinco ou seis presentes elaborados, que podiam ser joias, flores, espelhos e penteadeiras, vasos e obras de arte, além de uma dúzia de convites em letras douradas e cartas em papel timbrado, a maioria declarações de amor e devoção eternos, além de propostas que variavam do insosso ao indecente.

Alguns dos presentes eram elaborados demais para serem aceitos. Um príncipe pirata do outro lado do oceano Indio tinha enviado um modelo engenhoso do navio que ele se propôs a construir para Raisa, de modo que ela pudesse partir velejando com ele. A secretária da rainha tinha respondido em nome de Raisa, recusando educadamente.

Raisa tinha ficado com o modelo, porém. Ela gostava de colocá-lo para navegar no lago do jardim.

Verdade seja dita, Raisa não tinha a menor intenção de se casar tão cedo com quem quer que fosse. Sua mãe era jovem, ainda reinaria por muitos anos, então não havia necessidade de correr para o confinamento do casamento.

Se Raisa conseguisse o que queria, seu casamento seria a culminação de uma década inteira sendo cortejada.

O que a fez pensar em Micah. Ele estaria no jantar. Seu coração acelerou.

No centro da bandeja de galanteios, havia um envelope bem simples.

— De quem é esse? — indagou a princesa enquanto o pegava.

Magret encolheu os ombros.

— Não sei, Alteza. Estava diante da sua porta quando voltei do almoço. Agora sente-se para que eu possa tirar essas botas. — Magret disse *essas botas* com um tom decididamente desaprovador.

Raisa se sentou na cadeira junto à porta, ainda estudando o envelope enquanto Magret lhe puxava as botas. Deixaram manchas de lama e cinzas no imaculado avental branco da babá.

Seu nome estava escrito na frente do bilhete numa letra elegante e bastante familiar. Ela o abriu e desdobrou a página.

Raisa,

Estou de volta. Venha me ver, se você ler isto antes do jantar. Estarei no lugar de sempre.

Amon

— Amon voltou! — exclamou Raisa, se levantando de súbito, com um pé calçado e o outro não. Ela agarrou os cotovelos de Magret e dançou com a babá pela sala, ignorando os protestos ultrajados. Ela se sentia como um rebocador puxando uma das grandes embarcações do porto dos Penhascos de Giz.

— Em nome de Santa Hanalea, *pare*, Alteza! — gritou Magret, lutando para recuperar a dignidade. Finalmente a mulher soltou os braços e começou a tirar a túnica de Raisa.

— Não! — disse Raisa, se libertando. — Espera aí, Magret, preciso ir falar com Amon. Preciso descobrir o que...

Magret se plantou diante da porta.

— O que você *precisa* é entrar naquele banho e se esfregar bem. Se ele a vir nesse estado, vai levar um susto!

— Magret! — protestou Raisa. — Deixa disso. É só o Amon. Ele não liga para...

— Amon esperou todo esse tempo, vai esperar mais um pouquinho. A senhora tem o jantar daqui a duas horas e está cheirando como se tivesse saído do defumador.

Ainda resmungando, Raisa se deixou ser despida do resto da roupa e entrou no banho. Ela teve de admitir, a sensação foi maravilhosa. A água quente fez seus muitos cortes e arranhões arderem, mas também apaziguou e relaxou os músculos doloridos.

Magret segurou a camisa e as calças chamuscadas com o braço esticado, franzindo o nariz.

— Isso aqui vai direto para Feira dos Trapilhos — declarou ela.

— Por favor, Magret — implorou Raisa, horrorizada. — Você não pode jogá-las fora. São as únicas roupas confortáveis que eu tenho.

Fazendo cara feia, Magret jogou as peças no cesto de roupa suja.

Foram necessárias as duas horas inteiras para que Magret tornasse Raisa em algo que ela chamou de "apresentável". Magret trouxe um novo vestido que ela fizera usando um dos velhos vestidos de Marianna. Era uma surpresa agradável; muito menos exagerado que as peças que Marianna escolhia para a filha, com um caimento simples de seda esmeralda que drapejava o corpo, e um decote no busto, baixo o bastante para ser um tanto ousado.

Magret moldou o cabelo ainda úmido num coque e o prendeu no topo da cabeça, colocando a tiara dourada em cima. Para finalizar, a babá trouxe o colar de rosa agreste de Raisa, um presente do pai dela, Averill Pés Ligeiros. Rosa Agreste era o nome de clã da princesa. Ele chamava a filha de Rosa Agreste por causa da beleza, dizia. E dos muitos espinhos.

Quando Raisa finalmente chegou ao salão de jantar, já estava lotado. Um quarteto de cordas afinava os instrumentos a um canto, garçons com bandejas circulavam, e os costumeiros esfomeados da corte enxameavam uma mesa lateral coberta de queijos, frutas e vinho.

Raisa logo esquadrinhou o aposento, procurando Amon, por mais que não esperasse encontrá-lo ali. Era pouco provável que ele fosse convidado a se misturar com a aristocracia.

A princesa viu a avó, Elena Demonai, matriarca do Campo Demonai, do outro lado do salão. Ela estava cercada de um pequeno grupo de outros membros do clã, vestindo o manto longo e elaboradamente bordado que era reservado para ocasiões especiais.

Raisa foi até a avó e tomou suas mãos, curvando a cabeça sobre elas à moda dos clãs.

— Boa noite, *Cennestre* Demonai — saudou a princesa em língua dos clãs.

— Melhor falar a linguagem das terras baixas aqui, minha neta — respondeu Elena. — Pois não queremos que o povo do Vale pense que estamos trocando segredos.

— A senhora teve notícias de meu pai? — insistiu Raisa, ainda falando em língua dos clãs. Irritar o povo do Vale era um dos seus raros passatempos, naqueles dias.

— Ele logo estará de volta — disse Elena. — Para o seu rebatizado, ou mesmo antes.

O pai da princesa tinha rumado ao sul para mais uma expedição de comércio, cruzando Arden até Angra de We'en e além. Era arriscado, em tempos de guerra, mas, em tempos de guerra, tais expedições geravam lucro imenso.

— Eu me preocupo com ele — comentou Raisa. — Dizem que há batalhas ferozes no sul.

Elena apertou a mão da neta.

— Seu pai era guerreiro antes de ser mercador. Ele sabe cuidar de si mesmo.

Leve-me de volta a Demonai, era o que Raisa desejava dizer. *Já estou farta de ficar aqui, exibida como uma joia numa vitrine onde não me encaixo.* Mas ela simplesmente agradeceu à avó e se afastou.

Uma dúzia de jovens cortesãos tinha ocupado o espaço ao redor da lareira. Desde o retorno de Raisa, mais e mais nobres mandavam seus filhos à corte, colocando-os sob o olhar da princesa-herdeira, esperando conquistar, se não um casamento, ao menos conexões que beneficiariam a família no futuro.

Wil Mathis, grandalhão e amistoso, transbordava de uma cadeira junto à lareira. Wil era um mago de 18 anos, herdeiro de Pedra do Forte, uma propriedade às margens do rio Grota de Fogo na direção dos Penhascos de Giz. De personalidade despreocupada, sem ambição e um tanto preguiçoso, o rapaz era mais charmoso que a maioria de sua espécie. Preferia passar o tempo caçando, jogando dados e baralho, batendo papo com garotas, e evitava o mundo da política.

Adam Gryphon tinha estacionado sua cadeira de rodas ao lado de Wil. Adam também era herdeiro de uma poderosa casa de magos, mas um acidente na infância tinha lhe deixado com pernas atrofiadas. Ele se locomovia numa cadeira de rodas ou com um par de muletas.

Raisa não conhecia Adam muito bem. Ele tinha passado três anos na escola em Vau de Oden. Mesmo quando estava em casa, parecia preferir a companhia dos livros. Suas palavras ácidas impediam que sentissem pena dele. Os pais provavelmente o arrastaram de volta à corte, de modo a aproveitar a temporada.

Os primos de Raisa, Jon e Melissa Hakkam, estavam lá, assim como a irmã de Raisa, Mellony, cujo status de realeza lhe dava passe-livre para ficar com a turma mais velha. Os irmãos belos, loiros e desprovidos de inteligência, Kip e Keith Klemath, estavam se entupindo com queijo e gargalhando sem nenhum motivo específico. Os pais deles provavelmente tinham esperanças de que um dos dois conquistasse a atenção de Raisa. Assim, os irmãos a cortejavam com entusiasmo desajeitado, como um par de golden retrievers babões.

— Eu poderia lhe trazer uma taça de vinho, Alteza? — indagou Keith.

— Eu lhe trarei uma também! — exclamou Kip, olhando feio para o irmão. Os dois saíram apressados.

Como se ela fosse se casar com um sujeito chamado Kip.

Micah estava encostado à lareira, ladeado pela irmã gêmea, Fiona, e cercado pelo cortejo de garotas encantadas de sempre. Melissa e Mellony prestavam atenção total em cada palavra dele. Raisa tinha de admitir, Micah havia se recuperado bem; vestia uma jaqueta de seda negra e calças cinzentas que destacavam as estolas de falcão. Suas mãos estavam enfaixadas e ele ainda parecia bem pálido em contraste com a juba de cabelo negro-azulado. Enquanto Raisa o observava, Micah pousou uma taça vazia numa mesa e pegou uma cheia de um dos garçons que passavam. Fiona se inclinou para mais perto dele e murmurou algo. O que quer que tenha sido, ele não gostou. Micah balançou a cabeça, franzindo a testa, e se virou um pouco de costas para a irmã.

Os dois eram magos, Fiona e Micah, e pareciam imagens em negativo um do outro, muito belos. Tinham a mesma altura, a mesma estrutura óssea esbelta, os mesmos rostos angulosos e o mesmo humor ácido. O cabelo de Fiona era completamente branco, inclusive os cílios e as sobrancelhas. Até seus olhos eram de um azul pálido, como uma sombra na neve.

Fiona e Micah estavam sempre discutindo, mas, se você comprasse briga com um deles, teria que lidar com os dois.

— Você não ficou assustado quando viu o incêndio? — indagou Missy a Micah, com os olhos azuis arregalados e aterrorizados. — Eu teria dado meia-volta e corrido

montanha abaixo.

Raisa teve que se esforçar para não fazer uma careta ou imitar a pose fútil de Missy.

Uma dama guarda seus pensamentos negativos para si mesma.

— *Eu* fiquei assustada — comentou Mellony, corando. — Mas Micah chegou cavalgando em meio a todos nós e avisou que o incêndio se aproximava e que nós deveríamos fugir. Ele já tinha se queimado ao tentar apagar o fogo, mas não estava nada assustado.

Micah parecia estranhamente relutante em falar sobre as aventuras recentes.

— Bem, que bom que tudo deu certo no fim. Alguém gostaria de mais vinho?

— Mas Mellony não disse que você chegou atrasado à caçada? — indagou Missy, empertigando os ombros para exibir melhor o enorme busto. — Como foi que você ficou entre a rainha e o fogo?

Ótima pergunta, pensou Raisa, espantada que Missy tivesse considerado a questão. Ainda perto da parede, a princesa se aproximou.

Micah parecia concordar que se tratava de uma boa pergunta. Ele tomou um longo gole de vinho e pensou a respeito.

— Bem, é, nós vimos o fogo de baixo, então pegamos um atalho para tentar alcançar o grupo e... — Micah ergueu o olhar, viu Raisa e se aproveitou da distração para mudar de assunto. — Eis a princesa Raisa — anunciou ele, se curvando com elegância.

Raisa estendeu a mão, que Micah recebeu e levou aos lábios; em seguida, levantou a cabeça e fitou-lhe os olhos, mandando um sussurro de poder pelos dedos. A princesa estremeceu e puxou a mão. Jovens magos às vezes vazavam magia, mas ele sorriu, deixando transparecer que estava se exibindo.

Raisa pisou no pé dele e sorriu, deixando transparecer que *aquele* também não tinha sido um acidente.

Fiona olhou feio para Raisa, de alguma forma se tornando ainda mais alta ao fazer uma mesura gélida.

Bem, certo, pensou Raisa, sentindo-se culpada. *Talvez o seu irmão tenha bebido vinho demais. De fato, ele salvou minha vida, merece comemorar, e provavelmente está sentido dor.*

— Micah está sendo muito modesto — comentou Raisa, em um elogio que era um pouco pedido de desculpas. — O incêndio veio na nossa direção como um

estouro de boiada. Ficamos presos num cânion estreito com chamas por todos os lados, e eu pensei que iríamos morrer queimados. Se não fosse por Micah, seu pai e os irmãos Mander, nós certamente teríamos morrido. Eles apagaram o fogo completamente. Foi incrível. Eles salvaram nossas vidas.

— Oh, *Micah* — exclamou Missy. Ela estendeu a mão para a dele, recuando ao ver as bandagens, e então enlaçou os braços ao redor do pescoço do rapaz e fitou seus olhos. — Você *é* um herói!

Micah parecia desconcertado o bastante para ser charmoso, e se libertou assim que possível, lançando olhares a Raisa.

Não se preocupe, pensou a princesa. *Não estou com ciúmes. Só irritada com Missy*.

— E como você acha que o incêndio começou? — perguntou Missy, colocando os elaborados cachos de volta no lugar. — Está chovendo há semanas.

— Meu pai acha que os clãs devem ter algo a ver com isso — acusou Micah. — Eles estão sempre loucos para manter todo mundo fora das montanhas.

— *Magos* — retrucou Raisa. — Eles estão sempre loucos para manter *magos* fora das Espirituais. Mas os clãs jamais fariam uma queimada em Hanalea.

Micah inclinou a cabeça.

— É verdade, alteza. Você conhece os costumes deles, e eu não.

Micah sorriu, e concluiu:

— É um mistério, então.

— Bem, eu não confio neles — declarou Missy, dando uma olhada em volta para localizar a delegação Demonai antes de continuar. — Eles se esgueiram como ladrões, e estão sempre sussurrando uns para os outros naquela língua estranha, então a gente nunca sabe o que estão dizendo. E todo mundo sabe que eles roubam bebês e deixam demônios no lugar.

— Não fique repetindo essas bobagens, Melissa — ralhou Raisa. — As crianças são criadas pelos clãs para seu próprio bem, para que aprendam os costumes antigos. Além disso, eles já estavam aqui antes. Se há uma língua estranha falada em Fells, é a língua do Vale.

— É claro, Alteza — respondeu Missy apressadamente. — Não quis ofender. Mas a fala do Vale é uma língua mais civilizada. Nós a usamos na corte — acrescentou, como se isso resolvesse a questão.

O quarteto tinha terminado o aquecimento, e agora os primeiros acordes de música de verdade se faziam soar.

— Gostaria de dançar, Alteza? — indagou Micah de repente. Mais atrás, os irmãos Klemath estavam praticamente estapeando as próprias testas por não terem pensado nisso antes.

Wil rapidamente ofereceu o braço a Fiona.

— Lady Bayar, seria minha honra.

Missy franziu a testa por ter sido ignorada. Ela olhou em volta, procurando outros pretendentes.

Adam Gryphon deu um sorriso torto.

— Você gostaria de dançar, lady Hakkam? — perguntou, começando a pegar as muletas.

— Bem, é, talvez seja melhor buscar mais ponche — desconversou Missy, fugindo na direção da tigela de ponche.

Pena que a deficiência de Missy ficava entre as orelhas, pensou Raisa. Ela queria dizer algo a Adam, mas sabia que ele daria uma resposta agressiva.

Micah ofereceu o braço, conduzindo a princesa até a pequena pista de dança. Ela pôs uma das mãos na cintura do rapaz e segurou delicadamente a mão enfaixada com a outra.

Os dois giraram pela pista, flutuando com a música. Micah tinha sido criado na corte e, portanto, era um excelente dançarino, apesar das várias taças de vinho e do pé pisado. O que não surpreendia, pois ele era incrivelmente bom em tudo que fazia.

— Como estão suas mãos? — perguntou Raisa. — Elas doem muito?

— Elas estão bem. — Micah parecia tenso e estranhamente calado.

— O que foi que aconteceu hoje cedo? — insistiu Raisa. — Por que vocês se atrasaram tanto?

— Raider estava meio manco. Tivemos que trocar uma das ferraduras, e demorou mais do que o esperado.

— Você deve ter uns 12 cavalos aqui na corte. Não poderia ter escolhido outro?

— Raider é o meu melhor cavalo de caça. Além disso, como eu disse, demorou mais do que eu imaginava.

— Seu pai foi muito duro com você hoje — comentou Raisa.

Micah fez uma careta.

— Meu pai é duro comigo todos os dias. — E então, mudando de assunto muito descaradamente, ele falou: — Esse vestido é novo, não é? — Quando ela concordou com a cabeça, Micah acrescentou: — Gostei. É diferente dos seus outros vestidos.

Raisa olhou para si mesma. Parte do charme de Micah era como ele percebia tudo.

— Será porque este não é todo cheio de babados? — sugeriu ela.

— Hummm. — Micah fingiu pensar por um momento. — Talvez seja isso. Aliás, a cor destaca seus olhos. Eles parecem lagos numa clareira da floresta, refletindo as copas de folhas acima.

— O negro destaca os *seus* olhos, Bayar — Raisa disse docemente. — Eles cintilam como estrelas feridas lançadas dos céus, ou um par de brasas das entranhas da terra.

Micah a fitou por um momento; em seguida, jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Você é impossível de se adular, Alteza. Estou perdido.

— Basta parar com isso. Eu também cresci na corte, sabia? — Raisa encostou a cabeça no peito dele, sentindo o calor através da lã, ouvindo o bater do coração. Eles dançaram em silêncio por um momento. — Então você partirá para Vau de Oden no outono?

Micah fez que sim com a cabeça, e seu sorriso se desfez.

— Queria poder ir logo. Eles deveriam mandar os magos aos 13 anos, como os cadetes do exército.

Micah iria estudar na Academia Mystwerk, a escola para magos em Vau de Oden. Havia meia dúzia de academias lá, reunidas às margens do rio Tamron, na fronteira entre Tamron e Arden.

Deveria existir uma escola para futuras rainhas, pensou Raisa, onde ela pudesse aprender coisas mais úteis que boas maneiras à mesa e como falar bonito.

— Os clãs acreditam que é perigoso colocar magia nas mãos de jovens magos — comentou Raisa.

Micah fez cara feia.

— Os clãs deveriam aprender a relaxar um pouco. Sei que seu pai é do clã, mas eu não entendo por que eles insistem que tudo continue igual. É como se estivéssemos congelados no tempo, pagando por um crime antigo do qual ninguém mais se lembra.

Raisa inclinou a cabeça.

— Você *sabe* o motivo. Os clãs curaram a Cisão. As regras da Naéming servem para prevenir que o desastre aconteça outra vez. — Ela fez uma pausa; então não conseguiu resistir e disse: — Você não aprendeu isso na escola?

Micah dispensou a escola com um aceno de mão.

— Há muito que se aprender numa vida. E é por isso que nós deveríamos receber nossos amuletos ao nascermos, para que pudéssemos iniciar o treinamento o quanto antes.

— Isso nunca será feito por causa do Rei Demônio.

A música acabou, eles pararam lentamente na pista de dança. Segurando-lhe os cotovelos, Micah fitou o rosto de Raisa.

— E o que tem o Rei Demônio?

— Bem, eles dizem que o Rei Demônio era um prodígio — disse Raisa. — Ele começou a praticar feitiços e magia negra desde muito jovem. Isso destruiu sua mente.

— Hummm. Isso é o que os *clãs* dizem.

Era uma discussão que já se repetira centenas de vezes, de formas diferentes.

— Eles contam essas histórias porque elas são a *verdade*, Micah. Alger Waterlow era um louco. Qualquer um capaz de fazer o que ele fez...

Micah balançou a cabeça, um movimento discreto, com olhos fixados nela.

— E se essa história for inventada?

— *Inventada*? — Agora a voz de Raisa se elevou, e ela teve de fazer um esforço consciente para baixá-la. — Não venha me dizer que você se juntou aos Revisionistas.

— Pense bem, veja o quanto os clãs saem ganhando com essa história, Raisa — insistiu Micah, com a voz baixa e urgente. — Os magos sempre carregaram essa culpa, com medo de exercer seus talentos natos. Os clãs controlam os objetos que permitem que os magos usem seus poderes mágicos. A família real é obrigada a dançar conforme a música que os clãs tocam.

— É *claro* que os clãs controlam os amuletos e talismãs — argumentou Raisa. — São eles que os *fabricam*. Foi a divisão de poder entre a magia verde e a alta magia que nos manteve seguros por todos esses anos.

Micah baixou a voz mais ainda:

— Por favor, Raisa, escute-me um minuto. Quem pode saber com certeza se a Cisão aconteceu de verdade? Ou que os magos foram a causa?

Raisa lançou um olhar furioso, e Micah revirou os olhos.

— Deixe para lá. Venha. — O rapaz tomou o braço da princesa e a levou até uma alcova com janela, com vista para a cidade iluminada.

Tomando o rosto de Raisa nas mãos enfaixadas, Micah a beijou, primeiro de leve, e depois com mais intensidade. Como sempre, Micah tinha mudado o assunto para algo em que ambos concordavam. A maioria das discussões terminava assim.

O pulso de Raisa se acelerou, e a respiração ficou mais rápida. Seria tão fácil cair sob o feitiço de Micah e, no entanto, ela ainda não tinha terminado a conversa.

Raisa se afastou com gentileza, virou-se e fitou a cidade. Ela reluzia abaixo, parecendo perfeita de longe.

— Você escutou essa teoria sobre a Cisão do seu pai? É isso que o Grão Mago pensa?

— Meu pai não tem nada a ver com isso — retrucou Micah. — Eu tenho ideias próprias, sabia? Ele simplesmente... — Micah pousou as mãos nos ombros de Raisa, e o poder crepitou em seus dedos. — Raisa, eu queria que nós dois pudéssemos...

O rapaz foi interrompido por um clamor crescente no salão. A banda fez uma transição suave para "O Caminho das Rainhas". Raisa e Micah saíram da alcova a tempo de ver a rainha Marianna cruzar o salão de braço dado com Gavan Bayar, enquanto os casais que dançavam lhes abriam caminho e se desfaziam em mesuras e cortesias. Eram seguidos em cortejo pelos soldados da Guarda da Rainha, resplandecentes com os uniformes da Casa Lobo Gris e liderados por Edon Byrne.

Raisa fez uma careta ao ver a mãe desfilando no braço do belo mestre do Conselho dos Magos. A princesa buscou a avó na multidão, viu Elena Demonai observando, com o rosto pétreo em desaprovação, e suspirou. Lorde Bayar poderia até ser um herói, mas mesmo assim era uma cena inapropriada. As línguas já tagarelavam demais na corte sem precisar desse encorajamento.

A rainha se virou num redemoinho de saias e encarou a sala. Vestia seda cor de champanhe que destacava os cachos loiros. Topázios cintilavam nos cabelos e pescoço, e diamantes cor de mel adornavam-lhe as mãos. Ela usava uma tiara leve engastada com mais topázios, pérolas e diamantes.

A rainha Marianna sorriu para a audiência.

— Em alguns instantes o jantar se iniciará. Porém, antes, vamos reconhecer os heróis neste salão. Hoje, graças ao valor deles, a linhagem das rainhas de Fells foi salva. — Ela estendeu a mão sem olhar, e alguém lhe entregou um cálice. — Micah Bayar, Gavan Bayar, Miphis Mander e Arkeda Mander, apresentem-se.

Gavan Bayar girou graciosamente e se ajoelhou diante da rainha. Micah hesitou por um momento, oculto na alcova, olhando para os lados como se quisesse escapar.

Então o rapaz suspirou e deixou Raisa para se juntar ao pai. Arkeda e Miphis vieram e se ajoelharam também.

Garçons circulavam pela multidão, distribuindo taças a quem não tivesse uma. Raisa aceitou a sua e aguardou.

— Hoje esses magos salvaram a mim, à princesa-herdeira e à princesa Mellony de um incêndio florestal desastroso, pelo uso de magia extraordinária e habilidosa. Portanto, ergo um brinde ao elo histórico entre a linhagem das rainhas de Fells e os poderosos magos que há muito protegem e sustentam nosso reino nestes tempos de guerra. — A rainha ergueu o cálice, assim como todos os outros no salão, e bebeu.

Mencione o capitão Byrne, Raisa murmurou usando apenas os lábios, mas Marianna não o fez.

— Gostaria também de dar as boas-vindas à corte a um jovem que sempre foi como um filho nosso. Após três anos longe, ele retornou para passar o verão e nos servirá numa posição temporária na Guarda da Rainha. — Marianna sorriu aos soldados reunidos, destacando um, em particular. — Amon Byrne, aproxime-se.

Raisa observou, espantada, quando um dos altos soldados avançou e se ajoelhou diante da rainha. Edon Byrne sacou a espada e a entregou à soberana.

— Você, Amon Byrne, jura proteger e defender a rainha, a princesa-herdeira e todas as descendentes de Hanalea de nossos inimigos, até mesmo ao custo de sua própria vida?

— Meu sangue é vosso, Majestade — respondeu esse estranho e alto Amon numa voz surpreendentemente grave. — Será uma honra derramá-lo em defesa da linhagem real.

A rainha tocou Amon em cada um dos ombros largos com a parte chata da espada.

— Erga-se, cabo Byrne, e junte-se ao seu capitão.

O novo cabo se levantou, curvou-se novamente e se afastou da rainha até estar lado a lado com o pai, que não se permitiu sorrir.

Raisa permaneceu paralisada, com a mão junto à garganta. Os olhos cinzentos de Amon eram os mesmos de que ela se recordava, assim como o cabelo negro e liso que escorria pela testa. Mas quase todo o resto do rapaz tinha mudado.

— Agora — declarou a rainha —, vamos jantar.

Raisa não teve oportunidade de falar com Amon durante o jantar. Ela estava sentada à cabeceira da mesa, entre Micah e Gavan. Arkeda e Miphis ocupavam

posições de honra dos dois lados da rainha, com Mellony do lado oposto, e Fiona ao seu lado. Os representantes Demonai também estavam próximos o bastante para participar das conversas, assim como Harriman Vega, mago e médico da corte.

Como capitão da Guarda da Rainha, Edon Byrne tinha lugar reservado perto do fim da mesa, mas a Guarda propriamente dita estava postada no lado oposto do aposento, perto da entrada do salão de baile. O olhar de Raisa sempre se voltava para Amon.

O rosto do cabo estava mais magro, com a estrutura óssea mais proeminente, as bochechas arredondadas da infância eliminadas pelo tempo passado em Vau de Oden. Amon tinha a intensidade do pai contida num corpo mais esguio, mas o rapaz havia acrescentado uma nova camada de músculos ao peito e aos braços.

Em alguns momentos fugazes, Raisa captava relances do menino de quem ela se lembrava. Ele parecia um pouco constrangido, com as costas retas, uma das mãos no punho da espada. Num dado instante, a princesa flagrou o amigo olhando para ela, mas ele afastou os olhos rapidamente, ficando com as bochechas coradas.

Raisa se sentia perturbada, desconcertada, quase irritada. Como pôde Amon se transformar nessa outra pessoa enquanto esteve fora? Se os dois se encontrassem, o que poderia ela lhe dizer? *Pelos dentes de Leeza, você cresceu*?

— Alteza? — As palavras foram ditas em voz bem alta, quase no ouvido dela, e Raisa levou um susto, virando-se em seguida para Micah Bayar. — Você mal tocou a comida, e parece que eu estou falando sozinho — reclamou o rapaz, enquanto a sobremesa era servida. Dava para notar, pela voz, que ele estava irritado.

— Peço desculpas — respondeu a princesa. — Temo que eu esteja um tanto desatenta. Foi um longo dia, e estou exausta. — Raisa cutucou o folheado, lamentando não ser mais nova o suficiente para pedir licença e sair mais cedo.

— Não é de se estranhar que você esteja cansada, Alteza, depois do susto desta manhã — comentou lorde Bayar, sorrindo. — Talvez um passeio no jardim após o jantar ajude na sua recuperação. Micah ficaria feliz em acompanhá-la.

— Ah! — exclamou Raisa. — Bem, é muita gentileza de sua parte pensar em mim, lorde Bayar, mas eu realmente...

Micah se aproximou ainda mais, falando no ouvido de Raisa para que só ela pudesse escutar.

— Alguns de nós vamos nos reunir mais tarde na sala de carteado da ala leste — murmurou. — Vai ser divertido. Por favor, venha também. — A mão quente do

rapaz pousou sobre a mão da princesa, pressionando-a contra a mesa. Uma promessa.

— O quê? — perguntou Raisa, distraidamente.

O hálito de Micah sibilou por entre seus dentes.

— Você fica olhando o tempo todo para a porta. Você quer tanto assim ir embora? Ou está procurando alguém em particular?

Agora era Raisa quem estava irritada.

— Fico agradecida se você cuidar dos próprios assuntos, *sul'* Bayar. Olho para onde eu bem quiser.

— Certamente. — Micah soltou a mão da princesa e cravou o garfo na sobremesa. — Isso é grosseria, é só o que eu estou dizendo.

— Micah! — Lorde Bayar olhou feio para o filho. — Peça desculpas à princesa-herdeira.

— Desculpe — disse Micah, olhando reto para a frente, com os músculos da mandíbula tensos. — Por favor, me perdoe, Alteza.

Raisa sentiu-se cercada de magos, oprimida pela tensão entre Micah e o pai. Era muito desgastante.

Quando o jantar terminou, o quarteto de cordas se reuniu. A dança continuaria até a madrugada, além de muita bebedeira e flerte, entremeados por uma série de atrações sem graça. Na sala de carteado a princesa teria que lidar com a dança dos supostos pretendentes. Era hora de escapar.

Raisa pressionou as costas da mão contra a testa.

— Vou me recolher — anunciou. — Estou com uma dor de cabeça terrível. — Ela empurrou a cadeira para trás. Quando Micah e lorde Bayar fizeram menção de se levantar, Raisa disse: — Por favor, continuem sentados. Prefiro me retirar discretamente.

— Está tudo bem mesmo? — indagou Micah, olhando para o pai e então de volta a Raisa. — Por que eu não a acompanho até seus aposentos?

Como se a princesa precisasse de ajuda para encontrar o caminho, mas eles frequentemente usavam essa desculpa para ter algum tempo sozinhos.

Raisa se levantou.

— Não. Vocês são os convidados de honra. Sua Majestade ficará desapontada se saírem. Obrigada por tudo, mais uma vez.

A rainha Marianna olhava a filha, com uma sobrancelha erguida de forma inquisitiva. Raisa encolheu os ombros e novamente levou a mão à testa, o sinal

universal para dor de cabeça. A rainha assentiu, soprou um beijo e se virou para Miphis, que ainda parecia empolgado e maravilhado em estar sentado ao lado da rainha.

Raisa atravessou o salão de jantar até a porta. Ela hesitou, olhou para trás e viu os Demonais observando, com um leve sorriso no rosto de Elena.

Ao passar entre Amon e um outro soldado, Raisa não olhou para os lados, mas sussurrou:

— O lugar de sempre, assim que você puder.

CAPÍTULO CINCO

HISTÓRIAS ANTIGAS

Han adiou ao máximo a saída de Pinhos Marisa. Era o fim da manhã do dia seguinte quando ele se despediu e desceu Hanalea, seguindo o rio Dyrnne na direção do Vale.

Ele havia vendido ou trocado tudo, a não ser pela raiz sem valor, que teria que esperar pela feira das terras baixas. Moedas tilintavam em sua algibeira, e a bolsa transbordava com mercadorias — tecido e artigos de couro que ele poderia vender com lucro, algibeiras com remédios do clã, além de carne de veado defumada suficiente para uma refeição. E o amuleto, escondido no fundo da bolsa.

Ele ainda se lamentava pelo cervo que poderia ter pego, mas, no fim das contas, fora bem-sucedido para um início de temporada.

E torcia para que a mãe concordasse com isso.

No caminho montanha abaixo, Han parou em algumas cabanas isoladas para ver se havia correspondência ou mercadorias a serem entregues na feira ou ainda pedidos de suprimentos que ele traria da próxima vez. Muitos dos moradores das cabanas eram membros do clã que preferiam a vida longe da agitação dos Campos. Havia também uma antiga gente das terras baixas que gostava da solidão ou tinha razões para evitar a atenção da severa Guarda da Rainha. Han ganhava algum dinheiro levando e trazendo notícias e correspondência pelas montanhas, e bancava o representante daqueles habitantes das terras altas que não queriam visitar o Vale.

Lucius Frowsley era uma dessas pessoas. A cabana dele ficava onde o Riacho da Velha desembocava no Dyrnne. Ele vivera na montanha por tanto tempo que parecia um pedaço arrancado dela, com o rosto enrugado e as roupas que recaíam sobre o corpo magro como zimbro sobre uma encosta. Seus olhos eram opacos e enevoados como um céu de inverno — ele ficara cego quando era jovem.

Apesar da cegueira, o velho era proprietário da destilaria mais produtiva das Montanhas Espirituais.

Embora Lucius pudesse se orientar por trilhas e saliências da região elevada como um cabrito, ele nunca ia a Fellsmarch, se pudesse evitar. Portanto, Han trazia

pedidos, recipientes e dinheiro do Vale e levava o produto. As garrafas desciam cheias quando ele as levava encosta abaixo, e subiam leves e vazias quando ele as trazia de volta.

A melhor parte: Lucius tinha livros — não eram tantos quanto na biblioteca do templo, mas eram mais livros do que qualquer outro homem tinha direito de ter. Ele os mantinha trancados em um baú, para protegê-los do clima. Para que um cego precisava de uma biblioteca Han não saberia dizer, mas o velho o encorajava a se aproveitar dela, e ele fazia isso. Alguns dias, ele descia com dificuldade a montanha, carregando metade de seu peso em livros.

Esse era outro mistério — Han já deveria ter lido todos umas duas vezes cada. Mas parecia que Lucius sempre tinha livros novos.

Lucius era mal-humorado e profano e talvez bebesse um pouco demais do próprio produto. Mas ele era justo com Han, falava a verdade e sempre pagava em dia, o que era raro. Ninguém ousaria roubar de Alister Algema — como ele era conhecido, por causa dos braceletes — na época em que era dono da rua de Feira dos Trapilhos. Mas, desde que abandonou aquela vida, Han já fora vítima de trapaça mais vezes do que gostava de lembrar.

Lucius também era uma fonte de informação imparcial. Ele sabia de tudo e, ao contrário da mãe do garoto, respondia a qualquer pergunta sem fazer um sermão.

A cabana na encosta estava vazia, bem como o galpão da destilaria, mas Han sabia onde procurar, e encontrou Lucius pescando no Riacho da Velha, o que ele fazia diariamente durante três das estações do ano. Era uma desculpa para se sentar, cochilar à margem do riacho e bebericar da garrafa que ele sempre tinha à mão. O cachorro, um cão pastor com pelo duro chamado Cão, esparramava-se a seus pés.

Enquanto Han subia o leito do regato em sua direção, Lucius deixou cair a vara de pescar e se virou como se tivesse se assustado. O velho ergueu as mãos como se quisesse se proteger, com o rosto pálido e assustado, e os olhos cegos arregalados debaixo das sobrancelhas grossas.

— Quem está aí? — quis saber o velho, e as mangas balançaram em seus braços magros. Como sempre, ele vestia uma mistura de velhas roupas dos clãs que eram vendidas em Feira dos Trapilhos, e não combinavam. Como era cego, ele não ligava muito para as cores.

— Ei, Lucius — gritou Han. — Sou eu, Han.

Cão ergueu-se e latiu em aprovação, depois apoiou a cabeça nas patas e moveu as orelhas para espantar as moscas.

Lucius baixou as mãos, embora ainda parecesse cauteloso.

— Garoto! — falou ele. Lucius sempre chamava Han de *garoto*. — Você não deveria se esgueirar desse jeito.

Han revirou os olhos. Ele seguira a água, como sempre. Todos estavam agindo de modo estranho hoje.

O rapaz se agachou perto de Lucius e tocou seu ombro para que ele soubesse onde estava, e o velho se assustou.

— Pegou alguma coisa? — perguntou Han, sentindo-se um pouco irritado.

Lucius apertou os olhos azuis remelentos como se fosse uma pergunta difícil, depois esticou a mão e ergueu o balde de peixes do riacho.

— Peguei um total de quatro, até agora.

— Os peixes são para vender? — perguntou Han. — Eu posso conseguir um bom preço no mercado.

Lucius pensou por um momento.

— Não. Vou comer os peixes eu mesmo.

Han voltou a se recostar em uma árvore e esticou as pernas compridas nas calças das terras baixas.

— Você quer alguma coisa para acompanhar o peixe? — perguntou e bateu na mochila. — Tenho pimenta seca e especiarias de Tamron.

Lucius bufou.

— Bastam os peixes, garoto.

— Alguma coisa para Fellsmarch? — perguntou Han.

Lucius acenou com a cabeça.

— Está tudo separado no canil.

Com o negócio concluído, Han fitou as rochas que despontavam na superfície do riacho. Lucius ainda parecia agitado e inquieto. Ele continuava inclinando a cabeça de um lado para o outro, como se captasse um odor ou um som fraco na brisa.

— Você está usando os braceletes, garoto? — perguntou, sem rodeios.

— O que você acha? — murmurou Han. Como se ele pudesse tirá-los.

Lucius segurou o braço de Han, puxou a manga e tocou a tira de prata como se fosse ler as runas com o toque. O velho resmungou e soltou o braço do rapaz, ainda murmurando para si mesmo.

— Qual é o seu problema? — quis saber Han e puxou as mangas para baixo.

— Eu farejei bruxaria — retrucou Lucius, em seu modo tipicamente incompreensível.

Han pensou no amuleto na bolsa, mas decidiu que não havia meio de Lucius saber que ele estava ali.

— O que *você* sabe sobre magia?

— Pouca coisa — Lucius esfregou o nariz com o dedo indicador. — Não sei o suficiente, e sei até demais.

Han tentou mais uma vez.

— O que você sabe sobre feiticeiros, então?

Lucius sentou-se, imóvel, por um longo momento.

— Por que você está perguntando?

Han fitou o velho. A maioria dos adultos respondia perguntas com outras perguntas, mas Lucius, não.

Quando Han não respondeu de imediato, ele apertou a mão no ombro de Han.

— Por que você está perguntando? — repetiu Lucius em tom ameaçador.

— Ai. Ei, calma — falou Han, e Lucius o soltou. — Dançarino e eu esbarramos com alguns feiticeiros em Hanalea — emendou o garoto, esfregando o ombro. Ele contou a Lucius o que acontecera.

— Você disse Bayar? — Lucius fez uma careta e pegou a vara de pescar novamente. — *Pelos malditos ossos de Thea*.

Lucius nascera na montanha conhecida como Thea, lar espiritual da lendária rainha de Fells. Então, quando se tratava de rogar pragas, embora a maioria recorresse a Hanalea, ele preferia Thea.

Han perguntou-lhe sobre isso uma vez, e Lucius dissera que *Hanalea* era uma palavra poderosa demais para ficar dizendo por aí.

— Já falou com ele? — perguntou Han.

Lucius acenou com a cabeça.

— Já ouvi falar *dele*. Do pai, muito mais. Gavan Bayar. Ele é o Grão Mago, sabe? O coração é frio como o rio Dyrnne. Ambicioso também. Você não quer cruzar o caminho dele.

Micah Bayar mencionara a alta posição do pai, como os sangues azuis costumavam fazer.

— O que mais ele poderia querer? — perguntou Han. — Além disso, de ser o Grão Mago?

— Bem — Lucius ergueu a ponta da varinha e testou a linha. — Pessoas como Bayar nunca estão satisfeitas. Imagino que ele queria ser o Grão Mago sem todas as imposições e restrições estabelecidas pela Naéming. Alguns dizem que ele quer a rainha também.

Han estava confuso.

— Ele quer a rainha? Ela já tem um consorte, não tem? De Demonai?

Lucius ofegou por causa da gargalhada.

— Para um rato de rua, você é muito mal informado, né? — Ele balançou a cabeça grisalha, divertido. — Você tem que manter o ouvido no chão e o nariz no vento, se quiser sobreviver nesses tempos.

Han não conseguia imaginar como essa proeza física poderia ser realizada. Ele nunca entendia como Lucius sabia de tudo que estava acontecendo, já que ficava na montanha o tempo todo. Era um mistério.

A risada do velho finalmente se extinguiu, e ele secou as lágrimas dos olhos.

— Averill Demonai é o consorte da rainha Marianna. Mas ele é comerciante, e comerciantes viajam um bocado. Ele fica fora do castelo tempo demais para o próprio bem, se você quer saber. Mas ninguém quer.

Han fez um esforço para controlar a impaciência. Toda aquela conversa sobre política era entediante e não tinha nada a ver com ele.

— E quanto aos feiticeiros — insistiu ele —, como eles obtêm a magia?

— Está no sangue — afirmou Lucius e afagou a cabeça de Cão. — É como se eles tivessem o talento nato, mas não são realmente poderosos até estudarem e aprenderem a armazená-lo e controlá-lo com um amuleto. Na verdade, até aprenderem, são perigosos, como um potro que não foi bem domado e não conhece a própria força.

Han pensou em Micah Bayar, com o rosto vermelho de raiva, que segurava o faz-feitiço decorado e murmurava encantamentos.

— Por quê? Eles têm que dizer feitiços ou algo assim para funcionar?

— Isso é parte do aprendizado — retrucou Lucius e acenou. — Aquele Bayar vem da Casa Aerie. Talvez a família mais poderosa de feiticeiros que existe, desde a queda dos Waterlow.

— Quem são os Waterlow? — perguntou Han. — Nunca ouvi falar deles.

— Deixe eles para lá. A casa se extinguiu há muitos anos. — Lucius balançou a ponta da vara de pescar, tateou da linha até a isca, depois balançou a cabeça. — Acho que pararam de morder — comentou ele. — Talvez seja hora de recolher as coisas.

— *Lucius*! — insistiu Han. A experiência lhe dizia que aquilo que as pessoas não queriam contar provavelmente era a parte mais interessante. — Quem eram os Waterlow? Por que eles caíram?

— Garoto, você sabe como chatear alguém até a morte. — Lucius ergueu a garrafa e tomou um gole, depois limpou a boca com a manga suja. — Isso tudo aconteceu há mil anos e não importa mais — disse. Quando Han ficou calado, Lucius bufou. — Sabe, a maioria dos garotos da sua idade não está interessada em desenterrar ossos antigos nem velhas histórias.

Han continuou calado.

Lucius soltou um suspiro profundo e acenou com a cabeça, como se tivesse decidido alguma coisa.

— Então, há mil anos, havia uma poderosa casa de feiticeiros chamada Casa Waterlow. Sua insígnia era um corvo, e o brasão de feiticeiro era uma serpente enroscada.

Han piscou para ele, depois remexeu na bolsa e retirou o pacote que continha o amuleto de serpente que ele havia tirado do bruxo em Hanalea. Ele o pesou na mão e se recordou do que Bayar dissera. *Se você tocá-lo, será incinerado*.

Lucius virou os olhos cegos para Han.

— O que você tem aí, garoto? — quis saber e esticou a mão como se também pudesse sentir o calor da peça. — Passe para cá.

Han hesitou.

— Não sei se eu...

— *Passe para cá, garoto* — a voz do velho ressoou assustadoramente alta e persuasiva. Era como se Lucius estivesse possuído por outro ser, ao qual não se podia resistir.

Han empurrou o embrulho de couro na mão de Lucius.

— Tome cuidado, Lucius. Isso pode...

Lucius abriu o embrulho de couro e retirou o faz-feitiço.

O garoto inclinou-se para longe dele e se retesou, temendo uma possível explosão. Mas nada aconteceu.

Lucius percorreu o amuleto com as mãos castigadas pelo tempo, e a face enrugada ficou inerte por causa do choque.

— Onde você conseguiu isso? — murmurou ele.

— Estava com o Bayar. — Han hesitou, sem saber ao certo o quanto deveria compartilhar. — Ele tentou usar o faz-feitiço contra Dançarino, e eu tirei dele. Acho que ele nem podia estar com esse amuleto.

Lucius deu uma risada, um som de latido rouco.

— Pelo beijo da doce Thea. Não mesmo.

— Por quê? O que é isso?

O velho continuou a acariciar o entalhe com os dedos grossos, como se não conseguisse acreditar no que seu sentido lhe dizia.

— É mesmo dos Waterlow. A coleção de artefatos deles é lendária. Mais parecia um arsenal. Ninguém nunca soube o que aconteceu a ela depois da Cisão. — A veia roxa acima do olho direito pulsou perigosamente. — Aposto que aquela cobra do Micah não tinha ideia do que estava usando. — Ele acenou com a cabeça mais uma vez. — E agora você é que o tem. — Lucius esticou o amuleto na direção de Han. Quando o rapaz hesitou, Lucius falou com impaciência:

— Pegue, rapaz. Não vai morder.

Han pegou-o com cuidado e pesou-o na palma da mão. Ele parecia agradavelmente pesado e quente, e vibrava com um poder que Han podia sentir no peito e nos braceletes nos pulsos.

Emoções conflitantes cruzaram o rosto do homem e finalmente desapareceram em uma expressão de alarme. Mais uma vez, ele agarrou o braço de Han, e as unhas compridas furaram-lhe a pele.

— Bayar sabe quem você é, garoto? Ele sabe que você está com isso?

Han deu de ombros, inquieto.

— Eu não lhe disse o meu nome, se é a isso que o senhor se refere. — Lucius não pareceu mais tranquilo, e ele acrescentou: — Olhe, eu vou devolver, se for importante. Tudo bem?

Lucius soltou o braço do rapaz e tamborilou os dedos nas coxas, pensando rápido.

— Não — falou, enfim. — Não o devolva. É tarde demais. Mantenha esse negócio escondido. Guarde-o em segurança. Melhor a Casa Aerie não tê-lo. — Ele deu uma risadinha amarga. — Fique fora do caminho dos Bayar.

Han nunca vira um Bayar antes, e duvidava que fosse ver de novo, a menos que Micah voltasse para Hanalea. Com sorte, ele não veria.

— Ótimo — falou e voltou a embrulhar o colar, guardando-o de volta na bolsa. De que adiantava perguntar se não dava para entender uma palavra das respostas? — Do que o senhor estava falando? Dos Waterlow?

— Se você quer ouvir uma história, não fique interrompendo. — Lucius esfregou o queixo com a barba por fazer e voltou à sua voz para contar histórias. — Os feiticeiros vieram das Ilhas Setentrionais. Eles desembarcaram no litoral leste e conquistaram o restante dos Sete Reinos com sua alta magia. A magia dos clãs não podia resistir a eles. É magia verde, matéria sutil, não é boa para uma briga. É magia mais forte, mas feita para curar, não destruir. Os clãs têm a magia verde porque está em harmonia com a natureza. As matriarcas e os fabricantes de amuletos aprenderam como extraí-la.

"Esses feiticeiros escolheram morar no Vale. Casaram-se com rainhas da linhagem e governaram como reis, mas não estavam amarrados às rainhas do modo como estão hoje. A sucessão ainda vinha pela verdadeira linhagem feminina. O problema começou durante o reinado de Hanalea, a mulher mais bela que já viveu."

Han acenou com a cabeça. Lucius finalmente se aproximava de um terreno familiar.

— Hanalea estava prometida a um feiticeiro chamado Kinley Bayar, da Casa Aerie, que, na época, era poderosa como agora. Bayar estava destinado a ser rei. Mas havia um jovem feiticeiro, de nome Alger, herdeiro da Casa Waterlow. Ele se apaixonou perdidamente por Hanalea... o que não era raro. O problema era que Alger era tremendamente poderoso, estava acostumado a conseguir o que queria e não via razão para não ter Hanalea para si.

"O conselho disse que não e, em particular, a Casa Aerie. Mas Hanalea tinha as próprias ideias. Ela não gostava de Bayar, que era velho para ela, frio e cruel como qualquer cobra. E ela gostava do jovem Alger, que era belo como ela. Fugiu com ele, e eles se esconderam nas Montanhas Espirituais com seus aliados: um exército de feiticeiros da Casa Waterlow e alguns amigos, os melhores e mais brilhantes feiticeiros de uma geração.

"Alger proclamou-se rei e se casou com Hanalea. O conselho não podia aceitar isso, portanto as outras casas de feiticeiros marcharam até Waterlow e fizeram cerco ao esconderijo deles. Qualquer um podia ver que era uma causa perdida, mas não o

garoto. Ele era estudante de magia negra havia muito tempo, e pensou que podia conjurar um feitiço que acabaria com o cerco e aterrorizaria o conselho.

"Hanalea tentou fazer ele desistir. Ela queria se entregar à Casa Aerie, mas ele era teimoso e não a escutou." — Lucius sorriu com ar de tristeza. — O garoto foi tolo por causa do amor. Muito poder e pouco conhecimento. Eles ficaram juntos apenas três meses.

Han mudou de posição, impaciente. As histórias de Hanalea e de seus muitos pretendentes eram como peças de tecido velho, tão gasto pela repetição que não dava para distinguir um do outro nem mesmo ver mais as tramas individuais.

Lucius fitou o nada, os olhos azuis leitosos pareciam janelas cobertas com tinta, que escondiam o que estava em seu interior. Han era bom em interpretar as pessoas (tinha que ser), mas ele nunca conseguia interpretar Lucius.

— Então? O que aconteceu? — perguntou Han, respeitosamente.

Lucius se encolheu, como se tivesse se esquecido de que o garoto estava ali.

— Claro que eles o mataram. Depois. Eles o levaram para a Casa Aerie e o torturaram durante muitos dias e obrigaram a garota a ouvir seus gritos. Mas era tarde demais. O estrago já fora feito.

Han piscou, espantado.

— Que estrago? Do que você está falando?

Lucius ergueu as sobrancelhas grossas.

— Da Cisão, claro. Você ouviu falar disso, não é? — perguntou sarcasticamente.

— Eu *ouvi* falar da Cisão — falou Han com irritação. — O que é que isso tem a ver... — a voz dele sumiu, e Han fitou Lucius, perguntando-se se o velho bebera um pouco demais da própria bebida. — Espere aí. Você está falando do *Rei Demônio*? — ele murmurou as duas últimas palavras como as outras pessoas tendiam a fazer, e resistiu à necessidade de fazer um sinal contra o mal.

— O nome dele era Alger — murmurou Lucius, e todo seu corpo afundou em uma poça de pele enrugada e roupas desbotadas.

O sol passou por trás de uma nuvem e, de repente, fez frio na margem do rio. Han estremeceu e puxou o casaco para mais perto.

O infeliz Alger Waterlow de Lucius era o Rei Demônio? Não era possível.

O Rei Demônio era o monstro em todas as histórias assustadoras. O diabo que você não nomeava por medo de atraí-lo. Aquele que aguardava na escuridão de uma rua sinuosa crianças más cruzarem seu caminho.

— Isso não é verdade! — interrompeu Han, impelido pela indignação legítima e uma vida inteira ouvindo histórias. — O Rei Demônio roubou Hanalea na noite de seu casamento. Ele a acorrentou em sua masmorra quando ela o rejeitou. Ele a torturou com feitiçaria negra e tentou conquistar seu coração. Quando ela resistiu, ele partiu o mundo.

— Ele era um garoto — resmungou Lucius movendo a mão à procura da garrafa. — Eles estavam apaixonados.

— Ele era um monstro — retrucou Han e jogou uma pedra dentro do regato. — Ela o destruiu. — Ele vira o friso no templo em Fellsmarch. Chamava-se *O Triunfo de Hanalea* e consistia em uma série de cenas: Hanalea acorrentada e desafiando o Rei Demônio. Hanalea, bela e terrível, mantendo o mundo unido com a magia verde, enquanto o Rei Demônio tentava despedaçá-lo. Hanalea, de pé sobre o corpo sem vida do Rei Demônio, com uma espada na mão.

Se foi entalhado na pedra, tem que ser verdade, pensou Han.

— Eles o mataram — disse Lucius. — E isso liberou um poder destruidor como o mundo jamais conheceu, antes ou depois. — Ele suspirou e balançou a cabeça, como se não tivesse sido culpa do Rei Demônio.

— Depois disso, os feiticeiros decidiram casar Hanalea com Kinley Bayar. — O velho sentou ereto, com os olhos estranhamente límpidos e focados. A voz que normalmente era trêmula soou como a voz de um orador do templo e o sotaque das terras altas desapareceu. — Mas eles estavam sobrecarregados. O mundo estava se partindo, ruindo no caos. Terremotos abalavam seus castelos. Chamas irrompiam do solo. Os oceanos ferviam e as florestas se transformavam em cinzas. A noite desceu e permaneceu durante muitos meses, iluminada apenas pelos incêndios que ardiam dia e noite. O ar era denso demais para respirar. Nada que eles faziam resolvia. Finalmente, tiveram que pedir ajuda aos clãs.

Han estava decepcionado. Como eles tinham se desviado tanto da pergunta original sobre feitiçaria? Ele fizera uma pergunta séria e fora pago com a história desse sonhador. Perdera metade da manhã na margem do regato, vítima hesitante das fantasias de um velho. Agora, a mãe arrancaria a sua pele por causa do atraso.

— Obrigado pela história e tudo o mais — falou Han —, mas tenho que ir embora. — Ele fez um esforço para ficar de pé e deslizou a mochila por cima do ombro. — Vou pegar as garrafas no canil.

— Sente-se, garoto! — ordenou Lucius. — Você ouviu o começo da história, agora tem que ouvir até o final.

Irritado, Han voltou a se sentar na margem do regato. Ele nunca concordara em ouvir um monólogo.

Quando Lucius se assegurou de ter garantido a audiência, ele prosseguiu:

— Os clãs reconheciam a linhagem das rainhas, portanto Hanalea agiu como mediadora. Pense como deve ter sido. Negociar com os clãs em nome dos assassinos do seu amado. — Lucius deu um sorriso triste. — Mas Hanalea cresceu. Ela era forte e inteligente, além de bonita. E reclamou o poder da linhagem Lobo Gris. A Naéming nasceu desses diálogos.

Lucius contou nos dedos nodosos os princípios da Naéming.

— Em troca da cura do mundo, os clãs puseram os feiticeiros em rédeas curtas. A alta magia e os feiticeiros foram proibidos nas Montanhas Espirituais. Eles estão confinados ao Vale e às terras baixas. Os oradores dos clãs têm templos em Fellsmarch, e as rainhas se acostumaram a ir ao templo uma vez por semana para aprender a verdadeira fé. O Conselho dos Magos escolhe o feiticeiro mais poderoso em Fells como Grão Mago e como chefe do conselho, mas ele está atado magicamente à terra e à rainha, e é controlado por ela. As rainhas são criadas nos acampamentos quando crianças. — Lucius esboçou um sorriso. — E os feiticeiros não podem mais se casar com as rainhas, pois isso lhes daria poder excessivo.

— Hanalea concordou com isso? — perguntou Han. Imagino que eles também colocaram a rainha sob rédeas curtas, pensou ele.

Lucius acenou com a cabeça como se lesse a mente de Han.

— A rainha de Fells é a pessoa mais poderosa e a menos livre de todo o reino. Torna-se uma escrava das obrigações e deveres ao atingir a maioridade.

— Mas ela é a *rainha* — argumentou Han. — Não pode fazer o que quiser?

— Hanalea aprendeu o preço de seguir o coração — falou Lucius. Ele fez uma pausa, e seu rosto ficou marcado pelas rugas de tristeza. — Portanto ela se curvou diante do bem maior, e se casou com alguém que não amava.

Han franziu a testa. As histórias sempre terminavam com a destruição do Rei Demônio e o triunfo de Hanalea.

— Então, com quem ela se casou? Bayar era um mago, então...?

Lucius balançou a cabeça.

— O pobre Kinley Bayar teve um acidente pouco depois da Cisão. Ela se casou com outra pessoa. — Diferentemente da história detalhada que contava até então, Lucius foi bastante evasivo nessa parte.

Han voltou a se levantar, depois hesitou e moveu os pés, forçado a dizer alguma coisa:

— Sabe, Lucius, sou praticamente um adulto. Estou velho demais para contos de fadas.

Por um longo instante, o velho não respondeu.

— Não me peça a verdade, garoto, a menos que você esteja pronto para ouvi-la — retrucou Lucius e fitou sem enxergar o Riacho da Velha. — Apenas lembre-se do que eu digo. Mantenha o amuleto escondido e fique fora do caminho dos Bayar. Eles já têm bastante poder. Se descobrirem que você tem o amuleto, vão te matar para recuperá-lo.

CAPÍTULO SEIS

FELLSMARCH

A cidade de Fellsmarch se aninhava à beira do Vale, um lugar fértil onde o rio Dyrnne abria caminho por entre os penhascos rochosos de Hanalea e os sopés ondulantes de Alyssa, o cume gêmeo. Os clãs das Montanhas Espirituais costumavam referir-se aos residentes do Vale como povo das terras baixas. Os habitantes do Vale, por sua vez, desprezavam a cidade de Delfos e as planícies de Arden, ao sul.

O Vale reluzia como uma esmeralda incrustada no alto das montanhas — protegido pelos picos que, diziam, eram as habitações das rainhas das terras altas, mortas havia muito tempo. Era aquecido durante todo o ano pelas fontes termais que borbulhavam sob o solo e irrompiam através de fissuras na terra.

O verdadeiro povo das terras baixas — cidadãos de Tamron e do reino de Arden além do Portal Austral — murmurava que as Montanhas Espirituais eram assombradas por demônios, feiticeiras, dragões e outras criaturas assustadoras, e que o próprio solo era venenoso para qualquer invasor.

O povo das terras altas não fazia nada para desmentir esses rumores.

Jemson, professor de Han, afirmava que, antes da vinda dos feiticeiros e da Cisão do mundo, os Sete Reinos eram uma grande monarquia governada a partir de Fellsmarch. Cereais de Arden, Bruinswallow e Tamron enchiam os cestos de pão. Peixes do litoral e caça das Montanhas Espirituais, além de gemas e minerais das montanhas, aumentavam sua prosperidade. A rainha e sua corte eram patronos das artes, e a cidade construía salas de música, bibliotecas, templos e teatros por todo o reino.

Embora viesse passando por tempos difíceis nos últimos anos, a cidade de Fellsmarch ainda pendia, em farrapos, dos ossos de seu glorioso passado. Era adornada com edifícios elaborados, anteriores à Cisão. O Castelo de Fellsmarch tinha, por alguma razão, escapado da destruição generalizada, bem como os templos dos oradores e outros edifícios públicos.

Então, quando Han virou na última curva da Trilha Espiritual e pousou o olhar sobre a cidade onde nascera, foi recebido por uma floresta urbana de pináculos de templos e domos dourados que reluziam com os últimos raios do sol poente. Ele não podia deixar de pensar que pareciam mais belos à distância.

O Castelo de Fellsmarch dominava a paisagem com suas torres elevadas; um monumento de mármore e pedra. Ele se erguia isolado, circundado pelo rio Dyrnne, intocável como aqueles que se encontravam dentro de seus muros.

A Cidade das Luzes, assim era chamada, apesar das longas noites de inverno. Havia até mesmo um período, durante o solstício, em que o sol nunca nascia. Mas, em todos os outros dias, o sol flamejava acima do Portal Oriental de manhã e incendiava o Portal Ocidental no fim do dia.

A Trilha Espiritual serpenteava até a cidade e desembocava na primeira de uma série de praças, legado de algum arquiteto real de muito tempo atrás. As praças eram conectadas pelo Caminho das Rainhas, a larga avenida que percorria a cidade de um lado a outro e terminava no Castelo de Fellsmarch.

Han não seguiu o Caminho das Rainhas. Gostasse ou não, ele tinha negócios em Ponte Austral. Ele dobrou uma série de ruas que se estreitavam cada vez mais e penetravam em uma parte da cidade à qual a rainha nunca ia. Ao deixar o Caminho para trás, os edifícios ficaram mais sujos. As pessoas lotavam as ruas, com rostos descarnados e aparência cautelosa, presas e predadores. O lixo se desintegrava nas sarjetas e transbordava das lixeiras.

O ar fedia com a mistura de odores de repolho cozinhando, fumaça de lenha, banheiros e penicos esvaziados na rua. Seria pior no verão, quando o calor adensava o ar e o transformava numa sopa perigosa que dava crupe nos bebês e fazia com que os idosos tossissem e cuspissem sangue.

Na Feira de Ponte Austral, Han conseguiu desovar a raiz inútil por um preço decente, considerando que não tinha valor. Ele poderia ter vendido em Feira dos Trapilhos, mas não queria se arriscar tão perto assim de casa, onde alguém poderia se lembrar dele.

Ao deixar a feira, ele assumiu sua expressão de rua e passou, rápido e decidido, pelas prostitutas, vigaristas e rufiões que ficavam pelas esquinas, capazes de atacar você a qualquer sinal de fraqueza ou medo.

— Ei, garoto — gritou uma mulher, e ele a ignorou, como ignorou o nobre cintilante que tentou atraí-lo para um beco.

O bairro de Ponte Austral era a infecção que supurava sob a pele aparentemente saudável da cidade. Ninguém visitava aquela vizinhança à noite, a menos que fosse um cara grande e bem armado, cercado de amigos também grandes e bem armados. Mas, durante o dia, era seguro se você usasse a cabeça e ficasse atento aos arredores. Han queria sair de Ponte Austral antes de escurecer.

Para ser franco, algumas pessoas poderiam chamar a própria vizinhança de Han de lugar perigoso. Mas em Feira dos Trapilhos ele sabia quem vigiar e onde essas pessoas ficavam. Ele precisaria dar apenas alguns passos para desaparecer no labirinto de ruas e becos que conhecia tão bem. Ninguém o encontraria em Feira dos Trapilhos se ele não quisesse ser encontrado.

Seu destino era O Barril e a Coroa, uma taverna decrépita que se agarrava à beira do rio feito uma craca. A margem abaixo fora minada por séculos de inundações primaveris, e sempre parecia prestes a cair no rio. A hora era boa: o salão estava ficando cheio com os clientes noturnos. Ele sairia dali antes que as coisas ficassem agitadas demais.

Han entregou as garrafas de Lucius a Matieu, o taberneiro, e recebeu em troca uma bolsa pesada.

Matieu arrumou as garrafas na prateleira de trás, fora do alcance dos clientes mais agressivos.

— Isso é tudo que você tem? Vou vender esse lote em um dia. Desce suave como água, isso sim.

— Tenha dó. Só consigo carregar isso, você sabe — falou Han, fazendo cara de coitado e massageando os ombros doloridos com os dedos.

Todas as tavernas em Fellsmarch eram clientes de Lucius. O velho poderia triplicar a produção e venderia tudo, mas preferia não fazer isso.

Matieu fitou-o com ar especulativo, depois pôs a mão sob a imensa barriga à procura da bolsa. Ele retirou uma moeda e apertou-a na mão de Han, fechando os dedos por cima dela. Uma moeda da princesa, pelo formato e peso, chamada nas ruas de uma "menina".

— Talvez você pudesse falar com ele. Convencê-lo a mandar mais garrafas para cá.

— Bem, eu poderia *tentar*, mas ele tem um monte de clientes muito antigos, você sabe... — Han deu de ombros. Ele avistara uma bandeja com pãezinhos de carne no

aparador. A irmã, Mari, adorava aqueles pãezinhos. — Hum... Matieu. Você tem planos para aqueles pãezinhos?

Han deixou O Barril e a Coroa assobiando, com uma "menina" a mais e quatro pãezinhos de carne de porco embrulhados em um guardanapo. No fim das contas, o dia até que estava sendo bom.

Ele dobrou o Beco do Oleiro, na direção da ponte sobre o rio Dyrnne, que o levaria até Feira dos Trapilhos. Estava quase lá quando a luz se extinguiu na passagem, como se uma nuvem tivesse passado diante do sol.

Ele olhou para a frente e viu que agora a saída do beco estava fechada por duas pessoas.

Uma voz familiar reverberou pelos edifícios de pedra de cada lado.

— Ora, o que é que temos aqui? Um *Trapilho* em nosso domínio?

Pelos malditos ossos. Era Connor Navalha e os Austrinos dele.

Han girou, para tentar voltar pelo caminho do qual viera, e encontrou mais dois Austrinos bloqueando sua fuga. Então, o encontro não era casual. Eles prepararam uma armadilha e escolheram aquele lugar de propósito.

Havia ao todo seis Austrinos, quatro garotos e duas garotas, com idades que variavam entre um e dois anos a menos e um ano a mais que Han. Ele não teria espaço para se virar no beco estreito, nenhum meio de proteger as costas. Era um sinal de respeito, de reconhecimento de seu nome em Ponte Austral.

Pelo menos, essa era uma maneira de ver aquela situação.

Antigamente, ele estaria acompanhado dos seguidores. Nunca teria se permitido cair numa armadilha assim.

Han pensou em dizer que não estava mais com os Trapilhos, mas isso apenas o marcaria como uma vítima fácil, alguém sem proteção nem domínio próprio.

A mão de Han encontrou o cabo da faca, que ele desembainhou e segurou na palma da mão, embora soubesse que de nada lhe serviria. Se tomassem a algibeira dele e somente lhe dessem uma surra, ele se consideraria com sorte.

Han se encostou no muro do beco.

— Só estou de passagem — disse Han, erguendo o queixo e fingindo uma confiança que não sentia. — Não quis desrespeitar ninguém.

— Sério? Tô achando que isso é só conversa, Algema. — Navalha e seu bando formaram um semicírculo frouxo ao redor de Han. O dono da rua era ruivo e tinha olhos azuis, com o rosto pálido e imberbe como o de uma bela moça, marcado

apenas pelo sinal roxo da gangue na bochecha e uma antiga cicatriz de faca que repuxava seu olho esquerdo para baixo no canto.

Navalha não era grande, nem mais velho que Han. Ele liderava graças à sua habilidade com uma faca e a disposição de arrancar seu coração durante o sono. Ou a qualquer outra hora. Uma total falta de consciência o tornava poderoso.

A lâmina do rapaz reluziu sob a luz que irradiava da rua. Suas mãos tinham cicatrizes; ele fora identificado como ladrão pelos casacos azuis antes que pudesse aprender a malandragem das ruas. Era o melhor com uma faca em Ponte Austral, e o único melhor que ele em Feira dos Trapilhos era uma garota, Cat Tyburn, que substituíra Han como dona da rua dos Trapilhos.

— Você andou fazendo negócios em Ponte Austral, e nós queremos uma parte dos seus ganhos. Você já foi avisado — disse Navalha. O restante dos Austrinos deu um passo para a frente e sorriu.

— Olha, eu não sou o "cara da bolsa" — argumentou Han, usando o jargão dos ladrões. — Quem seria louco de me entregar essa grana? Só faço as entregas. Eles acertam tudo entre si.

— Passa o produto, então — disse Navalha, e os outros Austrinos acenaram com a cabeça, entusiasmados. Como se Navalha fosse compartilhar alguma coisa com eles.

Han manteve os olhos na faca de Navalha e ajustou sua posição de acordo.

— Lucius não vai pagar uma tarifa nem propina. E se eu não entregar as garrafas, ele não me contrata mais.

— Por mim, não tem problema — disse Navalha com um sorriso. — Ele vai precisar de sangue novo. Não tem por que não ser a gente.

É mesmo?, pensou Han. Lucius era cuidadoso com os parceiros. Mas não era hora de dizer isso.

— Muito bem — aceitou, hesitante, como se estivesse cedendo. — Deixa eu falar com ele, e a gente vê o que dá pra fazer.

Navalha sorriu.

— Garoto esperto — falou.

Isso devia ter sido algum tipo de sinal, porque subitamente todos estavam em cima dele. A faca de Navalha cortou o ar na direção do rosto de Han e, quando ele aparou o golpe, os Austrinos que estavam atrás agarraram seus braços e bateram o pulso dele contra a parede, até que soltasse a faca. Depois, um garoto mais velho, um habitante das Ilhas Meridionais, começou a bater a cabeça de Han contra o muro, e

ele soube que seria seu fim, talvez para sempre, se o garoto continuasse. Por isso, amoleceu e se deixou cair no chão. Navalha chutou-o com força nas costelas e outra pessoa o socou no rosto. Machucou muito, mas não foi fatal.

Finalmente, eles ergueram Han pelos braços e o seguraram de pé enquanto Navalha o revistava. Han resistiu à tentação de cuspir no rosto dele ou de chutá-lo onde doeria. Ele ainda torcia para sobreviver.

— Cadê o tesouro? — quis saber Navalha, enquanto revirava os bolsos de Han. — Cadê os diamantes, rubis e ouro que todo mundo fala?

Seria uma péssima ideia contar a Navalha que o lendário tesouro nunca existiu, a não ser nos boatos de rua.

— Já era — respondeu Han. — Gastaram, roubaram e distribuíram. Não fiquei com nada.

— Ficou com isso aqui — Navalha puxou as mangas de Han e expôs os braceletes de prata. — Ouvi dizer que você era chique, Algema — Navalha agarrou o braço direito de Han e puxou o bracelete, praticamente deslocando o pulso do rapaz. Furioso, o líder do bando encostou a ponta da faca no pescoço de Han, que sentiu o sangue escorrer sob a camisa. — Tira eles.

Os braceletes foram a marca de Han durante seu tempo como dono da rua dos Trapilhos. Navalha os queria como troféu.

— Eles não saem — disse Han, e sabia com uma certeza entorpecida que estava prestes a morrer.

— Não? — Navalha respirou com o rosto a poucos centímetros de Han, animado com a expectativa, com lágrimas rolando do olho esquerdo machucado. — Que pena. Vou cortar fora suas mãos, então, e ver se eles escorregam pelos cotocos. — Ele olhou ao redor para a plateia, e os outros Austrinos riram de modo entrecortado. — Mas não esquenta não, Cotoco. A gente vai deixar você mendigar deste lado da ponte. Desde que você pague uma tarifa, isso sim. — A gargalhada era estridente e ligeiramente louca, como uma canção desafinada.

Navalha afastou a lâmina do pescoço de Han e continuou a busca, dando a ele tempo para pensar. Ele encontrou a bolsa de dinheiro do garoto e a cortou fora, levando um pouco de pele junto. Enfiando o dinheiro sob a camisa, ele segurou a bolsa de viagem de Han, começou a remexer nela e jogou os produtos no chão. O ânimo de Han diminuiu ainda mais. Não havia meio de Navalha deixar de ver a

bolsa com o pagamento de Matieu. E Han não teria como recuperar aquela quantidade de dinheiro.

Não seria problema dele depois que sangrasse até morrer.

Mas não foi a bolsa de Matieu que Navalha pegou. Foi o amuleto de Bayar, no embrulho de couro.

— O que você tem aqui, Algema? — indagou Navalha, os olhos iluminados com interesse. — Coisa cara, espero. — Ele desdobrou o couro e cutucou o amuleto com o dedo.

Uma luz verde ondulou pelo beco, ofuscando Han e o deixando temporariamente cego. Com uma explosão de estourar os ouvidos, Navalha e os Austrinos foram lançados para trás contra o muro oposto, feito bonecas de pano, e bateram na pedra com uma pancada dura. Han caiu pesadamente, com os ouvidos zumbindo.

Ele rolou e ficou de joelhos. O amuleto, aparentemente intacto, estava no chão bem diante dele, e ainda emitia um brilho verde sinistro. Depois de um instante de hesitação, Han deixou o embrulho de couro cair por cima dele e deslizou-o novamente para dentro da bolsa.

Enquanto se levantava com dificuldade, Han ouviu ordens sendo gritadas e o som de botas batendo no calçamento de pedra no extremo sul do beco. Ele olhou para trás. Um grupo de soldados com casacos azuis se amontoava na entrada. A Guarda da Rainha. Han tinha um histórico com a Guarda. Era hora de partir.

Ele olhou para Navalha, que se erguera de repente e balançava a cabeça, confuso, cercado pelos companheiros. Não havia meio de reaver a própria bolsa, mas ele ainda tinha o dinheiro de Matieu, e a Guarda poderia atrasar os Austrinos. Era uma chance para tentar sair vivo. E ele a aproveitaria.

Han disparou pelo beco, para longe dos guardas e na direção do rio. Atrás dele, dava para ouvir os gritos ameaçadores e as ordens para que parasse. Pensou em se abrigar no Templo de Ponte Austral na extremidade oeste da ponte, mas decidiu que seria melhor chegar logo em casa. Ele correu pelo beco, passou pelo templo, fez força para abrir caminho através da fila para a ponte e disparou até o outro lado. Não parou de correr até estar bem avançado no domínio dos Trapilhos. Depois, pegou uma rota cheia de curvas e esquinas, para ter certeza de que ninguém o seguia.

Finalmente Han dobrou na Rua das Pedras e mancou pelo calçamento irregular. Agora que ele se sentia seguro, examinou o estrago. Ele estava todo dolorido. A pele

repuxada sobre o lado direito do rosto indicava um inchaço, e Han mal podia enxergar com o olho direito. Uma dor aguda na lateral do corpo sugeria uma costela quebrada. Com cuidado, ele examinou a parte de trás da cabeça com os dedos. Os cabelos estavam sujos de sangue e havia um calombo do tamanho de um ovo de gansa.

Poderia ser pior, falou para si mesmo. As costelas poderiam ser enfaixadas, pelo menos, e nada mais parecia quebrado. Ele não tinha dinheiro para médicos, portanto, o que estivesse quebrado ficaria quebrado ou se curaria como bem entendesse. Era assim que funcionava em Feira dos Trapilhos. A menos que Han estivesse disposto a subir de volta a Hanalea para receber os cuidados de Willo.

Ele parou no poço no fim da rua, jogou água sobre a própria cabeça, lavou o sangue da melhor maneira que podia e penteou o cabelo para baixo com os dedos. Não queria assustar Mari.

Durante todo esse tempo, sua memória rodeava os acontecimentos no Beco do Oleiro. Talvez ele estivesse abobalhado. Afinal, batera a cabeça. Podia jurar que vira Navalha segurar o amuleto e então ele explodira. Assim como Bayar disse que faria.

Ele podia sentir o peso ameaçador do faz-feitiço na bolsa. Talvez Dançarino tivesse razão. Talvez ele devesse ter enterrado aquela coisa. Mas a questão era que, se não fosse pelo talismã de serpente, ele estaria metido em sérios problemas. Talvez morto.

Ha!, pensou ele. *Não banque o idiota. Você está metido em grandes problemas, de qualquer modo.*

Ele chegara ao estábulo no fim da rua, por isso não adiantava enrolar mais. No interior do estábulo, Han farejou o ar, hesitante. Não era cheiro de comida. Em vez disso, o fedor era de esterco, palha úmida e cavalos suados. Ele teria que limpar os estábulos no dia seguinte. Se conseguisse sair da cama.

Alguns dos cavalos botaram a cabeça para fora dos estábulos e relincharam em sinal de reconhecimento, na esperança de uma guloseima.

— Desculpem — murmurou ele. — Não tenho nada. — Hesitante, subiu a velha escada de pedra para o quarto que dividia com a mãe e a irmã de 7 anos.

Han abriu a porta devagar. Por força do hábito, seus olhos vasculharam o cômodo para localizar a encrenca antes que ela viesse voando até ele. O quarto estava frio e escuro, o fogo, quase apagado. Nenhum sinal da mãe.

Mari estava deitada no colchão perto da lareira, mas devia estar acordada, pois sua cabeça ergueu-se assim que ele entrou. Um grande sorriso surgiu em seu rosto, e ela se lançou ao irmão e envolveu as pernas dele com os braços finos, enterrando o rosto em sua cintura.

— Han! Onde é que você andou? A gente ficou tão preocupada!

— Você deveria estar dormindo — falou ele, fazendo um afago constrangido nas costas dela e alisando os desgrenhados cabelos louro-claros. — Cadê a mamãe?

— Ela saiu para procurar você — respondeu Mari e estremeceu enquanto os dentes rangiam por medo ou frio. Voltou para a cama perto do fogo e enrolou o cobertor puído nos ombros magros. Ela nunca parecia ter gordura suficiente para se manter aquecida.

Ossos malditos, ele pensou e sentiu-se culpado.

— Quando ela saiu?

— Ficou fora durante todo o dia, indo e voltando.

— Você jantou?

Ela hesitou e pensou em dizer uma mentira, depois balançou a cabeça.

— Mamãe vai trazer alguma coisa para casa, acho.

Han apertou os lábios para evitar a torrente de pensamentos. Por alguma razão, a fé de Mari era importante para ele, como um sonho do qual ele não queria se livrar. Ela era a única pessoa em toda a Feira dos Trapilhos que já acreditara nele.

O menino caminhou até a lareira, retirou um graveto do suprimento que diminuía cada vez mais e pôs no fogo. Depois, sentou-se no colchão fino ao lado da irmã e manteve o rosto distante da luz da fogueira.

— Vocês não têm o que comer por culpa minha — comentou. — Eu deveria ter voltado para casa mais cedo. Falei para a mamãe que traria alguma coisa. — Han remexeu no bolso e retirou o guardanapo com os pãezinhos. Desembrulhou-os e entregou um para Mari.

Os olhos azuis da menina se arregalaram. Ela o segurou entre os dedos e ergueu os olhos para ele, esperançosa.

— E quantos pedacinhos dele eu vou ganhar?

Han deu de ombros, constrangido.

— Todos. Trouxe mais para mim e para a mamãe.

— Ah! — Mari partiu o pãozinho e comeu-o com mordidas gulosas, lambendo os dedos no fim. O molho doce e picante sujou sua boca, e ela passou a língua pelos

lábios e tentou pegar o último pedacinho.

Han desejou ter novamente 7 anos, quando bastava um pãozinho de carne de porco para fazê-lo feliz.

Ele entregou-lhe mais um, mas, ao pegá-lo, ela deu uma boa olhada nele.

— O que aconteceu com a sua cara? Está toda inchada. — A menina esticou a mão pequena e tocou-lhe o rosto, como se fosse tão delicado quanto uma casca de ovo.

— Está ficando roxo.

Foi então que ele ouviu o "clump", "clump", "clump" cansado pelas escadas, indicando que a mãe havia chegado. Han pôs-se de pé e encostou na parede, ocultando-se nas sombras. Um instante depois, a porta se abriu.

A mãe de Han ficou parada na entrada, os ombros permanentemente curvados por causa de uma vida de azares. Para surpresa do rapaz, ela estava usando o casaco novo que ele pegara em Feira dos Trapilhos há uma ou duas semanas, pensando que seria útil no inverno seguinte. Nela, ele quase varria o chão, e a mãe enrolara um comprido cachecol no pescoço. Ela usava várias camadas de roupas mesmo em temperaturas amenas, como se fosse uma armadura.

Desenrolou o cachecol do pescoço e soltou a longa trança de cabelos claros. Ela tinha olheiras escuras e parecia mais cansada que o normal. Ela era jovem quando Han nasceu, não tinha mais que a idade que ele tinha agora — mas parecia mais velha do que era.

— Não consegui achar ele, Mari — anunciou a mãe com a voz entrecortada. Han estava impressionado por ver as lágrimas escorrerem pelas bochechas dela. — Estive em toda parte, perguntei a todo mundo. Fui até a Guarda, e eles riram de mim. Disseram que provavelmente ele estava na cadeia, que era o lugar dele. Ou que estava morto — ela fungou e enxugou o rosto com a manga.

— Hã, mãe... — gaguejou Mari e olhou na direção de Han.

— Eu falei para ele várias vezes para ficar fora das ruas, não se meter com as gangues, não levar dinheiro para aquele velho Lucius, mas ele não ouve, acredita que nada pode atingi-lo, ele...

Sou o cocô do cachorro, pensou Han. Sou a escória. Quanto mais ele esperasse, pior ficaria. Ele saiu das sombras.

— Estou aqui, mãe — e limpou a garganta. — Desculpe por me atrasar.

A mãe piscou para ele, pálida como pergaminho, e sua mão voou para o pescoço, como se tivesse visto um fantasma.

— O-onde...?

— Dormi em Pinhos Marisa — explicou Han. — E depois me meti em uma encrenca a caminho de casa. Mas trouxe o jantar. — Em silêncio ele estendeu o guardanapo com os pãezinhos recheados com carne de porco. Uma oferta.

Cruzando o espaço entre eles, ela tirou o guardanapo da mão dele.

— Você trouxe o jantar? É isso? Você desaparece durante três dias, eu fico louca de preocupação, e você traz o *jantar*? — A voz dela se elevara, e Han gesticulava com as mãos, tentando silenciá-la. Não havia necessidade de acordar o proprietário, que vivia na porta ao lado, nem de lembrar que eles não tinham pago o aluguel.

Ela se adiantou, e ele recuou até encostar na lareira. Ela apontou um dedo acusador no rosto dele.

— Você andou brigando de novo. Não andou? O que foi que eu lhe disse?

— Não — disse ele sem convicção e balançou a cabeça. — Eu só... eu tropecei no meio-fio e caí com o rosto na rua.

— Você deveria botar um pano frio no machucado — disse Mari de seu refúgio na cama. A voz tremia, como acontecia quando ela estava aborrecida. — Mamãe, a senhora sempre diz que isso diminui o inchaço.

Han olhou para Mari e desejou que ele e a mãe pudessem brigar em outro lugar. Mas quando se mora em um cômodo acima de um estábulo, não há outro lugar.

— Quem foi desta vez? — quis saber a mãe. — As gangues ou a Guarda? Ou você andou batendo muitas carteiras?

— Eu não bato mais carteiras — protestou Han, magoado. — Nem furto também. Eu não...

— Você *disse* que ia atrás de plantas para a feira das terras baixas — disse a mãe. — Você chegou a ir a Hanalea? Ou estava zanzando pelas ruas durante esse tempo todo?

— Eu estava em Hanalea — falou Han e fez um esforço para controlar o temperamento. — Eu e Dançarino passamos todo o dia colhendo ervas na montanha.

A mãe fitou-o com expressão severa, depois esticou a mão.

— Nesse caso, você devia ter um pouco de dinheiro para mim.

Han pensou na bolsa que agora estava com Navalha. Ele ainda tinha o dinheiro de Lucius, mas, como gostava de dizer, ele não era ladrão. Engoliu em seco e baixou os olhos para o soalho.

— Não tenho dinheiro — falou ele. — Tomaram de mim em Ponte Austral.

Sibilando, a mãe soltou o ar, como se Han tivesse confirmado todos os piores medos dela.

— Você é amaldiçoado, Hanson Alister, e terá um final ruim — falou. — Não me admira que você se meta em confusão, ficando nas ruas o dia todo. Quando você anda por aí com gangues de rua, furtando e roubando...

— Não estou mais com os Trapilhos — interrompeu Han. — Prometi a você no outono.

A mãe prosseguiu como se ele não tivesse falado.

— Quando você anda com tipos ruins como Lucius Frowsley. Nós podemos ser pobres, mas, ao menos, sempre fomos honestos.

Alguma coisa se partiu dentro de Han, e quando ele abriu a boca as palavras jorraram.

— Nós somos *honestos*? Bem, a honestidade não vai encher as nossas barrigas. A honestidade não paga o aluguel. No último ano fui eu quem cuidei de nós, e fica muito mais difícil sem truques. Fique à vontade se quiser acreditar que a senhora pode nos manter longe da prisão dos devedores lavando roupa e catando trapos. E se a gente for mesmo para a prisão, o que a senhora acha que vai acontecer com a Mari?

A mãe ficou parada, sem conseguir falar, com os olhos muito azuis, os lábios tão brancos quanto o restante da face. Então, ela pegou um graveto em brasas da pilha e balançou-o na direção do garoto. Em um reflexo, ele agarrou o pulso dela. Eles olharam um para o outro com expressão severa durante um longo momento, unidos pelo sangue e pela raiva. Aos poucos, a raiva se extinguiu e deixou apenas a ligação de sangue.

— Não vou mais deixar a senhora me bater — falou Han em voz baixa. — Já apanhei uma vez hoje. Já basta.

Mais tarde, Han deitou no colchão de palha no canto. Ele podia ouvir a respiração suave e regular que indicava que a mãe e Mari finalmente haviam adormecido. Todos os ossos de seu corpo doíam, e parecia que seu rosto podia se esgarçar. Além disso, estava novamente faminto. Ele e a mãe dividiram os dois últimos pãezinhos com

recheio de carne, mas atualmente tudo que ele comia parecia evaporar antes de chegar ao estômago.

A mente dele se agitava como um rato em um labirinto. Ele não era nenhum filósofo. Tinha poucos períodos nos quais sonhava. Ele não era o tipo que tentaria reconciliar as almas rivais que viviam dentro de seu corpo.

Havia Han Alister, filho e irmão mais velho, homem da família, que fazia negócios, e era um vigarista de meia-tigela. E havia Caçador Solitário, que fora adotado por Pinhos Marisa e que desejava poder se dissolver para sempre nos clãs. E, finalmente, Algema, ladrãozinho e lutador de rua, antigo dono da rua da gangue dos Trapilhos e inimigo dos Austrinos.

Diariamente ele saía de uma pele e entrava em outra. Não era de admirar que fosse difícil decidir quem ele era.

Ele se mexeu no chão duro. Costumava usar a bolsa como um travesseiro, mas não tinha ideia se deveria fazer isso com o amuleto dentro. O faz-feitiço ocupava seus pensamentos como uma dor de dente. E se explodisse e matasse a todos? Ou pior, e se os deixasse vivos sem um teto acima de suas cabeças?

As palavras de Lucius voltaram a ele. *Mantenha o amuleto escondido e fique fora do caminho dos Bayar. Se descobrirem que você o tem, vão te matar para recuperá-lo.*

Finalmente ele tirou da bolsa o amuleto embrulhado. Vestindo apenas a calça, Han desceu as escadas, passou pelos cavalos e foi para o frio pátio do estábulo. A alguma distância da construção, via-se uma forja de pedra construída na época em que havia um ferreiro morando ali. Fora o esconderijo de Han desde que ele tinha idade suficiente para ter segredos. O garoto ergueu uma pedra solta da base, enfiou o amuleto debaixo dela e recolocou a pedra. Sentindo-se mais tranquilo, ele voltou ao estábulo e subiu a escada com a mente trabalhando furiosamente.

Amanhã voltaria à casa de Lucius, entregaria a bolsa e, com sorte, seria pago. Isso poderia ser o suficiente para acalmar o proprietário por algum tempo, em particular, se ele voltasse a limpar o estábulo.

Sentado no colchão, Han enfiou a mão no bolso da calça e retirou a moeda da princesa que Matieu lhe dera havia uma eternidade. Ele a virou na direção do fogo, e as chamas refletidas destacaram a silhueta gravada nela.

Era a princesa Raisa *ana'*Marianna, herdeira do trono do Lobo Gris de Fells.

— Ei, "menina" — murmurou ele e passou o dedo indicador sujo por cima da imagem. — Queria ver outras de você.

Ela estava de perfil, capturada no metal duro e frio — o pescoço gracioso esticado, o cabelo puxado para trás, afastado do rosto e preso sob um diadema. Sem dúvida, orgulhosa e altiva como a mãe, a rainha Marianna.

Não, pensou Han com ironia. Dá trabalho demais ir até as terras altas para caçar. Simplesmente nos enviarão o cervo, mesmo que isso signifique pôr fogo na montanha.

Uma princesa não teria que se preocupar em manter um telhado acima de sua cabeça, de onde viria a próxima refeição, nem se ia ser encurralada e apanhar na rua.

Uma princesa não teria que se preocupar com nada.

CAPÍTULO SETE

NO JARDIM DE CRISTAL

Raisa apressou-se pelo corredor, e os sapatos de dança sussurravam no piso de mármore. Ela pretendia retornar aos aposentos e trocar de roupa, mas não sabia bem o que vestir. A calça e a túnica dos clãs estavam totalmente imundas. Ela não tinha outras roupas casuais e, de qualquer forma, o novo e solene Amon em seu uniforme de gala parecia pedir algo mais formal. Mas e se ele tivesse trocado a calça e a camisa? Ela se sentiria tola por estar de vestido.

Espere aí. Ela era a princesa-herdeira, que vinha de um baile. Por que deveria se sentir tola? Qual era o problema com ela?

Magret estava esperando e segurava uma xícara de chá com as duas mãos. Seus cabelos grisalhos estavam em tranças.

— Você voltou mais cedo do que o esperado, Alteza — disse ela, levantou-se e fez uma mesura. — Pensei que ficaria até mais tarde.

— E ficarei. Vou ver Amon agora — disse Raisa, sentando-se diante do espelho e retirando o diadema. Ela decidira ficar com o vestido, mas soltar os cabelos. Depois, ela...

— Agora? — Magret fitou-a. — A esta hora?

Raisa piscou para ela.

— Ora. Sim. — E quando Magret continuou a franzir a testa, emendou: — Qual é o problema?

— Você não pode se encontrar com um rapaz sozinha e no meio da noite!

O que foi que Magret não compreendeu?

— É o *Amon*. Nós sempre passávamos a noite ao ar livre. Lembra quando a cozinheira nos encontrou debaixo da mesa do padeiro ao nascer do sol? Nós queríamos estar lá quando os pãezinhos de canela saíssem do forno. — Raisa passou uma escova pelos cabelos embaraçados e pensou que agora Amon não caberia debaixo da mesa do padeiro. Não com aquelas pernas compridas.

— Você não vai sair desacompanhada a esta hora — falou Magret, com teimosia.

— Eu confirmei que vou — disse Raisa e arrumou os cabelos numa trança frouxa. — De qualquer forma, ninguém vai saber.

— Se você for, vou falar com Lady Francia, que vai interromper a rainha — disse Magret e projetou o queixo para a frente com ar de triunfo.

— Você não faria isso — disse Raisa, que agora se lamentava por não ter ido direto para o encontro.

— Eu faria, Alteza. Você fará 16 anos em junho e poderá se casar. Se algo lhe acontecer, será culpa minha. Quero dizer, afinal, ele é um *soldado*.

— Sangue. De. Hanalea. Não vou me casar com ninguém, Magret. Não por um bom tempo. — *Vou ter uma centena de amantes antes disso, só para provocar*, era o que ela queria dizer. Além disso, é mais provável que eu me meta em encrenca no salão de jogos com Micah, ou debaixo do nariz da minha mãe no salão de banquetes, do que com Amon, pensou Raisa.

Elas olharam com expressão severa uma para a outra por alguns momentos, num impasse.

— Ótimo — disse Raisa. — Então, venha comigo.

Magret baixou os olhos para o robe. Obviamente, ela pensara que sua noite já estava encerrada.

— Alteza, eu não acho...

Raisa assumiu a expressão imperiosa de princesa.

— Se você insiste em vir, poderia muito bem preparar uma bandeja para Amon. Ele ficou de guarda na porta durante todo o jantar, portanto, não comeu.

Quinze minutos e muitos resmungos depois, elas saíram dos aposentos, Raisa na frente e Magret atrás, irradiando desaprovação e trazendo uma grande bandeja de prata.

Elas subiram alguns degraus, que ficavam mais estreitos e íngremes à medida que subiam.

— Vocês vão se encontrar no telhado, então? — ofegou Magret, dois degraus atrás de Raisa.

— Vamos nos encontrar no jardim de cristal — disse Raisa e parou no topo do último degrau para deixar que Magret se recuperasse. Teria sido muito mais fácil subir pela escada secreta, mas esse era um segredo que ela não pretendia compartilhar com a aia.

Ela também não o compartilhara com Micah. Depois que fosse revelado, não poderia ser ocultado novamente, caso o rapaz se tornasse incômodo ou inconveniente.

O jardim de cristal devia ter sido um local para exposições no passado, projetado por alguém que amava jardins. Elas passaram por portas altas de bronze, decoradas com vinhas, flores e animais engenhosos e insetos entalhados no metal. O ar em seu interior era úmido, com aroma de terra e flores, além do cheiro de coisas brotando. O soalho de ardósia escura captava a luz do sol durante todo o dia e devolvia o calor durante a noite. A água quente das fontes termais circulava através de canos, controlados por uma série de válvulas para que as temperaturas pudessem se ajustar e atender às necessidades de plantas tropicais, desérticas e temperadas.

A rainha Marianna tinha pouco uso para os jardins e preferia que suas flores fossem arranjadas em vasos, mas Raisa compartilhava com o pai a paixão por cultivar a terra. Nas raras ocasiões em que ele ficou no Castelo de Fellsmarch, passaram horas em silêncio na companhia um do outro, podando raízes e desbastando as mudas.

Nos últimos três anos, os dois estiveram ausentes, e o jardim cresceu demais e foi negligenciado, e as plantas mais agressivas expulsaram os tipos mais frágeis e delicados. Havia painéis quebrados aqui e ali, cobertos com lã ou rudemente remendados com pedaços que se ajustavam mal. Algumas áreas do jardim eram frias demais para qualquer planta que não fosse nativa.

Raisa conduziu Magret até a entrada do labirinto. Amon estaria esperando em uma das passagens laterais, em um pavilhão próximo à fonte.

Acho que vamos ter que procurar um novo lugar para nos encontrarmos, pensou a garota, agora que Magret sabe sobre este aqui.

Embora ela talvez não fosse capaz de encontrar a trilha de volta.

Confiante, Raisa abriu caminho através dos túneis cheios de folhas, com Magret em seus calcanhares, como se a mulher temesse que a garota pudesse correr e deixá-la presa ali. As paredes do buxeiro tinham praticamente crescido juntas em alguns lugares, e mais de uma vez elas tiveram que forçar os emaranhados de galhos.

— Você vai estragar o vestido na primeira noite — reclamou Magret, que lambeu o dedo e esfregou-o numa marca na saia de cetim de Raisa.

Raisa ouviu Amon antes de vê-lo. Ele andava de um lado para o outro e resmungava para si mesmo. No início, ela pensou que o rapaz estivesse reclamando do seu atraso, mas parecia que estava treinando algum tipo de discurso.

— Alteza, posso dizer que estou honrado por você... ah... estou satisfeito por ser lembrado... aaaah. — Ele balançou a cabeça com desgosto e limpou a garganta. — Alteza, fiquei espantado... não... surpreso quando falou comigo, e espero que possa considerar nossa amizade... Pelos ossos de Hanalea! — exclamou ele e deu um tapa na própria testa. — Que idiota.

Raisa ergueu a mão, indicou que Magret deveria ficar onde estava e deu um passo à frente.

— Amon?

Ele deu um pulo e girou, com a mão automaticamente indo até o cabo da espada. Tentou mudar para um gesto elegante, estendendo a mão na direção dela e fez uma mesura.

— Alteza — coaxou, empertigou-se e a fitou. — Você... hum... parece bem.

— *Alteza*? — Ela deu um passo na direção dele, o cetim farfalhando, e o queixo erguido imperiosamente. — *Alteza*?

— Ora — disse ele e corou furiosamente. — Eu... ah...

Ela segurou as mãos dele e ergueu o olhar bem alto, fitando o queixo quadrado dos Byrne, o nariz reto e mergulhando nos olhos cinzentos.

— Pelos ossos, Amon, sou eu. Raisa. Alguma vez na sua vida você já me chamou de "Alteza"?

Ele refletiu.

— Pelo que me lembro, várias vezes você me *obrigou* a lhe chamar assim — falou secamente.

O rosto dela ficou quente.

— Eu nunca fiz isso!

Ele ergueu a sobrancelha, uma expressão da qual ela se lembrava muito bem. Muito irritante.

— Certo — admitiu ela —, está bem. Talvez algumas vezes.

Ele deu de ombros.

— Provavelmente é melhor se eu me acostumar a falar assim — disse ele. — Se eu for ficar na corte.

— Suponho que sim — concordou ela. Eles ficaram parados, com as mãos entrelaçadas de modo constrangedor por um momento. Subitamente ela ficou muito consciente do contato. Seu coração parou por um instante.

— Então — disse ele. — Você parece... bem — repetiu. Era como se ele não conseguisse decidir para onde deveria olhar, o que lhe dava uma aparência um tanto esquiva.

— E você parece... alto — retrucou ela, afastando bruscamente as mãos. — Você está com fome? Magret trouxe o jantar.

Ele hesitou e olhou em volta, finalmente encontrando Magret emburrada perto de uma árvore de jade. Ergueu a sobrancelha novamente.

— Você trouxe Magret? Para cá?

Raisa deu de ombros.

— Ela não me deixou vir sozinha. Agora é mais difícil — explicou Raisa.

— Oh! — ele hesitou. — Bem, eu *estou* com fome — admitiu ele.

Raisa fez um gesto para Magret, que pôs a bandeja numa pequena mesa de ferro fundido à beira d'água, acendeu as tochas, e então se retirou para um banco próximo o suficiente para que ainda pudesse ouvir a conversa.

— Por favor — pediu Raisa a Amon. — Sente-se.

Ela se ajeitou em uma cadeira e decidiu mordiscar um pequeno cacho de uvas, embora ainda estivesse empanturrada por causa do jantar. Ficou feliz pela distração da comida, feliz por terem algo no que se concentrar, além de um no outro.

Com cuidado, Amon retirou a túnica do uniforme e pendurou-a nas costas da cadeira. Por baixo da túnica, ele vestia uma camisa de linho branca como neve. Ele enrolou as mangas acima dos cotovelos e exibiu os braços bronzeados e musculosos.

— Desculpe — disse ele e finalmente se sentou. — Estou acostumado a lavar minha roupa, na Academia Wien, por isso eu tento manter os punhos fora da minha sopa.

Entusiasmado, Amon comeu o pão, o queijo e as frutas que Magret trouxera, e fez tudo descer com a sidra. Uma vez ergueu o olhar e flagrou Raisa olhando para ele.

— Me desculpe — falou ele, limpando rapidamente a boca com um guardanapo. — Eu cavalguei muito hoje. Estou faminto e me acostumei a comer na caserna. É tipo um salve-se quem puder.

Para Raisa, era um alívio conversar com alguém que não tentava adulá-la. Que dizia o que pensava. Que não era tão delicado que ela se sentia desajeitada e pouco hábil com as palavras.

— Então — disse ela —, você servirá na Guarda este verão?

Ele acenou com a cabeça, mastigou e engoliu.

— E todo verão a partir de agora.

— Você vai ter muito trabalho?

— Sim, meu pai vai fazer questão de garantir que a rainha seja compensada pelo que pagou. — Ele revirou os olhos. — Talvez eu consiga ver você, se for designado à sua guarda pessoal. Mas é improvável que aconteça no meu primeiro ano na Guarda.

— Ah — murmurou Raisa, decepcionada. Ela se sentia solitária desde o retorno a Fellsmarch, vinda de Demonai. Havia Micah, sem dúvida, mas estar com ele não era exatamente relaxante, nem mesmo com uma acompanhante.

Ela desejara passar um verão com o Amon do qual ela lembrava. Não lhe ocorrera que ele estaria tão diferente. Ou que não teria tempo livre.

— Eu tinha esperança de que pudéssemos cavalgar novamente até as Quedas do Grota de Fogo. Ouvi dizer que há um novo gêiser que jorra 15 metros no ar.

— Sério? — Amon inclinou a cabeça. — Você não foi lá ver?

— Eu estava esperando você. Lembra da época em que íamos nadar nas Fontes do Demônio? — Eles pescavam trutas no Grota de Fogo e preparavam o que pegavam em uma das fissuras de vapor que causavam rupturas na paisagem.

— Ah. — Ele pareceu pouco à vontade. — A rainha pode não gostar mais da ideia de nós cavalgarmos sozinhos por aí.

— Por que não?

— Por várias razões. — Ele fez uma pausa e, quando ela não respondeu, emendou: — Uma delas é que agora está mais perigoso do que antes.

Raisa contorceu-se, impaciente.

— Todos dizem isso.

— Porque é a verdade.

— E por que mais? — insistiu Raisa.

— Eu sou um soldado e já sou maior de idade. Você só será adulta no meio do verão. É diferente. As pessoas vão falar.

Raisa fez um som irritado.

— As pessoas vão falar de qualquer forma. — Mas ela sabia que Amon tinha razão. Após um silêncio incômodo, mudou de assunto. — Conte-me sobre Vau de Oden.

— Bem. — Amon hesitou, como se quisesse ter certeza de que ela tinha falado sério. — A academia é dividida pelo rio Tamron: Academia Wien, o colégio de guerreiros, fica de um lado, e a Academia Mystwerk, o colégio de feiticeiros, do

outro. Eles devem ter achado que era melhor manter as duas separadas, no início. Essas foram as duas primeiras, mas atualmente há outras escolas também.

"Há cinquenta cadetes na Academia Wien todo ano. Eles vêm de toda parte, de Tamron, de Fells, de Arden e outras regiões, mas eles não podem levar essas diferenças para o campo de treinamento. Há uma coisa chamada a Paz de Vau de Oden que é imposta com muito rigor. Vau de Oden é um pequeno domínio independente. Fica na fronteira entre Tamron e Arden, mas não pertence a nenhum deles."

— E onde vocês ficam? — perguntou Raisa, dando um chute no ar para tirar os sapatos e recolhendo os pés para baixo do vestido enquanto Magret olhava com expressão de desaprovação.

— Cada classe fica junta até nos tornarmos proficientes — disse Amon. — Depois, podemos escolher nosso próprio alojamento.

— O número de meninas e meninos é bem equilibrado na Academia Wien? — perguntou Raisa, casualmente.

Ele balançou a cabeça.

— Nós de Fells mandamos meninas para lá, mas no sul as coisas são diferentes. Eles têm ideias estranhas sobre o que as garotas podem fazer. Alguns dizem que é influência da Igreja de Malthus.

— Ah. — Raisa assentiu seriamente, fingindo compreender. Amon parecia tão informado, tão eloquente perto dela, e ela era a princesa-herdeira do reino! Não deveria saber dessas coisas? A mãe dela, a rainha, sabia sobre elas? Talvez não. Marianna também nunca viajava para fora do reino.

Raisa foi dominada pelo súbito desejo de ir a algum lugar, de sair de Fells.

— Então são cerca de três quartos de meninos e um quarto de meninas — continuou Amon. — As garotas são bem capazes. Ser um soldado não tem a ver apenas com a força bruta, como descobriram alguns dos sulistas. — Ele deu uma risada.

— O que vocês fazem então? — perguntou ela. — Vocês têm aulas teóricas ou... ou treinamento, ou o quê? — Certo, pensou ela, olhando-o com o canto do olho. Aulas teóricas não iam botar esses músculos nos braços e no peito dele.

— Um pouco de teoria, um pouco de prática — disse Amon e pareceu feliz com o interesse dela. — Nós aprendemos estratégia, geografia, a cavalgar, sobre

armamento, esse tipo de coisa. Estudamos as grandes batalhas da história e analisamos o resultado. Quanto mais adiantado você está, mais prática é a aplicação.

— Eu gostaria de poder ir — resmungou Raisa.

— Você? — Amon parecia surpreso. — Bem, seria muito perigoso, acho. Atualmente, ir e voltar da escola é um desafio.

— Por quê? — Raisa tocou o colar de rosa agreste. Talvez seu desejo de ver terras estrangeiras viesse do pai comerciante.

— Você sabe que há uma guerra civil em Arden: cinco irmãos disputam o trono, cada um com um exército. Portanto, se você está em idade de servir no sul, mesmo que só esteja passando, corre o risco de ser engajado à força no exército de alguém. E a idade de servir tem limites amplos; dos 10 aos 80 anos ou por aí.

Ele se afastou da mesa, esticou as pernas, massageando os músculos das coxas, como se estivessem doloridos.

— Além disso, você nunca sabe quando vai cruzar linhas inimigas ou parar no meio de uma batalha. Os desertores e bandos de mercenários desempregados estão por toda parte. Atualmente, as pessoas nem tentam te identificar antes de atacar.

— Meu pai está em Arden — disse Raisa e estremeceu. — Você sabia?

Ele assentiu.

— Meu pai me contou. — Amon fez uma pausa e parecia desejar retirar o que disse. — Ele é Demonai e já foi guerreiro. Tenho certeza de que ficará bem. Quando ele vai voltar para casa?

Ela balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Gostaria que ele voltasse logo. É que eu me sinto... preocupada, sabe? Como se alguma coisa fosse acontecer. — Raisa pensou no que Edon Byrne lhe contara, sobre a anarquia no interior e a necessidade de guardas para uma simples caçada. O que mais estava acontecendo que ela não sabia?

— O que você acha que deveríamos fazer diferente? — perguntou ela. — Quanto às guerras, quero dizer.

Ele corou.

— Não cabe a mim...

— Não ligo se cabe a você ou não! — Ela se inclinou sobre a mesa na direção dele. — Quero saber o que você *pensa*. Apenas entre nós.

Amon a estudou, como se não tivesse certeza se devia ou não acreditar nela.

Quando eu for rainha, pensou Raisa sombriamente, as pessoas não terão medo de dizer o que pensam.

— Apenas entre nós?

Ela assentiu.

— Bem... — disse ele, e seus olhos cinza estavam fixos nela. — Papai e eu temos conversado. A guerra civil em Arden não vai durar para sempre. Para falar a verdade, eles ficarão sem soldados. Um daqueles irmãos Montaigne sanguinários vai acabar saindo vitorioso, e quando isso acontecer, ele vai precisar de dinheiro. Vai olhar para o norte, para o sul e para o oeste em busca de novos territórios. Acreditamos que há coisas que poderiam ser feitas agora, que ajudariam a nos proteger no futuro.

— Tais como? — interrompeu Raisa.

— Livrar-se dos mercenários — falou Amon sem rodeios. — Eles sempre estão à venda e os Montaigne são traiçoeiros. Precisamos de um exército inquestionavelmente leal, composto por nativos. Mesmo que seja pequeno. Caso contrário, a rainha poderia ser derrubada pelos próprios soldados.

— Mas — Raisa mordeu o lábio — onde nós recrutaríamos? Os tempos são difíceis. Quem se ofereceria?

Ele deu de ombros.

— Os homens de Fells estão vendendo as espadas para Arden — falou ele. — Enquanto isso, estamos importando problemas do sul. Por que pagar estrangeiros para lutar por nós? Dê às pessoas uma razão para ficar em casa, no local ao qual pertencem.

— Que razão? — insistiu Raisa.

— Não sei. Algo pelo que lutar, no que acreditar. Uma vida decente. — Ele ergueu as mãos. — Como se eu fosse um especialista. Sou apenas um cadete, mas é isso que meu pai acha.

— Você sabe... o capitão Byrne discutiu isso com a rainha? — perguntou Raisa.

Amon desviou os olhos dela e desenrolou as mangas com atenção exagerada.

— Ele tentou. Mas a rainha Marianna tem muitos conselheiros, e papai é apenas o capitão da Guarda. — Raisa tinha a sensação de que ele estava guardando para si quase tanta coisa quanto tinha falado.

— E quanto ao general Klemath? O que ele acha? — perguntou Raisa. Klemath era pai de Kip e de Keith, seus insistentes pretendentes.

— Ora — disse Amon e esfregou o nariz —, para começo de conversa, foi ele quem trouxe os mercenários. Não é provável que apoiasse uma mudança.

— Nós temos os magos — disse Raisa e pensou que esse era o tipo de conversa que ela deveria ter com a mãe. — Temos lorde Bayar e o restante do conselho. Eles nos protegerão dos habitantes das terras baixas.

— Sim — Amon assentiu. — Se você puder confiar neles.

— Você se tornou cético no sul — acusou Raisa, esfregando os olhos e percebendo que fora um longo dia. — Você não confia em ninguém.

— É assim que se sobrevive no sul — disse Amon e olhou para a fonte.

Raisa abafou um bocejo.

— Também é assim que se lida com pretendentes. Você não confia em nenhum deles.

A cabeça de Amon ergueu-se bruscamente.

— Pretendentes? Isso já começou?

— Já? — Raisa deu de ombros. — Tenho quase 16. Minha mãe se casou aos 17.

Amon parecia desanimado.

— Mas *você* não tem que se casar imediatamente, tem?

Raisa balançou a cabeça.

— Não vou me casar nem tão cedo — declarou ela sem rodeios. — Não por muitos e muitos anos — emendou, quando Amon não pareceu confiante. — Minha mãe ainda é jovem, e ela vai governar por muito tempo. — Raisa ficou contente por bancar a especialista dessa vez. Ela estava ansiosa pela corte, mas casamento era outra coisa.

— Rai. Você vai ter que se casar com um velho? — perguntou Amon com a sinceridade típica dos Byrne. — Não que eu ache seu pai... bem, ele é muito mais velho que a rainha, é só o que estou dizendo.

— Depende. Eu poderia me casar com a realeza dos clãs, ou mesmo um rei ou um príncipe menos importante de Tamron ou Arden. Poderia ser um homem mais velho, acho. Essa é uma boa razão para adiar o casamento o máximo possível.

Será que minha mãe amou meu pai?, perguntou-se Raisa. Ou será que havia sido meramente um casamento político? Antes de partir para Demonai, eles se pareciam mais com uma família. Quanto da atual aversão de Raisa ao casamento tinha a ver com o que ela via entre os pais?

A garota ergueu os olhos e viu Amon a observando. Ele desviou o olhar rapidamente, mas ela vira solidariedade nos olhos cinzentos.

Ele era tão diferente de Micah. Micah era intoxicante, sempre desafiando tudo em que ela acreditava. Amon era confortável, como um par de mocassins folgados. E, ainda assim, as mudanças nele eram intrigantes.

Ela olhou Magret. A ama adormecera profundamente, esticada num dos bancos do jardim, roncando de boca aberta.

— Ora — disse Amon, acompanhando o olhar dela. — Nós a perdemos. — Ele se levantou. — E eu vou trabalhar ao nascer do sol. Com sua permissão, vou me retirar.

Ele parecia exausto, pensou Raisa com uma onda de culpa.

— Claro. Mas, primeiro, tenho uma coisa para lhe mostrar — disse ela, ainda sem vontade de deixá-lo ir embora. Ela ainda queria negociar um novo tipo de acordo. — Há uma passagem secreta. É um tipo de atalho. Podemos seguir por ali.

Amon hesitou e franziu a testa.

— Aonde isso vai dar?

— Você vai ver — falou Raisa misteriosamente.

Amon inclinou a cabeça na direção de Magret.

— E quanto a ela?

— Deixe-a dormir — insistiu Raisa. — Ela parece bastante confortável.

— Pode ser que ela nunca encontre a saída sozinha — comentou Amon.

— Prometo que venho buscá-la de manhã — afirmou a princesa. Ela pegou uma das tochas e partiu por entre as muralhas de plantas, sem olhar para trás para ver se Amon a estava seguindo, mas logo ouviu o estalido das botas dele na trilha de seixos.

Eles deram voltas até alcançarem o centro do labirinto. Ali, um belo templo de ferro fundido erguia-se, abandonado, em meio a um emaranhado de rosas velhas e jardins perfumados e descuidados. Madressilvas e glicínias se entrelaçavam nas treliças e cobriam o telhado, pendendo até o solo e dando à estufa a aparência de uma caverna que continuava a crescer ou de um arco para os amantes. A própria Raisa teve que baixar a cabeça para entrar.

Folhas e galhos se amontoavam no chão. Em uma das extremidades, erguia-se um altar ao Criador, no centro de um semicírculo de bancos de pedra, com espaço para não mais que 12 adoradores.

Um vitral colorido na outra extremidade representava Hanalea em batalha, com a espada desembainhada e os cabelos ao vento. À luz do dia, quando o sol brilhava por ele, o vitral emitia rios de cor sobre o chão de pedra.

Em meio ao calçamento de pedra havia uma placa de metal gravada com rosas selvagens. Raisa ajoelhou-se e afastou folhas e gravetos com o antebraço.

— Aqui embaixo — apontou. — Você tem que erguê-la.

Prendendo a tocha no suporte da parede, Amon pegou o anel da placa e puxou, apoiado nos calcanhares.

As dobradiças guincharam, a placa girou para cima, acompanhada por uma lufada de ar úmido, com cheiro de mofo.

Amon ergueu o olhar para Raisa.

— Quando foi a última vez em que você esteve aqui embaixo?

Raisa deu de ombros.

— Talvez há dois meses. É difícil porque sempre há pessoas por aqui.

— Melhor eu ir primeiro — disse Amon e olhou cinicamente o vestido dela. — Quem sabe o que se enfiou aqui desde a sua última visita.

— Tem uma escada na lateral — indicou Raisa, solícita.

Apoiando as mãos nos dois lados da abertura, Amon abaixou-se até que seus pés encontrassem os primeiros degraus. Ele desceu até que a cabeça e os ombros desaparecessem abaixo do nível do solo. Parou nesse ponto e esticou a mão. Raisa ofereceu-lhe uma tocha e ele retomou a descida até alcançar o solo, dois níveis abaixo.

Ele ergueu os olhos, e ela conseguiu ver o rosto dele sob a luz da tocha. Ele parecia distante.

— É um longo caminho para baixo — argumentou o rapaz. — Não acho que seja uma boa ideia.

— Está tudo bem — disse ela, com mais confiança do que sentia. — Já subi e desci antes.

Só que não com pantufas e um vestido de cetim justo, ela poderia ter acrescentado, mas não o fez.

— Vamos voltar pelo caminho que viemos — decidiu Amon e pôs o pé no degrau mais baixo. — Você pode me mostrar a passagem outra hora, quando você... hum... estiver vestida para isso.

— Quando vamos ter outra chance? — perguntou Raisa com teimosia. — Como eu disse, sempre tem gente por aí, e você vai trabalhar todos os dias.

Ela sabia que estava sendo irracional, mas estava cansada e sentia-se trapaceada. Encarava a perspectiva de ter de passar mais um verão sozinha, na prática, quando, na verdade, queria aventurar-se com Amon.

— Vou subir — avisou Amon e segurou a escada com as duas mãos.

— Vou descer — falou Raisa em voz alta, girando e tateando em busca do primeiro degrau com o pé esticado.

— Espere um momento, está bem? — Ele desapareceu da vista dela, mas Raisa podia ouvi-lo se mover mais embaixo e viu a tocha refletida nas paredes úmidas.

Ele voltou a aparecer no pé da escada e ergueu o olhar para ela, com uma grande mancha de terra na bochecha direita.

— Está livre. Alguns ratos e é tudo. Desça, mas tome cuidado.

Falar era mais fácil do que fazer. Os degraus eram muito distantes e difíceis para alguém com o tamanho dela, na melhor das circunstâncias, e quase impossível com aquele vestido. As pantufas de seda não ajudavam em nada com os degraus de metal. Ela puxou a saia acima dos joelhos, agarrando-a com uma das mãos, enquanto segurava a escada com a outra e se perguntava que tipo de visão Amon tinha dela lá embaixo.

Raisa estava na metade do caminho quando perdeu o contato da única mão com a escorregadia escada de metal, vacilou por um momento, agitou os braços, depois caiu gritando pelo do espaço.

Ela aterrissou com um baque nos braços de Amon. Ele cambaleou alguns passos para trás e, por um momento, a princesa pensou que ambos cairiam, mas ele recuperou o equilíbrio e terminou apoiado na parede, ofegando e segurando-a no colo contra a lã úmida do casaco do uniforme. Ela podia ouvir o coração dele batendo perto do ouvido dela.

— Pelos malditos ossos de Hanalea! — praguejou ele, e seu rosto estava a centímetros do dela, com olhos cinza-escuros, agitados como o oceano Indio no inverno e com o rosto branco como cera. — Você ficou *louca*, Raisa? Você quer se *matar*?

— *Claro* que não — retrucou ela bruscamente, pois o medo a tornava irritadiça. — Eu só escorreguei. Só isso. Me põe no chão.

Mas ele parecia querer fazer seu sermão bem de perto.

— Você *nunca* presta atenção. Sempre tem que fazer do seu jeito, mesmo que isso signifique quebrar o seu maldito pescoço.

— *Nem* sempre tenho que fazer do meu jeito — falou ela.

— Sério? E quando você simplesmente tinha que cavalgar o garanhão das terras baixas? Qual era o nome dele? Devilwish? Devilspawn? Você teve que subir a cerca para montá-lo, e o lombo dele era tão largo que suas pernas ficaram esticadas, e os arreios não serviam, mas você tinha que tentar — ele bufou. — *Aquela* foi a menor cavalgada do mundo.

Ela havia esquecido o irritante hábito de Amon de repetir histórias antigas das quais ela já se esquecera. Raisa debateu-se, chutou e tentou se libertar. Definitivamente ele era muito mais forte do que ela se lembrava. Embora fosse pequena, ela sempre conseguira resolver as coisas por meio da força da personalidade, na pior das hipóteses.

— Você nunca pensa na bagunça que deixa para trás — acusou Amon. — Se você quebra a cabeça e eu estou envolvido de alguma forma, meu pai não vai deixar o suficiente de mim para alimentar os corvos.

— O que aconteceu com "Por favor, Alteza" e "Com licença, Alteza"? — quis saber Raisa. — Pela última vez, *me coloca no chão*, ou vou chamar a Guarda.

Amon piscou para ela, e ela não pôde deixar de perceber que ele realmente tinha cílios grossos que se misturavam ao cinza dos olhos. Com cuidado, ele a pôs de pé e deu um passo para trás.

— Minhas desculpas, *Alteza* — disse ele com o rosto sem expressão e rígido. — Devo ir então?

E rapidamente a raiva se foi, substituída por remorso. As bochechas dela ardiam. Como eles poderiam ser amigos se ela continuava a exercer seu poder sobre ele?

— Me desculpe — murmurou ela e pôs a mão em seu braço. — Obrigada por salvar a minha vida.

Ele continuou a fitar mais à frente.

— Minha obrigação, Alteza, como um membro da Guarda da Rainha.

— Você quer parar? — disse Raisa em desespero. — Eu pedi desculpas.

— Não é necessário se desculpar, Alteza — disse Amon e baixou os olhos para a mão dela em sua manga. — Agora, se não houver mais nada...

— Por favor, não vá, Amon — pediu Raisa, soltando o braço dele e fitando as pantufas estragadas. — Eu realmente preciso de um amigo, mesmo que eu não

mereça um. — Ela limpou a garganta. — Você acha que pode ser meu amigo?

Fez-se um longo silêncio. Então Amon pôs dois dedos debaixo do queixo dela; a princesa ergueu a cabeça e olhou para ele, e o movimento fez com que as lágrimas descessem pelo rosto. Amon se inclinou para ela, com o rosto muito próximo e, antes que Raisa soubesse o que estava fazendo, passou os braços pelo pescoço do rapaz e o beijou nos lábios.

Talvez ele também estivesse pensando em beijá-la porque abraçou-lhe a cintura com força e a ergueu na direção dele, de modo que seus pés quase saíram do chão. Ele retribuiu o beijo com habilidade e intensidade surpreendentes. Os lábios dele eram um pouco ásperos e queimados pelo vento, mas de um jeito bom, e Raisa não estava disposta a parar quando ele interrompeu o beijo e recuou, com os olhos cinza arregalados de susto.

— Lamento, Alteza — ofegou ele, enrubescendo e erguendo as mãos com as palmas para fora. — Me perdoe. Eu... eu não queria...

— Pode me chamar de Raisa — disse Raisa e moveu-se na direção dele, esticando a mão.

— Por favor... Raisa. — Ele a segurou pelos ombros e a manteve a uma pequena distância. — Não sei o que... Não podemos fazer isso.

Raisa piscou para ele.

— Foi só um *beijo* — falou ela e sentiu-se um pouco magoada. — Eu já fui beijada antes.

Por Micah obviamente, e por Reid Andarilho da Noite Demonai, de olhos escuros e intensos, um dos guerreiros do acampamento Demonai. Wil Mathis com seus lábios cheios, Keith Klemath (não Kip), e provavelmente mais um ou dois outros rapazes.

— Isso nunca deveria ter acontecido. Eu sou um soldado e estou na Guarda da Rainha. Se meu pai...

— Oh, não se preocupe com seu pai — resmungou Raisa. — Ele não precisa saber de tudo.

— Ele descobre tudo. Eu não sei como. E eu queria saber. — Desajeitado, Amon enfiou a mão no bolso e retirou um lenço que estendeu a ela.

Raisa sabia que não haveria mais beijo. Pelo menos, por enquanto.

— Quando eu a vi no jantar, você *parecia* uma princesa — falou ele e graciosamente desviou os olhos do rosto manchado de lágrimas. — Quer dizer, eu

sempre soube disso, mas você parecia diferente do que eu me lembrava. Um pouco... distante. Não era o que eu esperava.

— Você também está diferente — disse Raisa, secando os olhos. — Eu nem mesmo te reconheci até mamãe chamar o seu nome. — Ela esboçou um sorriso sem graça. — Você... você está muito bonito, sabia? Deve ter um monte de namoradas. — Ela não conseguia deixar de pensar que ele tivera alguma prática em beijar desde que ela o vira pela última vez.

Ele deu de ombros e pareceu constrangido.

— Não sobra muito tempo para namoradas em Vau de Oden — disse ele.

— Magret diz que sou mimada e malcriada. Minha mãe diz que sou teimosa. Eu tento fazer as coisas do meu jeito, mas acho que é porque nunca faço do meu jeito as coisas que têm importância. — Ela ergueu os olhos para ele. — Não vou conseguir escolher onde quero morar nem com quem quero casar, e nem quem são meus amigos. O meu tempo nunca será meu. — Ela assoou o nariz e sentiu-se mal em relação ao lenço de Amon. — Não é que eu não queira ser rainha. Eu quero. Acho que não quero ser minha mãe.

— Então, não seja — disse Amon, como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Mas a maioria das garotas adoraria ser ela — disse Raisa e olhou ao redor com expressão culpada, como se alguém pudesse ouvi-los no túnel úmido. — E eu não sei como ser algo diferente. Não quero estar à mercê dos conselheiros. Mas como você aprende as coisas? Sem ser como tocar alaúde ou bordar, quero dizer. Pelo menos, eu sei cavalgar, caminhar pela floresta e usar o arco por causa do tempo que passei em Demonai. Meu pai me botou no caminho de ser uma comerciante. Mas nem isso nem o bordado são suficientes para ser uma boa rainha.

— Ora, eu não sou nenhum erudito — disse Amon e se encostou na parede, parecendo confiante de que Raisa não o atacaria novamente. — Mas há pessoas em Fellsmarch que sabem coisas. Os oradores no templo, por exemplo. Há uma imensa biblioteca lá.

— Imagino — falou Raisa. — É simplesmente uma provação ir lá. Algumas vezes, gostaria de ser invisível. — Ela se contorceu com irritação. — Eu nem mesmo sei o que está acontecendo no mundo. Os conselheiros de minha mãe contam a ela o que ela quer ouvir ou estão promovendo os próprios interesses. As pessoas dizem que ela os ouve demais.

As pessoas eram a avó, Elena, entre outros.

— Agora quem é o cético? — perguntou Amon. — Talvez você precise encontrar sozinha olhos e ouvidos honestos. — Ele bocejou e esfregou os olhos.

— Ah! — falou Raisa, aflita. — Eu sinto muito. Você disse que tem que se levantar cedo. — Meia hora tentando mudar, e ela fora tão egoísta e indiferente quanto sempre. Ela tentou ignorar a voz em sua cabeça que dizia: é isso que as rainhas fazem.

— Anda, vamos. — Ela pegou uma das tochas e abriu caminho túnel adentro, tentando ignorar o murmúrio dos ratos e os olhos refletidos de criaturas que espiavam das fissuras nas paredes e se espalhavam à sua frente a cada curva.

Amon não teve dificuldade em acompanhá-la com suas pernas compridas.

— Como essa passagem está aqui? — perguntou ele. — E quem mais sabe sobre ela?

Raisa limpou uma teia de aranha do rosto.

— Eu a encontrei depois que voltei de Demonai — falou ela. — É antiga de verdade. Não sei quem a fez, e não acho que alguém saiba sobre ela. Não contei a ninguém além de você.

Finalmente eles chegaram à câmara de pedra grosseiramente circular que indicava o fim do caminho.

— Aqui estamos — disse Raisa e pôs a tocha em um suporte ao lado da porta. Ela deslizou o painel e afastou o guarda-roupa que colocara em frente à entrada.

— Onde nós estamos? — perguntou Amon, confuso.

— Você verá — retrucou Raisa e escolheu seu caminho em meio a um campo minado de sapatos e botas, afastando vestidos cheios de babados em cabides.

O quarto dela estava frio e escuro, o fogo se extinguia na lareira e a camisola ainda estava esticada na cama.

Amon emergiu do closet atrás dela e olhou à sua volta. Seus olhos se arregalaram e ele pareceu um pouco em pânico.

— Raisa... este é o seu quarto?

— Sim — disse Raisa, despreocupada. Ela andou até a lareira, remexeu o fogo e colocou outra tora.

— Pelo sangue do demônio — xingou Amon. — Tem uma passagem secreta nas paredes que levam ao seu quarto? Isso não a deixa preocupada?

Ela ergueu o olhar para ele.

— Não. Por que deveria? — Tinha se concentrado. Ela realmente não estava preocupada na conveniência de ter um meio de ir e vir sem passar pelos olhos de ninguém nos corredores ocupados do palácio.

— Alguém fez isso — disse Amon. — Quem mais poderia saber a respeito?

— Estes aposentos ficaram fechados por centenas de anos, talvez mil. Você deveria ter visto como estava antes de nós o limparmos. Alguém fez a passagem, mas essa pessoa deve ter morrido há muito tempo.

Amon examinava o painel deslizante e passava as mãos sobre o entalhe de madeira que o circundava.

— Você deveria ter colocado umas tábuas aqui, Raisa. E fechado permanentemente.

— Você se preocupa demais — falou Raisa. — Estive aqui durante três meses e nenhum monstro entrou.

— Estou falando sério. Vou conversar com meu pai a respeito.

— Não vai, não — disse Raisa. — Você prometeu que não contaria a ninguém.

Ele inclinou a cabeça e franziu a testa.

— Não me lembro de ter prometido coisa alguma.

— De qualquer forma — prosseguiu ela —, verei se há um meio de pôr uma tranca nela. Isso deve resolver. — Ela andou até a pequena despensa, subitamente relutando em vê-lo partir. — Você quer comer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e sorriu desanimado.

— Melhor eu ir embora. Não queremos que ninguém me encontre aqui.

Raisa balançou a cabeça.

— Acho que não — disse ela. E sentiu-se agitada, confusa. Por um lado, ela se entristecia pelo Amon que conhecera na infância, uma amizade que nunca mais seria a mesma. Por outro lado, sentia uma vibração de possibilidades, uma fascinação intensa por este novo Amon e qualquer coisa que ele pudesse fazer ou dizer.

Ela o acompanhou até a porta e ele deu um passo para o corredor.

— Obrigado pelo jantar — falou. — Estou realmente cansado da comida do sul. — Ele fez uma pausa e limpou a garganta. — Não se esqueça do túnel.

— Desculpe por mantê-lo acordado até tão tarde — disse Raisa, sem se comprometer. — Mas eu realmente estou feliz por você estar em casa. — Ela pôs a mão no braço dele para se equilibrar, ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha.

— Então foi aí que você passou a noite toda — falou alguém com uma voz fria como um beijo do demônio.

Raisa se afastou de Amon e virou, e soube que essa era a coisa errada — e culpada — a fazer.

Era Micah Bayar, com os olhos escuros reluzindo sob a luz dos candelabros de parede. Um forte odor de vinho indicava que ele andara bebendo.

— O que *você* está fazendo aqui? — indagou ela, sabendo que a melhor defesa era um bom ataque. — Esgueirando-se pela torre da rainha no meio da noite?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta a este soldado — disse Micah. — Ele parece muito... fora do lugar.

— Sua Alteza me pediu que a acompanhasse até seus aposentos — retrucou Amon, usando a desculpa que ela e Micah sempre usavam. — Eu já estava de saída.

— Estou vendo — disse Micah. — Pensei que você estivesse com dor de cabeça — disse ele para Raisa.

— Eu estava — respondeu ela. E virou-se para Amon. — Boa noite e obrigada, cabo Byrne.

Ela se virou para entrar no quarto, mas Micah a segurou pelo braço, o poder liberado neste aperto pinicou sua pele. — Espere aí — falou ele. — Não tenha pressa. Eu tenho que entender uma coisa.

Raisa tentou se soltar.

— Micah, eu realmente estou cansada. Será que podemos conversar sobre isso amanhã?

— Acho que deveríamos conversar sobre isso agora — disse Micah e fitou Amon com ar severo. — Enquanto estamos todos juntos aqui.

— Me solta! — disse Raisa e tentou soltar os dedos dele com a mão livre.

Subitamente a espada de Amon estava em sua mão e ele a apontou para Micah.

— *Sul'* Bayar — disse Amon. — A princesa-herdeira pediu que você a soltasse. Sugiro que faça isso.

Micah piscou, depois baixou os olhos para a mão no braço de Raisa, como se estivesse surpreso por vê-la ali. Ele a soltou e deu um passo para trás.

— Raisa, escute, eu não queria...

— Você é quem deve escutar — interrompeu Raisa. — Você não é meu dono. Não acho que precise ser interrogada se quero passar um tempo com um amigo. Não devo a você explicação alguma.

Amon voltou a guardar a espada.

— Alteza, é tarde e todos estamos cansados. Por que você não vai dormir e nós dois vamos embora, *está bem*?

Raisa engoliu em seco e deu um passo para o abrigo da entrada da porta. Amon pôs uma das mãos no ombro de Micah e empurrou-o pelo corredor. Mas o olhar que Micah lançou para Raisa por cima do ombro dizia que este não era o fim daquela história.

CAPÍTULO OITO

LIÇÕES A SEREM APRENDIDAS

— Mari, anda rápido ou a gente vai se atrasar! — chamou Han. Ele podia ouvir o ressoar dos sinos do templo pela cidade, marcando a meia hora. — E passe um pente pelo cabelo, está bem? Parece um ninho de ratos.

— Mas eu *não quero* ir à escola — resmungou Mari, amarrando os sapatos. — Não podemos ir ver o Lucius? Ele está me ensinando a pescar.

— Está chovendo. Além disso, mamãe não gosta que você visite o Lucius — falou Han. — Ela acha que ele é má influência.

— Mamãe não gosta que *você* visite o Lucius — retrucou Mari e fez um esforço para desembaraçar os nós de seu cabelo. — E você vai mesmo assim.

— Quando você tiver a minha idade, pode aborrecer a mamãe por conta própria — falou ele e pensou que Mari era inteligente demais para o próprio bem. Além disso, tinha uma boca que ainda lhe traria problemas. Ele sabia bem como era.

Han pegou o pente da mão de Mari e usou-o junto com os dedos para ajeitar o cabelo dela.

— Mamãe não vai saber, mesmo — insistiu Mari, se encolhendo quando ele puxou os cabelos dela. — Ela só volta do Castelo bem tarde.

— Apenas cale a boca, Mari — falou, sem delicadeza. — Se você não pode ler, escrever, nem fazer conta, você vai ser enganada durante toda a vida. E como vai aprender alguma coisa?

— Mamãe não consegue ler nem escrever e trabalha para a rainha — argumentou Mari.

— Por isso mesmo, ela quer que você vá para a escola — disse Han.

Fazia duas semanas desde que Han trouxera o amuleto para casa, e as vidas deles adquiriram uma cadência diferente. A mãe tinha um novo trabalho na lavanderia no Castelo de Fellsmarch. Era dinheiro certo, mas ela precisava sair muito antes da aurora e caminhar por toda a cidade, cruzando várias pontes até chegar. E nunca

voltava para casa antes de escurecer também; portanto, eles estavam sozinhos na hora do jantar. Mas, pelo menos, havia jantar.

Tornara-se tarefa de Han levar e trazer Mari da escola, o que dificultava trabalhar para Lucius. Uma ou duas vezes, ele a levara nas rondas. Hoje ele pretendia deixar Mari na escola, parar em O Barril e a Coroa, além de algumas outras tabernas em Ponte Austral, e ir e voltar da casa de Lucius antes que Mari terminasse suas aulas. Era um risco — os Austrinos podiam estar esperando por ele —, mas tinha que ser feito.

Han umedeceu um trapo na bacia para esfregar o rosto da irmã, para que os oradores do templo não pensassem que ela era negligenciada. Ele não podia fazer nada em relação às roupas dela, mas ela não era a única que vestia trapos de segunda mão.

— Vamos.

Ainda estava escuro nas ruas estreitas e nos becos de Feira dos Trapilhos. Chovera forte durante a noite — Han acordara com a água pingando em seu rosto através do telhado que vazava. Havia poças em toda parte e as goteiras escorriam, mas a chuva diminuíra até uma garoa irritante. Han puxou Mari para o abrigo de seu casaco grande demais, e eles caminharam com dificuldade, como um animal de quatro patas que não fora feito para o serviço.

— Não sei por que tem que ser tão *cedo* — falou Mari. — Eles têm o dia inteiro para a escola.

Han tirou-a do caminho de uma carroça com pães da padaria, que jogou água enlameada até os joelhos deles.

— Desse jeito os aprendizes podem ir à escola e ainda trabalhar — falou.

O Templo de Ponte Austral situava-se no fim de Ponte Austral. Han costumava pensar que quem construiu o Castelo de Fellsmarch poderia ter também participado da construção do templo. As torres que se erguiam tocavam o céu e lembravam que havia um mundo além de Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, mesmo se você não pudesse chegar a ele.

A pedra na porta era entalhada com folhas, vinhas e flores. Gárgulas se lançavam de cada lado do edifício, e as calhas eram cobertas com criaturas fantásticas que deveriam ter morrido durante a Cisão, pois não eram vistas atualmente.

O terreno do templo abrigava bibliotecas e dormitórios para os iniciados, além de jardins e cozinhas. Mas não era, de modo algum, um claustro, uma vez que recebia os cidadãos dos arredores, alimentando suas mentes.

Qualquer um podia entrar nos edifícios do templo e ver as obras de arte que foram reunidas por mais de mil anos. Havia pinturas, esculturas e tapeçarias com cores tão brilhantes que pareciam vibrar.

Han e Mari passaram pela porta lateral quando os grandes sinos acima da cabeça deles começaram a bater a hora. Eles se sacudiram como um par de cães e espalharam gotas sobre o piso de ardósia da entrada.

As aulas eram ministradas em uma das capelas laterais. Quando entraram, o orador Jemson estava no púlpito e folheava suas anotações. Atrás dele, via-se uma linha de cavaletes que sustentavam as pinturas retiradas das coleções do templo que seriam usadas para ilustrar sua apresentação.

Dezenas de estudantes se agitavam em almofadas retiradas dos bancos no santuário. Era um grupo heterogêneo de garotas e garotos, com idades que iam de 7 a 17 anos. Alguns estavam vestidos para o comércio, esperando ir trabalhar após a aula.

Jemson, pensou Han. Portanto, o tema seria história.

— História — murmurou Mari, como se tivesse ouvido os pensamentos dele. — Por que precisamos saber o que aconteceu antes mesmo de termos nascido?

— Para, com sorte, ficarmos mais inteligentes e não cometermos os mesmos erros novamente — falou Han e sorriu para Jemson. Era uma das frases favoritas do orador, e ele sabia que o antigo professor apreciaria isso.

— Hanson Alister! — falou Jemson e deu a volta na mesa, caminhando até eles, com a veste agitando-se ao redor das pernas finas. — Já faz muito tempo. A que devemos o prazer?

— Bem, eu, hum... — Han gaguejou, tremendamente consciente do olhar da irmã. — Na verdade, não vou ficar. Tem uma coisa que eu preciso fazer...

— Ele acha que já é muito inteligente — disse Mari, roendo uma unha.

— Não é isso — retrucou o rapaz. — É só que estou trabalhando agora e...

— Que pena — interrompeu Jemson. — Vamos discutir a Cisão e como ela foi representada na arte ao longo das eras. É um assunto fascinante.

Jemson achava que tudo era fascinante. E isso era cativante.

Só que, desta vez, Han tinha razões próprias para estar interessado na Cisão. A história que Lucius contara ainda estava se agitando em sua mente e acendia pequenas fogueiras onde quer que pousasse. E havia uma coisa enterrada sob a forja,

em seu quintal, que poderia ser um pedaço daquela história. Han queria reafirmação para a versão que conhecia.

A não ser que...

— A questão é que tenho negócios em Ponte Austral e não posso levar Mari comigo — disse Han. — Por isso, pensei em ir enquanto ela está em aula.

Jemson olhou para ele, sem dúvida fitando o olho que ainda estava roxo e a bochecha machucada, mas sem dizer nada a respeito. Essa era uma das coisas que Han gostava no orador.

— Entendo. Bem, a maior parte dos negócios em Ponte Austral não abre tão cedo assim, de qualquer forma — falou ele em tom seco.

Exatamente. Han dependia de os Austrinos estarem dormindo. Pelo menos, parecia menos provável que ele entrasse em conflito com a gangue àquela hora do dia.

Você não costumava desviar sua rota para evitar problemas, pensou ele. *Você costumava ir atrás deles.*

— Eu lhe digo uma coisa — falou Jemson, mostrando a sua costumeira persistência —, sente-se durante a aula e depois Mari pode ficar aqui com os oradores na biblioteca enquanto você resolve seus negócios. Vamos dar a ela o jantar, se for necessário. — Ele fez uma pausa, depois não conseguiu resistir e emendou: — Você *vai* tomar cuidado, não vai? Por Mari, se não for por você mesmo?

— Eu sempre tomo cuidado — falou Han e lançou um olhar à irmã. — E acho que posso ficar mais um pouco. — Ele não passara tanto assim da idade de frequentar a escola do templo. Havia garotos mais velhos que ele na classe.

— Excelente. De fato, espetacular. — Jemson assumiu a expressão de professor e se virou para o restante da classe. — Ontem discutimos os eventos que resultaram na Cisão. Hoje falaremos sobre algumas das pessoas envolvidas. Quem pode dizer o nome de uma delas?

— Bem, tem a rainha Hanalea — arriscou uma garotinha.

— *Muito bem*, Hannah! — falou Jemson, como se ela tivesse acabado de demonstrar como transformar esterco em ouro. — Havia a rainha Hanalea, por quem agradecemos ao Criador todos os dias.

Ele virou um dos cavaletes e revelou uma pintura que Han reconheceu imediatamente como sendo *Hanalea abençoa as crianças*. Nela, a lendária rainha parecia ter 13 ou 14 anos. E estava sentada junto a uma harpa, vestida de branco,

como uma iniciada, e o cabelo reluzente reunido numa trança solta, a pele com um tom rosado cremoso, como porcelana cor-de-rosa. Ela parecia uma daquelas bonecas chiques nas vitrines das lojas ao longo do Caminho das Rainhas. Aquelas que Mari queria e nunca teria.

No quadro, Hanalea esticava as mãos na direção de um grupo de crianças mais jovens e sorria de modo benevolente, o brilho de sua pele iluminava os rostos virados para cima.

— Essa é a jovem Hanalea, antes dos eventos terríveis que nós...

— Com licença, orador Jemson — interrompeu Han —, o pintor... era alguém que conhecia Hanalea?

Jemson piscou para ele, pego no meio da frase.

— Você pode repetir?

— Quando isso foi pintado? — indagou Han. — Será que foi pintado a partir da modelo real ou é apenas a ideia de alguém da aparência de Hanalea?

Jemson sorriu.

— Mestre Alister, sentimos falta de sua presença nestas aulas. O quadro foi pintado por Cedwyn Mallyson no Ano Novo de 505. O que isso nos diz?

Um garoto com expressão séria com roupas puídas falou:

— Foi pintado mais de quinhentos anos depois da Cisão. Então o pintor não a conheceu.

— Então, é possível que ela fosse totalmente diferente? — perguntou Han.

Jemson assentiu.

— É possível. Quais são as implicações disso?

Isso iniciou uma discussão de algo que Jemson chamava de *contexto social*: como religião e política influenciam a arte, e a arte, por sua vez, molda as opiniões. O entusiasmo de Jemson transmitiu-se a alguns dos estudantes mais jovens, que pareciam admirados e agitados ao mesmo tempo.

— Como Hanalea tinha o sangue dos clãs, quais são as chances de que ela tivesse olhos azuis e cabelos louros? — perguntou Jemson. — Parece mais provável que tivesse cabelos escuros e pele morena.

— Têm pinturas de Hanalea que foram feitas por pessoas que realmente a conheciam, senhor? — perguntou Han.

— Eu não sei — falou Jemson. — Pode haver uma resposta, bem aqui nos arquivos. Por que você não procura e volta para contar à classe?

Esse era Jemson, sempre prendendo você em projetos que envolviam passar um tempo na biblioteca; isso traria você para a aula outro dia.

— Bem, talvez — falou Han.

Jemson assentiu, pois sabia que não deveria forçar.

— Então temos a nossa Hanalea, como ela é representada na história e na arte. Quem mais teve um papel?

— O Rei Demônio — disse Mari e estremeceu um pouco. Alguns dos outros alunos fizeram o sinal do Criador, para proteger-se do mal.

— Sim, de fato. Temos o Rei Demônio, que sozinho mudou o curso do mundo ao quase destruí-lo. — Com um floreio, Jemson virou mais um cavalete para exibir outra pintura. Se Han se recordava corretamente, esta se chamava *O Rei Demônio enlouquecido*. Pintada com vermelhos e roxos vibrantes, representava uma figura com robe e capuz delineada em chamas. Os braços estavam erguidos, os olhos fanáticos brilhavam à sombra do capuz, o único aspecto do rosto dele que era visível. Mas os olhos de Han se fixaram na mão direita esquelética do demônio, que segurava bem alto um amuleto verde reluzente. Um emaranhado de serpentes. O estômago de Han deu uma cambalhota nauseante.

— Alguns dizem que ele era o Destruidor encarnado — disse Jemson. — Outros, que foi seduzido pelo mal, embriagado pelo poder associado à magia negra. Ninguém duvida de que ele tinha dons incríveis.

— O que é isso na mão dele? — perguntou Han.

Jemson olhou para a pintura.

— É um amuleto que costuma ser visto nas pinturas do Rei Demônio. Acredita-se que haja uma ligação com a magia negra.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Han. — Onde está agora?

Jemson virou-se e franziu a testa para Han, como se tentasse examinar a fonte do tiroteio de perguntas.

— Não tenho ideia. Provavelmente foi destruído pelos clãs imediatamente após a Cisão, como foram muitas das mais poderosas peças mágicas. De qualquer forma, perdeu-se.

— Quando esse quadro foi pintado? — indagou Han. — E quem pintou?

Jemson curvou-se e examinou a placa de latão na base da pintura.

— O artista foi Mandrake Bayar, pintado no Ano Novo de 593 — ele forçou os olhos para ler o que fora entalhado. — Foi um presente da família Bayar.

— Bayar? — O coração de Han quase parou. — Mas como o artista conheceria o amuleto se isso foi pintado muito depois de a peça ser destruída? — Os outros alunos o fitavam, mas ele não se importava.

Jemson deu de ombros.

— É um elemento comum nas pinturas do Rei Demônio. Suponho que foi copiado de uma obra anterior.

Talvez, pensou Han. Ou talvez tenha sido pintado diretamente a partir do objeto.

— Qual era o nome dele? — perguntou Han.

Jemson franziu a sobrancelha.

— Nome de quem?

— Do Rei Demônio. Ele tinha outro nome? O de antes — insistiu Han.

— Ora, sim — falou Jemson e ainda parecia confuso. — O nome de nascimento dele era Alger Waterlow.

Para Han, o Templo de Ponte Austral era um santuário, em todos os sentidos. Era um ponto de apoio no território inimigo, um refúgio das ruas, quando ele precisava de um. Ele não podia deixar de ficar irritado quando abandonava a segurança de seus muros e se arriscava em Ponte Austral, sua primeira visita ao local desde o confronto com os Austrinos no Beco do Oleiro.

Mari implorou para ir com ele. Tudo que ele fazia parecia fasciná-la, por mais que fosse entediante, perigoso ou na surdina. Antes de deixar Mari na biblioteca, ele a fez prometer que não sairia de lá. A última coisa de que precisava era ter que revirar Ponte Austral atrás dela.

Ele evitou o Beco do Oleiro, por segurança, e seguiu o rio para o oeste desde a ponte, enrugando o nariz por causa do fedor. Se os Austrinos viessem atrás dele, raciocinou, poderia pular no rio Dyrnne. Ninguém com amor à própria vida o seguiria para dentro daquela fossa. O rio límpido que emergia das Montanhas Espirituais ao leste tornava-se um esgoto a céu aberto em Fellsmarch. Era um espinho no lado dos clãs, que consideravam o rio sagrado.

As ruas estavam estranhamente quietas, mesmo a essa hora do dia, e a Guarda da Rainha estava incomumente visível. Han se escondeu de algumas patrulhas de casacos azuis e teve que adaptar continuamente a rota para evitar os grupos de soldados nas esquinas. Em Ponte Austral, culpado ou não, você evitava a Guarda. Era uma tradição passada através das gerações.

No momento em que chegou a O Barril e a Coroa, era quase meio-dia. Devia estar no pico da hora do almoço, mas apenas metade das mesas estava ocupada. Matieu estava de pé junto ao bar e cortava, melancólico, fatias de um pernil de carneiro.

— Ei, Matieu — disse Han. — Vim pegar as garrafas vazias.

Matieu ficou imóvel e fitou Han como se tivesse visto um demônio. Deslizando a faca para dentro do bolso do avental, ele retirou as garrafas detrás do balcão e as pôs no bar, sem tirar os olhos de Han.

— O que está acontecendo? — perguntou Han e deslizou as garrafas para dentro da bolsa. — Está estranho lá fora. Ninguém nas ruas, a não ser pela Guarda, e tem muitos deles.

— Você não ouviu as notícias? — Matieu fixou os olhos em Han.

Han balançou a cabeça.

— Quais notícias?

— Meia dúzia de Austrinos passou desta para melhor na noite passada — disse Matieu e voltou a pegar a faca. — E isso é muita coisa, mesmo para esta vizinhança. Os corpos estavam todos espalhados na beira do rio, para todo mundo ver. Por isso as pessoas estão nervosas e acreditam que a guerra das gangues está recomeçando.

— Passaram desta para melhor como? — perguntou Han, fitando-o.

— Ora se essa não é a parte estranha — disse Matieu. — Não foi o típico ferimento a faca ou porrete. Parecia que eles tinham sido torturados, depois passados pelo garrote.

— Talvez alguém estivesse procurando o esconderijo deles — falou Han e tentou parecer indiferente, embora não fosse fácil, com a boca seca.

— Pode ser. — Matieu balançou a faca na direção do rapaz, e a curiosidade lutava contra a cautela em sua expressão. — Pensei que você talvez soubesse alguma coisa.

— Eu? — Han fechou a aba da bolsa. — O que eu saberia sobre isso?

— Todo mundo sabe que você é o dono da rua dos Trapilhos. E todos sabem que os Austrinos te pegaram no outro dia. Parece uma revanche.

— Ora, todos... estão errados — falou Han. — Estou fora disso.

— Está certo — disse Matieu. — Apenas se lembre de que eu não quero encrenca.

Han ergueu a bolsa sobre o ombro.

— Pode acreditar, eu também não quero encrenca.

Mas a encrenca tinha um meio de encontrá-lo. Quando ele saiu de O Barril e a Coroa, mal teve tempo de notar que começara a chover antes que alguém o agarrasse pela gola e o jogasse contra a parede de pedra da taverna.

Malditos Austrinos!, pensou. Ele chutou, lutou e tentou dificultar que o acertassem, esperando a qualquer momento sentir a faca deslizando entre suas costelas. Mas seu captor o manteve preso à parede com uma das mãos enquanto arrancava a bolsa dele com a outra. As garrafas bateram umas contra as outras quando a bolsa atingiu o chão. Depois, ele foi rudemente revistado por uma única mão e perdeu algumas de suas facas. E a algibeira.

Finalmente, o agressor empurrou-o e jogou-o contra a parede, com o rosto virado desta vez. Han flagrou-se olhando para um rosto familiar, com aspecto amarelado e doentio, com lábios finos e cruéis repuxados, exibindo os dentes amarelos. O hálito era terrível.

Era seu antigo inimigo, Mac Gillen, sargento na Guarda da Rainha. E atrás dele, via-se mais meia dúzia de casacos azuis.

— Ei! Me devolva a algibeira — pediu Han em voz alta, pois imaginou que fosse melhor levantar o assunto o quanto antes.

Gillen deu-lhe um soco forte no estômago, e o ar explodiu dos pulmões de Han.

— Muito bem, Algema, você exagerou desta vez — disse Gillen e se aproveitou da dificuldade de Han para falar. — Eu já sabia quem era o responsável e onde encontrá-lo. Só tive que esperar um pouco.

— Eu... não sei... do que você está falando — Han arfou, dobrou-se, os braços ao redor do corpo para se proteger.

Gillen agarrou o cabelo de Han e puxou a cabeça dele para que se olhassem nos olhos. O sargento engordara desde que Han o vira pela última vez e agora o uniforme sujo abria entre os botões.

Pelo menos, alguém está comendo bem em Ponte Austral, pensou o garoto.

— Quem andou batendo em você, Trapilho? — indagou Gillen. — Não foram os Austrinos, foram?

— Não — disse Han, e voltou ao antigo hábito de tornar uma situação ruim pior. — Foi a Guarda. Eu não quis dar o dinheiro.

Todos sabiam que os casacos azuis te deixavam em paz se você pagasse por proteção para a pessoa certa. E Mac Gillen era a pessoa certa.

Pow! Gillen baixou o porrete na cabeça de Han; ele caiu de joelhos, mordeu a língua e viu estrelas. Han cobriu a cabeça com os braços.

— Pare com isso! — gritou alguém que Han não sabia quem era. Devia ter sido um dos outros casacos azuis. Ou Matieu, vindo ajudá-lo?

Mas Gillen estava numa ira sanguinária, totalmente concentrado em Han.

— Você fez aquilo com os Austrinos, não fez, Alister? Você e seus amigos. — *Pow*! O golpe desceu sobre o antebraço de Han com força para quebrar os ossos, e ele gritou.

— Agora você vai confessar e depois vai pagar por isso, e eu vou estar aqui para ver.

— Eu mandei você *parar*! — A mesma voz, mas bem em cima deles agora. Assustado, Han limpou o sangue dos olhos e ergueu a cabeça para ver o porrete baixar novamente, mas o golpe nunca veio. O porrete voou de lado e Gillen gritou de dor. Han caiu contra a parede, com os olhos fechados, a cabeça pendendo, enquanto tentava firmar seus pés.

— Se você bater nele de novo, vou quebrar a sua cabeça — falou o benfeitor. — Para trás.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — rugiu Gillen. — *Eu estou* no comando aqui. *Eu sou* o sargento. Você é apenas um cabo.

— Para trás, sargento Gillen, *senhor* — falou o cabo, com ironia. — Na Guarda da Rainha, *senhor*, não extraímos a confissão dos prisioneiros na rua e com violência.

— Nada disso — falou um dos outros casacos azuis e bufou, rindo. — Normalmente, nós os levamos para a Casa da Guarda primeiro.

— Você está bem? — Um soldado se abaixou perto de Han e olhou ansiosamente para o rosto dele. Espiando através dos cílios, Han percebeu, surpreso, que o benfeitor era jovem, não mais velho que ele. O rosto de bebê do casaco azul estava pálido por causa da raiva e uma mecha de cabelos pretos caiu sobre a testa dele.

Han piscou para afastar a imagem dupla e não disse nada.

— Você poderia ter matado ele — falou o cabo e ergueu o olhar para Gillen, com o rosto contorcido de nojo. Hum, pensou Han. Este aqui deve ter esquecido a orientação da Guarda. Pelo menos, ele tinha coragem para enfrentar Gillen.

— Preste atenção, Byrne — falou Gillen. — Talvez você seja o filho do comandante, e talvez você vá para a academia. Isso não significa nada. Você ainda é

só um garoto. Não conhece essas ruas como nós. Esse aqui é um assassino sangue-frio e um ladrão. Mas nunca foi preso com sangue nas mãos antes.

Byrne ergueu-se e encarou Gillen.

— Onde está sua prova? Ele apanhou? Essa é a *prova*?

Boa, pensou Han, torcendo em silêncio para o cabo de sangue azul, embora soubesse que não deveria falar nada em voz alta.

Gillen empurrou Han com um dos pés, de forma nem um pouco gentil.

— Eles o chamam de Algema — disse Gillen. — É o líder de uma gangue de rua, os Trapilhos. Andam brigando com os Austrinos há anos. Dois dias atrás, os Austrinos pegaram Algema sozinho no Beco do Oleiro. Se a Guarda não tivesse aparecido, ele já estaria morto.

Gillen sorriu e passou a língua pálida pelos lábios rachados.

— Teria sido um serviço à comunidade se a Guarda tivesse deixado que eles terminassem o trabalho. Encontramos os pobres-diabos ontem... você viu o que fizeram com eles. Tinham que ser os Trapilhos. Ninguém mais enfrentaria os Austrinos. As mortes foram por vingança, sem dúvida, e este aqui é o responsável.

O cabo Byrne baixou os olhos para Han e engoliu em seco.

— Muito bem. Nós o levaremos para ser interrogado. Ele confessa ou não. Sem apanhar. As confissões obtidas com surras não significam nada. Eles dirão qualquer coisa para fazê-lo parar.

Gillen cuspiu no chão.

— Você vai aprender, cabo. Não se pode mimar um rato de rua. Eles vão se virar contra você, e eles têm dentes, pode acreditar. — Ele se virou para olhar os casacos azuis. — Traz ele, então. Nós vemos o que fazer com ele na Casa da Guarda. — O modo como ele disse isso fez Han estremecer. O idealista cabo Byrne não ficaria ali todas as horas de todos os dias.

— Outra coisa, *senhor* — falou Byrne. — Talvez você devesse devolver a algibeira a ele.

Gillen dirigiu um olhar com tanto ódio para Byrne que, apesar de tudo, Han teve que se controlar para não rir. Gillen enfiou a mão no casaco e retirou a algibeira de Han, exagerando ao remexer nela para ter certeza de que não havia nenhuma arma ali, depois enfiou-a de volta no bolso do casaco do rapaz.

Não dava para saber por quanto tempo ela ficaria ali.

Dois casacos azuis seguraram os braços de Han e o ergueram, e a dor foi lancinante. O antebraço direito parecia cheio de lascas de vidro. Eles colocaram os braços do rapaz sobre os ombros e começaram a arrastá-lo entre eles. Han pendia, mole como um trapo, e tentava não desmaiar, com a mente acelerando furiosamente e pulando de ideia em ideia.

Será que os Trapilhos fizeram isso com os seis Austrinos? Por que fariam isso? Não que fosse da sua conta, nem mesmo em nome dos velhos tempos. Qualquer coisa tão chamativa sempre trazia a atenção indesejada da Guarda. Todos sabiam disso.

Se não foram eles, quem foi?

Fosse o que fosse que tivesse acontecido, ele não esperava ser tratado com justiça na Casa da Guarda. Eles precisavam de alguém a quem culpar. Ele dançaria, não importava qual fosse a música que tocassem e terminaria no fim de uma corda. Pensou em Mari, que o esperava no templo, e na mãe, que esfregava a roupa no Castelo de Fellsmarch. Elas é que pagariam. Ele não poderia deixar isso acontecer.

Agora eles passavam pelo Templo de Ponte Austral e viravam na direção da ponte sobre o rio. Han resmungou em voz alta e remexeu os pés na terra como se quisesse se firmar no lugar.

— Ei! Preste atenção — falou um dos casacos azuis, e o aperto no braço dele ficou mais forte.

Han voltou a gemer.

— Ai! Minha cabeça! Está doendo. Me solta! — Ele fez um esforço para soltar os braços. — Não me sinto muito bem — falou e deixou que um traço de pânico entrasse em sua voz. — Estou falando sério! Vou vomitar! — Ele cobriu a boca com uma das mãos e encheu as bochechas de ar de modo sugestivo.

— Não vai fazer isso em cima de mim! — falou o casaco azul. O guarda segurou a gola e o cós da calça de Han, e o empurrou até o muro de pedra que ladeava a ponte. — Vomita no rio, garoto, e faça isso rápido.

Han apoiou a mão boa, depois deu uma pancada no rosto do guarda com a cabeça. O casaco azul gritou e o soltou, e o sangue escorreu do nariz quebrado. Han tomou um impulso para cima da mureta e se agachou ali, baixando os olhos para o lixo que flutuava sobre a água.

— Parem o garoto! — gritou Gillen atrás dele. — Ele está fugindo!

Apertando as mãos contra si, Han se lançou do muro e deu um mergulho nas águas rasas que o levou o mais longe possível dos pilares de pedra da ponte. De

algum modo, ele conseguiu evitar bater em qualquer dos barcos que se amontoavam no canal estreito e nadou próximo à margem norte. Ele submergiu, cuspiu um bocado de água suja e desta vez ficou nauseado de verdade.

Ainda bem que sabia nadar graças aos verões com os clãs. Não eram muitos os garotos da cidade que sabiam.

— Lá está ele! — Ele ouviu a voz de Gillen, transmitida através da água. — Você aí na água! Cinco "meninas" para quem pegá-lo.

Cinco "meninas"! Ele mesmo se entregaria por tanto dinheiro.

Han voltou a submergir e nadou às cegas na direção da margem de Feira dos Trapilhos. Ele batia as pernas com força para compensar o braço direito inutilizado; seus olhos estavam bem fechados na água suja. Quando ele ergueu a cabeça para verificar a posição e corrigir seu avanço, um clamor de vozes disse que ele fora visto. Então ele voltou a mergulhar e conseguiu se ocultar em meio à confusão de barcos e ao lixo flutuante.

Finalmente, alcançou as docas no lado de Feira dos Trapilhos, deslizou por baixo delas e chapinhou nas águas rasas onde as docas encontravam a margem. Ali ele se aconchegou entre os pilares, tremendo e batendo os dentes.

O barulho da busca diminuiu quando a Guarda se espalhou cada vez mais, até finalmente Han não conseguir ouvir mais nada. Ainda assim, ele esperou até o anoitecer antes de se esgueirar de debaixo da doca e caminhar até a margem.

CAPÍTULO NOVE

OLHOS E OUVIDOS

No dia seguinte ao incêndio da montanha, Raisa passou toda a manhã com o novo tutor de idiomas e tentou enrolar a língua ao redor das vogais suaves do sul. Tamric era uma língua confusa por causa de sua imprecisão e duplos sentidos. Feita para a política. Raisa gostava muito mais das ênfases firmes da língua do Vale ou das nuances sutis da língua dos clãs.

Quando estavam terminando, o mensageiro da rainha trouxe um pedido para que Raisa se juntasse à mãe ao meio-dia em seus aposentos. Isso era estranho o bastante para que Raisa se perguntasse em que tipo de encrenca se metera.

Quando o camareiro acompanhou Raisa até os aposentos de sua mãe, ela encontrou a mesa posta para duas pessoas. A mãe sentava-se junto ao fogo, os cabelos claros estavam soltos e um xale reluzente de seda descia ao redor dos ombros dela. Parecia que a rainha sempre estava com frio. Ela sofria como uma delicada flor das terras baixas transplantada para um clima inóspito. Em contraste, Raisa sentia-se como o resistente líquen alpino, escuro, teimoso e rente ao chão.

Raisa inclinou-se para a mesura e olhou ao redor ao fazer isso.

— Mamãe? Apenas nós?

Marianna deu um tapinha na cadeira a seu lado.

— Sim, querida, mal tivemos chance de conversar desde que você voltou de Demonai.

Graças ao Criador, pensou Raisa. Ultimamente, parecia que ela nunca tinha chance de ficar a sós com a mãe. Lorde Bayar estava sempre por perto. Esta era a chance de conversar com a rainha sobre a questão dos mercenários. Talvez ela pudesse até persuadir a mãe a intervir e ordenar ao capitão Byrne que enviasse Amon para a guarda pessoal de Raisa.

A garota se sentou perto da mãe, e Marianna serviu o chá de um bule pesado sobre a mesa.

— Você está bem, depois daquele susto pavoroso em Hanalea? — perguntou a rainha. — Eu não consegui dormir na noite passada. Devo pedir a lorde Vega que a examine? — Harriman Vega era o médico da corte.

— Estou bem, mãe — falou Raisa. — Alguns calombos e hematomas, é tudo.

— Graças aos Bayar — disse Marianna. — Temos muita sorte pelo nosso Grão Mago, e o jovem Micah parece ter herdado o talento de lorde Bayar, não acha? *E* sua bela aparência — emendou ela e deu uma risadinha afetada.

— Os Bayar são impressionantes. — Raisa tomou um longo gole de chá e recordou o encontro com Micah no corredor, perguntando-se quando e se deveria mencioná-lo.

— Como vão os seus estudos? — indagou Marianna. — Temi que você pudesse ter se esquecido de tudo que já tinha aprendido, depois de ficar isolada nos Campos por tanto tempo, mas recebi boas notícias dos seus professores. — Ela parecia levemente surpresa.

— Bem. — Raisa se mexeu pouco à vontade.

A senhora se casou com um homem do clã, mamãe, pensou ela. Lembra-se do motivo? Quando seus pais estavam juntos, ela parecia se lembrar. Mas agora a mãe soava como porta-voz do sarcasmo e das observações maliciosas e constantes de Gavan Bayar.

— Eu não acho que sofri por estar em Demonai — falou Raisa. — Você sabe que os clãs são ótimos em leitura, narração de histórias, música e dança — continuou ela. — Até nos números. Eu passei bastante tempo trabalhando nas feiras.

— Bem, não posso dizer que aprove isso — retrucou Marianna e franziu a testa. — A futura rainha de Fells aprendendo a ser vendedora.

— Ora, mamãe, eu aprendi *muita* coisa — disse Raisa. — Trata-se de aprender a interpretar as pessoas e saber quando ceder e quando ater-se ao preço. Você tem que ser capaz de avaliar a qualidade rapidamente e decidir qual é o seu preço mais alto. Além disso, você aprende a se afastar de um mau negócio, por mais que queira algo.

Raisa inclinou-se para a frente, segurou as saias, torcendo para que a mãe compreendesse como o delicado dar e receber do comércio e da negociação a estimulavam. Como o movimento do olho ou o brilho de suor no lábio superior de um comerciante revelavam mais do que ele pretendia. E como abandonar a ambição e o desejo permitiam que ela mostrasse uma expressão indecifrável no mundo difícil e confuso das feiras.

A rainha ouviu com atenção e cutucou o bracelete no pulso fino, mas Raisa podia ver que ela não estava disposta a aceitar nada. Raisa fez um esforço para se recostar na cadeira.

— De qualquer forma, não foi uma perda de tempo — disse em voz baixa.

— Vou acreditar no que você está dizendo — falou Marianna. Ela fez uma pausa quando Claire trouxe uma bandeja de prata, pousou-a sobre a mesa e saiu de novo. A rainha pôs-se de pé. — Ora, então — emendou ela —, vamos comer, não é?

A mãe de Raisa parecia considerar mais fácil dizer o que lhe vinha à mente com a comida entre elas.

— Seu 16º rebatizado está chegando — falou abruptamente quando Raisa pegou a torta de peixe com massa folhada.

— Verdade? Eu não tinha percebido — respondeu Raisa e revirou os olhos. — Magret vai ficar corcunda de tanto carregar os presentes dos pretendentes.

A mãe sorriu.

— Esperamos que sua apresentação à sociedade atraia considerável interesse — falou ela, em seu elemento, agora que a discussão era sobre festas e casamentos. — Por causa da guerra no sul, as sucessões estão, por assim dizer, em questão. Muitos príncipes do sul considerarão o casamento com uma princesa do norte como um meio de consolidar sua posição e também como um tipo de refúgio, caso o pior aconteça. — Ela olhou diretamente para Raisa. — Não queremos cair nessa armadilha.

— O que a senhora está dizendo? — perguntou Raisa e fez uma pausa com um pão doce a meio caminho da boca. Ela nunca ouvira a mãe dizer duas palavras sobre política.

— Bem, você não sabe como as coisas vão terminar. Dependendo de como a guerra prossiga, você pode casar com um rei ou um fugitivo.

Raisa deu de ombros.

— Serei rainha por méritos próprios. Não preciso me casar com um rei.

— Justamente! — falou Marianna, sorriu e deu a primeira mordida.

— Não entendi — emendou Raisa. — Justamente o quê?

— Nós deveríamos evitar uma aliança com o sul — disse Marianna. — As coisas estão confusas demais. Há pouco a ganhar e muito a perder. Poderíamos ser arrastados para a guerra deles.

— Bem — falou Raisa e pensou no que Amon lhe dissera —, as guerras no sul não vão durar para sempre. Talvez seja melhor esperar e ver quem vence. Depois decidir que aliança seria a mais vantajosa. Um casamento com alguém do sul poderia ser exatamente o que queremos. Podemos precisar de amigos quando eles voltarem sua atenção para nós.

Marianna olhou para ela, confusa, como se Raisa tivesse começado a falar em tamric.

— Mas nós não sabemos quando isso vai acontecer. Nâo podemos ficar sentadas, esperando, enquanto isso.

— Nós poderíamos nos preparar para isso agora — falou Raisa. — Um monte dos nossos foram para o sul como mercenários, pois lá paga-se bem. Não seria uma boa ideia tentar trazê-los para casa e usá-los para criar nosso próprio exército?

A rainha enrolou o xale mais firmemente a seu redor, como se fosse uma armadura.

— Não temos dinheiro para isso, Raisa — falou ela.

— Temos que nos livrar dos mercenários estrangeiros que temos atualmente — disse Raisa. — Isso faria com que sobrasse um pouco de dinheiro.

— Isso é mais fácil falar do que fazer — observou a rainha. — Eles têm postos de comando. O general Klemath confia neles para...

— Eu não disse que seria fácil — disse Raisa. — Apenas pensei que é algo a ser considerado. Sai mais caro comprar soldados estrangeiros, e as pessoas lutam melhor quando estão defendendo os próprios lares e famílias. E ter todos esses estrangeiros aqui poderia ser arriscado.

— De onde vieram essas ideias? — perguntou a rainha e franziu a testa. — Foi algo que você ouviu no Campo Demonai?

Esse era o código real para: *Foi algo que seu pai lhe disse? Foi sua avó, Elena?*

Apenas entre nós, Amon dissera. E ela não queria criar problemas para ele nem para o capitão Byrne.

— Não. É algo que ando pensando há algum tempo.

— Neste momento você deveria se concentrar nos estudos — falou Marianna. — Vou pensar sobre qual poderia ser a melhor união para você e para Fells. Não podemos adiar seu casamento até os habitantes do sul pararem de lutar. Isso pode nunca acontecer.

— Mas não há pressa — falou Raisa. — Você se casou jovem, mas não há razão para que eu faça isso. Você vai governar por um longo tempo ainda. Provavelmente serei uma velhinha com netos à minha volta quando subir ao trono.

Marianna remexeu no xale.

— Não sei — falou em voz baixa. — Algumas vezes, penso que não ficarei muito tempo neste mundo.

Era uma antiga arma, familiar desde que Raisa era uma garotinha. Ainda funcionava.

— Pare com isso! — falou Raisa bruscamente; depois, acrescentou: — Por favor, não diga essas coisas, mamãe. Não consigo suportar isso.

Quando era pequena, Raisa costumava esgueirar-se para fora do quarto das crianças para ver a mãe dormir, com medo de que ela parasse de respirar se Raisa não estivesse ali para interferir. O fato de que havia algo etéreo, quase sobrenatural em sua mãe, simplesmente reforçava os temores de Raisa. Ainda assim, ela sabia que Marianna não deixaria de usar essa tática para conseguir o que queria.

— Apenas me deixaria mais tranquila saber que a questão do seu casamento estaria resolvida — falou Marianna com um suspiro.

Raisa não tinha intenção de ver alguma coisa resolvida nem tão cedo. O casamento apenas era outro tipo de prisão a ser adiada o máximo possível.

Ela pretendia ter uma longa temporada de flertes, galanteios, beijos e encontros às escondidas que envolveriam desesperadas declarações de amor.

Negociação. Dar e receber. Redirecionamento.

Ah, redirecionamento. Isso sempre funcionava bem com a rainha.

— Andei pensando na festa do rebatizado — falou Raisa, embora não fosse verdade. — Eu tenho algumas ideias sobre o vestido e queria saber a sua opinião.

E assim elas passaram meia hora discutindo os prós e os contras do cetim em comparação à renda, e do preto em comparação ao branco e ao verde-esmeralda, dos babados em comparação com anáguas, tiaras em comparação a redes com contas e redes com purpurina. Depois, passaram a discutir sobre uma tenda no jardim em vez de uma festa no Grande Salão.

— Vamos precisar nos encontrar com a cozinheira para conversar sobre a questão do menu — falou Marianna, quando estavam prestes a esgotar o assunto. — Se decidirmos agora, isso vai nos poupar problemas consideráveis no fim. Agora isso dependerá em parte da lista de convidados, claro...

— Amon mal pode esperar pelo banquete — falou Raisa, pensando em virar a conversa para uma direção que ela preferia. — Fico feliz que ele tenha voltado.

— Estive pensando em falar com você sobre Amon Byrne — falou a rainha em um tom de voz que nunca significava boas notícias.

— O que tem Amon? — falou Raisa, já na defensiva.

— Magret falou que você e o cabo Byrne tiveram um encontro secreto no fim da noite passada, no jardim de cristal — disse Marianna, indiferente, enquanto girava um anel em seu dedo.

— Não foi nem um pouco secreto — falou Raisa. — Não nos víamos há três anos. Queríamos pôr a conversa em dia e eu não tive chance de conversar com ele durante o jantar.

— Você falou para lorde Bayar que estava com dor de cabeça — falou Marianna.

— Eu *realmente* estava com dor de cabeça — mentiu Raisa. — Qual é o problema?

— E então você escapou para se encontrar com o cabo Byrne — falou a rainha. — O que você acha que vão pensar?

— Eu me sentei com ele em um local público com a minha ama — falou Raisa, e sua voz se elevou. — A senhora é quem tem que me dizer. O que a senhora *acha* que vão pensar?

— Magret disse que vocês dois a deixaram no labirinto e foram embora sozinhos — disse a rainha Marianna.

— Magret adormeceu no banco e preferimos não incomodá-la — falou Raisa. — A senhora sabe como ela fica quando a acordam. Eu tive que voltar para pegá-la hoje de manhã.

Essa foi a gratidão que você recebeu. Magret *ficara* muito irritada e reclamara de dores nos velhos ossos por dormir no banco de pedra durante toda a noite. O que talvez explicasse o fato de ela ter corrido para a rainha Marianna e relatado a história. Raisa contava com o fato de que ela ficaria quieta para encobrir ter dormido em serviço. Não se podia saber o que as pessoas fariam.

Marianna limpou a garganta.

— E então o cabo Byrne foi visto saindo do seu quarto mais tarde naquela noite.

Raisa remexeu-se na cadeira, o que fez um som alto de algo se arrastando. — *Quem* disse isso? Você recebeu um *relatório* sobre mim esta manhã ou o quê? Você mandou alguém me *seguir*?

— Não mandei ninguém segui-la — falou Marianna em sua voz tranquilizadora. — Mas o Grão Mago veio até mim hoje de manhã. Ele disse que Micah foi procurar você, pois você não estava se sentindo bem, e ele a viu junto com o cabo Byrne do lado de fora de seu quarto...

E isso merecia uma visita do Grão Mago? E isso era problema dele?

— Então não tem problema se Micah Bayar esgueirar-se até o meu quarto, mas Amon...

— Micah estava preocupado com você, querida. Era compreensível que...

— Micah praticamente me atacou no corredor, mamãe! Ele tinha bebido e me agarrou pelo braço, e Amon teve que levá-lo de volta ao quarto dele.

— Não seja superdramática, Raisa — falou Marianna bruscamente. — Micah ficou surpreso, só isso, ao descobrir que você e o cabo Byrne tinham... marcado um *encontro*.

A ironia era que Raisa e Micah andaram se encontrando às escondidas. E um casamento entre eles era expressamente proibido pela Naéming. Aquela conversa toda não fazia sentido.

Raisa pôs-se de pé e o guardanapo caiu no chão. Ela não deveria ter pensado que a mãe a apoiaria contra os Bayar. Como sempre, ela estava sozinha.

— Estamos falando sobre *Amon* — disse Raisa. — Ele já comeu à nossa mesa centenas de vezes. Por que você continua chamando-o de cabo Byrne? E, quanto a Micah, pergunte por aí. Ele atrai um bocado as damas de companhia e as criadas. Na verdade, há histórias que...

— Micah Bayar vem da Casa Aerie, uma família nobre e muito respeitada — falou a rainha. — Eles estão no conselho há milhares de anos. Por outro lado, os Byrne...

— Não diga isso! — interrompeu Raisa. — Não ouse. Edon Byrne é capitão da sua Guarda. Você está dizendo que Amon não vem de uma família respeitada?

— Claro que vem, Raisa — falou Marianna e enrolou uma mecha de cabelo ao redor do dedo. — Mas ele é um soldado, o pai é um soldado, e o pai *dele*, por várias gerações. Eles são bons no que fazem. Mas é tudo que serão.

Marianna fez uma pausa para que Raisa assimilasse isso.

— Eu sei que Amon tem sido seu amigo. Mas agora que você está mais velha, tem que saber avaliar as diferenças entre vocês e que isso tudo é impossível.

— O *que* é impossível? — Raisa estremeceu com indignação. — Não estou pensando em me *casar* com ele. Sei tudo sobre a minha obrigação com a linhagem. Mas Amon é meu amigo e, mesmo que se tornasse algo mais, não é da conta de ninguém, além da minha, desde que isso não afete a sucessão. E não vai.

— Mas poderia — emendou a mãe. — Você tem ideia do que vão pensar, num momento em que planejamos o seu casamento?

Raisa abriu a boca e as palavras jorraram como se estivessem presas ali há anos.

— Se você está preocupada sobre o que vão pensar, deveria se preocupar com você e o Grão Mago.

Marianna ergueu-se e o xale caiu no chão.

— *Raisa ana'Marianna! O que você quer dizer?* — O tom de voz tranquilizador desaparecera.

— Só estou dizendo que as pessoas estão falando sobre você e lorde Bayar — disse Raisa. — Estão dizendo que ele tem muita influência. As pessoas dizem... as pessoas dizem que é hora de o meu pai voltar para casa. — Ela engoliu em seco, e lágrimas brotaram em seus olhos. — Gostaria que ele estivesse aqui também. — Ela fez uma mesura. — Com sua licença, Majestade.

Raisa não aguardou pela permissão, mas virou-se e saiu correndo do cômodo. Mas antes que saísse do alcance, a rainha disse em voz alta e estridente:

— Vou falar com o capitão Byrne sobre isso.

Como todo o restante na vida de Raisa, o tempo passado no templo estava prescrito pela Naéming. Quatro dias por mês, a Naéming dizia que a rainha e a princesa-herdeira deveriam ir ao templo. Isso poderia significar um dia por semana ou quatro dias seguidos.

No Campo Demonai, o tempo passado no templo era um privilégio, não uma obrigação. Quatro dias na Cabana da Matriarca, na companhia de outras pessoas ou quatro dias no templo da floresta, meditando sobre o Criador e todas as suas obras no mundo natural. Raisa sempre terminava esses dias sentindo-se mais poderosa, com mais esperança e, de alguma forma, mais segura e certa do que precisava fazer.

Mas na Corte de Fellsmarch havia muitas distrações. A mãe de Raisa vinha ao templo, como exigido, mas transformava isso num tipo de festa, cercada por damas de companhia, músicos, artistas e criados que traziam comida e bebida. Afinal, Marianna dizia, música, comida, bebida e fofocas eram obras do Criador e valia a pena celebrar tudo isso. A única diferença de um dia típico na corte era a ausência

óbvia dos feiticeiros e a presença dos oradores, que podiam olhar de modo desaprovador, mas que tinham pouco a dizer. Marianna e suas aias zombavam deles em suas costas.

Algumas vezes, parecia a Raisa que a vida na corte estava destinada a evitar que uma pessoa pensasse demais sobre qualquer coisa em particular.

Mas havia algumas coisas nas quais ela tinha que pensar.

Após a discussão com a mãe, Raisa não estava disposta a conversar com ninguém, por isso se refugiou no pequeno templo no labirinto do jardim de cristal no telhado. O sol inundava o telhado; ela abriu os painéis de vidro para permitir que a corrente de ar entrasse no jardim.

Por algum tempo, depois que ela se ajeitou no banco de pedra, a mente correu enlouquecida e buscou imagens de Micah Bayar e Amon Byrne, da mãe e de Gavan Bayar. Aos poucos, sua mente ficou mais calma e selecionou os pensamentos com mais cuidado.

Controle o cavalo que você cavalga antes de tentar controlar o de outra pessoa, era o que Elena Demonai sempre dizia. E certifique-se de estar segura no assento antes de fazer isso.

No intervalo de um dia, ela havia beijado dois rapazes diferentes: Amon e Micah. Ambos eram extremamente interessantes, de modos diferentes. E eram proibidos para ela.

Será que era por isso que eles a atraíam — porque eram proibidos? Porque ela não tinha que enfrentar o complicado problema do casamento? Porque ela estava cansada de fazer o que lhe diziam?

De certo modo, ela estava sendo fiel à herança. As rainhas Lobo Gris eram famosas por seus flertes. A mais famosa de todas, sem dúvida, fora Hanalea. Havia até um livro sobre as conquistas dela. Ela flagrara Magret lendo.

A mente de Raisa vagou do romance para a política. Olhos e ouvidos, dissera Amon. Ela precisava ter os próprios olhos e ouvidos.

Possibilidades futuras rolavam na direção dela. Bem à sua frente estava uma ampla estrada que se estendia ao longe — o que poderia acontecer se ela seguisse o plano estabelecido para ela? Ela viu um casamento com alguém escolhido pela mãe, e que aconteceria antes do que desejava. Ela não conseguia imaginar o desfecho daquilo. Estava enevoado.

De cada lado, havia passagens opostas, tão estreitas e complexas quanto os caminhos do labirinto, algumas difíceis de encontrar e cada uma delas com os próprios riscos e incógnitas. Portanto, havia outras possibilidades, mas nunca eram fáceis.

Quando ela se sentou, com os olhos semicerrados, alguém se ajeitou a seu lado no banco. Sem abrir os olhos, ela sabia quem era e soltou a respiração presa com um longo suspiro.

— Boa tarde, Raisa — falou Elena Demonai. — Posso me juntar a você?

— Boa tarde, Elena *Cennestre*. Seja bem-vinda — disse Raisa e usou a palavra do clã para *mãe*. Ela abriu os olhos. — Como a senhora me achou?

— Este é um lugar muito antigo, *lytling* — falou Elena, e o rosto cor de caramelo enrugou-se num sorriso que emoldurou os olhos verdes da vidente.

Raisa refletiu sobre isso. Em Demonai, ela havia aprendido a não fazer todas as perguntas que vinham à sua mente, sabendo que algumas coisas seriam compreendidas no devido tempo.

— Estou preocupada, vovó — disse Raisa. — O caminho à frente parece claro o suficiente, mas não tenho certeza de que seja o correto.

— Nas Montanhas Espirituais, encontramos nosso caminho pelo sol e pelas estrelas e outros pontos de referência — falou Elena. — Eles nos dizem se estamos na estrada certa e nos mantêm longe dos problemas. Como você evita o perigo nas terras baixas?

Raisa pensou por um momento.

— Da mesma forma que nas feiras. Eu procuro algo que não combina... quando alguém diz uma coisa e os olhos, mãos e corpos me dizem outra.

— E agora onde você vê algo que não combina?

— Eu ouço as palavras de lorde Bayar saindo da boca da minha mãe — falou Raisa rispidamente. — Ela costumava falar por si mesma. E agora... Eu não sei.

Elena acenou com a cabeça.

— E o que mais?

— Eu sinto que uma armadilha está se fechando à minha volta e não sei ainda o que é — hesitou Raisa. — Eu vi lobos em Hanalea no dia do incêndio, mas mamãe não pareceu notar.

— Lobos — murmurou Elena. — A linhagem Lobo Gris está em perigo, e a rainha não vê isso. — Ela ergueu o olhar para Raisa. — Pela Naéming, o Grão Mago

está amarrado por magia à rainha. Lorde Bayar não age como um feiticeiro amarrado. Alguma coisa está errada.

— O que podemos fazer? — perguntou Raisa.

— Será que a rainha estaria disposta a vir até o Campo Demonai? — perguntou Elena. — Você poderia persuadi-la.

Raisa balançou a cabeça.

— Não sei — falou ela. — Eu acho que não. Ela não está muito satisfeita comigo agora. Sempre que tento conversar sobre lorde Bayar, ela fica aborrecida.

— Você deve continuar tentando, *lytling* — falou Elena. — Tente convencê-la a vir até o templo em Demonai. E tome cuidado com os Bayar. O jovem Bayar é charmoso e bonito, mas mantenha distância. Não se deixe enganar.

— Sim, vovó — falou Raisa.

— Tenho um presente para você — falou Elena. Ela retirou uma algibeira de couro de cervo do bolso da sobretúnica e entregou-a a Raisa.

A princesa-herdeira desamarrou o cordão e despejou o conteúdo em sua mão. Era um pesado anel de ouro em uma corrente, tornado opaco pelo tempo, entalhado com imagens de lobos que corriam num círculo infinito. Ela podia ver que era grande demais para qualquer um de seus dedos.

Raisa ergueu o olhar para Elena.

— Parece... parece muito antigo — falou, e isso era tudo em que ela conseguia pensar...

Elena pegou-o da mão dela, abriu o fecho com incrível habilidade e prendeu a corrente ao redor do pescoço de Raisa.

— Antigamente ele pertencia a Hanalea — falou abruptamente.

— Hanalea — repetiu Raisa. — Mas parece grande demais para...

— É o que chamamos de talismã. Oferece proteção contra feitiçarias. Nunca o tire. Agora — falou Elena e levantou-se — vou fazer o que puder para trazer seu pai para casa.

Pouco depois, Raisa bocejou e abriu os olhos. Ela estava sozinha no labirinto, recostada em um canto do banco, e um vento quente do sul arrepiou seus cabelos. Será que ela adormecera? Será que tudo fora um sonho?

Mas o anel dos lobos corredores pendia pesado da corrente em seu pescoço.

CAPÍTULO DEZ

DE VOLTA AO LABIRINTO

Raisa enviou uma mensagem à caserna com um pedido para que Amon se encontrasse com ela no templo do labirinto na hora da oração daquela noite, mas ele enviou uma mensagem de volta dizendo que estava de serviço. Ela tentou mais uma vez na noite seguinte, com o mesmo resultado. Após a terceira recusa, ela ameaçou visitá-lo em seus aposentos na caserna, e ele finalmente concordou em ir.

Enquanto isso, Micah enviou-lhe um exuberante buquê de flores e muitos bilhetes que sugeriam um encontro. Ela ignorou. Ela lhe daria uma lição por ir atrás do pai e ficar contando histórias.

Naquela noite ela percorreu a passagem de pedra com mais confiança; trazia uma vela acesa e fazia barulho suficiente para dispersar os ratos à sua frente. Suas roupas também eram mais práticas: ela trajava uma das saias de montaria, botas e um casaco justo no corpo. Isso facilitava muito subir as escadas, com a vela presa aos dentes feito uma pirata.

Quando abriu a porta de metal no fim da passagem, Amon deu um pulo do banco e desembainhou a espada. Ele girou nos calcanhares e examinou o cômodo.

— Pelos ossos de Hanalea, Rai — falou ele ao mesmo tempo que balançava a cabeça e voltava a guardar a espada. — Pensei que você fosse bloquear esse túnel.

— Eu nunca disse que faria isso — retrucou ela e sentou pesadamente no banco. — Eu gosto de ter uma saída extra. — Ela ergueu a mão quando o rapaz abriu a boca. — Não comece. Por favor, sente-se. Você está fazendo sombra em cima de mim como se fosse um sacerdote das terras baixas.

Ele se sentou no banco e se apertou no canto mais distante, como se ela fosse contagiosa, com o corpo rígido e formal, e as mãos cuidadosamente colocadas acima dos joelhos.

— Por que você tem me evitado? — perguntou Raisa sem rodeios.

— Eu não tenho... — ele se interrompeu quando ela o olhou de cara feia. — Tudo bem. É somente que... meu pai veio conversar comigo.

— E o que foi que ele disse?

— Bem. — Amon corou. — Ele disse um bocado de coisas. A mais importante é que agora eu estou na Guarda, e isso significa que trabalho o dia inteiro, todos os dias. Para desempenharmos nossa função de proteger a família real, temos que manter certa... distância. — Ele limpou a garganta. — E... bem... eu entendi o que ele quis dizer.

— Entendeu o que ele quis dizer? Não me permitem ter amigos? — Raisa sabia que estava sendo injusta, mas ela não estava a fim de ouvir amenidades, e ele era o único alvo disponível. Além disso, a única vez em que ele abandonou a pose militar e se transformou no Amon que conhecia foi quando ela o aborreceu.

— Claro que somos amigos, mas nós...

— Não nos permitem falar um com o outro, é isso? — Raisa puxou a longa mecha de cabelos para a frente e trançou novamente os fios.

— Nós podemos *conversar*, mas...

— Apenas num cômodo cheio de gente? — Ela se aproximou. — Estamos muito perto? — Aproximou-se mais ainda. — Que tal isso? — Até o quadril dela encostar no dele.

— Raisa, você pode me deixar, pelo menos, terminar a frase? — rosnou ele, mas sem se afastar. — Não sei de onde isso veio, mas meu pai disse que estão falando de nós. Ele ameaçou me mandar para os Penhascos de Giz, se ouvir mais alguma coisa sobre isso.

Raisa pôs a mão no braço dele.

— Ele não faria isso. — Penhascos de Giz era um porto no oceano Indio a centenas de milhas de distância.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sim. Ele faria. Portanto, se é o que você quer...

— Você vai deixar Micah Bayar ditar quem eu vejo e com quem falo?

Ele a fitou.

— O quê?

— Micah conversou com o pai dele e disse que nos viu do lado de fora do meu quarto na outra noite. Lorde Bayar falou com a rainha, e a rainha falou com o seu pai.

— A rainha está metida nisso? — Ele puxou os cabelos para trás e parecia confuso. — Não entendo. — Fez uma pausa. — Eu fiquei imaginando se você e Micah eram,

você sabe... — Ele não encontrou a palavra que queria, parou e limpou a garganta. — Na outra noite, eu não sabia se... — Ele ficou sem palavras mais uma vez e baixou o olhar para as mãos.

Esse não era realmente um tema que ela quisesse discutir com Amon Byrne.

— Não se preocupe com Micah — falou Raisa. — Ele apenas está acostumado a fazer o que quer. Mas tem alguma coisa acontecendo. Eu simplesmente não descobri o quê até agora. Preciso de amigos em quem confiar. Preciso de alguém a meu lado.

— Eu estou do seu lado, Rai — falou Amon em voz baixa. — Sempre. Você sabe disso.

Raisa segurou a mão dele entre as dela.

— Então me ajude.

Ele a fitou com cautela.

— Ajudar como?

— Preciso de olhos e ouvidos. Preciso saber o que está acontecendo... no reino, na casa do Conselho dos Magos, na montanha de Lady Gris, em toda parte. Eu me sinto como um canário em uma gaiola. Vejo apenas quatro paredes à minha volta, e enquanto isso o castelo está cercado, e meus inimigos se aproximam.

— O quê? — Ele olhou para o rosto dela e, sem dúvida procurando por sinais de insanidade ou de bebida. — Do que você está falando?

— Você sabe que as rainhas da linhagem algumas vezes têm visões que antecipam o futuro. — Amon acenou com a cabeça. — Bem, eu me sinto da mesma maneira que me sentia no dia do incêndio em Hanalea. Estou presa e as chamas avançam na minha direção e eu não tenho lugar para ir.

— Bem. — Amon limpou a garganta. — Como você pode saber que é uma visão verdadeira? Quero dizer, algumas vezes eu tenho pesadelos, mas é tudo o que eles são.

— É possível que eu esteja imaginando coisas — falou Raisa. — Mas não posso me arriscar.

— Você contou à rainha? Parece que esse seria o primeiro passo.

— A questão é que eu acho que talvez ela seja parte do problema — falou Raisa. — Eu tentei conversar com ela, mas acabamos brigando.

A voz dela falhou ao ver a expressão confusa de Amon. Ela e Amon sempre contaram suas queixas um ao outro. Mas agora era como se ela estivesse pedindo que ficasse a seu lado contra a rainha a quem ele havia jurado servir.

— Isso não é muita coisa. Uma sensação — falou ele finalmente.

— E o modo estranho como as pessoas estão agindo — argumentou Raisa. — Minha mãe falou repetidamente no outro dia que eu não deveria me casar com alguém do sul, que as coisas estão confusas demais por lá.

— Talvez seja apenas nervosismo por você estar ficando mais velha, pela sua apresentação à sociedade e tudo mais. — Amon esticou as mãos com as palmas viradas para cima. — Todos os pais têm dificuldade com essas coisas. Eu me lembro de quando foi o rebatizado da minha irmã. Papai interrogou e aterrorizou cada um dos garotos que se aproximou dela.

— Não sei. Ao mesmo tempo, parece que ela está com pressa de me ver casar. Ela diz que gostaria de ver as coisas resolvidas, que pode não ficar por aqui por muito tempo, como se ela soubesse de algo que eu não sei. Mesmo que eu não tenha chegado ao rebatizado e que não haja candidato em vista.

— Você disse que seria daqui a muitos anos — falou Amon quase em tom acusador.

Raisa deu de ombros.

— Como se eu pudesse decidir alguma coisa sobre isso. — Estremeceu. — Não quero me casar. Tenho apenas 15 anos.

— Ora, eu tenho 17 — falou Amon. — E vou voltar para a academia no outono. O que você quer que eu faça? Quem você quer que eu espione?

— Não é espionar, exatamente. Por exemplo, eu recebo informações do Campo Demonai que não recebo de outros lugares. Eles não me bajulam. Não me tratam como se eu fosse uma cabeça de vento. De certo modo, eles me respeitam mais que os outros.

— Que tipo de informação você quer de mim?

Raisa sentou-se ereta.

— Bem, se houver problemas, acho que eles devem vir de um dos dois lugares: das guerras no sul ou do Conselho dos Magos.

— E quanto às pessoas em Fellsmarch? E se estiverem planejando algum tipo de rebelião? — perguntou Amon.

— Por que eles fariam isso? — perguntou Raisa, franzindo a testa. — As pessoas adoram a rainha. Sempre que saímos pela cidade, elas comemoram e jogam flores aos nossos pés.

Amon balançou a cabeça, com uma expressão quase de pena.

— O quê? — falou Raisa sem rodeios, imediatamente irritada.

— Ora, em primeiro lugar, são pessoas miseráveis, famintas e, até onde posso ver, a Guarda da Rainha passa boa parte do tempo provocando eles.

— Não — falou Raisa com convicção. — A Guarda está ali para proteger as pessoas.

— Raisa, você já esteve em Ponte Austral?

— Claro que estive. Estive no templo ali, e já percorri a cavalo dezenas de vezes. É um lugar decrépito, mas...

— Deixe-me adivinhar. Você percorria o Caminho em uma carruagem, com uma comitiva, e a sua Guarda ladeava as ruas de ambos os lados.

Ela acenou com a cabeça, relutante.

— Foi isso mesmo.

— Você não pode saber o que realmente está acontecendo se está tão... isolada. Nas duas últimas semanas, eu tenho feito a patrulha a pé em Ponte Austral e em Feira dos Trapilhos. E me deixa te contar o que aconteceu esta semana. Ontem, seis pessoas foram assassinadas. Quatro garotos, duas garotas, todos com a nossa idade. Foram torturados e estrangulados.

— Pela doce Hanalea — murmurou Raisa. — Eu não ouvi falar nisso. Quem faria uma coisa assim?

— Boa pergunta. Todos eram de uma gangue de rua chamada os Austrinos. Gillen acredita que uma gangue rival, os Trapilhos, fez isso para se vingar.

— Vingar de quê? — perguntou Raisa e se inclinou para a frente, fascinada, sem querer demonstrar.

— Os Austrinos bateram no líder dos Trapilhos há algumas semanas: um garoto chamado Algema. Ele usa uns braceletes de prata, um tipo de marca. Gillen soube onde ele poderia estar, por isso o agarrou quando saía de uma taverna, hoje de manhã.

Amon puxou o cabelo para trás com as duas mãos.

— Ele tem a *nossa* idade, e Gillen acredita que ele matou seis pessoas.

— Então vocês o interrogaram? — interrompeu Raisa. — O que foi que ele disse?

— Bem, a primeira coisa que Gillen fez foi roubar a algibeira dele e bater com um porrete até ele perder os sentidos — falou Amon.

— *O quê?* — Raisa balançou a cabeça como se pudesse negar que fora assim. — Por que ele faria isso?

Amon deu de ombros.

— Gillen é um valentão. Eu consegui acabar com aquilo e, sem dúvida, estou na lista negra de Gillen. Se meu pai não fosse capitão, acho que Gillen teria batido no garoto até ele morrer. Ele me disse que eu era novo e não conhecia as ruas, e que eu aprenderia.

— Então eles fazem esse tipo de coisa o tempo todo?

Amon acenou com a cabeça.

— Várias vezes, desde que estou com eles.

— Então o que aconteceu? Com o Algema, quero dizer?

— Eu insisti para que o levassem de volta à Casa da Guarda e o interrogassem adequadamente. Mas ele conseguiu escapar deles e fugiu enquanto cruzávamos Ponte Austral. Pulou dentro do rio, portanto pode ser que tenha se afogado. — Amon esboçou um sorriso amargo. — Esse tal Algema não é bobo, não importa o que tenha feito. Se eu estivesse sendo arrastado de volta para a Casa da Guarda para ser interrogado por Mac Gillen, faria o que fosse preciso para fugir também. Claro que agora Gillen e os outros acham que a fuga foi culpa minha. E provavelmente foi. — Ele suspirou.

Raisa se inclinou para a frente numa tentativa de interpretar a expressão de Amon.

— Você acha que ele era culpado?

Amon desviou os olhos para a água.

— Parece provável. Mas você não descobre a verdade torturando uma pessoa. — O rapaz ergueu o olhar para Raisa. — A questão é que as pessoas em Ponte Austral e em Feira dos Trapilhos morrem de medo da Guarda da Rainha e por uma boa razão. — Os olhos cinzentos endureceram. — Eu bem que gostaria de amarrar o Mac Gillen e largá-lo num beco da Feira dos Trapilhos durante a noite. Para ver, de manhã, o que sobraria dele.

Amon estava mudando, pensou Raisa. Eu mal o conheço agora. Ele vê coisas e faz e aprende coisas enquanto eu fico presa aqui como uma flor de estufa e aprendo que garfo devo usar.

— Vou fazer com que Gillen seja demitido — ela prometeu, tocando o braço dele.

Amon sorriu, o primeiro sorriso verdadeiro da noite.

— Então você vai contar à rainha que esteve batendo papo comigo e que eu sugeri que Gillen seja mandado embora? Eu não acredito nisso. — Ele balançou a

cabeça. — Não é preciso. Eu já falei com meu pai. Se houver alguma coisa que possa ser feita, ele dará um jeito. Mas a Guarda está cheia de Gillens. Lá é um paraíso para os salafrários. Não tem muita coisa que um capitão possa fazer. Mas não costumava ser assim.

Raisa levantou-se e caminhou de um lado para o outro.

— É exatamente disso que estou falando. Como eu posso ser a princesa-herdeira do reino e não saber o que está acontecendo? — Ela parou no meio de uma passada. — Você disse que o povo está passando fome?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você sabe que não cultivamos muito por aqui. O Vale é fértil, mas não há muitas terras adequadas além dele e nossos invernos são longos demais. Não podemos comer ouro, prata nem cobre. Sempre dependemos do comércio com Arden e Tamron e com os outros reinos mais para o sul para os nossos grãos. Com as guerras se arrastando, a pouca comida que vem do norte custa caro demais para a maior parte do povo arcar com as despesas. — Ele fez uma pausa, depois avançou com passos firmes, decidido. — Você não pode presumir que todos têm o que comer porque você tem a mesa farta.

Raisa estava mortificada.

— Eu não quero ser esse tipo de rainha — disse ela. — Indiferente, egoísta, superficial e...

— Você não será — emendou Amon rapidamente. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Foi, sim. E eu mereço. Tenho que encontrar um meio de ajudar o povo. — Mas o que ela poderia fazer a esse respeito? Ela vivia em um palácio, refestelava-se à mesa todas as noites e tinha um guarda-roupa cheio de roupas... mas não tinha nem um tostão próprio.

Ela poderia tentar conversar com a rainha, mas tivera pouca sorte no início da semana. Como aquela conversa havia deixado bem claro, a mãe provavelmente planejara gastar o dinheiro extra que tinha em um casamento.

Além disso, Raisa queria fazer alguma coisa por conta própria. Uma coisa importante. Uma coisa emblemática da rainha que ela pretendia ser.

Ela se sentira completamente inútil desde que retornara a Fellsmarch do Campo Demonai.

Talvez pudesse esvaziar o closet e vender alguns dos vestidos cheios de fru-frus, e usar o dinheiro para comprar comida para quem não tinha nenhuma. Embora isso não fosse render muito dinheiro.

E então ela teve uma ideia. Quanto mais pensava, mais gostava.

Ela ergueu o olhar para Amon.

— Obrigada por me falar a verdade. Agora que fez isso, vai me ajudar?

Ele estreitou os olhos para ela, desconfiado.

— Ajudar como?

— Você poderia levar uma mensagem até o Campo Demonai e pedir que entregassem à minha avó, Elena?

Ele hesitou.

— Eu precisaria saber do que se trata — falou.

— Vou pedir que ela envie um dos melhores mercadores, e que ele me encontre no Templo de Ponte Austral depois de amanhã.

— Por que em Ponte Austral? — perguntou Amon. — Ele não poderia vir até aqui?

— É pouco provável que eu seja reconhecida lá. E tem alguém no Templo de Ponte Austral com quem eu quero conversar. Você já ouviu falar no orador Jemson?

— Ora, claro — disse Amon, como se ficasse surpreso por Raisa ter ouvido falar do franco e objetivo orador. — Qualquer um que já tenha ido em Ponte Austral conhece Jemson. Mas... como você planeja ir até lá?

Ela encolheu os ombros.

— Vou disfarçada. Você disse que eu deveria sair mais e ver o que realmente está acontecendo na cidade.

— O quê? — Amon ergueu as mãos com expressão alarmada. — Eu não quis dizer... Você não pode entrar em Ponte Austral sozinha. Não importa o tipo de disfarce que você usará.

— Então venha comigo — falou ela, sorrindo para ele. Poderia ser uma aventura, como nos velhos tempos.

— Uma pessoa não é suficiente para mantê-la a salvo. — Impulsivamente, ele agarrou a mão dela, como se pudesse puxá-la para o lado dele do argumento. A mão dele era quente, e a palma, calejada. — Anda, Raisa, por que você tem que ir sozinha? Basta inventar uma história. Diga que vai ao templo para adoração.

Ela balançou a cabeça.

— Isso vai significar uma comitiva, lembra? Guardas armados, carruagem e procissão?! Não quero isso. Quero respostas honestas, e não é o que vou obter acompanhada.

— Se você for a Ponte Austral, vai *precisar* de guardas armados. — Ela não disse uma única palavra e ele continuou: — O que você está tramando?

— Não quero dizer até saber se vai funcionar.

— E se eu não puder ir? Provavelmente, estarei de serviço pelo restante da semana.

Ela se pôs de pé.

— Ora, eu vou, com ou sem você. Se você quiser ir comigo, me encontre depois de amanhã na hora da oração, no outro extremo da ponte levadiça.

— Você está planejando ir à *noite*? — exclamou Amon e a fitou como se todos os piores temores dele tivessem se concretizado.

— Ora, sim — falou Raisa. — É menos provável ser reconhecida no escuro.

— Mas também é mais provável que lhe cortem a garganta. Ou coisa pior.

Ele também se levantou e assomou sobre ela, na esperança de que pudesse intimidá-la e fazê-la mudar de ideia.

— Essa realmente é uma péssima ideia. Esqueça, Rai, ou vou contar para o meu pai e ele vai deixar alguém esperando para impedi-la.

Raisa olhou-o diretamente nos olhos, embora tivesse que inclinar a cabeça para trás para fazer isso.

— E se você fizer isso, vou apenas esperar e ir em outra hora, sozinha.

Era assim que eles interagiam na infância, e era difícil mudar. Ela vinha com ideias perigosas e cheias de bravura, e ele fornecia os músculos necessários para que elas se concretizassem.

Eles ficaram se olhando de cara feia por um longo instante.

— Talvez eu não consiga chegar até Elena — resmungou Amon. Foi assim que Raisa soube que vencera.

Ainda assim... por que ele estava desistindo tão facilmente? Ela examinou o rosto dele. Ele não olhou para ela, o que significava que estava tramando alguma coisa.

Ótimo. Não importava o que fosse, ela resolveria. Raisa se inclinou, pensando em lhe dar um beijo casto na bochecha, mas ele virou a cabeça e o beijo pousou bem perto do canto da boca do rapaz. Ela recuou e eles trocaram olhares. De perto, a pele dele com a barba por fazer era agradável.

— Muito bem, então. — Ela se empertigou, corada e frustrada. — Obrigada por ter vindo hoje. Parece que você é o único amigo que eu tenho.

Ela caminhou até a abertura do túnel no centro do templo.

— Mesmo se você não puder ir a Ponte Austral, vamos nos encontrar aqui daqui a uma semana e vou te contar como foi.

— Se você ainda estiver viva daqui a uma semana — resmungou ele.

Ela sorriu.

— Feche a porta para mim, está bem? — Ela começou a descer os degraus, sentindo-se mais viva do que tinha se sentido desde que voltara para a corte.

Não que ela não sentisse uma pontada de culpa. O que ela pedia para Amon não era justo e ela sabia. Ele tinha muito mais a perder do que ela. Era um membro da Guarda da Rainha, e tinha jurado servi-la. Seu próprio pai, o capitão da Guarda, dissera para manter distância de Raisa.

No entanto, ela também não estava pedindo que ele cometesse uma traição. No fim das contas, ela era a princesa-herdeira, e ele também estava a serviço dela.

Mas ele já se encrencara por causa dela. Os Bayar eram conhecidos por serem inimigos perigosos, e Micah estaria atrás de uma chance para se vingar dele. E todas as desculpas dela não mudavam o fato de que Amon talvez sofresse as consequências, se eles fossem descobertos. Na melhor das hipóteses, seria um posto nos Penhascos de Giz.

CAPÍTULO ONZE

SANTUÁRIO

Os sinos do Templo de Ponte Austral soaram quatro vezes. O som reverberou no calçamento de pedras, proclamando que eram quatro da manhã e qualquer pessoa ajuizada deveria estar em segurança na cama. As tochas de cada lado da entrada para as bênçãos ainda ardiam, no entanto, recebendo quem estivesse necessitado a qualquer hora do dia. Naquele momento em particular, Han teria preferido estar oculto pela escuridão.

Apertando-se na sombra do edifício, Han ergueu a elaborada aldraba e deixou que ela batesse contra a porta de madeira uma segunda vez. Ele olhou por cima do ombro e esperou a qualquer momento sentir o aperto forte da Guarda em seu braço ou a ponta do aço frio.

Ouviu passos no interior, depois o retinir da dobradiça à medida que a porta girava para abrir. Uma iniciada com trajes brancos e cabelos bagunçados pelo sono piscou para ele. Ela parecia ter a mesma idade do garoto.

— Que o Criador o abençoe — falou, bocejando; depois, seus olhos se arregalaram conforme ela prestava mais atenção nele. — O que aconteceu com você, amigo? — quis saber ela, e o sotaque de Ponte Austral se evidenciou. — Andou brigando? — perguntou ela, e a curiosidade levou embora o sono.

— Preciso de um lugar para ficar — falou Han e acrescentou "por favor" quando ela ainda estava paralisada. — Juro pelo Criador que não estou aqui para machucar ninguém. — Ele oscilou e ela passou um braço ao redor da cintura dele e o ajudou a ir até um banco de pedra na entrada.

Ela se afastou rapidamente, esfregando as vestes.

— Você está fedendo — falou e fez uma careta.

— Desculpe. Eu caí no rio — explicou ele e fechou os olhos quando uma onda de tontura o dominou.

— Qual é o problema com seu braço? — perguntou ela.

Ele ignorou a pergunta.

— Você poderia acordar o orador Jemson, por favor? É importante.

— Bem, não sei se ele gostaria de ser acordado a esta hora da noite — falou ela. — Posso lhe entregar uma mensagem pela manhã?

Han manteve os olhos fechados e não disse nada. Finalmente, ele a ouviu afastar-se pelo corredor. Ele estava praticamente dormindo quando ouviu a voz do orador ressoar mais próxima.

— Ele está muito machucado, Dori? Você tem certeza de que não é um de nossos alunos?

— Não sei se eu o reconheceria, mesmo se o conhecesse, Mestre Jemson. Ele está bem machucado, sim.

Han abriu os olhos e viu Jemson fitando-o, alto e severo.

— Mestre Alister. Graças ao Criador, você está vivo. Eu temia o pior.

— Onde está Mari? — perguntou o garoto.

— Está dormindo em segurança no dormitório. Os iniciados tomaram conta dela, e mandei dizer à sua mãe que ela não devia se preocupar.

Han fez um esforço com o braço bom para se sentar.

— Você tem que tirá-la de Ponte Austral e levá-la de volta a Feira dos Trapilhos — pediu ele. — Ninguém pode saber onde moro, nem mesmo que tenho uma irmã.

Jemson olhou na direção de Dori, que ouvia com grande interesse.

— Isso é tudo, Dori — falou ele. — Vá dormir. Cuidarei de tudo a partir de agora.

Dori arrastou os pés, relutante, com muitos olhares para trás.

O orador se ajoelhou com um farfalhar de tecido para que pudesse fitar Han diretamente nos olhos.

— Diga-me, Hanson, você tem algo a ver com essas mortes? — perguntou com expressão severa. — Eu tenho que saber a verdade.

— Não, senhor — murmurou Han. — Eu juro.

— Alguma ideia de quem possa ter feito isso? Ou do por quê? — indagou Jemson.

Han balançou a cabeça.

— Não. Mas estão pondo a culpa em mim. A Guarda da Rainha está atrás de mim. — Ele baixou os olhos para os sapatos. — Lamento por envolvê-lo nisso, mas vou embora se o senhor quiser. É só que... eu tenho que sair da rua e não tenho aonde ir. Se eu puder chegar a Pinhos Marisa, posso ficar fora de vista ali por algum tempo, mas primeiro tenho negócios a tratar aqui.

— Não gostei do som disso — falou Jemson. — Você saiu de manhã para tratar de negócios e voltou ensanguentado e fugindo da Guarda. Acho que seria melhor se você deixasse isso para lá.

— Mas tenho que descobrir quem fez isso aos Austrinos — falou Han. — Se foram os Trapilhos, eu preciso saber. Não posso ficar na montanha para sempre. Não posso deixar mamãe nem Mari por conta própria.

— Veremos — disse Jemson. — Nesse meio-tempo, você precisa se curar. Se não estou errado, esse braço está quebrado.

Han estivera segurando o braço machucado com o outro. Ele estava inchado do cotovelo ao punho, e adquirira uma terrível cor verde-azulada. O bracelete de prata estava apertado e a carne inchava ao redor.

— Não posso pagar por uma curandeira — falou Han. — Talvez se o amarrarmos, eu possa esperar até chegar a Pinhos Marisa.

— Na verdade, tem alguém aqui que pode ajudar, acho — falou o orador. — Você consegue ficar em pé?

Han fez que sim com a cabeça e o orador pediu:

— Venha comigo. — Jemson ajudou Han a ficar de pé e o conduziu pelo corredor, apoiando o cotovelo bom com uma das mãos e trazendo um lampião na outra. Nos corredores que normalmente eram agitados havia um silêncio sinistro e o templo estava adormecido ao redor deles. Jemson o conduziu pelo santuário e as salas de aula até os dormitórios onde os internos e iniciados ficavam.

Eles cruzaram um pátio iluminado pela lua, e Jemson empurrou a porta que se abriu para um cômodo que dava para o jardim do curandeiro. Em seu interior, havia duas camas individuais, uma mesa, uma cadeira reta e uma cadeira de balanço, além de uma banheira, um baú e uma pia com bacia.

Jemson pousou o lampião sobre a mesa.

— Deite-se e descanse. Voltarei daqui a pouco.

Han afundou na cama, agradecido, e sentiu-se culpado por ainda estar fedendo por causa do rio, mas ele estava cansado demais para fazer qualquer coisa a esse respeito. Era uma bênção ter um refúgio, um lugar para dormir por algumas horas. O braço latejava, mas ele estava tão cansado que entrou num tipo de sono alerta e preocupado. Poucos minutos pareciam ter se passado quando alguém entrou no quarto e sentou-se na beirada da cama, e ele despertou com um sobressalto. Ele tateou atrás de uma faca que não estava ali.

— Caçador Solitário, o que os moradores das terras baixas fizeram com você? — Willo pousou a bolsa de curandeira ao lado dele e encostou a mão fria na testa febril do rapaz.

— Willo? — A boca de Han estava tão seca que ele mal podia obrigar-se a dizer o nome dela. — O que a senhora está fazendo aqui? — Willo nunca ia à cidade. Ela dizia que isso drenava toda a sua mágica.

— Eu tinha negócios em Fellsmarch — falou. Com delicadeza, ela examinou o braço do rapaz, e o toque de sua mão era como água fria fluindo sobre ele e lavando a dor. Erguendo-se, ela despejou água de um cântaro em uma taça e borrifou dentro dela o conteúdo de uma algibeira de contas. — Tome — falou. — Beba isso. É casca de salgueiro. Ajudará com a dor.

Era casca de salgueiro e alga-do-sono, e talvez algo mais, porque logo Han parecia estar alucinando.

Uma porta se abriu e fechou, e ele pensou ter ouvido Dançarino dizer:

— O que aconteceu a Caçador Solitário? Quem fez isso? Deixem-me vê-lo.

Então, escutou a voz de Willo e o que parecia uma discussão, como se ela tentasse persuadi-lo a ir embora. Passos rápidos, depois Dançarino assomou sobre ele, com a respiração forte, os olhos arregalados, o rosto que brilhava por causa do suor e os cabelos que lhe caíam em mechas úmidas. Ele vestia o robe de iniciado, que reluzia contra a pele morena.

— Caçador Solitário — murmurou o rapaz e esticou a mão na direção do rosto de Han.

A pele de Dançarino inflamou-se e ardeu, e chamas rodopiavam pelo corpo dele. Han cobriu o rosto com o braço bom para protegê-lo. Então Willo e Jemson arrastaram Dançarino para longe da vista de Han.

— Você não pode ajudá-lo, Dançarino. — Willo dizia isso com insistência. — Vá embora com Jemson e me deixe trabalhar. Por favor.

— Dançarino! — gritou Han enquanto tentava se erguer, mas o remédio o deixara impotente. Dançarino estava doente. Dançarino estava em fogo. Dançarino de Fogo.

Instantes depois, Willo voltou. Han tentou falar com ela, perguntar o que estava acontecendo, mas não conseguiu articular as palavras. Ele estava vagamente consciente enquanto Willo esticava o braço dele e dizia algumas palavras, colocando uma tala e amarrando-o ao corpo. E ele não viu mais nada depois disso.

Han acordou no fim da tarde. A luz do sol se inclinava através das janelas, pássaros cantavam e o perfume das flores flutuava no ar. Tudo parecia muito bem.

Ele baixou os olhos para si mesmo. De alguma forma, eles o banharam e vestiram com um traje branco de iniciado. Uma algibeira repousava sobre a mesinha de cabeceira, mas as roupas não estavam ali. O inchaço no braço diminuíra drasticamente. Ele estava amarrado bem apertado contra o peito, e havia apenas uma dor abafada para recordá-lo da dor ofuscante do dia anterior. Com sorte, ele já faria uso pleno do braço no fim da semana. Willo já o tratara antes.

Imagens giravam na mente dele como manchas de tinta úmida. O porrete de Gillen descendo sobre sua cabeça. Dançarino de Fogo. A expressão preocupada de Willo.

Ele colocou as pernas para fora da cama e ficou de pé, tremendo ao se dar conta de que estava com fome. Era uma consequência da cura rápida — ela o deixava voraz. Ele caminhou, descalço, até a porta e espiou o jardim no mesmo instante em que Dori se punha a caminho com algo que se assemelhava a uma bandeja.

— A mãe Willo falou que você ia querer algo para comer — falou Dori. — É bom ver que você já está andando por aí. — Ela levou a bandeja até o quarto de Han e pousou-a sobre a mesa, depois sentou-se em uma das camas, com os joelhos encolhidos e os pés apoiados no estrado, como se ela tivesse intenção de ficar por um momento. Ela tinha um rosto redondo e bonito, estragado por olhos azuis muito estreitos e uma boca pequena e triste. Ele não podia dizer muita coisa sobre o corpo por baixo das vestes, mas ela parecia um tanto gorda.

— Ora, obrigado — falou Han, sentando-se na outra cama e retirando o guardanapo da bandeja. Ele temera que pudesse ser mingau ou outro tipo de comida para doentes, mas era um bom pedaço de queijo, um pedaço de pão preto e algumas frutas. Ele comeu vorazmente, regando a comida com taças de água.

— Eu sou a Dori — disse ela enquanto se inclinava e esticava o rosto para bem perto, como se estivesse com ciúmes da atenção que a comida recebia. — E você é o Algema — acrescentou ela e balançou a cabeça com ar de sabedoria. — Já ouvi falar de você. Todos ouviram.

— Prazer em conhecê-la — falou Han, com a boca cheia.

— Estou no primeiro ano de iniciada — retrucou a garota. — Antes disso, eu morava no Beco da Amoreira.

— Hummm — falou Han, e quando Dori continuou a fitá-lo com expectativa, ele emendou: — Por que você decidiu se tornar uma iniciada?

— Ah, foi ideia da minha mãe — falou Dori. — Uma boca a menos para alimentar em casa, foi o que ela falou. Era isso ou ser dama de companhia.

— Ah. E você está gostando.

— Não é ruim, acho. — Ela puxou as vestes, desanimada. — Usar essas roupas o tempo todo cansa — disse ela. — Eu queria que, pelo menos, elas fossem coloridas.

Ela se inclinou para a frente e perguntou em tom conspirador:

— Como é ser o líder da gangue dos Trapilhos? Disseram que tem um prêmio de mil "meninas" pela sua cabeça.

— Esse não sou eu — falou Han e pensou que deveria escrever isso na parte da frente de sua roupa. — As pessoas fazem confusão o tempo inteiro. Eu não mexo com as gangues.

— Ah — falou Dori, decepcionada. — Então você nunca matou ninguém, suponho. — Depois, após uma pausa: — Mas você tem cabelos louros como o dele. Nunca vi um garoto com cabelos tão louros quanto os seus. São quase tão claros quanto os meus. Está vendo? — Ela enrolou uma mecha do próprio cabelo no dedo indicador e esticou para que ele pudesse examinar.

Han comeu o pão e o queijo até o fim e lambeu os dedos.

— Obrigado pelo jantar — falou, bocejou e recostou-se nos travesseiros, torcendo para que ela aproveitasse a deixa e fosse embora.

Mas, em vez disso, ela veio, sentou-se na beirada da cama e segurou a mão boa dele, puxando a manga.

— Você está usando a prata — acusou e olhou-o com expressão severa, como se ele tivesse tentado roubá-la. — Você é Alister Algema, tem que ser.

— O que importa? — falou ele e desejou, pela milésima vez, poder retirar os malditos braceletes.

— Dizem que você tem os casacos azuis no bolso — falou Dori. — Dizem que no seu esconderijo secreto você tem um tesouro: diamantes, rubis e esmeraldas roubadas dos nobres, e que você se veste com ouro e prende mulheres ricas para pedir resgate, e que todas se apaixonam por você e não querem ser libertadas.

— Eu não sei como foi que esses rumores começaram — disse Han e desejou desesperadamente que ela fosse embora.

— E então, quando você as liberta, diz que elas podem levar qualquer coisa do seu tesouro e elas escolhem. Um anel, colar ou alguma coisa assim e elas nunca vendem ou perdem, de jeito nenhum, e dormem com o objeto debaixo do travesseiro. E que algumas dessas mulheres fazem os votos do templo depois disso porque não querem mais ninguém além de você.

Han teria gargalhado se não fosse o fato de que seus instintos gritavam *Perigo*.

— Use a cabeça — falou. — Só tenho 16 anos. Como isso poderia ser verdade? Além do mais, não faço mais parte disso.

Ela piscou para ele com olhos tão vazios e azuis quanto um céu sem nuvens.

— Não acredito. Por que você não faria mais parte?

Han não tinha interesse em tentar explicar para Dori a guerra que acontecera dentro dele grande parte de sua vida. A vida nas ruas era sedutora. Fazia você se sentir poderoso porque controlava a vida, a morte e o comércio nos limites de alguns quarteirões da cidade. Porque as pessoas cruzavam a rua ao ver você chegando. Porque as garotas queriam ficar com um dono da rua.

No fim das contas, sua história se transformava numa lenda até você não saber mais quem era nem do que era capaz. A luta violenta por turfa, ervas e a sobrevivência tornavam-se um vício, por isso, a escola e a família pareciam um pano de fundo sem graça para a realidade cheia de adrenalina das ruas.

Ele fora bom nisso. Loucamente bom ou talvez apenas louco. Ele fizera coisas das quais não gostava de lembrar.

A voz entrecortada de Dori interrompeu os devaneios dele.

— Você tem namorada? — perguntou e apertou a mão dele. — Porque eu não tenho.

Han sabia que isso levaria a um território perigoso, mas foi então que alguém apareceu na porta, como um anjinho, enviado dos céus.

— Han!

Era Mari. A razão pela qual ele largara aquela vida.

Dori retirou a mão e voltou para a outra cama. Han fez um esforço para se levantar da cama, e a irmã caçula se atirou nos braços dele — ou melhor, *braço*.

— Eles disseram que você estava machucado. O que aconteceu com seu braço? Aonde você foi ontem? Por que não voltou?

— Me pegaram na rua — respondeu ele, o que era a mais pura verdade. — Posso ter que ir embora por algum tempo. Mas, primeiro, vou levar você de volta para

casa.

— Onde vocês moram? — perguntou Dori e olhou de Han para Mari.

— Na Rua das Pedras, em cima do estábulo — falou Mari, antes que Han pudesse impedi-la. Ele não tinha certeza de por que deveria impedi-la, apenas sentia que não queria que Dori soubesse onde encontrá-lo. Supondo que ele um dia voltasse para casa.

— Você fica engraçado com essas roupas — observou Mari. — E seu cabelo está espetado. — Ela umedeceu um dedo e tentou baixá-lo. — Mestre Jemson me mandou ver se você estava acordado. Você tem que ir ver ele no estúdio. Neste minuto, foi o que ele falou, se você conseguir. — Ela puxou a mão dele.

— Ora. Bem. Nos vemos mais tarde, Dori — falou ele ao mesmo tempo que pensava: *Não se eu puder evitar.*

O estúdio do orador Jemson estava coberto de livros — empilhados em cada nível de superfície e arrumados em estantes que se estendiam até o teto. Pergaminhos enrolados eram armazenados em nichos e espalhavam-se pela escrivaninha, mantidos no lugar por pedras. Mapas de lugares distantes estavam pregados nas paredes. E tinha cheiro de couro, poeira, lampiões a óleo e aprendizado.

Quando Han era pequeno, costumava se enfiar na biblioteca de Jemson durante horas. Jemson nunca o aborrecia para que lavasse os dedos sujos antes de tocar nas lombadas gravadas com letras douradas, nem para ser cuidadoso ao virar as páginas frágeis. O orador nunca o advertia a não derramar tinta quando estivesse transcrevendo passagens, nem lhe dizia para não tocar as ilustrações pintadas à mão. Ele nunca retirou livros de suas mãos por serem complicados demais, adultos demais, ou grossos demais para ele ler.

O amor de Jemson pelos livros era contagiante, e Han cuidava deles, mesmo que nunca tivesse tido um.

O orador sentava-se à escrivaninha, anotando alguma coisa sobre o pergaminho, com o bule de chá sobre um pequeno fogareiro a seu lado. Sem erguer os olhos, falou:

— Sente-se, mestre Alister. Srta. Mari, a oradora Lara está no estúdio de arte hoje à tarde. Por favor, junte-se a ela enquanto converso com seu irmão.

Mari empertigou-se e abriu a boca para protestar, mas Han afagou seu ombro, desajeitado.

— Pode ir — falou. — Não se preocupe, eu encontro você lá quando tiver acabado.

Han sentou-se em silêncio por alguns minutos enquanto Jemson continuou a escrever o que quer que estivesse escrevendo. Quando o mestre terminou, espalhou areia sobre a página e a colocou de lado. Depois, ergueu os olhos para Han pela primeira vez.

Por alguma razão, o mestre parecia mais velho do que no dia anterior, com a face encovada por uma nova dor e decepção.

— Você gostaria de tomar um pouco de chá, mestre Alister? — perguntou ele enquanto retirava uma caneca da prateleira atrás da escrivaninha.

Han sentou-se na beirada da cadeira.

— O que foi? O que aconteceu?

De qualquer forma, Jemson serviu o chá.

— Eles encontraram mais dois corpos hoje de manhã — falou.

— De Austrinos? — perguntou Han.

Jemson assentiu.

Han lambeu os lábios e a refeição pesou em seu estômago.

— Do mesmo modo que antes?

Jemson voltou a acenar com a cabeça.

— Foram torturados. Queimados em locais diferentes. É difícil dizer o que realmente os matou. Talvez tenham morrido de medo.

— O senhor viu os corpos?

Jemson virou a caneca em sua mão.

— Eles os trouxeram para cá, na esperança de que pudéssemos identificá-los. Eu conhecia os dois: Josua e Jenny Marfan. Irmãos. Eles costumavam vir ao templo, antes que eu os perdesse para as ruas. Sempre tive esperança de que eles saíssem dessa vida. Como você saiu.

O orador lançou um olhar expressivo, e Han sabia que esperava que ele se oferecesse para fazer alguma coisa. Com seus silêncios, Jemson era capaz de fazer uma pessoa confessar qualquer crime. Han pensava com frequência que a Guarda se sairia muito melhor se o contratassem para os interrogatórios em vez de baterem nos suspeitos.

— Como eu lhe disse antes, não sei nada sobre isso — falou Han. — O senhor sabe que não tem minha mão aí, pois fiquei aqui a noite toda. A Guarda vai pôr a

culpa nos Trapilhos, mas para mim isso não faz sentido. Fosse o que fosse que queriam com isso, seis Austrinos mortos resolveriam. Não há razão para matarem mais dois. A menos que queiram acabar com os Austrinos de Ponte Austral.

Jemson ergueu uma das sobrancelhas.

— Isso é uma possibilidade?

Han deu de ombros.

— Improvável. Feira dos Trapilhos é o melhor território. Perto do Castelo de Fellsmarch, com mais dinheiro em circulação, mais vítimas fáceis com algibeiras gordas. Por aqui eles têm Mac Gillen deixando-os sem nada. Ele vem recebendo propina por anos. Gillen diz que pode ser comprado, mas ele vai traí-lo em um segundo se precisar de um bode expiatório. Ouvi dizer que ele tem ligações com gente influente, por isso imagino que nunca vão mandá-lo embora. Então o que estou dizendo é que não vale a pena a dor de cabeça de tentar controlar Ponte Austral.

Han soprou o chá e tomou um gole com cautela.

— Em Feira dos Trapilhos, a Guarda é manipulável. A maioria é habitante da região e preferiria estar nas guarnições e jogar dados e cartas. Ninguém está tentando criar um nome por aí. Se fizer um acordo com eles, eles vão respeitar. Se eles estão recebendo propina, não vão atrás de você, a menos que você faça algo que não possam ignorar. Por isso os assassinatos são uma coisa idiota.

— Idiota. — Jemson fitou Han como se ele tivesse dito algo numa língua estrangeira.

— Bem, sim. Não há lucro nisso, a não ser o direito de se vangloriar, e isso nos leva de novo aos casacos azuis. É preciso ficar alerta. Quando eu estava à frente dos Trapilhos, nós nunca... — a voz de Han falhou, quando ele percebeu a expressão de Jemson. — Diga — rosnou. — O que o senhor está pensando.

— Estou pensando que há outras razões para não matar pessoas, além do fato de que não há *lucro*, como você diz — falou Jemson em voz baixa.

— Sim, ora. Posso cantar a canção que o senhor quiser, o senhor sabe disso — falou Han. — Só estou sendo honesto com o senhor aqui.

— Eu sei e aprecio isso. — Jemson esfregou a testa com a palma da mão. — Me perdoe. Às vezes, eu simplesmente fico frustrado. Mestre Alister, vejo que sua reputação como líder e estrategista foi adquirida com justiça. E todas essas qualidades que o tornaram um dono da rua excepcional poderiam levá-lo aonde você quisesse.

Ao comércio. Ao exército. À corte de Fellsmarch — ele suspirou. — *Deveriam* levá-lo. Mas muitas crianças com quem me importo terminam sendo mortas. É um desperdício.

— Os *lytlings* que vêm ao Templo de Ponte Austral são os mais espertos em qualquer lugar — falou Han e pensou em Mari. — Mas não há nada para eles aqui a não ser as gangues. Alguns entram nisso porque, no fundo, são ladrões. Um monte deles faz isso porque é assim que se pode sobreviver. Você pode alimentar uma família com o que ganha na gangue, se tiver o dono da rua certo. — Ele esboçou um sorriso. — E se você for morto, pelo menos não está vendo sua família comer barro para encher a barriga.

"O senhor sabe como tem sido difícil desde que larguei o jogo? Trabalho três vezes mais duro por metade do lucro. Os Austrinos ainda guardam ressentimento, e os Trapilhos não sabem o que fazer comigo. Não passa um dia em que eu não me pergunte se teria sido melhor ficar."

— Por que você os deixou, então? — perguntou Jemson. Ele limpou a garganta. — Se você era tão... bem-sucedido nisso.

— Por cauda da Mari — falou Han rispidamente. — Não queria isso para ela. E quando se está nas gangues, gostar de alguém é como servir o coração numa bandeja para os próprios inimigos. Eu tomava conta das ruas, nunca via Mari e mamãe, e agia como se as odiasse. Eu mandava dinheiro para elas, mas tinha que tomar cuidado com isso. Botei Trapilhos para vigiarem a casa, mas ainda assim. Só precisa de um momento de descuido, um pivete que queira fazer o nome. Estava chegando a hora em que Mari teria que se juntar ao grupo para a própria proteção.

— O que você deseja para Mari? — perguntou Jemson suavemente.

— Não sei. Depende do que ela quer — Han fez um gesto e indicou o que estava à volta deles. — Ela gosta daqui. Talvez um dia queira ser uma oradora. Acho que ela seria uma boa professora ou funcionária. Talvez pudesse encontrar um bom trabalho no castelo. Ela tem talento para a música. Quero que tenha dinheiro para frequentar o conservatório de Vau de Oden. — Han ergueu os olhos para Jemson. — Essa é a questão: quero que ela tenha uma escolha.

Jemson concordou com a cabeça.

— Mari é muito inteligente. Assim como você. — Ele fez uma pausa. — Mas neste momento suas opções são limitadas. A Guarda vai procurar você debaixo de cada pedra. Embora as vítimas sejam pivetes, oito mortos é muita coisa.

— Estou planejando ir até Pinhos Marisa e ficar por lá um tempo — disse Han. — Mas, primeiro, tenho que descobrir quem realmente cometeu os assassinatos.

— Mestre Alister, não é seu trabalho descobrir quem matou essas crianças — falou Jemson. — Dediquei tempo e esforço demais à sua instrução. Não quero ter que enterrar você no terreno do templo.

— Não posso me esconder nas Montanhas Espirituais para sempre — falou Han. — A menos que eu descubra alguma coisa, a Guarda não vai procurar mais ninguém. Já é difícil o suficiente tentar viver sem os casacos azuis atrás de mim.

Jemson não disse uma única palavra, por isso Han emendou:

— Quero conversar com os Trapilhos, ver o que eles sabem. Se eu conseguir conversar com os Austrinos, vou fazer isso. Talvez eles tenham novos inimigos que eu não conheça.

Jemson deixou escapar um suspiro profundo.

— Suponho que eu não possa fazê-lo mudar de ideia.

— Eu tenho que limpar meu nome de alguma forma. Não conheço outra forma de fazer.

— Muito bem. — Jemson retirou uma sacola de pano que se encontrava debaixo da mesa e a estendeu para Han. — Isso é para você.

Han pesou-a na mão.

— O que é isso?

— É de Willo.

— Onde ela está? — perguntou o rapaz e olhou à sua volta como se ela pudesse aparecer repentinamente. Ela tinha um meio de não ser vista se não quisesse. Talvez uma segunda passagem pelas mãos dela pudesse curá-lo ainda mais rápido.

— Ela voltou para Pinhos Marisa. Seus negócios por aqui já tinham acabado. Mas disse para você ir e ficar com ela pelo tempo que quiser.

Han franziu a testa.

— Dançarino estava aqui também. — Ele ergueu o olhar para Jemson. — Não estava? Eu acho que o vi.

Jemson hesitou, depois acenou com a cabeça.

— Sim. Dançarino esteve aqui com a mãe. Os dois já foram embora.

— Ele está doente, não está? — continuou Han. — Havia alguma coisa... Quase como se ele estivesse queimando na minha frente. Ou estou ficando maluco — emendou.

Jemson esticou as dobras da veste sem fitar os olhos de Han.

— Você estava meio fora de si, garoto. Levou um forte golpe na cabeça.

Oradores não deveriam mentir, mas certamente poderiam desconversar.

— Então, o que é isso? — perguntou Han, lutando para desamarrar e abrir a algibeira com apenas uma das mãos.

Jemson pegou a bolsa e a desamarrou para ele.

— Aparentemente Willo também conhece você bem. Disse que você não iria imediatamente, que ia querer ajeitar as coisas primeiro. — Remexendo na bolsa, Jemson retirou um pequeno pacote.

— Aqui tem hena e índigo para colorir seu cabelo — falou Jemson. — Você deve obter uma cor castanho-avermelhada com isso. Com sorte, isso vai dificultar que te reconheçam. Há também algum dinheiro e roupas dos clãs aqui dentro. — Ele sorriu ironicamente para Han nas vestes de iniciado. — Isso se você não quiser fazer os votos.

CAPÍTULO DOZE

PÃO E ROSAS

Raisa descobriu que a lavanderia do palácio era um bom lugar para remexer e procurar disfarces. As roupas de todas as pessoas, a não ser por aquelas enfeitadas demais para serem lavadas, passavam por ali. E naquele momento ela não tinha necessidade de roupas enfeitadas.

Ela tinha esperança de passar por ama de alguma dama ou pela governanta de alguém, mas não era fácil encontrar roupas que coubessem em seu corpo pequeno. Depois de remexer na roupa recém-lavada, ela optou por uma saia comprida e blusa branca de linho com um corpete confortável por cima. Teve que amarrar as mangas bem apertadas para evitar que descessem para as mãos, e as saias arrastavam-se pelo chão. Mesmo depois de enrolar os cabelos compridos em uma rede de renda, ela ainda se sentia totalmente reconhecível. Ela era a princesa-herdeira do reino. Todos a conheciam. Como o plano poderia funcionar?

Hanalea não sentira medo, repetiu para si mesma. A rainha lendária de aparência popular frequentemente caminhava, anônima, entre os próprios súditos. Se ela podia fazer isso, então...

Raisa treinou um passo tímido e arrastado e tentou não tropeçar nas saias compridas, fazendo mesuras a cada passo. Ela mantinha os olhos baixos e murmurava: “Sim, senhora” e “Não, senhor”. E escondeu o disfarce na câmara secreta aos pés dos degraus do jardim.

Felizmente, Magret foi para cama no meio do dia por causa de uma de suas terríveis dores de cabeça. Raisa considerou isso um sinal do Criador e mandou dizer à mãe que jantaria em seus aposentos. Depois, no fim da tarde, Raisa arriscou-se na Sala do Romance.

Era esse o nome que Raisa dera. Era um pequeno closet fora do quarto em que Magret guardava os presentes enviados pelos futuros pretendentes de Raisa depois de anotar os detalhes em um livro de registro que Raisa chamava de *O grande livro dos subornos*.

Os presentes teoricamente homenageavam o 16º rebatizado de Raisa e sua entrada oficial na vida adulta, além de sua entrada, por coincidência, no mercado matrimonial.

Joias transbordavam de um baú prateado que fora enviado por Henri Montaigne, herdeiro do trono de Arden, que fora morto recentemente. Pelo menos, ele não esperaria um retorno pelo investimento. Os outros irmãos Montaigne contribuíram com os próprios presentes e, sem dúvida, cada um tinha esperança de que um casamento com a princesa-herdeira de Fells apoiasse suas reivindicações ou oferecesse uma fonte confiável de renda para a guerra decadente.

Markus IV, rei de Tamron, enviara um conjunto de caixas de joias esmaltadas, de valor inestimável, além de um convite para visitar o chalé à beira-mar em Porto de Areia. As caixas tinham inscrições com as iniciais M e R entrelaçadas. Markus não parecia nem um pouco intimidado pelo fato de estar com 60 anos e já ter tido três esposas.

A Casa Aerie lhe presenteara com um conjunto de tiara e colar com esmeraldas e rubis, e as cores fortes eram mais adequadas a seus cabelos escuros e olhos verdes que as pedras lunares e topázios que sua mãe preferia. O pingente no colar era a imagem de uma cobra com escamas brilhantes douradas e prateadas. Eles tinham um estilo antiquado e Raisa ficou imaginando se eram herança de família.

O presente de Angra de We'en era uma mesa adornada com joias e fabricada em madeira tropical. Os Demonai enviaram trajes cerimoniais feitos do mais macio couro de cervo, pintado e com contas com o totem do Lobo Gris, e Pinhos Marisa contribuiu com sapatos de dança combinando e um cobertor de pele para a cama.

Isso lembrou a Raisa que, embora seu pai viesse da realeza do clã, os campos ainda não tinham sugerido um candidato para a mão dela. Ela se perguntou se fariam isso.

Raisa separou os itens do clã e da Casa Aerie e enfiou algumas joias e pequenos objetos de arte na bolsa até que ela estivesse cheia. Ela se concentrou nos itens menos característicos, de origem estrangeira, que, pelo menos, seriam menos reconhecíveis.

Isso vai bastar no início, pensou Raisa. Com a bolsa no ombro, ela saiu da sala do tesouro e cruzou o quarto até o outro closet e a entrada do túnel. Lá ela vestiu o disfarce e subiu a escada até o solário.

Quando desceu para o palácio propriamente dito, os lampiões estavam acesos ao longo dos corredores e o cheiro de carne assada saía das cozinhas e fazia a boca salivar. Raisa seguiu pelos corredores dos servos, mas eles eram estranhos, por isso ela

continuou perdida. Ela caminhava rapidamente e olhava à frente como se estivesse em uma missão importante que não podia ser interrompida. Não era fácil, pois realmente não sabia o caminho.

Ela nem bem passara a despensa quando à sua frente viu o imponente vulto de Mandy Bulkleigh, a Dona da Cozinha, de pé, com os braços cruzados, e olhos que examinavam os corredores como os de uma ave predatória.

Malditos ossos, pensou Raisa, acelerando o passo e baixando ainda mais a cabeça.

Bulkleigh quase a deixou passar; depois falou com sua voz retumbante:

— Você! Garota!

Raisa não diminuiu o passo nem ergueu o olhar. Mais três degraus e ela ouviu Bulkleigh vindo atrás dela.

Ela poderia ter conseguido escapar se os pés não tivessem ficado presos nas saias compridas demais e ela não tivesse tropeçado. A mão de Bulkleigh, que parecia um presunto, fechou no braço da garota e puxou-a para que ficasse ereta.

— Você! Garota! Você é surda? — quis saber.

Raisa resistiu ao primeiro impulso, que era o de lutar para se libertar e perguntar a Bulkleigh quem ela pensava que era para atacar a princesa-herdeira do reino de tal maneira e se ela gostaria de passar a noite na cadeia.

Em vez disso, Raisa manteve o rosto virado da melhor maneira que podia e torceu para conseguir resolver aquela situação.

— Sim, senhora? — resmungou.

Mas Bulkleigh segurou o queixo dela e puxou o rosto da garota para que ela olhasse bem em seus olhos.

— Olhe para mim quando eu estiver falando com você, garota.

Raisa olhou nos olhos da cozinheira, aguardou tolamente que o reconhecimento tomasse conta do rosto de Bulkleigh e esperou o fim prematuro da malfadada aventura.

— Qual é o seu nome, garota? — quis saber Bulkleigh e sacudiu a garota. — Vou dar seu nome ao supervisor, isso sim. Sua ratinha impertinente.

Raisa ficou tão espantada que precisou de algum tempo para recuperar a voz.

— Hã... R... Rebecca, senhora — falou ela. — Rebecca Morley, ao seu dispor — disse ela e tentou fazer uma mesura.

— Aonde você vai com tanta pressa? — perguntou Bulkleigh com um olhar severo.

— Ora, eu ia... ah... ao mercado para...

— Não importa o que estava fazendo, não é tão importante quanto isso. — Ao soltá-la, a cozinheira se virou, pegou uma bandeja coberta e empurrou-a nas mãos de Raisa. — A princesa-herdeira está em seus aposentos — disse ela. — Leve isso lá para cima e deixe na despensa do segundo andar.

Raisa piscou para ela.

— Isso é para a princesa Raisa? — perguntou ela.

— Princesa-herdeira para você — retrucou Bulkleigh. — Agora saia já daqui; está esfriando. Se eu ouvir alguma reclamação, vou arrancar sua pele com você viva. A princesa é muito exigente com a própria comida, isso sim.

— Ela é? — disse Raisa, antes que pudesse se calar. — E você quer que eu leve o jantar para ela? — Ela teria emendado: *Você não está preocupada com veneno ou assassinos ou...* mas a expressão da cozinheira a fez parar.

— Você vê mais alguém pronta para a tarefa? — perguntou a cozinheira com ironia. — A rainha Marianna está oferecendo um jantar para cinquenta pessoas na sala de jantar principal e certamente seria mais conveniente se Sua Alteza tivesse se preocupado em descer e comer com o restante deles — disse Bulkleigh. — Mas ela não desceu. Agora ande.

Erguendo os ombros, Raisa girou e apressou-se pelo caminho do qual viera. Assim que saiu da vista da cozinheira, ela pousou a bandeja atrás de uma estátua da rainha Madera alimentando as multidões e trocou os corredores dos servos pela segurança das passagens principais.

Raisa sentiu-se aliviada, embora estranhamente decepcionada. Ela era a princesa-herdeira da linhagem, mas ainda assim, com as roupas dos servos, estava aparentemente irreconhecível. Nas histórias, os governantes tinham uma postura natural, que os identificava como tais, mesmo quando vestiam trapos.

Ela se perguntou qual seria a natureza da realeza. Será que era como uma roupa que você vestia e que desaparecia quando você tirava? Será que alguém olhava além dos trajes? Será que alguém no reino poderia tomar o lugar dela com os acessórios certos? Nesse caso, era o oposto de tudo que ela aprendera sobre as linhagens de sangue.

Sem outros incidentes, ela passou pela torre do portão, pelos guardas mal-humorados na entrada, debaixo da porta levadiça de aparência perigosa, e saiu no frio da noite. Os trabalhadores do dia que moravam do lado de fora dos terrenos do

castelo cruzavam a ponte levadiça para casa. Os servos mais jovens riam, brincavam e flertavam uns com os outros. Alguns entre os mais velhos caminhavam lentamente, e era óbvio que estavam cansados.

As luzes das tochas bruxuleavam rio abaixo quando ela cruzou a ponte. No extremo oposto ela parou, olhou para trás, para o Castelo de Fellsmarch, e tentou imaginar como as pessoas da cidade viam-no, remoto e sinistro, dominando a cidade.

Amon esperava perto da guarita no lado da ponte que dava para a cidade e examinava o fluxo de pessoas que saíam da ponte levadiça. Para surpresa da princesa-herdeira, ele havia tirado o uniforme azul da Guarda e vestia uma capa comprida e calça escura. Quando deu meia-volta, porém, ela pôde ver o cabo da espada que se projetava na parte da frente da capa.

Se ela tivera esperança de enganar Amon, ficou decepcionada. Ele fixou os olhos nela antes que chegasse a cinquenta passos dele e observou-a passar pela multidão. Ela parou na frente dele, fez uma mesura rápida e sorriu.

— Você está atrasada — resmungou. — Eu comecei a ter esperança de que você tivesse mudado de ideia.

— Me chame de Rebecca Morley, jovem senhor — pediu Raisa, erguendo-se. — Como estou?

— Seria melhor que você estivesse vestida como um garoto — disse Amon. — Seria melhor se fosse feia.

Ela imaginou que isso era um tipo de elogio.

— Eu enganei a chefe das cozinheiras, sabe? — falou ela, com ar satisfeito.

— Humpf — foi o comentário de Amon.

— Vamos fingir que somos namorados que se encontraram depois do trabalho — falou Raisa e segurou o braço dele. — Por que você não vestiu o uniforme?

Ele deu um muxoxo de desdém.

— Um guarda sozinho é mais um alvo, em vez de proteção. — Amon conduziu-a pelo Caminho das Rainhas. — Seguiremos por aqui, através de Feira dos Trapilhos, até o fim da ponte — falou ele.

— Eu tinha esperança de que fôssemos ver um pouco da vizinhança — falou Raisa enquanto ele a conduzia direto para o meio da rua.

— Você vai ver mais do que quer, antes de terminarmos. — Ele delicadamente soltou o braço direito do aperto dela e moveu-a para o lado esquerdo dele. — Para eu poder pegar a espada — explicou quando ela ergueu o olhar para ele, confusa.

Malditos sangue e ossos, ele está nervoso, pensou Raisa.

— O que a mãe Elena falou? — perguntou Raisa, e quase trotava para acompanhar as pernas compridas de Amon. — Será que ela pôde mandar um dos comerciantes para nos encontrar?

— Ela disse que veria o que poderia fazer — retrucou Amon. — Não prometeu mais do que isso.

Não posso fazer isso sozinha, pensou Raisa. Já foi difícil o suficiente esgueirar-se daquela vez.

Havia um breve crepúsculo no Vale. Assim que o sol desapareceu por trás do Portão Ocidental, a escuridão desceu em meio às ruas e rapidamente inundou a cidade inteira. Perto do Castelo de Fellsmarch, os acendedores de lampiões circulavam e acendiam as lanternas mágicas que ladeavam o Caminho. Mas, conforme caminhavam para o sul, mesmo no Caminho das Rainhas, havia menos lampiões de rua e muitos deles pareciam estar quebrados, inoperantes ou simplesmente não eram acesos.

Perto do castelo, o lixo era recolhido e estocado em outro lugar. Mas ali as pessoas empurravam-no pela porta, e ele ficava nas calçadas, fedendo.

No início, havia pessoas ao redor deles, mas todos se separaram em duplas ou trios em becos e ruas laterais, e, pouco depois, os dois caminhavam sozinhos. A cada um ou dois quarteirões, uma taverna transbordava luz e música para a rua, e os fregueses se amontoavam nas entradas e falavam em voz alta, cuspiam nas sarjetas e seguravam canecas de cerveja.

Algumas vezes, havia garotas paradas nas varandas que os observavam passar. Elas usavam roupas chamativas e muita pintura, mas Raisa achou que algumas fossem mais novas que ela. Elas olhavam para Amon com ar de quem o avaliava, mas não falavam com ele, já que estava de braços dados com Raisa.

— Aquelas são moças da vida? — perguntou a Amon.

Ele apenas resmungou em resposta. Raisa tentou imaginar-se caminhando sozinha pela rua e estremeceu. Ela mudou a bolsa de posição no ombro, com consciência aguda do conteúdo valioso e se sentindo cada vez mais como um alvo.

As casas pareciam estar com todas as janelas fechadas, luzes apagadas, como se não quisessem chamar a atenção para si mesmas vazando luz para a rua.

Uma chuva fina começou a cair. Amon ignorou-a, mas Raisa estremeceu e puxou a capa para mais perto.

— Onde estão todas as pessoas? Não é tarde. Deveria haver pessoas a caminho de casa.

— A maioria é inteligente o bastante para ficar longe desta vizinhança após escurecer — falou Amon e lhe lançou um olhar de esguelha significativo.

— Como as pessoas andam por aí, então? — perguntou Raisa.

— Elas não andam por aí. — Amon estava monossilábico.

— E quanto à Guarda? — perguntou Raisa.

— A Guarda não pode estar em toda parte — falou Amon. — E em Feira dos Trapilhos, alguns dizem que foi comprada.

— Comprada? — Raisa franziu a testa. — Por quem?

— Como eu lhe disse antes. Pelos donos da rua. — Amon parecia distraído, concentrado nas ruas ao redor deles. Com a chuva e a falta de postes de luz, o local era escuro como uma cela. Raisa estava começando a pensar que Amon tinha razão: isso não era uma boa ideia. Um rato correu pelo calçamento de pedras à frente deles, e Raisa encolheu-se e recuou.

— É apenas um rato — disse ele calmamente. — Você vai se acostumar com eles.

Apenas um rato, repetiu para si mesma. Afinal, havia ratos no palácio. Os humanos e os outros. Poderia ser pior. Poderia ser muito, muito pior.

Mas quando o vento bateu uma veneziana contra um edifício, Amon puxou a espada em um segundo. Assim que identificou a fonte do ruído, ele revirou os olhos e voltou a guardar a espada, embora mantivesse a mão no cabo.

Quando se aproximaram de Ponte Austral, Raisa olhou para o lado, na direção de um beco onde uma janela sem veneziana transbordava luz na calçada molhada. Ela viu o movimento, como se alguém estivesse caminhando paralelamente a eles a um quarteirão de distância. Agora ela estava prestando atenção e na rua transversal seguinte definitivamente viu alguém deslizando de sombra em sombra. E ali! A mesma coisa, do outro lado.

O coração de Raisa começou a bater forte.

— Alguém está nos seguindo — cochichou ela e apertou o braço de Amon.

Mas desta vez ele não parecia preocupado.

— Está tudo bem — cochichou em resposta. — Estamos quase na ponte. Os Trapilhos não vão nos seguir em Ponte Austral.

— Mas você não disse que os Trapilhos mataram meia dúzia de Austrinos? Em Ponte Austral? — insistiu ela, fazendo um esforço para lembrar-se dos nomes das

gangues.

— Basta ficar por perto — murmurou ele.

Raisa estava irritada com a reação despreocupada.

— Amon Byrne! Você me ouviu? Nós estamos sendo seguidos! Há dois ou três deles de cada lado. Tenho certeza disso. — Raisa enfiou a mão por baixo da capa e tirou a adaga do cinto.

Os olhos de Amon se arregalaram.

— Onde você arrumou isso? — perguntou ele.

— Em Demonai. É feita pelas clãs.

— Bem, guarde isso. Você não vai precisar dela.

E então ele bateu nela como se ela fosse um cavalo, puxando uma carroça, que tivesse empacado no meio da rua.

— Você sabe quem está nos seguindo, não sabe? — perguntou ela e girou para encará-lo. — Não sabe? Quem são eles?

— Quem são quem? Eu não sei do que você está falando — retrucou Amon, desviando os olhos de um lado para o outro.

— Quem são eles? Guardas?

Ele assumiu o que provavelmente considerava um olhar inocente, mas Amon sempre fora um péssimo mentiroso.

— Por que os guardas nos seguiriam?

— Vocês aí! — chamou Raisa. — Apareçam! Eu ordeno!

— Shhh. — Amon sibilou um pouco freneticamente.

— Então me diga quem são eles.

— Bem... — Ele limpou a garganta. — Eles são... meus amigos. Cadetes em formação.

Como cabo, ele comandava uma formação de nove guardas.

— Eu falei, eu...

— Eles não sabem quem você é — emendou Amon. — Eu falei que precisava acompanhar minha irmã ao templo através de Feira dos Trapilhos e perguntei se eles podiam oferecer escolta. Falei que você era um pouco tímida com os rapazes e, por isso, eles deveriam tentar passar sem serem percebidos.

Raisa podia perceber que ele estava orgulhoso da história que inventara.

— Sua irmã! Como eles poderiam acreditar que eu sou sua irmã? Ela tem duas vezes o meu tamanho. — Lydia, irmã de Amon, era quase da altura dele.

Ele dobrou as mãos, nervoso.

— Ora, você é minha outra irmã. A... ah... baixinha, religiosa. Eu disse que você havia se tornado uma iniciada muito nova. — Amon pareceu perceber que não estava se ajudando. — Então, vamos...?

— Você pode muito bem chamá-los — disse Raisa com voz rouca e fria. — Não é necessário que eles se escondam nos becos.

— Muito bem — ele assoviou um som longo e baixo. Deve ter sido um sinal combinado, porque, depois de alguns instantes, Raisa ouviu passos rápidos e a Guarda os cercou. Ela não sabia dizer o que a fez fazer isso, mas aguardou até eles estarem a cerca de dez passos; depois segurou a lapela de Amon, puxou o rosto dele para baixo e lhe deu um longo e apaixonado beijo.

Ela descobriu que gostava de beijar Amon. Os lábios dele eram quentes e firmes. Não tão quentes quanto os de Micah e de modo algum moles e molhados como os de Wil Mathis. Amon precisou de algum tempo para se afastar, e quando Raisa ergueu o olhar, eles estavam cercados por seis jovens cadetes boquiabertos, em roupas civis, com mais ou menos a idade deles.

— Então... hum... cabo — falou um deles. — O senhor gosta muito mesmo da sua irmã, não é?

O rosto de Amon ardia.

— Desculpe. Ela tem esses ataques, de vez em quando — resmungou ele. — Ela bateu a cabeça quando era pequena.

— Eu sou Rebecca Morley — falou Raisa e fez uma pequena mesura para os cadetes. — Quem são vocês?

— Nós nos intitulamos os Lobos Gris — respondeu um cadete. Era uma garota robusta, alguns anos mais velha que Raisa. — Ou, algumas vezes, a Alcateia. Eu sou Hallie Talbot.

Os outros falaram os nomes: Garret, Mick, Keifer, Talia e Wode.

Agora eles viajavam como um grupo, cruzaram Ponte Austral sem outros incidentes e entraram no templo.

Era como atravessar para outro mundo. O templo estava cercado por grama, vegetais e jardins coloridos, bordados com trilhas iluminadas por tochas, um santuário sereno em meio à miséria de Ponte Austral.

Uma garota loura em uma comprida veste de iniciado cumprimentou-os à porta com uma mesura desajeitada.

— Estão nos esperando — disse Raisa. — Estamos aqui para um encontro com o orador Jemson.

— Um comerciante já chegou — falou a iniciada e olhou para os guardas com as capas que pingavam como se eles fossem pães doces em uma bandeja. — Ele está com o orador Jemson no estúdio. Fica no corredor do lado direito. Posso pegar as suas capas?

Eles empilharam as capas de chuva encharcadas nos braços dela e ela quase tombou com o peso.

— Devemos esperar aqui fora? — perguntou Garret a Amon, obviamente desanimado com a chance de ser arrastado para algum tipo de discussão filosófica.

— Sim — respondeu Raisa por Amon.

Amon olhou para Raisa.

— Eu devo...?

— Venha comigo — disse ela. — Acho que você deve saber em que estou metida.

— Finalmente — murmurou ele de forma ríspida enquanto dobravam no corredor. — Vai ser a primeira vez.

— Você deveria falar — retrucou ela. — Meu *irmão*.

O estúdio do orador Jemson lembrou a Raisa a biblioteca no Castelo de Fellsmarch — coberta com estantes e aquecida por um fogo vivo. Dois homens sentavam-se perto da lareira em cadeiras grandes e confortáveis — um vestia as roupas de comerciante dos clãs, o outro trajava as vestes de orador. Eles pareciam imersos em uma discussão animada — quase um debate.

Quando os dois entraram, o comerciante ergueu-se e virou-se para eles.

Raisa parou, surpresa.

— Pai! O senhor voltou!

— Rosa Agreste! — Averill cruzou a distância entre eles com algumas passadas longas e a abraçou. Ela encostou o rosto na camisa de couro de cervo, respirando perto dele. Ele sempre tinha um cheiro exótico, de couro de cervo, especiarias, ar fresco e lugares distantes. Pelo Criador, ela sentira falta do pai.

— Eu cheguei ao Campo Demonai anteontem. Quando mãe Elena disse que você mandou chamar um comerciante, não pude deixar de vir — falou ele. Segurando-a bem próxima, Averill sorriu para a princesa-herdeira. — Raisa, eu já a vi usando calça e já a vi com vestidos da corte, mas não sei dizer se já a tinha visto desse jeito.

— Estou disfarçada — confessou ela, alegremente, pousando a bolsa sobre a mesa e tirando a capa molhada.

— Mas você está usando o presente de Elena *Cennestre*? — perguntou ele e tocou o amuleto Demonai que usava no pescoço.

Então o pai e a avó andaram conversando sobre ela. A garota acenou com a cabeça e pegou o anel dos lobos corredores sob o corpete.

— Bom — falou o pai. Ele respirou como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas aparentemente mudou de ideia. Parecia cansado por causa da viagem, e os cabelos grisalhos precisavam de um corte.

O orador Jemson também se pusera de pé, e quando Raisa voltou sua atenção para ele, o homem curvou-se em sinal de respeito, mas, por alguma razão, cauteloso.

— Alteza, lorde Demonai não me contou o objetivo de sua visita, mas estamos honrados por tê-la aqui no Templo de Ponte Austral.

Raisa esticou a mão e ele a beijou.

— Nunca nos encontramos oficialmente — disse ela —, mas ouvi o senhor falar no templo algumas vezes. Fiquei impressionada com o que o senhor tinha a dizer sobre a escola e sobre nossa responsabilidade em atender os pobres. O senhor sugeriu que a aristocracia poderia fazer muito mais.

Jemson ficou levemente ruborizado, mas não se encolheu, e Raisa gostou disso.

— Ah. Bem, Alteza, espero que a senhora não tome minhas palavras como uma crítica muito dura à rainha e ao Conselho. No entanto, é um assunto pelo qual sou apaixonado e...

— Suas palavras eram críticas, orador Jemson, e, talvez, com razão — disse Raisa. — No Castelo de Fellsmarch, estamos isolados das dificuldades que as outras pessoas passam todos os dias. Não fazemos as perguntas que deveríamos, e, quando fazemos, as pessoas à nossa volta costumam dizer o que queremos ouvir.

— Suponho que isso seja verdade — respondeu Jemson, à maneira de um homem que sabe que deveria controlar a própria língua, mas que não consegue fazer isso. — Mas é frustrante para aqueles de nós que estão mergulhados nesta cidade, que veem como são grandes as necessidades, todos os dias. Não podemos deixar de nos perguntar por que tanto dinheiro vai para a ajuda ao exército e as guerras no sul. Parece que não temos nenhum cão nessa luta.

— Não sei muita coisa sobre isso — admitiu Raisa, constrangida. — Quero aprender mais para que possa tomar boas decisões quando chegar a hora. Essa é uma

das razões pelas quais estou aqui. Mas também gostaria de fazer algo em pequena escala para ajudar seu ministério.

— Nos ajudar como? — perguntou Jemson, e sua expressão era confusa.

Ela olhou para Amon, que estava de pé junto à porta como se a guardasse.

— O cabo Byrne tem sido muito... ah... franco comigo sobre os problemas em Ponte Austral e em Feira dos Trapilhos. — Ela pôs a mão na bolsa. — Eu gostaria de oferecer fundos para ajudar a sua escola e alimentar os famintos.

Jemson ergueu ambas as sobrancelhas.

— A senhora cruzou Ponte Austral com uma bolsa cheia de ouro? — perguntou ele.

— Ora, não exatamente. — Ela olhou para o pai. — É aqui que o senhor entra.

— Eu tinha certeza de ter uma finalidade aqui — disse Averill.

Raisa abriu a aba da bolsa e deixou o conteúdo cair sobre a mesa.

Jemson, Averill e Amon fitaram espantados a pilha de joias e objetos de arte.

— Essas coisas são de alta qualidade, a maioria delas — falou ele e ergueu um broche de diamante, um presente de algum lorde menos importante de Tamron. — A não ser por este. É vidro cortado. — Ele inclinou a cabeça. — De onde exatamente elas vieram?

— Bem... — Raisa hesitou. — São presentes para o rebatizado. Estão chegando aos montes, portanto...

Averill deu uma gargalhada, a gargalhada do fundo da barriga que ela adorava.

— Então você está vendendo os sonhos de seus infelizes pretendentes, Raisa?

— Ora. — Raisa deu de ombros. — Não que eu fosse me casar com alguém por causa de quinquilharias. — Ela franziu a testa e empurrou o broche de Tamron com o dedo indicador. — Embora eu não vá me casar com alguém que me considera uma tola.

— Então, minha tarefa já foi cumprida, filha — disse Averill e riu mais uma vez.

Era um alívio tão grande ouvir alguém rindo, para variar. Isso fez Raisa sentir que, talvez, as coisas não fossem tão ruins, no fim das contas.

— De qualquer forma, não é como se eu pudesse escolher com quem vou me casar — disse Raisa, meio que falando para si mesma. Ela ergueu o olhar para Averill. — Então, pai, quanto tempo o senhor acha que vai levar para transformar este lote em dinheiro?

Ele pensou por um momento.

— A Feira de Pinhos Marisa é daqui a uma semana. Isso atrai mais comerciantes das terras baixas, portanto, você poderia obter um preço melhor. Embora eu possa levá-las até a Feira Demonai, se você quiser que eu as venda mais longe. Talvez você não queira que alguém as reconheça como os presentes escolhidos a dedo.

— Não me importo — disse Raisa rispidamente. — Guardei as peças que tinham valor histórico, pessoal ou político. A maior parte delas provavelmente foi escolhida por um representante. Quem mandou presentes sequer me conheceu; portanto, as peças não são emblemas de amor eterno. Vendê-las é melhor que deixá-las na minha câmara.

O rosto do orador Jemson estava iluminado com planos.

— Mesmo um pouco de dinheiro poderia fazer uma tremenda diferença. Há tantas coisas de que precisamos na escola, tantos alunos que poderiam frequentar com uma pequena ajuda. Colocaremos livros nas mãos de crianças que nunca tiveram um antes. Nós o chamaremos de Ministério da Rosa Agreste em sua homenagem, Alteza.

— Ah, não — disse Raisa e se perguntou como sua mãe, a rainha, reagiria a isso. — Eu preferia manter isso em segredo. Foi apenas algo que pensei que poderia fazer por conta própria...

— Mas, Raisa, você não percebe? Se as pessoas souberem que você está contribuindo para a escola do Templo de Ponte Austral, isso vai virar moda na corte. Atrairá mais doações, além da sua. As pessoas até doarão em seu nome. Se você deixar as pessoas saberem disso, é claro — falou o pai.

— Ah. — Raisa não havia pensado nisso. Mais uma vez ela se sentia presa entre dois pais obstinados. — Ora, suponho que sim. Se o senhor acha que ajudaria.

— Esplêndido — disse Jemson. — Talvez você pudesse voltar durante o dia e encontrar alguns dos alunos. Ver o benfeitor faria bem a eles. Transmitiria a mensagem de que eles são importantes, de que os governantes não os esqueceram.

Raisa acenou com a cabeça.

— Tudo bem. Eu gostaria disso. E talvez nós possamos depois mostrar a elas alguns ofícios e funções no beco do castelo.

— Teremos que conversar com sua mãe sobre isso — falou Averill. — Quando for a hora certa.

Raisa não conseguiu evitar se perguntar o que aconteceria agora que o pai estava em casa; quanto o pai sabia sobre o relacionamento de Marianna com Gavan Bayar.

Quanto ela mesma sabia sobre isso?

A princesa-herdeira segurou a mão de Averill.

— O senhor está voltando comigo para a corte, pai? Mamãe sabe que o senhor voltou?

Averill acenou com a cabeça.

— Sim. Mandei avisar à rainha. — Ele hesitou por um segundo, depois acrescentou: — Eu devo ficar na Casa Kendall até que encontrem espaço no fortim do castelo.

A Casa Kendall ficava no beco do castelo, mas a alguma distância do próprio Castelo de Fellsmarch.

Raisa piscou para ele.

— Até que encontrem espaço... E quanto a seus antigos aposentos? O que há de errado com eles?

— Aparentemente estão sendo redecorados e, neste momento, estão inabitáveis. — O pai tinha a expressão de comerciante e isso indicava que agora não era hora de discussão.

Mas Raisa não conseguiu se controlar.

— Então, eles deveriam fazer outra pessoa sair — disse ela. — Isso é inaceitável. Vou falar com mamãe assim que eu...

— Eu mesmo vou falar com a rainha Marianna, filha — retrucou Averill. — Dê-me algum crédito, está bem? Afinal, eu sou comerciante. — E ele sorriu e olhou nos olhos dela. — Rosa Agreste, sua mãe precisa se acostumar a me ter em casa novamente.

Ele sabe mais do que está dizendo, pensou ela. Meu pai nunca foi tolo.

— Muito bem — disse Raisa, acenando com a cabeça e esboçando um sorriso por conta própria. — Mas a qualquer momento que o senhor precise de um lugar para ficar dentro do fortim, pode ficar comigo. E venha jantar amanhã à noite.

Ela abraçou o pai, relutante em deixá-lo ir após a longa ausência.

Raisa olhou para Amon, que mudou de posição e parecia ansioso para partir.

— Acho que é isso por enquanto — disse ela. — O cabo vai avisá-lo de quando eu tiver mais, hum, coisas para levar ao mercado.

Eles se viraram na direção da porta, mas antes que pudessem alcançá-la, alguém a obstruiu. Era um jovem, com a idade de Raisa ou um pouco mais velho, com cabelos sujos castanho-avermelhados e vestido com calça e camisa dos clãs.

— Jemson! Três dos Trapilhos foram agarrados pelos casacos azuis. Parece que eles queriam fazer um exemplo de... — a voz falhou quando ele viu as pessoas reunidas no aposento. — Ah. Desculpe, senhor. Não sabia que o senhor tinha companhia.

Os olhos dele foram até Averill, depois Amon, e se arregalaram de medo.

Ele os reconheceu, pensou Raisa.

— Vamos discutir isso mais tarde, Hanson — falou Jemson, apressado, e acenou com a cabeça na direção da porta.

Hanson começou a se afastar do aposento, mas Amon chamou:

— Espere! E quanto aos Trapilhos?

O garoto piscou para ele, sem expressão.

— Trapilhos? Eu não falei nada sobre Trapilhos.

— Sim, você falou — disse Amon e caminhou, decidido, até Hanson. — Nós já nos conhecemos? Você me parece familiar.

— Ah, não — retrucou o garoto. — Provavelmente, não. — Ele era alto, quase tão alto quanto Amon, embora mais magro, com olhos azuis brilhantes. Seu rosto tinha evidências de ter apanhado recentemente. O olho direito estava preto e havia um hematoma azul e amarelo sobre uma das maçãs do rosto. O antebraço direito estava com uma tala, mas ele não estava cuidando dele. E parecia tentar manter o rosto virado, como se estivesse constrangido por causa dos ferimentos.

Deve ser um dos alunos de Jemson, pensou Raisa com uma onda de simpatia.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela e se aproximou para poder examinar o rosto dele mais de perto. Ela tocou o braço dele. — Quem fez isso?

Hanson corou.

— Não foi nada. Apenas... meu pai. Algumas vezes, ele fica malvado quando bebe demais.

Foi nesse momento que a mão de Amon serpenteou para a frente. Ele segurou o braço do garoto, puxou a manga e expôs um largo bracelete de prata.

— Então, *Hanson* — disse ele. — Acho que já nos encontramos, no fim das contas. Você também é conhecido pelo nome Algema? — perguntou ele.

Algema? Raisa desviou os olhos de Amon para o outro garoto. Não era ele o líder da gangue que matara todas aquelas pessoas?

Depois foi como se tudo acontecesse de uma vez. O garoto bateu com o punho livre no rosto de Amon e girou para longe dele com a facilidade da longa prática. Amon desembainhou a espada, meteu-se entre o garoto e a porta e gritou para os

outros cadetes. E então o garoto que se chamava Algema segurou Raisa e a puxou com força para perto dele. Ela sentiu a ponta de uma lâmina na garganta e tentou com esforço não engolir.

— Hanson, não! — gritou o orador Jemson, horrorizado.

— Pois bem — disse Algema, perto da orelha dela. — Para trás ou eu corto a garganta dela. — A voz tremeu um pouco, por causa do medo, dos nervos ou da agitação, Raisa não sabia dizer.

A princesa-herdeira pensou nos seis mortos na rua. Torturados, disseram. Por obra do garoto bonito, de olhos azuis, que segurava a faca.

— Por favor — implorou Jemson. — Pelo Criador, solte-a. Você não sabe quem...

— Não. — Averill ergueu uma das mãos para silenciar o orador, com os olhos fixos em Raisa. Ele não queria que Algema soubesse quem ele estava mantendo prisioneira. — Ouça — disse ele ao garoto —, talvez possamos fazer algum tipo de troca.

— Aqui está a troca — disse Amon, e deu um passo para longe da porta. — Deixe-a ir embora e você ficará vivo.

— Com todos os casacos azuis mordendo meus calcanhares? — Algema fez um muxoxo de desdém. — Eu não conseguiria passar da ponte.

O rosto de Amon tornara-se duro como pedra, os olhos cinzentos pareciam lascas de granito.

— Se você machucá-la, juro pelo sangue e pelos ossos de Hanalea que você vai se arrepender.

Agora os outros Lobos Gris haviam chegado e se amontoavam na entrada, observando tudo com expressão perdida.

— Vocês aí — falou Algema aos recém-chegados. — Vão para lá com os outros.

— Façam como ele diz — ordenou Amon.

Enquanto os cadetes se arrastavam para os fundos do estúdio, Raisa pôde sentir o coração do Trapilho batendo forte contra as costas dela e sentiu o hálito quente em seu pescoço. Ele ficava ajustando o aperto na faca como se estivesse nervoso.

Não o assuste, pensou Raisa, que olhou de Amon para Averill e Jemson e tentou passar mensagens com os olhos.

— Não quero machucar ninguém — disse Hanson. — Apenas não quero ir para a cadeia e ser torturado até admitir uma coisa que não fiz.

Raisa ficou rígida, e o aperto do garoto nela ficou mais forte.

— A Guarda da Rainha não tortura ninguém — falou rispidamente. — Você receberá um julgamento justo. Se for inocente... se realmente não tiver matado todas aquelas pessoas, pode limpar seu nome.

O garoto riu baixinho.

— Ah, menina — falou ele. — Queria que fosse verdade. Tem um monte de gente que vai para a cadeia e nunca volta a ser vista.

Raisa se sentiu tola e ingênua. O que foi que Amon tinha dito? *Se eu fosse arrastado para a Casa da Guarda para ser interrogado por Mac Gillen, faria qualquer coisa que fosse necessária para escapar também.*

Algema passou um braço em volta da cintura de Raisa, arrastou-a e passou pelos outros até a porta do estúdio.

— Suas chaves, senhor — falou para Jemson. Ele era educado, falava bem, como o ladrão-cavalheiro das histórias. — Entregue-as para a garota.

Ele tem uma expressão de comerciante, pensou Raisa. Ele a usa quando precisa.

— Hanson — falou o orador Jemson. — É um erro. Você sabe que é. Você é melhor que isso. Solte a garota.

O rapaz balançou a cabeça com teimosia.

— Eu já estive na cadeia. Não vou voltar.

Apesar de tudo, Raisa não podia deixar de se perguntar qual era a relação entre o orador Jemson e o dono da rua. Jemson parecia conhecê-lo. Parecia acreditar nele, por alguma razão. Talvez Hanson/Algema o tivesse enganado, embora o orador não parecesse um tipo que fosse enganado com facilidade.

Jemson remexeu nos bolsos, retirou um molho de chaves e o passou para Raisa enquanto Algema a mantinha bem apertada contra ele, com a cabeça fixa sob o queixo dele e a faca em posição. O suor escorria entre as omoplatas e umedecia a blusa de linho.

— Por favor — repetiu Jemson. — Não faça isso. Há outro meio.

— Lamento, senhor — retrucou o garoto, e ele realmente parecia lamentar. — Se há outro meio, eu não vejo.

Hanson recuou pela entrada e arrastou Raisa com ele.

— Agora. Puxe a porta para fechar atrás de nós e tranque-a — falou ele, como se os dois estivessem conspirando. — Isso vai atrasá-los um pouco. Depois, me dê as chaves e nós partiremos.

— Não! — gritou Amon. — Deixe a garota aqui. Me leve no lugar dela.

Han olhou de Raisa para Amon, balançou a cabeça e sorriu.

— Nuh-uh. Estou imaginando que ela me dará menos problema. E, além disso, ela é mais bonita.

A expressão de comerciante, pensou Raisa.

A expressão de Amon prometia morte, para começo de conversa.

— Eu deveria ter deixado Gillen te bater até a morte — disse ele. — O que eu recebo por ser um maldito...

— Compaixão nunca é inadequada, amigo — disse Algema. Ele apontou para a porta com a ponta da faca. — Vamos, garota. Faça o que eu disse. Não temos o dia todo.

Raisa obedeceu, puxou a porta e trancou-a, e suas mãos tremiam tanto que ela mal pôde enfiar a chave na fechadura. Era uma porta de madeira sólida para um cômodo sem janelas construído como uma fortaleza. Atrás da porta, ela podia ouvir os gritos baixos e os pedidos de ajuda, acompanhados de uma pancada abafada de corpos contra a madeira.

Algema tinha razão. Isso certamente os retardaria. Os iniciados dormiam do outro lado do pátio. Era improvável que alguém os ouvisse até a manhã voltar a encher os corredores. Muita coisa poderia acontecer antes de amanhecer.

O garoto apertou o pulso dela com mais força e empurrou-a pelo corredor, na direção da porta.

— Me... deixe... em paz! — gritou ela, tentando bater os calcanhares no chão de pedra e depois caindo molemente.

Algema xingou em voz baixa, guardou a faca, passou as mãos por baixo dela e a lançou por cima do ombro dele como um saco de nabos. Ele era surpreendentemente forte.

— Agora fique quieta — resmungou ele. — Não me obrigue a fazer algo que eu não queira.

Ele obviamente queria levá-la a algum lugar e torturá-la, como fizera com os outros. Raisa levou a mão à cintura, encontrou o cabo da faca e puxou-o. Será que ela conseguiria realmente esfaqueá-lo? Ela segurou o cabo com as duas mãos e posicionou a faca no meio das costas dele, fechou os olhos e preparou-se para golpeá-lo.

Em vez disso, ela se flagrou deitada de costas no chão e viu estrelas por ter batido a cabeça na ardósia. Ele a empurrara sem cerimônia. Algema segurou o pulso dela e tirou a faca de sua mão.

— Da próxima vez que você for esfaquear alguém, faça rápido — aconselhou ele. — Não pense por tanto tempo.

Com habilidade, ele a revistou, passou as mãos sobre o corpete, as laterais e as costas e para cima e para baixo em suas pernas, e até retirou a touca de renda e procurou outras armas. Embora fosse prático em relação a isso, o sangue correu para seu rosto ao toque das mãos do dono da rua.

Ele era bom nisso e muito rápido; suas mãos eram hábeis e seguras. Ele encontrou o anel de Elena, com os lobos em círculo, na corrente em seu pescoço, mas não retirou. E a pequena bolsa de veludo, pesada por causa das moedas, que ela enfiara no corpete. Ele pesou a bolsa na mão, depois devolveu-a a ela. Ela piscou, surpresa.

Depois, Han a ergueu e a pôs de pé, devolveu a touca, limpou-a com cavalheirismo fingido e terminou com um tapa rude no traseiro dela.

Apesar da situação difícil, havia alguma coisa nele, um tipo de humor e fanfarronice indomados, além de arrogância obstinada que a atraía. Ele não espera nada, pensou ela, porque nunca teve nada. E nada se esperava dele. Ele estava livre de um modo que ela jamais estaria.

Você é uma tola romântica, pensou ela. Uma tola pior que a Missy. E provavelmente vai terminar capturada ou morta nas mãos de um bandido de rua.

Ele a olhou de cima a baixo, curioso, como se considerasse um plano de ataque.

— Você não é pesada — falou ele. — Mas é muito ruim de carregar.

Ela estendeu a bolsa na direção dele.

— Leve minha bolsa. Mas me deixe aqui.

— Eu não *quero* a sua bolsa — disse ele e olhou com expressão severa para ela. As palavras esmoreceram entre eles.

Bem, se ele não queria a bolsa... Raisa engoliu em seco. Uma das coisas que sabia era que havia mais chance de fugir se ela ficasse sobre os próprios pés.

— Eu posso andar — resmungou ela e tentou recuperar um pouco da dignidade.

— Certo, mas você pode correr? — perguntou ele, segurando o pulso dela e puxando-a pela porta do templo. Um instante depois, eles estavam correndo através da chuva e cruzavam Ponte Austral na direção de Feira dos Trapilhos. No meio do caminho, ele lançou o molho de chaves dentro do rio.

No lado de Feira dos Trapilhos, ele a conduziu para fora do Caminho na direção de uma rua lateral. Eles voltaram a virar em um beco, então ele tirou um lenço grande do bolso e o amarrou sobre os olhos dela.

— Você sempre carrega uma venda com você? — falou ela e tentou disfarçar o tremor na voz. Pela primeira vez, ele não respondeu, mas segurou a mão dela e a conduziu para a frente.

Você não vai se livrar dessa, ela pensou em dizer. Mas parecia que ele ia, não importa qual fosse o "dessa".

CAPÍTULO TREZE

OS TRAPILHOS

Han não sabia dizer o que deu nele para que decidisse levar a garota. Ela era inconveniente e pouco cooperativa. Apenas o atrasava, sem mencionar o fato de tentar apunhalá-lo com a faca chique. Sem dúvida, ele cruzaria Ponte Austral e estaria na segurança de Feira dos Trapilhos antes, sem ela. Com um pouco de sorte, Jemson e os outros não se libertariam do estúdio até de manhã, portanto ele não precisava realmente de uma refém. E agora ele tinha o problema do que fazer com ela.

Pelo menos, ela não estava mais lutando com ele, mas trotou, obediente, ao lado do rapaz enquanto ele a conduzia mais fundo em Feira dos Trapilhos e viravam em ruas e becos para que ela nunca encontrasse o caminho de volta por conta própria. Ele encontrava o caminho pelo mapa em sua mente. Ao se afastarem da rua principal, tudo ficou escuro, por isso, não teria feito diferença para a garota ficar sem a venda. Ainda assim, ele podia ver pelo modo como ela inclinava a cabeça e contava baixinho a cada curva que ela estava tentando acompanhar o trajeto. Ela procurava por outra chance de escapar.

Havia algo na garota que o intrigava. Ela se vestia como uma serva dos nobres, com roupas extragrandes, trazia uma bolsa pesada e tinha os modos de uma duquesa. Tão segura de si. Digna, até.

De onde isso vem?, perguntou-se ele. A ideia de que você merece mais do que a sua cota do mundo?

A Guarda da Rainha não tortura as pessoas, proclamara ela, como se fosse algum tipo de especialista. *Você terá um julgamento justo.*

Desculpe, garota, pensou ele. Eu sou o especialista nisso, e não estou comprando o que você está vendendo.

Ele ponderou sobre o que sabia sobre ela. Ela se fechara com Jemson e um comerciante do clã que poderia ser Averill Pés Ligeiros Demonai, patriarca do Campo Demonai. Fazia três anos desde que ele o vira: as visitas de Han a Pinhos

Marisa foram esporádicas nos últimos três anos nas ruas, e lorde Demonai raramente visitava Pinhos Marisa. Mas o rosto dele não era esquecível.

Aquele garoto alto, moreno e sério — o que o reconhecera — era o cabo Byrne, que estivera com os casacos azuis que o haviam agarrado do lado de fora de O Barril e a Coroa. Além disso, havia os outros casacos azuis que vieram correndo quando Byrne os chamou. O que todos eles estavam fazendo ali, sem uniforme? Jemson não tinha o hábito de passar tempo com a Guarda.

Claro, poderia ser apenas sua costumeira má sorte. Ao menos, isso era consistente.

Será que o cabo Byrne era o namorado da garota? Ele apostaria que sim, pelo modo como o outro agira. Han pensou em outra coisa: talvez eles tivessem ido ali para se casar, com os amigos como testemunhas. Os oradores faziam casamentos o tempo todo.

Han afastou aquela ideia. Ele não gostava dela.

A garota estava começando a se cansar: respirava com esforço e ficava para trás, de modo que ele teve que puxá-la. Ele precisava de um lugar para se esconder por mais algum tempo. Han sentia-se largado e vulnerável, após ter perdido o abrigo do templo. Provavelmente ele arruinara fosse qual fosse a chance que tinha de solucionar o mistério dos assassinatos.

— Aqui. — Ele a puxou para um beco, depois dobrou em uma passagem entre dois edifícios que era tão estreita que precisaram deslizar por ali de lado. A passagem terminava em um pequeno pátio coberto com tijolos, com metade do telhado protegendo-os da chuva. Contra um dos edifícios estava um conjunto de portas de madeira, incrustadas em um bloco de pedra e protegidas por um cadeado de aparência sólida.

Em um segundo, Han o abriu. Ficava feliz em saber que ainda era um arrombador habilidoso com um palito.

As dobradiças protestaram quando ele empurrou a porta para que abrisse, e uma onda do ar úmido do porão o invadiu. Não parecia que alguém tivesse estado ali desde que ele abandonara aquela vida. Ele conduziu a garota até os degraus.

— Tem uma dúzia de degraus para baixo. — Ele segurou o cotovelo dela para que não caísse. — Sinta com os pés.

Ela hesitou na beirada.

— Por favor — falou ela ao mesmo tempo em que erguia o queixo e empertigava os ombros. — Tenha piedade. Me mate logo agora. Não fiz nada para você.

— Não vou matar você — esbravejou ele, surpreso.

— Eu não quero ser torturada. Nem violada.

— Não vou torturá-la — retrucou o garoto, desesperado. — Nem... outra coisa. Estou com frio, molhado e cansado e apenas quero parar de andar por um tempo, está bem?

— Não quero descer — insistiu ela e estremeceu. — Por favor, não me faça descer.

— Olhe. — Ele esticou a mão e desamarrou a venda, depois retirou-a. — Aqui estamos. — Ele deu o melhor e mais charmoso sorriso. — Este é... um tipo de esconderijo. Prometo, é mais confortável que lá fora, na chuva. E vou descer com você.

— Isso não é tranquilizador, senhor.... Algema — falou ela, com um pouco do antigo humor.

— Olhe, qual é o seu nome? — perguntou ele.

— R... Rebecca Morley — respondeu ela, e estremeceu, batendo os dentes por causa do frio ou do medo.

— Rebecca, não posso soltar você em Feira dos Trapilhos no meio da noite — falou ele. — Espere um pouco. Vou acender um lampião, mas você tem que prometer não fugir de mim.

— Segure acima dos degraus para iluminar a minha descida — ordenou ela, depois acrescentou: — Por favor?

Ela desceu os degraus com grande dignidade; cabeça erguida, como uma santa que caminhasse sobre chamas. Ele a acompanhou, colocou o lampião no centro do cômodo e puxou as portas do porão até que se fechassem atrás dele.

Era realmente bastante aconchegante para um porão. Nada de tronos dourados, nem montes de joias e moedas, nem escravas, como Dori imaginara, mas havia três catres e cobertores, além de uma sólida arca de madeira que continha roupas extras, velas e alguns vidros com feijões secos, geleia, biscoitos, açúcar e grãos. Os grãos estavam mofados, mas o restante parecia bom.

Melhor ainda, aquele porão tinha uma porta dos fundos e uma escada estreita que dava para o armazém atrás. Han sempre gostava de ter outra opção de saída.

— Então, este é o seu esconderijo? — falou Rebecca e parecia decepcionada. Ela estava com uma aparência terrível, como um pedinte de rua que se perdera. Os cabelos que foram enfiados sob o gorro estavam soltos e pendiam em mechas

compridas e molhadas ao redor dos ombros. Os olhos verdes brilhavam no rosto com pele azeitonada e sugeriam uma mistura de sangue: dos clãs e do Vale, talvez. Uma boca sensual e beijável estava centralizada sobre um queixo teimoso. As saias compridas estavam sujas de lama em volta de toda a bainha e a blusa parecia estar encharcada.

Mas quando ela virou a cabeça — de perfil —, por alguma razão, parecia familiar. Talvez ele a tivesse visto nas feiras ou...

— Nós já nos conhecemos? — perguntou ele.

— Tenho certeza de que não — falou ela e fungou um pouco, com aparência infeliz.

Malditos sangue e ossos, pensou ele. Por favor, não chore. Como se as coisas já não fossem ruins o bastante.

— Ei, o que é isso — falou ele. — Sou eu quem deveria chorar. Graças ao seu casaco azul, não tenho lar, nem trabalho, nem perspectiva.

— Tal... talvez você devesse ter pensado nisso antes de matar todas aquelas pessoas.

— Eu não matei ninguém — falou, magoado. — Eu disse. Não fui eu.

Ela não disse nada, apenas passou os braços ao redor do próprio corpo e estremeceu um pouco.

— Se você quiser algumas roupas secas — falou ele —, pode remexer no baú e ver se alguma coisa cabe. Eu posso... hum... virar de costas ou voltar lá para fora. — Na chuva. Ele realmente estava exagerando com esta garota.

— Estou bem — disse ela, rápido demais. Ela afundou em uma poça de saias em um canto protegido e o observou com olhos grandes, cautelosos.

— Você gostaria de comer alguma coisa? Biscoitos? Ou biscoitos com geleia? — Ele fez um gesto amplo, como o anfitrião perfeito. — Biscoitos com açúcar por cima?

— Não.

Ele se sentou, com as pernas cruzadas, a uma distância que, ele esperava, deixaria a garota à vontade.

— O que você estava fazendo no Templo de Ponte Austral? — perguntou ele.

Ela demorou o suficiente para inventar uma mentira.

— Procurava um ofício.

— Sério? Que tipo de ofício? Em que você é boa?

A expressão dela dizia: *Em arrancar os corações de ladrões e sequestradores.*

Ele tentou mais uma vez.

— Onde você mora?

Outra pausa.

— Perto do terreno do castelo. Na rua Bradbury.

— É bem elegante — falou ele, surpreso.

— Sou uma serva. Uma... hum... tutora. Na... casa dos Bayar.

Ela mentiu e gaguejou, e inventava coisas enquanto prosseguia. Ou ela não era muito boa nisso ou não se preocupava em convencer.

Mas ela conseguira o nome Bayar em algum lugar.

— Lorde Bayar é o Grão Mago, correto? — perguntou ele e queria parecer casual.

Ela acenou com a cabeça e pareceu surpresa por Han ter ouvido falar dele.

— Então, como é que são os Bayar? — perguntou ele e mordeu um biscoito duro. — É verdade que eles são pessoas decentes, depois que você os conhece?

Ela estreitou os olhos e o avaliou.

— Por que você me trouxe até aqui?

— Bem, como disse, pensei que pudéssemos descansar até o amanhecer e...

— Não — falou ela, impaciente. — Por que você não me trancou com os outros lá no templo?

Han teve que admitir, ela tinha coragem. Era uma pergunta arriscada para se fazer, pois ela não sabia qual seria a resposta.

— Pensei que talvez eu precisasse de você para atravessar a ponte e...

Ela curvou os ombros e o fitou com expressão severa. Não estava acreditando naquilo.

— Não sei — falou ele simplesmente. — Fui levado pelo momento, acho. Será que todas as coisas têm que ter uma boa razão?

Na verdade, ele andara fazendo essa pergunta a si mesmo. Ali, no estúdio, ela se aproximara dele e dissera "O que aconteceu com você? Quem fez isso?", com um olhar intenso, como se ela estivesse totalmente do lado dele, pronta para lutar a seu favor. Ela havia tocado seu braço e isso aquecera seu coração como uma fogueira de carvão.

Depois, Byrne o chamara de assassino, e ela retirara a mão, parecendo revoltada. Num piscar de olhos, Han a arrastava pela ponte. Como se ele pudesse, de alguma forma, arrastá-la para o seu time.

Bem, se ela estava do lado dele antes, ele arruinara isso agora. Seis ou oito assassinatos era um grande obstáculo para superar. Além disso, ele iria para a cadeia se voltasse a mostrar seu rosto em Fellsmarch. Havia outro obstáculo, bem ali.

Mas obstáculo para quê? O que ele esperava desta garota? Será que pensava que eles fugiriam juntos? Será que ela o visitaria em seu palácio em cima do estábulo?

Rebecca continuava a olhá-lo de esguelha, como se memorizasse cada detalhe dele. Provavelmente assim ela poderia identificá-lo se fizessem uma fila com suspeitos.

— Onde você arrumou os braceletes? — perguntou ela inesperadamente. — Você os roubou de alguém?

Era quase como se ela tentasse provocá-lo, para acabar logo com aquilo.

— Não — disse ele. — Não roubei.

— Você sabe que estão procurando por nós — falou Rebecca, otimista como sempre. — Eles não vão descansar até nos encontrarem.

— Tente dormir um pouco — sugeriu ele. — É isso que vou fazer. Amanhã encontraremos um jeito de libertar você. — Ele revirou o conteúdo do baú e jogou para ela um cobertor que não fedia muito. E uma calça e camisa que eram pequenos demais para ele agora, caso ela precisasse. Depois ele arrastou um dos catres até a base da escada e se aninhou resolutamente.

O sono demorou a chegar. Ele ouviu o farfalhar vindo do canto em que Rebecca se encontrava, o ruído do tecido que deslizava no chão. Aparentemente ela havia decidido trocar as roupas molhadas, afinal. Ele fitou a escuridão e tentou tirar aquela imagem de sua mente. Isso apenas causaria problemas.

Finalmente, ela se aquietou, e ele pôde ouvir o som baixinho e rítmico da respiração que indicava que ela estava dormindo.

Sempre que ele fechava os olhos, via o amuleto de serpente verde, como se estivesse gravado em suas pálpebras. Ele começava a acreditar que era um talismã de má sorte. As confusões recentes tinham começado quando ele encontrara a coisa. Talvez Micah Bayar o tivesse amaldiçoado quando Han se apossou dele. Talvez ele devesse ignorar Lucius, desencavá-lo e devolvê-lo ao verdadeiro dono.

No entanto, de acordo com Lucius, os Bayar não eram os verdadeiros donos.

Mas por que não seriam? Eles haviam matado o Rei Demônio e o tirado dele, não?

Talvez fosse isso. Talvez só servisse para magia negra. Mas todos os instrumentos de magia negra tinham sido destruídos após a Cisão, não tinham?

Finalmente, ele dormiu. E o rosto do cabo Byrne assombrou seus sonhos.

De algum modo, Raisa dormiu, embora tivesse dito que isso não seria possível, presa naquele porão de chão sujo com um assassino. Ela acordou cedo, inteira, embora rígida e com o corpo todo dolorido por dormir encolhida no canto.

O lampião se apagara, mas a luz pálida da manhã passou pelas portas do porão. Algema estava adormecido, esticado sobre o catre na base da escada.

Raisa observou-o durante algum tempo para ter certeza de que ele realmente estava dormindo. O sono dele era agitado, ele murmurava e se mexia como se fosse perturbado por sonhos.

Ou uma consciência culpada.

Raisa ficou de pé, com um ruído baixo, caminhou pelo porão e baixou os olhos para ele. De alguma forma, Han parecia mais novo quando estava dormindo, com o braço na tala sobre o peito, o outro braço jogado ao lado do corpo, os olhos se moviam debaixo das pálpebras feridas. A faca estava debaixo dele.

Por baixo dos hematomas, era bonito, embora o cabelo castanho-avermelhado e sujo não combinasse com seu tom de pele. Ela resistiu à vontade de esticar a mão e passar as pontas dos dedos sobre o rosto delicado.

Por que ele estava usando as roupas dos clãs?, ela se perguntou. Era apenas um dos muitos mistérios para o qual ela nunca teria as respostas.

Será que ela podia confiar em seus instintos — que diziam que ele não era capaz de cometer os crimes dos quais fora acusado? Será que ele realmente pretendia deixá-la ir embora? Ele ainda não a machucara, mas isso não significava que não iria.

Mas também, talvez fosse melhor apenas deixar que ele cortasse sua garganta. Quando a mãe ouvisse sobre esta aventura, certamente Raisa ficaria trancada. Amon seria exilado para Penhascos de Giz, e por culpa dela. Neste exato momento, provavelmente toda a Guarda da Rainha estava varrendo a cidade.

Ela tinha aberto a capa, as saias e os saiotes sobre a cadeira para secarem. Quando as tocou, descobriu que elas haviam deixado de gotejar e estavam rígidas e apenas úmidas. Ela considerou voltar a vesti-las, mas temeu acordar o rapaz durante o processo e ser pega nesse meio-tempo.

A calça era comprida e frouxa demais na cintura, por isso ela procurou um pedaço de corda e o amarrou através das aberturas na cintura e enrolou as bainhas para se ajustarem. A camisa era de uma cor branca suja e descia até quase os joelhos dela. Ela a abotoou até o pescoço e torceu o nariz ao sentir o cheiro do suor do garoto. Raisa

descobriu um trapo de cor forte numa pilha de roupas e, com ele, amarrou os cabelos e puxou-os para trás, depois cobriu os ombros com a capa.

Será que ela conseguiria se esgueirar pelos degraus e depois pela porta sem acordá-lo? Ela precisaria de uma boa vantagem, pois ele conhecia a vizinhança e ela não.

Com o coração batendo tão alto que ela teve certeza de que o acordaria, passou por cima do corpo dele, deitado de bruços, e pôs o pé no primeiro degrau. Ela tomou impulso com o outro pé, subiu os degraus o mais rápido que pôde e esperou sentir, a qualquer momento, a mão dele se fechando em seu tornozelo. Quando chegou ao topo, olhou para baixo e respirou longa e lentamente. Ele ainda estava dormindo daquela maneira agitada.

Raisa esticou as duas mãos para as portas duplas.

Cr-é-é-é-c! O rangido das dobradiças rompeu o silêncio do início da manhã. Abaixo dela, Raisa ouviu a respiração compassada de Algema se interromper, acompanhada por uma exclamação sonolenta.

Bem, não havia como voltar agora. Ela se lançou para cima, abrindo as portas, e apertou os olhos por causa da luz do lado de fora. Após um momento de confusão apavorada com a capa, ela estava fora do porão e corria pelo pátio. Raisa ouviu um grito abafado atrás dela ao deslizar pelo espaço estreito entre os edifícios.

Ela pulou para o outro lado como a rolha de uma garrafa, e então correu, contorcendo-se e virando em ruas estreitas, sem saber nem se preocupar onde estava ou aonde ia, apenas querendo abrir distância entre ela e o ex-captor.

Ela correu até que as pontadas na lateral do corpo e a falta de ar a forçassem a parar e agachar em um beco. Ela ficou parada por algum tempo e ouviu com atenção, esperando estar sendo procurada, olhando para cima e para baixo da rua.

Então, começou a andar. Ela tentaria encontrar uma estalagem ou loja aberta. Talvez alguém ali estivesse disposto a buscar ajuda, se ela pudesse convencer a pessoa de que havia uma recompensa para isso.

Mas as tabernas estavam bem trancadas, assim como as casas, e as ruas desertas àquela hora da manhã. Ela tentou bater à porta de algumas das habitações de aparência mais próspera, mas ninguém atendeu. Se alguém a visse, era improvável que a deixasse entrar. Ela devia estar horrível — uma criatura estropiada e suja de gênero indeterminado.

A leste, as torres do Castelo de Fellsmarch erguiam-se no horizonte, em silhueta contra o sol nascente. No mínimo, eram algumas milhas de distância, um pouco

mais do que ela havia caminhado na noite anterior. Fora realmente há apenas um dia que ela percorrera Feira dos Trapilhos com Amon e sua escolta secreta?

Não havia escolha, além de caminhar. Ela se dirigiu para as torres, se orientando pelas ruas e becos sinuosos e sentindo como se caminhasse 2 milhas para cada uma em linha reta. Era como o labirinto no jardim do telhado, mas cercado por casas decrépitas e com calçamento de pedras, tijolos quebrados, terra e sujeira.

Ela cruzava um pátio quando uma garota saiu correndo de um beco contíguo, em pânico. Ela era magra, com talvez um ano ou dois a menos que Mellony, com cabelos loiros e longos puxados para trás em uma trança.

— Senhorita! Em nome de Madeleine, a Piedosa, me ajude, por favor. É minha irmãzinha! Ela está doente!

Raisa olhou em volta para ver se ela poderia estar falando com outra pessoa, mas não havia ninguém no pátio.

— Eu? Qual é o problema com sua irmã?

— Ela está engasgada! Está ficando roxa! — A garota puxou a mão de Raisa. — Por favor, venha.

Raisa acompanhou a garota pelo beco, sua mente um turbilhão. Talvez houvesse uma chance de ajudar. A doença do engasgo andara se espalhando por aí. Havia curandeiros no Templo do Castelo de Fellsmarch que tiveram sucesso em tratá-la. Talvez...

Subitamente, ela e a garota chegaram a um muro de tijolos. Raisa virou-se e viu que elas não estavam mais sozinhas. Cinco outras pessoas saíram das ruas contíguas, quatro garotos e outra garota, e a circundaram. Seu estômago deu uma cambalhota nauseante.

— Ei — falou a garota e apertou os olhos na direção dela. — Aonde você vai com tanta pressa?

O sotaque indicava que ela era das Ilhas Meridionais. Ela era mais velha que a primeira garota, 16 anos, talvez, com pele morena e cabelos pretos ondulados e compridos presos com barbantes e divididos em partes. Ela tinha maçãs do rosto salientes e uma boca grande. Usava calça e um colete sem manga, que exibia braços fortes e tatuados.

A garota esticou a mão e arrancou o lenço improvisado do cabelo dela.

— O que você está fazendo com isso? — quis saber ela e balançou o lenço na frente do rosto de Raisa. — Onde você o encontrou?

Raisa viu então que todos eles usavam bandanas de trama e cor semelhantes amarradas no pescoço.

— Trapilhos! — gritou. — Vocês são Trapilhos!

A garota se encolheu e olhou para cima e para baixo no beco antes de responder:

— Não somos. Quem disse?

— Foi Algema que enviou vocês? — quis saber Raisa, furiosa por ter sido enganada com tanta facilidade. — Bem, você pode dizer a ele que não me importa quantos bandidos de rua cortadores de garganta ele mande atrás de mim; não sou...

— Cale a boca! — Agora a garota parecia irritada e assustada ao mesmo tempo. — Não temos nada a ver com o que Algema faz. Ele não está mais nos Trapilhos. Ele não dá ordens em Feira dos Trapilhos. Agora vejamos o que você tem na sua bolsa, hein?

Os Trapilhos cercaram Raisa, e ela recuou até encostar na parede do edifício.

Um garoto mais velho com um casaco de veludo vermelho desbotado esticou a mão e tocou os cabelos dela, e ela afastou a mão dele com um tapa. Ele sorriu e revelou uma língua de cor vermelha forte de mascar capim-navalha.

— Você tem família, garota? Alguém que poderia pagar para ter você de volta? — Ele se aproximou e o hálito de capim-navalha fez os olhos dela lacrimejarem. Ele parecia nervoso e irritadiço, como os usuários da folha costumavam ser.

— *Aí* está você, Rebecca! — Todos giraram, e Algema apareceu caminhando com ar arrogante pelo beco, como um tipo de príncipe pirata; trajava calça, elegantes botas dos clãs e um casaco puído feito de couro de cervo.

Ele acenou com a cabeça para os outros Trapilhos.

— Ei, Velvet, obrigado, amigão, por procurar minha garota para mim. Vou lhe dizer, ela só me traz problemas.

Enquanto Velvet o fitava, abobalhado, Algema agarrou o braço de Raisa e a puxou para trás dele, colocando-se entre ela e os outros. Ele colocou algo na mão dela, e ela sentiu o metal frio. A faca. Ela a apertou na mão e olhou por trás das costas dele, com a cabeça rodando, confusa.

Os Trapilhos fitaram Algema com o ávido interesse dado aos assassinos, adúlteros, reis, atores e outras pessoas notórias.

Todos, menos a garota tatuada. A expressão no rosto dela era mais complexa: uma mistura de raiva, desejo e traição.

Ela gostou dele, pensou Raisa. E ele a rejeitou.

— Vá embora, Alister — falou a garota tatuada. — A garota é nossa.

— Nuh-uh, Cat — disse ele. — Eu a vi primeiro. Não é grandes coisas para alguém como você, mas, pelo menos, ela é bonita.

— Foi ela quem bateu em você? — Cat zombou. — Ou foi um Austrino, como todo mundo diz?

— O que é isso no seu cabelo, cara? — indagou Velvet. — Sangue ou terra?

Algema tocou a cabeça e pareceu momentaneamente confuso.

— Ah, é — falou ele, e a confusão diminuiu. — Apenas experimentando uma nova cor. O que você achou?

— Ele está disfarçado, amigos — falou Cat. — Não pode nem caminhar mais pelas ruas como ele mesmo.

— Você está voltando, Algema? — perguntou um garoto, esperançoso. — O lucro sempre era bom quando você era dono da rua. — Ele cobriu a boca para se calar e lançou um olhar nervoso para Cat.

— Não, ele *não* vai voltar — falou Cat e deu um passo à frente deles, com a mão na adaga enfiada no cós da calça. — É por culpa dele que Flinn e os outros foram pegos. Algema é um veneno. Se andarmos com ele, os casacos azuis virão para cima de nós.

— Os casacos azuis estão em cima de nós agora — observou um garoto mais velho. — Não podemos fazer nada por causa da Guarda. Algema sempre conseguiu suborná-los, pelo menos.

— Cale a boca, Jonas — disse Cat, lançando um olhar para ele, e Jonas calou a boca.

— Oito Austrinos estão enterrados — falou ele. — Essa foi uma péssima jogada. Você não vai poder se livrar dessa com suborno.

Era como se Algema tivesse vestido sua carapuça de dono da rua e começasse a falar uma língua estrangeira.

Cat olhou para ele com expressão severa.

— Você fala como se nós tivéssemos atacado os Austrinos.

Algema encolheu os ombros.

— Quem mais?

Raisa, se sentindo ignorada, estava mudando o peso do corpo de um pé para o outro e debatendo consigo mesma quais eram as chances de sair correndo dali. Agora ela prestava mais atenção na conversa.

Cat bufou.

— Nós? *Nós* não temos nada a ver com isso. Achamos que fosse você. É em quem a Guarda está colocando a culpa, de qualquer forma.

— Os casacos azuis estão pondo a culpa em todos nós — disse Algema. — Olhe, como eu poderia ter acabado com os Austrinos? Sozinho? — Ele deu um sorriso. — Você, talvez, Cat. Eu, eu sou bom, mas não tão bom assim.

Sem dúvida, Algema era charmoso, pensou Raisa.

Cat estudou-o, desconfiada.

— Você não está com mais ninguém? Os Guardiões? Matadores? Sanguinários?

Algema balançou a cabeça.

— Ouvimos dizer que você estava trazendo ervas de Angra de We'en — falou Jonas. — Ouvimos dizer que você tinha sido morto pelos piratas de Penhascos de Giz.

— Eu não negocio mais com piratas — disse Algema. — É mais provável cortarem sua garganta que pagarem a você.

— Como você está se virando, então? — perguntou Cat, revirando os olhos.

Algema limpou a garganta, como se estivesse constrangido.

— Uma coisa aqui, outra ali. Sou mensageiro de Lucius Frowsley. Comercializo umas coisas. Engraxo os sapatos dos nobres. — Ele tocou a faca. — Corto cabelos e faço a barba.

O riso irrompeu entre os Trapilhos. Todos, menos Cat.

Algema percebeu.

— Sabe — falou e assumiu uma expressão séria —, não tenho ideia de quem está matando os Austrinos, mas todos nós estamos pagando por isso. Preciso da ajuda de vocês. Se vocês souberem de alguma coisa...

— Que tal isso? — perguntou Cat e se inclinou na direção do rapaz. — Vamos entregar você aos casacos azuis. Depois, talvez, eles nos deixem em paz.

— Você pode *tentar* — falou ele. Sua voz era calma, seus modos, tranquilos, mas Raisa notou que o rapaz se empertigou e apertou o cabo da faca. — Claro, eu não entregaria *vocês*. Acho que os amigos têm que ficar juntos. Mas é só a minha opinião.

Os Trapilhos se mexeram, nervosos, e lançaram olhares uns aos outros, alguns deles acenando com a cabeça.

Eu posso aprender alguma coisa com Alister Algema, pensou Raisa. Ele está aqui há dez minutos, e tem todos eles na palma da mão. Menos Cat, que está ressentida

com ele.

Algema se aproximou de Cat, fitando-a com os olhos azuis e a voz suave e persuasiva.

— Me deem um momento, está bem? — Ele desviou os olhos dela para os outros Trapilhos e ergueu as sobrancelhas. — Por favor.

Ela hesitou, depois fez um gesto para dispensar o restante do grupo. Eles se arrastaram até a extremidade aberta do beco e se agruparam ali. Velvet fez uma careta e lançou olhares sombrios na direção deles.

— E quanto a ela? — sibilou Cat e fez um gesto com a cabeça para Raisa.

O rapaz deu um pequeno empurrão em Raisa na direção da extremidade fechada do beco e se posicionou entre ela e a saída.

— Fique aí — resmungou ele, depois se afastou alguns passos para conversar com Cat. A garota fingiu ignorá-los, embora se esforçasse para ouvir a conversa.

— Quem é ela, e o que ela é sua? — Cat inclinou a cabeça na direção de Raisa.

— Apenas uma garota que estava no lugar errado, na hora errada — falou ele. — Dei minha palavra que ia deixá-la ir embora.

— Sua palavra? — Cat deu uma risada amarga. — Boa sorte para ela, então.

— Cat — falou ele, esticando as mãos e, em seguida, baixando-as. — Eu nunca prometi nada.

— Não. Não prometeu. — A expressão dela dizia que as promessas estavam implícitas, mesmo que não tivessem sido ditas.

— Eu tive que deixar essa vida. Não tinha escolha. Não teve nada a ver com você.

Cat fitou-o incrédula.

— Não tinha... nada... a ver *comigo*? Como é que diz uma coisa dessas?

Algema tentou voltar atrás.

— O que eu quero dizer é que não saí por sua causa.

— Você também não *ficou* por mim — cuspiu ela. — De qualquer forma, o que faz você pensar que me importa aonde você vai ou o que você faz? — Cat balançou os cabelos para trás. — Os casacos azuis prenderam três dos meus por sua causa. Agora eles estão sendo torturados e estão tentando fazer com que digam onde você está. Eles vão torturá-los até matá-los porque eles não fazem ideia.

Algema ficou imóvel e se concentrou.

— Ouvi dizer que três Trapilhos foram levados. Flinn e quem mais?

— Jed e Sarie também — respondeu Cat.

O rapaz olhou para Raisa e baixou a voz.

— Onde eles estão presos?

— Na Casa da Guarda de Ponte Austral — respondeu ela.

Raisa ouviu quando Alister Algema inspirou.

— Pelos ossos malditos. Gillen?

Cat assentiu.

— Como se você se importasse. — Havia certo desafio na atitude dela, uma expectativa de decepção. — Você sabe que não digo nada aos casacos azuis. Mas eu o entregaria para salvá-los.

Alister Algema fitou o espaço, e um músculo saltou em sua mandíbula.

— Primeiro, tenho que dar um jeito na garota. Você vai nos deixar ir, então? — Raisa compreendeu o gesto. Ele estava pedindo a Cat e reconhecia a condição dela de dona da rua.

— Está bem — disse ela, sem expressão no rosto e em voz baixa. — Vão embora. Só nunca mais...

— Me encontre no outro lado de Ponte Austral hoje à noite — interrompeu ele. — Vou ajudar você a tirar Sarie e os outros da cadeia.

Cat estudou a expressão dele.

— Como você sabe que não vou trazer a Guarda até você? — perguntou ela. — Como vou saber que você não vai nos entregar?

Ele apertou os cotovelos dela, olhou para seu rosto, e falou com voz baixa e intensa.

— Porque *estou* prometendo desta vez.

Feira dos Trapilhos estava despertando ao redor deles conforme se dirigiam para a parte nobre da cidade. De alguma forma, Han precisava deixar a garota antes que cruzassem com um casaco azul enxerido ou outra pessoa que causasse problema. Só que agora, por alguma razão, ele estava confiante de que ela não o entregaria.

Sempre que ele procurava Rebecca, ela o estava observando com seus olhos verdes estreitos, como se ele fosse uma mensagem cifrada que precisasse ser solucionada. Ele começava a pensar que preferia o olhar apavorado, de olhos arregalados. Quanto da conversa com Cat ela ouvira?

— Cat era sua namorada, não era? — perguntou ela, como se adivinhasse os pensamentos dele.

— Não exatamente — retrucou o rapaz.

Ela revirou os olhos, como as garotas fazem.

— *O quê?* — falou, irritado, passando por uma pilha grande de cascas de batata no meio-fio. Poderia ser pior, em Feira dos Trapilhos.

— Obviamente, ela achou que fosse.

— Bem, ela está com Velvet agora. — Por que ele estava lhe contando isso? Han decidiu mudar de assunto. — Sabe, você fica bem usando calça — observou ele e passou os olhos pelo corpo dela. — Muito... hum... curvilínea — emendou ele e sorriu, fazendo um gesto com as mãos.

Isso a fez se calar. Ela corou com um tom rosa forte e não se falou mais sobre namorados.

Ela *realmente* ficava bem usando calça, mas ele não estava impressionado com aquela novidade. Afinal, as garotas dos clãs usavam calças.

Nos Campos, contavam-se histórias sobre minúsculas e belas ninfas da floresta que prendiam você em armadilhas e o desafiavam com charadas. Rebecca poderia ter sido uma personagem em qualquer delas. A cintura era tão fina que ele podia medi-la com as próprias mãos, mas havia uma dureza nela que o atraía.

Ele a fitou de esguelha e se perguntou como seria beijá-la.

Deixe-a em paz, Alister, pensou ele. Você já teve problemas demais. Não importa quem ela seja, tem amigos poderosos.

— Vou deixá-la no Caminho das Rainhas — disse ele, puxando-a pela mão e empurrando-a entre as carroças de entrega e multidões de trabalhadores e lojistas na rua estreita. — Tem muito tráfego a esta hora do dia e deve ser seguro. Você pode voltar para o castelo com facilidade.

— Estou bem sozinha, sabe? — falou Raisa e empinou o nariz.

Ele bufou.

— Certo. Você estava bem quando eu a encontrei no beco. Cat e os outros teriam engolido você viva.

— Por que você me salvou? — perguntou ela. — Quero dizer, eu fugi.

Algumas vezes, Rebecca parecia muito inteligente e, outras, ela dizia as coisas mais tolas.

— Fui eu quem a arrastou do Templo de Ponte Austral — falou ele. — Se cortarem sua garganta, eu vou levar a culpa. Já tenho problemas assim em número suficiente.

— Você vai tentar resgatar os Trapilhos, não vai? — disse ela. — Os que foram levados pela Guarda.

Pelos dentes de Hanalea! Ele tinha que se livrar dela enquanto lhe restavam segredos.

— De onde você tirou essa ideia? — perguntou ele.

— Você vai, não vai? — insistiu ela.

— Ora, isso seria uma tremenda estupidez, não seria? — perguntou Han. — Você acha que sou idiota?

— Não. Você acha que é culpa sua eles terem sido levados. Mas não é, se você for inocente.

Ela quase tropeçou na calça comprida, e ele agarrou seu braço para equilibrá-la.

— Então agora você acha que sou inocente, é?

— Do assassinato dos Austrinos, pelo menos — disse ela e lançou um olhar severo que dizia que ele ainda era culpado de muita coisa. — Eles vão pegar você, se você tentar, sabe? Eles devem estar esperando esse tipo de coisa. Provavelmente por isso pegaram os outros, para começar. Para atrair você para fora do esconderijo.

Como se ele não soubesse disso.

— Bem, você não tem que se preocupar, não é? — Mais alguns quarteirões e ele partiria e...

Subitamente, ela firmou os calcanhares e praticamente deslizou até parar, seus olhos se iluminando com algum novo plano.

— Leve-me de volta ao Templo de Ponte Austral — ordenou ela, como a maldita duquesa de Feira dos Trapilhos. — Eu me esqueci de uma coisa.

— Você está *raciocinando* direito? — perguntou ele em voz mais alta do que pretendia, e os passantes se viraram e olharam para os dois. — Acabamos de vir de lá — falou ele e fez um esforço para baixar a voz. — Eu acabei de fugir de lá e não vou voltar.

— Você vai ter que voltar de qualquer jeito para libertar os Trapilhos — falou ela. — A Casa da Guarda de Ponte Austral fica bem perto do templo — emendou ela.

Como se ele não soubesse *disso*.

— Não. Você vai para casa. Se quiser mesmo me ajudar, vai manter sua boca fechada sobre todas as coisas que aconteceram.

Ela apertou os lábios numa linha fina e se empertigou até o máximo que sua altura permitia.

— Ótimo. Parto para o Templo de Ponte Austral sozinha, então.

Era um daqueles pesadelos que pioram até você achar que vai morrer ou explodir uma veia, mas você não consegue acordar. Era seu maldito azar fazer uma louca de refém.

Ele olhou ao redor, mas não havia como arrastar a menina a parte alguma com as ruas tão cheias.

Ele teve a ideia de jogá-la no rio e ver se ela afundava. Em vez disso, levantou a gola e acompanhou-a com passos arrastados, resmungando, de volta a Ponte Austral.

CAPÍTULO CATORZE

DO LADO ERRADO DA LEI

Apesar de todos os problemas que ela tivera nos últimos dois dias — o rapto, as ameaças e os roubos, a chuva, a poeira e todo o restante —, a liberdade intoxicara, enfeitiçara e deixara Raisa perplexa. Ela caminhou pelas ruas, vestindo os calções e a camisa, anônima para os cidadãos ao redor dela, e assimilou os detalhes da vizinhança colorida, conhecida como Feira dos Trapilhos.

Colorida era a palavra exata. Também era fedida, barulhenta, vistosa e, no fim, interessante. Fértil de possibilidades e de risco. A bolha que normalmente protegia a princesa-herdeira de Fells havia estourado, e múltiplas sensações a invadiram: visões, odores e agitação bruta do reino que ela deveria governar um dia.

Raisa batalhou com a ideia de que eram apenas o contexto e as roupas que a faziam ser reconhecida. Será que isso era realmente tudo que ela era: a ocupante casual de uma posição na linhagem de rainhas? Seria possível escolher uma garota nas ruas, vesti-la e colocá-la em seu lugar? Será que ela tinha alguma habilidade natural para desempenhar aquela função?

A Guarda estava em cada rua, cheia de armas e fanfarronice. Ainda assim, ninguém a reconhecera. Não havia nenhum sinal de que seu desaparecimento fosse do conhecimento de todos. Confusa, ela parou e pediu ao proprietário de uma loja que varria os degraus para lhe contar as novidades.

— Alguém falou que houve um sequestro — disse ela. — É por isso que a Guarda está por toda parte?

O proprietário balançou a cabeça.

— Não sei nada sobre sequestro. São os assassinatos em Ponte Austral. A Guarda está revistando cada taberna, estalagem e armazém em Feira dos Trapilhos. Ruim para os negócios, isso sim. E digo mais: se os ratos de rua querem matar uns aos outros, é melhor deixar. — O homem olhou ao redor e baixou a voz. — Dizem que foi o tal Alister Algema. Ele é um tremendo sanguinário.

Raisa não conseguiu deixar de olhar por cima do ombro. Algema a seguia a meio quarteirão de distância, como se esperasse não ser visto, *por* ela ou *com* ela, Raisa não tinha certeza.

De certa forma, era emocionante saber que ele voltara atrás dela, como na história de Hanalea e dos bandoleiros.

Mas isso não era uma história. Era real. E ela estava decidida a descobrir o que realmente estava acontecendo.

As torres de Ponte Austral agigantavam-se à frente dela. A Casa da Guarda ocupava parte da ponte, no lado de Ponte Austral. Era uma construção de pedra, sólida, baixa, com janelas minúsculas gradeadas. Um pátio pavimentado a cercava, com estábulos nos fundos para os cavalos. O estandarte do Lobo Gris voava mais acima, proclamando que este era o posto avançado da rainha, mesmo em meio à miséria de Ponte Austral.

A fila para a ponte era maior que o habitual. Meia dúzia de guardas fortemente armados estava parada em cada extremidade, e interrogava todos os que queriam atravessar. A barriga de Raisa se revirou. Sem dúvida, ela seria reconhecida por qualquer pessoa que fosse enviada especificamente para encontrá-la.

Num impulso, ela mudou de rota e foi até uma padaria. Seu interior era relativamente limpo e bem-conservado, e pães doces, tortas de carne e tortas doces estavam expostos. O garoto atrás do balcão vestia uma touca de lã vermelha frouxa para prender os cabelos.

— Um bom dia para você — disse ela. — Eu gostaria de oito pães doces embrulhados para viagem e do seu chapéu.

Após uma breve negociação, Raisa deixou a loja com oito pães doces na mão, e os cabelos enfiados dentro da touca do garoto.

Provavelmente vou terminar com coceira, pensou ela.

Algema estava esperando por ela do lado de fora. Ele agarrou o pulso dela e puxou-a até a entrada.

— O que. Você. Está. Fazendo? — sussurrou, com o rosto a centímetros do dela. De perto, ela viu que os olhos azuis dele tinham manchas douradas, que os cílios eram cheios e claros, os hematomas em seu rosto adquiriram uma cor mais clara, e ele tinha vestígios de barba loura no queixo.

Ela ergueu a saca com os pães.

— Sou a garota da padaria — retrucou Raisa.

— Isso não é uma brincadeira — disse Algema. — Você tem que se entregar aos casacos azuis na ponte. Diga-lhes que você é a garota que foi raptada no templo. E volte para casa.

— Tenho que fazer uma coisa primeiro.

— Preste atenção. Eu não posso cruzar a ponte enquanto ela estiver cheia de casacos azuis — disse ele. — Não posso ajudá-la se você se meter em encrencas em Ponte Austral.

— Ótimo. Estamos resolvidos. Estou por conta própria, certo? — disse Raisa, e pensou: Você não pode me ajudar aonde vou.

Ela conseguiu se livrar dele e caminhou para a extremidade mais próxima da ponte. Olhou para trás uma vez para ver que ele a observava, com as mãos enfiadas nos bolsos e uma expressão zangada no rosto.

Foram precisos uns bons dez minutos para chegar à fila. Raisa bateu o pé com impaciência, ansiosa para passar pelos guardas de uma vez. Ela não estava acostumada a ter que esperar.

Na guarita, ela se abaixou com uma mesura diante dos guardas, como vira outras pessoas fazerem.

— Qual é o seu nome e o seu ofício, garota? — quis saber o guarda enquanto se coçava num local impróprio.

— Rebecca Morley, Excelência — disse Raisa e fitou o chão, ainda temendo ser reconhecida. — Quero vender meus pães do outro lado do rio.

— Pães, você disse? Vejamos.

Raisa abriu a saca com os pães sem dizer uma palavra e estendeu-a na direção do soldado. Ele enfiou a mão suja dentro da saca e retirou um pão. Deu uma mordida, sorriu em aprovação e pegou outro.

As bochechas de Raisa arderam, e foi necessário todo o seu autocontrole para não puxar a sacola de volta. Se ela fosse realmente uma garota da padaria, o custo dos pães sairia do próprio bolso.

— Isso é bom — disse o soldado, que devolveu a saca desfalcada e limpou a boca com a manga. — Guarde uns para mim quando você cruzar de volta. — Ele fez um gesto para que ela prosseguisse e sorriu.

Raisa bufou durante toda a travessia da ponte. Então *este* era o rosto da rainha para o povo. De um ladrão comum e encrenqueiro. Não admirava que Amon considerasse a rebelião uma possibilidade.

No lado de Ponte Austral, o templo erguia-se em um dos lados do Caminho das Rainhas, e a Casa da Guarda ficava do outro, como emblemas do bem e do mal. Raisa recostou-se na parede do templo e examinou a Casa da Guarda. Ela parecia inexpugnável, e suas janelas se assemelhavam a olhos apertados, que a fitavam com desprezo. Não havia meio de Algema e seu bando entrarem e saírem dali.

Pelo menos, ela poderia descobrir se o que eles disseram era verdade: se realmente mantinham três Trapilhos na Casa da Guarda, e se eles realmente os torturavam.

Ela respirou fundo e tentou se concentrar em sua tarefa, como Elena sempre aconselhava. Depois, ela cruzou o caminho até a porta da Casa da Guarda.

O guarda solitário à porta examinou-a com ar entediado. Na sala dos guardas, nos arredores, alguns soldados jogavam dados e cartas.

— O que você quer? — rosnou ele.

— Eu... ah... é a minha irmã, Sarie — disse Raisa com voz chorosa. — Ela foi levada pelos cas... pela Guarda da Rainha no outro dia. Em Feira dos Trapilhos. Disseram que ela estava aqui. Eu trouxe o jantar para ela, só isso. — E balançou a saca da padaria.

O guarda agarrou-a e tirou dela.

— Vamos fazer com que chegue a ela — falou e fez um gesto para que ela fosse embora.

— Por favor, senhor — insistiu Raisa. — Eu tinha esperança de que pudesse vê-la, sabe? Faz três dias e quero saber como é que ela está. Ela tem andado doente, e três dias no xadrez não devem fazer bem a ela.

— Sem visitas. — Ele apertou os olhos, desconfiado. — Você já deveria saber disso.

Raisa puxou a manga dele, ele deu um tapa para afastar a mão dela e segurou o punho da espada.

— Fique longe, sua maldita...

— Por favor. Tenho um pouco de dinheiro, senhor — falou Raisa com voz trêmula. — Não é muito, é um pouco, e...

O guarda virou-se novamente para ela, e o interesse iluminou seu rosto.

— Se você tem dinheiro, vamos ver, então.

A mão do guarda serpenteou para a frente. Ele segurou a gola da camisa dela e a puxou para perto dele.

— Não brinque comigo, garota. — Ele afastou o punho imenso, e a boca de Raisa ficou seca de medo, mas depois uma voz veio de trás do guarda.

— Deixe a garota entrar, Sloat. Deixa eu dar uma olhada nela.

Sloat soltou-a e deu um passo para o lado.

O homem que havia falado estava sentado à mesa perto da fogueira, com pratos gordurosos, cartas de baralho e algumas canecas vazias diante dele. Ele tinha um rosto fino e cruel, olhos castanhos cor de lama, cabelos lisos que chegavam aos ombros. E vestia o uniforme azul da Guarda da Rainha, e as barras na gola diziam que era sargento.

— Venha até aqui, garota — disse o sargento e fez um gesto para ela, acompanhado de um sorriso que fez com que o estômago de Raisa se revirasse.

Relutante, ela cruzou o cômodo e parou diante dele, mantendo os olhos baixos. Por que achara que aquela era uma boa ideia?

— Você é a irmã mais nova de Sarie, não é?

Ela assentiu sem dizer nada.

Ele segurou o pulso dela, torcendo-o com força.

— Fale quando falarem com você, garota.

Raisa perdeu o fôlego por causa da dor, e as lágrimas afloraram a seus olhos.

— Sim, senhor. Sou a irmã de Sarie. — Ela estendeu a saca da padaria com a outra mão, como se fosse um escudo. — Trouxe o jantar dela, senhor.

— A tal Sarie, dos Trapilhos? — continuou o sargento.

Ela olhou rapidamente para a frente, depois desviou os olhos.

— Trapilhos, senhor? O que é isso?

O sargento deu uma risada, soltou o pulso dela e tomou um gole de cerveja.

— Qual é o seu nome?

— Rebecca, senhor.

— Você é uma coisinha muito bonitinha, Rebecca. Quantos anos tem?

Raisa considerou rapidamente uma idade. Ser mais jovem era melhor, decidiu ela.

— Tr-treze anos, senhor — disse ela e curvou os ombros, tentando lembrar-se de como era uma garota de 13 anos.

— Ah. — O guarda abriu um sorriso. — Você gostaria de ver a sua irmã, então?

— Gostaria, senhor.

O sargento ficou de pé e segurou-a pelo braço.

— Vamos, então.

Sloat começou a resmungar um protesto.

— Sargento Gillen, eu já avisei a ela que não tem visitas.

— Cale a boca, Sloat — disse Gillen. — Vamos abrir uma exceção neste caso.

Ele a empurrou pelo corredor comprido ladeado por portas de madeira de aparência sólida, e os pés dela tocavam o chão apenas a cada três passos. Durante todo o caminho, Raisa continuava pensando: este é o brutal sargento Gillen. O homem sobre o qual murmuravam os Trapilhos. Aquele do qual Amon falou, que bate nas pessoas na rua. Onde foi que eu me meti?

No fim do corredor, via-se um portão de metal e, além dele, outra porta de madeira que Gillen abriu com uma grande chave de metal. Gillen conduziu-a por ambos, parou por tempo suficiente para acender uma tocha e, depois, empurrou-a por uma escada estreita até o porão.

Raisa estremeceu com medo e frio. O porão era gelado e úmido, e ela sabia que eles deviam estar bem perto do rio, por causa do mau cheiro.

Ou talvez fosse o mau cheiro da morte ao redor dela. Era um lugar ruim, onde se faziam coisas ruins. Imagens trágicas circulavam por sua mente. Ela sentiu pânico, claustrofobia, e soube que tinha que sair dali.

— Sabe, senhor, estou pensando que talvez seja melhor eu voltar amanhã — disse ela, dando meia-volta na direção dos degraus.

— Anda, mocinha, estamos quase lá. — Gillen segurou o pescoço dela e empurrou-a com tanta força que ela quase caiu.

Instintivamente, ela soube que qualquer súbita alegação de fazer parte da realeza seria tratada com indiferença. Na improvável chance de ele acreditar nela, não hesitaria em estrangulá-la até a morte e jogá-la no rio para evitar que ela voltasse para o Castelo de Fellsmarch com aquela história. Gillen tinha o coração de um assassino sob o uniforme azul.

Ela pensara naquilo como uma aventura, algo que Hanalea faria. Acreditara compreender os riscos que andara correndo e se enganara.

Será que Hanalea ficara com medo ao enfrentar o Rei Demônio? Raisa sentia muito medo agora.

Mais adiante, havia uma grade de metal parafusada na pedra com uma imensa tranca de um dos lados. Quando a luz da tocha derramou-se sobre a porta da cela, Raisa pôde ver corpos se movendo no escuro à frente.

Eram uma garota e dois garotos, com 15 ou 16 anos, talvez, embora fosse difícil de dizer. Eram magros e estavam sujos, e apanharam tanto que mal se podia reconhecê-los como humanos. Eles não se inclinaram para a frente, como era de se esperar, mas se apertaram em um dos cantos, como se esperassem escapar do olhar de Gillen.

Raisa ficou enjoada e furiosa por saber que o que Algema dissera era verdade.

— Ei, Sarie — cantarolou Gillen, abrindo a porta. — Trouxe companhia para você.

— Vai *embora* — foi o sussurro que se ouviu no escuro. — Não podemos dizer o que não sabemos. Não vemos Alister há meses.

— Anda, não faz assim — disse Gillen com voz melosa. — Tem alguém aqui para ver você.

— Quem é que viria me ver? — quis saber ela.

— Tenho a pequena Rebecca aqui, docinho. Ela trouxe o jantar.

— *Quem?* — Tomada pela curiosidade, Sarie arrastou os pés e saiu da sombra na direção da luz. Ela era alta para a idade, com quadris e ombros largos. Não parecia nem um pouco ser da família de Raisa.

— Agora que sua irmãzinha está aqui, acho que vamos chegar a algum lugar — disse Gillen com um sorriso que fazia os ossos gelarem. Ele apertou ainda mais o braço de Raisa. — Talvez se eu a colocar no banco da tortura, isso solte a sua língua.

Sarie fitou Raisa de boca aberta e voltou a olhar para Gillen.

— Quem diabos é ela?

Nas histórias, a rainha Hanalea derrotava o poderoso Rei Demônio por meio da força de seu caráter e do poder da bondade.

Nos Campos dos clãs, falavam sobre os pequenos superarem os fortes por meio da força de uma mente concentrada.

Amon Byrne mostrara a Raisa técnicas de luta de rua para desarmar um oponente maior e mais forte.

Raisa era inteligente o suficiente para saber que suas chances de dominar alguém como Mac Gillen eram muito pequenas. Mas quando uma pessoa não tem nada a perder, se está lutando pela própria vida, isso pode fazer a diferença.

Quando ela bateu os dois pés nos joelhos de Mac Gillen, sabia que era improvável que o incapacitasse. Tinha esperança de que seria o suficiente para distraí-lo.

E ela conseguiu. Ele gritou como um porco preso e caiu, agarrando os joelhos e xingando.

— Peguem-no! — gritou Raisa imprudentemente, girando nos pés. — Para cá! Andem!

Com a força que nasce do desespero, os três Trapilhos pularam sobre Gillen e o arrastaram para o chão, dando socos e pontapés com toda a força que reuniram. Gillen era como um urso imenso sendo atacado por coiotes que empurravam, mordiam e rosnavam, mas que faziam pouco estrago.

As mãos de Gillen seguraram o pescoço de Raisa; ele apertou e interrompeu a respiração dela. A garota se contorceu e girou, mas não conseguiu se libertar. O sangue pulsava em seus ouvidos e manchas nadavam diante de seus olhos e se fundiam em formas semelhantes a lobos.

Então, alguém surgiu no meio deles, e a pressão no pescoço diminuiu.

Inspirando profundamente, Raisa esticou a mão para pegar a tocha que havia caído e a enfiou, queimando ainda, no rosto de Gillen. Ele gritou de dor e de raiva e parou de bater em um dos garotos. Subitamente, parecia menos interessado em bater neles até a morte e mais interessado em chegar até a porta. Raisa prendeu o tornozelo dele com um dos pés e fez com que ele se esparramasse no chão, e Sarie ergueu um pesado penico de ferro e bateu na cabeça dele.

Gillen finalmente ficou imóvel.

CAPÍTULO QUINZE

ESTRANHOS COMPANHEIROS

Amon Byrne não era o tipo de pessoa que pensava demais nas coisas. Normalmente, tomava uma decisão e seguia em frente. Mas daquela vez era diferente. Ele havia repensado todas as suas decisões, durante os dois últimos dias, mais do que fizera antes em toda a vida.

Eles só foram libertados do gabinete de Jemson na manhã seguinte ao rapto de Raisa.

Àquela altura, o rastro já tinha esfriado. Amon enviara os Lobos Gris correndo até Feira dos Trapilhos para procurar algum vestígio de Alister Algema ou Raisa, enquanto ele ia direto até o pai para confessar o que havia feito.

Ele encontrou o pai tomando o café da manhã, sozinho, como era seu hábito. Assim que as primeiras palavras saíram da boca de Amon, o capitão Byrne parou de comer, recostou-se e ouviu, com expressão severa, fazendo uma pergunta aqui e ali.

Quando Amon terminou, o pai jogou o guardanapo na mesa e enviou o ordenança para levar os soldados de serviço para a sala da guarnição.

Amon ofereceu a espada ao pai, com o punho virado para ele.

— Lamento, senhor — falou ele rigidamente. — Nesse momento, entrego meu coman...

— Pode manter — rosnou o pai. — Provavelmente, você vai precisar.

— Senhor? — gaguejou Amon, confuso. — Mas... quando a rainha ouvir...

— As rainhas Lobo Gris são obstinadas — disse o pai. — Ninguém sabe disso melhor do que eu. A tarefa mais difícil que um guarda enfrenta é dizer não à soberana quando sabe que isso pode resultar em sua dispensa, prisão ou morte. — Ele fitou Amon com seu olhar aquilino. — Mas, algumas vezes, é necessário dizer não. Você deveria ter dito para a princesa-herdeira.

— Mas como fazer isso, senhor? — Amon devolveu a espada à bainha. — Quer dizer, nós servimos à rainha, e então...

— Servimos à *linhagem* das rainhas — disse o pai. — Servimos ao trono. Algumas vezes, o indivíduo faz uma escolha ruim.

Amon fitou o pai.

— Mas isso não é... não é...

— Traição? — O capitão Byrne esboçou um sorriso. — Alguns diriam que sim. Quem somos *nós*, afinal? — Ele se levantou, caminhou até a lareira e cutucou o fogo com um atiçador. O arranjo cuidadoso das lenhas desfez-se numa fonte de centelhas.

— Nós, os Byrne, estamos aqui por causa de um pacto feito com Hanalea, a primeira desta linhagem teimosa — disse o pai, fitando o fogo. — É um negócio arriscado, com certeza, mas todos ficaremos bem desde que nossos olhos estejam voltados para o bem da linhagem e o bem do reino.

— Mas... nem todos na Guarda estão preocupados com o bem do reino — disse Amon e pensou em Mac Gillen.

O pai assentiu.

— Foi-se o tempo em que o capitão escolhia cada um dos homens e mulheres que enviava para a Guarda. Não é mais assim. A política passou a ser importante. Eu não escolhi Mac Gillen e não consegui dispensá-lo, por mais que tenha tentado.

Quem escolheu Mac Gillen? Amon queria perguntar. Mas não o fez.

— O que... o que vamos fazer, senhor? — perguntou ele.

O pai continuou a fitar as chamas, com o rosto rígido e indecifrável.

— Vamos arriscar tudo para proteger a linhagem.

— O que o senhor quer dizer?

— O rebatizado da princesa-herdeira é no verão. Depois disso, ela poderá fazer uma aliança por meio do casamento. — O pai deu meia-volta e reclinou-se sobre a cornija, parecendo mais severo do que Amon jamais vira. — Pode ser melhor para a defesa de Fells a longo prazo se a princesa-herdeira se casar com um príncipe do sul. Mas os reinos do sul são conservadores. Se descobrirem que nossa princesa foi feita prisioneira por um ladrão de rua por uma noite, isso pode afetar suas chances de fazer um bom casamento.

Amon sentiu um aperto no estômago. Ele pensou em Alister Algema, com a faca no pescoço de Raisa, que se recusou a trocar de refém. Ele se pegou gaguejando de modo incoerente:

— Ele não... se ele encostou um dedo nela, se há...

O pai ergueu a mão.

— Os fatos são menos importantes que a percepção, no que se refere aos contratos matrimoniais, cabo.

Os fatos são importantes para mim, pensou Amon.

— Eles... eles não nomeariam Mellony herdeira, nomeariam? Se Rai... se a princesa-herdeira for violada — disse ele, sem saber ao certo quem poderiam ser "eles".

Edon balançou a cabeça.

— Eles podem tentar, mas não podemos permitir isso. Mellony não é a herdeira da linhagem, enquanto Raisa viver. A Naéming não reconhece a política. Espero que Sua Majestade não seja influenciada... — a voz dele falhou. — Precisamos desesperadamente de uma rainha forte — falou baixinho e esfregou a testa como se estivesse doendo.

— Pai — disse Amon, ansioso para voltar a seu assunto —, quando você disse que nós arriscaríamos tudo para proteger a linhagem, o que queria dizer com isso?

O pai voltou a fitá-lo.

— É isso: nós *não* vamos anunciar que a princesa está desaparecida. Vamos enviar a Guarda para procurar Rebecca Morley — era o nome que você disse que ela estava usando, não era? —, que combina com a descrição da princesa, levada do Templo de Ponte Austral por Alister Algema. Diremos que Rebecca vem de uma família abastada, mas queria fazer boas ações para os pobres. Ofereceremos uma recompensa generosa por informações.

Amon não tinha certeza de entender.

— Mas... nós vamos contar a verdade para a rainha?

O pai olhou fixamente em seus olhos.

— Não.

Amon não conseguia acreditar. Seu pai, a alma das obrigações e da justeza, estava propondo uma imensa mentira, que poderia ter consequências terríveis se desse errado. Saberiam que o capitão pusera a princesa-herdeira em risco para proteger o próprio filho. Poderia ser o fim de sua carreira.

— Lembre-se do que eu disse. Somos obrigados a preservar a linhagem, custe o que custar. Se este Alister Algema souber com quem está, deixará a princesa-herdeira em risco maior ainda. Ele poderia ficar assustado o suficiente para matá-la no ato. Ele poderia atravessar a fronteira com ela e vendê-la para algum príncipe do sul. Ou alinhar-se com os inimigos do Lobo Gris.

— Se ela ainda estiver viva — Amon forçou-se a dizer. — Já faz muitas horas.

— Ela está viva — disse o pai. — Eu saberia se a linhagem fosse quebrada. E você também saberá, assim que for verdadeiramente nomeado. — O pai pôs a mão no ombro de Amon e interrompeu as perguntas dele. — Sei que a rainha o colocou na Guarda, mas qualquer um pode ser colocado, como eu já disse. Isso é diferente.

Ele não disse mais nada, mas Amon ficou satisfeito por acreditar na palavra do pai. Satisfeito por não ter que usar a frase "Se Raisa ainda estiver viva" em cada especulação.

— Mas... mas como explicaremos o desaparecimento de Raisa? — insistiu Amon. Ele estava um pouco aliviado por não ter que encarar a rainha de imediato, mas pouco convencido de que isso fosse funcionar. — Devem estar sentindo falta dela. Provavelmente já estão em pânico.

— Averill Demonai vai nos ajudar — disse o pai. — Ele dirá que Raisa foi para o Campo Demonai para um... ritual de pré-rebatizado. Muito secreto e muito sagrado. Lorde Bayar ficará furioso, mas podemos viver com isso. — Um sorriso se esboçou em seu rosto.

— Por que Averill faria isso? Ele é pai dela. Tem que estar preocupado.

— Ele vai querer manter segredo pelas mesmas razões que nós: pelo bem da filha e pelo bem da linhagem.

— O que você gostaria que eu fizesse? — perguntou Amon humildemente, e sabia que não merecia nenhuma função nisso, mas desejava desesperadamente uma.

— Você vai vasculhar Feira dos Trapilhos e Ponte Austral. Usará seus contatos. Mencionará a recompensa nas tabernas e estalagens. Afinal, você conhece as ruas, conhece Raisa, pode identificar Alister Algema, e isso é importante, pois a maior parte dos integrantes da Guarda nunca viu a princesa em carne e osso.

Durante os dois dias seguintes, Amon percorreu as ruas, dia e noite, sobretudo em Feira dos Trapilhos, pois era território dos Trapilhos e Alister Algema fora visto cruzando a ponte com Raisa imediatamente após o confronto no estúdio. Amon distribuiu dinheiro em tabernas, mas nunca bebeu. Ele conversou com um sem-número de pessoas, perguntou por "Rebecca Morley", descreveu-a em detalhes e mostrou um desenho secreto de Raisa que a irmã dele, Lydia, fizera para ele.

Amon continuou andando para que não tivesse que pensar. Quando ele *pensava*, a culpa o invadia.

Ele foi o único responsável pela fuga de Alister Algema, para começar, naquele dia em que o prenderam do lado de fora de O Barril e a Coroa. E, ao prosseguir com o plano de Raisa de ir até o Templo de Ponte Austral, ele a colocara no estúdio de Jemson quando Alister Algema irrompeu porta adentro.

E, finalmente, sua decisão de confrontar o rapaz ali mesmo no templo resultara no rapto de Raisa.

É claro, havia uma chance de que agora Raisa já tivesse dito ao dono da rua quem ela era. Amon podia imaginar a conversa, mas não podia imaginar o que aconteceria em seguida, a não ser, algumas vezes, em pesadelos. Por isso, ele fazia o que podia para não dormir.

Consequentemente, Amon estava menos alerta que nos dias que se seguiram ao desaparecimento de Raisa enquanto percorria as ruas estreitas e os becos de Feira dos Trapilhos, mas ele não conseguia se importar.

Ele marcara um encontro com a Alcateia na ponte, ao meio-dia, para ver se alguém tinha notícias. Não estava otimista. Amon se aproximava do rio, caminhando por um beco estreito, quando alguém atrás dele chamou seu nome.

— Cabo Byrne.

Ele deu meia-volta. Era Alister Algema, em um pátio lateral, atrás de uma grade de ferro forjado. Meia dúzia de outros Trapilhos estavam agrupados atrás dele. Sem Raisa.

Amon correu na direção do rapaz e foi até a grade, que era fina demais até para que ele enfiasse a mão. Ainda assim, Alister Algema deu um passo para trás como se acreditasse que Amon pudesse, de alguma maneira, alcançá-lo.

— Onde está ela? — quis saber Amon, e procurou por algum caminho por cima ou ao redor da cerca. — O que você fez com ela? Se tocou nela, juro que...

— Você se refere a Rebecca? — Alister franziu a testa como se estivesse confuso.

— Isso. Rebecca. — A mente de Amon chegou rapidamente a uma conclusão. Então, o dono da rua não conhecia a verdadeira identidade de Raisa. — Quem mais eu estaria procurando, seu assassino, ladrão...

— Ela está na Casa da Guarda de Ponte Austral — disse Algema e inclinou a cabeça para a direita, na direção do rio.

— *Ponte Austral?* — Amon fez um esforço para controlar a voz. — O que ela está fazendo lá?

— Não sei exatamente o que está fazendo lá. — Algema apontou um de seus braceletes. — Mas ela entrou ontem e não saiu. Alguma coisa está acontecendo. Sabe, eu tinha esperança de que você pudesse dar uma olhada lá dentro. Para ter certeza de que ela está bem.

Amon estava confuso. Havia algum detalhe importante que o dono da rua não estava dizendo.

— Por que ela não estaria bem? — E por que Amon não tinha ouvido falar que ela fora encontrada?

Algema deu de ombros.

— Pra começo de conversa, Mac Gillen está lá dentro.

Mac Gillen era um brutamontes nas ruas, mas o que isso tinha a ver com Raisa?

— Como foi que ela entrou lá? — perguntou Amon, escolhendo as palavras com cuidado e tentando resistir ao impulso de bater na grade de metal entre eles. — A Guarda a encontrou ou ela escapou de você ou...

— Bem, acho que ela entrou lá para resgatar alguns Trapilhos do porão — disse o garoto. — Ela não foi muito específica.

— Ela entrou para resgatar... por que faria isso? — Amon segurou a grade de ferro e examinou o rosto do dono da rua. Será que ele estava mentindo? E, se estivesse, qual era o objetivo?

— Acho que ela se apegou a nós — disse Algema. — Sabe, o glamour da vida de uma gangue e todo o resto. Apanhar dia sim, dia não, ser preso por crimes que não cometeu, longas noites no xadrez, dormir no frio e na umidade. É... sedutor. — Ele ergueu uma das sobrancelhas.

Amon não podia deixar de pensar que Alister Algema escolhera aquela palavra de propósito. Ainda assim, apesar do tom irônico, o rosto do dono da rua estava pálido e ansioso sob a sujeira e os ferimentos, e ele praticamente vibrava de tensão.

Será que estava preocupado com Raisa?

Não. Ele não podia estar.

— Por que eu deveria confiar em você? Por que eu deveria acreditar em você sobre qualquer coisa? — indagou Amon.

Algema cuspiu no chão.

— Muito bem, então. Se for arriscado demais para você entrar na própria Casa da Guarda e encontrar a namorada, eu mesmo vou. Só achei que você poderia ter uma

recepção melhor. — O rosto dele assumiu uma expressão severa, e os olhos azuis brilharam de raiva.

Amon acenou com a mão, sem querer perder Alister Algema agora que o tinha sob os olhos. Mesmo que ele estivesse irritantemente fora de alcance.

— Olhe — disse Algema e esfregou o queixo. — Desculpe por pegar sua namorada. Não quero que ela se machuque. E quanto mais tempo você esperar, mais provável é que isso aconteça. Não sei o que mais posso dizer.

— Você fica aqui — disse Amon. — Não se mova. — Como se ele tivesse algum poder para obrigá-lo.

— Muito bem — disse Algema e deu um sorriso torto. — Você vai. Ficarei esperando aqui.

Amon deu meia-volta e correu até a ponte, mas não dera mais que alguns passos quando voltou a ouvir seu nome.

— Amon! Cabo Byrne! Onde você esteve? Não deveríamos nos encontrar ao meio-dia?

Ele se virou e encontrou os cadetes Lobos Gris agrupados ao redor do pilar da ponte.

Num impulso, Amon falou:

— Venham comigo até a Casa da Guarda. Ouvi dizer que há problema por lá.

Eles avançaram até o início da fila para a ponte. O guarda de serviço cumprimentou.

— Vocês são os reforços? — perguntou ele e fitou os companheiros de Amon.

— Isso — disse Amon. — Os reforços. Qual é o problema?

— Não faço ideia. Algum tipo de revolta de prisioneiros.

Amon cruzou a ponte a passos largos, o que reduziu o número de perguntas da Alcateia. A porta para a Casa da Guarda estava parcialmente aberta. Alguns guardas estavam parados do lado de fora, armados com porretes. Amon diminuiu o passo e se aproximou cautelosamente pela lateral. Quando olhou da moldura da porta, viu um punhado de guardas reunidos no fim do corredor que conduzia às celas.

— O que está acontecendo? — indagou Amon e levou os outros para dentro. — Onde está o sargento Gillen?

— Cabo Byrne, graças ao Criador — disse um dos guardas, muito satisfeito por passar a responsabilidade. — Os prisioneiros controlaram o bloco de celas ontem de

manhã. Eles obstruíram o portão e estão mantendo o sargento Gillen e alguns outros como reféns.

Amon piscou para eles.

— Como tudo isso aconteceu?

O homem deu de ombros.

— Não faço ideia. A garota novinha veio procurar a irmã, disse que ela estava presa nas celas. O sargento Gillen levou a garota até as celas.

— Uma garota novinha? Quem ela queria ver?

— Um dos Trapilhos que o sargento Gillen estava interrogando. Quando percebi, já estava uma confusão, e os prisioneiros estão exigindo um meio de sair ou cortarão a garganta de Gillen.

Bem, pensou Amon, seria uma vergonha sacrificar o sargento Gillen pelo bem do reino. Em voz alta, ele falou:

— Quem é o representante deles?

— A garota e a irmã, acho. Não sabíamos o que fazer, por isso esperávamos uma ordem do capitão.

— O capitão Byrne me mandou... hã... investigar. — Amon enfiou a cabeça no corredor. Os prisioneiros haviam prendido tochas de cada lado do portão e isso o ofuscava, portanto ele não podia ver além. — Vocês! Nas celas! Aqui é o cabo Byrne. Preciso conversar com vocês.

— Cabo Byrne? Sério?

Era a voz de Raisa, e Amon quase desmoronou de alívio. Ele não tinha ideia do que ela estava aprontando, mas, ao menos, estava viva, e longe das mãos de Alister Algema. Agora, tudo que ele precisava fazer era tirá-la dali sem revelar sua identidade nem levantar um monte de perguntas que ele não queria responder.

— Sim — falou. — Ah... quem é você? — Parecia a pergunta mais segura.

— Sou a irmã de Sarie, Rebecca — disse ela, hesitando um pouco ao dizer o nome.

— Sou o oficial em comando — disse ele e pareceu tolo ao dizer isso. — Trégua para uma reunião?

Ele ouviu um burburinho de conversa, mais como uma discussão, e então uma voz nova falou:

— *Você* vem até *nós*. Desarmado. Com as mãos para o alto. Se você tentar alguma coisa, vou cortar você feito um porco.

— Eu não faria isso, senhor — falou alguém atrás dele. — Eles simplesmente vão fazer você de refém também. Seria melhor matá-los de fome, é o que digo.

Amon desembainhou a espada e entregou-a a um dos guardas.

— Estou indo — gritou ele. — Desarmado. Em trégua — acrescentou, como um lembrete. Durante todo o tempo, ele se perguntava como isso acabaria e ficou imaginando o que seu pai faria.

Caminhou lentamente até o corredor, com as mãos no alto. Quando chegou ao portão, parou. A voz rouca de uma garota disse:

— Anda. — E ele passou entre as tochas, com a pele pinicando e esperando a qualquer momento sentir uma espada o atravessando.

Quando ele entrou no bloco de celas, quase foi dominado pelo fedor de urina e de corpos sujos e pelo cheiro metálico de sangue. Enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão, ele viu que estava rodeado por cerca de duas dúzias de prisioneiros de todas as idades: desde crianças até um velho cadavérico, com cabelos emaranhados, que ficava fitando as mãos e murmurava para si mesmo. Alguns estavam recostados na parede e pareciam doentes ou feridos.

Dois prisioneiros deram um passo à frente. Um era uma garota mais alta, que vestia um uniforme da Guarda que não lhe caía bem. Seu rosto estava coberto de ferimentos, o nariz, quebrado, e aqueles eram apenas os machucados que ele podia ver. Ao lado dela estava Raisa, que segurava uma espada curta e vestia calça e camisa, com o cabelo enfiado dentro de um gorro de menino como algum escudeiro errante de um cavaleiro. O pescoço estava manchado de hematomas e havia um corte irregular sobre a bochecha. Ela ergueu os olhos verdes para ele, arregalados, e o dedo sobre lábios.

— Eu sou Rebecca — disse ela, caso ele tivesse esquecido. — Esta é Sarie.

Naquele momento, Amon não sabia se a abraçava ou estrangulava. Então, ele preferiu o meio-termo.

— Onde estão o sargento Gillen e os outros guardas? — perguntou.

— Estão trancados e seguros nas celas — disse a garota alta, Sarie, e deu um sorriso satisfeito.

— O que é que você quer? — perguntou Amon.

— Queremos sair em segurança do xadrez, para começar — disse Sarie. — Queremos que a Guarda desista de nos fazer confessar algo que não fizemos.

— Queremos Gillen mandado pra outro lugar — disse Raisa. — Mande-o para a fronteira, onde as pessoas revidam.

— Mate-o! — gritou alguém no fundo da multidão. — Aí não tem chance de ele voltar.

— Ah. — Amon limpou a garganta. — Será que eu poderia falar um minuto com Rebecca? Em particular?

Sarie olhou de Amon para Raisa e balançou a cabeça.

— Se você tem alguma coisa a dizer, diga para todos nós.

A mente de Amon funcionou rápido.

— Muito bem. Posso tirar vocês daqui, mas vão ter que deixar as armas, e eu vou ter que tirar vocês sob escolta.

Irrompeu um protesto alto de todos os lados.

— Ouçam-me! — Para uma pessoa pequena, Raisa tinha uma voz autoritária. — Ouçam — repetiu ela. — Sei que vocês têm razão para odiar os casacos azuis. Mas conheço o cabo Byrne e sei que ele não mentiria para vocês. — Então, ela se virou para Amon e quis saber: — Por que temos que deixar as armas?

Amon inclinou-se para mais perto e falou de tal modo que apenas Raisa pudesse ouvir, ignorando os olhares maliciosos dos outros.

— Porque não pode parecer que estou libertando vocês — falou. — Os Bayar têm olhos e ouvidos em toda parte. Eles não ligam para Austrinos mortos, mas se parecer que estou soltando criminosos nas ruas, usarão isso contra o meu pai.

Sarie se meteu entre eles.

— E, por falar nisso, quem é você? — perguntou para Raisa. — Como é que você e o casaco azul são tão amiguinhos? Você disse que foi Algema quem a mandou, mas, até onde sei, ele pode estar morto. Tem um ano que não o vejo.

Amon estava perdendo a paciência.

— Se vocês todos não querem vir, ótimo. Vocês ficam aqui, mas Rebecca vem comigo. — Ouviram-se mais reclamações por toda parte, e ele acrescentou: — É pegar ou largar.

Depois disso, ouviu-se um clamor de "Ponham-no na cela com Gillen!" e "Estamos largando, então!"

Mas Sarie ergueu a mão e pediu silêncio, com os olhos fixos no rosto do cabo.

— Muito bem! — falou. — Mas levaremos nossas facas, escondidas debaixo do casaco. — Ela guardou a adaga sob o casaco. — E vou manter a garotinha perto de

mim. Se você tentar alguma coisa, ela vai ser a primeira a morrer. — Pôs um braço em volta de Raisa e puxou-a para mais perto, enquanto a outra mão repousava sobre a arma.

O impulso de Amon foi soltar Raisa à força e arrastá-la com ele, mas ela o fitou e balançou a cabeça, com um movimento tão leve que Sarie não percebeu.

— Muito bem — disse ele. — Deixa eu... me dê um minuto.

Ele se abaixou, passou pela porta, entre as tochas, e caminhou de volta para a entrada da Casa, dolorosamente consciente de que suas costas eram um alvo tentador.

De volta à sala de serviço, os outros guardas o encheram de perguntas, e ele teve que erguer uma das mãos para pedir silêncio.

— Eles querem uma audiência com o capitão — disse Amon. — Para falar de suas queixas. Eu concordei. Por isso, vamos trazê-los para fora sob escolta. — Ignorando o murmúrio de surpresa e o protesto abafado, ele examinou a multidão e escolheu seus cadetes. — Mick, Hallie, Garret, Wode, Kiefer, venham comigo.

— Você quer que a gente pule em cima deles assim que você sair das celas? — perguntou um dos casacos azuis, afagando o porrete.

— Não. — Amon olhou ao redor da sala, fixando cada par de olhos. — Ninguém toca na própria arma. Eu quero tirá-los daqui sem derramar sangue. Qualquer soldado que faça um movimento para cima deles responderá por isso.

Ouviu-se um murmúrio de protesto, mas Amon acreditou que eles seguiriam as ordens.

Eles eram uma procissão bastante incomum, parecendo refugiados de alguma guerra com péssimo planejamento e provisões. Cerca de 25 prisioneiros caminhavam com dificuldade e arrastavam os pés, no meio, cercados pelos cadetes mais jovens de Amon. Eles marcharam pela sala de serviço e passaram pela porta, cruzaram o pátio e viraram na direção da Ponte Austral. Os guardas os observaram, perplexos, enquanto eles passavam. Os cidadãos saíram das ruas à frente deles, mas observavam das janelas e se inclinavam para fora das portas depois que eles passavam.

As batidas do coração de Amon diminuíram um pouco assim que eles cruzaram para o outro lado do rio. Marcharam direto para o Caminho das Rainhas, até que saíram da vista da Casa da Guarda.

— Virem aqui — ordenou, dobrando para uma rua lateral.

Eles caminharam para longe, viraram de novo, e Amon parou o cortejo.

— Muito bem — falou. — Vocês estão livres para ir. Só não parem no xadrez de novo, está bem? Isso seria difícil de explicar.

A maior parte dos prisioneiros deslizou rapidamente para as sombras e desapareceu.

Mas Sarie piscou para ele, depois olhou ao redor, desconfiada até os ossos.

— Simples assim? Você está nos soltando? Por quê?

Porque sua princesa-herdeira está ordenando, foi o que Amon pensou em dizer. *Porque sou um tolo. Porque ainda não aprendi a dizer não.*

— Porque maltrataram vocês — disse Amon. — Porque alguns de nós não acreditam em bater até alguém confessar.

— Que belo discurso, cabo. — E, simples assim, Algema estava ali com o restante dos Trapilhos. Os Lobos Gris se agruparam, com armas em punho.

— Não se preocupe — disse Algema e sorriu. — Cat e eu viemos apenas para recebê-los. — Ele fez um gesto com a cabeça para outro Trapilho alto, habitante das Ilhas Meridionais, com uma expressão de raiva no rosto.

— Vamos — disse Cat, e todos os Trapilhos, incluindo os três mantidos pela Guarda, espalharam-se pelas ruas nos arredores. Todos os Trapilhos, menos Algema.

Ele se aproximou, parou diante de Raisa e esboçou uma pequena mesura.

— Rebecca — disse ele —, bravo. Eu acredito que você é uma Trapilha de coração.

— Ela não é — disse Amon e se meteu entre eles. — Se com isso você quer dizer que ela é uma ladra e sequestradora.

— Amon — disse Raisa, pousando uma das mãos no braço dele.

— Acho que sua namoradinha não parece tão feliz em ver você — disse Algema e balançou a cabeça com tristeza. — Pensei que ela ia ficar agarradinha com você de felicidade, e nem um beijinho ela deu.

— Estou achando que você deveria pagar por sequestrá-la — disse Amon. — Quero saber o que você... — Ele engoliu com dificuldade. — Quero saber se você a machucou de alguma maneira.

— Eu estou *bem* — interrompeu Raisa e apertou os dedos nos músculos de seu braço. — Ele não tocou em mim.

Amon baixou os olhos para o rosto dela. Ela ergueu as sobrancelhas e fez um sinal para que ele deixasse para lá.

— E quanto aos Austrinos mortos? — prosseguiu Amon, incapaz de se controlar. — Me convença de que você não estava envolvido.

— Você vai me botar no banco da tortura, então, como os outros? — perguntou Algema, ainda sorrindo, mas de modo falso. — Vai arrancar minhas unhas? Esmagar meu...

— Para com isso! — disse Raisa com rispidez. — Amon não é torturador. Foi ele quem libertou seus parceiros do xadrez. Se não fosse por ele, eu...

— Eles não são *meus* parceiros — interrompeu Algema.

— Ótimo — disse ela e olhou de cara feia para ele.

— Ótimo — falou ele e revirou os olhos.

Amon estava começando a se sentir excluído.

— Você sabe que Gillen vai atrás de você novamente — disse ele para Algema. — Seria melhor você se entregar.

— Seria? Deixe-me pensar sobre isso... Não, obrigado — disse Algema. — Vou indo, então. Boa sorte com sua namoradinha, amigo. Acho que você vai precisar.

Corado pela raiva e a vergonha, tonto de alívio, Amon assobiou, chamando sua formação, e os homens se reuniram em volta dele, agitados como potros.

— Em primeiro lugar, todos fizeram um ótimo trabalho — disse Amon. — Vocês devem se orgulhar de ter feito isso sem derramar sangue. — Os cadetes da Alcateia se acotovelaram e sorriram. — Em segundo lugar, ninguém vai contar sobre o que aconteceu aqui. Não façam perguntas, pois não posso respondê-las. Isso é assunto da rainha. Quanto menos pessoas souberem, melhor.

Eles pareceram decepcionados, e Amon soube que a esperança de fanfarronices na taverna e rodadas gratuitas de bebida haviam evaporado.

— Agora vamos levar Rebecca de volta ao castelo — disse Amon. — Formação.

Amon marchou de volta com o pequeno exército pelo Caminho das Rainhas e virou na direção do Castelo de Fellsmarch. Os guardas caminhavam um pouco mais à frente e atrás, e davam a Raisa e Amon um pouco de espaço para conversar.

— O que é que está acontecendo? — sussurrou Raisa. — Minha mãe está furiosa, está preocupada, ou as duas coisas?

— Está furiosa — retrucou Amon. — A rainha está espumando de raiva, e lorde Bayar está fazendo todo tipo de ameaças. Mas não pelas razões que você imaginaria. Meu pai e lorde Averill disseram a ela que você voltou a Demonai para algum tipo de ritual dos clãs de rebatizado e vai passar a semana.

Raisa piscou para ele.

— Disseram? Por que disseram isso?

Amon limpou a garganta.

— Meu pai temia que se as notícias de que você passou a noite com um dono da rua se espalhassem, suas chances de casar poderiam... diminuir.

Ela olhou para ele.

— Eu sou a princesa-herdeira da linhagem de Fells — falou através dos dentes cerrados, com os olhos verde-escuros como o oceano profundo. — Qualquer príncipe ou nobre em todos os Sete Reinos deveria estar *encantado* em se casar comigo. Sem fazer perguntas.

A voz dela ficava cada vez mais alta, e Amon pôs um dedo em seus lábios.

— Shhh. Eu concordo, e meu pai concorda, mas os príncipes do sul têm... ideias antiquadas a respeito das mulheres — falou. — Eles acham que as noivas deveriam ser... puras... quando eles... Malditos ossos, Raisa, apenas confie em mim, está bem?

O rosto dele estava vermelho. Amon não deveria ter essa conversa com a princesa-herdeira de Fells. Era simplesmente errado.

— E nós queremos manter as opções abertas, pois achamos, quer dizer, meu *pai* acha, que poderia ser mais vantajoso para você casar com alguém do sul que com alguém do reino...

— E ele acha isso porque...

— Bem. Porque nós podemos precisar de aliados quando as guerras Ardeninas acabarem — disse Amon, pouco convincente. *E lorde Bayar parece ser contra isso*, acrescentou para si mesmo.

— Então agora o capitão da minha Guarda e um de seus oficiais estão planejando com quem eu deveria me casar — falou Raisa, naquela voz baixa que significa problemas. — E se preocupam com a minha reputação como duas tias velhas.

— De qualquer forma — completou Amon, apressadamente, e torceu para que a conversa se encerrasse rápido —, ele achou melhor evitar a coisa toda...

— Mentindo para a rainha?

— Bem, sim. Em linhas gerais. — Amon limpou a garganta, sentindo o sangue correr para o rosto.

Ela continuou a acompanhá-lo e dava dois passos a cada passo dele, franzindo as sobrancelhas escuras.

— Então, ninguém sabe sobre... sobre a viagem até Ponte Austral, o sequestro, ou qualquer coisa?

— Pessoas diferentes sabem de partes. A Guarda da Rainha anda procurando uma garota chamada Rebecca. Meus soldados pensam que você é minha... namorada. — Ele olhou por cima de Raisa. — O que Algema sabe?

Ela deu de ombros.

— Ele também acha que sou sua namorada, imagino — respondeu ela com ironia.

Amon sentiu uma centelha de otimismo.

— Então talvez dê certo — disse ele, olhando para ela e querendo pedir um resumo de tudo o que acontecera desde que ela fora levada do templo.

Alguma coisa tinha acontecido entre eles, Amon tinha certeza, e não gostava disso. Uma noite com Algema, e Raisa se transformara num tipo de criminosa. Então, ele disse:

— Você... você tem certeza de que está tudo bem? O tal... Algema... será que ele...?

— Eu? Estou bem — respondeu ela distraidamente. — Mas temos que fazer alguma coisa quanto à Guarda. Eles estão torturando as pessoas. Sabe aquele velho que saiu com a gente? Esteve naquela masmorra por 15 anos. Mac Gillen é um brutamontes sem coração.

— Então, você foi até a Casa da Guarda... para resgatá-los? — Amon ainda estava tentando entender.

— Fui para ver se o que Algema disse era verdade. Ele me contou que não se submeteria à justiça da rainha porque não há justiça. E ele tinha razão.

— Nem todos são como Gillen — disse Amon, sentindo que precisava defender a Guarda. — E você não pode acreditar no que o dono da rua diz. Ele é acusado de matar oito pessoas.

— Mas era verdade. O que ele disse. E não acredito que ele tenha matado aquelas pessoas. Ele acha que foram os Trapilhos. E faz um ano que ele não anda com a gangue.

Talvez tenha sido tudo encenação para te impressionar, pensou Amon, sem, no entanto, ousar dizer isso em voz alta.

— Se não foi ele, então, quem foi? — perguntou.

— Não sei — retrucou ela, irritada. — É você quem está na Guarda.

— Não se esqueça — disse ele — que ele a enviou para resgatar os amigos dele. E se você tivesse escapado de um dono da rua e fosse morta pela própria Guarda?

— Eu não escapei. Ele me deixou ir embora. E não me enviou. Eu fui por conta própria.

— Mas você não pode se arriscar dessa maneira — explodiu Amon. — As coisas já estão instáveis demais. Não podemos arriscar uma mudança na sucessão.

— A sucessão. A *maldita* sucessão. Ora, se você quer saber, a linhagem das rainhas é como um grilhão em volta do meu pescoço — murmurou Raisa. — Não vou ajudar ninguém se esse tipo de coisa for feito em meu nome. E espero que você me ajude a impedir.

Com isso, ela continuou andando em silêncio, com as mãos cerradas ao lado do corpo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

DEMÔNIOS NA RUA

Han não sabia se queria que a mãe estivesse em casa ou não. Talvez levasse um longo tempo até vê-la de novo, mas ele simplesmente não achava que pudesse lidar com mais drama.

Ele franziu o nariz enquanto subia as escadas, sentindo o cheiro de repolho cozinhando, o cheiro que anunciava que os tempos eram difíceis.

Quando empurrou a porta para abrir, a mãe e Mari ergueram os olhos do livro que estavam lendo.

Um *livro*?

— Han! — guinchou Mari se levantando de um pulo. Cruzou a sala correndo e agarrou-se à perna dele como as lampreias de oceanos distantes sobre as quais ele havia lido em um dos livros de Jemson. — Tenho um livro todo meu! Foi o orador Jemson quem deu. Disse que a princesa Raisa comprou para nós. Ele disse que posso ficar com o livro.

— Isso é ótimo, Mari — disse Han, distraído, e olhou por cima da cabeça loura da irmã para a mãe, torcendo para ter uma pista de sua situação. A expressão da mãe era uma mistura de alívio e apreensão.

— Graças ao Criador. — Ela cruzou a sala e puxou-o para seus braços, dando tapinhas em suas costas de maneira estranha. — A Guarda está procurando por você — falou e alisou os cabelos dele. — Estiveram em Feira dos Trapilhos e perguntaram por você. O sargento Gillen está furioso. Disseram que você tirou alguns Trapilhos do xadrez.

Por que ele sempre levava a culpa?

— Não exatamente — falou e pensou que a mãe deveria ter ficado muito preocupada para dispensar o sermão. — Eles estiveram aqui?

Ela balançou a cabeça.

— Mas você não pode ficar aqui, sabe? — falou. — Ele vai te pegar, mais cedo ou mais tarde.

— Eu sei. Vou voltar para Pinhos Marisa. Ficarei lá até as coisas se acalmarem.

Ele hesitou.

— O que você está fazendo em casa? Pensei que estaria no trabalho.

— Eu não trabalho mais no castelo — disse a mãe, soltando-o para mexer o repolho na lareira. — Mas foi bom, porque agora fica mais fácil levar Mari para a escola.

Aquele era o trabalho dele. Levar a irmã em segurança até os cuidados de Jemson.

— Você não trabalha mais para a rainha? — Han afastou Mari de sua perna com delicadeza e levou-a até a lareira, sentou-se e colocou-a sobre o joelho. — Por quê? O que aconteceu?

— Estraguei um dos vestidos da rainha. — A mãe deu de ombros. — As pérolas eram feitas de massa, esse foi o problema. De qualquer forma, não gostava dali. Do Castelo de Fellsmarch, quero dizer. As pessoas eram esnobes. Pelo menos, em Feira dos Trapilhos, eles tratam você feito um ser humano.

— Mas do que você vai viver? — perguntou Han. — Vai ser complicado eu entrar na cidade, trabalhar para Lucius ou vender o que eu recolher montanha acima.

— Vamos dar um jeito — disse a mãe. — Sempre há trapos e roupa para lavar. E agora eles dão comida no Templo de Ponte Austral duas ou três vezes por semana. É parte do Ministério da Rosa Agreste que a princesa Raisa começou.

— A princesa Raisa? — repetiu Han, surpreso. Ela estava visitando Ponte Austral ou coisa assim? — Hum. Fico me perguntando quanto isso vai durar.

— Ela está fazendo um bom trabalho — disse a mãe. — Todos dizem que é uma bênção. E isso ajuda até eu poder encontrar emprego fixo de novo.

Han pensou na garota Rebecca Morley. Ela conhecia as pessoas no castelo. Talvez pudesse mexer os pauzinhos, ajudar a mãe a ter o emprego de volta ou arrumar outro.

Ou talvez fosse apenas uma desculpa para vê-la de novo.

Mas não. Ele não podia se arriscar a tornar pública sua ligação com a mãe e Mari. Ele gostava de pensar que estavam seguras, afastadas de sua vida nas gangues, escondidas no cômodo acima do estábulo.

— Hanson — disse a mãe, em um tom de quem inicia um discurso preparado.

Han suspirou. Ele deveria saber que haveria um sermão, em algum momento.

— Você não pode simplesmente se esconder nas montanhas o tempo todo — disse a mãe. — E não é para ficar aqui se metendo em encrencas. Você tem 16 anos agora e tem que encontrar uma vocação. Poderia ir para Vau de Oden, entrar na escola de guerreiros e se tornar oficial. Você não precisa ser nobre pra isso, e há muita necessidade de soldados por esses dias, por isso eles não fazem um monte de perguntas.

Oficial? A maioria dos soldados que ele conhecia estava na Guarda, e eles nunca o aceitariam. Além disso, ele não conseguia se imaginar quebrando cabeças na rua. Mas, e se ele pudesse ser oficial no exército regular? Ele teria armadura e espada, e seus inimigos estariam lá fora, diante dele. Ele não teria mais que ficar sempre olhando por cima do ombro.

Havia somente um grande obstáculo a tudo isso.

— Custa dinheiro ir até Vau de Oden — disse ele. — E não temos nenhum.

E, então, ele teve uma ideia. Puxou as mangas acima dos cotovelos e expôs os braceletes de prata.

— Nós poderíamos vendê-los — disse ele. — Eles devem dar dinheiro suficiente para um ano ou mais.

A mãe balançou a cabeça, desviou os olhos dos braceletes para os olhos dele, com o rosto pálido e esgotado.

— Acho que seria bem melhor deixá-los em paz. Eles não devem ser tirados. Nunca.

Han fitou a mãe. Seu olhar mostrava que ela sabia de algo, e também mostrava medo.

Ele queria segurá-la pelos ombros e sacudi-la. Queria gritar: *O que você quer de mim? É isso ou roubar! Não tenho mais nada*. Mas ele não podia, não com Mari no cômodo.

— Vou perguntar sobre isso de novo a Willo — disse ele e puxou as mangas novamente para o lugar. — Deve haver um meio.

Havia um meio. Um bom roubo, fechar as mãos em uma bolsa cheia e a mãe e Mari ficariam bem por algum tempo. Se fizesse isso algumas vezes, poderia ter o dinheiro para a viagem até Vau de Oden.

Han tirou a ideia da mente.

Pegou a mochila em um canto, enfiou uma calça e camisas extras dentro dela. Depois de um momento de hesitação, tirou o cachecol de Trapilho que estava

embaixo do colchão. Pensou sobre o amuleto enterrado no quintal. Seus dedos coçavam de desejo de tocar nele de novo. Mas não. Era mais seguro deixá-lo onde estava. Se alguma coisa acontecesse a ele, ficaria ali para sempre, fora do alcance dos Bayar. Isso lhe dava uma pequena satisfação.

A mãe entregou-lhe uma sacola de tecido.

— Tome um pedaço de pão e um resto de queijo para a estrada — disse ela. — Agradeça a Willo por abrigá-lo — falou com voz ríspida. — Diga a ela... diga que sinto muito por não poder cuidar do meu próprio filho. — O lábio inferior tremeu e lágrimas surgiram em seus olhos.

— Está tudo bem, mãe — disse Han. — Willo não se importa. E é minha culpa se tenho que ir embora.

Mari também estava chorando, e as lágrimas desciam por suas bochechas.

— Você não pode ir embora de novo — falou. — Você acabou de voltar.

Han esboçou um sorriso e bagunçou o cabelo dela.

— Voltarei antes que você perceba. E vou querer que leia para mim quando eu chegar.

— Posso ler para você agora — disse Mari, pegando o livro e estendendo-o para ele. — Fique e vou mostrar.

Ele balançou a cabeça.

— Tenho que ir.

E não havia mais nada a dizer, por isso ele partiu.

Agora era noite escura, então ele abriu caminho pelas ruas de trás, alerta contra patrulhas da Guarda e outras pessoas curiosas. Uma ou duas vezes, ele pensou ver movimento nos becos entre os prédios ou ouvir passadas abafadas atrás dele. Mas, cada vez que se virou, não havia ninguém.

Começara a chover, uma garoa fria e contínua que encobria a luz e aumentava a infelicidade dele. Dois quarteirões depois de casa, ele parou no Açougue do Burnet. Do lado de fora, nos fundos do açougue, havia um coche comprido que levava sangue e vísceras para as sarjetas. Han encharcou a calça e a camisa extras, além do cachecol, no sangue.

Ele se aproximou do rio a uma milha a leste da ponte, onde haveria menos tráfego. Han desceu a margem com dificuldade e arrumou as roupas ensanguentadas na beira do rio, terminando com o cachecol do bando. Escreveu "ALGEMA—

TRAIDOR" na lama, com um graveto. Era grosseiro, mas talvez enganasse a Guarda, de qualquer forma.

Os sinos da torre do Templo de Ponte Austral badalavam duas horas quando ele cruzou a ponte, mantendo-se perto da parede. Acima da entrada lateral do templo pendia um novo estandarte, que proclamava: MINISTÉRIO DA ROSA AGRESTE. E, em letras menores: PELA GRAÇA DE SUA ALTEZA, PRINCESA RAISA ANA'MARIANNA.

Hum, pensou Han. Parece que Sua Excelência está em toda parte.

Ele se manteve na sombra do templo por dois longos quarteirões e pensou em Jemson, adormecido, provavelmente, em algum lugar entre suas paredes.

— Lamento, Jemson — murmurou Han. — Lamento decepcioná-lo. Não deixe que isso te impeça de acreditar em outra pessoa.

Surgiram lágrimas em seus olhos, e ele as esfregou, sentindo pena de si mesmo.

As ruas estavam desertas, incomumente quietas, a não ser pela Guarda, em grande número. Duas vezes, ele se enfiou por alguma porta quando uma formação de guardas passou. Felizmente, eram barulhentos como valentões bêbados e fáceis de evitar. Então ele virou à direita e se afastou do templo, o que significava percorrer Ponte Austral pelas ruas secundárias. Ele chegaria até o Caminho das Rainhas conforme saía do Vale e torceria para que as patrulhas fossem menos frequentes naquela direção. Uma ou duas vezes, acreditou ter ouvido passos atrás dele, mas, quando deu meia-volta, não havia ninguém.

Você está nervoso feito um cervo da montanha, pensou ele.

Ele estava cruzando um pequeno pátio de pedras, quando três vultos com capas se materializaram na escuridão. Eles pareciam se mover sem fazer barulho na calçada e vieram até ele de três direções.

— Pelo sangue do demônio — murmurou Han e recuou, a boca seca e metálica de medo.

Os capuzes estavam puxados para a frente, e seus rostos, obscurecidos (se é que tinham rostos). Usavam luvas de couro pretas para que nada neles sugerisse que eram humanos. Pareciam brilhar em meio à chuva com neblina, borrões luminosos ao redor deles que indicavam feitiçaria.

Ele ouvira falar de coisas assim, demônios que andavam pelas ruas, buscando almas para o Destruidor quando os negócios iam mal.

— Não vá embora tão rápido — falou um deles, com a voz sibilante como a de uma serpente. — Queremos conversar com você. Estamos procurando uma pessoa.

— Eu... eu não posso ajudar vocês — retrucou Han, com as costas viradas para a parede. — Eu... não sei onde está ninguém.

A risada do monstro era de gelar os ossos.

— Acho que sabe. Acho que você pode nos ajudar. Na verdade, você estará muito, muito ansioso para nos ajudar antes de acabarmos com você.

— Se nos ajudar, deixamos você ir embora — respondeu o demônio mais alto. — Um garoto tão bonito. Vai ser uma pena se algo acontecer a você.

— Quem são vocês? — perguntou Han com a voz estridente de medo.

— *Nós* fazemos as perguntas — falou o demônio com voz de serpente. — Estamos procurando um garoto chamado Navalha.

E foi então que Han entendeu. Os Austrinos. Aqueles eram os únicos responsáveis. Ele pensou nos corpos queimados e mutilados, e nas vísceras que pareciam se liquefazer.

— Nunca ouvi falar — respondeu Han e andou de lado ao longo do muro, tentando escapar do círculo que fizeram ao redor dele; mas o demônio mais alto esticou o braço para evitar que ele continuasse.

— Ah, acho que você ouviu — disse ele. — E acho que você vai dizer. Mas, primeiro, nós o levaremos para um local mais privado.

Os três demônios pareciam irritados e olhavam por cima do ombro, como se temessem ser interrompidos. O que era estranho. Por que demônios teriam medo da Guarda?

O terceiro demônio enfiou a mão na capa, como se tateasse em busca de uma arma, e Han soube que era agora ou nunca.

— Assassino! Assassino nas ruas! — gritou ele. — Alguém chame a Guarda da Rainha!

Os demônios hesitaram, e aquele com a mão dentro da capa esticou o braço e agarrou o de Han, mas guinchou e soltou rapidamente, como se tivesse sido queimado, batendo com a mão na lateral do corpo.

Han continuou a gritar, e então ouviu o barulho de pés e alguém que gritava:

— Parem aí, em nome da rainha!

Os demônios hesitaram por dois longos segundos, e as aberturas escuras dos capuzes apontavam na direção de Han; depois sibilaram e desapareceram nas ruas próximas.

Era a segunda vez em menos de um mês que ele ficava feliz quando a Guarda chegava. O que dizia alguma coisa sobre o modo como a vida dele ia.

Agora ele apenas tinha que evitar ser pego também. Puxou o gorro encharcado para a cabeça e apontou numa direção qualquer, transformando a própria voz num lamento sentido.

— Eles foram por ali. Malditos ratos de rua que levaram minha bolsa e ameaçaram cortar minha garganta, isso sim! Corram ou eles vão fugir.

Han calculou que se mencionasse os demônios, as chances de os casacos azuis irem atrás deles eram menores.

A Guarda correu na direção que ele apontava.

— Tem uma recompensa, se vocês conseguirem minha bolsa de volta! — gritou atrás deles, só para garantir.

Han cambaleou com as pernas trêmulas para uma direção totalmente diferente, sem realmente prestar atenção aonde estava indo, concentrando-se apenas em abrir distância entre ele e o local em que havia encontrado os demônios.

Conforme corria, percebeu que seus pulsos estavam quentes. Quando puxou as mangas, viu que os braceletes de prata estavam reluzindo. O que era aquilo? Será que os demônios fizeram alguma coisa com ele e os braceletes? Será que eles podiam usar os braceletes para rastreá-lo? Desesperado, Han tentou abri-los e, na tentativa, acabou machucando as mãos, sem conseguir tirá-los.

As ideias giravam em espirais em sua mente. Quem eram os demônios e por que estavam procurando Navalha? Será que os pecados dele tinham sido tão grandes a ponto do Destruidor mandar uma equipe especial de servos para pegá-lo?

Ou era algum tipo de guerra entre os próprios Austrinos? Ou entre os Austrinos e outra gangue? Nesse caso, ele apostaria seu dinheiro no lado dos demônios.

Finalmente, o cansaço o fez diminuir o passo para uma caminhada, e o coração disparado começou a se acalmar. Naquele momento, ele estava completamente perdido. Ergueu os olhos para o céu, mas encharcou o rosto com a chuva. Ele farejou o ar. O fedor do rio parecia estar atrás dele; portanto ele deveria chegar aos muros da cidade mais rápido se fosse na outra direção.

Um barulho súbito atrás dele fez com que se jogasse para o lado. Um corpo passou por ele e bateu com força no chão. No início, Han pensou que os demônios haviam voltado. Mas não. Este vulto era muito menor que os demônios; era apenas um garoto com uma faca na mão. Aliviado, Han respirou fundo, mas depois percebeu

que seus problemas estavam longe de acabar. O outro já estava de pé, como um gato, e se movia na direção dele, empunhando a lâmina.

Isso não pode estar acontecendo, pensou Han, desanimado. *Ah, vá embora*, era o que ele queria dizer. *Estou no meu limite.*

O garoto foi para a frente, passou debaixo do poste, e Han tomou um susto. Era Connor Navalha, parecendo abatido e cansado, e toda a confiança maníaca evaporara.

— O que você quer? — quis saber Han. — Não tenho nada de valor para ser roubado desta vez. — A menos que você queira arrancar as minhas mãos de novo, pensou ele, mas não quis trazer o assunto à tona.

— Manda eles embora! — murmurou Navalha e olhou ao redor como se eles estivessem sendo observados.

— Mandar quem embora? — perguntou Han, surpreso. — Não sei do que você está falando.

— Aquelas... aquelas *coisas*. — Navalha lambeu os lábios. — Os seus demônios. Manda eles embora ou vou cortar você. Vou matar você, juro. Não tenho nada a perder.

— Você está falando daqueles... daqueles monstros? — perguntou Han, e sua mente clareou. — Não posso chamar eles de volta. Nem sei o que eles são.

— Então é coincidência, não é, que a gente tenha derrubado você na rua e bem depois disso que venham atrás de mim? — Navalha tentou sorrir com escárnio, mas isso não era fácil quando você estava tão apavorado quanto ele parecia estar.

Han balançou a cabeça. Era como se a mão do Criador estivesse apontando para ele o tempo todo. *É ele. Ponham a culpa nele.*

— Eu não sei quem são — retrucou Han e baixou a voz. — Simplesmente cruzei com três deles, ao norte daqui.

— E saiu vivo dessa? — Navalha fez um esforço para rir. — Lutou contra eles, não foi?

Han apenas balançou a cabeça sem dizer nada e manteve os olhos na faca do adversário, enquanto segurava a própria arma na mão.

— Eu posso matar você, sabe? — disse Navalha de modo agressivo, cortando o ar com a faca. — Sou melhor que você com a faca, no mano a mano.

Han sabia que Navalha tinha razão, mas não estava disposto a admitir.

— Não quero brigar com ninguém — falou, e essa era a verdade absoluta.

— Por que brigaria? Você tem demônios para lutar por você. — Navalha balançou a cabeça de um lado para outro, como se os monstros pudessem aparecer de súbito. — Os Austrinos vêm atrás de mim, sabe? Vão me entregar para se salvar. Já são oito mortos e eles... — sua voz falhou e ele engoliu com dificuldade, como se tivesse dito mais do que pretendia.

Han olhava para o inimigo com mais simpatia do que jamais imaginara ser possível.

— Talvez você devesse ir embora — sugeriu ele. — Se esconder em algum lugar até as coisas... esfriarem.

— Você gostaria disso, não gostaria? — resmungou Connor Navalha, novamente na defensiva. — Toda Ponte Austral sob seu domínio. — Ele ergueu as mãos com cicatrizes, abriu os dedos cheios de anéis e apontou para os arredores. — Eu *construí* isso — disse ele. — Briguei por isso. É meu território. Meu. Não tenho outro lugar para ir. — Sua voz emudeceu no fim.

Han recordou-se do sibilo semelhante a uma cobra e estremeceu.

— Tem coisas que não dá para combater — falou em voz baixa.

Connor fitou-o por um momento, com os olhos semicerrados.

— Qual é o seu problema? As pessoas não param de falar sobre você. Contam histórias. É tudo que eu ouço. Alister Algema isso, Alister Algema aquilo. Até parece que você é feito de ouro.

Han não soube o que dizer. Ouro? Ele tinha acabado de fingir a própria morte e estava fugindo da cidade com a Guarda em seus calcanhares. Não conseguia nem sustentar sua mãe e sua irmã.

Navalha estremeceu.

— Eu tenho que saber. Como você faz isso? Conjurar os demônios? Teve que vender sua alma ao Destruidor? Você fez algum tipo de... acordo?

O rapaz parecia desesperado para fazer um acordo também.

Han estava ficando impaciente, ansioso para encerrar aquele encontro desagradável.

— Sabe, não importa quantas vezes você pergunte; não faço ideia do que está atrás de você.

Navalha fitou-o com ar insolente por um longo tempo; depois seu corpo aparentou se acalmar e quase se encolheu sobre si mesmo.

— Muito bem. Você ganhou. — Ele respirou fundo, depois caiu de joelhos na rua. Parecia muito pequeno em meio às sombras das construções. Inclinou a cabeça e esticou a faca, com o cabo virado na direção de Han.

— Eu, Connor Navalha, juro fidelidade a Alister Algema como dono da rua de Ponte Austral e de Feira dos Trapilhos. Eu... juro lealdade e minhas facas e armas para seu uso e me coloco sob sua proteção. Prometo trazer todos os ganhos para ele e aceitar minha parte na gangue de suas mãos, como ele achar adequado. Se eu violar minha promessa, que eu seja destruído por... por... — Neste momento, a voz dele falhou.

Se fosse possível sentir-se mais angustiado, Han se sentiria.

— Eu não posso protegê-lo — falou. — Sinto muito. Meu conselho é fugir.

E deixou Navalha ajoelhado na chuva.

CAPÍTULO DEZESSETE

GUERRA DE FESTAS

Houve uma onda de festas de rebatizado em junho, porque a maior parte das pessoas que dividia com Raisa o ano de nascimento preferia evitar competir com as festividades da princesa-herdeira em julho. Alguns, talvez, torciam para garantir casamentos antes que as apostas fossem elevadas por sua entrada no mercado matrimonial, quando os mais otimistas entre os garotos poderiam estar pensando: "Por que não eu para consorte real?"

Os presentes ainda chegavam em grande quantidade, e isso deu a Raisa um prazer intenso de redirecioná-los ao pai e, através dele, à escola do templo. Não que isso fosse fácil. A rainha Marianna estava muito aborrecida com o marido, após a suposta "visita" de Raisa ao Campo Demonai. Ela deixou claro que Averill não era bem-vindo à corte por todos os meios disponíveis às rainhas.

Portanto, embora o pai tivesse voltado ao Vale, Raisa não o viu tanto quanto gostaria.

Será que seu casamento seria assim, imaginava Raisa, com discussões constantes, mudanças de alianças, prioridades ocultas, ganhos e perdas de terreno? Ela amava ambos, com seus gênios fortes, mas não era fácil ficar no meio disso.

Se Raisa já se sentia presa, agora parecia sufocada, a jaula de expectativas se fechando ao redor dela. Ela quase nunca ficava sozinha, e havia sempre espiões, criados, lordes e damas prontos para contar as histórias. A rainha Marianna queria ter certeza de que a filha geniosa não faria excursões sem autorização.

Frequentemente Amon assumia o papel de mensageiro e transportava notícias e bens para Averill. Raisa se preocupava com isso, sabendo que não deveria encorajar a Guarda da Rainha a fazer coisas sem ela saber.

Isso abria um terrível precedente para quando ela chegasse ao trono.

A rainha até ordenou que Magret dormisse no quarto de Raisa, o que tornava difícil que Raisa se encontrasse com Amon no jardim. Ela conseguiu esgueirar-se até o lado de fora algumas vezes, quando Magret bebia xerez por causa da dor nos ossos

e adormecia. Uma vez, porém, Raisa saiu do closet e encontrou Magret acordada e espiando debaixo da cama, procurando pela garota desaparecida. Raisa inventou uma história sobre adormecer enquanto admirava os novos sapatos de dança.

A única outra festa de rebatizado que rivalizava com a de Raisa em extravagância seria a festa oferecida por lorde e lady Bayar, em homenagem a Micah e Fiona. Não havia como resistir à fusão de poder mágico e político, do glamour, com pitadas de encantamentos. Os pais usavam qualquer influência que tivessem para ter certeza de que seus filhos seriam incluídos. Os convidados estavam em êxtase, e aqueles que não foram favorecidos estavam socialmente arruinados.

Lady Bayar anunciou que todos os convidados deveriam trajar preto e branco, em homenagem a seus impressionantes filhos. Derramaram-se lágrimas, descartaram-se planos e guarda-roupas, certamente residências foram penhoradas e cada fragmento de tecido preto e branco no Vale foi disputado.

Costureiras e alfaiates de todo o reino foram chamados, e seda e veludo foram adquiridos da corte de Tamron e de Angra de We'en, apesar dos preços exorbitantes em consequência das guerras. Sussurrava-se que o tecido para as roupas dos Bayar viera das Ilhas Setentrionais, e que havia feitiçaria tecida junto com o pano.

— E se eu usasse uma calça roxa e verde? — disse Raisa, enquanto esperava pela prova final. — Você acha que eles fechariam a porta para mim?

— Fique parada — pediu Magret, com os dentes cerrados ao redor dos alfinetes em sua boca. Ela estava de pé, de um lado, e a costureira do outro, prendendo o enchimento extra nos quadris. Quando elas terminaram, o vestido preto caía como uma segunda pele, e Raisa se perguntou se ela conseguiria contorcer-se para entrar e sair dele.

Em segredo, Raisa estava satisfeita com aquela decisão sobre as roupas. As cores mais aceitas para os garotos e as garotas em seus rebatizados eram tons de algodão-doce de azul, rosa e verde. Preto e branco eram considerados muito sofisticados para eles.

Ela não ficava sozinha com Micah desde a discussão do lado de fora do quarto. Eles sentaram-se à mesa juntos, na sala de jantar, cercados pelos cortesãos, e fizeram comentários formais e educados sobre a comida e o clima.

Ele continuava a enchê-la de pequenos presentes, bilhetes e pedidos, mas ela nunca os respondia. Ela costumava sentir a pressão dos olhos dele sobre ela em uma sala lotada.

Mas ficar zangada com Micah tornara-se tedioso. Ela decidira que era hora de perdoá-lo, em homenagem ao rebatizado dele. O coração dela bateu mais rápido ao pensar em voltar a vê-lo, em discutir com ele durante uma conversa e na chance de beijos roubados. A vida era muito mais interessante com Micah Bayar nela.

Ela também estava satisfeita porque seria outra possibilidade de ver Amon. Embora Micah e Amon não fossem os melhores amigos, os Bayar não ousariam excluir os cadetes.

Muitos deles eram os jovens filhos e filhas da nobreza eminente. As festas do rebatizado eram uma chance de unir fortunas por meio do casamento.

— Alteza, está quase na hora — reclamou a cabeleireira real. — E eu tenho que pentear o seu cabelo.

Raisa recostou-se num banco alto e sentou-se enquanto a mulher ajeitava os cabelos dela em uma cascata de cachos presos no alto da cabeça.

Raisa ouviu uma comoção no corredor do lado de fora do cômodo; depois, a porta se abriu e a rainha entrou, resplendente em cetim branco com uma faixa preta, usando um colar de pérolas e ônix preta.

A rainha Marianna deu a volta em Raisa e examinou-a de todos os ângulos, franzindo um pouco a testa. Ela apontou com ar de reprovação o anel antigo de Elena, que pendia da corrente acima do corpete de Raisa.

— Você não vai usar isso.

Raisa deu de ombros.

— Bem, eu pensei que eu...

— E quanto ao pingente de diamante, Alteza? — perguntou Magret, remexendo no porta-joias de Raisa. — Ou a gargantilha de pérola, que ficaria adorável.

— O que os Bayar enviaram para o seu rebatizado? — perguntou a rainha Marianna. — Joias, não foi?

— Aqui estão elas! — Magret deu um salto e pegou uma caixa de veludo. Abriu e virou-a para a rainha. Era o colar de serpente, de esmeraldas e rubis.

— Perfeito! — exclamou Marianna. — Você pode usar isso em homenagem a eles.

— Bem — disse Raisa, hesitando. — Talvez eu pudesse usar os dois juntos. — Ela já se acostumara ao peso do anel assentado sobre os seios. E gostava que ele ficasse ali.

— Bobagem — falou a rainha Marianna, e ergueu a corrente por cima da cabeça de Raisa; ela colocou o anel de Elena sobre a penteadeira e deu a volta no pescoço de

Raisa com o pingente de esmeralda, apertando o fecho com dedos frios e secos.

— Você está adorável, querida — falou a rainha Marianna, beijou-a na testa e passou o braço pelo dela. — Agora, vamos; seu pai e Mellony já estão esperando na carruagem.

Havia épocas em que Raisa pensava que tudo ficaria bem entre os pais se, ao menos, o trabalho do pai como comerciante não o mantivesse tão afastado do Vale. Eles se complementavam: ele, com seu porte poderoso e elegante, a pele queimada pelo vento, olhos castanhos sob sobrancelhas escuras e grossas e cabelo grisalho; e ela, com sua reserva fria e figura alta e magra. Ele sempre conseguia fazê-la rir, e as preocupações da rainha pareciam evaporar quando ele estava em casa. Quando ele estava em casa, ela parecia ter os pés no chão. Quando ele ia embora, ela parecia um dos álamos no declive de Hanalea — oscilando e tremendo com os ventos políticos.

Naquela noite, Averill vestia os trajes dos clãs, com faixas compridas de seda rústica em preto e branco, que substituíam as cores brilhantes tradicionais, e anéis pesados de prata e ônix nas mãos.

A carruagem real era acompanhada em todos os lados pela Guarda da Rainha. Nem Amon nem Edon os acompanhariam a cavalo, pois também eram convidados.

Uma longa fila de carruagens serpenteava pela Estrada Antiga, que conduzia até Lady Gris. Outras carruagens se afastaram para deixar a do Lobo Gris passar.

A propriedade dos Bayar se localizava nos arredores de Lady Gris, que recebera este nome por causa de uma rainha tão antiga que seu nome se perdera nas névoas do tempo. Mais além das montanhas, encontrava-se a casa do Conselho dos Magos, virada para a cidade. Daquele lugar, os magos um dia governaram o Vale.

O barulho dos cascos nas pedras do calçamento avisava que eles tinham chegado. Os lacaios abriram as portas duplas da carruagem e posicionaram os degraus. Averill saiu primeiro; depois virou-se e ofereceu o braço à rainha.

Toda a frente da mansão Bayar estava ardendo com as tochas. As luzes mágicas pontilhavam a escuridão ao longo das trilhas nos jardins e se emaranhavam nas árvores, criando uma terra encantada. Criados com a libré do falcão dos Bayar se amontoavam nas entradas, recolhendo capas e direcionando os convidados.

Lorde e lady Bayar aguardavam no corredor de entrada, resplandecentes em preto e branco. Raisa e a mãe entraram juntas, como era o protocolo, com o consorte e a princesa Mellony acompanhando-os de perto.

Lorde Bayar abaixou-se e fez uma ampla mesura enquanto sua esposa fazia a reverência.

— Majestade — disse ele. — E Alteza. De fato, é uma honra. Micah e Fiona ficarão muito satisfeitos por terem vindo. Vocês os encontrarão no salão de baile. — Lorde Bayar fez um gesto cortês para Averill. — Lorde Demonai, bem-vindo novamente — falou ele. — Por tudo que ouço, seu negócio está prosperando.

Raisa perguntou-se se isso poderia ser uma ironia em relação a seu pai ser um comerciante, mas, nesse caso, não havia evidência disso no rosto do mago. Na verdade, continuou Bayar:

— Tenho esperança de que possamos fazer negócios nas próximas semanas. Mandarei meu representante, está bem?

— Seria um prazer, lorde Bayar — murmurou Averill, inclinando a cabeça.

O salão de baile familiar transformara-se de um cômodo frio com piso de mármore em um espaço elegante com iluminação reduzida e cantos aconchegantes. Os criados circulavam com travessas de comida e bebida, e o salão estava arrumado com fileiras de minúsculas mesas de refeição cercadas com telas pretas e brancas, com velas e lírios pretos e brancos no centro.

— Está... está lindo — exclamou Raisa, encantada. — Nunca vi nada assim.

A rainha Marianna observava a cena e mordia o lábio, sem dúvida comparando-a com os próprios planos para o rebatizado de Raisa.

Micah e Fiona estavam de pé no outro extremo do cômodo e cumprimentavam uma procissão de convidados. Como sempre, eles completavam um ao outro. Micah vestia um casaco branco que se ajustava ao corpo esguio, calça preta, botas e uma estola preta decorada que trazia o brasão do falcão. Os cabelos pretos desciam, reluzentes, sobre os ombros. Fiona trajava um vestido longo preto, com uma fenda desde o quadril, luvas pretas e uma estola branca. Diamantes e platina reluziam ao redor da garganta fina e dos pulsos.

Raisa não podia deixar de comparar a própria estrutura pequena à altura elegante de Fiona.

Quando entraram no cômodo, o criado anunciou a chegada de outros convidados.

— Lady Amalie Heresford, Thanelee de Heresford, em Arden — entoou.

Lady Heresford era uma garota gordinha da idade de Raisa, com cabelos vermelhos, pele delicada e algumas sardas, e estava vestida no estilo casto do sul. Com

o vestido preto reto e a renda preta presa nos cabelos, ela poderia muito bem ter sido uma das carpideiras que os abastados costumavam contratar para os funerais.

Ela mantinha a cabeça elevada, sem olhar para os lados, como um quadro antigo de Hanalea caminhando no campo de demônios.

Raisa sentiu simpatia por ela. A garota parecia estar morrendo de pavor.

Atrás dela, sem serem anunciados, via-se uma mulher alta e corpulenta, coberta de preto, e um homem alto, usando trajes sacerdotais. O rosto estava retorcido, como se ele tivesse sentido um cheiro ruim.

Em Fells, havia um ditado: "Azedo como um sacerdote das terras baixas." Bem, Raisa pensou, acertaram na mosca.

— É incomum para os habitantes do sul... — murmurou Averill para Raisa. — ...enviarem as mulheres para o norte com apenas uma governanta e um sacerdote para protegê-las. No sul, casar-se com um mago seria um escândalo. Mas isso demonstra como as coisas estão ruins. O pai de lady Heresford, Brighton Heresford, foi executado por Gerard Montaigne, um dos candidatos ao trono de Arden. Ela é a herdeira do Castelo de Heresford, mas tem que se casar com alguém forte o bastante para ajudá-la a mantê-lo. Ela é um casamento e tanto para a pessoa certa.

Raisa assentiu, grata ao pai pelas informações, mas pensando que sua mãe é quem deveria estar contando aquilo.

— Sua Alteza Real, Marina Tomlin, princesa de Tamron — falou o criado. — Sua Alteza Real, Liam Tomlin, príncipe de Tamron.

— Ah — disse o pai e acenou com a cabeça. — Tamron torce por uma aliança com Fells, como proteção contra Arden. Eles começarão as negociações com os Bayar, mas nada será acertado até o seu rebatizado. Eles podiam casar Liam com você, ou Marina com Micah Bayar. Se não conseguirem, Liam poderia casar com Fiona e Marina fará um casamento no sul.

Raisa examinou os Tomlin com interesse. Eram altos, com pele bronzeada e graciosos, com ossos delicados como cavalos de corrida. Liam Tomlin tinha cabelos cacheados pretos, um nariz forte e um sorriso brilhante. Ele usava muito prateado com o preto e branco exigido.

A seu modo, os Tomlin eram tão impressionantes quanto os gêmeos Bayar.

Agora era a vez deles. O criado caminhou à frente e anunciou:

— Rainha Marianna *ana*'Lissa de Fells, e sua filha, Raisa *ana*'Marianna, a princesa-herdeira.

Por todo lado, os cortesãos se abaixaram com mesuras e reverências, como um campo de grama preta e branca cortada por uma lâmina afiada.

Raisa e a mãe deram um passo à frente, e suas saias roçavam no chão de mármore. Atrás, ela podia ouvir o pai e Mellony serem anunciados. À frente, Micah e Fiona se ajoelharam lado a lado num círculo de luz, como um deus e uma deusa que chegassem à terra.

Finalmente, alcançaram a frente do salão de baile.

— Podem se levantar — falou a rainha Marianna, e ouviu-se um farfalhar de seda e cetim ao redor delas.

Micah pôs-se de pé graciosamente. A rainha Marianna estendeu a mão, e ele baixou a cabeça para beijá-la.

Virou-se para Raisa; por um longo momento, seus olhos passearam pelo rosto dela, depois desceram, parando mais uma vez no alto do corpete até que o rosto dela ficasse vermelho de vergonha.

— Ah — disse ele. — Você finalmente o usou, Raisa. Temia que não tivese gostado.

— Claro que gosto — falou, passando o dedo pelo colar. — É lindo. É herança de família?

— Sim — respondeu ele, e continuou olhando para ela com tal intensidade que Raisa ficou um pouco nervosa. Micah sempre era imprudente, mas hoje ele havia ultrapassado o limite habitual de provocação.

Ela estendeu a mão, que ele encostou nos lábios, ainda fitando seus olhos. O beijo ardeu contra a pele dela, e Raisa sentiu-se um pouco tonta.

— Estou finalmente perdoado, Raisa?

— Sim — murmurou ela, e suas bochechas queimavam. — Você está perdoado.

— Seria ruim se eu pedisse todas as danças? — perguntou ele, e ainda segurava os dedos dela.

Relutante, ela afastou a mão.

— Você é o anfitrião — falou. — E sabe que tem uma função a desempenhar. Conquistar os corações de todas as jovens damas é a parte fácil. Você terá que dançar com todas as senhoras, e tias, avós e mães. Talvez até mesmo com alguns dos pais, agora que está no mercado matrimonial.

Ele deu uma risada.

— Guarde algumas danças para mim, Alteza — falou. — Vou precisar de refúgio contra as tias e avós. — Ele fixou os olhos nela por um longo tempo; depois, virou-se para saudar Mellony e seu pai.

Ela dançou com Miphis Mander e o mago Wil Mathis, que passou todo o tempo olhando por cima do ombro para Fiona; com Mick Bricker e Garret Fry, cadetes de Vau de Oden, que conversaram sobre coisas estranhas e a arrastaram pelo piso como se ela fosse quebrar. Depois, seu pai, que tinha tanto talento para a dança da corte quanto tinha para os passos mais difíceis dos clãs.

Durante todo o tempo, ela estava consciente da presença de Micah, que desviava sua atenção como um lampião num quarto escuro. Sempre que olhava para ele, parecia que ele estava olhando para ela.

Kip Klemath pediu para dançar com ela. E depois Keith. Então, Kip novamente. Os irmãos aparentemente queriam passá-la de um lado para o outro como uma bola vestida em cetim, mas atrás dela alguém falou "Alteza, posso ter a próxima dança?", enquanto Kip e Keith discutiam quem seria o próximo.

Ela se virou e lá estava Amon Byrne, alto, de ombros largos, com um traje azul que se ajustava com perfeição ao corpo.

Ela sorriu para ele e respondeu:

— Claro que sim. — E ele a girou para longe enquanto uma tempestade de protestos dos irmãos Klemath irrompia atrás deles.

— Por onde você andou? — perguntou ela. — Eu estava começando a achar que você não viria.

— Eu me atrasei — retrucou ele. — Havia... um negócio que eu tinha que resolver em Feira dos Trapilhos. — Ele respirou fundo, como se fosse dizer algo mais, depois, porém, pareceu mudar de ideia.

— Onde você aprendeu a dançar? — perguntou ela enquanto eles davam a volta na pista de dança. — Não me lembro de você saber.

— Aprendi algumas coisas nos últimos três anos — disse Amon.

Se ela pensou que ele ia estender o assunto, decepcionou-se. Eles deram a volta no cômodo mais uma vez, em silêncio. Ele olhou nos olhos dela; depois desviou o olhar, como se tivesse medo de que mostrasse coisas demais.

Amon nunca foi conhecido por seus flertes, mas naquela noite ele não tinha praticamente nada a dizer.

Ela tentou mais uma vez.

— Você não disse que não tinha tempo para dançar, em Vau de Oden? — perguntou ela.

— Eu disse que não tinha tempo para namoradas — respondeu ele.

Raisa surpreendeu-se por ele se lembrar da conversa em tantos detalhes.

— Então, onde você aprendeu a dançar? — perguntou Raisa, sentindo como se estivesse arrancando cada palavra dele, feito moluscos das próprias conchas.

— A Corte de Tamron não fica longe de Vau de Oden. Íamos até lá, quando tínhamos um dia de folga.

Corte de Tamron, a capital de Tamron, tinha a reputação de ser uma cidade pecaminosa, o lugar para ir atrás de mulheres de vida fácil, jogos e diversões ilícitas.

— Ah, é mesmo, cabo Byrne? — Raisa ergueu as sobrancelhas. — E fazer o quê?

— Bem, *dançar* — falou ele, como se isso fosse óbvio. — E jogar cartas. Sou um bom jogador de cartas — completou, como se estivesse na defensiva.

— Bem — disse ela —, claro. Você é um soldado. — Ela tentou imaginar Amon bebendo em uma taberna e não conseguiu.

Ele não respondeu e pareceu perdido em pensamentos, por isso ela mudou de assunto.

— Como estão indo as coisas em Ponte Austral? Será que descobriram quem matou aqueles Austrinos?

Ele se encolheu como se, de algum modo, ela o tivesse flagrado.

— Na verdade, tenho algumas novidades — falou e evitou os olhos dela.

— Novidades? Que tipo de novidades?

Amon olhou em volta como se tivesse medo de que fossem ouvidos. A música acabara, por isso ele a levou para o lado, fora da pista de dança, e para uma das mesas mais privadas. Uma criada ofereceu uma bandeja. Amon pegou dois copos e entregou um para ela.

Raisa caiu na cadeira pesadamente, um pouco aliviada por descansar os pés.

— Preciso de uma bebida para ouvir as novidades? — perguntou ela com ironia, tomando um gole cauteloso de vinho, consciente de que não comera nada.

— Bem, em primeiro lugar, meu pai tentou dispensar Gillen de novo e não conseguiu. — Amon fez uma careta. — Ele deve ter amigos poderosos.

Raisa bateu o copo na mesa e derramou vinho no pulso.

— Não mais poderosos que eu — disse ela. — É isso. Vou falar com a minha mãe. Isso não pode continuar.

Amon pegou a mão dela; depois, rapidamente, recuou e olhou ao redor.

— Por favor, Raisa, você não pode contar à rainha sobre essa história toda de Ponte Austral. Confie em mim. Você simplesmente não pode. — Ele esvaziou o copo e o pousou. — Não se preocupe. Nós, os Byrne, não desistimos. Vamos pegá-lo mais cedo ou mais tarde.

Isso não era satisfatório. Qual era a vantagem de ser a herdeira do trono, se você não tinha poder de verdade?

Raisa ergueu os olhos, e Amon ainda a estava observando com aquela expressão peculiar no rosto. Cautelosa. Quase culpada.

— O quê? — perguntou ela, irritada.

— O dono da rua, Algema — disse ele. E limpou a garganta.

Imagens voltaram-lhe à mente: Algema sentado, com as pernas cruzadas no chão sujo do esconderijo no porão, oferecendo biscoitos mofados para comer. Algema vestindo perneiras e casaco de couro de cervo, a lâmina na mão.

Ela pensara nele com frequência, desde a aventura em Ponte Austral. Tinha esperança de que ele conseguisse evitar a Guarda. E também desejava poder vê-lo novamente.

— O que houve com ele?

— Está morto. Foi assassinado em Feira dos Trapilhos.

— O quê? — ela falou mais alto do que pretendia, e ele se assustou, pedindo que ela baixasse a voz. — Quando? Quando foi que isso aconteceu? — quis saber Raisa, seu estômago se revirando.

— Provavelmente foi ontem à noite. Encontraram as coisas dele esta manhã, na margem do rio.

Ela se sentia emboscada. Traída. Não era possível.

— As coisas... dele. Não encontraram o corpo?

Ele balançou a cabeça.

— Apenas as roupas e o cachecol de Trapilho. Quem fez isso deve tê-lo jogado no rio.

— Então como sabia que as roupas eram dele?

— Escreveram o nome dele na lama — disse Amon. — Como um tipo de aviso.

Alister Algema estava morto. Raisa lembrava-se da última vez que o vira, numa esquina em Feira dos Trapilhos, e ele foi embora com uma mesura irônica.

Acho que, no fundo do coração, você é uma Trapilha, dissera ele.

Não era verdade. Ele fora um espírito livre, e Raisa era prisioneira de todos. Será que a morte era o preço da liberdade?

— Você não sabe se ele está morto mesmo, então — falou, teimosa. — Se não há corpo.

— Era... havia sangue por toda parte — disse Amon e olhou ao redor, parecendo perceber que talvez aquele não fosse o momento nem o lugar. — Lamento, Raisa, acho que eu não deveria ter dito nada, mas... a boa notícia é que talvez agora as mortes parem. Vê, na mesma noite, outro corpo foi encontrado. Um garoto, Connor Navalha, que era o dono da rua dos Austrinos, foi torturado e morto como o restante. Achamos que a morte de Alister Algema foi uma vingança por causa disso.

— Ou talvez ele não tivesse nada a ver com isso. Talvez as mesmas pessoas que mataram o tal Navalha tenham matado Alister Algema. Se é que ele está morto. — Ela ergueu os olhos e a esperança se acendeu. — Ele é cheio de truques. E se apenas quisesse que nós pensássemos que está morto? Há séculos a Guarda está atrás dele! Talvez apenas tenha decidido desaparecer por um tempo.

Amon não respondeu, mas assumiu uma expressão de pena que a deixou furiosa.

— Ótimo! — disse ela, e piscou para limpar as lágrimas que ardiam em seus olhos. — Você venceu. Ele está morto. Está satisfeito?

Amon a olhou como se ela o tivesse golpeado.

— Rai, o que é isso? Eu nunca quis...

— Melhor eu completar meu cartão de dança — disse ela e se levantou com o farfalhar do cetim. — Tenho certeza de que estou bem atrasada.

Ela caminhou sem enxergar pelas tapeçarias que separavam a mesa da pista de dança e deu um encontrão em Micah Bayar.

Ele agarrou os cotovelos dela para impedir que caísse.

— Aí está você — falou. — Eu estava te procurando — ele se concentrou no rosto dela. — Qual é o problema? Está chorando?

— Ah — disse Raisa e limpou o rosto. — Estou bem. Apenas comi algumas pimentas. Só isso.

— Pimentas? — Micah deu uma risada. — Hoje o perigo está por toda parte. Por exemplo, a tal lady Heresford é fria como Harlotsborg no solstício. Tentei roubar um beijo, e os cães de guarda dela praticamente me assassinaram.

— E quanto à princesa Marina? — perguntou Raisa e pensou que os modos de Tamron talvez fossem agradar Micah. — Ela é adorável.

Talvez um pouco adorável *demais*.

— Neste momento, eu quero dançar com esta princesa — falou ele, curvando-se graciosamente. — Acabo de escapar das tias e das avós. Vamos tirar vantagem disso, está bem?

Ele a conduziu até a pista de dança enquanto a orquestra iniciava uma valsa.

— Por que você não está dançando com alguém que poderia lhe favorecer? — murmurou Raisa enquanto se deslocavam pelo primeiro circuito do salão de baile. — Missy Hakkam parece decididamente tristonha ali no canto. E você sabe que a princesa Marina está aqui para ser cortejada.

Tudo isso era verdade, e ainda assim ela tinha necessidade de manter Micah Bayar inteiramente para si.

— Você deveria aproveitar ao máximo hoje à noite — disse ela, educadamente. — Isso deve ter custado uma fortuna a seus pais.

— Eu *estou* aproveitando ao máximo meu tempo — murmurou ele e puxou-a para mais perto do que era apropriado. Seus dedos queimaram através do tecido do vestido. Raisa voltou a sentir-se tonta como se o vinho tivesse ido parar em sua cabeça.

— Ou você já fez as suas conquistas? — perguntou ela, descuidadamente. — Algum acordo matrimonial em vista? Algum encontro às escondidas planejado para mais tarde?

— Só há uma conquista que quero fazer — disse ele, se inclinando e falando no ouvido dela. — Apenas um coração que quero ganhar.

— Ah, não — protestou Raisa sem ênfase. *Não perca seu tempo me bajulando*, ela queria dizer, mas, por alguma razão, não conseguia formar as palavras. Parecia que sua sanidade a abandonara. Então ela desistiu, apoiou a cabeça no peito dele e escutou a batida de seu coração através do tecido do casaco. Até o cheiro dele parecia intoxicar.

Eu bebi somente um copo de vinho, pensou ela.

Parecia que não importava o que ela dissesse, ele tinha uma resposta inteligente. Então, eles dançaram mais três vezes, e, a cada giro, ela se sentia mais leve e insubstancial nos braços dele, como se estivesse desaparecendo.

— Podemos... podemos comer alguma coisa? — perguntou ela, pensando que a comida ajudaria.

— Claro — falou ele e a conduziu por um labirinto de tecido preto e branco até uma mesa separada. Ele a acomodou na cadeira e apoiou as mãos quentes nos ombros nus dela por um longo tempo.

Ele deve ter se afastado, mas ela mal percebeu. Até a música parecia ter diminuído, como se todos os outros estivessem bem longe.

Então ele estava de volta com pratos de comida e mais dois copos de vinho, e ela começou a despertar, embora não achasse que estivera dormindo. Ele puxou uma cadeira para perto dela e sentou-se, e sua perna encostava na de Raisa. Micah passou o braço ao redor dos ombros da princesa-herdeira, puxou a cabeça dela para seu ombro e deu-lhe porções de comida com a outra mão.

Ele ergueu o copo de vinho até os lábios dela; ela tentou dizer "não", mas antes que percebesse, já bebera.

Ele segurou o queixo dela entre as mãos e a beijou. E mais uma vez, de modo demorado e delicado. E de novo, e sua resistência se evaporou. Ele beijou seus lábios, o queixo e a clavícula.

Beijos de feiticeiros, pensou ela enevoadamente, são coisas perigosas.

E agora ela retribuía os beijos, passando os braços ao redor do pescoço dele, perdendo-se, querendo, de algum modo, enterrar-se nele. E ele ria um pouco do entusiasmo dela, mas sua respiração também estava mais rápida, e havia manchas coloridas em suas bochechas.

Não me importo com quem você é, pensou ela. Não me importo com quem eu deveria ser. Estou cansada de seguir as antigas regras.

Micah empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

— Anda — disse ele, delicadamente, colocando-a de pé, e equilibrou-a com uma das mãos sob o braço dela. — Sei um lugar aonde podemos ir.

Ela assentiu sem dizer nada e apertou a mão dele com as duas mãos para evitar balançar. Ele a conduziu pelo labirinto de tendas de seda, por mesas iluminadas com velas e conversas murmuradas.

Um som insinuou-se em meio à mente turva dela. Uma voz familiar, alguém que chamava, como se estivesse muito distante. *Raisa! Onde está você?*

A mão de Micah apertou o braço dela.

— Não responda — falou ele.

— Mas é meu pai — retrucou ela. — Ele parece preocupado.

— Ele só quer nos manter separados — disse Micah. — Todos querem. Vamos. — Ele a puxou na direção oposta. — Vamos por aqui.

Eles correram, girando e dando voltas, até a saída lateral, abaixando-se para escapar de Wil Mathis, que conversava com uma garota no canto, e Mellony, que se aproximava mais uma vez da bandeja de sobremesas. Era emocionante, como um jogo de esconde-esconde com roupas de festa.

Eles saíram para o corredor e ficaram frente a frente com Amon Byrne, que bloqueou o caminho.

— Ah! — Raisa deslizou até parar nos pés com meias. Ela parecia ter perdido os sapatos.

— Você, de novo — falou Micah. — Como é possível você estar em toda parte ao mesmo tempo?

Amon o ignorou.

— Seu pai está procurando você — disse ele para Raisa. — Não o ouviu chamar?

— Bem, ah... — Ela olhou para Micah e, por alguma razão, não sabia o que dizer. — Nós vamos... a outro lugar.

— Isso não é da sua conta — retrucou Micah, e puxou Raisa para a frente como se quisesse passar por cima de Amon. — Sai do nosso caminho.

Amon não se moveu, mas olhou de Raisa para Micah e fez uma careta.

— O que você fez com ela? — quis saber. — Ela parece estar em algum tipo de transe.

Mais uma vez, Raisa ouviu a voz do pai, próxima.

— Raisa!

— Lorde Demonai! — gritou Amon. — Ela está aqui! No corredor! Com Micah Bayar. Rápido!

— Malditos sangue e ossos — xingou Micah. — Quando você vai aprender a parar de se intrometer? Você vai pagar por isso. — Ele soltou a mão de Raisa e pegou um bolo da bandeja próxima. Depois, reclinou-se na parede e aguardou.

E subitamente o pai dela estava lá, com o rosto feito uma nuvem de tempestade sobre Hanalea.

— Ah. Bem. Vou embora, então — falou Amon, caminhando na direção do salão de baile. Os cantos da boca se curvaram, como se ele estivesse satisfeito consigo mesmo.

— Você! Fique onde está até eu resolver isso — disse Averill, e Amon ficou imóvel no lugar.

Averill pegou o xale de Raisa do chão e arrumou-o sobre os ombros dela. Ao fazer isso, pareceu perceber o colar de Raisa. Ele o fitou por um longo instante; depois virou-se para Micah.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — quis saber ele, olhando para Micah com ar severo.

Micah encolheu os ombros e deixou de lado o bolo. Tentou parecer despreocupado, mas sua mão tremia.

— Eu estava encorajando a princesa a comer alguma coisa. Acho que ela bebeu um pouco demais.

— Ah, sério? É *isso* mesmo?

Averill segurou o queixo de Raisa e olhou nos olhos dela. Ele parecia tão estranho. Ela deu uma risada, depois encolheu-se quando ele a apertou com mais força.

— Não me aperte — reclamou ela, e lutou para se libertar. Por que ele estava agindo assim? — Micah e eu apenas estávamos indo embora.

— Estavam? — Subitamente Averill parecia muito alto e imponente nas vestes dos clãs.

— Eu ia mostrar a ela a vista do terraço — respondeu Micah, enfiando o restante do bolo na boca e lambendo os dedos. Ele salpicara açúcar nos lábios, e Raisa impulsivamente abaixou a cabeça dele e beijou-o para limpar. Os beijos dele já eram quentes e doces, quem sabe quão mais doces poderiam ficar agora.

— Raisa — sussurrou com certa dificuldade e deslizou os braços ao redor dela, ignorando a expressão de raiva de Averill.

Micah também parecia estar um pouco embriagado.

— Raisa! — Averill puxou-a e empurrou-a para uma cadeira. — Você não está bem. Acho que é hora de chamarmos a sua carruagem.

— É cedo ainda — disse Micah. Ele limpou a garganta e olhou de Raisa para Averill, depois para Raisa de novo. — Por favor, Alteza, fique um pouco mais. É meu rebatizado, afinal.

— Acho que não — disse Averill, e sua voz era baixa e severa. — Volte para a festa, bruxo. Mas, primeiro, quero saber onde você arrumou isso. — A mão de Averill se fechou no pulso de Micah. Ele ergueu a mão do garoto e exibiu um anel entalhado de modo elaborado com esmeraldas e rubis.

— Me deixa em paz! — Micah fez um esforço para se libertar. — Não é da sua conta.

— Na verdade, é da minha conta — disse Averill e soltou-o. — Já vi este desenho, mas apenas em antigos manuscritos. Ele é anterior à Cisão, e é proibido atualmente.

Micah esfregou o pulso.

— Alguém me deu. Um presente de rebatizado. Tenho uma sala cheia. O que te importa?

Raisa estreitou os olhos para enxergar o objeto, a visão embaçada. Por alguma razão, ela não percebera antes. E agora que olhava mais de perto, viu que era um anel na forma de serpente, enrolado ao redor do dedo de Micah, com rubis no lugar dos olhos. Mas havia algo familiar nele.

Ela esticou a mão e tocou o colar. O pingente de ouro que repousava sobre sua pele era igual ao anel de Micah. E era quente ao toque.

Os olhos de Averill moveram-se entre as duas joias.

— Onde você conseguiu o colar, Raisa?

— Hã? — Por um momento, ela não conseguiu se lembrar. — Ah. Foi um presente dos Bayar.

Averill agarrou o pingente e ergueu-o para longe do peito dela. Embaixo dele, havia uma marca vermelha que queimara sua carne. Uma cabeça de cobra.

Com um rugido de raiva, Averill arrancou o colar, quebrou o fecho e fez com que os pedaços dele voassem. E jogou o colar no rosto assustado de Micah.

— O que você esperava conseguir, bruxo? — quis saber ele.

Micah piscou para ele, depois baixou os olhos para o colar no chão. Ele parecia totalmente chocado.

— Não sei do que o senhor está falando.

Raisa curvou-se, apertando as mãos no peito, e sentiu como se o pai tivesse arrancado o seu coração.

— Criador Piedoso — murmurou, sem ar.

Averill olhou para ela, depois fechou os olhos por um momento como se fizesse um esforço para retomar o autocontrole. Ele se virou para Micah.

— Sou do clã, lembra? Demonai. Você acha que eu não reconheceria? — Averill agarrou a parte da frente do casaco sofisticado de Micah e lhe deu uma sacudida forte. — Ela não é para você, entendeu? Isso nunca vai acontecer.

Agora a raiva tomou conta do rosto de Micah e substituiu o espanto.

— Por que não? Sou bom o suficiente para as princesas de Tamron.

— Então, case-se com uma *delas* — disse Averill.

— Quem falou alguma coisa sobre casamento? — disse Micah, e seus olhos pretos reluziram. — Mas, agora que o senhor mencionou, por que não podemos nos casar, se quisermos? Estou cansado de viver de acordo com regras idiotas, criadas há centenas de anos.

— Se você tentar algo assim de novo, os clãs voltarão a caçar os feiticeiros. A começar por você.

— Eles nunca deixaram de caçar feiticeiros — retrucou Micah amargamente. — Sabemos o que vocês estão planejando nos Campos. Sabemos que você é um guerreiro Demonai. Temos nossos próprios espiões. Quanto ao colar — ele o cutucou com o pé —, todas essas histórias de amuletos mágicos e malignos são apenas... histórias. Vocês, Demonai, sempre veem conspirações mágicas onde não há nada.

Micah abaixou-se, pegou o colar e o pôs no bolso.

— Leve-a para casa, então. Vou voltar para a festa. — Quando passou por Raisa, inclinou-se e deu um beijo nos lábios dela. Depois, deu um sorriso torto para Averill. — Mas eu gosto de beijá-la e, até onde sei, ela também gosta. Tente nos manter separados.

E foi embora.

Averill olhou para ele por um longo instante. Amon moveu-se, como se não tivesse certeza se devia ficar ou ir.

Raisa sentiu o estômago revirar. Era como se seu corpo fosse um campo de batalha, com sensações subindo e descendo como ondas nos Penhascos de Giz. Seus lábios ainda vibravam por causa do beijo de Micah, e ela queria correr atrás dele, dizer que sentia muito que o pai dela tivesse enlouquecido. Ela se sentia tonta e doente de desejo. Ela pôs a cabeça entre os joelhos e respirou fundo, decidida a não desmaiar.

Amon ajoelhou-se diante dela e segurou suas mãos entre as dele.

— Rai... Alteza — falou, com uma expressão esgotada e pálida. — Posso... pegar alguma coisa para você?

Ela olhou para o rosto dele, e ele parecia cauteloso, embora decidido, como se tivesse medo de que ela pudesse cuspir em seu rosto, mas disposto a correr o risco.

Em vez disso, ela vomitou em cima dele todo. E de si mesma.

Horrorizada, tentou pedir desculpas, mas ele parecia tão solene e ridículo com vômito nos cabelos e em toda a roupa azul que logo ela estava rindo. Ele a olhou com ar severo, depois pegou um lenço e cuidadosamente limpou o rosto.

Averill segurou o xale e o manteve fora de perigo.

— Onde estão os seus sapatos, Raisa? — perguntou ele, olhando ao redor.

Ela balançou a cabeça, impotente. Agora estava chorando, lágrimas grandes e gordas, e tremia incontrolavelmente. O que havia de errado com ela?

— Não pegue meus sapatos — disse ela, e fez um esforço para ficar de pé. — Tenho que achar Micah, preciso... dizer uma coisa para ele.

— Amon — começou Averill —, vá e diga à rainha... — Ele deu mais uma olhada em Amon e reconsiderou. — Não. Eu vou e digo à rainha que a princesa-herdeira adoeceu. Você leva Raisa de volta para o Castelo de Fellsmarch. Não deixe ninguém vê-los. Leve-a para os aposentos dela e a mantenha lá. Não importa o que aconteça. Não tire os olhos dela nem por um momento, e fique lá até eu voltar.

Ele girou nos calcanhares e se afastou.

Amon ajudou Raisa a ficar de pé; ela quase voltou a cair, mas foi salva pela mão em seu braço.

Amon olhou ao redor, em busca de testemunhas, depois puxou a toalha de uma mesa próxima e jogou o centro de mesa com trombetas e copos-de-leite no chão. Ele jogou a toalha de mesa sobre Raisa, cobriu-a da cabeça aos pés, depois pegou-a em seus braços.

— Amon! Me põe no chão! — protestou ela, e lutou para se libertar, com a voz abafada pelo tecido. — Eu tenho que... eu tenho que...

Ele pôs os lábios perto do ouvido dela, e ela podia sentir seu hálito quente através do tecido.

— Anda, Rai — falou, e o desespero surgiu em sua voz. — Não torne as coisas mais difíceis, está bem?

Ele a carregou por algum tempo, fazendo curvas, e voltas, e a luz mudava à medida que passavam por corredores escuros e salas fortemente iluminadas. Finalmente, Raisa inspirou o ar da noite, e soube que estavam no pátio.

Ela se recordou dos beijos de Micah, das mãos em seus ombros, e do coração que batia mais rápido. O desejo voltou a invadi-la.

— Não! — Ela recomeçou a se contorcer. — Eu tenho que... voltar e pegar meus sapatos.

Amon assobiou, e ela ouviu o rangido das rodas da carruagem que vinha na direção deles.

— Que tem aí, soldado? — perguntou o motorista, e riu. — Lembrancinha da festa?

— Minha irmã — disse Amon, e não parecia achar graça. — Ela não está se sentindo bem.

Raisa ouviu a risada.

— Pode nos apresentar, cabo? — gritou alguém.

— Eu... não... sou... sua irmã — resmungou Raisa. — Por que você continua a dizer isso? — Mas Amon estava lutando para metê-la na carruagem; ela ouviu os arreios estalarem, e eles partiram, fazendo barulho noite adento, cada vez mais longe de Lady Gris e do fascinante Micah Bayar.

Ela deve ter adormecido, pois a próxima coisa que percebeu foi que Amon subia pesadamente um lance de escada, e que ainda a carregava nos braços. Ele girou e andou cem passos, depois colocou-a de pé com cuidado. Ele a retirou da mortalha improvisada como um cadáver em seu envoltório, mantendo uma das mãos firme no braço dela. Eles estavam parados diante da porta do quarto da princesa.

— Solte-me! — pediu Raisa, e tentou se afastar dele. — Eu me esqueci de uma coisa. Tenho que voltar para Lady Gris.

Ele bateu na porta.

— Abra!

Raisa ouviu Magret do outro lado da porta, resmungando enquanto ia até eles.

Bam! A porta se abriu com uma pancada e revelou Magret em seu robe.

— Uma pessoa não consegue dormir um pouco... — Os olhos de Magret se fixaram em Raisa. — Alteza! O que aconteceu?

— Ela não está se sentindo bem — disse Amon.

— Eca! — disse Magret, e abanou o ar com uma das mãos. — Com todo o respeito, mas vocês dois estão fedendo a vômito! — Ela fitou Raisa com ar desconfiado. — Você não andou bebendo, andou?

— Lorde Demonai me pediu que a trouxesse até aqui para ficar com você — falou Amon. — Disse que você cuidaria dela.

Magret se encheu de importância.

— Mas claro que ele ia dizer uma coisa dessas; ele conhece a velha Magret, conhece sim. — Ela pegou Raisa pelo braço e puxou-a para dentro, depois fez um

gesto de que ia fechar a porta na cara de Amon.

— Lorde Demonai me disse para ficar até ele chegar — falou Amon com teimosia, e com a bota evitou que a porta se fechasse. — Ela está... em perigo. Ele me disse para ficar com ela.

— Disse? — repetiu Magret, confusa. — Bem, eu nunca pensei que viveria para ver o dia em que jovens se convidassem para o quarto de uma garota no meio da noite. — Ela o examinou e procurou sinais de depravação, depois balançou a cabeça. — Bem, venha, então.

— Magret — disse Raisa, desesperada. — Tenho que voltar para a festa. O cabo Byrne me raptou e me arrastou até aqui contra a minha vontade.

— Isso é verdade? — Magret fitou Amon com nova hostilidade.

— É — disse Amon, com aquele olhar direto dos Byrne que podia ser tão convincente. — Mas foi com as ordens de lorde Demonai. Ele vai estar aqui em breve.

— Bem — retrucou Magret, de má vontade —, ela não pode voltar para a festa se está doente, pode?

Amon balançou a cabeça solenemente.

— Não. Não parece prudente.

Raisa odiava os dois.

— Anda — disse Magret e puxou-a na direção do quarto. — Vamos botar você em sua banheira, querida. — Quando Amon fez que ia acompanhá-las, Magret esticou o braço e o impediu. — Você senta aqui perto do fogo, cabo Byrne.

— Lorde Demonai me disse para ficar de olho nela até ele voltar — disse Amon, teimoso. — Ela não está nada bem.

Magret lançou um olhar severo para ele.

— Para onde ela vai, se você está aqui perto da porta? — perguntou.

— Eu dei minha palavra — respondeu Amon, e Raisa sabia que ele estava pensando na passagem que conduzia do closet ao jardim. Ele não estava disposto a lhe dar a chance de escapar por lá. Raisa amaldiçoou o dia em que dividiu o segredo com ele.

Amon exibiu a costumeira teimosia dos Byrne e, no fim, Magret ergueu uma tela ao redor da banheira de Raisa, e Amon caiu pesadamente na cadeira ao lado da janela. Parecia estranho saber que ele estava apenas do outro lado da tela, e ela não vestia roupa alguma.

Assim que ela se lavou, Magret ajudou-a a vestir a camisola, e Raisa emergiu por trás da tela e encontrou Amon sem camisa, com os cabelos molhados e arrepiados, esfregando-se e usando uma bacia e um cântaro. Os ombros largos e os braços musculosos brilhavam à luz do fogo. Esta imagem reverberou com as lembranças do rosto e os olhos escuros de Micah Bayar até Raisa achar que poderia vomitar de novo.

— Minha senhora martirizada! — disse Magret, corando e fechando os olhos diante da visão; depois, abriu-os de novo e voltou a espiar Amon. — Ande, Alteza, vamos para a cama.

Raisa mal tinha entrado debaixo das cobertas quando se ouviu uma batida na porta externa. Magret lançou a Amon um olhar severo de aviso e foi atender.

Era o pai da princesa, Averill, e sua avó, Elena, que ainda usavam as vestes cerimoniais do clã, vindos da festa de Micah. Elena trazia uma bolsa de remédios feita de contas.

— Obrigada por sua ajuda — disse Elena a Magret, e, de alguma maneira, conseguiu levar a babá para fora do quarto. Depois, caminhou até a lateral da cama de Raisa.

Sorrindo para a neta, pôs a palma da mão em sua testa.

— Rosa Agreste, minha neta, o que foi que houve com você?

— Não sei, Elena *Cennestre* — disse Raisa de mau humor. — Posso estar doente, mas todos à minha volta estão loucos. — Ela fez cara feia para o pai e Amon Byrne, que devia ter encontrado uma camisa em algum lugar, pois agora estava vestido.

Elena riu e deu tapinhas em sua coxa, e Raisa imediatamente sentiu-se melhor. Elena acalmaria a todos.

— Vamos ver essa sua marca — disse Elena, e desamarrou a fita no decote da camisola de Raisa. Ela abriu o tecido e estudou a marca na base do pescoço de Raisa. Havia bolhas agora, que se concentravam em uma área de pele cor-de-rosa suave.

— Está doendo? — perguntou ela.

— Não. Eu nem sabia que estava aí — admitiu Raisa. — Deve ser uma reação ao pingente.

— Assim parece. — Elena estudou a ferida mais um pouco e então remexeu na bolsa e tirou um cântaro de pedra. — Não parece ter ido muito fundo — disse ela. — Não sou uma curandeira como Willo, mas tenho alguma habilidade. — Ela abriu a tampa e estendeu um cântaro de pomada verde-clara. — É sorveira, e algumas outras ervas. Posso passar?

— Está bem — respondeu Raisa, cautelosa.

Elena mergulhou os dedos na pomada e esfregou por cima das bolhas no pescoço de Raisa. Cheirava a pinheiros e ar fresco, e parecia resfriar todo o seu corpo. Ela se inclinou sobre os travesseiros e soltou um longo suspiro. A cabeça havia parado de girar. Se antes estivera agitada e febril, agora sentia-se concentrada e calma. Sua mente aos poucos ficou livre de dúvidas, confusão e desejo, como sedimentos se assentando no fundo de um lago na montanha.

— Obrigada, mãe Elena — murmurou ela. — Está muito melhor.

Elena voltou a tampar o cântaro e deixou-o cair na bolsa de remédios.

— Seu pai disse que você estava com o feiticeiro Micah Bayar. O que foi que aconteceu entre vocês?

Raisa não tinha certeza sobre o que sua avó estava perguntando.

— Bem, nós dançamos. E... e nos beijamos.

— Algo mais? — Os olhos de Elena fixaram-se em seu rosto.

A face de Raisa ardeu de constrangimento. Esse não era o tipo de conversa que ela queria ter com a avó. Muito menos com a matriarca do Campo Demonai. E não com Amon Byrne observando. Pelo menos, ele teve a decência de parecer envergonhado.

— Foi só isso — disse ela, sem rodeios.

Elena e Averill trocaram olhares expressivos.

— Então não vejo o porquê da confusão — disse Raisa. — Se eu quero dançar com Micah Bayar, eu vou dançar. Ele... ele é um bom dançarino — concluiu, de modo pouco convincente. — E charmoso.

Amon Byrne revirou os olhos, e Raisa resistiu à vontade de mostrar a língua para ele.

— O colar que os Bayar lhe deram era um amuleto de sedução, Raisa — disse Averill. — Era comum antes da Cisão, mas hoje é proibido. Funciona com o anel que o jovem Bayar usava, criando uma poderosa atração nas duas pessoas.

Você finalmente o usou, Raisa, dissera Micah, com intensidade. *Temia que não tivesse gostado*.

— Mas por que ele usaria isso em mim? — perguntou Raisa. — Não vai ajudá-lo em nada. — Ela tentou limpar a garganta, e seu rosto voltou a ficar quente. — Quero dizer, além disso... a senhora sabe. Não importa o que ele tenha dito na festa,

sabe que não podemos nos casar. Ele deveria usar isso na princesa Marina ou alguém assim.

Assim que terminou de falar, percebeu que Micah também não precisaria disso para aquele fim. Eram casamentos políticos, arranjados por outras pessoas para criar alianças e aumentar o poder. Sedução não tinha nada a ver com isso. E mesmo que tivesse, Raisa não tinha dúvida de que Micah Bayar se arranjaria muito bem por conta própria.

— Essa é a questão, não é? — disse Averill, e parecia sério. — Por que ele usaria isso em você?

Sei um lugar aonde podemos ir, dissera Micah. E ainda assim...

— Não acho que ele soubesse o que era — disse Raisa. — Acho que a história toda o pegou de surpresa.

— Raisa — começou o pai, que parecia perturbado —, sei que você gosta de pensar o melhor das pessoas...

Raisa ergueu uma das mãos.

— Apenas parem. Não gosto de pensar o melhor das pessoas. Na verdade, costumo pensar o pior. Em especial, de Micah Bayar. Mas ele parecia totalmente perdido quando o senhor arrancou meu colar e o jogou para ele. Acho que não tinha ideia de que havia uma ligação entre o anel dele e o meu colar. Ele pensou que estava me seduzindo por conta própria.

Amon falou pela primeira vez.

— Deixe-me ir direto ao ponto. Você acha que foi coincidência vocês dois estarem usando faz-feitiços? — E ergueu a sobrancelha daquele jeito irritante.

— Se não foi ele, outra pessoa arranjou isso — disse Averill. — A questão é: por quê? E se eles têm esta arma, o que mais têm? E onde estão guardando isso?

— Onde está o anel que lhe dei? — perguntou Elena abruptamente. — Eu lhe disse para ficar com ele.

Raisa franziu a testa para se recordar.

— Ah. Eu ia usar, mas mamãe sugeriu usar o colar de esmeralda em seu lugar.

Todos a fitaram.

— O quê? — perguntou Raisa, irritada. — Você acha que minha mãe, a rainha, está envolvida em uma conspiração contra a própria filha? Não. Eu tenho certeza de que foi uma questão de moda, não política.

— Onde o anel está agora? — perguntou Elena.

Raisa fez um esforço para se lembrar.

— Está na penteadeira. — E fez um gesto vago na direção da sala de estar.

— Vou pegar — disse Amon, e passou correndo pela entrada como se ficasse contente por ter algo para fazer. Ele voltou momentos depois com o anel apertado na mão fechada e grande. E o entregou para Raisa.

Ela o pendurou novamente no pescoço. O anel parecia frio contra a pele aquecida.

— Micah perguntou por que ele não poderia se casar com você — recordou Averill. — Disse que planejava continuar a cortejá-la.

— A me *beijar* — disse Raisa. — Ele disse que gostava de me beijar e planejava continuar fazendo isso.

— E quanto a você? — perguntou Elena. — Você planeja continuar fazendo isso?

Raisa ficou subitamente cansada do interrogatório, cansada de fazerem com que se sentisse boba quando ela estava fazendo o melhor possível. Cansada.

— Não sei — respondeu ela, e bocejou. — Talvez.

Ao adormecer, sua última lembrança eram Averill, Elena e Amon Byrne, com as cabeças próximas e cochichando. Sem dúvida, planejavam a própria conspiração.

CAPÍTULO DEZOITO

NA FRONTEIRA

Não que Han esperasse ser o centro das atenções em Pinhos Marisa. Mas ele não estava acostumado a ser totalmente ignorado, e era isso que parecia estar acontecendo. A cerimônia de rebatizado estava se aproximando — dali a apenas uma semana. Sabiá passava longas horas do dia isolada no templo das mulheres e meditando sobre o futuro. Han tentou se esgueirar para visitá-la uma vez e imaginou que ela gostaria da distração, pois ela já sabia o que queria ser, afinal. Ele tinha esperanças de que voltassem a se beijar. E que continuassem a partir dali.

Ele foi rudemente expulso, para sua infelicidade.

Mesmo quando Sabiá não estava meditando, ficava absorvida em planos para o rebatizado. Não tinha tempo para caçar, pescar, nem nadar no rio Dyrnne ou no Riacho da Velha. Ela não queria subir Hanalea para acampar perto do lago ou ter a vista lá do alto.

Como qualquer coisa proibida, ela se tornou fascinante para Han. Quando caminhava no campo com as saias de verão, ele não podia deixar de notar o gingado dos quadris, o sorriso raro e brilhante contra a pele morena. Mesmo partes que eram normalmente ignoradas, como joelhos e cotovelos, pareciam atraentes para ele.

Mas ele estava relegado a observá-la a distância.

Dançarino estava diferente, mas pior, em certo sentido. Ele sempre fora magro e elegante, mas agora parecia encovado, quase cadavérico. Será que estava doente? Ou era a raiva que trazia que estava fazendo sua carne arder?

Fosse o que fosse, o ressentimento entre ele e a mãe parecia ter se aprofundado. Han ficava com Willo e Dançarino na Cabana da Matriarca. Os dois raramente se falavam em público, e no alojamento a tensão era opressiva. Algumas vezes, a presença de Han era bem-vinda, como se fosse uma desculpa para não lidarem um com o outro. Outras vezes, ele se intrometia em uma conversa que acabava em silêncio sepulcral. Às vezes, ele dormia em outro lugar apenas para deixar de se sentir um intrometido.

Willo também passava horas em reuniões com os mais velhos do clã. Uma delegação viera de Demonai, nas encostas ao leste, e todos os idosos se fecharam no templo durante horas.

Uma dezena de guerreiros Demonai acompanhou os visitantes, e Han encontrou uma desculpa para passar pelo acampamento deles. Eram orgulhosos, elitistas e misteriosos — a razão de ser das lendas que datavam de antes da Cisão, até as guerras entre feiticeiros e clãs.

Nos velhos tempos, dizia-se que os Demonai acrescentavam uma trança aos cabelos para cada feiticeiro que matavam. Muitos deles ainda usavam tranças enfeitadas com contas, e alguns diziam que matar um feiticeiro e pegar seu amuleto ainda era o preço para ser aceito em suas fileiras.

É como uma gangue, pensou Han. Você tem que mostrar seu valor para entrar.

Os guerreiros Demonai montavam os melhores cavalos e carregavam as armas mais poderosas feitas pelos clãs. Eles usavam o símbolo dos Demonai no pescoço — um olho que irradiava chamas. Dizia-se que flutuavam acima do solo e que não deixavam rastro de sua passagem. Com frequência, Han via Sabiá sentada perto das fogueiras, comendo do panelão comum e ouvindo com muita atenção o que tinham para dizer, e falando muito pouco, para variar.

Han não podia deixar de sentir uma pontada de ciúme. Mais que uma pontada: uma dor bem fundo nos ossos. Para falar a verdade, ele se sentia excluído. Para a nobreza na cidade, as festas de rebatizado os proclamavam maiores de idade e prontos para casar. Alguns deles ganhavam acesso à herança, então. Feiticeiros recebiam seus amuletos e partiam para a academia no Vau de Oden para explorar os mistérios de sua vocação.

Entre os clãs, a cerimônia de rebatizado admitia o jovem à associação plena no alojamento; iniciava sua vida profissional, acolhia-os nos templos e, com frequência, dava início à dança da corte.

Han vivia como numa terra de ninguém. Seu 16º rebatizado chegara e passara há meses, e mal foi percebido. A mãe trouxera para casa um bolo de mel da padaria na esquina e isso o recordara de que ele tinha que encontrar um trabalho de verdade. Nenhuma cerimônia marcou a transição de Han de *lytling* para adulto. Ele simplesmente se arrastava pelas fronteiras, como uma criatura rastejante.

Por isso, Han sentia inveja, embora Dançarino parecesse infeliz. Será que ele tinha algum problema para escolher uma vocação? Será que Willo o estava

empurrando para alguma coisa que ele não queria?

Ele tentou conversar com Dançarino sobre isso, um dia, quando estavam pescando. Pelo menos, Dançarino pescava com ele. Na verdade, parecia ansioso para sair da montanha e se afastar do Campo. Ele aproveitava qualquer desculpa para fazer isso.

— Então — disse Han, e balançou a ponta da vara de pescar para que a isca tocasse a água —, Sabiá Cavadora mal fala comigo. Ela sempre está de nariz em pé.

Dançarino grunhiu.

— Ela vai falar com você, não se preocupe. Depois da cerimônia. — Dançarino abaixou a vara, deitou na margem do rio e fechou os olhos. As pálpebras pareciam grandes feridas no rosto incomumente pálido.

— Se... se eu tivesse que escolher, não sei o que seria — falou Han, sentindo como se estivesse batalhando com o silêncio de Dançarino. — Já tive muitas vocações.

— Uma vocação é diferente de um trabalho — murmurou Dançarino. — Pode acreditar.

— Diferente como? — perguntou Han, incentivado pela resposta do outro garoto.

— Uma vocação não é algo que você consegue cobrir ou disfarçar, como uma camada de tinta, e trocar sempre que quiser. Se tentar fazer outra coisa, você fracassa. — Ele disse a última frase com profundo azedume.

Han acenou com a cabeça. Algumas vezes, era como se ele nunca tivesse escapado da antiga vida como dono da rua de Feira dos Trapilhos. Se você era bom em alguma coisa, se fazia um nome, isso se grudava a você e o assombrava durante todos os seus dias.

Ele tocou os braceletes prateados ao redor dos pulsos. Eles pareciam simbolizar sua falta de opção. Se simplesmente pudesse tirá-los, talvez pudesse se transformar em outra pessoa. Pelo menos, não seria reconhecido com tanta facilidade.

— Acho que é importante descobrir o que você nasceu para fazer — disse Han. — O que você faria, se pudesse escolher algo?

Dançarino abriu os olhos e apertou-os contra os raios de luz do sol que atravessavam as árvores.

— Sempre pensei que eu gostaria de ser aprendiz de um ourives Demonai, como Elena, e aprender a fabricar joias, amuletos e peças mágicas.

Dançarino sempre gravitava ao redor de mesas de ourives de ouro e prata nos mercados.

— Você pediu a ela? — perguntou Han.

Dançarino fechou os olhos.

— Ela não vai me receber.

Isso era estranho. Elena conhecia Dançarino, sabia que ele trabalhava duro e era honesto.

— Bem... sua vocação pode mudar? Você está preso nela? Tem que fazer a mesma coisa a vida inteira?

— Depende — falou Dançarino. — Alguns de nós não têm opção. — Ele esfregou os olhos com as palmas das mãos. Depois, ergueu-se e se afastou, na direção da floresta, e deixou todo o equipamento de pescaria para trás.

Uma semana após a chegada a Pinhos Marisa, Han decidiu visitar a casa de Lucius Frowsley. Ele tinha que informá-lo que já não conseguia mais entregar seu produto em Fellsmarch. Esperava que Lucius lhe desse outro tipo de trabalho, alguma coisa que ele pudesse fazer sem ir até a cidade, mas sabia que isso era improvável.

Desceu usando a trilha das Montanhas Espirituais, depois cortou pelo caminho que levava à casa de Lucius.

A cabana parecia deserta, como sempre, sem fumaça girando da chaminé. Mas Lucius não estava pescando na margem do córrego nem cuidando do alambique na encosta da montanha. Na verdade, o fogo sob a chaleira se apagara e a camada de tijolos estava fria. Isso nunca tinha acontecido. Lucius podia ser lento, mas era consistente.

Han empilhou a madeira por baixo da chaleira e a encheu de água, mas não acendeu, e deixou o destilado onde estava.

Perplexo, ele caminhou de volta até a cabana de Lucius, que era o último lugar onde ele esperava encontrá-lo em um dia ensolarado de primavera. Ele podia deixar um bilhete, mas isso não adiantaria para um cego. Ele tinha um pouco do dinheiro que devia ao homem, mas odiaria deixá-lo na cabana quando o velho não estivesse por lá.

O garoto bateu forte na porta. Seguiu-se uma onda de latidos e, depois, o corpo sólido de Cão atingiu a porta.

Ele deve estar aqui, pensou Han. Lucius e Cão sempre estavam juntos.

— Ei, Cão — disse ele, empurrando a porta da cabine para que abrisse. O animal pulou nele, lambendo seu rosto com a língua comprida e úmida, em um frenesi canino de alegria.

— Onde está Lucius? — perguntou Han, sentindo uma pontada de preocupação.

Seus olhos se ajustaram à pouca luz e então ele percebeu movimento sobre a cama no canto.

— Lucius?

Não havia lampiões, claro, mas Han abriu as cortinas para deixar um pouco de luz entrar no quarto. O velho estava sentado na cama, encostado na parede, e embalava uma garrafa, doente, bêbado ou coisa parecida.

Han olhou em volta da cabana. A tigela de água de Cão estava vazia, e a de comida também.

— Lucius? Qual é o problema com você?

— Quem é? — O velho estremeceu. Depois, sua voz mudou, ficou mais aguda e desafiadora. — Covardes. Vieram me pegar também?

— Sou eu, Han — disse o garoto, e hesitou na entrada. — Não me reconhece?

Lucius jogou o braço sobre o rosto como se pudesse se esconder atrás dele.

— Vá embora. Sei que o garoto está morto. Já fiquei sabendo, então não tente me enganar. Você conseguiu o que queria; portanto, me deixe em paz.

Han caminhou até Lucius e deu um tapinha desajeitado em seu ombro. O velho recuou e agarrou a garrafa como se fosse sua tábua de salvação.

— Do que você está falando? Não estou morto. Você está dizendo maluquices.

O velho abriu os olhos embaçados.

— Você não está com ele, está? O faz-feitiço. O garoto escondeu direito, não escondeu? — Lucius riu alto. — Bem, eu não estou com ele, se é disso que você está atrás. Banque o malvado. Pode me torturar, mas não posso lhe dizer o que não sei.

— Apenas pare, Lucius — pediu Han, ao perder a paciência. — Vou pegar alguma coisa para você comer.

Se Lucius não tinha alimentado Cão, havia boas chances de que ele não tivesse se alimentado também. Han foi até a bomba no quintal e encheu um balde com água. Ele o trouxe para dentro de casa, encheu a tigela de água de Cão e despejou um pouco em uma caneca para Lucius.

— Tome — disse ele, e lutou para tirar a garrafa das mãos de Lucius. — Beba isso. — Ele remexeu na bolsa, tirou um biscoito de dentro, e o pressionou na mão de

Lucius. Quando o velho apenas ficou sentado, apertando-o, Han quebrou um pedaço e pôs em sua boca.

Lucius mastigou mecanicamente, e o queixo com a barba por fazer se moveu para cima e para baixo. Cão lambia a água ruidosamente. Han remexeu os armários de Lucius e descobriu um resto de presunto, que partiu em pedaços. Pôs uma parte na tigela de comida de Cão e deu o restante ao homem, pedacinho a pedacinho, alternando com goles de água.

Cão comia vorazmente a sua parte.

— Eles disseram que você estava morto — resmungou Lucius, e Han sabia que ele estava voltando ao juízo perfeito. — Pensei que fosse minha culpa, por dizer para você guardar o faz-feitiço.

— Quem disse que eu estava morto? — perguntou Han.

— Eles disseram que você foi assassinado perto do rio — prosseguiu Lucius. — Aniquilado por demônios.

A compreensão o invadiu.

— Ah. Fui eu quem fez isso. Queria que as pessoas pensassem que eu estava morto.

Lucius parou de mastigar.

— Eles estão atrás de você, então? Os Bayar?

Sempre os Bayar.

— Não. São os casacos azuis que estão atrás de mim. A Guarda da Rainha. Eles pensam que eu matei um monte de pessoas.

— Ah — Lucius soltou um suspirou de alívio. — Ainda bem que não é nada pior.

— É ruim o bastante! — explodiu Han. — Não posso ir para casa, não posso me sustentar. Estou preso aqui em Hanalea.

— Tem coisas piores — disse Lucius, que agora comia sozinho. — Você matou? Aquelas pessoas?

— Não, não matei! Você sabe muito bem. Estou fora disso. Ou tentando estar.

— Bem, então. Dê tempo aos casacos azuis. Assim que a agitação passar, eles vão poder ser comprados de novo. — Lucius lambeu os dedos, esticou a mão e tateou atrás da garrafa.

Han pôs a caneca de água na mão dele.

— Acho que você deveria beber isso aqui.

Lucius deu um suspiro e retrucou:

— Então você vai ficar em Pinhos Marisa?

— Por enquanto. Não posso fazer entregas para você, de qualquer forma. Desculpe.

— Onde está o amuleto?

— Está escondido. Lá na cidade. — O que era inconveniente, agora que ele pensava nisso. Seria difícil de pegar.

Lucius tossiu e cuspiu no chão, do modo como os idosos fazem.

— Talvez você devesse pensar em ir para o sul, para Bruinswallow ou Angra de We'en. Ou para o leste, para os Penhascos de Giz, e arrumar um trabalho nas docas. Ficaria mais seguro ali.

— Bem — Han tocou os braceletes ao redor dos pulsos —, eu estava pensando em Arden ou Tamron. Não é muito longe. Eu poderia ir para casa, ver Mari e mamãe, de vez em quando.

— Tem uma guerra acontecendo, garoto, ou você não está sabendo?

— Pensei que poderia ir como soldado — disse Han. Era sua ideia mais recente.

Lucius pousou a caneca com força.

— Um soldado? Um *soldado*? Que tipo de ideia idiota é essa?

Han não esperava aquela reação de Lucius.

— Ora, é um dinheiro bom, e eu não preciso de aprendizado nem de treinamento, nem de...

— Você é inteligente, garoto! Muito inteligente para saber que não quer ser um soldado. Eu acabei de parar de me sentir culpado, por pensar que você estava morto. As vidas dos soldados são baratas demais atualmente. Se você fosse um oficial, talvez tivesse uma chance.

— Os oficiais vêm das academias — disse Han. — Não tenho dinheiro para isso. Pensei que poderia economizar um pouco de dinheiro sendo soldado e, depois, ir para a academia.

— Claro que você pode — disse Lucius com ironia. — Você acha que a Academia Wien vai aceitá-lo com uma perna só? Cego que nem eu? Com os pulmões queimados pelos venenos que o príncipe de Arden usa? Você quer terminar como o seu pai?

— Você tem razão, Lucius. Tenho várias outras opções — disse Han, perguntando-se por que todos tinham permissão para fazer sermões para ele

ultimamente. — Como decidir? Eu poderia ser catador. Poderia continuar limpando os estábulos. Poderia ser um rapaz de vida fácil; o dinheiro é bom, e as roupas...

— Jemson não quer você como professor? — interrompeu Lucius.

Como ele sabe essas coisas?, pensou Han.

— Bem, não vou me ordenar, se é o que você está dizendo. Além disso, eu meio que estraguei essa chance — acrescentou ele, e pensou no cabo Byrne e em Rebecca, com os olhos verdes que poderiam prender você a uma parede. Parecia outra vida, mas ele apostava que ninguém tinha esquecido.

Ambos ficaram em silêncio, cada um lutando com os próprios pensamentos.

— Engraçado eles não terem vindo atrás de você — disse Lucius, finalmente. — Os Bayar, quero dizer.

— Talvez o faz-feitiço não seja tão valioso quanto você pensou — sugeriu Han. Lucius fitou-o com ar severo e balançou a cabeça, e Han completou: — Ou talvez eles não saibam quem eu seja.

— Humpf. Bem, podemos torcer por isso, garoto — disse Lucius. — Podemos torcer por isso.

CAPÍTULO DEZENOVE

O REBATIZADO

Apesar de se sentir à parte da cerimônia, Han não podia evitar ficar animado com a proximidade da comemoração do rebatizado.

Todos os anos, no solstício de verão, todas as crianças do clã que completavam 16 anos durante os meses com tempo quente eram festejadas na cerimônia de rebatizado. Era uma das poucas vezes durante o ano em que os Campos Pinhos Marisa e Demonai se uniam para dançar, flertar e arrumar casamentos entre as famílias dos clãs. Também era uma época para eixibir a melhor culinária; por isso, era provável que fosse a festa do ano.

Os alojamentos estavam cheios, três dias antes do solstício, e os visitantes transbordavam das cabanas. Mesmo a Cabana da Matriarca recebia um grande número de convidados.

Sabiá se isolara na Cabana dos Acólitos com os outros adolescentes que participariam do rebatizado, como era o costume, mas Dançarino havia desaparecido no bosque dois dias antes da festa, sem dizer uma palavra a ninguém. Han podia ver que Willo estava preocupada. Ela estava ocupada com os preparativos da cerimônia, mas algumas vezes ia até a porta para espiar, e dizia:

— Pensei ter ouvido alguém entrando.

Ela ficava alerta a cada som e dormia mal.

O insignificante Han também dormia mal, e dividia o chão da cabana com outros seis jovens primos Demonai, que davam risadinhas, cochichavam e puxavam com força mechas do seu cabelo.

Quando Han emergiu da Cabana da Matriarca na manhã da cerimônia, pedaços de cervo já estavam assando nos espetos e o aroma suculento de porco assado saía das fogueiras armadas no chão. Mesas compridas de armar foram arrumadas debaixo das árvores. Han e as crianças menores trouxeram braçadas de alho e cebolas selvagens, e tortas recém-assadas estavam alinhadas sobre prateleiras na cabana da cozinha.

Han ajudou a acender o fogo no templo exterior, arrastou mais assentos até o local para os idosos do clã e flertou com algumas garotas Demonai que ele não vira durante seis meses.

Willo vestiu os trajes de Matriarca, depois, com cuidado, arrumou as roupas de Dançarino, desdobrando-as ao tirar do baú no pé do catre: calça e sapatos, uma camisa leve e o casaco de couro de cervo com franjas pintado e com contas no estilo tradicional. Han examinou-o atrás de pistas. Não era um desenho comum — um tanto complexo, e incorporava os símbolos familiares de Pinhos Marisa e da Matriarca, além de marcas de sorveira e bruxaria.

Willo até fez uma camisa de couro de cervo com contas para Han, com os símbolos de caçador solitário na parte de trás da pala. Han gaguejou um agradecimento, e Willo sorriu e balançou a cabeça.

— Obrigada por ser um amigo para Dançarino de Fogo — disse ela. — Ele vai precisar de você nos próximos dias.

Han piscou para a mulher.

— O que a senhora...?

Ela balançou a cabeça.

— Você vai ver — falou, virou-se para dispensá-lo e sentou-se no tear como se não fosse um dia de festa.

E Dançarino ainda não viera.

— A senhora quer que eu vá procurá-lo? — perguntou Han, incapaz de suportar o suspense por mais tempo e querendo fazer alguma coisa útil.

— Ele virá — disse Willo, e jogou a lançadeira e pegou. — Ele não tem escolha.

O banquete começou no fim da tarde; as compridas mesas gemiam com bandejas e tigelas, e cães circulavam, esperançosos, debaixo delas. Han não estava com tanta fome quanto pensou que estaria, comendo sozinho. Seus amigos foram todos isolados e se preparavam para cruzar para o futuro.

Finalmente, no último minuto possível, Dançarino esgueirou-se de volta ao Campo, e parecia exausto e sujo, como se tivesse dormido três dias no solo.

Em silêncio, Willo entregou-lhe uma bacia, e ele derramou água sobre a cabeça e o rosto, e esfregou a sujeira com uma toalha. Depois, ele se vestiu para a cerimônia com movimentos rápidos e furiosos, sem fazer comentários sobre as novas roupas.

Han abriu a boca, mas a voz morreu na garganta. Ele estava zangado por Dançarino agir daquela maneira. Estava com inveja da posição do amigo no mundo

e da cerimônia que a confirmaria. Não importava qual fosse a vocação escolhida, ele tinha que aceitá-la. Han desejou que alguém lhe dissesse o que fazer com o restante de sua vida.

E então era hora de ir. As tochas já estavam acesas enquanto eles caminhavam ao longo da trilha até o templo ao ar livre, embora a luz ainda pairasse ao longe, noite adentro, no mais longo dos dias. Uma brisa suave beijou a pele de Han, trazendo o aroma de lírios noturnos e a promessa do breve verão nas terras altas.

Dançarino os deixou quando chegaram ao templo e deu a volta para juntar-se aos outros na Cabana dos Acólitos. Willo também se afastou e se juntou aos idosos na frente do templo. Os adultos usavam os trajes cerimoniais das ocupações escolhidas, um jardim de flores coloridas. Han sentiu-se tolo e sentou-se no chão com as crianças mais novas, cruzando as pernas compridas e tirando-as do caminho.

A cerimônia começou com discursos dos mais velhos de ambos os campos. Han reconheceu Averill Pés Ligeiros e resistiu à vontade de voltar a se esconder na floresta. Ele vira o comerciante pela última vez durante os eventos no Templo de Ponte Austral, quando ele sequestrara Rebecca e fugira para Feira dos Trapilhos.

Está tudo bem, disse Han para si mesmo. O comerciante não o reconhecera, e agora a tinta marrom-avermelhada já praticamente saíra de seu cabelo. Quem imaginaria encontrar um dono da rua de Feira dos Trapilhos na cerimônia de rebatizado de Pinhos Marisa?

Cennestre Elena, matriarca do Campo Demonai, contou a história familiar de como os clãs foram entalhados na pedra do Espírito e o hálito do Criador os trouxe à vida. E como, até este dia, as rainhas de Fells retornaram às Montanhas Espirituais no fim da vida, cada uma reclamando um dos cumes como local da moradia final.

Han flagrou-se relaxando, e a cadência das antigas histórias familiares o acalmou como sempre fazia. Por que a vida real não podia ser tão ordenada? Em vez disso, era uma linha de pesca emaranhada, com nós e ligações que você não conseguia ver.

Por exemplo, Averill era o consorte da rainha de Fells, o pai da princesa-herdeira. Han não podia deixar de pensar que era estranha esta ligação entre o povo reluzente do Vale que habitava o interior dos muros carrancudos do Castelo de Fellsmarch e os membros dos clãs das terras altas, cujos Campos pareciam uma extensão da paisagem, que caminhava com tanta delicadeza sobre o terreno.

Era hora de o primeiro nascido no verão ser apresentado aos seus padrinhos. Martelo de Ferro, um ferreiro, deu um passo à frente, seguido por uma garota alta,

de ombros largos, que vestia colete e calças de couro, decoradas com cavalos e chamas que ardiam no tecido.

Ela deve ser Demonai, pensou Han, pois eu não a conheço.

— Quem você traz diante de nós, Martelo? — perguntou Averill.

Martelo limpou a garganta.

— A garota, Botão de Louro, veio até mim e disse que sonha com metal e chamas. Ela foi examinada e o chamado é verdadeiro. Concordei em ser seu padrinho. Ela refletiu sobre o nome. Apresento a vocês Molda-Chamas. — E ele abriu um sorriso, como se estivesse apresentando a própria filha.

E assim continuou. Um aprendiz de fabricante de cestos foi chamado Tecelão de Carvalho. Um contador de histórias aspirante foi chamado Trança-Contos. Um joalheiro tornou-se Ave Prateada.

Então dois guerreiros Demonai, um homem e uma mulher, se adiantaram, com a cabeça erguida, facas no cinto, arcos atravessados nos ombros, emblemas Demonai de prata que pendiam de correntes ao redor do pescoço. Eles vestiam calças e camisas verde e marrom que os tornavam invisíveis na floresta. Qualquer um que se insurgisse contra os feiticeiros tinha de ter um pouco de magia própria.

Murmúrios nervosos correram pelo templo. Os Demonai não costumavam ser padrinhos de um guerreiro nomeado.

— Quem são esses? — murmurou alguém atrás dele.

— Reid e Shilo Demonai — alguém murmurou de volta. Todos os guerreiros Demonai assumiam o sobrenome Demonai.

Então, esse é Reid Andarilho da Noite, pensou Han. O guerreiro alto e musculoso era apenas um ano ou dois mais velho que Han, mas ele já era famoso ou tão famoso quanto um guerreiro podia ser em tempos de paz.

Shilo era menor e com um corpo mais volumoso, mas havia semelhanças entre todos os Demonai, um tipo de arrogância que era compartilhado.

— Recebemos um pedido — falou Shilo, como se os guerreiros não precisassem de apresentação. — Nós o aceitamos — prosseguiu ela, como se a assembleia não merecesse explicação sobre os modos dos guerreiros Demonai.

Os dois guerreiros se viraram e olharam para a floresta.

Sabiá emergiu das árvores, com os olhos baixos, como apropriado a alguém que recebera uma honra tão grande, embora a leveza de seus passos dissesse a Han que ela

praticamente flutuava. Ela já estava vestida com o verde e o marrom dos Demonai, e sua graça inconsciente combinava com a deles.

Ela deu um passo à frente até ficar parada bem em frente aos guerreiros.

Os padrinhos não se preocuparam em contar a história dela.

— Nós aceitamos esta garota, Sabiá Cavadora — disse Reid —, uma candidata a guerreira Demonai, sob nossa responsabilidade. Se ela for bem-sucedida, receberá um novo nome e o amuleto Demonai antes do próximo solstício.

E se não for?, pensou Han, e sentiu-se um pouco ressentido. O que acontece, então? E o que ela tem que fazer para ser bem-sucedida?

Reid Demonai presenteou Sabiá com um arco, uma aljava de flechas e uma faca com o emblema Demonai gravado no cabo. Ela deslizou a faca na bainha do cinto e ficou parada, segurando as outras armas nos braços, depois ergueu a cabeça e olhou ao redor do círculo. Ela se permitiu um sorriso brilhante, com o cacho familiar caindo sobre a testa.

Ela está feliz, disse Han para si mesmo. É o que ela quer.

Isso o fez pensar em Dançarino. Todos os outros nascidos no verão tinham se apresentado. Willo estava conversando com Averill e Elena, com as cabeças próximas. Todos pareciam solenes e sérios.

— Há um último nascido no verão para nomear — disse Averill. — Chamo Dançarino de Fogo, também conhecido como Hayden, filho de Willo, Matriarca de Pinhos Marisa.

Depois de um momento de respiração suspensa, Dançarino emergiu dos bosques e deu um passo à frente, sozinho, com o belo casaco que refletia a luz das tochas. Seu rosto tinha a expressão rígida que se tornara familiar.

Onde está seu padrinho?, perguntou-se Han, e examinou a floresta ao redor sem ver ninguém. Depois, Willo deu um passo à frente e parou ao lado do filho. Dançarino a observou com ar severo, mas ela não se moveu dali.

Então *Cennestre* Elena Demonai deu um passo à frente, a mãe de todos eles. A luz da fogueira aprofundava as linhas de seu rosto, o mapa de sua longa vida. Seus olhos eram como lagoas na floresta, refletindo as lembranças comuns.

A voz dela assumiu a cadência da contadora de histórias.

— Vou lhes contar a história de uma garota que nasceu e cresceu em Pinhos Marisa.

Bem típico dos clãs, pensou Han. A relevância da história não costumava ficar clara até o fim. E, algumas vezes, era apenas uma história que precisava ser contada e não tinha nada a ver com a situação em questão. Para o bem de Dançarino, ele torcia para que esse não fosse o caso daquela vez.

— O nome da garota era Canção d'Água, e a mágica era forte nela — prosseguiu Elena.

Alguns dos idosos no público trocaram olhares expressivos. Ao menos, algumas pessoas conheciam a história.

— Ela era tão bonita que os jovens vinham de toda parte dos Sete Reinos para vê-la, na esperança de atrair seu olhar. E quando foi se aproximando a hora de ela escolher sua vocação, todos ficaram atentos, pois ela era boa em tudo, e não faltavam possíveis padrinhos.

E para que tudo isso?, foi o que Han se perguntou. Já não é ruim o bastante que Dançarino não tenha padrinhos? Por que trazer isso à tona agora?

— Não muito antes da cerimônia de rebatizado de Canção d'Água, ela saiu para caminhar na floresta uma manhã e encontrou um jovem, um belo estranho que não era do clã, alguém que *não deveria estar lá*. — Ela fez uma pausa para criar efeito e, depois, prosseguiu: — O jovem usava um anel enfeitado no dedo, cravejado de esmeraldas. Perguntou a Canção d'Água se ela gostaria de experimentá-lo.

A palavra "Não!" ecoou pelo templo. A contadora de histórias, Elena Demonai, tinha o público na palma de sua mão. A não ser por Han, que estava distraído com a infelicidade de Dançarino e a dor no rosto de Willo.

— Ela colocou o anel e caiu em um sonho — disse Elena. — Quando acordou, estava sozinha na floresta. Era noite e ela tremia de medo e frio. O jovem desaparecera, bem como o anel. Canção d'Água voltou para o acampamento e, pouco depois, descobriu que esperava um filho.

"A gravidez de Canção d'Água já estava avançada quando participou da cerimônia de rebatizado. Como a magia era forte nela, ela se tornou aprendiz de Elena Demonai, Matriarca da Cabana Demonai. Ela mudou o nome para Canção Willow, chamada 'Willo'."

Elena fez uma pausa, olhou ao redor e todos sabiam o que ela diria em seguida:

— Canção Willow teve um filho, e eles o chamaram de Dançarino de Fogo. Ele está diante de vocês.

Han estava espantado, olhando de Willo para Dançarino e novamente para Elena. Então essa era a história incontada sobre o pai desaparecido de Dançarino. Que o pai de Dançarino devia ter sido um feiticeiro.

— Dançarino herdou muita coisa da mãe — disse Elena e deu um sorriso triste para o rapaz. — Ele é um filho amado de Pinhos Marisa. Tem muitos dons e não deveriam lhe faltar padrinhos ao escolher uma vocação. Mas ele herdou os dons do pai também e, por isso, deve seguir seu próprio caminho. Dançarino escolheu uma vocação que nenhum de nós pode apoiar.

Sabiá aparentemente chegara ao limite de seu silêncio.

— O que a senhora está dizendo? — quis saber e olhou de Elena para Averill e Willo. — O que você escolheu, Dançarino?

— Não foi uma escolha — retrucou Dançarino, e mal se podia ouvi-lo.

A compreensão surgiu no rosto de Reid Demonai.

— Ele é um *bruxo*? — indagou e tateou atrás da faca. — Aqui?

Depois todos começaram a falar ao mesmo tempo, como um clamor de corvos em um milharal.

Willo deu um passo e ficou entre Reid e Dançarino, mas falou para toda a assembleia, e sua voz era límpida, firme e alta o suficiente para elevar-se acima de todos eles.

— Embora nós não possamos apoiá-lo aqui, planejamos o treinamento de Dançarino. Ele irá para Vau de Oden, para a academia de magia de lá, e aprenderá a controlar a magia que herdou.

A cabeça de Han girou enquanto cenas e imagens voltavam para ele: as mudanças de humor de Dançarino durante os últimos meses. A conversa que Han ouvira na Cabana da Matriarca, quando ele ficou se perguntando se Dançarino estaria doente.

Mas não. Ele estivera tomando sorveira, usada para proteger contra feitiçaria. Dançarino andara tentando diminuir sua magia. Willo teria empregado toda a sua capacidade nessa tarefa. E se ela não conseguiu fazer isso... ninguém conseguiria.

Ele vira Willo e Dançarino em Fellsmarch, quando ela o havia curado no Templo de Ponte Austral. Talvez estivessem consultando os curandeiros do templo. Ou talvez estivesse ali para fazer os arranjos para Vau de Oden.

Han examinou o amigo, procurando por sinais evidentes de feitiçaria. Dançarino parecia o mesmo de sempre, a não ser por estar desesperadamente infeliz. Ali estavam

os olhos azuis que devia ter puxado de seu pai, tão incoerentes com a pele e os cabelos escuros.

— Você vai treinar outro feiticeiro? — falou Reid com ironia. — Quando já temos feiticeiros demais?

Elena manteve-se firme.

— Nós vamos dar a Dançarino de Fogo o que ele precisa para controlar o dom que lhe foi dado.

— Isso não é um dom — retrucou Reid. — É uma maldição. E o mundo seria melhor com um feiticeiro a menos nele.

Shilo concordou com a cabeça e fitou Dançarino como se ele fosse uma víbora que encontrara na varanda.

— Ele não pode ficar nas Montanhas Espirituais. A Naéming proíbe. A senhora sabe disso.

— O garoto já ficou por aqui todo esse tempo — disse Averill bruscamente. — Ele pode ficar até partir para Vau de Oden.

Han assimilou as informações com dificuldade, aparentemente um pouco mais devagar que outros. Dançarino estava partindo? Não, ele estava sendo exilado. Expulso como um morador de uma dessas áreas pobres.

Ele se recordou do encontro com Micah Bayar e seus amigos em Hanalea, quando Dançarino confrontara os jovens feiticeiros com aquela mesma regra: feiticeiros não eram permitidos nas Montanhas Espirituais.

Mas não se poderia fazer uma exceção para Dançarino? Ele fazia parte do lugar. Aquele era o seu lar.

Han ficou de pé, querendo falar também, embora não tivesse direito, pois era apenas um convidado. Mas Willo olhou em seus olhos e balançou a cabeça.

Confuso, Han voltou a se sentar. Será que Willo realmente estava disposta a deixar isso acontecer? Será que deixaria o filho ser levado para o sul e viver entre estranhos?

Elena encarou Dançarino e enfiou a mão na algibeira que usava na cintura. Ela tirou alguma coisa reluzente, que balançou diante de Dançarino.

Era um amuleto, entalhado em uma pedra transparente com cor de caramelo: o vulto luminoso de um dançarino do clã envolvido pelas chamas. Dançarino olhou aquilo com uma terrível fascinação, como se fosse um veneno que ele tivesse que beber.

— Dançarino de Fogo — disse Elena em voz baixa —, nós, nos clãs, há muito tempo somos os criadores dos instrumentos de alta magia, embora não sejamos capazes de usá-los. Por centenas de anos, estivemos num cessar-fogo instável com todos aqueles que podem usá-los. Quando esses dons são usados de forma abusiva, controlamos o acesso a eles. Um desconfia do outro, mas cada um depende do outro. O Criador, em sua sabedoria, decretou que seus dons fossem distribuídos para proteger a todos nós.

Ela deslizou a corrente sobre a cabeça de Dançarino para que o amuleto ficasse apoiado em seu peito. Ele ficou parado e rígido, com as mãos apertadas nas laterais do corpo, como se movê-las pudesse mudar alguma coisa. Um longo momento se passou, e o amuleto começou a brilhar. Em resposta, alguma coisa ardeu sob a pele de Dançarino, uma incandescência que antes não estava aparente.

— Você nasceu no verão, uma criança deste Campo. E, portanto, nós colocamos este presente diretamente sobre você, o amuleto que você levará para Vau de Oden. — Elena encolheu os ombros estreitos. — Ainda assim, esperamos que você se lembre de onde veio. Talvez você seja aquele que aproximará os clãs e os feiticeiros.

O ódio no rosto de Reid dizia que isso nunca aconteceria.

— Você deveria guardar o amuleto até o bruxo deixar Hanalea — disse ele. — Não é seguro de outro jeito.

— Os mais velhos se pronunciaram, Reid Andarilho da Noite — disse Averill. — Dançarino de Fogo não tem padrinho. O amuleto é a ligação entre nós. É tudo que podemos lhe oferecer agora.

— Vocês não têm que se preocupar — disse Dançarino. — Não tenho desejo de usar qualquer coisa que me foi deixada pelo meu pai. E partirei antes que percebam. — Com isso, ele arrancou o casaco que Willo havia feito para ele e jogou-o no fogo. Em seguida, caminhou até a floresta e deixou o silêncio atrás de si.

CAPÍTULO VINTE

WILLO E SABIÁ

A reação à cerimônia de rebatizado persistiu por alguns dias. Dançarino desapareceu novamente e Han passou horas infrutíferas examinando a floresta ao redor de Pinhos Marisa, visitando todos os locais familiares. Quando o encontrou, depois de dois dias de caminhada, em um abrigo de caçadores às margens do Lago Fantasma, Dançarino não estava pescando, caçando nem lendo. Apenas estava sentado, fitando o lago.

O rapaz tinha pouco a dizer em relação às sugestões de Han; ele parecia achar que tinha esgotado todas as possibilidades.

— A gente podia ir ao templo de Fellsmarch — sugeriu Han. — O orador sabe de muitas coisas. Talvez ele possa ajudar.

— Nós já falamos com Jemson — afirmou Dançarino. Ele pegou uma pedra e a fez quicar sobre a água. — Ele tentou algumas coisas, mas nada funcionou. — Dançarino ergueu os olhos na direção de Han. — Além disso, você não disse que era um homem procurado em Fellsmarch?

Bem. Sim. Tinha isso.

— E quanto a um dos outros Campos? Talvez haja um curandeiro neles que tenha alguma ideia nova.

— Minha mãe é a melhor. Você sabe disso. E Elena conhece as outras Matriarcas; ela está sempre viajando. Se houvesse outra coisa para tentar, ela saberia.

— Se você não tivesse um amuleto, talvez isso não pudesse... ficar adormecido?

Dançarino não honrou a pergunta com uma resposta.

Han sentia-se impelido a oferecer planos cada vez mais desesperados.

— Nós podíamos ir até as Ilhas Setentrionais. É de lá que os feiticeiros vêm, certo?

— Você acha que é melhor que ir a Vau de Oden? — perguntou Dançarino. — Navegar pelo Oceano Indio até um lugar em que nunca estive para ver as pessoas que nos invadiram, séculos atrás?

— Você podia... você podia falar com o Conselho dos Magos. Você podia tentar encontrar seu pai.

— A única razão para procurar meu pai é se eu decidir matá-lo — disse Dançarino, com os olhos azuis duros como topázio.

O susto fez Han se calar, e ele não disse nada por um longo tempo. Nunca vira Dançarino tão amargo. O rapaz era daqueles que sempre via a bondade nos outros, que sempre era o pacificador.

— Eu vou com você — disse Han finalmente. — Para Vau de Oden, quero dizer.

— E fazer o quê?

— Vou para a escola de guerreiros na Academia Wien.

Dançarino fitou-o de cima a baixo e sorriu.

— Você? No exército? Onde tudo é regrado? Você não duraria uma semana. Ficaria perguntando o porquê das coisas o tempo todo. Você se sairia melhor se ordenando no templo.

— Poderia funcionar — insistiu Han. Quanto mais ele falava, mais gostava da ideia. — Todos os exércitos estão ansiosos para receber os formados da Academia Wien. Eu poderia encontrar um no qual me encaixasse.

— Como você pagaria por isso? — indagou Dançarino. — Você não tem dinheiro.

— Como você vai pagar pela Academia Mystwerk? — retrucou Han.

— Os Campos estão me apoiando, apesar da objeção dos guerreiros Demonai. É um meio de me mandarem embora.

— Qual é o problema dos Demonai? — quis saber Han.

Dançarino deu de ombros.

— Pergunte para eles. Mas você não é um soldado. Não tenho certeza do que você é, mas não é isso.

Quando Han voltou para o acampamento, contou a Willo onde Dançarino estava e deixou claro que o rapaz estava frustrado.

— Está tudo bem, Caçador Solitário — disse ela, e ergueu os olhos do caldeirão com tintura. Ela mexia um caldeirão cheio de lã com um tom forte de azul, sobre o fogo, diante da Cabana da Matriarca. — Deixe ele sozinho. Dançarino precisa de um tempo. Hanalea o acalma.

— O que ele vai fazer quando tiver que ir embora? O que é que vai acalmá-lo então? — Han estava aborrecido com Willo, como se fosse culpa dela.

— Ele encontrará o caminho. Tem que encontrar — disse Willo simplesmente.

— Há quanto tempo a senhora sabia disso? — quis saber Han. — Que Dançarino é um bruxo.

Willo secou a testa suada com o antebraço.

— Eu sabia que era uma possibilidade por causa do... por causa do começo. Mas os feiticeiros não se manifestam até crescerem, e eu tinha esperança de que isso não aconteceria. Comecei a perceber os sinais há três anos. E, finalmente, ele também percebeu e veio até mim.

— Deve haver alguma coisa que a senhora possa fazer. — Afinal, Willo era uma curandeira habilidosa. Será que ela não poderia curar o próprio filho?

Foi como se ela tivesse lido a sua mente.

— A feitiçaria é um dom, não um mal. Não é passível de cura. Sem dúvida, eu tentei com sorveira-brava e certos... talismãs. — A voz falhou, e ela baixou os olhos para o avental manchado de azul. — Eu deveria ter agido antes, quando ele era apenas um bebê. Algumas vezes, a feitiçaria pode ser abafada se a intervenção for feita cedo o suficiente. Caso contrário, é como um câncer que se espalha até você não poder retirá-lo sem matar o hospedeiro.

Certo, pensou Han. É um dom. Como um câncer. Willo parecia tão confusa quanto as outras pessoas.

Talvez agora fosse a hora de trazer seu assunto à tona. Ele estava nervoso — Willo dispensara a ideia dele antes, mas certamente compreendia o sentido do que ele sugeriu.

— Andei pensando — disse ele. — Preciso de um ofício e não posso voltar a Fellsmarch nem tão cedo. Eu poderia ir para Vau de Oden com Dançarino e me alistar na academia de guerreiros. Ficaríamos em escolas diferentes, mas aposto que nós conseguiríamos nos ver, de qualquer jeito. E poderíamos viajar de um lugar para outro juntos. Seria mais seguro para nós dois.

Willo já estava balançando a cabeça.

— Você não é um guerreiro, Caçador Solitário — disse ela, indiferente.

— É minha escolha — afirmou ele. — Sou praticamente um adulto. Se fosse do clã, alguém já teria me nomeado.

— Por que você está me consultando, então? — perguntou Willo, sentando-se sobre os calcanhares.

— Vou precisar de dinheiro para me alistar. Perguntei a Jemson sobre isso, e custa, pelo menos, vinte "meninas" por ano, além da alimentação. Sem contar o dinheiro da viagem.

Willo o examinou.

— Você está me pedindo dinheiro? Para poder jogar sua vida fora combatendo na guerra das terras baixas?

Isso não ia funcionar. Han esticou os pulsos na direção dela.

— Posso pagar por conta própria. Só preciso que você tire isso de mim — disse ele. — Conheço mercadores que pagariam um bom dinheiro por prata grossa como essa. Elas deveriam me proporcionar mais que o suficiente para me manter no caminho até o sul, além do alistamento assim que eu estiver lá.

— Não — disse ela. — Eu já lhe disse. Não posso fazer isso.

— Willo, não tenho lugar para ir — insistiu ele, perigosamente próximo de implorar. — Preciso viver, de alguma maneira, e não posso voltar para Fellsmarch. Não há nada para mim aqui. Dançarino vai para Vau de Oden, e Sabiá, para Demonai. Todos os outros que eu conheço são aprendizes. Nada vai ser do mesmo jeito.

— Há ofícios que você pode aprender aqui em Pinhos Marisa — disse Willo. — Você já é bom com plantas e poções. Eu aceitarei você, se ninguém mais aceitar.

— Não posso me esconder aqui a vida inteira — disse Han e pensou que não havia nada de aventureiro em continuar a fazer o que ele tinha feito a vida inteira.

— Você não é um guerreiro, Caçador Solitário — disse Willo, sem rodeios. — E nenhum dinheiro fará de você um. — Ela jogou no chão a colher de pau e entrou na Cabana da Matriarca.

Han passou alguns dias taciturno. A presença contínua de convidados dos Demonai era tão irritante quanto uma pedra no sapato. Era como ter convidados no meio de uma briga de família. Ele apenas queria que fossem embora para poder falar o que pensava.

Não que ele fosse exatamente da família, como ele continuava a lembrar para si mesmo.

Os guerreiros Demonai, em particular, o aborreciam. Sabiá passava todo o tempo com eles, claro, com expressão solene, prestando atenção em cada palavra de Reid Demonai.

Isso era outra coisa: Han estava decepcionado com Sabiá. Ela poderia ter defendido Dançarino quando Reid Demonai o atacou.

Assim como Han poderia tê-lo defendido também. Não importava o que Willo tinha dito.

Os guerreiros Demonai ficavam em silêncio quando Dançarino passava por eles, e deixavam os arredores da fogueira com sua chegada. Eles o observavam constantemente como se ele fosse um cão raivoso ou uma aranha venenosa.

Han não poderia deixar de se preocupar com o fato de que os guerreiros Demonai pudessem ir atrás de Dançarino se o avistassem sozinho. Então ele se autointitulou um espião e passou a ficar perto da fogueira, observando as idas e vindas do acampamento e ouvindo com atenção as conversas.

Até que, um dia, ele estava se esgueirando pela floresta, atrás de Reid Demonai, provavelmente, até o banheiro, quando Sabiá se intrometeu em seu caminho. Estava vestida com os trajes de Demonai e pareceu materializar-se da sombra e da luz do sol.

— O que você pensa que está fazendo? — sibilou ela.

— Fazendo? — Ele deu de ombros. — O que parece que estou fazendo?

— Você está jogando um jogo perigoso. Acha que eles não perceberam? Eles são *guerreiros Demonai* — disse ela, como se *ele* não tivesse percebido.

Ele olhou para ela como se dissesse: "E daí?".

— Andei na floresta durante toda a minha vida — disse ele. — Se isso os incomoda, eles deveriam ir embora.

— É justo avisar a você que a paciência de Reid está se esgotando. Falta pouco para ele cortar a sua garganta.

— Ele pode *tentar* — disse Han, aparentando indiferença, embora seu coração batesse mais rápido. Confrontar Reid Demonai parecia tentador.

— Você não entendeu — insistiu Sabiá. — Eles treinaram para isso a vida toda. São perigosos.

— Sério? Bem, eu também sou perigoso. — Parecia que ele estava se exibindo no pátio da escola, mas não podia evitar. — Parece que eles são puro músculo e nenhum cérebro.

— Shhh! — Sabiá olhou em volta, como se Reid pudesse estar atrás de uma árvore próxima, escutando. — Anda. — Movendo-se com a graça felina de sempre, ela o conduziu para fora da trilha, na direção de uma pequena ravina, até um lugar onde dois blocos de rochas se juntavam e formavam um pequeno abrigo semelhante

a uma caverna. Ervas medicinais cascateavam das fissuras, e um pequeno córrego corria ao longo do fundo do cânion.

— Sente-se — disse ela e fez sinal para ele acompanhá-la até uma rocha plana.

Ele se sentou e ela ficou à frente dele.

— Tentei conversar com Dançarino — disse ela. — E ele não fala comigo.

— Você o culpa? — perguntou Han. E então, depois de uma pausa: — Não acredito que você quer estar em um grupo que trata seu amigo desse jeito. — Pronto, ele falou o que sentia.

Sabiá mordeu o lábio e olhou para as mãos entrelaçadas.

— Não é... não é nada pessoal — disse ela. — Mas é por esse motivo que os Demonai existem. Para combater os feiticeiros. E a presença de... de um feiticeiro em Hanalea é sacrilégio.

— Estamos falando de *Dançarino* — disse Han e pensou no modo como o rapaz desafiara Bayar e os amigos. — Ele nasceu aqui. Faz parte do lugar.

— Eu sei. — Ela engoliu em seco. — Mas pense na época em que os bruxos invadiram Fellsmarch... eles foram impiedosos. Mataram *lytlings* com a espada. Capturaram nossa rainha e a forçaram a se casar. Expulsaram os sacerdotes dos templos e iniciaram um reino de terror. Mas os clãs mantiveram as Montanhas Espirituais e elas foram nosso santuário. Se não fosse por isso, nosso povo teria sido erradicado.

Era um belo discurso. Han ficou se perguntando se isso veio de Reid Demonai, e imaginou os dois sentados, lado a lado, perto da fogueira, e Sabiá olhando-o nos olhos, fascinada. Ele piscou e afastou a imagem.

— Isso foi há muito tempo — disse ele. — Também não morro de amores por feiticeiros, mas...

— Isso foi há muito tempo, mas agora é uma época perigosa — disse Sabiá. — Temos uma rainha fraca. O poder dos feiticeiros está crescendo. Nós dos clãs nos sentimos menos bem-vindos no Vale. Exercemos menos influência na corte.

— Averill Demonai é o consorte da rainha — disse Han. — E pai da princesa-herdeira. Isso parece influente para mim.

— As aparências podem enganar — retrucou Sabiá. — Reid diz que é mais importante que nunca manter os limites tradicionais contra os feiticeiros.

E eu não estou muito interessado no que Reid diz, pensou Han.

— Então, qual é o plano? — disse ele. — Você voltará a Demonai com eles ou o quê?

Sabiá acenou com a cabeça.

— Iremos em breve. É só que... Reid não quer ir embora enquanto Dançarino estiver aqui.

— Bem, eles não terão que se preocupar com Dançarino por muito mais tempo, terão? — disse Han, e a própria culpa obrigou-o a baixar a guarda. — Assim que ele se for, podemos nunca mais vê-lo.

Sabiá afastou os cachos da testa suada.

— Você... você acha que é uma boa ideia? Dançarino ir para Vau de Oden? E treinar como feiticeiro?

Han fitou-a.

— Que escolha ele tem? Você acabou de dizer...

— Talvez... talvez ele devesse apenas se mudar para Fellsmarch — disse Sabiá, sem olhar nos olhos dele.

Han inclinou-se para a frente.

— E fazer o quê? Ele não é das terras baixas. As coisas nas quais ele é bom não têm valor na cidade.

— Ele poderia aprender um ofício — disse ela. — E então... nós poderíamos visitá-lo às vezes. — Ela ergueu os olhos para ele, esperançosa. — Talvez... sem treino... a magia simplesmente... fosse embora.

— Você acredita nisso? Ou isso é o que Reid diz? Você acha que Willo mandaria Dançarino embora se fosse fácil assim?

Ela balançou a cabeça.

— Não. É só que... os Demonai não querem que Dançarino vá para Vau de Oden.

Uma raiva grande e fria estava crescendo em Han, espalhando-se para suas extremidades.

— Vocês não o querem aqui, mas vocês não querem que ele vá para Vau de Oden. Vocês só querem que ele desapareça, é isso?

— Não! Eu amo Dançarino. É só... Reid está preocupado com o treinamento de um feiticeiro que conhece tão bem as Espirituais. Que conhece os segredos do clã. E se ele voltar... no lado errado? — Ela olhou para Han como quem faz um apelo.

— Não sei muito sobre política — disse Han, e sua voz era fria como gelo do rio. — Eu só tento passar despercebido. Mas se você me perguntar, está tratando Dançarino de Fogo como o inimigo. E eu não consigo pensar em um modo melhor de levá-lo para o outro lado. Faça o que você quiser, mas não importa o lado em que Dançarino esteja, eu estou lá.

Era isso que ele andara treinando para dizer a Dançarino. Assim, ele saberia que não estava sozinho. Que Han iria com ele, e o ajudaria, se pudesse.

Han ergueu os olhos e viu que Sabiá estava chorando, e lágrimas rolavam em silêncio pelas bochechas dela. Han não conseguia se lembrar de já ter visto isso antes.

— Ei, o que é isso?! — disse ele depois de alguns minutos. — Anda. Estamos juntos há séculos. Vamos dar um jeito nisso.

— Tudo o que eu queria... era ser uma guerreira Demonai — murmurou ela. — E agora, não importa o que eu faça, vou trair alguém.

— Você só tem que lembrar quem são seus amigos, é tudo — disse Han. — Talvez você tenha algo a ensinar aos Demonai sobre lealdade.

— Não falei nada para ele na cerimônia — disse ela, limpando o nariz.

— Eu também não. — Ele sentou-se ao lado dela e pôs um braço ao seu redor. Sabiá virou-se para ele e afundou o rosto em seu ombro. Desajeitado, ele afagou as costas dela e tentou não dar atenção ao peito que pressionava o dele. Ela tinha cheiro de pinho, couro e do verão nas terras altas.

Sabiá ergueu a cabeça e olhou nos olhos dele, com os cílios úmidos e colados. Ela passou os braços ao redor do pescoço dele, puxou sua cabeça para baixo e, de repente, eles estavam se beijando desesperadamente, como se fosse o último beijo que qualquer um deles receberia um dia. Ele a baixou sobre a pedra, beijou seu nariz, pálpebras, cada uma das partes que conseguia alcançar, e ela deslizou as mãos por baixo da camisa dele, puxando-o com mais força, as mãos quentes e ásperas contra as costas dele.

Foi a primeira coisa em muito tempo que o deixou feliz.

CAPÍTULO VINTE E UM

SANGUE E ROSAS

No dia seguinte ao da festa dos Bayar, a rainha espalhou a notícia de que, devido à doença de Raisa, a princesa-herdeira deveria ficar em seu quarto e descansar. Raisa não tinha certeza se era: 1. preocupação genuína de Marianna com o bem-estar da filha e desejo de que ela se recuperasse a tempo da própria festa, 2. castigo por ser tola o bastante para ser enfeitiçada por Micah Bayar, ou 3. uma estratégia para criar expectativa em relação à festa de rebatizado de Raisa até um estado de agitação.

Raisa enviou algumas mensagens à mãe, que solicitavam uma audiência, mas Marianna não respondeu. Será que lorde Averill contara à mãe dela o que os Bayar haviam feito? Sem dúvida, sim. Então, por que *ela* estava sendo punida? Raisa ficou frustrada, mas isso não ajudou em nada.

Uma cesta cheia de cartões e convites enfeitava a mesa no corredor de entrada de Raisa, mas Magret recebera ordens e recusava-os todos em nome da princesa-herdeira. Quando as notícias de sua suposta doença circularam, presentes e flores começaram a chegar até as fragrâncias misturadas fazerem com que ela ficasse um pouco enjoada de verdade.

Uma dúzia de rosas chegou todas as manhãs, enviadas por Micah Bayar, com uma cor diferente todos os dias. Quando Magret as recusou, elas se acumularam no corredor até ele parecer um santuário para alguma deusa esquecida. Logo Raisa as enviava para todas as damas de companhia e salões de curandeiros no templo.

Micah enviou algumas mensagens para ela, pedindo permissão para visitá-la, mas ela não respondeu. Magret continuou a dormir no quarto dela, e um dos soldados da Guarda da Rainha sempre parecia estar andando do lado de fora de sua porta. Evidentemente a rainha queria evitar algum encontro clandestino ou mais intriga de feiticeiros.

Isso evitou muitos encontros com Amon, também. Raisa queria poder esgueirar-se através do túnel, subir até o jardim e encontrá-lo por lá, caminhando no

calçamento de pedra ou aguardando no banco. Ela se flagrou pensando nele cada vez mais.

Quando não estava pensando em Amon Byrne, ela era assombrada por Han Alister. O dono da rua a emboscava em seus sonhos, caminhando com ar importante como fizera em Feira dos Trapilhos, com a inteligência rápida e o sorriso irônico. Raisa se lembrou do modo como ele a empurrara para trás de si, colocara uma faca na mão dela e encarara seis Trapilhos por sua causa.

Se você for esfaquear alguém, não pense nisso muito tempo, dissera ele. E agora ele estava morto. Será que, em algum momento crítico, *ele* hesitara e se perdera? Será que havia alguma coisa que ela pudesse ter feito de modo diferente que o teria salvado?

Salvá-lo era trabalho dela?

Eu tenho que ir a festas, refletiu Raisa, para não pensar tanto assim.

Suas únicas visitas eram as costureiras e cabeleireiras e suas damas de companhia tagarelas, que dormiam até o meio-dia, depois passavam o início da tarde nos aposentos de Raisa, falando sem parar sobre as festas a que compareceram, e os vestidos que usaram e planejavam usar, antes de se retirarem para os próprios quartos para se preparar para a noite.

Era considerada uma obrigação social hospedar a realeza do sul, mesmo se eles se encontrassem em tempos difíceis. Portanto, com Raisa sem poder sair, Tomlin e lady Heresford foram levados de dança em dança e jantar em jantar sem nem ao menos poder trocar de roupa.

Raisa perdeu a festa de rebatizado de Melissa Hakkam, mas Missy veio na tarde seguinte para lhe contar tudo. Missy estava com os olhos inchados e bocejava, depois de ficar acordada até as primeiras horas do dia.

— Uma pena você não poder ter ido. Mamãe ficou tão decepcionada — disse Missy. — Ela continua me juntando com aquele horrível Arno Manhold. Dá para imaginar? Lady Melissa Manhold? Que *horrível*.

— Quem é ele? — perguntou Raisa, indiferente, para interromper a torrente de palavras.

— Ele é um proprietário de navios em Penhascos de Giz; bem, na verdade, ele é das Ilhas Setentrionais e tem, no mínimo, 50 anos. É dono de dez navios e tem muito dinheiro, além de três casas, uma em Fellsmarch, outra em Penhascos de Giz e

uma propriedade ao longo do rio Dyrnne, mas é um *comerciante*, no fim das contas. Pisou nos meus pés a noite toda, e sabe apenas duas danças antigas.

— E se ele fosse dono de *quatro* casas? — disse Raisa. — E uma cabana de caça nas Montanhas Heartfang? Nesse caso, quantas danças ele teria que saber?

Missy piscou para ela, confusa.

— Ora, tenho certeza de que não sei. Eu espero um casamento com alguém do sul. Quer dizer, o príncipe Liam é tão lindo. — Missy deixou escapar um grande suspiro e piscou os cílios. — E ele diz coisas tão maldosas. Ele é um dançarino maravilhoso também, ao contrário dos Klemath. Que tal? — Ela fez uma pose elegante e jogou para trás os cabelos cheios. — Princesa Melissa de Tamron.

— Algumas pessoas dizem que as coisas estão um pouco... confusas... em Tamron — disse Raisa, incapaz de resistir a desanimar Missy. — Dizem que há uma chance de que a guerra em Arden se espalhe para o oeste.

— Algumas pessoas são entediantes e pessimistas — disse Missy, totalmente desanimada. — Nós duas poderíamos ser princesas, não seria maravilhoso? Eu poderia até me tornar uma rainha antes de você.

— O príncipe Liam se declarou, então? Ele falou com o pai? Que notícia maravilhosa! — disse Raisa, cruel.

Agora Missy parecia agitada.

— Ora, claro que não. O pai dele está em Tamron e o príncipe Liam está aqui, mas, sem dúvida, quando ele voltar para casa...

Foi então que Magret bateu à porta do quarto de Raisa, entrou e fez uma mesura.

— Lorde Averill Demonai, consorte real, está aqui para vê-la, Alteza. — Magret sempre era formal quando Raisa tinha companhia.

Bom, Raisa pensou. Talvez eu finalmente descubra o que está acontecendo.

— Melhor eu ir, Alteza — disse Missy, e ergueu-se, fazendo uma mesura. — Esta tarde tem um chá para lady Heresford. Eu só queria que você pudesse ir. — Ela saiu do quarto sob o olhar severo de Raisa enquanto Averill entrava.

Raisa abraçou o pai.

— Graças ao Criador, o senhor está aqui. Vou ficar louca sem saber de nada. O que está acontecendo? Os Bayar estão encrencados?

Averill respirou fundo e balançou a cabeça.

— Bem, não. Não exatamente.

— O quê? — Raisa se afastou dele. — O que quer *dizer* com "não exatamente"? — Em seguida, ela notou que ele vestia roupas de viagem e que a algibeira de comerciante pendia sobre o ombro dele.

— O senhor vai viajar de novo — disse ela, com o coração apertado.

— Por pouco tempo — disse Averill, com um sorriso irônico. — A rainha decidiu que eu deveria ir a cavalo até Penhascos de Giz e conversar com o comandante do posto sobre a segurança do porto. Parece que há um problema com piratas.

— Por que você? — perguntou Raisa. — E por que agora? É o meio da temporada, e minha festa é daqui a quatro dias apenas.

— De fato, por quê? — repetiu ele em voz baixa. — Temo que sua mãe não esteja muito satisfeita comigo atualmente — disse ele. — Mas não se preocupe. Voltarei a tempo de sua celebração. Eu não a perderia.

— Por que ela não envia o capitão Byrne? — resmungou Raisa. — Ou o general Klemath?

— Na verdade, o capitão Byrne está indo comigo — disse Averill. Ele fez uma pausa, como se deixasse o peso das palavras assentar.

— Ela está mandando você embora, enquanto eu me sinto como uma prisioneira — resmungou Raisa, caminhando pelo quarto. — Eu nem tive a chance de conhecer adequadamente o príncipe Liam e a princesa Marina. Não compreendo. Não era isso que eu deveria estar fazendo nesse momento... indo a festas? Conhecendo possíveis pretendentes?

— Por que você acha que ela está fazendo isso, Rosa Agreste? — Averill olhou pelas janelas para a cidade sem sombras, reluzindo sob o sol de meio-dia.

Raisa apertou a palma da mão contra a testa e a massageou, para tentar se livrar da dor de cabeça que Missy sempre deixava.

— Ela está me culpando pelo que aconteceu na festa dos Bayar?

— Eu contei a ela sobre o amuleto. Ela deveria saber que não era sua culpa. Mas parece aborrecida *comigo* por ter trazido o assunto à tona.

— Aborrecida com você? Por quê? — Raisa sentia-se tola. E odiava sentir-se tola.

Averill suspirou.

— Quando ela confrontou lorde Bayar, ele explicou à Sua Majestade que os faz-feitiços são reproduções inofensivas de antigas peças mágicas; que eles deram a você e a Micah joias que combinavam para simbolizar a longa conexão entre as rainhas de Fells e a família Bayar.

Ele se afastou da janela e olhou diretamente para ela.

— Lorde Bayar mostrou à rainha o colar de serpente e o anel, que eram, de fato, reproduções muito bem-feitas.

A mão de Raisa deslizou até o pescoço. Uma marca leve permanecia onde o pingente ficara. Seria possível? Poderia realmente ter sido uma questão de vinho demais e dos beijos de Micah Bayar?

— Você está dizendo que você estava *errado*? — disse ela. — Que o colar não é realmente...

— Não. — Averill balançou a cabeça. — Eu não estava errado — disse ele, sem um traço de dúvida em sua voz ou expressão.

— Por que minha mãe não veio falar comigo sobre isso? Por que, em vez disso, está perguntando a lorde Bayar?

Averill hesitou, como se debatesse quanto deveria dizer.

— Lorde Bayar sugeriu que você e Micah simplesmente fossem afastados. Vocês infringiram as regras do convívio entre feiticeiros e a linhagem Lobo Gris, então devem ser castigados.

Raisa arrancou um buquê de cima da cornija e o lançou no fogo. O vaso de porcelana se espatifou, lascas voaram em todas as direções e espalharam lírios e orquídeas por toda a lareira.

— Alteza! — exclamou Magret, enfiando a cabeça dos aposentos ao lado. — Bendita senhora! — emendou quando viu a bagunça.

— Rosa Agreste — disse o pai, balançando a cabeça e levando um dedo aos lábios. Raisa entendeu a mensagem nos olhos dele. Expressão de comerciante, era o que dizia.

Não era fácil. Raisa estava com vontade de quebrar coisas. Mas se controlou e disse:

— Está tudo bem, Magret. O vaso escorregou. Vou limpar mais tarde.

Averill aguardou até a porta se fechar atrás de Magret antes de prosseguir:

— Marianna proibiu Micah de ver você. Ele está restrito à Casa Aerie. Ela confinou você ao seu quarto, e parece acreditar que é um castigo adequado.

— O que Micah disse? — perguntou Raisa, desanimada.

Averill deu de ombros.

— Ele não disse absolutamente nada. Pelo menos, não que eu saiba.

Raisa fez um gesto vago para as flores.

— Ele tem enviado flores. Pedido para me visitar.

— Você sabe que sua mãe não gosta de confusão — disse Averill. — Ela preferiria não saber sobre algumas coisas para não ter que lidar com elas. Pode não ser nada além disso.

Raisa assentiu.

— Eu até pensei que talvez ela quisesse me manter afastada de outras festas, sabe, para tornar a minha mais especial — disse ela. — Mamãe parece determinada a fazer dessa a festa do ano. — Agora que estava dizendo aquilo, parecia uma tolice.

— Pode ser — retrucou Averill, embora não soasse tão convencido. — Aparentemente Marianna não vê necessidade de exibir você antes da festa. — Ele hesitou, depois continuou: — Sua mãe pode temer que eu tenha em mente um casamento no clã para você. Andam falando sobre você e Reid Demonai.

— Reid? — Raisa franziu o cenho. Ela e Reid tinham dado uns beijos, alguns passeios pela floresta e dançado em festas dos clãs. — Gosto de Reid, mas dizem que ele já namorou todas as garotas Demonai.

— Não ajuda que supostamente eu tenha empurrado você para Demonai sem contar para ela — disse Averill.

— É minha culpa. Sinto muito — respondeu Raisa. — Ir ao Templo de Ponte Austral sem acompanhante foi uma tolice. Poderia ter terminado muito pior.

Ela nunca teria encontrado Han Alister. Nem teria que se sentir tão mal por ele estar morto.

Averill fez um gesto de indiferença diante do arrependimento dela.

— Você tem que se arriscar, Raisa. O que parece mais seguro de imediato pode não ser, no fim das contas. Seu ministério faz uma diferença real em Ponte Austral e Feira dos Trapilhos. O orador Jemson está fazendo maravilhas com o dinheiro que você ofereceu.

— Eu havia prometido visitá-los — disse Raisa e voltou a caminhar. — Mas tudo é tão difícil agora. Eu me sinto uma prisioneira.

Averill apontou para o pingente Demonai que pendia de seu pescoço.

— Será que sua mãe já tem um casamento em mente para você?

Raisa parou de andar e deu meia-volta.

— Eu disse a ela que não quero me casar tão cedo.

Averill deu de ombros.

— Às vezes, os monarcas precisam arrumar um casamento, mesmo que o momento não seja o ideal. Sei que você já ouviu falar de casamentos na infância entre a nobreza. Em particular, no sul. E você já não é mais uma criança, Raisa.

Raisa examinou o rosto do pai e tinha esperança de que ele a estivesse provocando, mas ele parecia totalmente sério.

— Há tantas coisas que eu quero fazer antes de me casar — disse ela. — Com a guerra, nem tive a chance de viajar. Gostaria de ir a Tamron, Angra de We'en e Arden, e ver como eles fazem as coisas lá. Quero ver Vau de Oden. Quero navegar no Oceano Indio e visitar as Ilhas Meridionais.

— E ser capturada por piratas, sem dúvida — Averill ergueu a mão e riu. — Você é muito parecida comigo, filha. Incapaz de ficar quieta por muito tempo. Imagino que sua mãe não tenha mencionado um pretendente específico, então?

Raisa balançou a cabeça.

— Mas ela parece ser contra o casamento com alguém do sul. Disse que as coisas estão muito instáveis, que eu poderia me casar com alguém que perderia o trono na semana seguinte. Eu disse que não havia problema, pois tenho meu próprio trono. Disse a ela que deveríamos esperar a guerra acabar e tudo estar resolvido.

— O que ela respondeu? — perguntou Averill.

— Bem. — Raisa pensou na conversa com a rainha. — Ela parece estar com pressa. O senhor sabe como ela é. Ela quer me ver estabelecida. — Um temor frio correu pelo peito de Raisa. Será que a rainha pretendia realmente obrigá-la a casar antes que ela tivesse a chance de *fazer* alguma coisa?

Com quem seria? Um dos Klemath? John Hakkam? A melhor coisa que se poderia dizer deles é que eram fáceis de manipular.

— Vou aguardar até a coroação — disse Raisa. — E então vou casar com quem eu quiser.

Ela lançou um olhar severo para o pai; ele retribuiu com um sorriso e balançou a cabeça. Os dois sabiam que era improvável que isso acontecesse. As rainhas se casavam para o bem do reino.

— Apenas... tome cuidado, Rosa Agreste — disse Averill. — Você tem bons instintos. Ouça-os com atenção.

— Vou ouvir. — Raisa acenou com a cabeça. — Bem — disse ela timidamente e segurou as mãos do pai —, acho que vamos nos despedir por alguns dias.

— Da próxima vez que eu a vir, você será oficialmente adulta — disse Averill. — Herdeira rebatizada ao trono Lobo Gris. Sem dúvida, partindo corações por toda parte.

— Perseguida por todos os lordes e segundos filhos ambiciosos e cheios de espinhas, entre 12 e 80 anos — retrucou Raisa, estremecendo. Ela havia aguardado ansiosa por aquela temporada de sua vida: a dança, o flerte e os beijos, os poemas e bilhetes de amor entregues por amigos de confiança, além de encontros secretos no jardim; mas quando chegasse a hora, com quem ficaria, se tivesse uma opção?

Micah era intrigante, mas ela não confiava de verdade nele, nem se fosse possível se casar com ele.

Ninguém mais lhe veio à mente, além de Amon, e isso também nunca aconteceria.

Ela ergueu o olhar e viu o pai fitando-a em solidariedade, como se pudesse ler a mente dela.

— Reserve ao menos uma dança para mim. — Ele a beijou na testa e foi embora.

Após os incidentes em Ponte Austral e o fracasso em expulsar Mac Gillen da Guarda, Edon Byrne havia proposto transferir Amon para uma vizinhança menos perigosa, onde houvesse menos oportunidades para a vingança de Gillen.

Amon recusara a transferência. A não ser por um posto na guarda pessoal de Raisa (que tinha os próprios riscos e tentações), não havia outro lugar em que ele quisesse estar além das ruas mais miseráveis de Fellsmarch. Por isso, em vez de transferir Amon, Edon transferiu seus colegas de Vau de Oden para a Casa da Guarda de Ponte Austral, a fim de que houvesse alguém para tomar conta dele.

Uma coisa era verdade: Ponte Austral era um ótimo lugar de aprendizado. Amon aprendera mais em dois meses que em um ano em Vau de Oden. No entanto, para ser justo, o currículo era diferente, com um objetivo diferente. Ele sabia que, como oficial, precisaria da teoria, da estratégia e da história que estudava na Academia Wien.

Em Feira dos Trapilhos e Ponte Austral, ele aprendeu como acabar com uma situação potencialmente violenta sem nem ao menos desembainhar a espada. Ele aprendeu a olhar no rosto de um homem e prever se ele correria ou lutaria, se estava mentindo ou dizendo a verdade. E aprendeu como tranquilizar uma vítima, para que pudesse obter as informações de que precisava para ir atrás de um ladrão. Quando o problema estava entrando em ebulição, ele podia sentir no ar.

Amon criou redes de residentes que começaram a acreditar que ele não os trairia se eles o enchessem com informações sobre ladrões ou dessem dicas sobre uma briga de gangues. Os outros soldados na Casa da Guarda de Ponte Austral — os bons — aprenderam que ele também não os trairia, e começaram a contar com ele como um tipo de liderança.

No fim das contas, Amon sentia que estava fazendo algo de bom, apesar de Mac Gillen. E o melhor de tudo, seus sucessos constantemente irritavam o sargento.

Uma noite, ele e sua patrulha retornaram para a Casa da Guarda de Ponte Austral e encontraram seu pai esperando na sala de reuniões, com mapas espalhados sobre uma mesa comprida. Eram duas horas e o barulho de roncos vinha do cômodo ao lado. Jak Barnhouse, o soldado responsável, estava andando ali, praticamente torcendo as mãos.

— Sei que o sargento Gillen gostaria de falar com você, se ele estivesse aqui — disse o cabo Barnhouse. — Não sei onde ele está agora.

— O restante do grupo deve entregar os relatórios para o cabo Barnhouse e tentar dormir um pouco — disse Edon e fez um gesto com a mão para dispensar o esquadrão de Amon. — Tenho que conversar com o cabo Byrne em particular.

Eles arrastaram os pés para sair com Barnhouse e olharam por cima do ombro como se torcessem para que o capitão Byrne mudasse de ideia, e eles fossem convidados a ficar.

— Sente-se. — O pai de Amon apontou para uma cadeira. — Relaxe. — O rosto do capitão estava marcado com linhas de cansaço, e Amon sentiu uma pontada de preocupação.

Amon sentou-se e apoiou as mãos na mesa.

— O que foi, pai?

— Preciso lhe pedir um favor.

— Pode pedir qualquer coisa.

— Sei que você... hã... prefere seu posto aqui em Ponte Austral. — Agora, um esboço de sorriso surgiu e desapareceu. — Mas preciso que você e seu grupo voltem ao castelo e fiquem na guarda pessoal da princesa-herdeira.

Amon franziu a testa, confuso, depois olhou ao redor para ter certeza de que ninguém podia ouvir.

— Mas... mas eu pensei que você tinha dito que era melhor se eu ficasse distante, depois... depois da reclamação dos Bayar. Que as pessoas iam falar.

O pai examinou o rosto de Amon durante um longo instante, depois falou:

— As pessoas vão falar, isso é um risco, mas um risco maior surgiu, então, vou lidar com este.

— O que o senhor quer dizer?

— A rainha Marianna está enviando a mim e a Averill Demonai para Penhascos de Giz a fim de examinar as informações sobre os piratas — disse Edon. — Amanhã.

Amon ainda não entendia.

— O que isso tem a ver com a princesa-herdeira?

— Tenho uma sensação ruim sobre isso, é tudo — resmungou o pai e passou uma das mãos pelo cabelo grisalho.

Então, depois de uma longa pausa, ele acrescentou, como se fosse difícil falar:

— Minha ligação com a rainha tem estado... confusa. Normalmente, consigo prever o que ela fará, adivinhar o que ela está pensando, mas ultimamente... não sei. Alguma coisa mudou. Sinto quase como se ela quisesse nos tirar do caminho.

— Por que ela ia querer fazer isso? — Amon sentiu-se tolo ao fazer perguntas, uma atrás da outra, mas ele pensava que era melhor saber do que adivinhar. — E... se ela quer... quero dizer, ela é a rainha e tudo o mais.

Amon apertou a palma da mão contra a testa como se doesse.

— Eu só não tenho certeza de que ela esteja tomando as decisões corretas. Ela pode ter boas razões para fazer o que está fazendo. Mas não as compreendo. E farei o que for preciso para proteger a linhagem. Se eu estiver errado, então... — Edon deu de ombros.

— Bem, então. Você mandou os meus soldados dormirem. — Amon se pôs de pé. — Devo acordá-los e dizer que se preparem para sair?

O pai balançou a cabeça.

— Há outra coisa. Uma coisa importante. — Ele fez um gesto para que o filho voltasse para a cadeira.

Amon sentou-se novamente, aguardou e abafou um bocejo. Ele faria o que quer que o capitão, seu pai, quisesse que ele fizesse. Já estava decidido. Então, por que eles não podiam dormir um pouco?

O pai limpou a garganta.

— Você sabe que no clã há uma cerimônia de nomeação, na qual os jovens são acolhidos em sua vocação. Entre a nobreza aqui em Fellsmarch, as festas do rebatizado marcam a passagem para a vida adulta.

— Certo — disse Amon e ficou tentado a acrescentar "eu sei", mas não fez.

— Nós, os Byrne, temos nosso próprio rito de passagem — falou seu pai.

— Nós, os Byrne? — Amon ergueu os olhos para o rosto do pai, pensando que ele estava brincando, mas não viu nenhum vestígio de humor ali. — O que o senhor quer dizer?

— Nossa família tem uma ligação com as rainhas de Fells, que remete a Hanalea. Com frequência, passa para o filho mais velho de cada geração. A não ser que ele ou ela recuse. Então passa para o filho seguinte.

— O capitão da Guarda da Rainha sempre foi um Byrne — disse Amon. — É isso que o senhor quer dizer?

— É um Byrne por uma razão — disse o pai. — Um soldado chamado Byrne morreu por Hanalea quando ela foi levada pelo Rei Demônio. O filho daquele soldado ajudou a libertá-la. Quando ela retornou ao trono, proclamou que, a partir de então, o capitão da Guarda estaria amarrado à rainha, sangue com sangue; e assim ele estaria mais apto a fazer o trabalho. O filho daquele soldado foi o primeiro a ser atado. Seu tatara-tatara-tataravô.

— Então — disse Amon, tentando compreender —, o senhor está... amarrado a Marianna? É isso que o senhor está dizendo?

— E que minha mãe estava ligada a Lissa. E o pai dela a Lucia.

— Como isso funciona? O senhor faz um juramento ou...

— É mais que um juramento. Há uma cerimônia no templo, um ritual de ligação. E, depois disso, os destinos de vocês estão ligados. Nós servimos à linhagem das rainhas Lobo Gris. A ligação não pode ser rompida. Conscientemente, não podemos agir contra o bem da linhagem.

— Então, é *magia*? — perguntou Amon, e o pai assentiu. — O que acontece se você *agir* contra o bem da linhagem?

O pai balançou a cabeça.

— Não agimos. Essa é a questão. Somos fisicamente incapazes de fazer isso.

Isso era mais que surpreendente. Amon sempre considerara sua família a menos mágica de todas que conhecia. Na verdade, ele sempre se sentira excluído e sem graça em comparação com aqueles que tinham magia, como os feiticeiros, a realeza dos clãs, e até as rainhas.

Os Byrne eram confiáveis, sóbrios, honestos, trabalhadores, leais — corajosos mais do que o necessário. O tipo de homens e mulheres que você iria querer ter lutando a

seu lado, protegendo as suas costas ou guardando seu tesouro. Mas magia?

Amon fez um esforço para falar outra coisa além de *O senhor tem certeza?* Ou: *O senhor não está falando sério, está?*

— Então, o senhor tem poderes mágicos? — perguntou ele.

O pai deu uma risada e esfregou o queixo como se estivesse envergonhado.

— Bem, é uma coisa sutil.

— A rainha... sabe sobre isso?

Byrne balançou a cabeça.

— A rainha não sabe. É o modo como Hanalea quis... ela estava mais interessada em preservar a linhagem Lobo Gris do que em apoiar uma única rainha.

— O senhor está amarrado à linhagem ou a uma única rainha?

— Estou amarrado à linhagem, mas, com efeito, cada capitão serve a uma rainha, a menos que a rainha, por alguma razão, coloque a linhagem em perigo. — Seu pai fez uma pausa, depois emendou em voz baixa: — Nós também não discutimos essa questão em particular com nossas rainhas.

— Então... pode haver momentos em que nós agimos contra os interesses de nossa rainha soberana para servir à linhagem?

— Isso — disse o pai, sem se desculpar. — Mesmo que Marianna soubesse, duvido que levasse isso a sério. Você sabe como ela é em relação aos templos e à fé. Para ela, é como acreditar em fadas de jardim.

— Então — disse Amon tentando compreender aquele pedaço da História. — Você escolherá seu sucessor quando chegar o momento.

— O próximo capitão na linhagem serviria Raisa. Já escolhi você.

Amon sentou-se, espantado, com os pensamentos girando, um caleidoscópio de imagens e memórias.

Como ele terminara ali, naquele local, disposto a assumir o papel que o destino lhe oferecera?

Seu pai o instruíra no manejo da espada e na equitação, mas não mais que qualquer outro pai. Ele passara longas horas ao redor das barracas e dos estábulos da Guarda no castelo, pois o pai estava ali e ele estava interessado em cavalos e adorava ouvir as conversas sobre tática e armas.

Ninguém jamais dissera para ele: *Vá para Vau de Oden e aprenda a ser um soldado*. Mas ele fora. E ninguém jamais dissera para ele: *Junte-se à Guarda da Rainha.* Mas ele

se juntara. Servir na Guarda era uma tradição de família, embora ele tivesse muitos tios e tias que não serviram.

Mas sempre, claro, ao menos um a cada geração servira.

Desde que ele fora nomeado à Guarda, havia considerado a possibilidade de que talvez terminasse como capitão, se ele se saísse bem e se dedicasse ao objetivo. Afinal, ele havia entrado como cabo por causa de seu desempenho na escola e pelas recomendações dos amigos do pai. Ele era um espadachim hábil, o melhor da classe, destacou-se nas tarefas e recebeu notas altas nas operações de campo. Todos diziam que ele tinha puxado ao pai, e Amon se orgulhava disso.

No entanto, ele sempre pensou que escolhera o próprio caminho em uma gama de possibilidades. Que, se ele quisesse ser comerciante ou ferreiro, ou artista como a irmã, ele poderia ter feito isso. E agora, no fim das contas, ele andara caminhando por uma trilha estreita, comprometido desde o nascimento, limitado por mágica e uma barganha feita havia mil anos.

— Você tem uma escolha — disse o pai, como se lesse seus pensamentos.

Amon ergueu os olhos para o pai.

— *Como* é que tenho uma escolha? Se Lydia se tornar capitã?

— Ela é uma Byrne — disse o pai.

Amon pensou na irmã sonhadora sentada na margem do rio, com as saias espalhadas ao redor e a cabeça abaixada sobre um desenho a carvão. Ele balançou a cabeça sem dizer uma única palavra.

— E se ela disser não, tem Ira — completou o pai, citando o irmão de 10 anos de Amon. — Embora ele ainda seja jovem, e nós precisemos de um capitão agora. — Ele fez uma pausa. — Você tem primos, claro.

— Por que agora? — indagou Amon. — Pode haver apenas um capitão da Guarda, e é você. — Talvez até o momento em que uma decisão tivesse que ser tomada, ele tivesse tempo para se acostumar à ideia.

— Estou preocupado com a princesa Raisa. Neste momento, não temos nenhuma ligação direta com ela, e a minha ligação com a rainha Marianna parece estar ruindo. Se você estiver disposto, a ligação com a linhagem de Hanalea através de Raisa vai lhe proporcionar um tipo de sexto sentido. Você será capaz de antecipar os problemas, saber quando ela está em perigo, prever o que ela poderia fazer. Supostamente, isso também nos dá alguma influência sobre elas, sempre que a segurança estiver envolvida. — Ele deu um sorriso irônico.

Isso não adiantaria nada, pensou Amon. Elas farão o que bem quiserem, de qualquer forma.

— Isso é... permanente, suponho? — perguntou Amon. — E se eu mudar de ideia?

— É permanente — respondeu o pai enquanto brincava com o anel na mão esquerda, o pesado anel de ouro com um lobo sem o qual ele nunca ficava. — Você não vai mudar de ideia depois que tiver sido feito. — Ele fez uma pausa e esboçou um sorriso. — Não se preocupe. Não é como se você fosse se ordenar. Você pode se casar, ter filhos, tudo isso.

Para continuar a linhagem dos Byrne, claro.

— E se eu tiver que escolher entre a família e a rainha?

O pai olhou nos olhos de Amon, e os olhos castanhos eram límpidos e diretos.

— Sem dúvida, a rainha.

Claro. Amon já sabia a resposta ao fazer a pergunta. No fundo do coração ele soubera as prioridades do pai desde sempre.

— E quanto a Vau de Oden? Eu voltaria ou...?

— Vamos ver como ficam as coisas quando chegar a hora. Pode ser que você volte. O que servir à linhagem. — O pai suspirou. — Eu gostaria que você terminasse seu treinamento antes do rebatizado. Mas eu não acho que possamos nos arriscar a esperar.

Mas... havia outra coisa na qual Amon evitara pensar. Seus sentimentos por Raisa. Mesmo agora seu coração batia mais rápido quando ele pensava nela. As imagens giravam em sua mente: Raisa, vestida de menino, com o gorro ridículo, entrando desarmada na Casa da Guarda de Ponte Austral para salvar os integrantes da gangue que foram torturados. Raisa ao entregar os presentes do rebatizado para o orador Jemson alimentar os pobres. Raisa ao pedir que ele a ajudasse a se tornar uma rainha melhor.

Raisa, no jardim, à luz das tochas, com os cabelos que pendiam em longas mechas ao redor do rosto, o queixo apoiado na mão e olhos verdes profundos o suficiente para mergulhar neles. Raisa ao flutuar em seus braços em torno da pista de dança, com a cabeça apoiada em seu ombro, e o corpo pequeno e perfeito encostado no dele enquanto ele tentava controlar as batidas do coração. Ele se lembrou dos dois beijos que provavelmente ela dera sem pensar duas vezes.

Dois beijos que ainda o faziam acordar à noite.

Tudo nela o seduzia: sua aparência, a fala, o modo como ela se movia, a pessoa que ela era e que deveria ser.

— Pai — disse ele e baixou os olhos para a mesa, sem conseguir olhar nos olhos do pai —, a questão é... eu sou... eu sinto alguma coisa por Raisa, pela princesa-herdeira, e eu não deveria sentir. Tenho medo de poder... que nós poderíamos... fazer alguma coisa que... prejudicaria a linhagem.

Amon engoliu em seco e ergueu os olhos para fitar o rosto do pai e viu algo que ele nunca esperara ver: compreensão que recobria a tristeza.

— Amon — disse ele. — Nós amamos as rainhas Lobo Gris. Mas é como eu lhe disse. Ao sermos rebatizados, nós não prejudicaremos a linhagem. É nosso maior poder, e nosso maior fardo.

Amon fitou o pai. Ele pensou na mãe que morrera ao dar à luz Ira e se perguntou se ela soubera. Para os padrões da época, Edon Byrne fora considerado um bom marido e um pai atencioso, fiel às obrigações e à rainha. Agora ele parecia uma figura trágica, portadora de segredos.

E quanto à minha própria opção?, pensou Amon. Raisa nunca seria dele; ele sabia disso. Mas se ele fosse para Vau de Oden e depois disso para um posto em Penhascos de Giz, havia uma chance de que a dor diminuísse em uma década, mais ou menos. Ele tinha apenas 17 anos.

Como seria estar com Raisa constantemente, pelo resto da vida, como capitão e conselheiro, vê-la casar-se, sempre ao seu alcance, e saber que nunca poderia tê-la?

Como seu pai e a rainha Marianna.

Mas e se ele dissesse não e alguma coisa acontecesse a Raisa? Como ele poderia se perdoar?

O pai disse que ele tinha uma opção, e ele tinha. A coisa certa e a errada.

Amon estendeu o braço sobre a mesa e segurou as mãos calejadas.

— Eu vou — respondeu Amon.

Seu pai baixou os olhos para as mãos dadas.

— Tem certeza?

Amon assentiu.

— Tenho certeza.

— Então vamos ao templo — disse Edon Byrne e ergueu-se da cadeira.

Embora fossem quatro horas da manhã, o orador Jemson estava aguardando por eles em seu estúdio, vestindo os trajes da cerimônia.

O pai dissera ao orador que eles iriam. O pai soubera qual seria a decisão dele.

Opções que se danassem.

— Capitão Byrne e cabo Byrne — falou o orador com ar sério —, é muito incomum presidir a amarração de pai e filho. Normalmente, um capitão morre antes de o seguinte ser nomeado.

— É uma época perigosa — disse Edon Byrne. — Ainda assim, a linhagem deve ser protegida.

— Sim, deve — repetiu Jemson e olhou para Amon. — Você concordou em ser amarrado à linhagem de Hanalea?

— Sim. — Amon assentiu. Ele se flagrou desejando ter tomado banho antes de vir ao templo. Sentia-se sujo e indigno no uniforme manchado, depois de uma noite patrulhando Feira dos Trapilhos.

Como se Jemson tivesse ouvido seus pensamentos, ele estendeu um pano amarrotado para Amon.

— Tire as roupas e vista estas. Depois junte-se a nós na Capela Lady. — Jemson e o pai o deixaram sozinho no estúdio.

Tirar todas as roupas? Ou apenas o uniforme? Amon não queria entender errado. Ele deliberou, depois ficou completamente nu. As vestes eram de algodão grosseiro e não eram tingidas, como as que os acólitos vestiam. Ele se sentia muito estranho e leve sob o tecido volumoso — como se ainda estivesse nu.

Amon percorreu, descalço, o santuário cavernoso, até a reservada Capela Lady à direita do altar. Ela era dedicada a Althea, patrona dos pobres. Ao contrário das capelas privadas no templo do Castelo de Fellsmarch, com suas esculturas de ouro e pedestais dourados e de mármore, a capela de Althea era extremamente simples, embora obviamente muito amada. O altar simples de madeira fora polido à mão, e havia flores frescas nos vasos de cada lado da imagem da senhora. A fria luz da lua penetrava pelas janelas de vidro transparente e reproduzia seu desenho no piso.

Jemson e seu pai estavam parados de cada lado de uma mesa comprida. Alguns objetos estavam dispostos ali: uma imensa bacia de pedra, uma faca reluzente, uma jarra de pedra, uma pequena garrafa de cristal, um cálice de prata. Amon analisou aquilo, e as perguntas encheram sua mente.

Jemson sorriu para ele.

— Na verdade, sua parte é muito simples para um rito tão importante. Nós misturamos o seu sangue ao de Hanalea e você bebe a mistura resultante. Nós

derramamos o restante no solo de Fells, para ligar você à terra e ao Criador. Um tipo de sacrifício.

Estou sonhando, pensou Amon. Os Byrne não fazem esse tipo de coisa. Ele pensou em seus soldados dormindo nas barracas. Pensou em Raisa no Castelo de Fellsmarch, sem saber da ligação que fora forjada entre eles. Era justo fazer isso sem sua permissão? E se ela não quisesse ficar amarrada a ele?

Ele lambeu os lábios.

— Ela vai... ela vai saber?

— Ela pode sentir alguma coisa — falou o orador. — Ou pode dormir o tempo todo. Se acordar, não vai saber do que se trata.

— Vocês realmente têm o sangue de Hanalea aqui? — Depois de mil anos?

— Foi tirado das descendentes, as rainhas de Fells. — O orador apoiou a mão na garrafa tampada. — Esse é o sangue da princesa. Vou falar as palavras sobre ele.

Jemson fez uma pausa como se quisesse saber se Amon tinha mais alguma pergunta. Depois, falou:

— Descubra seu braço, cabo Byrne.

Amon fez isso. Ele mal sentiu o furo da lâmina e observou, um pouco surpreso, seu sangue pingar na bacia e formar uma pequena poça no fundo.

Jemson ergueu a garrafa de cristal e disse algumas palavras na língua dos clãs. Amon distinguiu as palavras *Raisa ana'Marianna* e *Hanalea*. O orador destampou a garrafa e pingou algumas gotas na bacia. Depois ergueu-a bem alto, girou o conteúdo e recitou um longo sortilégio.

Os pensamentos de Amon giraram em sua mente, refletindo a mistura na bacia. Ele encostou o braço na lateral do corpo para estancar o fluxo do sangue e sentiu a umidade através da pele.

O orador baixou a bacia, mergulhou o cálice nela e ergueu-o ainda pingando.

Jemson falou em língua do Vale.

— A você, Amon Byrne, da linhagem dos Byrne, guardiões da linhagem de Hanalea, pedimos isto: que você se ligue à linhagem das rainhas e, em particular, ao sangue de Raisa *ana*'Marianna, princesa-herdeira de Fells. Você vai jurar que o sangue dela é o seu sangue, que você a protegerá, bem como à sua linguagem, até a morte o levar. Promete?

— Prometo — respondeu Amon e sua voz soou alta no silêncio da capela.

— Então beba para demonstrar.

Amon aceitou o cálice, levou-o aos lábios e preparou-se para sentir o gosto salgado do sangue. Mas era doce, como o vinho do verão. Sua surpresa foi tão grande que ele quase engasgou. Felizmente, isso não aconteceu. Ele bebeu todo o sangue e devolveu o cálice a Jemson.

O efeito foi imediato e dramático, como ser atingido na cabeça pelo lado plano de uma espada. Amon apoiou-se nos joelhos para evitar cair. Uma sensação invadiu-o e tomou conta dele; vinha de toda parte do reino onde alguém estava pensando na princesa-herdeira ou onde algo estava acontecendo que poderia afetar o futuro dela.

Eram quatro da madrugada, mas Micah Bayar estava acordado e olhava para fora da janela do castelo em Lady Gris, com os pensamentos fixos em Raisa. Os padeiros das cozinhas reais enfiavam bolos dentro dos fornos, pensavam na festa do rebatizado da princesa-herdeira e se perguntavam se ela notaria seus esforços. Averill Demonai preparava-se para deixar a cidade e se preocupava com a filha que deixava para trás. A mente da rainha Marianna estava confusa, nebulosa por causa das receitas de um curandeiro, mas ainda dormia sem sossego, pensando na entrada da filha na vida adulta.

— Bloqueie isso — disse o pai. — É o único jeito, no início. Você vai se acostumar.

Amon apertou as mãos na cabeça e tentou filtrar parte daquilo, concentrando-se no quarto da torre a cinco milhas, onde Raisa sonhava em sua cama sob as estrelas. Ela também dormia sem sossego, e Amon ficou surpreso por descobrir que ela pensava nele e murmurava seu nome durante o sono.

— Venha — disse o orador; o pai de Amon ajudou-o a ficar de pé e manteve a mão apertada no braço dele para evitar uma queda. Jemson caminhava à frente, levando a bacia, com Amon e Edon Byrne atrás. Eles caminharam até o jardim do claustro, onde os pontos brancos que eram as flores que floresciam à noite chamaram a atenção de Amon, e sua fragrância intoxicante o seduziu.

— Amon Byrne, nós ligamos você aos ossos das rainhas enterradas no solo de Fells. Você está ligado ao reino, bem como às rainhas da linhagem Lobo Gris. Você o defenderá por ser a morada delas. Você pode sair de Fells, mas este sempre será o seu lar.

Jemson derramou o sangue no solo do jardim.

Era como se Amon estivesse enterrando longas raízes fundo no solo, na água do subsolo. Ele sentiu o gosto do rio Dyrnne na língua e inspirou o hálito de Hanalea.

Como num sonho, o orador ergueu a mão e deslizou o anel do Lobo Gris no dedo anelar direito de Amon. Ele coube perfeitamente.

O pai o abraçou, e o orador sorriu, dizendo:

— Está feito.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

MEDIDAS DESESPERADAS

Embora Sabiá ainda passasse a maior parte do tempo com os guerreiros Demonai, ela e Han conseguiram se encontrar em muitas oportunidades: na caverna, em um barracão em Lago Fantasma ou às margens do Riacho da Velha. Eles até se encontraram na cabana de Lucius uma ou duas vezes, quando Han sabia que o velho estaria fora pescando.

Ele não poderia dizer por que sentiam que deveriam manter o novo relacionamento em segredo. Era como se eles não precisassem lidar com todos os conflitos à sua volta se mantivessem esta parte de suas vidas escondida. Talvez a coisa toda parecesse tão frágil que precisasse de proteção, uma muda que pudesse ser pisoteada.

Ou talvez, no fim das contas, fosse um instinto de autopreservação.

Sabiá fazia Han sentir-se conectado, menos excluído, porque ela o escolhera. Ele queria que ela não fosse embora. Se ela não fosse embora, ele poderia se adaptar à vida do clã e aceitar a oferta de Willo para ensinar-lhe um ofício.

Ainda assim, conforme se aproximava o momento de Sabiá partir para o Campo Demonai, e Dançarino para Vau de Oden, Han sentia-se mais e mais como se estivesse sentado em um banco de areia, em um rio de acontecimentos, que se dissolvia rapidamente debaixo dele. Em breve, ele estaria sozinho, isolado em Pinhos Marisa, enquanto os amigos do clã partiam para novas aventuras.

A menos que ele deixasse Pinhos Marisa e fosse para Demonai com Sabiá. Ele nunca estivera no Campo da região alta nas Montanhas Espirituais ocidentais e não conhecia ninguém que morasse lá, a não ser por alguns comerciantes. Ainda assim, já que ele era um exilado, poderia muito bem ver a pequena parte do mundo à qual tinha acesso.

Se não pudesse acompanhar Sabiá e os guerreiros Demonai, talvez pudesse encontrar trabalho com um comerciante que viajasse entre os Campos e ainda a visse algumas vezes.

Ele sabia que teria que pedir permissão a Willo; por isso ele a procurou uma manhã quando ela estava misturando medicamentos na lareira da Cabana da Matriarca.

— Traga-me a tigela azul, Caçador Solitário — ordenou ela e fez um gesto na direção das prateleiras de armazenagem. Willo era do tipo que nunca deixava uma pessoa ociosa quando ela estava trabalhando.

Ele entregou-lhe a tigela, e ela esvaziou o que pareciam ser pedaços de giz amarelo no pilão e começou a triturá-los para virarem um pó brilhante.

— Willo, andei pensando em me mudar para Demonai — disse ele, agachando-se ao lado dela.

A mulher não disse nada, mas raspou o pó amarelo para dentro de um cálice.

— Há muito mais comércio no caminho para Tamron, por causa da guerra em Arden — emendou ele.

— Pegue a alga-do-sono para mim — disse ela, sem erguer os olhos.

Ele puxou os galhos aromáticos que pendiam debaixo dos beirais da cabana e os entregou a ela. Willo arrancou as folhas, uma por uma, e as deixou cair no pilão.

— Então. Eu poderia trabalhar com um dos comerciantes por lá — disse ele, inquieto com a falta de resposta da mulher. — Talvez a senhora pudesse me apresentar.

— Eu disse que encontraria trabalho para você em Pinhos Marisa — disse Willo.

— Eu sei. Obrigado. Mas eu pensei que os Demonai poderiam...

— Você não pode acompanhar Sabiá. — Ela socou o pilão como se quisesse enfatizar as palavras.

Ele piscou para ela. Willo sempre fora boa em interpretar as pessoas, mas ele havia pensado que ele e Sabiá tinham sido discretos. Será possível que todos sabiam que eles estavam se encontrando?

— Eu não teria que viajar com ela. Poderia ir por conta própria — disse ele. — Ou viajar com um dos comboios.

— Não vai dar certo — disse ela, finalmente deixando de lado o pilão e baixando as mãos para o colo. — Você e Sabiá Cavadora, quero dizer.

— Do que a senhora está falando? Nós não estamos... — ele começou, mas o olhar no rosto dela impediu a mentira. — Por que não funcionaria?

— Vocês não combinam um com o outro — disse ela.

— Como a senhora pode dizer isso? — perguntou ele. — Somos amigos há séculos.

— Vocês foram amigos na infância. Agora Sabiá foi rebatizada uma guerreira Demonai. Ela deve seguir aquela via. Você deve percorrer outro caminho.

— Não compreendo — disse Han, e ele não compreendia. — Ela não pode ter amigos? Ou é porque não sou do clã?

Willo parecia não estar gostando da conversa tanto quanto ele.

— Os Demonai são uma vocação. Você deve aceitá-la. Não é fácil para nenhum de nós. Também há uma barreira entre Sabiá e Dançarino, que não existia antes. Por causa de quem e do que são.

— Isso é culpa de Reid Demonai — disse Han. Ele se pôs de pé, erguendo-se acima de Willo, e isso deveria ter feito com que se sentisse poderoso, mas não se sentiu. — Acho que a verdadeira guerra com os feiticeiros acabou há mil anos — disse ele. — Desde então, os Demonai têm vivido de sua reputação. Eles são apenas ameaças e histórias.

— Não é culpa de Reid Demonai — disse Willo, e sua voz era como seda dobrada sobre aço. — É uma tradição construída sobre mais de mil anos de conflito entre feiticeiros e os clãs. O papel dos Demonai é manter os feiticeiros sob controle... por meio da força, se necessário.

— Então estão enfrentando Dançarino? Eles não podem encontrar algo melhor para fazer? Ou é por ele ser um alvo fácil?

Muito tempo se passou até Willo responder, e Han flagrou-se mudando de posição, de um pé para o outro.

— Ele é um alvo fácil — disse ela finalmente, erguendo o olhar para ele, com os olhos escuros marejados por causa da dor. — Por que você acha que eu o estou enviando para Vau de Oden? De outra forma, eles o matarão.

Han parou de mudar de posição e equilibrou o peso do corpo.

— Então você não pode deixar Sabiá se juntar aos Demonai — disse ele. — Faça com que fique aqui.

— Isso não está em nossas mãos — disse Willo e voltou a pegar o pilão. — Ela foi chamada, você não. Você não pode acompanhar Sabiá. — Ela ergueu o olhar para ele, com uma súplica em seus olhos. — Por que você não fica aqui comigo e aprende sobre o curandeirismo? Você já conhece as plantas e ficaria mais perto de sua mãe e sua irmã.

— Não sou curandeiro — resmungou Han e pensou que ele era melhor em causar dor que em aliviá-la. — Não sei o que sou, mas não sou isso. — Ele deu meia-volta e saiu da cabana.

Sabiá também não quis ajudar. Naquela noite, eles deitaram lado a lado na margem do Riacho da Velha, ligados pelas mãos dadas e os beijos recentes. Os galhos acima deles deixavam passar a luz da lua sobre seus rostos. Pela primeira vez, a música da água sobre a pedra não conseguiu acalmá-lo.

— Quero ir com você para Demonai — disse ele, e fitou a cobertura das árvores.

— Queria que você pudesse ir — disse ela.

Eu quero ir, ele tinha dito. Não: *Eu gostaria de poder ir*. Talvez ele devesse ter dito: *Eu vou.*

Quando Han não respondeu, Sabiá se apressou em dizer:

— Seria difícil. Reid diz que viajaremos pelo restante do verão e eu vou aprender a rastrear e a usar armas e... e o resto.

— Mas você ficaria lá, certo? Depois de todo o treinamento.

— A base é lá, mas não vou estar muito por lá. Os guerreiros Demonai passam a maior parte do tempo viajando. — Virando de lado, ela se apoiou sobre um dos cotovelos e tirou os cabelos da testa de Han. Ele resistiu à tentação de se encolher. — Talvez... talvez depois de ver como são as coisas, talvez, assim que o verão acabar, você possa vir — disse ela.

— Talvez — retrucou ele, indiferente, querendo magoá-la. — Vamos ver.

Com essa opção descartada, Han retomou o plano de ir com Dançarino para Vau de Oden. Ficou imaginando como poderia tornar aquilo realidade, quando todos à sua volta pareciam se opor. Ele tentou voltar a conversar com Willo e se aproximar dos ourives de prata no mercado de Pinhos Marisa, perguntando se eles sabiam como retirar os braceletes, e se fariam uma oferta pelo metal.

Eles tentaram abrir com serrotes, cutelos e facas, mas em vão. Quando ele lhes disse que não importava se os braceletes fossem danificados, os homens tentaram com ferros e aqueceram o metal, queimando e deixando bolhas nos pulsos de Han durante o processo. Ele não precisava ter se preocupado com danos às algemas. Os artesãos não conseguiram nada. Nem sequer arranharam a superfície do metal ou danificaram as runas inscritas ali.

A resposta era sempre a mesma. Eles se interessavam pela prata e estavam intrigados com ela, na verdade, mas não tinham ideia de como tirar os braceletes. Ou

de como trabalhar a prata, se conseguissem.

A única outra coisa na qual ele conseguiu pensar foi em recuperar o amuleto que ainda estava escondido no terreno dos estábulos e encontrar um comprador para ele. Ele não via razão para não poder transformar o amuleto em "meninas" suficientes para ajudar a mãe e Mari e ir para a Academia Wien também.

Nenhuma razão, a não ser Lucius, que lhe dissera para mantê-lo longe das mãos dos Bayar.

Mas ele não teria que levar de volta aos Bayar. Ele conhecia muitos comerciantes, de sua antiga vida como ladrão. Ele podia vendê-lo na Feira de Ponte Austral. Quais eram as chances de os Bayar irem até lá? Eles nunca tinham feito isso antes.

Ele decidiu não ouvir a voz em sua mente que dizia que o amuleto não lhe pertencia e ele não podia vendê-lo. Dito isso, se ele o vendesse em Fellsmarch, ele ainda poderia fazer o caminho de volta até os donos anteriores.

De qualquer forma, ele não tivera nada senão má sorte desde que catara o amuleto do chão nos declives de Hanalea. Talvez esta fosse a chance de mudar a própria sorte e melhorar sua fortuna.

A ideia cresceu em sua mente, até ele se convencer de que não tinha opção.

Ele decidiu ir para a cidade no fim da tarde, pensando que poderia chegar lá disfarçado pela escuridão, durante a troca da guarda. Iria direto até Feira dos Trapilhos e pegaria o amuleto. Ele poderia estar de volta em Ponte Austral quando os mercados abrissem e a caminho de Hanalea quando os casacos azuis ainda estivessem esfregando o sono de seus olhos.

Ele escorregou a algibeira com dinheiro para baixo da camisa, junto à pele. Ganhara um pouco de dinheiro por trabalhar com Willo e realizar tarefas no Campo para quem pagasse. Não era nem de perto o suficiente. Ele embrulhou um pedaço de truta defumada e pão ázimo em um guardanapo e enfiou tudo na bolsa. Finalmente, puxou um gorro sobre os cabelos claros, pois estava frio nas montanhas, e torceu para que ele chamasse menos a atenção e não mais. No Vale o tempo estaria quente, mas quando as pessoas o descreviam, sempre era como "o tal de cabelos claros".

Havia pouco movimento na trilha para Fellsmarch naquela hora do dia, sobretudo caçadores e comerciantes a caminho de casa. Ele traçou um círculo amplo em torno da casa de Lucius para não cruzar com o velho. Han não vira Lucius desde o dia em que o encontrara lamentando-se por sua morte trágica. Han ficou se

perguntando se Lucius arrumara outro garoto para ficar em seu lugar. Isso doía um pouco.

Ele cruzou o portão da cidade apenas ao anoitecer, com uma multidão de acólitos do templo local, todos com mais ou menos a idade dele. Eles tinham andado colhendo amoras-pretas nos declives de Hanalea.

Han ateve-se às vias secundárias até chegar a Ponte Austral. Parecia que as coisas tinham esfriado, afinal. Dois casacos azuis sonolentos vigiavam as duas extremidades da ponte e ninguém parecia estar procurando por Han Alister.

Lucius dissera que os boatos diziam que ele estava morto. Han decidiu que estar morto tornava o percurso pela cidade muito mais fácil.

Ao atravessar a ponte, Han percorreu a teia familiar de Feira dos Trapilhos e foi para casa. Ainda não estava totalmente escuro, embora o sol tivesse descido atrás do Portal Ocidental e algumas estrelas perfurassem o céu pálido. Ao norte, os dias eram longos no verão. Todas as aventuras que exigiam o disfarce da escuridão eram comprimidas em umas poucas horas intensas.

O coração de Han batia acelerado. Ele adorava as noites de verão na cidade, quando a música jorrava das portas abertas das tabernas, vendedores grelhavam salsicha e peixe nas calçadas e os bêbados nos becos nunca congelavam até a morte. Mulheres de vida fácil mexiam com os casacos azuis e as pessoas se faziam de duronas, intoxicadas pela ideia de que qualquer coisa poderia acontecer. E, provavelmente, aconteceria. As ruas eram mais perigosas, embora, sob certos aspectos, fossem mais tolerantes durante o verão.

Da última vez que ele estivera em casa, Feira dos Trapilhos e Ponte Austral estavam quietas de modo pouco natural, assombradas pela série de assassinatos dos Austrinos. Agora estava mais parecido com o que ele se lembrava, quando andava com os Trapilhos.

Conforme ele se aproximava, começou a ver bandeiras amarelas pregadas sobre as portas ou pendendo das janelas, o que significava a presença de febre remitente. No verão, as bandeiras amarelas surgiam em certas vizinhanças, como uma colheita de flores mortas de cores berrantes ou cogumelos de cor amarela vibrante que, às vezes, cresciam em árvores mortas.

Esse era o lado obscuro do verão.

Alguns diziam que a febre era consequência do ar insalubre. Willo dizia que era causada pela água contaminada. Fosse como fosse, estava restrita ao Vale. Nunca foi

um problema nos Campos das terras altas.

Quando ele chegou ao terreno do estábulo, ergueu os olhos para o segundo andar da construção e viu um trapo amarelo enfiado entre o caixilho e o peitoril.

Han abriu caminho até o estábulo e subiu as escadas de dois em dois degraus. Quando abriu a porta com força, deparou-se com o fedor de todos os tipos de doença.

Mari estava deitada na cama de palha ao lado da lareira. Embora o ar do cômodo estivesse abafado, o fogo estava aceso e Mari estava coberta por uma pilha alta de cobertores e tremia incontrolavelmente. A mãe estava sentada no chão ao lado dela, recostada na parede. Ela piscou para Han, como se tivesse adormecido enquanto estava sentada ali.

— Ela estava melhor esta manhã — falou a mãe —, mas a febre está voltando. — Seu tom era objetivo, como se ela estivesse cansada demais para reagir ao súbito aparecimento dele depois de um mês. A trança estava desfeita, e metade dela caía sobre seu rosto. O corpete estava sujo e manchado e pendia frouxo no corpo, como se ela estivesse se desgastando.

Han cruzou o cômodo, ajoelhou-se ao lado da cama de Mari e pôs a mão na testa dela. Ela estava ardendo.

— Há quanto tempo ela está doente?

Sua mãe esfregou a testa.

— Hoje é o décimo dia.

O décimo dia. Ela já deveria estar se recuperando. Se é que ia se recuperar.

— Ela está comendo e bebendo? — Willo disse que a febre alta desidrata as pessoas; portanto, era necessário continuar a fazê-la tomar líquidos. Além disso, a febre causava diarreia.

A mãe balançou a cabeça.

— Ela não quer tomar nada quando a febre fica alta.

— A senhora está dando casca de salgueiro para ela? — Aquela era a extensão do conhecimento dele em relação a curas. As ervas que ele coletava para Willo e os outros.

— Eu estava. — A mãe baixou os olhos para as mãos. — Estamos sem cascas agora. — Ela ergueu os olhos para ele, e a esperança ardeu nos olhos dela. — Você tem algum dinheiro?

— Um pouco. Por quê?

— Tem um curandeiro em Beco da Tripa. As pessoas dizem que ele pode fazer maravilhas. Mas custa dinheiro.

Han desviou os olhos de Mari e concentrou-se no cômodo ao redor deles. Estava mais desolado que normalmente. Não havia cestos com roupas limpas, nem sinal de comida, nada.

A mãe pôs a mão sobre o braço dele.

— Você mandaria suas roupas para um local onde tem a febre? — perguntou ela, como se pudesse ler a mente de Han. — Além disso, não tenho conseguido deixá-la sozinha para recolher as roupas e fazer as entregas.

Um balde de água com uma concha estava próximo à cama de Mari.

— De onde vem essa água? — perguntou Han para a mãe.

— Do poço no fim da rua — disse ela. — Como sempre.

Ele pegou o balde e derramou o conteúdo na segunda melhor caçarola deles e a colocou sobre as chamas.

— Deixe isso ferver um pouco e, quando esfriar, você pode usar para lavar.

— Eu *sei* como lavar a roupa, Hanson Alister — retrucou a mãe, com um pouco do antigo mau humor.

— Vou pegar um pouco de água de outro poço — disse ele. E fez isso. Caminhou os quarteirões do centro da cidade até uma bomba na Praça dos Oleiros e voltou. Ele gastou o restante do dinheiro comprando um pouco de casca de salgueiro e sopa de cevada para Mari, embora tivesse que acordar o farmacêutico para isso. Ele foi xingado por incomodar o homem e pagou um preço bem alto também.

Era quase noite quando tudo foi resolvido e entregue. Mari aceitou um pouco de água limpa, a casca de salgueiro e a sopa de cevada, embora reclamasse que não estava com fome. Depois disso, ela parecia melhor e dormiu mais tranquilamente, e ele pensou consigo mesmo que a cor nas bochechas dela não era apenas a febre, e a melhora não era simplesmente a calmaria antes de a febre voltar.

Então era isso. Mais má sorte, pior do que ele já tivera antes. Tinha que ser o maldito amuleto. Tinha que se livrar dele antes que alguém morresse.

Han precisava do dinheiro. A mãe e Mari precisavam do dinheiro para o curandeiro e todo o restante. Ele não podia esperar que elas lutassem com afinco pela sobrevivência enquanto ele vivia em conforto relativo em Pinhos Marisa ou onde quer que fosse. A Guarda não estava procurando por ele agora, mas isso mudaria assim que eles avistassem o corpo afogado caminhando e bem vivo pelas ruas.

Ele deixou a mãe e Mari dormindo, desceu as escadas e murmurou para os cavalos, que ele havia ignorado ao entrar. Sob o disfarce da escuridão, ele se esgueirou até a forja no terreno do estábulo e fez força para tirar a pedra da abertura. O pacote de couro ainda estava onde ele havia deixado. Ele podia sentir o calor que emanava do objeto, antes de retirá-lo de lá.

Com cuidado, ele abriu o embrulho e revelou o amuleto de serpente. Ele flamejou, com um brilho intenso, e iluminou o terreno como se quisesse denunciar o ladrão que o havia roubado. Apressadamente, Han voltou a embrulhá-lo e olhou em volta para ter certeza de que ninguém o notara.

Ele deslizou o amuleto para a bolsa e a jogou por cima do ombro, puxou o gorro sobre o rosto e dirigiu-se à Feira de Ponte Austral. Ao chegar à ponte, acenou com a cabeça para os casacos azuis sonolentos, passou mais uma vez pelo templo e pela Casa da Guarda e se perguntou o que Jemson pensaria de seu antigo aluno e em quem Mac Gillen estava batendo atualmente.

O açougueiro estava abrindo as portas de sua loja. Ele tinha uma das poucas estruturas permanentes no mercado. O homem dos cogumelos estava arrumando seus cestos diante da loja. Han passou por eles em silêncio, sem nem olhar em seus olhos. Sua feira era a Feira dos Trapilhos. Ele não conhecia a maior parte dos vendedores em Ponte Austral, e isso era uma coisa boa naquele dia em particular.

Taz Mackney era outro vendedor próspero no mercado. Sua loja era maior do que a maioria, cheia de tecidos exóticos, fragrâncias sedutoras, obras de arte raras e pedras preciosas — soltas e em joias. O que a maior parte das pessoas não sabia era que grande parte da prosperidade de Taz era resultado de seu negócio secundário com peças de magia, muitas delas roubadas ou, no mínimo, com uma procedência questionável. A Naéming podia proibir a compra e venda de talismãs e amuletos feitos antes da Cisão, mas, pelo preço correto, Taz podia encontrar praticamente qualquer coisa para um cliente discreto.

Han sabia disso apenas porque vendera mercadorias para Taz no passado. Nem sempre ele conseguia o melhor preço de Taz, mas gostava de lidar com o homem porque ele tinha um local permanente, ao contrário de muitos dos que trabalhavam nas ruas. Taz sabia que os Trapilhos sempre podiam voltar a encontrá-lo, se ele os enganasse. Ele também tinha ligações com clientes ricos que podiam pagar muito dinheiro por uma peça rara. Taz tinha outra loja, de mais prestígio, no castelo, que era frequentada pela nobreza, incluindo os feiticeiros.

A campainha acima da porta fez um som estridente quando Han entrou na loja. Taz estava sentado nos fundos, a cabeça calva inclinada por cima dos livros. Sem erguer o olhar, o homem resmungou:

— Não abrimos ainda. Volte mais tarde.

— Se o senhor prefere — disse Han. — Mas é problema seu. Vou ver quem mais está disposto a fazer negócio.

Taz ergueu os olhos, assustado.

— Algema? Sangue do demônio! — Ele se pôs de pé com uma velocidade impressionante para alguém tão gordo. O comerciante olhou para fora das janelas da frente e depois fez um movimento com a cabeça que apontava para os fundos. — Vamos lá para trás.

Han acompanhou-o até os fundos e passou por recipientes com contas e prateleiras cheias de garrafas de poções cobertas com cera escurecida pelo tempo. Tapetes enrolados, com cores fortes, encontravam-se nos cantos; caixas intrincadas, candelabros de paredes e velas estavam por toda parte.

Assim que passou pela porta dos fundos, Taz se refugiou atrás da grande escrivaninha que Han sabia que abrigava, no mínimo, três facas e uma adaga afiada. O comerciante vestia um casaco comprido de veludo e um babado de renda no pescoço. A barriga descia por cima da calça, projetando-se através do casaco. Ali estava uma pessoa que se alimentava bem.

— Soube que você tinha morrido — disse Taz rispidamente.

Han concordou com a cabeça e assumiu um ar de tristeza.

— Foram os Austrinos — disse ele. — Eu até que gosto de estar morto.

Taz deu uma de suas grandes risadas ressoantes que faziam você pensar que ele não era tão inteligente quanto era.

— Entendido, meu garoto. A que posso atribuir esta aparição extracorpórea?

Taz gostava de usar palavras grandes.

— Tenho um amuleto que pode interessar a você — disse Han.

— Pensei que estivesse fora do jogo — retrucou Taz e estreitou os olhos.

Han encolheu os ombros.

— Estou. Caso especial. Estou negociando isso para um amigo.

— Ah. Um amigo. Claro. — Os olhos de Taz brilharam com interesse. Ele havia comprado peças raras de Han no passado.

— Vai sair caro — advertiu Han. — Não vou deixá-lo levar a mercadoria por um sorriso e uma promessa. Se não tiver muito metal, basta dizer.

— Não se preocupe com isso — disse Taz, tentando parecer indiferente. — No entanto, você deveria saber que, graças às idiossincrasias do mercado atual, posso não estar em condição de fazer uma oferta generosa. Infelizmente, tenho visto uma demanda menor por objetos mágicos nos últimos meses.

Han enfiou a mão na bolsa e retirou o amuleto. Ele fez isso com calma, tudo parte do jogo. Pousou o embrulho sobre a mesa e, com cuidado, afastou o couro.

A luz da pedra deixou o rosto de Taz com uma cor verde doentia. O comerciante a fitou por um longo instante; depois ergueu o olhar para o rosto de Han.

— Onde você conseguiu isso? — sussurrou ele.

— Eu falei. É de um amigo. Ele está saindo do negócio de magia — emendou Han.

Taz estendeu a mão num impulso, mas Han segurou o pulso dele.

— Não toque nisso — disse ele. — É perigoso.

Taz engoliu em seco.

— Certo — disse, e seu estoque de palavras grandes aparentemente havia se esgotado. — Ora. É uma vergonha ser tão instável. Isso tornará mais difícil de vender. — Ele pensou por um momento. — Dez "meninas". É pegar ou largar — concluiu.

Han poderia ter aceitado dez "meninas", mas ele sabia que estava sendo subestimado. Ele balançou a cabeça e voltou a embrulhar o amuleto.

Taz observou por alguns segundos, então falou:

— Vinte e cinco.

Han enfiou o amuleto na bolsa.

— Obrigado pelo seu tempo, Taz — falou ele e se afastou.

— Espere! — disse Taz rapidamente.

Han virou-se e esperou.

Taz passou a língua pelos lábios. Gotas de suor brotaram na testa larga. Evidência de que ele queria a peça e queria muito.

— Eu poderia entregar você aos casacos azuis, sabia? É do seu interesse que nós cheguemos a um acordo.

Han encolheu os ombros e passou a mão pela parede da loja.

— Este lugar poderia pegar fogo, sabia? Talvez até com você dentro. Isso seria uma pena.

Taz limpou a garganta.

— Eu pensei que você estava fora do negócio — repetiu ele.

Han ergueu as mãos.

— Tem como sair mesmo do negócio?

Taz concordou, relutante.

— Algema, você sempre teve uma cabeça boa para o comércio. O que é muito raro em alguém tão jovem.

Han deu um sorriso.

— Ora, obrigado, Taz. Isso e três cobres compram um pãozinho recheado com carne de porco!

— Quanto você quer por ele?

— No mínimo, uma centena de "meninas". Mas vou mostrar o amuleto pelo mercado e vou aceitar a melhor oferta que eu receber; portanto, é melhor você pensar grande. — Han manteve a voz indiferente, olhando ao redor e passando os dedos por um cálice de prata, como se estivesse analisando produtos na feira. Uma centena de "meninas" nunca passaram por suas mãos, em toda a vida dele.

— Olhe, não estou em condição de comprar imediatamente pela quantia que você quer, mas posso ter clientes que estariam dispostos a fazer uma oferta. Deixe o amuleto comigo, em consignação, e nós veremos qual é a resposta.

Han balançou a cabeça.

— Não posso. Tenho apenas um e alguns outros comerciantes para mostrar. Não vou entregá-lo até ter o dinheiro na minha mão.

Era evidente que Taz não queria ver o amuleto indo embora.

— Onde posso encontrá-lo?

— Você não pode — disse Han. — Melhor agir rápido. Não vou ficar na cidade por muito tempo. Voltarei aqui depois de amanhã.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

REBATIZADO 2

Raisa acordou cansada na manhã seguinte. Ela tivera os sonhos mais estranhos. Eles pareciam envolver Amon, mas escapavam cada vez que ela tentava relembrá-los. Ela se aninhou debaixo dos cobertores e torceu para dormir novamente, mas a mente dela acelerou e o sono lhe escapou.

O rebatizado. O dia em que oficialmente ela seria proclamada pronta para casar. O dia em que oficialmente era nomeada herdeira do trono e começava o treinamento para o papel de rainha.

Finalmente, à noite, teria início a dança formal dos pretendentes.

O vestido estava pendurado, uma silhueta contra a janela, o molde da pessoa que ela deveria ser. Ela não dera opiniões sobre a roupa para a festa. Torcia por algo colorido como um jardim exuberante, mas imaginava que a maioria usasse o branco virginal.

Raisa ficava horrível de branco — esse era outro tema de disputa entre ela e a mãe. Ela preferia preto, mas teria escolhido escarlate ou mesmo verde-esmeralda para destacar seus olhos. Terminara com um cetim e renda cor de champanhe que exibia seus ombros. Pelo menos, não havia nada infantil nele.

Ela bocejou, saiu da cama de camisola e caminhou até a sala de estar. Magret trazia o café da manhã.

— Pensei que você dormiria até mais tarde, para ficar descansada para hoje à noite — disse Magret. — Eu podia ter levado o café na cama para você.

Raisa fitou Magret. A babá a estava encorajando a dormir até tarde para que ela conseguisse ficar acordada até de manhã cedo. Era uma temporada inteira de novidades.

— Bem, eu não consegui dormir mais — disse ela e remexeu nas pilhas de cartões, bilhetes e cartas no cesto perto da porta. — Alguma notícia do meu pai?

— Não, Alteza — disse Magret. — Mas não se preocupe. Se ele não estiver aqui, está a caminho. Ele não perderia sua festa.

— Eu sei. — Raisa não conseguia se livrar de um sentimento de inquietação. — Você poderia... você poderia mandar um recado à Casa Kendall e dizer-lhes para me avisarem assim que ele chegar? — O pai tinha ficado na Casa Kendall, já que ainda não voltara a cair nos favores da rainha.

Magret envolveu Raisa com os braços e afagou as costas dela.

— Não se preocupe — disse ela. — É apenas a agitação do rebatizado. Hoje será uma noite da qual você se lembrará sempre.

Há diferentes razões para lembrar das coisas, Raisa pensou. Algumas boas, algumas ruins.

O restante do dia passou numa confusão de banho, arrumação, penteado e maquiagem.

— Provavelmente leva menos tempo para equipar um navio para se lançar ao mar — reclamou Raisa quando as manicures saíram e as cabeleireiras entraram em fila indiana.

E ainda nenhuma notícia da Casa Kendall.

Às 18 horas, Raisa estava pronta. O vestido descia em longas dobras de seda da cintura alta e tinha mangas românticas e longas com apliques de renda. Na verdade, ela gostou muito.

Novamente houve um problema com o anel de Elena. Raisa estava determinada a usá-lo, embora a mãe lhe tivesse dado um colar de topázio, citrino, e quartzo esfumado para o rebatizado dela, que combinava perfeitamente com o vestido. Raisa deslizou o anel para fora da corrente e o experimentou em cada um dos dedos. Antes parecera grande, mas agora ela se surpreendeu ao descobrir que cabia perfeitamente no dedo médio. As mangas compridas o ocultavam da vista.

Às 18h30, a mãe de Raisa entrou, apressada, para a inspeção final antes da festa do rebatizado. O vestido da rainha Marianna era verde-escuro, destacando os cabelos louros e a pele luminosa. O colar e a tiara eram enfeitados com esmeraldas.

Mesmo com os trajes do rebatizado, Raisa parecia insignificante em comparação com ela. Como seria reinar depois de uma rainha assim? Será que ela ficaria conhecida como a rainha baixa, morena, impertinente que seguiu a rainha loura?

A rainha Marianna segurou Raisa pelos cotovelos e a manteve a pouca distância.

— Oh, querida — disse ela, e as lágrimas transbordavam de seus olhos. — Você *está* linda. — Isso teria significado muito mais se ela não parecesse tão surpresa. —

Não posso acreditar que este dia finalmente chegou. Saiba que eu sempre quero apenas o que é melhor para você. Você acredita nisso, Raisa?

Raisa acenou com a cabeça, e a comichão de inquietação voltou.

— Você viu meu pai desde que ele voltou? — perguntou ela. — Ele deve me acompanhar ao salão, mas ainda não tive notícias dele.

A rainha Marianna franziu a testa.

— É mesmo? Você não teve notícias dele? Tinha certeza de que ele estaria aqui.

— Claro que vai estar — disse Raisa. — É o meu rebatizado.

Marianna hesitou.

— Isso é verdade, sim, mas, lembre-se, você já comemorou a ocasião no Campo Demonai. Talvez ele acredite que já cumpriu sua obrigação.

Raisa piscou para ela, confusa por um momento, antes de se lembrar. Supostamente o pai a levara até os Demonai quando ela se perdeu em Ponte Austral.

— Não é uma obrigação — disse Raisa. — Ele disse que estaria aqui. Ele queria estar. — Ela fez uma pausa, depois falou rápido. — Por que você teve que mandá-lo para os Penhascos de Giz agora?

A mãe suspirou e pareceu exasperada.

— Não é tão longe assim, querida. Não deveria ser um problema cavalgar até lá e voltar em quatro dias. Sua coroação é importante, mas os negócios do reino não podem parar durante uma semana por causa disso. — A rainha sorriu e os olhos castanho-claros examinaram o rosto de Raisa. — Não se preocupe. Eu vou chamá-lo na Casa Kendall e dizer para vir até você imediatamente, apenas para te acalmar. — Ela beijou Raisa na testa. — Tudo vai dar certo, você vai ver.

Ela se virou e deixou o cômodo com um movimento de seda.

Mas o tempo passou e logo elas tinham que ir para o templo, e o pai ainda não viera. Raisa olhou para o corredor, e um jovem guarda robusto ficou em alerta do lado de fora da porta.

— Alteza? — disse o soldado. — Como posso ajudar?

— Ah, eu só estava olhando.

Eles ficaram parados, constrangidos, por um momento. Então Raisa disse:

— Bem, continue. — E empurrou a porta para fechar.

Incapaz de sentar e ficar quieta, Raisa abriu as portas para o terraço e saiu em meio à noite quente.

O trovão ribombou sobre Hanalea, Rissa e Althea. Grandes colunas de nuvens rolaram sobre os cumes, iluminadas por relâmpagos verdes e amarelos. O ar estava denso com o cheiro da chuva, quase denso demais para respirar; os pelos nos braços e na nuca de Raisa se arrepiaram.

O vento aumentou e pôs as nuvens em movimento como lobos cinzentos rondando as montanhas distantes. Raisa encolheu os ombros. Nervosismo, disse para si mesma. Só nervosismo.

Magret estava tão nervosa quanto Raisa. Remexeu as mensagens na mesa da frente como se ela pudesse encontrar um bilhete não visto de Averill. Ela mexeu nos cabelos de Raisa, na bainha, na maquiagem e puxou as rendas até Raisa ter de fazer um esforço para não gritar com ela.

Sempre que Magret abria a boca, as palavras saíam numa cascata nervosa.

— Você ouviu? O príncipe Gerard Montaigne, de Arden, está aqui. Bem no meio da guerra ele vem até aqui e provavelmente pretende voltar para casa com um contrato de casamento na mão. Ele é o mais novo de cinco irmãos, portanto não sei por que ele pensa que a princesa-herdeira de Fells lhe dedicaria alguns momentos de seu dia. O príncipe Liam, por outro lado, é um rapaz bonito e tem boas maneiras. Ele é o herdeiro do trono de Tamron, sabe?

Finalmente, ouviu-se uma batida à porta. Raisa deu um pulo para atender, mas Magret, claro, foi mais rápida que ela.

Não era seu pai. Era Gavan Bayar, o Grão Mago de Fells, resplandecente em prata e preto para combinar com os cabelos prateados e compridos e as sobrancelhas pretas e grossas.

— Meu lorde Bayar — gaguejou Magret. — Eu pensei... Nós estávamos esperando...

Lorde Bayar passou por Magret e fez uma breve mesura para Raisa.

— Você é uma visão, Alteza. Gostaria de ser um homem mais jovem. — Ele fez uma pausa, e seus olhos a percorreram da cabeça aos pés. — Infelizmente, seu pai ainda não retornou de Penhascos de Giz. A rainha me pediu para escoltá-la até o templo. — Ele ofereceu o braço. — Seria uma honra.

Raisa recuou e balançou a cabeça.

— Talvez... ele ainda venha.

— Todos estão reunidos — disse lorde Bayar. — Está na hora. A rainha solicita a sua presença.

Raisa esbarrou na penteadeira e se recostou nela, subitamente tonta. Alguma coisa estava errada em tudo aquilo. Cada um de seus instintos gritava dentro dela. O lampião sobre a mesa bruxuleava com a brisa que vinha da porta aberta, e silhuetas de lobo moviam-se ao longo das paredes.

O guarda robusto estava parado na entrada e segurava o cabo da espada.

— Alteza? — disse ele.

Magret meteu-se entre Raisa e lorde Bayar, e seu rosto estava enrugado de receio.

— Sua Alteza não se sente muito bem — disse ela. — Talvez, se o senhor lhe der alguns minutos...

A raiva ardeu nos olhos azuis de lorde Bayar.

— Afaste-se — disse ele. — Não temos alguns minutos. A princesa deve me acompanhar por ordem da rainha.

— Está tudo bem, Magret — disse Raisa, embora certamente não estivesse. Ela se retesou, balançou a cabeça para clarear as ideias e assentiu para o guarda. — Fique tranquilo. Vou com lorde Bayar. É gentil da parte dele vir até aqui me pegar. Tenho certeza de que papai chegará a qualquer momento para a dança.

Raisa continuou ignorando o braço de lorde Bayar e segurou as saias de cada lado, ergueu o queixo e caminhou à frente dele no corredor. O guarda a acompanhou durante o percurso.

Era difícil manter-se à frente das pernas compridas de lorde Bayar, com o passo mais curto e os sapatos chiques. Finalmente ela deixou que ele segurasse seu cotovelo, e sentiu a picada do poder através dos dedos do feiticeiro.

Use sua expressão de comerciante — disse para si mesma.

Eles seguiram pela passagem coberta do castelo até a igreja e cruzaram o pátio que representava a separação entre a Igreja e o Estado, entre o sagrado e o profano. O clima estava piorando, e o vento agitava mechas dos cabelos cuidadosamente penteados de Raisa. Por um momento, pareceu que os céus se abririam. Ela ficou se perguntando se o pai estava lá fora, em alguma parte, na chuva, e tentava voltar para casa. Ela rezou uma oração ao Criador e a Maia, a mãe do vento, pelo retorno dele a salvo.

A nave da catedral estava solene e iluminada por velas, o caminho era um longo corredor com tapete vermelho entre a multidão de nobres reluzentes, e todos esticavam o pescoço para dar a primeira olhada na princesa-herdeira. Raisa sentia-se

como uma noiva entrando no templo de braços dados com o pai. Mas aquele não era seu pai, nem era seu casamento.

Ela podia perceber que a substituição de última hora do pai por lorde Bayar não fora anunciada. Ela ouviu um murmúrio percorrer a multidão, viu uma onda de cabeças girando, impelida pelos boatos de sempre. Onde estava Averill Demonai, e por que não estava ali, e o que tudo aquilo significava?

Ela queria bater o pé com força e dizer: "Isso não foi ideia minha."

Diante dela, viu a mãe sentada na cadeira da rainha, e as saias a seu redor, com a pesada coroa cerimonial na cabeça. E de pé, a seu lado, para surpresa de Raisa, estava o orador Jemson, do Templo de Ponte Austral, resplandecente em dourado e branco. Mesmo a distância ela podia ver a surpresa no rosto do orador quando Raisa entrou com o Grão Mago.

Depois, Raisa compreendeu. O pai devia ter ficado responsável pelos elementos da fé. Ele é quem deveria ter convidado o orador Jemson para oficiar.

Raisa percorreu o corredor do templo e fez o possível para ignorar o feiticeiro a seu lado e para manter no rosto uma máscara de solenidade enquanto seu coração batia forte no peito. Apesar dessa distração, algumas imagens se cristalizaram em sua visão periférica — por exemplo, o sorriso imóvel no rosto da prima, Missy Hakkam. Missy estava ao lado do irmão, belo e igualmente superficial. Kip e Keith Klemath estavam se cutucando e provavelmente apostavam quem venceria o jogo de cortejos na dança.

Sua avó, Elena, pôs-se de pé com alguns idosos dos clãs em trajes cerimoniais de Pinhos Marisa e dos Demonai. Com os idosos, havia alguns guerreiros Demonai, incluindo Reid Andarilho da Noite, o suposto pretendente de Raisa, que vinha das terras altas.

Quando Raisa passou com o Grão Mago, Elena se inclinou e murmurou algo para Reid. O rosto da mulher estava impassível, mas Reid olhava com expressão severa.

Miphis e Arkeda Mander estavam de pé, virados para a frente com Micah Bayar, um trio de feiticeiros. Parecia que o castigo de Bayar terminara. Ele estava vestido impecavelmente, como sempre, absurdamente bonito, mas tinha uma aparência pálida, um tanto febril, como se alguma coisa não estivesse bem com ele. Os olhos escuros seguiram Raisa até a frente do templo.

Uma pequena guarda de honra estava de pé de cada lado do estrado. Raisa procurou o capitão Edon Byrne, que acompanhara o pai até Penhascos de Giz. Ele também estava ausente, mas Amon estava lá, com o uniforme de gala, de pé, muito ereto, com as bochechas vermelhas, mas ela sabia que ele a vira.

Sonhei com você, pensou ela.

E, finalmente, ela estava diante do orador Jemson e sua mãe. Lorde Bayar soltou o cotovelo dela e parou a seu lado, perto da irmã dela, a princesa Mellony.

Raisa olhou nos olhos do orador Jemson e viu compaixão. O orador deu um sorriso. Por alguma razão, isso a animou, e ela retribuiu o sorriso. A pulsação se acalmou e os temores diminuíram. Ela seria rainha, e as rainhas dominavam os feiticeiros em Fells.

— Amigos, esta é a temporada de cerimônias de rebatizado e já presidi a muitas — disse Jemson. — Sempre é um privilégio trazer uma criança à vida adulta e receber um novo cidadão do reino. Mas hoje estamos reunidos para uma nomeação muito especial, que se baseia em uma tradição que dura há mil anos. Hoje nomeamos Raisa *ana*'Marianna herdeira de Hanalea e do trono Lobo Gris.

Jemson olhou para a assembleia.

— A princesa já demonstrou ser mais piedosa do que se esperaria, em sua idade. O Ministério da Rosa Agreste, no Templo de Ponte Austral, atende a centenas de pessoas todas as semanas. Famílias têm alimentos e roupas, e as crianças têm escola por causa de sua generosidade. Ela é a herdeira perfeita para o legado de Hanalea.

A rainha ergueu os olhos para Raisa, com uma expressão assustada no rosto. Comentários percorreram a multidão como vento através dos galhos no inverno.

A voz do orador Jemson fluiu sobre Raisa e fez com que ela se rededicasse ao Criador, a Fells, e à linhagem das rainhas. A mãe fez as Três Perguntas, e ela deu as Três Respostas em voz nítida e alta para que pudesse ser ouvida até o fim do salão.

Raisa subiu as escadas até o estrado e se ajoelhou diante da mãe. A rainha Marianna pôs a tiara reluzente do Lobo Gris em sua cabeça e disse:

— Levante-se, princesa Raisa, herdeira do trono Lobo Gris.

Do lado de fora do templo caiu a tempestade, e o granizo bateu nas janelas de chumbo. Seus ancestrais proclamavam sua aprovação. Ou os gritos deles seriam uma advertência?

Aplausos percorreram de um extremo a outro do salão, provavelmente porque era hora de jantar.

O salão de baile principal se transformara em uma floresta encantada, com os cantos enfeitados por grupos de árvores sem galhos que cintilavam com minúsculas luzes mágicas. As mesas de jantar estavam arrumadas em uma extremidade, em uma cabana no bosque. As árvores tinham gaiolas prateadas cheias de pássaros canoros.

Durante o jantar, ela se sentou próxima à rainha, na cabeceira da mesa. Raisa insistiu para que o orador Jemson ficasse na cadeira do outro lado, que deveria ter sido de seu pai (sobretudo, para evitar que lorde Bayar a ocupasse). Ela se surpreendeu quando a rainha prontamente concordou. Marianna parecia ansiosa em agradar a filha, que frequentemente era difícil, ansiosa em preencher a lacuna deixada pela ausência de Averill de qualquer jeito que pudesse.

Embora o protocolo ditasse que os príncipes do sul se sentassem na fileira seguinte após a família real, Raisa percebeu que sua mãe os colocara sentados bem mais distantes à mesa. Não apenas isso, os Tomlin sentaram-se em frente a um desconhecido que, pelas roupas elaboradas, devia ser o ambicioso Gerard Montaigne, o príncipe mais jovem de Arden. Ele era magro, com cabelos da cor da areia úmida e olhos azuis, pálidos e quase sem cor.

Elena Demonai e os outros representantes do clã também estavam sentados no outro extremo da mesa de Raisa.

Raisa comeu muito pouco, sentindo o peso da tiara e do novo título, além da dor pela ausência do pai. Ela também falou pouco, mas o orador Jemson, a rainha Marianna e lorde Bayar a substituíram nas conversas. As vozes deles borrifavam contra a pele dela como chuva em uma tela, e mal a molhavam.

A rainha parecia nervosa, com um sorriso forçado, e olhava ansiosamente na direção de Raisa como se não tivesse certeza do que a nova princesa-herdeira poderia fazer. O orador Jemson fingiu estar relaxado e falante, mas Raisa achou que ele prestava atenção em tudo.

— A princesa Raisa tem sido uma embaixadora maravilhosa para o trono Lobo Gris, na cidade — disse ele.

— É mesmo? — disse a rainha e mexeu no guardanapo.

— Oh, sim. Os músicos de rua cantam seus méritos. As crianças na escola do Templo de Ponte Austral deixam guirlandas de flores debaixo de seu retrato no santuário, e os devotos abriram um novo salão de cura em seu nome.

— Eu não fazia ideia — disse a rainha e cutucou a codorniz assada com um leve franzido no rosto.

— Todos a elogiam, Majestade, por criar uma filha com uma natureza tão piedosa — acrescentou ele, e a rainha deu um sorriso.

Amon Byrne trocou olhares com Raisa algumas vezes, de seu posto contra a parede. Ele ergueu uma das sobrancelhas como se dissesse: *O que está acontecendo?*

Raisa começou a relaxar um pouco quando o jantar foi retirado e eles desceram para a pista de dança. Seu cartão de dança já estava cheio, de acordo com o protocolo, assim que passavam pelo constrangimento da tradicional dança pai-filha. (Eles pularam.) A noite passou rapidamente, um caleidoscópio de rostos masculinos e plumagem brilhante, uma cacofonia de lisonjas, a picada das mãos dos feiticeiros, os Klemath reaparecendo repetidas vezes como um pesadelo.

Ela dançou com o príncipe Gerard Montaigne e o achou frio, sério e condescendente, uma combinação impressionante em um garoto com quase a mesma idade que ela. Ele não fez esforços para cortejá-la, nem mesmo para elogiá-la, mas foi direto para a política.

— Princesa, você se incomoda com o fato de que — perguntou ele, com o sotaque forte das terras baixas —, mesmo sendo o filho de um rei, sou o mais jovem dos cinco? Dos quais quatro estão vivos?

— Isso depende — emendou Raisa, sem conseguir resistir. — Você também tem irmãs?

Ele a fitou por um momento com olhos tão pálidos e duros quanto gelo.

— Eu tenho uma irmã mais velha — disse. — Mas em Arden, a coroa passa somente pela linhagem dos filhos homens.

— Entendo. O senhor espera se casar com uma rainha, então, para que suas filhas herdem alguma coisa? — perguntou Raisa.

— Bem... ah... eu não havia pensado nisso — gaguejou o príncipe. — Pensei que faria sentido... ah... unir nossos reinos... e nossos recursos.

— Entendo. Nossos *reinos*. Ora, ora. Acredito que não possa responder à sua pergunta. Você perguntou se me preocupa que você seja o filho mais novo?

— Sim — disse Gerard Montaigne. — Gostaria de garantir a você que, dada a situação em Arden, isto não é um obstáculo intransponível. Se você puder ser paciente, Alteza, espero usar a coroa no fim.

— Não estou nem um pouco preocupada com seus quatro irmãos — disse Raisa. — Embora ache que eles têm razão em se preocuparem. No entanto, eu ficaria muito preocupada com a sucessão em Arden se fosse possível que nós nos casássemos.

Felizmente, nesse momento, a canção terminou. Raisa afastou-se do príncipe Gerard, soltou as mãos, embora ele não parecesse querer deixá-las.

— Obrigada pela dança, Alteza — disse ela. — Tenha uma viagem segura de volta para casa.

Ela podia sentir os olhos dele em suas costas enquanto ela se afastava, de cabeça erguida. Eis um príncipe do sul para riscar da minha lista, pensou. Ele me dá calafrios.

Ela ficou apreensiva quando o nome de Micah apareceu no cartão de dança. Ela não sabia o que esperar — algum tipo de proposta, uma declaração de amor, murmúrios conspiratórios, alguma coisa. Mas ela não precisava ter se preocupado. Desta vez, ele foi um perfeito cavalheiro. Ele parecia tão distraído, de fato, tão distante, que Raisa perguntou, um pouco grosseiramente, no que diabos ele estava pensando, assim que a música parou.

— Não estou pensando em nada, Alteza — disse ele, fazendo uma mesura rígida. — Absolutamente nada. É uma boa habilidade de se ter. Recomendo. — E afastou-se, com as costas eretas.

Amon era uma questão diferente. Ele apertou as mãos dela com tanta força que ela gemeu de dor e ele relaxou o aperto.

— Desculpe — falou. — O que está acontecendo? Onde está seu pai?

— Eu tinha esperança de que você pudesse me dizer — retrucou Raisa. — Ouviu alguma coisa?

— Um pássaro veio de Penhascos de Giz ontem e disse que eles partiram para Fellsmarch ontem de manhã — disse Amon. — Imaginei que eles chegariam ontem à noite. Não tenho notícias desde então. — Ele fez uma pausa. — Provavelmente pernoitaram em algum lugar. Por causa da tempestade e todo o restante.

A chuva bateu contra o telhado do templo, e o vento uivou ao redor das torres.

— E ainda assim... eles deveriam estar aqui bem antes de a tempestade ter começado — disse ela. — Eu só... eu tenho uma sensação ruim em relação a isso. Uma intuição. Alguma coisa aconteceu ou vai acontecer ou as duas coisas. — Ela apoiou a cabeça no ombro de Amon e estremeceu um pouco.

— O que poderia acontecer? — murmurou o rapaz, com o hálito quente fazendo cócegas no ouvido dela, a mão firme nas suas costas, conduzindo-a ao redor da pista de dança. — Você está aqui, no Castelo de Fellsmarch, no meio de uma festa, com seus guardas ao redor. — Ele falava como se estivesse tentando se convencer. —

Esta... intuição... será que é confiável? E há algum meio de saber o *quê* ou *quando*? — Era o Amon de sempre, pragmático.

— Não sei — disse Raisa e tentou decifrar seus sentimentos. Ela sentia-se estranhamente segura, nos braços de Amon. Ligada a ele de um modo que ela não tinha sido antes. Era como se um canal tivesse se aberto entre eles, poder e emoção fluindo em ondas, e ela desejava que eles apenas pudessem girar para sempre.

Raisa limpou a garganta e tentou se concentrar naquele outro perigo, mais nebuloso.

— Magret diz que é apenas ansiedade pelo rebatizado e talvez ela tenha razão, mas eu me sentiria muito melhor se nossos pais estivessem aqui. Fico preocupada de que alguma coisa tenha acontecido a eles.

— Não podemos fazer nada quanto a eles — disse Amon. — Portanto, vamos nos concentrar em você agora. Se você estivesse em perigo, provavelmente seria o quê?

Raisa ergueu o olhar para o rosto dele e teve medo de que ele estivesse zombando dela, mas ele parecia totalmente sério.

— Vamos pensar. Quando você estaria mais vulnerável a... não sei... assassinos ou sequestradores? — prosseguiu ele. — Depois da festa, você voltará para o quarto. Talvez nessa hora.

Raisa apertou os cotovelos dele.

— Fique no meu quarto hoje, Amon — pediu ela impulsivamente. — Eu me sentiria mais segura se você ficasse.

— Raisa, eu não posso fazer isso — disse Amon, e sua expressão era uma mistura do que parecia decepção e dever.

— Eu não me importo com o que vão pensar — insistiu Raisa. — Além disso, Magret estará lá. Ela pode nos acompanhar.

— Certo — disse ele. — Não foi ela que adormeceu no jardim? — Ele mordeu o lábio inferior. — Vou chamar a Alcateia. Fomos deslocados para a sua guarda pessoal. Começando amanhã.

Raisa o fitou.

— Sério? Pensei que seu pai queria que você ficasse longe de mim.

— Ele mudou de ideia — disse Amon. O rapaz respirou fundo como se tivesse algo para acrescentar, mas depois se calou e não disse mais nada durante todo o circuito da pista de dança.

— De qualquer modo, ainda estou preocupado com o túnel que você não cobriu — disse ele, finalmente. — Quando a dança terminar, vou enviar alguns dos lobos da Alcateia para observar o corredor até o seu quarto. Você terá a guarda tradicional do lado de fora da porta. Vou até o jardim para vigiar a entrada do túnel. E está resolvido o problema dessa noite. E talvez, amanhã, nossos pais estejam de volta.

Depois de resolverem isso, eles deram uma volta e fizeram um instante de silêncio. No entanto, Amon ainda parecia confuso.

— Qual é o problema? — perguntou Raisa.

— E se eles não voltarem? Devo partir para Vau de Oden daqui a uma semana.

— Já? — Raisa sentiu uma pontada de pânico. — Mas o verão ainda nem terminou. É apenas no fim de julho. Você tem o mês de agosto inteiro, e...

— Vou tomar o caminho longo de volta para Vau de Oden. Vamos fazer um pouco de exploração para o meu pai. Se ele não voltar, não posso deixar você aqui sozinha.

— Ele vai voltar, Amon; os dois voltarão, você vai ver.

A música havia parado e indicava o fim da dança; eles diminuíram os passos com relutância até parar. Amon estava inclinado, e seus rostos estavam a centímetros um do outro. Segurando as duas mãos dele, Raisa murmurou um "Obrigada", ficou na ponta dos pés e passou os braços ao redor do pescoço dele, querendo terminar a dança com um beijo casto, mas justamente nesse momento eles foram interrompidos.

— Alteza? — A voz com sotaque veio de trás. — Acredito que reservei esta dança.

Raisa girou e viu o príncipe Liam Tomlin, de Tamron. O príncipe fez uma mesura graciosa.

— Porém, se este momento não for conveniente...

— Alteza — disse ela e fez uma mesura, e seu rosto ardia de constrangimento. Ela realmente precisava prestar mais atenção. Sobretudo, porque o príncipe Liam era um possível casamento. — Sem dúvida, é conveniente. Sinto muito. Eu estava apenas...

— Distraída — falou ele. — Isso acontece. — Seu sorriso era deslumbrante contra a pele morena.

Raisa olhou por cima do ombro, mas Amon desaparecera.

O príncipe segurou a mão dela, e a orquestra iniciou uma valsa, uma dança segura para os habitantes do sul, em respeito ao par real. Os músicos não precisavam se

preocupar. O príncipe dançava com a graça inconsciente de alguém que crescera na corte.

Ele não era particularmente alto, comparado a Micah ou Amon, mas estava extremamente bem-vestido, com um casaco azul e uma calça branca que exibiam sua figura aristocrática e esguia. Tamron era conhecido por ser o lançador de modas nos Sete Reinos. Em comparação com a reluzente Corte de Tamron, Fellsmarch era um lugar atrasado.

— Não é sempre que eu tenho que reservar um lugar no cartão de dança de alguém — disse o príncipe Liam. — E tirar minha parceira dos braços de outro. Veja até onde decaíram as fortunas dos Tomlin.

Chocada, Raisa examinou o príncipe buscando traços de arrogância, mas encontrou apenas um tipo de bom humor autodepreciativo. Ela gostou dele no mesmo instante.

— Certo. Bem, estou tentando me acostumar com a ideia de ser posta em exibição como um pedaço de carne — disse Raisa.

O príncipe Liam riu alto, um riso surpreendentemente grave.

— Talvez você seja adepta da ideia de que príncipes, na verdade, têm controle sobre a própria vida. Permita-me discordar. Nós tentamos de tudo, improvisamos feito loucos, somente para aprender que o roteiro já foi escrito e nós o compreendemos errado.

— Nem sempre — retrucou Raisa. — Tenho que acreditar que, algumas vezes, podemos escrever o nosso próprio roteiro.

— Então, você ama o seu soldado? — A pergunta era como uma faca entre as costelas, mas Raisa se desviou dela.

— Não estou falando de amor — emendou Raisa. Bem, não *apenas* de amor.

— Então eu tenho chance — disse ele, virando a cabeça e exibindo seu belo perfil emoldurado pela cascata de cachos pretos. Ele olhou de esguelha para ver se ela percebera.

Ela deu uma risada.

— Você é um tremendo exibido — disse ela.

— Era essa a impressão que eu queria causar — respondeu ele alegremente. — Todas as outras pessoas no aposento... elas são impostoras.

— Eu não estou representando um papel — disse Raisa. — Quero que as pessoas saibam quem eu sou.

— Você é jovem, Alteza — disse o príncipe Liam e pareceu um dos idosos cínicos.

— Por quê? Quantos anos você tem? — indagou a princesa-herdeira.

— Eu tenho 17 — disse ele.

Tenho quase a mesma idade que você, ela pensou em dizer, mas não fez isso, pois parecia algo que uma criança diria.

— E como vai a busca por uma esposa? — perguntou ela. — Alguma em vista?

Ele deu outra risada.

— Disseram que você era insensível.

— Disseram? E o que mais disseram?

— Disseram que você era voluntariosa, teimosa e inteligente. — Ele olhou fixo nos olhos dela. — E que era a princesa mais bonita nos Sete Reinos.

Era um galanteio, mas ainda assim era agradável de se ouvir.

— Verdade? Eu não tenho meio de saber, pois nunca saí de Fells — disse Raisa. — Um dia visitarei Tamron e os outros reinos do sul. Como vocês foram afetados pela guerra em Arden?

— Nós optamos por ignorar a guerra — disse Liam, inclinando-se para mais perto para falar no ouvido dela, como se confiasse um segredo. — Nós nos distraímos com festas, diversões e outros vícios, como se isso fosse fazer a guerra desaparecer.

— E ainda assim você está aqui, em busca de uma aliança contra os Montaigne — disse Raisa, grata pela tutoria do pai e de Amon Byrne.

Liam fez um gesto com a mão cheia de anéis.

— Estou procurando uma esposa rica para pagar minhas dívidas de jogo — disse ele. — Ouvimos dizer que as rainhas de Fells são muito frugais, que elas têm as primeiras moedas que já foram produzidas com suas efígies.

A música parou, e ele a conduziu da pista até uma mesa em uma das alamedas temporárias de sua mãe. Raisa fez sinal a um servente para trazer-lhes as bebidas, e então tirou os sapatos. O cartão de dança havia terminado; príncipe Liam fora o último da lista. Embora a orquestra ainda tocasse (e tocaria até a partida oficial da princesa-herdeira), Raisa ficou surpresa ao descobrir que o aposento estava praticamente vazio. Ela não percebera que era tão tarde. Por alguma razão, passara pela festa do rebatizado sem realmente se dar conta disso. Era uma decepção, depois dos meses de preparação.

Raisa voltou a se concentrar. O príncipe Liam estava erguendo o copo para ela.

— Você *é* a princesa mais bonita nos Sete Reinos. — Ele ergueu a outra mão para impedir que ela protestasse. — Eu sou um juiz muito bom, Alteza. Já vi mais do que devia.

Raisa deu uma risada. Embora os objetivos do príncipe Liam não coincidissem inteiramente com os dela, ele era atraente.

— Você deveria vir nos visitar — emendou o príncipe. — Tamron não tem a beleza física de Fells, mas acredito que você acharia a cidade da Corte de Tamron muito... interessante. — Ele assumiu um ar irônico. — Embora o verão não seja a nossa melhor estação.

— Foi o que ouvi. Seu pai, o rei Markus, me convidou para visitar o chalé perto do Rio Sotavento.

— O chalé *é* adorável no verão — disse Liam. — Embora possa parecer lotado quando todas as três esposas estão na residência.

Raisa não conseguiu evitar de se perguntar se ele havia mencionado isso de propósito.

— Eu prefiro os verões na cidade, onde nós dormimos durante o calor do dia e ficamos acordados a noite toda. Logo será outono, quando as noites ficam mais frescas e adoráveis, e as chuvas revigoram as flores. Chamamos de estação dos *galanteios*. — Ele fechou a mão sobre a dela.

Vá com cuidado, Raisa pensou consigo mesma. Este é o principezinho pelo qual Missy Hakkam se encantou. Raisa tendia a usar Missy como um tipo de indicador de comportamento tolo.

— Você está aqui representando seu pai ou representando a si mesmo? — perguntou Raisa.

Liam riu, mas havia uma ponta de amargura no gesto.

— Meu pai não precisa de ajuda para arrumar casamentos — disse ele. — Estou aqui por mim mesmo.

— Bem, nesse caso, qual é a sua opinião em relação a esposas múltiplas? Se você tem duas ou três, sua esposa pode ter múltiplos maridos?

Quando ela fez a pergunta, Liam estava tomando um gole de vinho e quase cuspiu tudo sobre a mesa.

— P-Princesa Raisa — gaguejou o rapaz. — Creio que qualquer homem que se casar com você descobrirá que você dará trabalho suficiente sem que ele complique as coisas.

Raisa também riu, mas notou que Liam não tinha respondido direito às suas perguntas. No entanto, ele olhava para ela como se a achasse absolutamente fascinante. O olhar dele foi da boca para os olhos dela e depois voltou à boca.

Ele se inclinou e apoiou as mãos nos ombros nus da princesa-herdeira.

— A essa altura, normalmente eu ia sugerir uma caminhada no jardim, mas ainda está chovendo demais, pelo som. Talvez... haja outro lugar em que possamos ir para conversar, longe dos ouvidos da corte.

Raisa pensou então que talvez Liam fosse o perigo que ela antecipara. Mas um tipo interessante de perigo, afinal.

Foi então que Raisa ouviu um passo atrás de si. Liam olhou por cima do ombro dela e franziu a testa.

— Alteza. — Antes de se virar, Raisa sabia quem era. — Alteza, a rainha solicita sua presença nos aposentos privados — disse Micah Bayar. — Ela me pediu para vir buscá-la.

Raisa o fitou com desconfiança. Por que sua mãe enviaria Micah para buscá-la, depois de tudo que já acontecera? Ela olhou ao redor procurando Amon, mas não o viu nem viu os outros homens da Guarda e ficou se perguntando se ele já fora para o jardim.

Micah virou-se para Liam.

— Desculpe, Alteza, mas você terá que dar licença para a princesa Raisa. *Está* ficando tarde.

— Sim. Está — disse Liam, sem rancor. Ele sorriu para Raisa. — Princesa Raisa, ficarei aqui por mais alguns dias antes de retornar a Tamron — disse ele. — Ficarei na Casa Kendall. Espero vê-la novamente antes de partir. — Ele se inclinou e se afastou.

Micah o acompanhou com os olhos por um longo momento, depois segurou o braço de Raisa e a conduziu para fora do salão de baile.

Ela se soltou.

— Eu conheço o caminho — falou e se afastou, deixando-o segui-la. Ela teria gostado de passar mais tempo com Liam Tomlin, e estava cansada de ser arrastada por aí pelos Bayar.

— O que minha mãe quer? — perguntou Raisa enquanto eles abriam caminho entre grupos de pessoas que ainda conversavam no corredor. — Eu não a vejo há horas. Pensei que agora ela provavelmente já teria ido dormir.

— Não ainda — respondeu Micah, sem responder à pergunta. Ele parecia tenso, e Raisa suspeitou que ele tivesse bebido novamente.

A própria Raisa tomara cuidado para não beber nada além de água e ponche com muito açúcar. Sempre tentava aprender com seus erros.

Conforme se aproximavam dos aposentos da rainha, os corredores esvaziavam. Automaticamente, Raisa abandonou os corredores públicos e entrou nos corredores mais estreitos e privados utilizados pela família real. Quando passaram pela pequena biblioteca criada pelo pai dela, Micah disse:

— Raisa, antes de entrarmos, me dê um minuto. Por favor.

Ela se virou para encará-lo. Ele acenou com a cabeça na direção da biblioteca.

— Apenas me ouça. Prometo que não vai demorar. — Ele remexeu nas luvas e parecia surpreendentemente constrangido.

Contrariando o bom senso, ela acreditou nele. Depois de um longo instante, ela o precedeu na biblioteca e deixou uma mesa entre eles.

— Fiquei tentando encontrar você desde a festa — disse ele. — Eu queria lhe dizer que não sabia sobre o anel e o colar. Não percebi que eles eram encantados.

Ele estava admitindo que eram faz-feitiços, então, e que lorde Bayar mentira para a rainha. Raisa cruzou os braços.

— Por que eu deveria acreditar em você?

Ele encolheu os ombros.

— Porque, como você verá, não tenho razão para mentir para você.

Ela inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer com "como você verá"?

Ele ignorou a pergunta.

— E porque eu gostaria de pensar que sou capaz de atrair uma garota por conta própria.

— Depende da garota — disse Raisa bruscamente. — Ouvi dizer que você teve algum sucesso no passado.

Ele esboçou um sorriso, deu de ombros e lembrou a ela o motivo de sempre achá-lo tão atraente.

— Quando você... quando você pareceu receptiva, imaginei que tinha finalmente sucumbido ao meu charme — disse Micah. — Imagine minha decepção quando descobri que você tinha sido enfeitiçada, não por mim, mas por um amuleto.

— E algumas taças de vinho — Raisa não resistiu em dizer.

Micah dispensou a ideia com um aceno da mão.

— Não. O vinho não faz efeito em você. Eu já tentei isso.

Ora!, pensou Raisa. Você *está* sendo incomumente sincero.

— Por que você não pode ficar satisfeito em ter todas as outras garotas da corte a seus pés? — perguntou ela. — Por que você sempre quer o que não pode ter?

— Por que você não me pergunta quem foi o responsável pelo amuleto da sedução, se não fui eu? — retrucou ele.

— Porque não tenho que perguntar — disse ela. — Me diga, por que seu pai ia querer me seduzir? Será que estava tentando causar um escândalo, evitar que eu me casasse com alguém do sul?

— Bem — disse Micah, revirando os olhos. — Isso *seria* um benefício adicional. A última coisa de que nós precisamos é você casada com alguém do sul.

— Não compreendo. Seu pai está ligado por mágica à Linhagem das Rainhas. Por que ele é capaz de agir contra os interesses delas?

— Como você sabe que ele está? Agindo contra os interesses dela, quero dizer — insistiu Micah. Ele examinou os livros na prateleira mais próxima, passou a mão pelas lombadas empoeiradas e olhou a palma da mão, depois limpou-a na calça. Por alguma razão, isso o fez parecer muito novo.

— Sangue do demônio, Micah. É traição enfeitiçar a princesa-herdeira contra a vontade. O que ele esperava conseguir?

— Meu pai acredita que não vai tardar para entrarmos em guerra — disse Micah. — Assim que a guerra civil em Arden terminar.

Fora exatamente isso que Amon dissera.

— Então? O que isso tem a ver comigo?

— Nós temos que ganhar do sul a todo custo. Isso poderia significar descartar algumas das regras arcaicas que nos enfraquecem.

— Eu gosto de algumas das velhas regras — disse Raisa. — Como as regras para traição.

— Você sabe que a Igreja de Malthus considera a feitiçaria como uma heresia, certo? — perguntou Micah. — Eles queimam os feiticeiros no sul.

A Igreja de Malthus tinha reputação de ser severa, solene e conservadora. Raisa sabia disso. Mas ela não sabia de sua posição em relação à feitiçaria.

— Vamos precisar de todas as nossas armas, se Arden nos atacar — disse Micah. — Temos que ganhar. Os clãs devem ver a razão. Precisamos de acesso irrestrito aos

instrumentos de magia.

— Vocês tinham isso — disse Raisa, e o cansaço levou a melhor sobre a diplomacia. — E vocês fizeram uma confusão.

Por que eles tinham que conversar sobre isso agora? Ela estava cansada e irritada, confusa com a conversa, sob a vigilância de todos.

— Olhe, será que podemos apenas ver o que a minha mãe quer, para podermos ir dormir?

Micah puxou os cabelos escuros para trás.

— Eu só queria que você soubesse que nada disso é ideia minha. Estou torcendo que você possa... que você tenha isso em mente.

A intuição dela apitou mais uma vez. Por que Micah Bayar estava fazendo aquele discurso ao levá-la para ver a rainha no meio da noite? E se ela não quisesse ir?

Na verdade, ela não iria. Voltaria ao próprio quarto onde Amon estava esperando. Mais ou menos.

Ela deu a volta ao redor da mesa e pretendia passar por Micah na direção do corredor. Ele deve ter visto algo em seu rosto, pois se moveu para bloquear o caminho dela.

— Vamos agora — disse ele. — Melhor nos apressarmos, pois estão nos esperando.

Ela balançou a cabeça.

— Na verdade, estou exausta e não estou me sentindo bem — falou. — Por favor, peça desculpas à rainha, mas acho que é melhor eu ir dormir.

Micah suspirou.

— Raisa, me desculpe, mas eu tenho que levar você. Se isso te fizer se sentir melhor, nenhum de nós tem escolha, está bem?

Raisa olhou no rosto dele e viu que ele estava sendo sincero, então passou por ele e se virou na direção dos aposentos privados. Durante todo o tempo, sua mente estava acelerada e se esforçava para dar sentido àquilo.

Nenhum de nós tem escolha.

Quem estava dando as ordens, então? A mãe dela ou Gavan Bayar?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CERIMÔNIA PROFANA

Quatro guardas ladeavam as portas dos aposentos da rainha. Mantendo a cabeça erguida, Raisa passou por eles, com Micah a seguindo. Ela ouviu vozes lá dentro, mas assim que empurrou e abriu a porta a conversa foi interrompida e algumas pessoas se viraram na direção dela.

A rainha Marianna sorria e suas bochechas estavam vermelhas com a agitação e o vinho; ela ainda usava o deslumbrante vestido verde que trajara durante o jantar. Ao lado dela, Gavan Bayar, também em seus trajes formais, e a irmã de Micah, Fiona, com o rosto pálido iluminado de... o quê? Triunfo? Satisfação?

E ali, como um peru eufórico e gordinho entre as raposas, estava o orador Horas Redfern, chefe supremo da catedral. Raisa nunca gostara muito de Redfern que, em sua opinião, passava muito pouco tempo atendendo ao rebanho e tempo demais agradando à aristocracia.

Redfern também parecia ter bebido um pouco demais. E estava freneticamente animado.

— E aqui estão eles — disse a rainha Marianna. Ela se antecipou e beijou Raisa e Micah, um de cada vez.

Raisa examinou o cômodo. Ele estava diferente da última vez que ela o vira. Havia flores por toda a parte: dois arranjos extravagantes de lírios e rosas de cada um dos lados de um altar, recipientes com flores em todas as mesas, em meio a milhares de velas bruxuleantes. A toalha do altar era bordada com rosas e falcões entrelaçados. Um desenho peculiar. Em um lado, havia um aparador com baldes de vinho e cálices. Ora, parecia quase um...

— Gostou, querida? — A rainha Marianna segurou as mãos de Raisa e fitou seu rosto como se estivesse ansiosa por sua aprovação. — Tivemos pouco tempo para arrumar isso, mas acho que você pode levar em consideração a importância de sermos discretos. Sei que pode não ser exatamente como você imaginou, mas...

A boca de Raisa estava tão seca que ela mal conseguia pronunciar qualquer palavra.

— O quê... o que *é* isso? — murmurou ela. — Não é tarde para termos uma festa?

— Majestade — disse lorde Bayar, com os olhos azuis reluzentes sob a luz da vela. — Talvez a senhora devesse explicar.

— Raisa — disse a rainha Marianna. — Você sabe que andamos conversando, bem, criando estratégias sobre o melhor arranjo para você, agora que já pode se casar.

Raisa olhou para a mãe, depois para Gavan Bayar.

— Quem andou conversando? Você e eu ou você e *eles*?

— Todos nós, claro. Lembre-se, concordamos que um rapaz do sul não é a melhor opção agora, com todo o levante em Arden e em Tamron.

— Nós nunca concordamos sobre isso — disse Raisa. — A guerra não deve tardar a terminar e então nós teremos mais opções — disse ela, pensando no príncipe Liam. — Uma aliança entre Tamron e Fells poderia ser suficiente para evitar um ataque de Arden, se calcularmos corretamente.

Marianna fitou Raisa como se outra cabeça tivesse crescido nela, com uma boca inconvenientemente tagarela.

— Não é necessariamente do nosso interesse evitar uma guerra entre Arden e Tamron, Alteza — disse lorde Bayar, em tom condescendente. — Uma guerra assim diminuiria os recursos de Arden e os distrairia da consideração de um ataque a nós.

— Se Arden vencer, será uma ameaça maior do que nunca — disse Raisa e recordou a conversa com o príncipe Gerard.

— E não há ninguém na realeza dos clãs que seja um par adequado — emendou Marianna. — Averill é seu pai e a Matriarca de Pinhos Marisa é solteira e tem um filho bastardo.

— Há primos no Campo Demonai que poderiam servir— disse Raisa e pensou em Reid. — Quando papai retornar, podemos ver o que ele diz.

— A opinião do seu pai poderia ser... interessante, mas não especialmente importante — disse a rainha Marianna e pareceu irritada pelo fato de Raisa ser tão pouco cooperativa. — Também temos que pensar sobre o papel que os feiticeiros podem desempenhar em um futuro conflito e o que talvez tivéssemos que fazer para consolidar nossos interesses ainda mais.

— O Grão Mago está amarrado por magia à rainha de Fells — disse Raisa. — Portanto, nossos interesses já coincidem. Além disso, o que a nossa relação com os

feiticeiros tem a ver com o meu casamento?

Se ela não estivesse tão cansada, teria visto a intenção da mãe se delineando. Olhando em retrospectiva, concluiria que fora extraordinariamente tola.

A rainha Marianna empertigou-se como sempre fazia quando achava que Raisa fosse bancar a teimosa.

— Raisa, temos que escolher um casamento para você pelo bem do reino e da linhagem das rainhas. Você vai se casar com Micah *sul'* Bayar.

Por um momento, Raisa teve certeza de que ouvira errado. Que, por alguma razão, a mãe estava brincando, apesar da expressão severa em seu rosto. Que era um tipo de teste sobre o conhecimento dela do pacto conhecido como Naéming.

Que aquilo não podia ser verdade.

Depois, ela olhou para Micah e viu a verdade em seu rosto. Era a isso que ele se referia quando disse: *Nenhum de nós tem escolha.*

— Mas... mas isso é impossível — murmurou Raisa. — Não posso me casar com um feiticeiro. É proibido.

— Quem proibiu? — perguntou a rainha. — Eu sou a rainha de Fells. Sou a soberana deste reino.

— A Naéming proibiu durante mil anos — disse Raisa. — Você sabe disso. Nenhum feiticeiro se casou com uma rainha de Fells depois de Hanalea. E a senhora sabe o que aconteceu na época.

— Minha querida, pense nas oportunidades perdidas, na riqueza de possibilidades — falou lorde Bayar. — A união do sangue real e da feitiçaria tornará o nosso reino o mais poderoso dos Sete Reinos. Por que as ações de um feiticeiro desertor deveriam fechar essa porta para sempre?

Nosso reino, pensou ela. Sobre o meu cadáver.

— Não sou sua querida — disse Raisa e respirou rápido e fundo. — Sou a princesa-herdeira do *reino* de Fells, e agradeço se você se lembrar disso. E não foram as ações de um louco que resultaram na Naéming. Foi o abuso de poder de uma dinastia de feiticeiros que invadiu e conquistou Fells e escravizou as governantes da linhagem.

— Essa é uma perspectiva — disse lorde Bayar, suave como uma serpente. — Outros chamam de época de ouro, quando todos os Sete Reinos pagavam tributo a Fells. Quando os campos férteis de Arden enchiam nossos silos e proporcionavam os fundos para construir esta cidade lendária.

— A cidade foi construída antes que os feiticeiros viessem para cá — disse Raisa.

— Quem a está alimentando com essas informações erradas? — indagou lorde Bayar. — Seu pai? Elena Demonai? Os dias dos clãs acabaram.

Raisa desviou os olhos de lorde Bayar e encarou a rainha.

— Mãe, você sabe que isso não está certo. Sabe que não pode me casar com um feiticeiro. Os clãs entrarão em guerra por causa disso, a senhora sabe que sim. Quer uma guerra civil aqui, como em Arden? A senhora não acha que isso nos deixará vulneráveis?

— Arcos e flechas não podem nos proteger contra as máquinas de guerra de Arden — disse Marianna. — Precisamos de feitiçaria do nosso lado.

— Nós já temos, ou deveríamos ter — disse Raisa e lançou um olhar severo para lorde Bayar. — O Grão Mago deveria estar amarrado a você e submetido à sua vontade. O que aconteceu? A ligação foi abalada, interrompida ou...?

— Micah — disse lorde Bayar sem rodeios —, por favor, acalme a sua noiva para podermos continuar com a cerimônia. Está ficando tarde, nervosismo pelo casamento ou não, e temos que cavalgar de volta a Lady Gris antes do amanhecer.

Micah foi até Raisa, com as mãos esticadas, como se estivesse se aproximando de um gato encurralado.

— Anda, Raisa — persuadiu ele, quase implorando. — Vamos acabar logo com isso.

Eu quase lamento por Micah, pensou a garota. Ela olhou ao redor do quarto em busca de uma saída. Seu olhar pousou em Redfern, que parecia lamentavelmente fora de lugar, e tudo finalmente foi assimilado.

— Espere um instante. Vocês estão planejando nos casar *hoje à noite*?

— Sim — disse Bayar, impaciente. — Vamos mandar os habitantes do sul para casa com as notícias. Isso vai interromper qualquer conversa sobre alianças.

— Mãe — disse Raisa, e seu coração batia forte debaixo da seda creme. Um vestido de noiva. Claro. — Não façam isso. Não quero me casar com ninguém agora.

— Nós, rainhas das terras altas, casamos pelo bem do reino — disse a rainha Marianna em voz baixa. — Como Hanalea fez. Como eu fiz.

— Mas isso não é bom para nós — insistiu Raisa e deu a volta no aparador, com Micah atrás dela.

— Não me diga o que é bom para nós! — A rainha Marianna se virou com um farfalhar de cetim e pegou uma taça de vinho. — Eu fico sem dormir todas as noites e me pergunto o que será de nós, com a guerra no sul e o conflito no reino, além de piratas no oceano, e espiões do sul e assassinos no final de cada corredor. — Ela estremeceu, e gotas de vinho salpicaram o chão de pedra, vermelhas como sangue. — Eu me preocupo com você, Raisa, sem ninguém para protegê-la.

— Nós *temos* proteção — protestou Raisa, indignada. O que havia de errado com sua mãe? Ela parecia em pânico, desesperada. — O capitão Byrne e a Guarda da Rainha.

— O capitão Byrne não pode estar em toda parte — disse a rainha.

— Muito bem — disse Raisa. — Por exemplo, onde ele está agora? Onde está meu pai? Quando eu me casar, ele precisa estar aqui.

Ao dizer isso, ela observou Gavan Bayar e viu alguma coisa bruxulear por seu rosto. Talvez fosse imaginação dela, mas pareceu que ele sabia algo sobre a ausência de seu pai.

Ele e o capitão Byrne foram mandados para longe pouco antes do rebatizado dela, quando ela seria nomeada formalmente herdeira do trono, quando enfim poderia se casar. A compreensão veio como uma pedra gelada lhe pesando no peito: se a rainha e lorde Bayar quisessem, ela teria que se casar antes do fim da noite.

— Orador Redfern! — chamou ela, embora tivesse pouca esperança de resgate da parte dele. — O senhor é o representante do templo, dos costumes antigos. O senhor sabe que não posso me casar com um feiticeiro. Diga a eles.

Ela caminhou na direção do orador; ele recuou e segurou a taça de vinho como um escudo.

— De maneira alguma, de maneira alguma. Isso não deveria ser um obstáculo para o seu casamento, Alteza — disse o orador. — Eu expedi um... uma licença.

Enquanto Raisa estava distraída, Micah avançou, jogando-se sobre um pequeno sofá e passando os braços em volta dela. Segurando-a com firmeza com um dos braços, ele esticou a mão até o pescoço e segurou um amuleto enquanto Raisa fazia o possível para se soltar.

Onde você conseguiu isso?, era o que ela queria perguntar. Você é jovem demais. Nunca esteve em Vau de Oden. Não pode ter um amuleto.

Ela estava errada em pensar que os feiticeiros seguiriam as regras.

Micah murmurou algumas palavras na língua do norte, inclinando a cabeça para mais perto do ouvido dela. Ela sentia o sibilo da magia através das mãos dele. Percorreu seu corpo e desceu até o braço esquerdo, deixando para trás apenas nervos que formigavam e um vago desejo de agradar.

E então ela se recordou: ela usava o anel de Elena na mão esquerda. *Isso é o que chamam de talismã*, dissera Elena. *Ele oferece proteção contra a alta magia.*

Aquela era uma oportunidade, se ela conseguisse tirar vantagem da situação. Não podia deixar que soubessem sobre o anel, ou o tirariam dela em um segundo. Raisa tinha que continuar no jogo e fazê-los pensar que ele a havia enfeitiçado.

Que feitiço Micah teria usado nela? *Acalme sua noiva*, dissera lorde Bayar.

Ela ergueu o olhar para Micah. Ele examinava seu rosto e obviamente tentava determinar se a bruxaria fizera efeito.

Ela arregalou os olhos, assumindo uma expressão vazia.

— Me perdoe — disse ela. — Sei que tenho sido ridícula. É que foi tudo muito repentino. — Ela baixou os olhos para o chão, temendo que Micah pudesse enxergar a fúria neles. — Eu sempre sonhei que poderíamos ficar juntos, mas imaginei que fosse impossível.

— Eu também — disse Micah com cautela, como se não acreditasse naquilo. Ele afrouxou um pouco o aperto nela. — Não posso dizer... como tem sido frustrante ansiar o que nunca poderia ter. — Ele se inclinou e roçou os lábios nos dela, e ela sentiu novamente a picada da magia, mas resistiu ao desejo de se encolher.

Que argumento faria sentido para sua mãe? Supondo que pudesse atingi-la, de alguma forma?

— A questão é que eu sempre sonhei com uma grande cerimônia de casamento, mamãe — disse Raisa e olhou diretamente para a rainha. — Eu queria que todos estivessem aqui: minha avó, Elena, meu pai, os clãs com suas cores, os chefes de Estado de todos os Sete Reinos. Eu teria quatro damas de honra para carregar a cauda, e eu caminharia sobre um tapete de pétalas de rosas.

— Claro, querida — disse a rainha e piscou para ela, surpresa. — É o que toda garota sonha. — Menos, até agora, a própria filha, Raisa.

— Você *teve* isso, mamãe — disse Raisa em tom de reprovação. — Você teve quinhentas pessoas no templo, e a costureira precisou de um ano para pregar as pérolas. Fogos de artifício arderam em todas as montanhas para comemorar. O

banquete durou seis dias, e eles encheram três armazéns com os presentes de casamento.

As bochechas da rainha ficaram vermelhas de constrangimento.

— Eu sei, querida. É algo que nunca esquecerei, mas...

— Mas vou me casar em um cômodo nos fundos, diante de um único sacerdote, como se fosse uma criada com uma barriga evidente. As pessoas vão falar a meu respeito, mamãe. Você sabe que vão. Vão duvidar até se eu casei mesmo.

— Eles não ousarão — disse a rainha e esticou, nervosa, as saias. — Não permitirei.

— Isso poderia afetar a sucessão — disse Raisa, muito consciente de Micah Bayar ao seu lado. — Se tivermos filhos, sua legitimidade pode ser questionada. — Ela se virou e apertou as mãos de Micah. — Eu não poderia suportar isso.

— Majestade — disse lorde Bayar. — Vamos dar prosseguimento. Ela está apenas nervosa. — Ele lançou um olhar severo ao filho, como se dissesse: *Tente algo mais forte*.

— Eu sei que devo servir ao reino, mamãe — disse Raisa. — Mas por que isso deveria custar os meus sonhos?

— Eu não fazia ideia de que você se sentia dessa maneira — falou a rainha, irritada, como sempre, pelo conflito.

Raisa aproveitou sua vantagem.

— A senhora é a rainha. Proclame que Micah e eu nos casaremos no outono. Isso nos dará tempo para planejar. — Ela passou os braços ao redor da cintura de Micah e repousou a cabeça em seu peito. — Quero que tudo seja perfeito.

— Majestade, não podemos nos arriscar a esperar — retrucou lorde Bayar. Ele caminhou até a rainha e segurou suas mãos. — Qualquer coisa poderia acontecer antes disso. Nós poderíamos ser invadidos. A princesa-herdeira poderia ser sequestrada. Os clãs poderiam se rebelar. Ela precisa de um marido habilidoso para tomar conta dela.

Raisa observou os dois pelo canto do olho. Não havia dúvida de que Bayar estava despejando magia nela como Micah fizera. Ela já sabia que o feiticeiro mantinha uma influência inadequada sobre a rainha. Apenas não sabia se a mãe tinha como resistir.

E recordou-se da conversa com Elena no jardim, há alguns meses. O aviso que a avó lhe dera.

A rainha Marianna virou-se para Raisa, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Oh, querida, não podemos nos arriscar a esperar. Eu vou consertar tudo, de alguma forma, para você. Vamos fazer uma recepção como o mundo nunca viu. Convidaremos todo mundo. Você vai ver.

Logo, Raisa estava chorando também, lágrimas de raiva e decepção, sabendo que estava realmente por conta própria.

O que Hanalea faria?

— Está tudo bem, Raisa — cochichou Micah, afagando, constrangido, as costas dela. E tudo o que ela não podia fazer era dar meia-volta e socá-lo no nariz perfeito.

— Onde... onde nós iríamos depois? — perguntou Raisa e pensou que ainda poderia haver uma saída, um meio de evitar que isso se consumasse. — Será que não poderíamos voltar para os meus aposentos e...

— Vamos hospedar vocês na Casa Aerie — disse lorde Bayar. — Temos um apartamento preparado para vocês. Vamos enviar alguém para pegar suas coisas. Desse modo, vocês dois poderão ter um pouco de privacidade. — Ele sorriu seu sorriso de tigre.

— Muito bem — disse Raisa e engoliu em seco. — Se você acha que é melhor. Mas... — Ela fungou e secou o rosto com a manga, enxugando as lágrimas de raiva. — Se meu pai não pode estar aqui, eu me sentiria muito melhor se pudesse usar o colar de rosa que ele me deu. Seria... seria como se ele estivesse aqui. Vou pegá-lo. Vai levar apenas um instante.

— Ora essa! — Lorde Bayar explodiu; a impaciência levando a melhor sobre ele. — O orador Redfern esteve aqui por duas horas, esperando. Vamos fazer isso logo e, se alguém perguntar, diremos que você o estava usando. Você tem o resto da vida para usar aquela coisa.

— Não — disse a rainha Marianna, demonstrando uma coragem tardia. — A princesa-herdeira deve usar o colar do pai, se isso ajudá-la a se animar. É o mínimo que podemos fazer. Ela sacrificou o suficiente por obrigação. — E disse isso de um modo que não admitia discussão.

Bayar se controlou com dificuldade. O feiticeiro estava definitivamente esquecendo seu lugar. Não importava qual fosse o lugar atualmente.

— Claro, Majestade. Vamos enviar um dos guardas para buscá-lo.

— Obrigada, lorde Bayar — disse Raisa. — Mas vai ser mais rápido se eu for. Não tenho ideia de onde o deixei e não quero que os soldados remexam nas minhas joias. Volto logo. — Ela tentou se libertar do aperto de Micah.

— Micah, vá com a princesa-herdeira e a traga de volta para nós em segurança — disse lorde Bayar. — Sei que você não vai deixá-la escapar. — Ele sorriu ao dizer isso, mas os olhos azuis eram brilhantes e duros como safiras.

E então eles estavam correndo apressados pelo corredor, e Micah segurava o pulso dela com firmeza. Ele inseriu mais magia nela, como se quisesse reafirmar os esforços anteriores.

Desta vez, ela decidiu demonstrar que sabia o que ele estava fazendo.

— Eu não fazia ideia de que você podia fazer magia, Micah — disse ela. — Onde aprendeu a fazer? E onde conseguiu um amuleto?

Ele se encolheu, como se ela tivesse decifrado um código secreto.

— Bem, não sei muita coisa. Minha família tem um pouco de... herança mágica.

— Não admira a mamãe querer nos casar — disse Raisa. — Isso lhe dá uma vantagem em relação às outras casas de feiticeiros, certo? Porque você não tem que pedir amuletos dos clãs?

Micah acenou com a cabeça.

— Atualmente, os únicos amuletos que você pode obter são temporários. Eles perdem sua eficácia com o passar do tempo. Então você tem que continuar voltando ao clã para restaurá-los ou obter amuletos novos. Os clãs usam isso para controlar quem os recebe.

— E os seus não se esgotam? — perguntou Raisa.

— Eu não disse isso — murmurou Micah e olhou ao redor como se eles pudessem ser ouvidos. Infelizmente, os corredores estavam desertos. Era tarde demais mesmo para os notívagos e cedo demais para quem madrugava.

— Você realmente quer se casar comigo, Micah? — Ela estava verdadeiramente curiosa. Ele lhe dissera que eles não tinham escolha. Talvez, se visse um meio de escapar...

Ele parecia estar escolhendo as palavras com cuidado.

— Quem não gostaria de casar com a princesa-herdeira de Fells? — perguntou ele.

— Isso é tudo que eu sou para você? Um título?

Ele pensou por um momento e, quando falou, ela acreditou que ele falava a verdade.

— Você sempre me fascinou, Raisa. Eu sempre podia ter qualquer garota, menos você. E você nunca me deixava sair ganhando. Você sempre diz o que pensa. — Ele

quase sorriu. — Eu preferia beijá-la a me deitar com qualquer outra garota na corte.

Elogio estranho, pensou ela.

— Acho que poderíamos nos dar bem juntos — prosseguiu ele — assim que resolvermos isso.

Nós poderíamos nos dar bem juntos. Não era exatamente uma declaração de amor. Nem uma promessa de desistir de seus modos imorais.

A ironia era que ela poderia ter pensado seriamente no pedido, pelo menos, se não a estivessem forçando a isso.

Eles subiram os degraus largos, assustaram um gato adormecido no último degrau e viraram à direita, passando pelo quarto de Mellony, adormecida, até a suíte de Raisa.

O guarda robusto que Raisa encontrara mais cedo recostara-se na parede próxima à porta. Quando ele os viu se aproximando, retesou-se, apoiou a mão no cabo da espada e olhou, confuso, de Micah para Raisa.

— Você, espere aqui — disse Raisa para Micah. — Vou demorar apenas alguns minutos. — Ela empurrou a porta para abrir.

Após um instante de hesitação, Micah fez como se fosse segui-la para dentro do quarto, mas o guarda colocou-se diante dele.

— Você ouviu o que Sua Alteza disse — falou o soldado. — Espere aqui. — E felizmente ele empurrou a porta para que fechasse.

Micah deve ter esticado a mão para o amuleto, pois Raisa ouviu uma espada deslizar para fora da bainha.

— Solte essa coisa. — Foi o que ouviu o guarda dizer.

Ela podia ouvi-los discutindo e suas vozes aumentaram de tom. Imaginou que tinha pouco tempo. Micah não ficaria muito preocupado. Até onde ele sabia, havia apenas um caminho para entrar e sair do quarto dela. Ela não poderia pular da janela, que estava bem acima do rio. Além disso, ela não dissera nada que o fizesse pensar que ela preferiria pular para a morte que se casar com ele. Até agora.

— Alteza? — Magret piscou para ela, sonolenta, da cadeira perto do fogo. A babá adormecera enquanto esperava por Raisa. — Que horas são? Sei que é seu rebatizado, mas...

— Magret, você me ama? — perguntou Raisa sem fôlego.

— Que pergunta é essa, milady? — Magret cuspiu as palavras. — Claro que eu...

— Então, embale algumas roupas de montaria — pediu Raisa. — No estilo das roupas do clã, em alforjes, para alguns dias. Nada muito elegante. Rápido! — Conforme falava, ela retirava a seda creme que deveria ter sido seu vestido de noiva. E que não seria, se ela pudesse evitar.

Amontoando-o, jogou-o no canto, depois tirou as sapatilhas e as meias, e enfiou a calça que estava estendida sobre uma cadeira lateral.

— O que está acontecendo? — perguntou Magret, que, totalmente desperta agora, abria com força as gavetas e enfiava as roupas em dois alforjes. Ela fez uma pausa e se esticou, parando no meio do caminho. — Você não está fugindo com algum namorado, está?

— Ao contrário. Os Bayar querem me forçar a casar com Micah Bayar — explicou ela e omitiu o fato de que a rainha estava envolvida no esquema.

— Isso é loucura — retrucou Magret e continuou com os preparativos frenéticos. — Você não pode se casar com um feiticeiro. Eles sabem disso.

— Eles podem saber disso, mas estão fazendo mesmo assim. Eles têm um orador e tudo o mais e, depois disso, querem me levar para a Casa Aerie.

— O quê? — a voz de Magret se elevou e Raisa fez um gesto desesperado para que se calasse.

— Micah está do outro lado da porta. Ele está esperando por mim.

Magret olhou com expressão severa para a porta. A discussão ainda acontecia no corredor.

— Não gosto de feiticeiros nem nunca gostei. — Magret tinha o sangue dos clãs e, com isso, uma suspeita inata em relação a feiticeiros. — Você não pretende mesmo ir com ele, pretende?

— Não. Não pretendo. Estou indo embora. Preciso que você o mantenha lá fora pelo maior tempo possível para que eu tenha uma vantagem.

— Alteza, não gosto da ideia de vê-la descendo pela sacada. Não gosto nem um pouco. Você vai quebrar o pescoço.

— Há outro caminho. Pelo closet. Você vai ver. — Raisa entrou no closet, pegou as botas, sentou-se no chão e as calçou.

— Por aqui? — Magret examinou o closet. — Um túnel, então? — Raisa acenou com a cabeça e Magret falou: — Eu sempre tinha ouvido falar que havia um túnel em algum lugar nesta parte do castelo.

— Ele vai dar no jardim de cristal — explicou Raisa.

Os olhos de Magret brilharam de orgulho.

— Você é exatamente como ela — suspirou.

— Como quem era?

— Como a própria rainha Hanalea. — Timidamente, Magret puxou a manga e expôs o interior do braço. Nele, via-se uma tatuagem de um lobo uivando contra a lua que nascia.

— Você é uma *Virgem*? — Raisa falou mais alto do que pretendia e Magret foi quem pediu silêncio para ela. O lobo uivando era o emblema das Virgens de Hanalea, uma misteriosa organização feminina dedicada à memória da rainha guerreira.

— Eu sou — disse Magret. — Eles queriam forçá-la a se casar com um feiticeiro e ela não podia tolerar isso. Disse que era melhor ser uma virgem que se casar com um demônio.

Bem, Raisa pensou. Há mais em Magret do que os olhos veem.

— Aonde você vai, Alteza? A rainha deve ser informada — disse Magret.

— Ela será, não se preocupe — disse Raisa e hesitou por um instante. — Temo que lorde Bayar tenha enfeitiçado minha mãe. Ela concordou com o casamento.

— Pelo sangue e pelos ossos das rainhas — jurou Magret. — Aquele patife. Eu não gostei dessa história, não, não gostei. Sempre disse que seu pai deveria ficar mais tempo em casa.

Lágrimas vieram aos olhos de Raisa. Ela se emocionou com o fato de a babá acreditar nela, pelo fato de estar do seu lado. Ela começara a acreditar que estava ficando louca.

— Você vai precisar de dinheiro? — perguntou Magret. — Eu tenho um pouco guardado, sabe?

Raisa beijou a bochecha da formidável babá.

— Vou ficar bem. — Ela ergueu o colchão e retirou uma pequena algibeira de veludo de debaixo dele. — Minha poupança para emergências — disse ela. Era o dinheiro que ela ganhara trabalhando nos mercados durante o verão. As princesas não deveriam ganhar dinheiro. Ela o escondera para evitar discussões. Enfiou a adaga no cinto e jogou as algibeiras por cima dos ombros.

Alguém bateu à porta.

— Rápido, Rai... Alteza — gritou Micah. — Todos estão esperando.

— Fique quieto, jovem Bayar — gritou Magret em resposta. — Não grite nos corredores como um marinheiro bêbado! A princesa estará pronta quando estiver pronta.

Não vai demorar para que todos acordem, pensou Raisa.

— Obrigada, Magret. Estou indo embora. Se Micah bater de novo, diga que ainda estamos procurando pelo meu colar. Quando ele forçar a entrada, diga que fugi pela varanda.

Magret arrancou as cortinas ao redor da cama de Raisa e começou a rasgá-las em tiras.

— Vou fazer uma escada de cordas e desviá-lo do seu rastro — falou ela em tom sério.

Raisa pegou uma tocha do candelabro na parede e abriu caminho dentro do armário; deslizou entre sedas, cetins e veludos. Ela empurrou o painel para o lado, entrou no corredor de pedra úmido e voltou a deslizar o painel para que fechasse atrás de si. Rezou para que Amon estivesse aguardando por ela no jardim. Com a sorte que tinha, ele já haveria desistido e voltado para casa.

Ela correu o mais rápido que podia e bateu os cotovelos nas paredes de pedra ao fazer a curva, alerta para sons de perseguição atrás de si. Por quanto tempo Magret conseguiria detê-lo? Será que ele acreditaria no ardil da varanda? Ela estremeceu ao pensar em ser perseguida pelo corredor estreito e sinuoso.

A subida pela escada estreita até o jardim de cristal foi assustadora, como sempre era, com o fardo adicional dos alforjes batendo contra as laterais de seu corpo. Finalmente, ela alcançou o topo e empurrou a tampa de pedra.

Para seu alívio, alguém pegou a tampa pelo lado de fora e a ergueu. Depois, o rosto de Amon apareceu na abertura, tenso e sombrio.

— Onde você esteve? — perguntou ele. — Eu estava começando a achar que você havia ido para a cama sem me dizer.

Mas você ficou, Raisa pensou, com uma onda de gratidão. Graças ao Criador por Amon Byrne.

Amon segurou as mãos dela, puxou-a através da abertura e a colocou perto dele no chão do jardim de cristal.

— Fiquei louco de preocupação aqui. Tinha a sensação de que... — Ele engoliu em seco. — Bem, de qualquer forma, o que está acontecendo?

Raisa abriu a boca e as palavras jorraram em ordem aparentemente aleatória.

— Lorde Bayar enfeitiçou a rainha. Não sei como. É como se a amarração não estivesse funcionando. Eles têm um monte de peças mágicas que antecedem à Cisão.

— Um feitiço? — disse Amon. — O que ele...?

— Ele quer me casar com Micah e nomeá-lo rei — disse Raisa. — Eles têm um sacerdote e tudo o mais. Minha mãe está cooperando com eles. Eu já estaria casada, mas insisti em voltar primeiro ao meu quarto. Não vai demorar muito para que saibam que fugi. — Ela apertou a mão dele como se pudesse arrastá-lo dali. — Temos que ir embora. Agora.

— Mas...

— Eu sei. Não posso me casar com um feiticeiro. Mas os Bayar não gostam das regras antigas. Parece que são limitadas demais. Vou ter que deixar a cidade até conseguirmos resolver isso.

Não apenas a cidade, pensou Raisa. O reino. Ela não poderia se refugiar com os clãs. Isso daria início a uma guerra entre os pais e tornaria Fells vulnerável à invasão do sul.

Amon pegou os alforjes e os jogou por cima dos próprios ombros.

— Vamos. Temos que passar pela ponte levadiça antes que eles soem o alarme geral.

Eles desceram as escadas com um estrépito incrivelmente alto no silêncio do início da manhã e encontraram ocasionais serventes com olhos sonolentos no andar de cima. Em cada uma das vezes, Raisa virou o rosto e torceu para passar despercebida. Daria origem a muito falatório, a qualquer hora, o fato de a princesa-herdeira esgueirar-se pelos corredores secundários com um soldado, na manhã seguinte à festa do rebatizado. Eles seriam lembrados e não tardaria para os Bayar saberem que ela não fugira pela varanda e que fora vista com Amon Byrne. Ela não desejava que Amon tivesse os Bayar como inimigos, mas estava feliz por tê-lo a seu lado.

Mas ela não tinha que se preocupar. Assim como da outra vez, ninguém reconheceu a princesa-herdeira usando calça e túnica.

No primeiro andar, os corredores eram mais amplos e havia mais movimento. Eles se forçaram a caminhar devagar para parecerem menos óbvios, embora cada nervo de Raisa estivesse a ponto de explodir. Eles passaram pelo Grande Salão, onde os suplicantes já estavam reunidos na esperança de um encontro com a rainha.

Atravessaram o imenso arco que conduzia até a ponte levadiça e passaram debaixo da porta corrediça. Raisa abriu uma pequena distância de Amon para que não parecesse que eles estavam juntos. Ela poderia ser uma das mulheres do clã voltando depois de fazer uma entrega no castelo. Amon poderia ser um soldado a caminho de seu posto.

Eles cruzavam a metade do rio quando ela ouviu um clamor de sinos e oficiais de serviço chamando uns aos outros. Com um rugido metálico grave, a porta levadiça desceu até bater na terra.

Eles sabem que fugi, pensou Raisa.

Os guardas parados no outro extremo da ponte ergueram os olhos, curiosos.

— Cabo Byrne! — Um deles chamou Amon. — O que está acontecendo?

— Talvez algum pobre arrendatário tenha roubado um pedaço de pão da festa da princesa — disse Amon e revirou os olhos.

O soldado deu uma risada.

— Sem dúvida, eles parecem agitados por causa de alguma coisa — disse ele e lançou um olhar ao castelo.

— Certamente estão se exibindo para a realeza do sul — disse Amon, sem parar de andar. — Estou indo embora para não ter que lavar as louças.

Depois de saírem da ponte, Amon puxou Raisa para o lado, na direção das barracas e dos estábulos da Guarda que ficavam no outro extremo.

— Vamos até os estábulos — disse ele. — Queremos cavalos.

E cruzavam o terreno quando Raisa ouviu um estrondo de cascos no calçamento de pedra e alguém que cavalgava edifício adentro excessivamente rápido. Amon empurrou Raisa para trás de si e desembainhou a espada.

Dois cavaleiros entraram e puxaram as montarias até parar bem em frente às portas do estábulo.

— Raisa? — Um dos cavaleiros desceu para o chão. Estava suado e sujo de sangue, um braço estava enrolado em linho e o rosto com a barba por fazer. Ele puxou Raisa para seus braços. — Raisa, graças ao Criador.

Era seu pai.

A alegria misturou-se à surpresa e à preocupação e encheu seu coração de tal forma que ela pensou que ele poderia explodir.

— Pai! Você está ferido! O que aconteceu? Onde você esteve?

— Não foi pior graças ao capitão Byrne — disse Averill e acenou com a cabeça para o outro cavaleiro. — Fomos emboscados a oeste dos Penhascos de Giz. Dez homens armados. Eles fizeram o possível para nos matar, mas o capitão Byrne parece ter um terceiro olho. Ele avistou a emboscada antes que os homens se aproximassem de nós.

Byrne entregou o cavalo para o menino do estábulo. O capitão também estava ferido. Sangue pisado escorrera pelo rosto de uma ferida acima do olho, e ele se apoiava na perna direita.

— Eles estavam mascarados, mas tinham montarias militares, Alteza — disse Byrne em tom severo. — As mesmas que usamos na Guarda. Acho que eles foram treinados na Guarda.

— Então a Guarda tem espiões — disse Raisa abruptamente.

O capitão Byrne hesitou, depois acenou com a cabeça.

— Sim.

— Lamento, Raisa — disse o pai dela. — Eu queria ter estado lá para a sua cerimônia. Parece que alguém tinha outros planos.

— Gavan Bayar — disse Raisa com convicção. — Deve ter sido ele.

Byrne e Averill olharam para ela com olhos cheios de perguntas, mas, antes que pudessem falar, o retinido de correntes voltou a atrair a atenção de Raisa para o castelo.

— Malditos ossos! — disse ela. — Eles estão erguendo a ponte levadiça. Temos que ir antes que terminem de revirar o castelo e descubram que eu fugi.

— O que está acontecendo? — quis saber o capitão Byrne. — O que foi que aconteceu?

Em poucas palavras, Amon explicou a situação.

Byrne gritou para o menino do estábulo, que entrou no local, segurando os arreios e piscou para espantar o sono e a confusão.

— Prepare quatro novas montarias — disse Byrne. — Duas com selas, duas com guias. Embale colchões e mantimentos. E não é para a semana que vem! É para agora! — berrou ele quando o menino não se moveu imediatamente. O garoto correu.

— Você vai para Pinhos Marisa? — perguntou Averill. — É o local mais próximo.

Raisa deu de ombros.

— Nós poderíamos chegar lá hoje à noite. Mas não podemos ficar muito tempo. Ainda faz parte do reino. Se a rainha exigir o meu retorno, o clã se recusará, mas ela não vai tolerar. Não pode. Vou ter que deixar Fells até as coisas se acalmarem.

— Não gosto disso — resmungou o capitão Byrne. — Não há lugar seguro. Arden é um caos, Bruinswallow e Angra de We'en provavelmente serão atraídas para a guerra, mesmo se você conseguir chegar lá. E Tamron não é um lugar adequado para a princesa, mesmo que não estivesse a três dias de marcha de Arden. Há piratas no Oceano Indio, que poderiam pedir um resgate por você, se você fosse naquela direção e...

— Senhor? E quanto a Vau de Oden? — interrompeu Amon. — Ninguém ousaria incomodá-la ali. Sobretudo, se ninguém souber quem ela é.

Os dois homens fitaram Amon por um momento.

— O que o garoto diz faz sentido — disse finalmente Averill, com um aceno de cabeça.

— Como ela chegaria lá? — disse o capitão Byrne e soava menos entusiasmado. — Eles estarão esperando para interceptá-la na Passagem de Pinhos Marisa.

Amon concordou com a cabeça.

— É o que eles esperariam porque é o mais perto. Ela poderia ir para oeste até Demonai e pegar mantimentos, roupas e cavalos descansados. — Ele olhou para Averill, que fez um gesto de concordância. — Então cruzaria o Portão Ocidental e desceria pelos Pântanos Gélidos até Tamron, e a leste até Vau de Oden.

— Os *Pântanos*? — O capitão Byrne franziu o cenho. — Seria uma viagem difícil. Eles são praticamente intransponíveis nessa época do ano. E andei ouvindo rumores de problemas com os Andarilhos das Águas.

— Há um caminho — disse Amon. — A estrada não está ruim agora, se você souber aonde está indo.

Averill acenou a cabeça.

— É melhor que Raisa fique fora de Arden. Há muito sangue derramado por lá no momento. Muitas oportunidades para que seja capturada ou morta. Pelo menos, os Andarilhos das Águas respeitam a linhagem de Hanalea. Em Arden, eles se referem às nossas rainhas como feiticeiras.

Quem são os Andarilhos das Águas?, pensou Raisa e olhou de Averill para Byrne. Eu *sou* a linhagem de Hanalea, e ainda sou a última a saber das coisas.

— Lorde Demonai, com todo o respeito, não posso enviar a princesa-herdeira para Pântanos desprotegida — disse o capitão Byrne. — A rainha teria toda razão em pedir a minha cabeça.

Amon limpou a garganta.

— Pai. Senhor. Nós poderíamos escoltar Raisa até Vau de Oden — disse Amon. — Os Lobos Gris, quero dizer. De qualquer forma, está quase na hora de voltarmos para a Academia Wien. Espera-se que todos os cadetes do quarto ano viajem juntos; isso não chamaria atenção. Eu conheço Pântanos; você conhece a família de lorde Cadris, e já fiquei com eles. A princesa poderia viajar com minha formação como um cadete do primeiro ano.

— Vocês são apenas do quarto ano — disse Byrne e balançou a cabeça. — Pouco mais que garotos. É perigoso demais para todos os envolvidos.

Averill pôs uma das mãos no braço do capitão Byrne.

— Edon, acho que talvez a ideia do garoto seja boa. Por duas razões: primeira, a melhor proteção para a minha filha é passar despercebida. Lembre-se de que já viajei pelo sul como comerciante. Nós poderíamos enviar os guardas com ela, mas eles ainda poderiam ser superados por uma exército maior. Há exércitos de mercenários, com centenas de homens, perambulando pelo interior.

"Em segundo lugar, a rainha não pode saber que estamos metidos nisso, sobretudo você. Se você enviar algum dos guardas da rainha com a princesa, Marianna saberá que você estava envolvido. Aos olhos dela, isso é traição. Você não pode oferecer muita proteção para Marianna se estiver na prisão. E, mais do que nunca, ela precisa de sua proteção."

Byrne virou-se para Raisa como se ela pudesse ser uma aliada.

— O que acontece com as perspectivas de casamento se for descoberta ao viajar com uma formação de soldados, Alteza? — perguntou ele rispidamente.

— Se eu ficar aqui, terminarei casada com um feiticeiro — disse Raisa igualmente ríspida. — Nesse caso, o que acontece com as minhas perspectivas?

O capitão Byrne virou-se para Averill, parecendo preferir discutir com ele que com ela.

— Onde ela ficaria em Vau de Oden? Não pode morar nas barracas. Ela precisa de um lugar seguro para se abrigar até nós podermos resolver isso.

— Por que eu não poderia ficar nas barracas? — interveio Raisa. — Por que eu não poderia me abrigar por lá como um cadete novo?

O capitão Byrne fez uma expressão de dor.

— Alteza, isso é impossível! A princesa-herdeira vivendo com um bando de soldados?

— Hanalea era uma rainha guerreira — disse Raisa. — Ela matou o Rei Demônio, liderou um exército contra o usurpador e não era muito mais velha que eu.

— Isso foi há muito tempo — disse Byrne. — As rainhas de agora são menos... guerreiras — disse ele. E olhou para Amon. — Você realmente acredita que nove cadetes poderiam manter um segredo como esse durante todo o caminho até Vau de Oden?

— Eles não podem revelar o que não sabem — disse Amon. — Vamos fingir que ela é a filha de algum nobre de Penhascos de Giz. Eles já a conhecem como Rebecca Morley. Vamos dizer que o pai dela perguntou se ela poderia viajar conosco para estudar nos Salões dos Curandeiros, em Vau de Oden. Ela viajará disfarçada de cadete para a própria proteção.

— Há um templo em Vau de Oden — disse Averill. — A princesa poderia se abrigar ali como uma nova iniciada. Sabe, há males que vêm para o bem. Vau de Oden é um cruzamento de ideias. Ela poderia aprender muito se morasse lá.

— Ela vai estar vulnerável a sequestradores, caçadores de fortuna e filhos caçulas — retrucou Byrne.

— Não se eles não souberem quem ela é — disse Averill. — Além disso, a Paz de Vau de Oden vai protegê-la. Mesmo com as guerras acontecendo em toda parte, ela tem sido mantida há mais de mil anos.

— Ela não pode ficar longe por muito tempo — disse Byrne. — Sempre há o risco de que Bayar convença Marianna a nomear Mellony sua herdeira.

— Podemos discutir tudo isso depois — disse Raisa e voltou a olhar na direção do castelo, ainda fechado como um corpete das terras baixas. — Assim que revistarem o castelo, vão cruzar a ponte. Capitão Byrne, por favor, diga aos outros cadetes para encontrarem o cabo no Campo Demonai. O cabo Byrne e eu cavalgaremos na frente.

Byrne fitou-a por um momento, depois inclinou a cabeça.

— Entendido, Alteza — falou, e o esboço de um sorriso sobrepôs-se às linhas de preocupação. — Cabo Byrne, um momento, por favor.

Byrne puxou o filho para o lado e os dois tiveram uma conversa rápida e intensa que terminou em um abraço.

Enquanto eles conversavam, o menino do estábulo trouxe os cavalos para fora. Byrne o dispensou para que voltasse a dormir.

Raisa escolheu o menor, uma égua, e desamarrou os arreios. Ela se virou para Amon.

— Você poder me ajudar a subir?

Amon a ergueu até a sela e ajustou os estribos para sua pequena estatura.

Byrne segurou a mão de Amon em um aperto duplo de soldado.

— Mantenha-a em segurança — disse ele e olhou nos olhos do filho. — E a traga de volta para nós.

Amon assentiu, depois subiu na montaria.

— Viaje em segurança, filha — disse Averill, e lágrimas se acumularam em seus olhos depois desceram livremente por seu rosto.

Os dois homens se afastaram. Raisa afundou os calcanhares nas laterais do corpo da égua e eles saíram trotando do terreno do estábulo, na direção do Caminho das Rainhas, conduzindo os outros dois cavalos de reserva. Quando passaram pelos portões da cidade, Raisa virou-se e olhou para o Castelo de Fellsmarch, que reluzia sob o sol matinal. Ela voltava a deixá-lo para trás, antes do que imaginara ser possível.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O FIM DOS DIAS

Quando Han voltou para o estábulo, após a ida às feiras, a febre de Mari estava alta de novo. Parecia queimar sua carne — o rosto dela tornara-se perceptivelmente mais macilento e fino desde que ele estivera em casa e sua pele adquirira um tom amarelado e doentio. Ele já vira isso antes, e nunca era um bom sinal.

Por isso, ele foi atrás do curandeiro em Beco da Tripa e fez o homem vir, com a promessa de pagar o dobro do preço em um dia ou dois. Ele veio, suando e com um olhar furtivo, sem dúvida consciente da reputação sanguinária de Alister Algema e preocupado com o preço do erro. O curandeiro deu a Mari quatro infusões com cheiro ruim e acendeu um incenso desconhecido que liberou fumaça amarelada e fedorenta no cômodo. Depois de uma hora em sua presença, Han concluiu que ele era um charlatão, mas sua mãe insistiu que Mari parecia melhor, e respirava com mais facilidade.

Na manhã seguinte, Han deixou a cidade, em desespero, e caminhou todo o percurso até a Trilha de Pinhos Marisa, com a intenção de trazer Willo de volta com ele para tratar de Mari. Quando chegou ao acampamento, ele descobriu que ela se fora para a montanha de Althea para fazer o parto de uma criança. Sabiá estava fora com os Demonai e Dançarino se fora com Willo, portanto, de modo geral, foi uma viagem perdida. Han dormiu algumas horas na Cabana da Matriarca, depois retornou para Fellsmarch e deixou um recado para que Willo viesse assim que fosse possível.

De volta à cidade, ele foi direto para a Feira de Ponte Austral até a loja de Taz. Embora já fosse tarde, Han sabia que o vendedor dormia nos fundos, para não deixar o valioso inventário desprotegido. Han precisava de dinheiro rápido e não demoraria para que a Guarda estivesse sobre ele de novo, então ele teria que deixar a cidade de vez.

Quando Han espiou através das vitrines da loja, viu o vendedor de pé atrás da escrivaninha, guardando os papéis apressadamente em uma bolsa de couro. Quase

como se estivesse arrumando as coisas para ir embora.

Taz deixou cair a xícara de chá quando a campainha acima da porta anunciou a entrada de Han na loja. Quando o vendedor ergueu os olhos e viu o garoto, abriu um sorriso nervoso.

— Algema! Aí está você! — O grande homem enxugou os papéis sobre a escrivaninha freneticamente com um pano. — Onde você esteve? Encontrei um comprador para o entalhe que você me mostrou. Ele está muito ansioso para vê-lo. — Taz sempre os chamava de "entalhes" ou "obras de arte". Ele nunca admitia o fato de que eram peças mágicas e ilegais.

— Verdade? — disse Han. Era imaginação sua ou o vendedor parecia incomumente nervoso? — Ele aceitou o preço mínimo, então?

— Sim. Sim. Ele está disposto a pagar, embora queira ver o objeto pessoalmente. Você está com ele aí? — Taz apertou os olhos para Han como se pudesse ver o amuleto brilhando através de suas roupas.

Han balançou a cabeça.

— Não, mas eu posso pegá-lo. — E se virou na direção da porta.

— Não, não — disse Taz com pressa. — Para falar a verdade, o comprador está vindo para cá agora. Que sorte, não é? Você estar aqui e ele vir? — E passou a língua pelos lábios.

Han estava confuso.

— Mas não adianta de nada se eu não tiver o amuleto — falou.

— Meu cliente está muito ansioso para conhecê-lo — disse Taz. — Ele quer fazer algumas perguntas sobre a peça. Vou recolher minha comissão e você vai com ele buscar a peça.

— Eu preferia fazer negócios aqui. — Han sabia bem os riscos de vender objetos roubados em becos. — Eu posso ir até em casa e voltar rapidinho.

— Então, estava na sua casa o tempo todo?

Alguma coisa na voz de Taz disparou o alarme na cabeça de Han. Ele não vivera por tanto tempo ignorando os próprios instintos.

— O que você quer dizer? — quis saber Han. — Por que está perguntando?

— Nada, nada — disse o vendedor e enxugou o suor da sobrancelha com o trapo que usara para limpar a escrivaninha. — Eu apenas fiquei me perguntando onde você tinha escondido. Só isso.

Antes que Taz pudesse se mover ou dizer outra palavra, Han o encostara contra a parede com uma faca na garganta.

— O que foi que você disse ao comprador, Taz? — perguntou Han em voz baixa.

— N-nada. Eu... apenas descrevi a peça, e ele disse que se parecia com algo que ele queria comprar. É isso. Juro pelo sangue e pelos ossos de nossas rainhas sagradas.

— Você lhe disse onde eu morava? — quis saber Han.

— Nunca disse, juro — gaguejou. — Ele descobriu de algum outro modo.

— Quem é o comprador? — murmurou Han e o medo formigava por todo seu corpo. — Quem é?

— Um homem rico. Um feiticeiro. — guinchou Taz. — Você não saberia quem é.

— Quem? — Han apertou a ponta da faca na pele de Taz.

Foi nesse momento que a campainha acima da porta voltou a soar. Assustado, Han virou a cabeça assim que a porta se abriu.

Um homem estava parado à entrada. As roupas caras e a carruagem vistosa indicavam que era um homem rico. A estola comprida e o amuleto que pendia de uma corrente ao redor do pescoço indicavam que era um feiticeiro. Os cabelos cheios e prateados eram raiados com a cor dos feiticeiros.

Taz viu sua chance e a aproveitou. O vendedor se jogou para o lado e escapou da faca de Han, engatinhando até a porta dos fundos. O feiticeiro à entrada esticou a mão preguiçosamente, tocou o amuleto no pescoço e disse uma palavra.

As chamas explodiram das pontas de seus dedos e engoliram Taz Mackney. O corpo do vendedor crispou-se e estremeceu por um momento, depois ficou imóvel, fumegando. O fedor de carne queimada atingiu o nariz de Han e ele fez um esforço para controlar a ânsia de vômito.

— Você deve ser o Algema — disse o feiticeiro e cuspiu o nome como se tivesse um gosto ruim. — Estou à sua procura há algum tempo. Você é incrivelmente evasivo.

Han engoliu em seco e tentou evitar olhar para Taz.

— Eu nem conheço você. — Nem quero conhecer, pensou. Embora houvesse algo familiar no rosto fino do feiticeiro e nos falcões na estola.

— Verdade — disse o feiticeiro. — Nós não nos conhecemos. Mas você tem uma coisa que eu quero. Uma coisa que foi roubada de mim.

— O senhor está me confundindo com outra pessoa — disse Han. — Não tenho nada seu.

— De início, houve confusão. Me disseram que um garoto chamado Connor Navalha roubou o amuleto. Imagine a minha ansiedade quando, após considerável esforço de persuasão da minha parte, e dor da dele, descobri que, na verdade, Navalha não sabia de nada. Que eu tinha sido enganado.

O coração de Han quase parou.

— Você enviou os demônios — murmurou ele. — Os que mataram os Austrinos.

O feiticeiro examinou as próprias mãos, que brilhavam de poder.

— Na verdade, eram feiticeiros assassinos, com capas e outros truques. A histeria pode ser uma ferramenta útil para forçar uma comunidade a obedecer.

Por que este feiticeiro estava atrás de Connor Navalha? O que ele poderia ter feito para chamar a atenção daquele monstro?

E então a lembrança veio à tona, como uma bolha de gás em uma poça de lama — o dia em Hanalea, o encontro com Micah Bayar, quando ele havia tirado o amuleto do mago. Bayar perguntara quem era ele, e Han lhe dissera:

— Me chamam de Navalha. O dono da rua de Ponte Austral.

Fora uma mentira inconsequente. Embora algumas pessoas pudessem considerar aquilo como uma revanche pelos anos de amarga competição por alguns quarteirões sujos.

Ele não queria que acabasse daquele jeito, queria?

Horrorizado, Han se recordou do último encontro com Connor Navalha, no qual o dono da rua ficara de joelhos e oferecera lealdade, implorando: *Manda eles embora!*

Han se afastara dele. E o corpo torturado, surrado e ensanguentado de Navalha fora encontrado dois dias depois. Han soube que era sua culpa, afinal — os Austrinos foram mortos por causa de sua mentira.

O rapaz avaliou a distância até a porta dos fundos. Não havia meio de sair dali sem ser frito como Taz.

— E, por falar nisso, quem é o senhor? — perguntou ele, lutando contra uma suspeita crescente.

— Eu sou Gavan Bayar — falou o estranho. — Lorde Bayar, para você.

Ossos, pensou Han, e lutou para não demonstrar nenhuma reação. Não apenas um feiticeiro, mas o Grão Mago, o mais poderoso de Fells. O pai de Micah Bayar.

— Bem — falou Han e engoliu em seco —, então. Eu seria um tolo de roubar alguma coisa do senhor.

O feiticeiro assentiu.

— Exatamente. E por isso tenho estado curioso a seu respeito, pensando que poderia haver mais em você do que se pode ver. — Bayar passou os olhos por Han, obviamente pouco impressionado. — O falecido sr. Mackney me diz que você é — como foi que ele disse? — *dono da rua* da gangue dos Trapilhos. Você não é um feiticeiro; ainda assim, aparentemente é capaz de lidar com um amuleto extremamente poderoso sem sofrer danos. — Ele suspirou. — É uma pena que meu filho tenha escolhido brincar com esta peça em particular.

Ele vai me matar, pensou Han. Caso contrário, não estaria me contando tudo isso.

— Olhe — disse Han. — Sou apenas um rato de rua. Não sei nada sobre magia. Joguei a coisa em um beco pouco depois de mostrá-la a Taz. Ela continuava brilhando e eu tinha medo de que explodisse e me fizesse em pedacinhos. — Han deu dois passos na direção da porta. — Posso mostrar mais ou menos onde foi, se o senhor quiser. — Assim que estivesse na rua, ele teria uma chance de fugir.

Bayar ergueu uma das mãos para pôr um fim na sequência de mentiras.

— Eu já enviei a Guarda atrás do amuleto. Nesse meio-tempo, vou levar você de volta para as masmorras de Casa Aerie. Vou querer saber sobre sua ligação com os clãs, e quanto eles sabem sobre o amuleto. Em breve, isso não vai importar, mas neste momento preferiria que soubessem o menos possível sobre os itens mágicos que temos à nossa disposição. Assim que estiver satisfeito por ter espremido totalmente você, vou matá-lo. — O feiticeiro disse isso sem rodeios. — Você me causou problemas consideráveis. Pretendo fazer tudo com calma.

Mas Han tinha se prendido a algo que Bayar dissera antes.

— O que o senhor quer dizer com "enviei a Guarda atrás do amuleto"? Para onde o senhor a enviou?

— Ora, para a sua casa. Acredito que você more em cima de um estábulo, não é? — A voz de Bayar estava cheia de desprezo.

O estômago de Han se contorceu.

— Não está lá — disse ele. — Mande-os embora. Eu o escondi em outro lugar. Posso mostrar ao senhor.

— Se você escondeu, tenho certeza de que me contará — disse Bayar. — Minha carruagem está lá fora. Seria muito mais civilizado se você viesse em silêncio, mas, se for necessário, usarei a força. — Bayar sorriu, seu rosto era tão frio e duro quanto o mármore, e Han compreendeu a mensagem: ele era um joão-ninguém, um nada, e fora tolo de se levantar contra alguém como Bayar para roubar um amuleto de seu filho. Agora ele pagaria por isso com a família e a vida. Cochichariam sobre ele por toda Ponte Austral e Feira dos Trapilhos, um exemplo para qualquer um que pensasse em cruzar com os Bayar no futuro.

Ele é como qualquer outra pessoa rica e poderosa, pensou Han. Faz o que quer, cria as próprias regras, infringe a lei sempre que deseja e nunca passa um dia na cadeia. Connor Navalha morreu por causa dele, bem como os oito Austrinos, e certamente inúmeros outros. Connor Navalha tinha sido inimigo de Han, mas isso não importava agora. Ele deveria valer mais do que isso.

E agora o perigo se dirigia para a mãe dele e Mari. Ele tinha que fugir.

A faca ainda estava em sua mão. Ele se arrastou para a frente, de cabeça baixa, a imagem da rendição. Quando passou por Bayar, deu meia-volta e enfiou a lâmina na lateral do corpo do feiticeiro, pouco abaixo da costela, rasgando para cima e para a frente, e o metal arranhou o osso.

O sangue quente jorrou sobre os nós de seus dedos. Bayar gritou, girou e arrancou a faca da mão de Han.

Han lançou-se na direção da porta. Atrás dele, Bayar murmurou um encantamento. As chamas cresceram ao redor dos ombros de Han, descendo por ambos os braços e aquecendo os braceletes em seus pulsos a ponto de chamuscar, antes de se dissipar. Mais uma vez, os braceletes aparentemente absorveram a magia do feiticeiro.

Do lado de fora, Han praticamente colidiu com uma carruagem preta adornada com o emblema de um falcão. Cavalos pretos aos pares resfolegavam, balançavam a cabeça e reviravam os olhos.

Han abriu caminho a força através da feira, girando e dando a volta em barracas e tendas, e pulou por cima de obstáculos menores, empurrando as pessoas, e correu até a ponte.

Ponte Austral e Feira dos Trapilhos nunca pareceram tão distantes uma da outra. Era como um daqueles sonhos nos quais seus pés ficam presos na lama e você está

tentando fugir de um monstro. Mas, naquele caso, os monstros estavam à frente e atrás dele.

Quando Han cruzou a ponte, teve que desviar de grupos de soldados. Parecia estar acontecendo algum tipo de busca, mas não estavam procurando por ele porque, obviamente, ele estava correndo e ninguém o parou.

Ele ainda estava a uma milha da Rua dos Sapateiros quando viu o brilho em meio à escuridão mais à frente, o borrão de tinta laranja que coloria as nuvens baixas. Ele farejou o ar. Alguma coisa estava queimando, uma coisa grande, e lançava chamas no ar.

Quando ele chegou ao fim da Rua dos Sapateiros, viu o estábulo pegando fogo, devorado pelas chamas. Um inferno. O calor expulsara os residentes para o fim da rua, onde eles estavam parados, em grupos infelizes, e fitavam, impotentes, o prédio que incendiava.

Um círculo de casacos azuis circundou o estábulo e manteve heróis em potencial a distância. Não que eles pudessem ter se aproximado, de qualquer maneira. O calor das chamas chamuscou o rosto de Han de onde ele estava.

Alguns dos observadores organizaram uma corrente humana e bombearam água do poço da Rua dos Sapateiros, uma demonstração incrível de organização para aquela vizinhança. Mas tudo que podiam fazer era molhar os prédios em volta para evitar que as chamas se espalhassem.

Han agarrou o braço de um observador.

— O que aconteceu?

— Foram eles... os malditos casacos azuis. — Ele acenou com a cabeça para os soldados que guardavam o estábulo em chamas. — Alguém disse que estavam procurando por Alister Algema, embora ele não tenha sido visto por aqui há semanas. Ouvi dizer que estava morto. De qualquer forma, disseram que ele morava aqui e tinha enterrado um tesouro ali. Eles entraram no edifício, reviraram o lugar de cima a baixo, invadiram outros edifícios na praça e até reviraram o terreno. Depois atearam fogo ao lugar. Ele subiu como se aquilo fosse madeira seca.

Han apertou mais o braço.

— A Guarda levou alguém? Alguém saiu?

O homem se soltou do aperto e balançou a cabeça.

— Não vi ninguém, mas eu não estava aqui quando começou. Não sei se havia alguém lá dentro. Dava para ouvir os cavalos gritando de um jeito horrível e

chutando as baias. Mas mesmo nessa hora estava quente demais para ir até eles.

Han deu a volta e tentou entrar no estábulo pelos fundos, mas os casacos azuis eram numerosos, e ele foi novamente repelido pelo calor e pelas chamas. Ele umedeceu a camiseta na bomba e a enrolou ao redor da cabeça, determinado a passar por elas ou morrer tentando.

Ele estava passando pela entrada do Beco do Açougueiro quando alguém apareceu e parou na frente dele.

Era Cat, com o rosto sujo de fuligem e o cachecol dos Trapilhos chamuscado amarrado em volta do pescoço.

— Não adianta, Algema. Elas já se foram. Você não vai conseguir ajudar. Você só vai ficar preso ou queimar até morrer.

— Não me importo. — Han tentou se desviar dela, mas alguém o agarrou por trás, prendeu seus braços e tirou-lhe a faca.

— Deixa, cara — disse Flinn por cima do ombro dele.

Os próprios Trapilhos estavam se voltando contra ele.

— Me solta, Flinn — falou e lutou para se libertar. — Se fosse a sua mãe e irmã, você iria atrás delas.

— Eu já tentei — disse Cat e sua voz sumiu. Ela parecia nervosa, diferente do normal. — Todos tentamos. Nós até subimos no telhado antes de o fogo aumentar demais. Sinto muito, amigo — murmurou ela. — Sinto muito.

— Eu sei onde elas devem estar — disse Han. — Posso ir até elas. Eu sei que posso. — Mari deveria estar deitada no colchão ao lado da lareira. A mãe estaria com ela. Sua mãe era inteligente. Ela teria enrolado cobertores úmidos ao redor das duas. Elas ficariam apavoradas, mas...

— Eu não vou deixar você se matar — disse Cat. — Já houve mortes suficientes por hoje.

Cat acenou com a cabeça na direção dos fundos do beco, e os Trapilhos o ergueram e o levaram para longe do incêndio. Han chutava, protestava, xingava e dava socos. Eles o arrastaram a maior parte do caminho até o armazém que usavam como sede antes que ele finalmente desistisse de lutar. Assim que chegaram, eles o empurraram para um canto com Flinn e Jonas, que o vigiavam, enquanto Cat e Sarie cochichavam no outro canto.

Onde está Velvet?, perguntou-se Han distraidamente.

Han tremeu e balançou-se pelo resto da noite, alternando frio extremo e suor. Ele pensou que fosse choque, raiva ou talvez uma consequência do que Gavan Bayar fizera a ele com sua magia; mas, pela manhã, percebeu que pegara a febre de Mari.

Deixem eu morrer, pensou com gratidão, desistindo de lutar. Ele ficou fora de si por algum tempo, horas ou dias, ele não sabia ao certo. Quando acordou, viu o rosto de Willo olhando para ele com uma expressão de tanta tristeza que ele percebeu que queria fazer *ela* se sentir melhor. Ela o segurava nos braços, o embalava e o alimentava com casca de salgueiro e chá de matriarca, que aparentemente era bom para febre de verão, porque pouco depois Han estava curado.

De alguma maneira, ele acabou voltando para o Templo de Ponte Austral e ficou em um dos pequenos quartos de dormir que davam para o pátio. Uma semana se passou antes que ele fosse capaz de se levantar, e então Flinn informou que os casacos azuis tinham perdido o interesse nos destroços do estábulo e foram atrás de quaisquer outros assassinos que eles quisessem prender.

Cat e os Trapilhos guardaram o local e evitaram que os residentes próximos reclamassem o butim. Temendo o que poderia encontrar, mas sem mais se preocupar com quem poderia estar observando, Han remexeu nos destroços do antigo lar até encontrá-las: dois corpos abraçados em meio às ruínas da chaminé, um grande, um pequeno, chamuscados demais para serem reconhecidos ou para indicarem o que fora feito a elas antes de morrerem.

— A fumaça deve tê-las feito dormir, Caçador Solitário — disse Willo. Ela não o deixara sozinho nem por um minuto nos últimos sete dias. — Provavelmente não sentiram muita dor.

Provavelmente. *Provavelmente*. Não era o suficiente.

Han encontrou o medalhão da mãe, que havia sido da mãe dela, semiderretido por causa do calor, e o livrinho de histórias queimado de Mari, que ela queria ler quando ele estava com pressa demais para ouvir. Ele enfiou os objetos na bolsa. No meio da manhã, Willo foi até o mercado e comprou comida para a viagem. Han aproveitou a oportunidade para retirar o amuleto embrulhado do esconderijo na fornalha do ferreiro e o colocou na bolsa também. Ele fizera sacrifícios demais por causa daquela coisa para deixá-la para trás.

Sem olhar duas vezes para a Rua dos Sapateiros, ele caminhou até a cama de Cat no armazém, onde ele sabia que ela ficaria durante o dia. Sarie e Flinn estavam jogando em um canto. Sweets e Jonas provocavam um casal de gatos listrados com

pedaços de corda. O bandolim de Cat estava apoiado na parede, mas nem ela nem Velvet estavam por ali.

Sarie fez um esforço para ficar de pé quando Han entrou, com uma expressão ansiosa e cautelosa no rosto.

— Ei — falou.

Han não perdeu tempo com cumprimentos.

— Onde está Cat? — perguntou ele.

— Não sei — ela encolheu os ombros. — Não a vejo há dias. E também não vejo Velvet. Pensei que talvez estivessem com você — disse ela, esperançosa.

Han balançou a cabeça.

— Eu fiquei doente. De qualquer forma, quando Cat voltar, diga a ela que pode ficar com o local no Beco da Roubalheira.

Sarie piscou para ele, depois pegou o braço do garoto e o afastou dos outros.

— Por quê? Onde você vai ficar? — quis saber ela.

Han deu de ombros.

— Vou ficar fora por algum tempo.

Ela examinou o rosto dele.

— Mas você vai precisar dele depois, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não vou.

O aperto no braço dele aumentou.

— Você não vai fazer nenhuma loucura, vai?

— Não.

Sarie limpou a garganta e fitou a parede de tijolos.

— Nós achamos que talvez você fosse voltar e ser novamente o dono da rua. Já que sua família se foi e tudo o mais. — Ela olhou para ele, depois desviou o olhar. — Nós todos faríamos o juramento a você, Algema.

— Vocês já têm um dono da rua. Cat vai voltar. — Mas Han sentiu-se inquieto. Donos da rua não viviam muito em Feira dos Trapilhos. Será que os Austrinos a encontraram sozinha? Se é que sobrou algum Austrino.

Mais uma vez ele sentiu a pontada de culpa em seu estômago. Era como se ele fosse o único sobrevivente de uma peste terrível. Por que ele merecia viver quando todos à sua volta morreram?

Ele ergueu os olhos para Sarie, que ainda aguardava como se esperasse uma reposta diferente.

— Se Cat não voltar, talvez você possa ser dona da rua — disse ele. — Você vai querer distância de mim. Ainda há feiticeiros me procurando. Não quero que mais ninguém saia machucado.

Sarie mordeu o lábio inferior. Han sabia que ela tinha alguma coisa a dizer, mas nunca fora muito boa com as palavras.

— Olhe, Algema, lamento de verdade o que aconteceu com sua mãe e sua irmã — disse Sarie. Ela desamarrou o trapo em torno do pescoço e o amarrou no pescoço de Han. — De qualquer forma. Uma vez um Trapilho... você sabe.

Não havia muito mais a acrescentar, por isso ele foi embora.

Mais tarde, Willo o encontrou parado na chuva, em Ponte Austral, olhando além do Castelo de Fellsmarch, onde Lady Gris se erguia, envolvida pela névoa.

Willo o colocou em um cavalo e eles cavalgaram de volta a Pinhos Marisa. Ele deitou em um catre na Cabana da Matriarca e dormiu por mais três dias.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

SEGREDOS REVELADOS

Dançarino apareceu e ficou sentado ao lado dele durante a maior parte do tempo, sem falar muito, apenas por ali. Eles eram irmãos na dor, cada um lamentava numerosas perdas, cada um em uma espécie de exílio. Dançarino, pelo menos, tinha alguma perspectiva de futuro, mesmo que não estivesse satisfeito com ela. Ele não tinha que se sentir responsável pela morte da família nem por arruinar a própria vida.

Han queria culpar Sabiá por desencorajá-lo a acompanhá-la até Demonai. Talvez, se ela o tivesse deixado ir, ele não tivesse ficado tão desesperado para tentar vender o amuleto. Ele queria ficar furioso com ela, mas não era o que seu coração queria, e quando ela o puxou para seus braços, ao menos foi uma distração bem-vinda.

Os Demonai ficariam até Dançarino ir embora, mas a hora estava se aproximando rápido. Então Sabiá iria para Demonai. Depois disso, Han não via mais nada à sua frente, nada por que quisesse esperar.

Willo, que costumava ser serena, parecia irritada, quase transtornada. Han atribuiu isso ao modo como Dançarino estava agindo com a perspectiva de uma partida forçada para o sul. E talvez um pouco por causa da situação de Han, pois ela o estava tratando de modo diferente de antes, quase como se ele fosse frágil — ou como se ele pudesse explodir se ela olhasse para ele do modo errado.

Em alguns dias, parecia possível que ele explodisse... que a alquimia da dor, fúria, culpa e frustração arderia dentro dele. A mãe e Mari não tinham sido uma ameaça para Gavan Bayar ou Micah Bayar, ou ainda para a maldita rainha de Fells.

Han podia pensar em si mesmo como um dono da rua poderoso, mas, na verdade, o pequeno butim que ele conseguira tirar dos ricos era apenas migalhas da mesa deles; tão pouco que mal era percebido. E por esse pouco, ele apanhara nas ruas, fora jogado na cadeia, perseguido durante toda a vida.

Ele havia pensado que Connor Navalha era o inimigo. Navalha era apenas outra vítima da rainha, do Conselho dos Magos e de todo o resto. Os donos da rua

passavam o tempo lutando um contra o outro quando deveriam ter enfrentado aqueles que tinham o verdadeiro poder.

Seria um serviço para todos se ele pegasse a aljava, o arco e as facas, subisse Lady Gris até a fortaleza dos Bayar e mostrasse a eles como era ser caçado.

Provavelmente fracassaria nisso também. Não havia chance de chegar perto de seus verdadeiros inimigos, daqueles que controlavam tudo. No máximo, alguns guarda-costas e servos morreriam.

Willo teve longos encontros com os idosos na Cabana dos Visitantes, até tarde da noite, o que era surpreendente, pois tais reuniões costumavam ocorrer na Cabana da Matriarca. Talvez, pensou ele, eles não quisessem que ele e Dançarino tomassem conhecimento de suas deliberações.

Ele poderia ficar com Willo e estudar curandeirismo, ganhar um pouco de dinheiro como aprendiz e ver Sabiá de vez em quando, quando ela viesse para Pinhos Marisa. Se, depois de um ano, ele quisesse ir embora, investiria o dinheiro que havia economizado na escola de guerreiros, em Vau de Oden. Era isso ou voltar para as ruas. De um jeito ou de outro, era improvável que ele tivesse que se preocupar com sua velhice.

Finalmente, em uma noite quente, quando faltava uma semana para Dançarino ir embora, Willo o chamou para uma reunião na Cabana da Matriarca.

Han e Sabiá saíram do esconderijo perto do rio, onde passaram a tarde, depois de se refrescarem da umidade quente do dia. Ele vestiu a calça do clã que Willo fizera para ele e uma camisa de mangas curtas de algodão. Sabiá naquela ocasião tinha deixado de lado as vestes de guerreira. Ela usava um colete bordado de pele de alce, sem camisa por baixo, e saias compridas. Ela amarrara uma tornozeleira de contas que Han lhe dera no tornozelo direito e ele não pôde deixar de olhar para as pernas bronzeadas e musculosas por baixo das saias de cores fortes. Ele baixou os olhos para si mesmo e se perguntou se ela reparava nele do modo como ele reparava nela.

Quando Han e Sabiá entraram na cabana, ele ficou surpreso ao ver que estava cheia de pessoas, muitas das quais eram desconhecidas. Os clãs eram ótimos em fazer reuniões. Ele e Sabiá encontraram lugar em um banco perto da porta e se sentaram, de mãos dadas e com os quadris bem apertados um contra o outro. Han ficou satisfeito quando ela preferiu sentar-se com ele em vez de se juntar aos outros guerreiros Demonai.

Willo abriu a reunião.

— Obrigada aos nossos irmãos de Pinhos Marisa por virem, bem como os que viajaram desde os Campos Demonai, Rissa e Escarpas.

Han e Sabiá estavam cochichando, mas Han ergueu o olhar, assustado, com as palavras de Willo. Devia ser uma reunião importante para os Campos de Rissa e Escarpas mandarem representantes.

— Por favor, dividam nossas fogueiras e tudo que temos — disse Willo. Houve um murmúrio de saudação dos visitantes dos outros acampamentos.

Han avistou lorde Averill e Elena Demonai de pé atrás de Willo. Mais uma vez, Han se perguntou se Averill se lembraria dele do incidente do Templo de Ponte Austral. E, de fato, os olhos de Averill demoraram-se sobre Han por um longo momento, curiosos.

Mas naquela noite Averill tinha outras coisas em mente.

— Lorde Demonai trouxe notícias do Vale — falou Willo.

Lorde Demonai olhou em torno do círculo, e o murmúrio de conversa silenciou. O patriarca parecia mais velho e cansado que da última vez que Han o vira. Ele também parecia ter participado de uma briga, o que era tão incomum que Han não conseguiu deixar de prestar atenção.

— Trago notícias perturbadoras, como disse Willo — falou lorde Demonai. — O poder do Grão Mago aumenta a cada dia. Lorde Bayar exerce tremenda influência sobre a rainha. A tal ponto, na verdade, que a rainha Marianna pretende casar nossa filha, Raisa, a princesa-herdeira, com o filho dos Bayar, o jovem feiticeiro Micah Bayar.

Isso foi recebido com um clamor de protesto e gritos de alarme e desconfiança.

Ao lado de Han, Sabiá empertigou-se e se inclinou para a frente, e a luz das tochas cobriu de dourado os planos duros do rosto dela.

— Isso não pode acontecer — murmurou ela.

Eles se merecem, pensou Han.

— Aceito a culpa por isso — emendou lorde Demonai. — Devo confessar que não vi isso acontecer. Na verdade, o capitão Byrne e eu fomos atacados e quase assassinados na volta de Penhascos de Giz, no dia do rebatizado de Raisa *ana*'Marianna.

A notícia foi recebida com outra onda de reprovação. Han olhou na direção dos guerreiros Demonai. Eles não gritaram nem se manifestaram com as outras pessoas, mas ficaram em silêncio e alertas, parecendo mais perigosos desse jeito.

— Não posso acreditar que a tenha aprovado nossos assassinatos, Majestade — ironizou lorde Demonai. — Ainda assim não devo subestimar o potencial de lorde Bayar para a traição. Eles pretendiam casar a princesa-herdeira e o jovem Bayar no rebatizado, enquanto o capitão Byrne e eu estávamos... ah... ocupados. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Felizmente, a princesa Raisa escapou para o exílio.

Han ouviu gritos de "Graças ao Criador!", "Onde ela está?" e "Nossa filha Raisa deveria se refugiar aqui, com a família, nos Campos das terras altas".

Nesse momento, Elena Demonai deu um passo à frente, e a face envelhecida vincou-se com novas rugas de preocupação.

— Minha neta está segura por enquanto. Acreditamos ser melhor que ela não fique aqui conosco, mas em algum local mais neutro, fora do reino. Manter a princesa aqui, contra o desejo da rainha, seria muita provocação. Esperamos que ainda haja uma chance de salvar Marianna. Não quero entrar em guerra contra ela.

Os guerreiros Demonai, incluindo Sabiá, pareciam mais que dispostos a entrar em guerra com a rainha. Uma coisa na qual eles podiam concordar. Han desprezava todos eles: a rainha, os feiticeiros e a princesa-herdeira. Fora a Guarda da Rainha que queimara e destruíra o estábulo, e a mãe e Mari com ele — provavelmente por ordem do Grão Mago. No que dependesse dele, todos eles poderiam ir para o Destruidor.

— No entanto, devemos ser realistas e nos preparar para o que preferimos evitar — disse Elena. — Se eles encontraram um meio de romper a ligação mágica entre o Grão Mago e a rainha, é provável que os Bayar detenham algumas armas mágicas que foram criadas antes da Cisão. Nós não sabemos se eles as tiveram desde sempre ou se as adquiriram recentemente.

Sentindo uma comichão de ansiedade, Han inclinou-se para Sabiá e perguntou:

— Por que isso é importante?

— Os clãs ainda criam os amuletos necessários para canalizar a magia — disse ela. — Mas atualmente eles têm um tempo de vida limitado. Devem ser renovados ou substituídos por um mestre ou matriarca do clã. Isso nos dá um pouco de controle sobre o Conselho dos Magos. Os amuletos feitos antes da Cisão eram extremamente poderosos. Uma vez dados, eles não podiam ser tomados. Era uma das condições da Naéming que todas essas peças fossem devolvidas aos clãs.

Han pensou no amuleto escondido debaixo de seu catre. Seria um desses amuletos especiais? Era esse o motivo para os Bayar estarem tão ansiosos em recuperá-lo?

Ele deveria tê-lo jogado na ravina, como Dançarino sugerira no dia em que o encontraram.

— Por enquanto — disse Averill —, pedimos a todos os comerciantes dos clãs que suspendam o comércio de amuletos, talismãs e outras peças mágicas. Não podemos permitir que o Conselho dos Magos reúna um arsenal maior do que já tem. — Ele massageou a testa com a palma da mão. — Sei que será uma privação para muitos de nós que dependem do comércio.

— O Conselho dos Magos vai considerar isso uma provocação — murmurou Sabiá para Han. — Ainda mais, com a continuação da guerra no sul. Eles dirão que precisam de um suprimento estável de amuletos para treinar os jovens e defender Fells contra o sul. Se os feiticeiros convencerem a rainha de que isso é verdade, o que vai acontecer com os membros do clã que trabalham ou vendem na cidade?

Houve mais discussão sobre salvaguardas contra a possível violência no Vale e alternativas aos mercados para aqueles que tinham no comércio sua fonte de renda.

— Vou continuar a trabalhar internamente na corte e exercer toda a influência possível para tirá-los desse caminho — disse Averill.

— Estou preocupada com você, Averill — disse Willo. — Já houve um atentado contra a sua vida.

O comerciante deu de ombros.

— A vida é longa ou curta como deve ser — disse ele. — O Criador vai me chamar quando ele estiver pronto.

— Se pudéssemos simplesmente persuadir Marianna a vir para Pinhos Marisa, talvez conseguíssemos livrá-la do encantamento mágico que foi posto nela — disse Willo.

— É improvável que ela seja persuadida, com Bayar murmurando em seu ouvido — lamentou Elena.

Reid Demonai falou pela primeira vez.

— Nós poderíamos pegar a rainha — falou — e trazê-la para cá pessoalmente. — O grupo de guerreiros dele murmurou em aprovação.

Reid olhou ao redor da cabana como se avaliasse a reação do público, depois acrescentou:

— Se alguma coisa acontecesse a Marianna, poderíamos coroar a princesa-herdeira.

— Não, Reid — disse Elena. — Não fazemos rainhas. Marianna *ana*'Lissa é a rainha coroada de Fells e a descendente de Hanalea. Qualquer ataque a ela só trará infelicidade para nós.

Reid deu de ombros, mas Han percebeu que ele não desistiria da ideia.

O conselho chegou ao fim, e os participantes se afastaram lentamente, conversando em duplas e trios. Han conhecia todos os convidados e os círculos das fogueiras ficariam lotados com pessoas que conversariam durante toda a noite. Consciente das poucas horas que ainda tinham para passar juntos, Han inclinou-se para perto de Sabiá e murmurou:

— Vamos voltar para o rio.

Mas Willo pôs uma das mãos em seu ombro, assustando-o. Ele não a ouvira se aproximar.

— Fique um pouco, Caçador Solitário. Nós temos que conversar com você.

— Tudo bem — disse ele e imaginou quem seria "nós".

Sabiá pôs-se de pé e Han perguntou:

— Sabiá pode ficar?

Willo balançou a cabeça.

Perplexo e um pouco aborrecido, Han falou para Sabiá:

— Você pode me esperar lá fora? Não deve demorar muito.

— Não vou esperar para sempre, Caçador-Sabiá — falou Sabiá e sorriu para ele. Ela se retirou com um farfalhar das saias.

Depois que todos saíram, Averill, Elena, Dançarino e Willo permaneceram e todos sentaram-se ao redor da lareira. Dançarino parecia tão confuso quanto Han.

Han começou a ficar apreensivo. A expressão de Willo anunciava más notícias. Ele não conhecia Averill e Elena muito bem, e sempre tivera um pouco de medo deles. Talvez Willo fosse retirar a oferta para treiná-lo em curas. Ou os mais idosos quisessem bani-lo porque ele continuara a ver Sabiá e desobedecera ao aviso de Willo. Talvez Averill quisesse fazer perguntas sobre a garota que ele sequestrara em Templo de Ponte Austral havia tempos. Ou eles poderiam ter descoberto sobre o amuleto escondido debaixo do catre.

Possibilidades demais, e todas elas eram ruins.

Nesse momento a porta da cabana se abriu e Lucius Frowsley entrou, o que provavelmente era a maior surpresa que poderia ter acontecido. Lucius comercializava com o clã, mas Han nunca o vira em nenhum dos Campos antes.

O velho parecia menos indigente que o normal. Embora a calça e a camisa estivessem puídas, estavam limpas e eram bem-feitas, e ele tentara, de algum modo, aparar a barba e os cabelos. Os olhos enevoados estavam mais límpidos que o normal; ele se curvava sobre uma bengala ricamente entalhada. Han poderia jurar que ele estava sóbrio.

Isso era assustador por si só.

Han ergueu-se do banco.

— Lucius? O que você está fazendo aqui?

— Você já vai ver, garoto — disse Lucius. O velho parecia quase presunçoso. Han segurou o braço dele e o conduziu até um dos bancos. Lucius sentou-se com os outros.

Willo pôs-se de pé e parou no centro do semicírculo. Obviamente, ela era a responsável por aquela reunião.

— Caçador Solitário, eu quero começar pedindo perdão a você — falou Willo.

Han fitou-a por um longo instante e, por algum tempo, não conseguiu falar.

— Por quê? Para quê? Se a senhora está falando sobre minha mãe e Mari, não foi sua culpa.

— De certa forma, foi — disse Willo, desviando os olhos dele e entrelaçando os dedos. Isso era raro, pois ela costumava ser muito objetiva. Mas parecia estar tendo dificuldade em contar a história toda.

— Não — disse ele. — Foi minha culpa. Fui eu que atraí a Guarda até elas. Eu deveria ter ficado longe. — Ele não mencionou o amuleto. Dançarino sabia sobre ele, e Lucius também, mas nenhum dos dois sabia o que acontecera depois ou se ele ainda o tinha.

Han sentia-se envergonhado por tê-lo guardado, envergonhado por tentar vendê-lo. Essa era uma história que *ele* tinha dificuldade em contar.

— Guardamos um segredo de você durante todo esse tempo — disse Willo. — Por muitas razões. Em parte para protegê-lo. Sobretudo, para proteger todos os outros. Mas agora, por muitas razões, decidimos lhe contar a verdade.

Han não disse nada, mas sentou-se e aguardou, com o coração batendo forte no peito como uma truta encalhada na margem do rio.

Willo pôs-se de pé e entregou a Han um bule com chá e uma xícara. Ele os fitou com cara de bobo, depois ergueu os olhos para Willo.

— Tome um pouco — disse ela. — Isso o acalmará.

Então ele precisava se acalmar antes de ouvir as notícias? Ele serviu o chá, depois tomou a infusão escura. O odor era familiar, embora ele nunca a tivesse provado antes.

Sorveira. Proteção contra mágica e feitiçarias. Será que pensavam que ele fora enfeitiçado por alguém? Será que temiam a bruxaria que lorde Bayar usara nele? Han olhou para Willo com surpresa e, mais uma vez, ela evitou seu olhar.

Han engoliu mais chá. Talvez a sorveira tivesse propriedades calmantes das quais ele nunca ouvira falar. Era assim com as plantas. Elas tinham diversos usos.

Para a surpresa do garoto, foi Lucius quem falou.

— Garoto, você se lembra da história que lhe contei perto do regato? Sobre Hanalea e Alger Waterlow? Aquela que você não gostou?

Han assentiu, depois lembrou que Lucius não podia vê-lo e disse:

— Sim.

— Bem, era verdade. Cada pedaço dela. O que eu não lhe contei foi que, após a morte de Waterlow, Hanalea deu à luz dois filhos. Gêmeos, na verdade.

— O quê? — Isso ia contra todas as histórias antigas. Hanalea era praticamente uma santa. A salvadora de seu povo. Por alguma razão, todas as lendas pulavam a parte sobre o que poderia ter acontecido entre Hanalea e o demônio, depois que ele a raptara. — Eu nunca ouvi falar disso — disse ele.

— Poucas pessoas sabiam. Após a morte de Waterlow, todos foram distraídos pela Cisão, tentando salvar o mundo e tudo isso. Depois que Hanalea negociou a Naéming, ela se isolou. Ninguém ia incomodá-la depois de tudo o que ela passara. Ela se casou então, sem alarde, e teve os bebês: um menino e uma menina. Todos imaginaram que eram frutos do casamento.

A face de Lucius murchou numa demonstração de dor.

— Eles foram seus únicos filhos. Era como se ela se recusasse a ter outros além dos de Waterlow. A filha, Alyssa, estabeleceu a nova linhagem de rainhas. Felizmente, ela não apresentava nenhum sinal de feitiçaria, embora digam que o dom da profecia que corre a linhagem de Hanalea possa ter vindo de Waterlow.

— Você está dizendo que a linhagem das rainhas descende do sangue do Rei Demônio? — murmurou Han.

— Sim — disse Elena quase na defensiva. — Seu sangue pode ser contaminado, mas o sangue puro de Hanalea é muito mais forte. — Ela fez uma pausa e mordeu o

lábio inferior. — Não tínhamos escolha. Alyssa era sua única filha. Desde então, o sangue do demônio foi diluído muitas vezes.

Ora. Não admira que a história fosse mantida em segredo. Se fosse verdade, a dinastia das rainhas fora fundada sobre uma mentira.

— E quanto ao garoto? — perguntou Han.

Lucius deu uma risada baixinha.

— O garoto foi um problema, pois não restava dúvida de que ele tinha o dom. Para os poucos que sabiam, espalhou-se a notícia de que o bebê morreu pouco após o nascimento e foi enterrado em um túmulo sem identificação. Mas, por acaso, eu sei que o bebê sobreviveu.

— Por que eles o deixariam viver? — perguntou Han. Depois de tudo que o demônio fizera, eles não temiam que o filho também se tornasse mau?

— Os guerreiros Demonai queriam matá-lo. Eles o entregaram à matriarca do clã e disseram que ela deveria lançá-lo de um penhasco alto. Na época, foi considerado uma grande honra para a matriarca.

Instintivamente, Han olhou para Elena. Ela estava inclinada para a frente e seu rosto tinha rugas duras e desafiadoras.

Lucius voltou a se virar para Han como se ele pudesse sentir seu local no cômodo.

— Mas Hanalea interveio. Vestida como um comerciante, ela foi até a matriarca e ofereceu uma troca. Ela propôs desistir da criança para sempre em troca de deixarem ele viver.

Uma imagem subitamente apareceu na mente de Han: uma estátua de mármore no jardim do Templo de Ponte Austral. Era uma peça antiga, gasta pelo tempo. Jemson falou que fora feita mais ou menos na época da Cisão e levada até ali vinda de algum outro lugar. Era uma estátua de Hanalea; em um dos braços, ela embalava um bebê e, com a outra mão, empunhava uma espada e enfrentava um agressor invisível. Chamavam-na *Hanalea defendendo as crianças*. Han nunca se dera conta de que a cena era mais que simbólica, que poderia representar um evento real.

Lucius continuou a contar a história.

— O clã não podia dizer "não" a Hanalea, sobretudo depois do que ela fizera, de tudo por que passara. Apesar disso, o matriarcado não desejava perder o garoto de vista, nem que ele crescesse sem supervisão. Por isso, um conselho muito secreto e muito pequeno se reuniu para determinar o que fazer.

Ideias giraram na mente de Han. Então era isso: outra história que contradizia tudo que ele ouvira antes. Quem sabia em que acreditar? Ele olhou para Dançarino para avaliar a reação dele. O amigo estava sentado, imóvel, e brincava, indiferente, com as franjas das perneiras. Dançarino nunca ouvira Lucius contar uma história, nunca soubera como ele podia atrair uma pessoa.

— Como você sabe tudo isso? — perguntou Han, e ele queria dizer: "Onde você conseguiu esta história? Encontrou-a no fundo de uma garrafa?"

— Fui eu quem se casou com Hanalea depois da morte de Alger — respondeu Lucius.

— Você? — falou Han em voz mais alta do que pretendia. Ele olhou em volta do círculo e viu a verdade em cada rosto, como se ele e Dançarino fossem os únicos que não sabiam daquele segredo em particular.

Aquele velho que tomava banho uma vez por mês, na melhor das hipóteses, fora casado com uma rainha? E não apenas uma rainha, mas a rainha que salvara o mundo. Uma lendária beleza preservada em numerosas esculturas, gravuras e quadros.

— Isso é impossível — disse Han com indiferença. — Sem querer ofender, Lucius, mas, quero dizer, pense bem... você deveria ter mil anos.

— Isso. Tenho mais de mil anos, embora tenha desistido de contar há muito tempo — disse Lucius e sorriu, revelando os dentes esparsos. — Olhe para mim com atenção e você verá a marca de cada um dos anos. Outrora fui um mago. O melhor amigo de Alger Waterlow. Eu fiquei cego na Cisão, e meu dom foi tirado de mim pelo fogo.

Sua voz mudara e ele falava como um sangue-azul.

— O conselho que redigiu a Naéming me escolheu para guardar a lembrança daquela época, para lembrar Hanalea, caso as memórias dela desaparecessem. Fui amaldiçoado com a verdade e a compulsão de contá-la. É isso que me mantém vivo. Dessa maneira, por mais que todos queiram esquecer, há alguém que se recorda de tudo, de modo claro como se tivesse acontecido ontem.

Han não pôde evitar pensar que ele não escolheria um velho sujo e bêbado para a função, se era tão importante assim. Eloquente ou não, quem o ouviria com atenção?

Depois, o atingiu: talvez fosse o fardo de carregar a verdade que ninguém queria ouvir que fizera de Lucius um velho sujo e bêbado.

Uma lembrança da tarde nas margens do Riacho da Velha voltou: Lucius contando a história de Hanalea e Alger Waterlow.

Ela se curvou diante do bem maior e se casou com alguém que não amava. Ele estava falando de si mesmo. Han estremeceu e sentiu pena de Lucius. Mas isso não durou muito.

— O que isso tem a ver com Dançarino e comigo? — perguntou Han e pensou em Sabiá, que devia estar esperando, impaciente, do lado de fora, a menos que já tivesse desistido. O mundo era cheio de segredos, aparentemente, mas talvez ele não precisasse conhecer todos.

— Você vai ver — falou Elena. Não adiantava apressar uma história do clã. — Como você pode imaginar, havia uma discordância amarga em relação ao que fazer com o filho do demônio, que poderia crescer e ser um feiticeiro extremamente poderoso.

"Os guerreiros Demonai argumentavam que a criança deveria ser morta, não importava o que Hanalea dissesse. Mas o garoto herdou parte do charme de Alger. Havia alguma coisa nos Waterlow: eles tinham algo de especial."

E mais uma vez: as pessoas falavam sobre o Rei Demônio como se ele fosse belo, atraente, alguém por quem uma rainha se apaixonaria. E não um monstro sem coração.

— Além de Hanalea, havia o consorte de Hanalea, Lucius Frowsley, que defendeu a vida do garoto de modo muito persuasivo — falou Elena e olhou para Lucius.

Esses dois não se gostam, pensou Han.

— Como aquela criança era o irmão da princesa-herdeira, além de um feiticeiro, havia a preocupação de que ele pudesse se alinhar com o Conselho dos Magos. Ele poderia até tentar estabelecer uma linhagem de reis feiticeiros, e se mostrar uma ameaça às rainhas no trono — falou Averill.

"No fim, o conselho dos anciãos optou pela misericórdia. A decisão tomada permitiu que o menino vivesse, mas também afastou-o dos cuidados de Hanalea, atou e controlou seu dom de magia para que não fosse aparente. A ascendência do menino foi oculta dele e de todas as outras pessoas para evitar que usassem sua linhagem para os próprios fins. Temos observado os descendentes do garoto desde então para garantir que eles não representem uma ameaça à rainha."

Averill deu de ombros.

— Essa foi uma boa decisão? Já faz mil anos, mas ainda não sabemos. Mas os eventos recentes nos obrigaram a reconsiderar. Devido à ameaça de Arden, uma guerra prolongada entre os feiticeiros e o clã poderia representar o fim do reino.

— Durante gerações, nosso conselho de idosos rastreou os descendentes do Rei Demônio — disse Elena. — O dom da magia permaneceu virulento quando se manifesta, mas apareceu com cada vez menos frequência, talvez moderada pelos casamentos. Neste momento, sabemos de um único descendente vivo com o dom. Um menino.

— Então... o quê? Você vai persegui-lo e matá-lo? Por causa do ancestral dele? — perguntou Han. — Porque ele poderia juntar-se ao Conselho dos Magos e, de alguma maneira, ameaçar a rainha?

Era por isso que eles estavam aqui? Será que esperavam que ele e Dançarino ajudassem nisso?

A pergunta pareceu surpreender Averill.

— Ah, não. — Ele ergueu os olhos para Elena, que sempre parecia pronta para as perguntas difíceis.

— O conselho original cogitou que poderia ser uma vantagem uma linhagem de feiticeiros, parentes da rainha, que pudessem apoiar o trono em época de conflito. Sobretudo, em um conflito com feiticeiros — emendou Elena delicadamente. — Aprendemos com experiências ruins que a magia verde tem seus limites.

Vou apostar que os guerreiros Demonai adoram essa ideia, pensou Han.

— Por essa razão, solicitamos que todos os descendentes do Rei Demônio fossem criados nos Campos — disse Elena —, para que nós possamos ensiná-los sobre os costumes dos clãs e, esperamos, ligar seus destinos e corações ao nosso. Durante gerações temos feito isso. O segredo passa para os idosos do clã. Nunca tivemos que revelá-lo até agora. Por essa razão reunimos o conselho. — Ela fez um gesto e indicou as outras pessoas na cabana.

E então Han finalmente compreendeu: a verdade que devia ter sido clara o tempo todo, apesar das vias sinuosas das histórias dos clãs.

O misterioso descendente era Dançarino; tinha que ser. Dançarino de Fogo. Era um nome adequado para um feiticeiro. Dançarino tinha o dom, e agora a magia que ficara oculta por tanto tempo estava transbordando.

Han lançou um olhar de esguelha ao amigo, que parecia estar imerso nos próprios pensamentos e não prestava atenção à epifania de Han. Será que Dançarino sabia?

Será que ele já suspeitava? Será que era realmente filho de Willo ou eles apenas fingiram para que ele pudesse ficar na casa da matriarca, a mulher mais sábia de Pinhos Marisa?

Bem, se eles quisessem atingir Dançarino, Han o apoiaria, embora não soubesse dizer que tipo de ajuda poderia dar a um feiticeiro.

Han estava tão envolvido em seus pensamentos que não acompanhou quando Elena voltou a falar na rica cadência da matriarca.

— Este conselho pede que dê um passo à frente, Caçador Solitário, que se chama Hanson Alister nas terras baixas.

Houve um momento de silêncio enquanto Han esperava que alguém mais respondesse.

— O quê? — perguntou, bobamente. — O que a senhora disse?

— É você, Caçador Solitário — disse Willo e segurou as mãos dele nas dela. — Você é o único descendente vivo de Waterlow.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O DOM

— Não! — disse Han e soltou as mãos. — Do que vocês estão falando? Não tenho o dom. Vocês querem o Dançarino. — Ele olhou para Dançarino, em busca de apoio, mas o amigo tinha no rosto a mesma expressão de todos os outros: uma mistura de cautela e esperança.

— Mas você *tem* o dom — disse Willo. — Mesmo no seu nascimento, você o manifestou tão fortemente que sua mãe quase morreu no parto. Eu chamei Elena *Cennestre*.

Han balançou a cabeça e recuou até encostar no catre. Elena se aproximou e parou diante dele. Han sentiu-se encurralado, embora fosse bem maior que ela.

— Eu fiz os braceletes — disse ela e tocou nos objetos de prata. — Eles absorvem a mágica: a sua, bem como qualquer mágica usada contra você. Eles o protegem e também impedem que você use a magia, acidentalmente ou de propósito. Eles impedem que você libere a aura de magia ou armazene-a em um amuleto. Todos os descendentes de Waterlow os usaram, desde o primeiro filho de Alger. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — O nome dele era Alister.

Han ergueu os braços e fitou os braceletes como se nunca os tivesse visto na vida. Ele se lembrou de quando Gavan Bayar jogou a bruxaria nele, e as chamas pareceram fluir para dentro dos braceletes e desaparecer. Ele se recordou de como os demônios assassinos em Ponte Austral o atacaram com magia e de como parecera que ela escorrera por ele. De como, apesar da advertência de Micah Bayar, ele pegara o amuleto de serpente e sentira sua picada, mas permanecera, de outro modo, ileso. O mesmo amuleto lançara os Austrinos contra a parede.

Han Alister — dono da rua dos Trapilhos, um golpista genioso com sangue nas mãos e inimigos além da conta. Han Alister também era um mago capaz de disparar chamas dos dedos e jogar bruxarias e dobrar a vontade dos outros.

Han Alister era o descendente de um louco que violara uma rainha e partira o mundo. Ou ele era o último representante de um amor que desafiara as convenções e

daqueles que pagaram o preço por isso.

As palavras de Connor Navalha lhe vieram à mente. *Qual é o seu problema? As pessoas não param de falar sobre você. Contam histórias. É tudo que eu ouço. Alister Algema isso, Alister Algema aquilo. Até parece que você é feito de ouro.*

Mas Han não tinha sangue real. Era o filho de uma lavadeira e de um soldado.

— Seu avô também usava os braceletes — disse Elena, como se tivesse lido a mente dele. — Ele foi criado no Campo Escarpas. — Ela fez uma pausa e um lampejo em seus olhos indicou que ela estava ocultando um segredo. — O dom não se manifestou em seu pai. Ele morreu sem saber sobre a linhagem.

— O que vocês disseram à minha mãe? — Han se flagrou perguntando. — Ela sabia para que serviam os braceletes?

Elena balançou a cabeça.

— Dissemos a ela que você tinha sido possuído pelo demônio ainda no útero. Que os braceletes protegiam você. Que ela não podia lhe contar a verdade, pois isso o deixaria vulnerável ao mal. — A matriarca falou isso sem tom de desculpa.

Han fitou-a, horrorizado. Não era de admirar que a mãe sempre parecesse convencida de que ele era vítima do chamado de sereia das ruas. Mesmo quando ele deixou aquela vida, ela sempre perguntava, sem acreditar que ele havia mudado. Aquela mentira fora uma barreira entre eles. Ele se recordou das últimas conversas que tiveram.

— Você é amaldiçoado, Han Alister — dissera ela —, e não vai dar em coisa boa.

— Nós fizemos os arranjos para abrigá-lo todo verão em Pinhos Marisa — prosseguiu Elena. — Pagamos para a sua mãe um pequeno estipêndio.

— Então... você pagou minha mãe para que ela deixasse você me levar? — perguntou Han, e sua voz falhou. — Ela não... fez perguntas?

Será que a mãe não havia se perguntado por que o clã estava interessado nele?

Não se isso lhe trouxesse um pouco de dinheiro. As pessoas que não tinham nada não se davam ao luxo de fazer perguntas.

— Sua mãe tinha esperança de que fosse bom você sair da cidade — disse Willo. — Ela tinha esperança de que isso o mantivesse fora da vida das ruas, de que você pudesse aprender um ofício ao ar livre. Isso o protegeria do seu velho... problema.

Han sentiu-se vigiado como ele nunca se sentira nos Campos antes. Eles sempre foram um local de segurança e de refúgio. E tudo fora simplesmente um truque. Willo, Elena e os outros não eram mais que canastrões com roupas dos clãs.

Ele fora feito de bobo — marcado como um burro de carga nas ruas de Feira dos Trapilhos.

— Então... vocês me receberam porque pensaram que eu poderia enlouquecer e partir o mundo como Alger Waterlow? — Han queria parecer frio, objetivo, indiferente, mas tinha dificuldade para evitar o tremor na voz.

— Alger Waterlow não era louco — resmungou Lucius e assustou Han, que se esquecera de que ele estava ali. Ele olhou em volta da cabana com expressão severa nos olhos cegos. — Não me importa o que vocês todos dizem.

Ah, Han pensou amargamente, eu deveria ficar tranquilo porque o louco do Lucius Frowsley diz que meu ancestral *não era* maluco?

— Caçador Solitário, você tem sido como um filho para mim — disse Willo. — Talvez tenha começado como uma obrigação, mas agora...

— A senhora não é a minha mãe — falou Han e deixou crescer um lugar frio e mesquinho dentro de si. — Eu tinha mãe, e ela está morta.

Pelo menos, Averill teve a decência de parecer constrangido.

— Sinto muito. Sabemos que é muita coisa para assimilar de uma vez.

— Então, para que tudo isso? — insistiu Han, ansioso para acabar com aquilo e deixar a presença deles para que pudesse lidar com tudo do próprio jeito. Ele estava começando a se preocupar que sua personalidade das ruas fosse deixá-lo na mão. — Por que vocês estão me contando isso agora, depois de todo esse tempo?

— Acreditamos que este é o momento mais perigoso desde a Cisão — falou Willo. — Gavan Bayar representa uma grande ameaça à rainha e à linhagem real. O poder do Conselho dos Magos está crescendo e faltou muito pouco para que um deles se casasse com a princesa-herdeira.

— E o que isso tem a ver comigo? — indagou Han.

— Nós lhe contamos isso porque você tem uma opção — disse Elena. — Nós deixaremos que fique com os braceletes e você pode continuar como tem sido. Se você quiser ficar em Pinhos Marisa, Willo o ensinaria a arte da cura.

— E quanto ao Campo Demonai? Será que eu poderia ir para lá? — quis saber Han, consciente de que estava testando a paciência de Elena.

— Isso depende do fato de o segredo poder ser mantido ou não — disse Elena e olhou na direção de Dançarino. — Se souberem que você é um feiticeiro, sua vida estará em risco em Demonai, mesmo que você usasse os braceletes. Sobretudo, ninguém deve saber de quem é o sangue que você carrega.

Han fitou a face severa da guerreira e se perguntou: *Será que ela se refere ao do Rei Demônio ou ao de Hanalea?*

— Então os guerreiros Demonai não sabem sobre mim? — perguntou Han e pensou em Sabiá. E em Reid Demonai.

Elena balançou a cabeça.

— Ninguém além de lorde Demonai e eu. Se você decidir manter os braceletes, é melhor eles não saberem.

Han massageou a testa. A xícara de chá esfriara.

— Você disse que eu tinha uma opção.

Elena olhou-o nos olhos.

— Nós retiraremos os braceletes, Caçador Solitário, sob a condição de que você vá para a Academia Mystwerk, em Vau de Oden, com Dançarino de Fogo, e aprenda a controlar e usar esse dom que o Criador lhe deu. Nós o apoiaremos, ofereceremos seu amuleto e pagaremos as taxas de seu mestre e a alimentação. Quando você completar os cursos, voltará para cá e usará suas habilidades em benefício do clã e da verdadeira linhagem das rainhas.

Han olhou para ela.

— Então, não há problema com feiticeiros desde que eles trabalhem para vocês?

Parece que é isso, pensou ele, pois todos eles encolheram os ombros e desviaram o olhar.

— Por que eu? — perguntou Han. — Por que não Dançarino? Ele é feiticeiro, e provavelmente não vai enlouquecer. — Naquele mesmo momento, ele estava considerando a ideia de enlouquecer e quebrar coisas. Parecia um bom jeito de extravasar.

— Se Gavan Bayar foi capaz de romper a amarração colocada sobre ele quando ele foi elevado a Grão Mago, deve ter usado magia antiga — falou Averill. — Tememos o que mais os Bayar esconderam de nós. Se eles têm acesso a amuletos antigos, podem usá-los para convencer outros feiticeiros a irem para o seu lado. Nós precisaremos de alguém muito poderoso para se opor a eles. Mais poderoso que Dançarino.

— O que faz vocês pensarem que sou tão poderoso? — perguntou Han. — Nunca fiz nada mágico.

— Eu coloquei os braceletes em você quando era apenas um bebê — falou Elena. Sua expressão dizia que era uma experiência que ela não gostaria de repetir. — Eu sei

do que você é capaz.

Lucius irrompeu em uma gargalhada ruidosa e alta.

— A questão é que todos sabem do que o jovem Alger Waterlow era capaz, garoto — disse ele. — Eles esperam que você tenha puxado ao seu tatara-tatara-tataravô. A não ser pela parte da destruição do mundo. Eles têm esperança de mantê-lo sob controle.

— Então — disse Han — vocês estão procurando por um soldado mágico? Um mercenário?

Elena Demonai balançou a cabeça.

— Estamos procurando um campeão. Alguém que ajudará os Campos a enfrentar o Conselho dos Magos, caso seja necessário. Não podemos esperar para ver o que os Bayar planejaram. Você precisa de treinamento e isso leva tempo.

— E se eu me recusar, vocês enviarão Dançarino para enfrentar o Conselho dos Magos sozinho.

Elena assentiu.

— Não teremos escolha.

Os idosos do clã estavam concentrados em Han, decididos a persuadi-lo. Eles continuavam a falar sobre Dançarino como se ele não estivesse ali, e isso irritava Han.

E se eles retirassem os braceletes e, no fim das contas, os poderes de Han fossem apenas um clarão, uma fagulha que ardera quase imediatamente? Ele teria todos os mesmos problemas e perderia a proteção que os braceletes ofereciam. Da próxima vez que Gavan Bayar o inflamasse, ele cairia.

Além disso, ele sabia que não deveria selar um acordo sem conhecer todos os detalhes.

— E se vocês retirarem os braceletes e eu me recusasse a realizar o meu lado da barganha? — perguntou Han. — Como vocês sabem que irei a Vau de Oden? Como vocês sabem que ficarei a seu lado contra os feiticeiros, se chegar a isso?

— Caçador Solitário — falou Willo apressadamente —, sem dúvida, você manterá sua palavra.

Lorde Averill ergueu a mão.

— Não. O garoto precisa saber. — O patriarca encarou Han. — Se nós retirarmos as limitações e você deixar de cumprir o que prometeu, nós iremos atrás de você e o mataremos.

Aposto que Reid Demonai quer essa tarefa, pensou Han, e seu pescoço formigou com inquietação. Embora ele tivesse sido caçado a vida inteira, sempre conseguira se refugiar nos Campos quando as coisas pioravam. Daquela vez, aquele santuário estaria fechado para ele.

A matriarca dos Demonai deu um passo para perto de Han, e os olhos fundos se fixaram no rosto dele como se ela pensasse que talvez ele estivesse desistindo.

— Willo diz que você perdeu toda a sua família pelas mãos de lorde Bayar — disse ela. — Essa poderia ser sua chance de se vingar.

— Elena *Cennestre* — falou Willo. — A vingança nunca satisfaz do modo como pensamos que irá. Você sabe disso.

Han permanecia com os olhos fixos em Elena.

— E se eu mudar de ideia? A senhora pode pôr os braceletes de volta?

Elena balançou a cabeça.

— Foi muito difícil da primeira vez. Você estará muito mais poderoso agora que na época. Não conseguirei amarrar a magia novamente.

— Tire uns dias para decidir — pediu Willo. — Você pode conversar com qualquer um de nós e pedir conselhos.

Como se algum deles, além de Willo, fosse dizer para Han não aceitar a proposta. Han tinha que admitir, a reputação de bons negociantes dos clãs era merecida.

Ele sabia o que a mãe diria: *Mantenha os braceletes, fique com Willo, aprenda um ofício e tenha uma vida honesta. Fique fora do caminho dos Bayar. Não corra riscos.* Era isso que ele deveria fazer.

Mas o que ele estava arriscando realmente? A mãe e Mari já tinham pago o preço pelos tolos erros dele. Ele fizera uma confusão. Isso não podia ser desfeito.

Mas ele não era o único culpado. O Grão Mago, a rainha e sua Guarda haviam desempenhado um papel. O único jeito que tinha para fazer com que eles se arrependessem do que haviam feito, pensassem de modo diferente a respeito do valor da vida e de deixar uma marca grande o suficiente no mundo para chamar a atenção deles, era se arriscar.

Naquele momento em particular ele realmente não se importava com o que aconteceria a ele, e isso era bom, pois quando olhou para a frente não conseguiu ver como poderia vencer tudo aquilo.

Ele esticou as mãos na direção de Elena.

— Eu já tomei minha decisão. Tira eles. — Ele olhou para Dançarino ao dizer isso e viu alívio misturado a dor e arrependimento no rosto do amigo.

— Caçador Solitário, espere! — pediu Willo e se virou para os outros. — Este garoto perdeu a mãe e a irmã há menos de um mês. Ele está de luto e precisa de tempo para se recuperar. Não deveríamos obrigá-lo a decidir isso agora.

— Não temos muito tempo — disse Elena. — Dançarino parte para Vau de Oden depois de amanhã e seria mais seguro se eles viajassem juntos. O semestre tem início em um mês e a viagem levará tempo até lá, mesmo que eles não tenham problemas ao longo do caminho.

— Eu não quero que ele tome uma decisão da qual se arrependerá mais tarde.

— Está tudo bem. Eu já decidi — repetiu Han, em voz mais alta. — Quem vai fazer isso? — Ele desviou os olhos de Elena para lorde Averill.

— Sente-se — disse Elena abruptamente, sem olhar para Willo. Han sentou-se em um dos catres. Ela trouxe a bolsa e sentou-se ao lado dele. — Aproximem as tochas — falou, e Dançarino e Averill obedeceram. O cheiro acre atingiu o nariz de Han.

Remexendo no fundo da algibeira de pele de alce, Elena tirou um pequeno pacote. Ela desdobrou o embrulho de couro e revelou um conjunto de delicadas ferramentas de prata. Escolheu um martelo e um cinzel, apoiou o braço de Han sobre os joelhos ossudos e fez um gesto para Willo. A mulher ajoelhou-se ao lado deles, segurou com força a mão direita do garoto e apertou seu pulso para mantê-lo no lugar enquanto o olhava nos olhos. Han retribuiu o olhar e fez um esforço para manter o rosto sem expressão.

Com o martelo e o cinzel de ourives e murmurando baixinho, Elena deu batidinhas ao longo de uma linha com runas gravadas. Rachaduras finas apareceram ao longo da linha e aumentaram de tamanho enquanto ela continuava a trabalhar.

A mão de Han começou a formigar e ele não tinha certeza se era por causa da vibração dos golpes seguidos ou da magia saindo. Os olhos de Willo se arregalaram; portanto, talvez ela sentisse também.

Elena parou abruptamente, segurou a outra mão dele e começou a mexer naquele bracelete.

— É importante que eles se rompam juntos — disse ela. — Caso contrário, o desequilíbrio pode matar você.

Han pensou nas vezes em que pedira aos ourives dos clãs, nas feiras, para o retirarem e estremeceu.

— Fique parado — falou Elena, com expressão sombria. Não demorou muito para que o bracelete direito se parecesse com o esquerdo.

— Agora — disse Elena e respirou fundo — nós quebraremos os braceletes. Você está pronto, Caçador Solitário?

Então era simples assim retirar a prata que ele usara durante toda a vida. Han assentiu, subitamente apreensivo, com a boca seca e as palmas das mãos suadas. E se isso o matasse? Seu coração acelerou, como se tentasse bater o máximo de vezes possível antes de parar.

— Espere. — Willo trouxe uma xícara de chá de sorveira. — Tome. Beba mais dele. Por precaução.

Han tomou tudo e deixou a xícara de lado. Willo voltou a enchê-la e parecia determinada a afogá-lo em chá, até Elena fazer um gesto impaciente para que ela se afastasse.

Elena deslizou os polegares para baixo dos dois braceletes. Com um gesto rápido, como se torcesse, ela os partiu e os deixou cair no chão. Han baixou os olhos para os braços. A pele dos pulsos tinha uma cor pálida no local em que os braceletes bloquearam o sol.

Depois o calor percorreu-o, tomando-o por dentro e se espalhando até os dedos das mãos e dos pés. Se ele tivesse alguma dúvida em relação à história que lhe contaram, ela teria acabado em um segundo.

A sensação lembrou a Han de quando ele havia bebido uma xícara da bebida de Lucius em uma aposta. Imagens lúgubres giraram pela mente dele e colidiram atrás de seus olhos. Seus cabelos se arrepiaram e chamas percorreram sua pele. Fagulhas saíram dele, abriram buracos em sua camisa e chamuscaram suas perneiras. Ele abriu os braços e pensou que devia estar parecido com um dos espantalhos em chamas que os clãs erguiam na colheita. E se ele incendiasse a cabana? Ela era construída com madeira, afinal.

Em pânico, ele fez um esforço para ficar de pé e, às cegas, caminhou com dificuldade até a porta e o ar frio da noite.

Han ouviu Elena gritar:

— Dançarino de Fogo, vá atrás dele e o ajude.

Han sentiu-se incandescente, iluminado, mais leve do que jamais se sentira. Ele era uma chama em um lampião de um corpo que ameaçava se dissolver a qualquer momento. Ele esticou as mãos, e elas brilharam no escuro, com ossos que cintilavam através da carne.

Então Dançarino segurou as mãos dele e o poder fluiu entre os dois; isso, por alguma razão, o estabilizou.

— Sangue e ossos — falou Dançarino. — Você não pode simplesmente ficar descontrolado assim. Acalme-se ou você vai incendiar todo o Campo. — Ele colocou uma coisa dura e fria nas mãos de Han. — Tome. Tente isto. Libere a magia devagar e o amuleto vai absorver.

Era o amuleto que Dançarino havia recebido na cerimônia de nomeação, o dançarino do clã cercado pelas chamas.

Han respirou fundo, soltou o ar e se concentrou no amuleto. A magia pareceu fluir para dentro da peça em suas mãos e as chamas sob sua pele se extinguiram. Em alguns minutos ele se sentiu drenado e menos incendiário.

— Obrigado — murmurou Han e devolveu o amuleto para Dançarino.

— Aprendi algumas coisas por tentativa e erro — falou Dançarino. — Você pode armazenar magia nessas coisas e guardar para mais tarde.

— Isso vai causar algum problema? — perguntou Han. — Minha magia... no seu amuleto?

Dançarino encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Andei me esforçando para controlar isso por mais de um ano, mas não tive nenhum treinamento real. — A boca de Dançarino torceu-se num sorriso, o primeiro que Han via nele desde a cerimônia de nomeação. — Acho que os anciãos estão certos. Você tem muito mais poder que eu. Ou isso ou ele foi se acumulando desde que você era um bebê.

Han estava egoisticamente satisfeito por Dançarino compartilhar sua dificuldade, satisfeito por ter alguém com quem viajar até Vau de Oden, satisfeito que não tivesse que passar por isso sozinho.

— Você terá que conversar com Elena sobre seu amuleto — falou Dançarino. — Ela fará algo especial para você.

O que ela faria para ele?, foi o que Han se perguntou. Será que ele teria alguma opinião naquele assunto? Ele esticou as mãos e observou, fascinado, conforme as minúsculas chamas percorriam sua pele.

Depois, um som baixinho, a respiração de alguém, o fez erguer os olhos para as sombras debaixo das árvores. Sabiá estava lá, imóvel, com uma expressão horrorizada no rosto. E, além dela, Reid Demonai, com o belo rosto severo e cauteloso, como se ele tivesse descoberto uma víbora na pilha de lenha e estivesse tentando decidir como matá-la.

E então Han se lembrou: ele havia dito a Sabiá para esperar por ele, que eles desceriam até o rio após a reunião. Ela devia ter visto as chamas, devia ter ouvido a conversa entre ele e Dançarino.

— Sabiá! — chamou Han, quando ela se afastou. Ele deu um passo na direção dela. — Espere!

Mas Sabiá desapareceu silenciosamente em meio às árvores. Reid ficou parado e o fitou por um instante, depois a seguiu.

Mais tarde naquela noite, Han deitou-se em seu catre na Cabana da Matriarca, sem conseguir dormir. Elena lhe dera um pequeno amuleto, com um entalhe de um texugo, para usar até que ela pudesse fazer um para ele. O objeto estava apoiado sobre seu peito, por baixo da camisa, mas Han prestava pouca atenção nele.

O garoto tinha consciência aguda do amuleto do Rei Demônio que se encontrava escondido debaixo dele. Era como se alguém tivesse feito uma fogueira debaixo de sua cama, e ela chamuscava sua pele, não importando a posição em que ele estivesse deitado. Finalmente, ele passou a mão por debaixo do matelassê e fechou-a sobre o faz-feitiço. A magia fluiu para fora dele e para dentro do entalhe, um alívio abençoado. Era assim que seria? Constantemente ele verteria a magia e teria que encontrar um local para guardá-la?

Imagens desconhecidas giraram em sua mente: chamas que iluminavam um campo de batalha, o duelo de soldados, o sangue que empoçava no chão. Uma mulher bonita, com as mãos esticadas, chorava e gritava: "Alger." E dor, dor ofuscante.

Han abriu a mão que apertava o amuleto e sentou-se muito ereto. Ele não precisava desse tipo de sonho.

Willo ainda não voltara e, sem dúvida, estava planejando o futuro dele com Averill e Elena. Dançarino estava dormindo e Han podia ouvir sua respiração constante do outro lado da cabana.

Quando ele ouviu alguém do lado de fora da cabana, pensou inicialmente que fosse Willo de volta. Mas o intruso movia-se furtivamente, parava e recomeçava, e

quando ele viu a silhueta na entrada da porta, Han tinha a faca na mão e a esperança em seu coração.

— Sabiá? — murmurou ele. Talvez ela tivesse voltado. Talvez eles pudessem conversar. Talvez...

— É você, garoto? — ouviu-se uma voz abafada. Era Lucius.

— Sou eu — respondeu Han, e reclinou-se novamente e guardou a faca debaixo do travesseiro.

— Achei que você ainda poderia estar acordado — Lucius arrastou os pés, batendo com o bastão à frente dele até encontrar o catre. Ele sentou-se na beirada, perto de Han.

— O que você quer? — murmurou Han. — Já está tarde.

— Acho que você tem muita coisa para pensar.

— Achou certo.

Fez-se uma longa pausa. Então, Lucius cochichou:

— Você é poderoso. Eu posso sentir isso. Você me lembra Alger. — Ele esticou uma das mãos, cauteloso, como se pudesse se queimar, e tocou o braço de Han.

— Eu não sou Alger — falou Han e afastou a mão de Lucius. Ele acreditava que Lucius era seu amigo. Mas todos à sua volta, incluindo Lucius, ocultaram a verdade.

— Você ainda tem o amuleto que tirou do garoto Bayar? — perguntou Lucius. O velho tentou agir com indiferença, mas suas mãos mexeram-se no colo dele, como faziam quando ele estava irritado. — Você não o perdeu no incêndio, perdeu?

— Eu ainda o tenho — falou Han. — Qual é o problema com ele?

— Você deveria aprender a usá-lo, é isso.

— Eu deveria jogá-lo em uma poça de lama — falou Han. — Só tive problemas desde que peguei aquela coisa.

— Você terá problemas em seu caminho, queira ou não — disse Lucius. — Poderia muito bem ter um pouco de poder de fogo para lidar com eles.

— Elena vai fazer um amuleto para mim — retrucou Han. — Qual é o problema com ele?

— Elena quer controlá-lo, assim como todos os outros. Qualquer amuleto que ela lhe der vai deixá-lo sob seu domínio. Aquele amuleto que você pegou é seu por direito.

— Muito bem. E talvez ele me transforme em um demônio como fez com Alger Waterlow. E me dê alucinações. — Han estava provocando Lucius de propósito. Ele

apenas não sabia o porquê.

Em resposta, Lucius cuspiu no chão.

— Aliás, qual é o seu cão nessa briga? — Han quis saber. — Posso não gostar do acordo com lorde Demonai, mas, pelo menos, eu o entendo. O que você ganha com isso?

— Alger Waterlow era meu amigo — disse Lucius. — Você tem o sangue dele. Os clãs não dirão a ninguém quem você realmente é. Você também mantenha a boca fechada por enquanto. Não quero que você seja traído e assassinado como ele foi.

Com isso, o velho ergueu-se e saiu, arrastando os pés.

Uma semana depois, Raisa *ana*'Marianna, princesa-herdeira de Fells, partiu do Campo Demonai montada em sua nova égua, que recebera o nome de Switcher para combinar com a antiga. Raisa trajava a roupa marrom e verde da Guarda da Rainha, e seu cabelo estava preso em uma trança sóbria. Com ela, cavalgava Amon Byrne, com o lenço dos oficiais amarrado em volta do pescoço, e os outros cadetes do quarto ano que se autodenominavam os Lobos Gris. Reunidos, eram uma formação de nove soldados. Mais um.

A Alcateia se amontoava ao redor dela como abelhas arrogantes, com as mãos nas armas, e franzia o cenho para a vegetação rasteira como se isso fosse o suficiente para impedir uma emboscada. Eles ouviram falar que ela era a filha do duque de Fells, que viajava sob a proteção deles. Eles assumiram o papel com muita seriedade. Raisa torcia para que aquilo passasse antes que eles chegassem às terras baixas.

O palácio estava um tumulto silencioso, se tal coisa era possível. Mais uma vez, as notícias do desaparecimento de Raisa foram mantidas em segredo, desta vez pela rainha, a Guarda e seu gabinete. Pelo visto, a rainha Marianna relutava em anunciar que ela tentara casar a princesa-herdeira com um feiticeiro e que a princesa o abandonara no altar.

A Guarda saiu em grande número e revirou a cidade e o interior em busca de algum vestígio da princesa voluntariosa. Ao encontrar-se com o pequeno gabinete, a rainha Marianna demonstrou temer que os mesmos bandidos cruéis que atacaram Averill e Edon Byrne poderiam ter raptado sua filha. De acordo com as informações de Averill, a rainha estava transtornada, e Mellony, inconsolável. Raisa sentia pontadas de culpa, mas a ideia de que ela já poderia estar casada com Micah Bayar as diminuíam consideravelmente. Ela estava satisfeita por saber que Gavan Bayar parecia querer incinerar alguém; ele apenas não tinha o alvo certo.

O outono chegou cedo nas Montanhas Espirituais. Um sopro no ar demonstrava que o inverno não estava muito longe. As folhas nos álamos balançavam sob a brisa do norte e reluziam em dourado, elevando seu ânimo. Desde sua volta à corte, Raisa sentira-se como uma ovelha em um curral, conduzida insistentemente ao longo de uma trilha que se estreitava até um local ao qual ela nunca quis ir.

Agora ela deixava Fells pela primeira vez e descia rumo às estranhas terras baixas além da fronteira. Ela sabia muito bem a gravidade da situação; sabia que corria riscos, embora não pudesse deixar de desejar escapar dos limites da vida na corte. Ela poderia aprender mais em Vau de Oden do que jamais aprendera sob a proteção do lar. Mais uma vez, ela se aventurava com Amon, mas era um novo Amon, mais intrigante que o velho e que representava um tipo diferente de risco.

Qualquer coisa podia acontecer, pensou ela. E pensar assim a agradava.

Amon fora estranhamente reservado e formal durante o tempo no Campo Demonai. Eles haviam passado horas incontáveis em reuniões com Elena e Averill. Quando não estam em reuniões, ele a instruía no manejo da espada, pois essas armas não eram usadas nos Campos das terras altas. Ele empurrava seus ombros para trás e apertava sua cintura para melhorar sua postura; passava os braços ao redor dela e segurava-a no cotovelo e no pulso para corrigir seu equilíbrio, mas ele bem podia estar cavalgando esportivamente.

Em alguns dias, ele parecia mal-humorado — tão contido, tão rigidamente controlado quanto o pai.

Raisa suava durante as exaustivas lutas de treinamento com a Alcateia, enquanto Amon ficava a seu lado e gritava para ela: "Vamos! Levante a espada! Não o deixe entrar! Mova-se! Mova os pés!" Ela não podia evitar o fato de que o alcance de todos os outros era maior do que o dela. Ela treinava até não mais conseguir erguer os braços, depois caía exausta na cama.

O cansaço não era o único obstáculo ao romance. Quase parecia que Amon evitava ficar sozinho com ela. Ainda assim, Raisa era uma pessoa naturalmente otimista. Não tinha havido mais beijos, mas isso não significava que não haveria no futuro.

Como se tivesse sido chamado pelos pensamentos dela, Amon guiou o cavalo até ela, com a brisa soprando seus cabelos escuros.

— Pretendo continuar andando para podermos estar bem avançados no caminho para o Campo Galho do Norte ao anoitecer. Vamos comer o almoço na montaria.

Não quero chamar a atenção para nós chegando no meio da noite.

— Sim, senhor — retrucou Raisa e tentou acostumar-se a se referir a ele como seu oficial comandante. Por sua vez, Amon parecia sentir um certo prazer perverso em lhe dar ordens.

Portal Ocidental seria o primeiro teste de seu disfarce. Eles estariam procurando por ela na fronteira dos Pântanos. A ideia era, ao mesmo tempo, assustadora e emocionante.

Curvando-se sobre o pescoço de seu cavalo, ela diminuiu a velocidade de Switcher até um galope.

Praticamente no mesmo instante, centenas de quilômetros a leste, Han Alister e Dançarino de Fogo partiam do Campo Pinhos Marisa a cavalo nos robustos pôneis da montanha que o clã lhes oferecera. Eles partiram sem anunciar, quase furtivamente, em uma hora conhecida somente por aqueles do clã que lidavam com Han. Eles poderiam ir para o Oeste por Pântanos Gélidos, ou para o sul através de Tamron, mas isso os faria passar pelo Campo Demonai e pelos guerreiros que desaprovavam enfaticamente a sua missão.

Então eles haviam decidido ir até o sul e preferiram se arriscar com os bandidos que perambulavam e a guerra que crescia em Arden do que com os guerreiros Demonai em solo natal. Era a coisa prudente a se fazer.

Ainda assim, Han sentia uma pontada de dor e arrependimento, o fardo das palavras que não foram ditas. Sabiá partira para o Campo Demonai na noite da reunião entre os Campos. Era impossível dizer quando ele voltaria a vê-la.

O clã fora generoso com seu novo campeão — o pônei fora um presente, assim como a sela e os acessórios, além de uma adaga, uma espada e um arco fabricados pelos clãs. Han vestia uma capa nova e fina por causa da chuva e o dinheiro tilintava na algibeira que ele trazia na cintura.

Dançarino foi igualmente bem-equipado. Ele estava com um raro bom humor, ria, brincava e inventara nomes novos para Han que refletiam sua agitação. Nomes como Caça-Feiticeiros, Perdição dos Magos e Sir Hanson Taca-Bruxaria, Salvador dos clãs.

Dançarino, por sua vez, parecia satisfeito por deixar Pinhos Marisa e seus cochichos para trás. Talvez, longe do solo familiar, fosse mais fácil fingir que nada mudara.

O amuleto de Elena pendia de uma corrente de prata ao redor do pescoço de Han: um arco de caçador entalhado com destreza em jaspe e jade. Ele o exibia para todos verem. Mas, por baixo da túnica, o amuleto de olhos vermelhos sibilava contra sua pele e constantemente bebia sua magia e a armazenava.

A dor de suas perdas era uma lâmina em seu coração, mas ela tinha diminuído com o tempo, de modo que ele mal a percebia. Sua culpa era outra coisa, mas ele aprenderia a viver com ela também.

Atrás dele, encontrava-se Fellsmarch — uma cidade que o devorara e cuspira como um caroço de pêssego. Ele também deixava para trás os Campos das terras altas onde passara quase todos os verões de sua infância e a tradição dos clãs que ocultaram o segredo de seu nascimento privilegiado.

À frente encontravam-se as terras baixas do sul, Vau de Oden, e os professores que tinham as chaves para o poder que ficara latente dentro dele por tanto tempo.

Ele sabia de uma coisa: estava cansado de ser impotente e indefeso para ajudar e proteger contra os feiticeiros e sangues-azuis que governavam no Vale aqueles de quem gostava. Ele pretendia mudar isso. Esses eram seus planos e, por enquanto, coincidiam com os dos clãs.

Pela primeira vez em muito tempo, ele tinha um objetivo, um caminho adiante e um foco para sua incansável energia.

— Anda, Dançarino — falou ele e sentiu-se otimista pela primeira vez em muitos dias. — Vamos ver se estes pôneis podem nos levar até o Campo do Andarilho antes do cair da noite.